A PAROUSIA

Uma Investigação Crítica

SOBRE

A DOUTRINA DO NOVO TESTAMENTO

DA

SEGUNDA VINDA DE NOSSO SENHOR

Ου γαρ σεσοφισμενοις μυθοις εξακολουθησαντες εγνωρισαμεν υμιν την του κυριου ημων Ιησου Χριστου δυναμιν και παρουσιαν 2 Pe. 1:16

"Hypotheses non fingo" – Isaac Newton

JAMES STUART RUSSELL, M.A., D.Div.

Londres

1ª Edição

IBISTER & CO.

56. LUGATE HILL – 1878

2ª Edição

T. FISHER UNWIN

26 PATERNOSTER SQUARE – 1887

Publicado originalmente em inglês sob o título "The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming". 1ª Edição: Londres, 1878. 2ª Edição: Londres, 1887.

A obra original de James Stuart Russell encontra-se em domínio público.

Traduzido por Mateus Fonseca Souza.
www.arquivopreterista.blogspot.com
mateusfonsecasouza@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Russell, James Stuart, 1816-1895

A Parousia : uma ivestigação Crítica sobre a doutrina do Novo Testamento da segunda vinda de nosso Senhor / James Stuart Russell ;

[tradução Mateus Fonseca Souza]. -- 1. ed. --

Cabo Frio, RJ : Mateus Fonseca Souza, 2026.

Título original: The Parousia

ISBN 978-65-02-04431-5

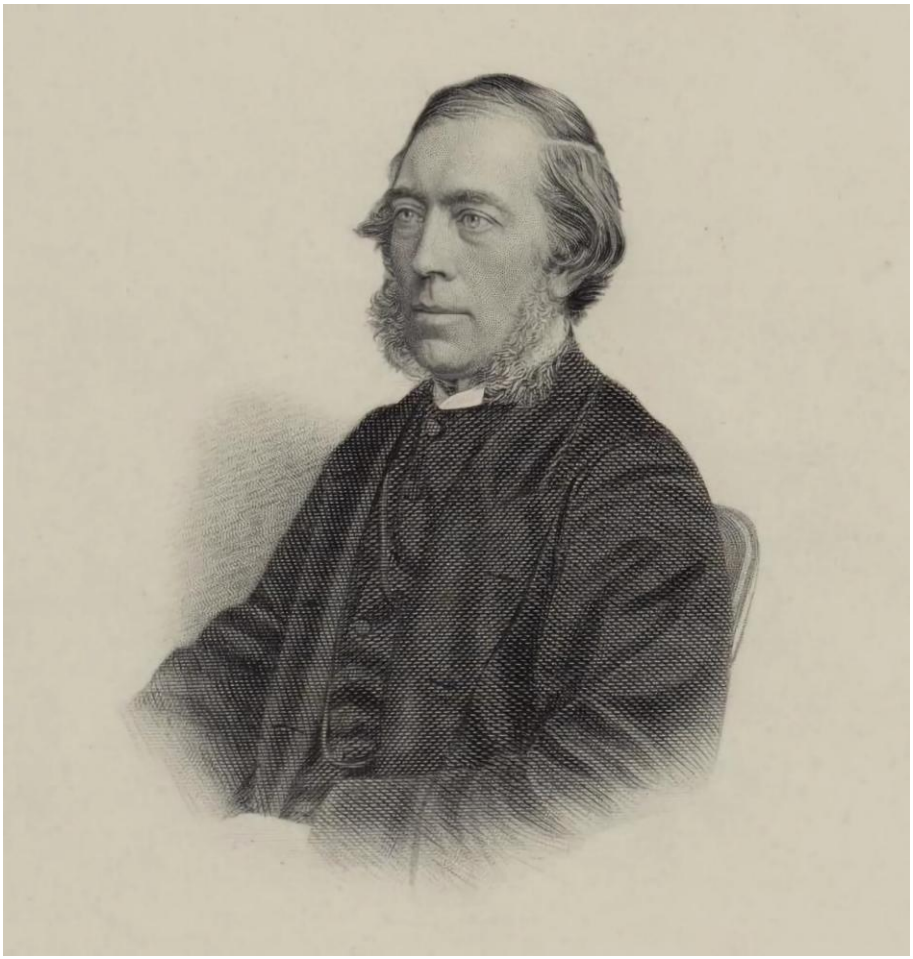
1. Bíblia. A. T. - Crítica e interpretação
2. Escatologia - Ensino bíblico 3. Jesus Cristo - Segunda Vinda I. Título.

26-351550.0 CDD-236.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Segunda vinda de Jesus : Escatologia 236.9

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



(Portrait of Russell by John Cochran)

(From a photograph by Russell & Sons)

CONTEÚDO.

PREFÁCIO. 15

INTRODUÇÃO.

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DA PROFECIA NO ANTIGO TESTAMENTO.

O LIVRO DE MALAQUIAS. 21

O Intervalo entre Malaquias e João Batista. 25

PARTE I.

A PAROUSIA NOS EVANGELHOS.

A PAROUSIA PREVISTA POR JOÃO BATISTA. 29

O ENSINAMENTO DE NOSSO SENHOR SOBRE A PAROUSIA NOS EVANGELHOS SINÓPTICOS:—

Previsão da Ira Vindoura sobre "aquela geração". 32

Mais alusões à Ira Vindoura. 35

Destino iminente da nação Judaica (parábola da Figueira Estéril). 36

O Fim da Era, ou fim da dispensação Judaica (parábolas do Joio e do Trigo). 37

A Vinda do Filho do Homem (a Parousia) Durante o Tempo de Vida dos Apóstolos. 40

A Parousia ocorrerá Durante o Tempo de Vida de alguns dos Discípulos. 43

A Vinda do Filho do homem é certa e rápida (parábola da Viúva Inoportuna). 47

A Recompensa dos Discípulos no Æon Vindouro, ou seja, na Parousia. 49

Indicações Proféticas da Aproximação da Consumação do Reino de Deus:—

I. Parábola das Minas. 51

II. Lamentação de Jesus Sobre Jerusalém. 54

III. Parábola dos Lavradores Maus. 55

IV. Parábola do Casamento Do Filho Do Rei. 58

V. Ais Denunciados aos Escribas e Fariseus. 60

VI. Lamentação (Segunda) de Jesus sobre Jerusalém. 63
VII. A Profecia do Monte das Oliveiras. 65

A Profecia do Monte das Oliveiras examinada:—
I. Interrogatório dos Discípulos. 76
II. Resposta de Nosso Senhor aos Discípulos:—
(a) Eventos que de forma mais remota deveriam preceder a Consumação. 77
(b) Mais indicações da aproximação da destruição de Jerusalém. 81
(c) Os Discípulos advertidos contra os Falsos Profetas. 84
(d) Chegada do "Fim" ou a catástrofe de Jerusalém. 85
(e) A Parousia ocorrerá antes que passe a Geração Existente. 91
(f) Certeza da Consumação, mas incerteza de sua data precisa. 96
(g) Subitaneidade da Parousia, o chamado para estar vigilante. 97
(h) Os Discípulos são advertidos sobre a subitaneidade da Parousia (parábola do Mordomo Fiel). 100
(i) A Parousia, um tempo de Julgamento para amigos e inimigos de Cristo (parábola das Virgens Prudentes e Loucas). 103
(j) A Parousia, um tempo de Julgamento (parábola dos Talentos). 105
(k) A Parousia, um tempo de Julgamento parábola das Ovelhas e dos Bodes). 106

A Declaração de Nosso Senhor Diante do Sumo Sacerdote. 119
Predições dos Ais Vindouros sobre Jerusalém. 120
A Oração do Ladrão Penitente. 122
A Comissão Apostólica. 123

A PAROUSIA NO EVANGELHO DE SÃO JOÃO.

A Parousia e a Ressurreição dos Mortos. 125
A Ressurreição, o Julgamento e o Último Dia. 128
O Julgamento deste Mundo e do Príncipe deste Mundo. 129
O Retorno de Jesus [a Parousia] será rápido. 134
São João Viverá até a Parousia. 137
Resumo do Ensinamento dos Evangelhos a respeito da Parousia. 140

APÊNDICE À PARTE I.

Nota A. Sobre a Teoria de interpretação de Duplo Sentido. 143
Nota B. Sobre o Elemento Profético nos Evangelhos. 144

PARTE II.

A PAROUSIA NOS ATOS E NAS EPÍSTOLAS.

A PAROUSIA NOS ATOS DOS APÓSTOLOS.

O "ir embora" e o "retornar novamente". 149
Os Últimos Dias chegaram. 150
A Destruição Vindoura desta Geração. 151
A Parousia e a Restauração de todas as coisas. 151
Cristo em breve julgará o Mundo. 154

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS.

Introdução. 155

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES:—

Expectativa da Rápida Vinda de Cristo. 158
A Ira que vem sobre o povo Judeu. 161
Consequências da Parousia sobre os discípulos de Cristo. 162
Cristo virá com todos os Seus santos. 162
Eventos que acompanham a Parousia. 164
Exortações à vigilância em perspectiva da Parousia. 167
Oração para que os Tessalonicenses possam sobreviver até a vinda de Cristo. 168

NA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES:—

A Parousia um tempo de julgamento para os inimigos de Cristo, e de Libertação para o Seu povo. 169
Eventos que devem preceder a Parousia. 171
A Apostasia. 176
O Homem do Pecado. 176

NA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS:—

Atitude dos Cristãos de Corinto em relação à Parousia. 186
O Caráter judicial do "Dia Do Senhor" (1 Co. 3:13). 188
O Caráter judicial do "Dia Do Senhor" (1 Co. 4:5). 190
Proximidade da Consumação. 191
O Fim das Eras já chegou. 192
Eventos que acompanham a Parousia. 194

Os Vivos (os santos) são transformados na Parousia. 201
A Parousia e a "Última Trombeta". 204
A Palavra de Ordem Apostólica, "Maran-atha". 205

NA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS:—
Antecipações do "Fim" e "o Dia do Senhor". 206
Os Mortos em Cristo serão apresentados junto com os vivos na Parousia. 207
Expectativa da Futura Bem-aventurança na Parousia. 208

NA EPÍSTOLA AOS GÁLATAS:—
"A presente Era do Mal, Ou Æon" 212
As Duas Jerusaléns, a Antiga e a Nova. 212

NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS:—
O Dia da Ira. 213
Escatologia de São Paulo. 214
Proximidade da Salvação Vindoura. 223
Perspectiva de Libertação Rápida. 225

NA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES:—
Proximidade da Manifestação de Cristo. 226
A Ira que Vem. 227

NA EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS:—
A Economia da Plenitude dos Tempos. 227
O Dia da Redenção. 232
O Æon Presente e o que está vindo. 233
As "Eras [Æons] vindouras". 233

NA EPÍSTOLA AOS FILIPENSES:—
O Dia de Cristo. 234
Expectativa da Parousia. 234
Proximidade da Parousia. 235

NA PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO:—
Apostasia Dos Últimos Dias. 235
Tabela Escatológica, ou Conspecto de Passagens relativas aos Últimos Tempos. 236
Frases Equivalentes Referentes aos Últimos Tempos. 237

Conspecto de passagens relativas à Apostasia dos Últimos Tempos. 240
Conclusões a respeito da Apostasia. 244
Timóteo e a Parousia. 245
A Apostasia já está se manifestando. 247

NA SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO:—
"Aquele Dia" - isto é, a Parousia - antecipado. 248
A Apostasia dos Últimos Dias é iminente. 248
Antecipações do Fim que se aproxima. 251

NA EPÍSTOLA A TITO:—
Antecipação da Parousia. 252

NA EPÍSTOLA AOS HEBREUS:—
Os Últimos Dias já chegaram. 253
Os Æons, Eras ou Períodos Mundiais. 253
O Mundo Vindouro, ou a Nova Ordem. 255
O Fim, ou seja, da Era ou Æon. 256
A Promessa do Repouso de Deus. 256
O Fim das Eras. 260
Expectativa da Parousia. 260
A Parousia é próxima. 261
A Parousia é iminente. 262
A Parousia e os santos do Antigo Testamento. 263
A Grande Consumação Próxima. 271
A Proximidade e a finalidade da Consumação. 273
Expectativa da Parousia. 276

NA EPÍSTOLA DE SÃO TIAGO:—
Os Últimos Dias chegaram. 277
A Proximidade da Parousia. 279

NA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO PEDRO:—
Salvação pronta para ser revelada no último tempo. 281
Aproximação da Revelação de Jesus Cristo. 283
Relação da Redenção de Cristo com o Mundo Antediluviano. 283
Proximidade do Juízo e do Fim de todas as coisas. 288

As boas novas anunciadas aos Mortos. 291
A Prova de Fogo e a Glória vindoura. 297
O Tempo do Julgamento chegou. 298
A Glória prestes a ser revelada. 299

NA SEGUNDA EPÍSTOLA DE SÃO PEDRO:—

Escarnecedores dos "Últimos Dias". 301
Escatologia de São Pedro. 301
Certeza da proximidade da Consumação. 303
Subitaneidade da Parousia. 305
Atitude dos Cristãos Primitivos em relação à Parousia. 305
Os Novos Céus e a Nova Terra. 306
Proximidade da Parousia um motivo para diligência. 306
Os Crentes não devem ser desencorajados por causa do aparente atraso da Parousia. 306
Alusão de São Pedro ao ensino de São Paulo sobre a Parousia. 307

NA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO JOÃO:—

O Mundo está passando: a última hora chegou. 309
O Anticristo chegou, uma prova de que é a última hora. 310
O Anticristo não é uma pessoa, mas um princípio. 312
Marcas do Anticristo. 314
Antecipação Da Parousia. 315

NA EPÍSTOLA DE SÃO JUDAS. 315

APÊNDICE À PARTE II.

Nota A. O Reino dos Céus, ou de Deus. 317
Nota B. Sobre a "Babilônia" de 1 Pedro 5:13. 326
Nota C. Sobre o Simbolismo da Profecia, com referência especial às Predições da Parousia. 330
Nota D. Dr. Owen sobre "Os Céus e a Terra". (2 Pedro 3:13) 334
Nota E. O Rev. F. D. Maurice Sobre "o Último Tempo." (1 João 2:18) 336

PARTE III.

A PAROUSIA NO APOCALIPSE.

Interpretação do Apocalipse. 343
Limitação de Tempo no Apocalipse. 344
Data do Apocalipse. 348
O Verdadeiro significado do Apocalipse. 350
Estrutura e plano do Apocalipse. 353
O Número Sete no Apocalipse. 355
O Tema do Apocalipse. 356
O Prólogo. 357

A PRIMEIRA VISÃO.

AS MENSAGENS PARAS AS SETE IGREJAS. 358

A SEGUNDA VISÃO.

OS SETE SELOS. 360
Abertura do Primeiro Selo. 363
Abertura do Segundo Selo. 363
Abertura do Terceiro Selo. 364
Abertura do Quarto Selo. 366
Abertura do Quinto Selo. 368
Abertura do Sexto Selo. 370
Episódio do Selamento dos Servos de Deus. 374

A TERCEIRA VISÃO.

AS SETE TROMBETAS. 378
Abertura Do Sétimo Selo. 379
As Quatro Primeiras Trombetas. 379
A Quinta Trombeta. 382
A Sexta Trombeta. 385
Episódio Do Anjo e Do Livro Aberto. 388
A Medição Do Templo. 393
Episódio Das Duas Testemunhas. 399
A Sétima Trombeta. 412

A QUARTA VISÃO.

VISÃO DAS SETE FIGURAS MÍSTICAS. 415
1. A Mulher vestida de Sol. 416
2. O Grande Dragão Vermelho. 417
3. O Filho Homem. 418
4. A Primeira Besta Selvagem. 424
O Numero da Besta. 428
5. A Segunda Besta Selvagem. 431
6. O Cordeiro no Monte Sião. 434
7. O Filho do Homem na Nuvem. 437

A QUINTA VISÃO.

AS SETE TAÇAS. 440

A SEXTA VISÃO.

A CIDADE PROSTITUTA. 446
O Mistério da Besta Escarlate. 460
Os Sete Reis. 461
Os Dez Chifres da Besta. 464
(Nota Sobre Apocalipse 17). 466
A Queda da Babilônia. 467
Juízo da Besta e de seus Poderes Confederados. 470
O Julgamento do Dragão. 473
O Reinado dos Santos e Mártires. 479
A Soltura de Satanás após os Mil Anos. 481
A Catástrofe da Sexta Visão. 482

A SÉTIMA VISÃO.

A SANTA CIDADE, OU A NOIVA. 484
Prólogo à Visão. 485
A Cidade Santa descrita. 487

O EPÍLOGO. 488

RESUMO E CONCLUSÃO. 495

APÊNDICE À PARTE III.

Nota A. Reuss sobre "o Número Da Besta". 511
Nota B. Dr. J. M. Macdonald's "Vida e Escritos de João". 514
Nota C. Bispo Warburton sobre "Profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras" e "Reino dos Céus". 516

NOTÍCIAS SOBRE A PRIMEIRA EDIÇÃO. 519

POSFÁCIO À NOVA EDIÇÃO. 521

DEBATES E ESCRITOS POSTERIORES. 531
Debate entre James Stuart russell e Charles Augustus Briggs. 531
O Arrebatamento dos Santos. 537

VIDA E ESCRITOS DO REV. JAMES STUART RUSSELL. 541
Publicação de The Parousia 543
Vida Tardia e Legado 543
Igreja Congregational em Lancaster Road 544

RELAÇÕES ENTRE IGREJA E ESTADO E O LIVRO DO APOCALIPSE. 545
I. Relações entre Igreja e Estado no Primeiro Século. 546
II. Relações entre Igreja E Estado no Século Dezenove. 548
Crescente onda de apoio a The Parousia após o lançamento. 550
III. Relações entre Igreja e Estado no Século Vinte e Um. 552
James Stuart Russell – Campeão da Liberdade Cristã. 557
Elogio Fúnebre a James Stuart Russell. 559
Escritos Conhecidos de James Stuart Russell. 560
Fontes e Registros Históricos. 561

"Tenho como regra absolutamente infalível, na exposição da Sagrada Escritura, que, onde a interpretação literal se sustenta, afastar-se dela é geralmente o pior caminho. Não há nada mais perigoso do que essa arte licenciosa e enganosa, que altera o sentido das palavras como a alquimia faz, ou pretende fazer, com a substância dos metais; faz do texto o que bem entende e, no fim, reduz toda a verdade a nada." - Hooker

"Os teólogos da Reforma adotaram aquela regra de ouro de toda interpretação sã, que Lutero primeiro introduziu, a saber: que todos os livros sagrados têm um único e exclusivo sentido, o sentido literal." - Mosheim

PREFÁCIO.

Nenhum leitor atento do Novo Testamento pode deixar de se impressionar com a proeminência dada pelos evangelistas e pelos apóstolos à PAROUSIA, ou a "vinda do Senhor". Esse evento é o grande tema da profecia do Novo Testamento. Não há praticamente um único livro, desde o Evangelho de São Mateus até o Apocalipse de São João, no qual ele não é apresentado como um gloriosa promessa de Deus, uma bendita esperança da igreja. Foi frequentemente e solenemente prevista por nosso Senhor; foi incessantemente mantido diante dos olhos dos primeiros cristãos pelos apóstolos; e foi firmemente acreditada e ansiosamente esperada pelas igrejas da era primitiva.

Não se pode negar que há uma diferença notável entre a atitude dos primeiros cristãos em relação à Parousia e a dos cristãos atualmente. Essa esperança gloriosa, para a qual todos os olhos e corações da era apostólica se voltaram avidamente, quase desapareceu da visão dos crentes modernos. Quaisquer que sejam as opiniões teóricas expressas em símbolos e credos, é preciso admitir com sinceridade que a "segunda vinda de Cristo" quase deixou de ser uma crença viva e prática.

Várias causas podem ser designadas na explicação desse estado de coisas. As vaticinações precipitadas daqueles que se comprometeram com demasiada confiança a serem intérpretes de profecia, e o descrédito resultante do fracasso de suas previsões, sem dúvida dissuadiram homens reverentes e sóbrios de entrar na investigação de "profecias não cumpridas". Por outro lado, há razões

para pensar que a crítica racionalista gerou dúvidas sobre se as previsões do Novo Testamento pretendiam ter um cumprimento literal ou histórico.

Entre o racionalismo, por um lado, e o irracionalismo, por outro, tem havido um estado amplamente prevalecente de incerteza e confusão de pensamento em relação à profecia do Novo Testamento, que em certa medida explica, embora possa não justificar, a consignação de todo o sujeito à região de problemas irremediavelmente obscuros e insolúveis.

Isso, no entanto, é apenas uma explicação parcial. Merece consideração se pode não haver uma diferença fundamental entre a relação da igreja da era apostólica com a Parousia prevista e a relação com esse evento sustentado pelas eras subsequentes. Os primeiros cristãos, sem dúvida, acreditavam estar à beira de uma grande catástrofe, e sabemos que intensidade e entusiasmo a expectativa da vinda quase imediata do Senhor inspirou; mas se não for possível demonstrar que agora os cristãos estão em situação semelhante, haveria falta de verdade e realidade ao afetar a antecipação e a esperança da igreja primitiva. O mesmo evento não pode ser iminente em dois períodos diferentes, separados por quase dois mil anos. Portanto, deve haver algum equívoco grave por parte daqueles que sustentam que a igreja cristã de hoje ocupa precisamente a mesma relação e deve manter a mesma atitude, em relação à "vinda do Senhor" que a igreja nos dias de São Paulo.

O presente volume é uma tentativa, num espírito sincero e reverente, de esclarecer os equívocos modernos, e de averiguar o verdadeiro significado da Palavra de Deus sobre um assunto que ocupa um lugar tão visível nos ensinamentos de nosso Senhor e Seus apóstolos. É o fruto de muitos anos de investigação paciente, e o Autor não poupou esforços para testar ao máximo a validade de suas conclusões. Seu único objetivo era determinar o que diz a Escritura e seu único desejo de ser governado por uma submissão fiel à sua autoridade. O ideal da interpretação bíblica que ele manteve diante dele é tão bem expresso por um teólogo alemão - "Explicatio plana non tortuosa, facilis non violenta, eademque et exegeticce et Chistanae conscientium pariter arridens".[1]

Embora a natureza da investigação necessite de uma referência um tanto frequente ao original do Novo Testamento, e às leis da construção e

[1] Donier's tractate, De Oratione Christi Eschatologica, p. 1.

interpretação gramaticais, tem sido objeto do Autor tornar este trabalho o mais popular possível, e tal como qualquer outro homem de educação e inteligência comuns pode ler com facilidade e interesse. A Bíblia é um livro para todo homem, e o autor não escreveu apenas para estudiosos e críticos, mas para muitos que estão profundamente interessados na interpretação bíblica, e que pensam, como Locke: "uma pesquisa imparcial sobre o verdadeiro significado do a Sagrada Escritura é o melhor emprego de todo o tempo de que dispõem".[1] Será uma recompensa suficiente de seu trabalho se ele conseguir elucidar em qualquer grau aqueles ensinamentos da revelação divina que foram obscurecidos por preconceitos tradicionais ou mal interpretados por uma exegese errônea.

1878.

[1] Locke, Notes on Ephesians i. 10.

INTRODUÇÃO.

As Últimas Palavras da Profecia do Antigo Testamento.

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DA PROFECIA NO ANTIGO TESTAMENTO.

O LIVRO DE MALAQUIAS.

O cânone das Escrituras do Antigo Testamento termina de uma maneira muito diferente do que se poderia esperar após o esplêndido futuro revelado à nação da aliança nas visões de Isaías. Nenhum dos profetas carrega um fardo mais pesado do que o último profeta do Antigo Testamento. Malaquias é o profeta da destruição. Parece que a nação, através da sua obstinação e desobediência incorrigíveis, havia renunciado ao favor divino e mostrou-se não apenas indigna, mas incapaz, das glórias prometidas. A partida do espírito profético estava carregada de maus presságios, e parecia indicar que o Senhor estava prestes a deixar a terra. Como resultado, a luz da profecia do Antigo Testamento desaparece em meio a nuvens e escuridão espessa. O livro de Malaquias é um longo e terrível impeachment da nação. O próprio Senhor é o acusador, e com evidência cada vez mais clara, sustenta cada uma das acusações contra os culpados. A longa acusação inclui sacrilégio, hipocrisia, desprezo contra Deus, infidelidade conjugal, perjúrio, apostasia, blasfêmia; enquanto, por outro lado, essas pessoas têm a coragem de repudiar a acusação e se declaram "inocentes" de cada uma das acusações. Essas pessoas parecem ter chegado a essa fase de insensibilidade moral em que os homens chamam o bem de mal e o mal de bem e estão rapidamente se amadurecendo para serem julgados. Como resultado, *o julgamento vindouro* é "o peso da palavra do Senhor a Israel por meio de Malaquias".

Malaquias 3:5: "E chegar-me-ei a vós para juízo; e serei uma testemunha veloz contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que defraudam o diarista em seu salário, e a viúva, e o órfão, e que pervertem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos".

Malaquias 4:1: "Porque eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como a palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo".

Que esta não é uma ameaça vaga e sem sentido é evidente a partir dos termos claros e definidos com os quais é anunciado. Tudo aponta para uma crise iminente na história da nação, quando Deus infligiria julgamento sobre o povo rebelde. "O dia" estava chegando - "o dia que arderá como uma fornalha". Que este "dia" se refere a um certo período e a um evento específico não se admite dúvidas. Já havia sido predito, e precisamente com as mesmas palavras, pelo profeta Joel (2:31): "O grande e terrível dia do Senhor". E encontraremos uma clara referência a ele no discurso do apóstolo Pedro no dia de Pentecostes. (Atos 2:20) Mas o período é definido mais precisamente pela declaração notável de Malaquias 4:5: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor". A declaração explícita de Nosso Senhor de que o Elias predito pelo profeta Malaquias era seu antecessor João Batista, (Mateus 11:14) nos permite estabelecer o momento e o evento referido como "o grande e terrível dia do Senhor". O evento não deve ser procurado a uma grande distância de tempo além do período do ministério de João Batista. Ou seja, a alusão é ao julgamento da nação judaica, quando sua cidade e templo foram destruídos, e toda a estrutura da política mosaica foi dissolvida.

Merece ser notado que tanto Isaías como Malaquias previram a aparição de João Batista como o precursor de nosso Senhor, mas em termos muito diferentes. Isaías o representa como o o arauto do *Salvador* vindouro: "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus". (Isaías 40:3) Malaquias representa a João como o precursor do *Juiz* que virá: "Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais; e o mensageiro da aliança, a quem vós desejais, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos". (Malaquias 3:1)

Que esta é uma vinda a julgamento está esclarecida pelas palavras que se seguem imediatamente, e que descrevem o alarme e a consternação causados por sua manifestação: "Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer?". (Malaquias 3:2)

Não se pode dizer que esta linguagem seja apropriada para a primeira vinda de Cristo; mas é altamente apropriada para Sua segunda

vinda. Há uma clara alusão a esta passagem em Apocalipse 6:17, onde "os reis da terra, e os grandes, os ricos, os capitães", etc., são representados como "escondidos da face do que está sentado no trono e da ira do Cordeiro, dizendo: *O grande dia da sua ira chegou, e quem poderá subsistir?*". Nada pode ser mais claro de que "o dia da sua vinda" em Malaquias 3:2 é o mesmo "o grande e terrível dia do Senhor" de Malaquias 4:5 e que ambos correspondem ao "grande dia de sua ira" em Apocalipse 6:17. Concluímos, portanto, que o profeta Malaquias fala, não do primeiro advento de nosso Senhor, mas do segundo.

Isto ainda é comprovado pelo fato significativo de que, em Malaquias 3:1, o Senhor é retratado como "vindo repentinamente ao seu *templo*". Afirmar que isso está se referindo à apresentação do filho Salvador no templo por seus pais, ou ele próprio nos tribunais do templo, ou ele próprio entre os compradores e vendedores do templo sagrado é certamente uma explicação inadequada, estas não são ocasiões de terror e consternação, tal como está implícito no segundo verso: "Quem pode ficar de pé quando ele aparecer?". A expressão, entretanto, é vivamente sugestiva de Sua visitação final e judicial à casa de Seu Pai, quando ela deveria ser "deixada deserta", de acordo com Sua predição. O templo era o centro da vida da nação, o símbolo visível da aliança entre Deus e seu povo, o lugar onde o "julgamento deveria começar" e que deve ser atingido por "*destruição repentina*". Então, levando em conta todos esses detalhes, a "vinda repentina do Senhor ao seu templo", a consternação que acompanha "o dia da sua vinda", a sua vinda como "fogo purificador", a sua vinda "para julgamento", "o dia que arderá como uma fornalha", "todos os que praticam a maldade serão como palhas", "não os deixará nem raiz nem ramo", e a aparição de João Batista, o segundo Elias, antes da chegada do "grande e terrível dia do Senhor", é impossível resistir à conclusão de que aqui o profeta prediz a grande catástrofe nacional em que o templo, a cidade e a nação pereceram juntos; e que isso é designado como "*o dia da sua vinda*".

No entanto, por mais estranho que possa parecer, o fato inegável é que Malaquias não faz alusão à primeira vinda de nosso Senhor. Isto é claramente reconhecido por Hengstenberg, que observa: "Malaquias omite completamente a primeira vinda de Cristo em humilhação e deixa o intervalo entre o precursor e o julgamento de Jerusalém

completamente em branco".[1] Isso deve ser explicado pelo fato de que o objetivo principal da profecia é prever a destruição nacional e não a libertação nacional.

Ao mesmo tempo, embora o julgamento e a ira sejam os elementos predominantes da profecia, características de um caráter diferente não estão totalmente ausentes. O dia da ira também é um dia de redenção. Há um remanescente fiel, mesmo entre a nação apóstata: há ouro e prata para refinar e joias para juntar, bem como escória para rejeitar e restolho para queimar. Há filhos a serem poupados, bem como inimigos a serem destruídos; e o dia que trouxe consternação e escuridão para os ímpios, veria "o Sol da justiça nascer com cura em suas asas" sobre os fiéis. Até mesmo Malaquias sugere que a porta da misericórdia ainda não está fechada. Se a nação voltar a Deus, Ele retornará a eles. Se eles fizessem a restituição do que haviam sacrilegiosamente retido do serviço do templo, Ele os recompensaria com mais bênçãos do que eles poderiam receber. Eles podem até mesmo ser uma "terra encantadora", a inveja de todas as nações. Na última hora, se a missão do segundo Elias tivesse sucesso em ganhar o coração do povo, a catástrofe iminente poderia, afinal, ser evitada. (Malaquias 3:3, 16-18; 4:2, 3, 5, 6)

No entanto, há uma conclusão precipitada de que denúncias e ameaças serão inúteis. As últimas palavras soam como o sino da desgraça: (Malaquias 4:6) "Para que eu não venha e fira a terra com uma *maldição!*"

O significado total desta afirmação ameaçadora não é imediatamente aparente. Para a mente hebraica, essa declaração indicou o destino mais terrível que poderia acontecer a uma cidade ou nação. A "maldição" era o *anátema*, ou *cherem*, que indicava que a pessoa ou coisa sobre a qual a maldição caiu foi dada à completa destruição. Nós temos um exemplo do *cherem*, ou o *banimento*, na maldição pronunciada em Jericó (Josué 6:17); e uma declaração mais particular da ruína que isso envolveu, no Livro de Deuteronômio. (Deuteronômio 13:12-18) A cidade deveria ser ferida com a ponta da espada, todos os seres vivos na cidade tinham que ser executados, o despojo não devia ser tocado, tudo foi amaldiçoado e tornado impuro, a cidade deve ser consumida pelo fogo e o lugar dado à desolação perpétua. Hengstenberg observa: "Todas as coisas imagináveis

[1] Veja Hengst. Nature of Prophecy. Christ. vol. iv. p. 418.

estão incluídas nesta *única* palavra";[1] e ele cita o comentário de Vitringa sobre esta passagem: "Não há dúvida de que Deus quis que ele entregasse a destruição certa, tanto os rebeldes teimosos da lei como a sua cidade, e que eles deveriam sofrer a punição extrema de sua justiça, como *líderes consagrados a Deus*, sem qualquer esperança de obtenção de favor ou perdão".

Terrível era a maldição que estava sobre a terra de Israel, anunciada pelo espírito profético no momento da sua partida, o qual também manteria um silêncio que duraria séculos. É importante notar que tudo isso faz referência clara e específica à terra de Israel. A mensagem do profeta é para Israel; os pecados reprovados são os de Israel; A vinda do Senhor é para o seu templo em Israel; A terra ameaçada com uma maldição era a terra de Israel.[2] Tudo isso aponta manifestamente para uma catástrofe local e nacional específica, da qual a terra de Israel deveria ser o cenário, e seus habitantes culpados são vítimas. A história registra o cumprimento da profecia, em correspondência exata com o tempo, o lugar e as circunstâncias, na ruína que devastou a nação judaica durante o período da destruição de Jerusalém.

O INTERVALO ENTRE MALAQUIAS E JOÃO BATISTA.

Os quatro séculos que se interpõem entre a conclusão do Antigo Testamento e o início do Novo são um espaço em branco na história das Escrituras. No entanto, sabemos dos livros dos Macabeus e dos escritos de Josefo que foi um período problemático nos anais judaicos. A Judeia foi, por sua vez, escrava das grandes monarquias, que a cercaram - a Pérsia, a Grécia, o Egito, a Síria e Roma - com um intervalo de independência sob os príncipes macabeus. Mas, embora durante este período a nação sofreu um grande sofrimento e produziu alguns ilustres exemplos de patriotismo e piedade, em vão buscamos algum oráculo divino, ou algum mensageiro inspirado, para declarar a palavra de Deus.

---

[1] Hengst. Christology, vol. iv. p. 227.

[2] O significado desta passagem (Malaquias 4:6) é obscurecido pela infeliz tradução *Terra (earth)* em vez de *terra (land)*. O hebraico ארץ, como o grego γη, é frequentemente empregado em um sentido restrito. A alusão no texto é claramente à terra de Israel. Veja Hengst. Christology, vol. iv. p. 224.

Israel realmente poderia dizer: "Já não vemos os nossos sinais, já não há profeta, nem há entre nós alguém que saiba até quando isto durará". (Salmos 74:9) No entanto, esses quatro séculos tiveram uma influência poderosa sobre o caráter da nação. Durante este período, sinagogas foram estabelecidas em todo o país, e o conhecimento das Escrituras foi amplamente estendido. Surgiram as grandes escolas religiosas dos fariseus e saduceus, ambos professando ser expositores e defensores da lei de Moisés. Um grande número de judeus se estabeleceu nas grandes cidades do Egito, Ásia Menor, Grécia e Itália, levando consigo para todos os lugares o culto da sinagoga e a tradução Septuaginta do Antigo Testamento. Acima de tudo, a nação acalentava em seu coração a esperança de um libertador vindouro, um descendente da casa real de Davi, que deveria ser o rei teocrático, o libertador de Israel do domínio gentio, cujo reinado seria tão feliz e glorioso que merecesse ser chamado de "reino dos céus". Mas, na maior parte, a concepção popular do rei vindouro era terrena e carnal. Não houve em quatrocentos anos qualquer melhoria na condição moral do povo, e, entre o formalismo dos fariseus e o ceticismo dos saduceus, a verdadeira religião havia afundado. Ainda havia, no entanto, um remanescente fiel que tinha concepções mais verdadeiras do reino dos céus e "que buscava a redenção em Israel". À medida que o tempo se aproximava, havia indicações do retorno do espírito profético e premonições de que o libertador prometido estava próximo. Simeão recebeu a garantia de que antes de sua morte, ele deveria ver "o ungido do Senhor"; uma sugestão semelhante parece ter sido feita à idosa profetisa Ana. É razoável supor que tais revelações devem ter despertado uma grande expectativa no coração de muitos, e preparado para o clamor que logo depois foi ouvido no deserto da Judeia: "Arrependei-vos; pois o reino dos céus está próximo!". Um profeta havia se levantado novamente em Israel, e "o Senhor havia visitado Seu povo".

PARTE I.

A Parousia Nos Evangelhos.

A PAROUSIA NOS EVANGELHOS.

A PAROUSIA PREVISTA POR JOÃO BATISTA.

Não há nada mais distintamente afirmado no Novo Testamento do que a identidade de João Batista com o arauto do deserto de Isaías e o Elias de Malaquias. Que a descrição de João se encaixa com a de Elias é evidente à primeira vista. Cada um era austero e ascético em seu modo de vida; cada um foi um zeloso reformador de sua religião; Cada um foi um severo reprovador do pecado. Os tempos em que viveram eram singularmente semelhantes. A nação em ambos os períodos era degenerada e corrupta. Elias tinha seu Acabe, João seu Herodes. Não há objeção a esta identificação de João como Elias, mesmo que o próprio Batista tenha rejeitado o nome quando os sacerdotes e levitas de Jerusalém o perguntaram: "Você é Elias?". (João 1:21) Os judeus esperavam o reaparecimento do Elias literal, e a resposta de João foi dirigida a essa opinião errada. Mas sua verdadeira reivindicação à designação é expressamente afirmada no anúncio feito pelo anjo a seu pai Zacarias: "Ele irá adiante dele no espírito e poder de Elias"; (Lucas 1:17) bem como pelas declarações de nosso Senhor: "Se quereis receber, este é o Elias que havia de vir"; (Mateus 11:14) "Digo-vos que Elias já veio, e eles não o conheceram... Então os discípulos compreenderam que ele lhes falava de *João Batista*". (Mateus 17:10-13) João foi o segundo Elias, e cumpriu exaustivamente as predições de Isaías e Malaquias a respeito dele. Sonhar com um "Elias do futuro", portanto, é virtualmente desacreditar a declaração expressa da palavra de Deus, e não se baseia em nenhuma garantia das Escrituras.

Já mencionamos o duplo aspecto da missão de João apresentado pelos profetas Isaías e Malaquias. A mesma diversidade é vista nas descrições do Novo Testamento sobre o segundo Elias. O aspecto

benigno de sua missão, apresentado por Isaías, também é reconhecido nas palavras do anjo por meio do qual seu nascimento havia sido anunciado, como já foi citado, e no pronunciamento inspirado de seu pai Zacarias: "E você, filho, profeta do Altíssimo você será chamado, porque você irá perante a presença do Senhor, preparará seus caminhos, dará conhecimento da salvação ao seu povo, para o perdão de seus pecados". (Lucas 1:76, 77) Encontramos o mesmo aspecto gracioso nos versículos iniciais do Evangelho de João: "Ele veio como um testemunho, para que ele dê testemunho da luz, para que todos possam crer nele". (João 1:7)

Mas o outro aspecto de sua missão não é menos distintamente reconhecido nos Evangelhos. Ele é representado, não apenas como o arauto do Salvador vindouro, mas também do Juiz que virá. Na verdade, suas próprias declarações registradas falam muito mais de ira do que de salvação, e são concebidas mais no espírito do Elias de Malaquias do que no arauto do deserto de Isaías. Ele avisa os fariseus e saduceus, e as multidões que se aglomeraram em seu batismo, a "fugir da ira vindoura". Ele lhes diz que "o machado está posto à raiz das árvores". Ele anuncia a vinda de Alguém mais poderoso do que ele mesmo, "cujo pá está em sua mão, e ele irá reunir o trigo no celeiro e queimar a palha em um fogo que nunca será apagado". (Mateus 3:12)

É impossível não ficar impressionado com a correspondência entre a linguagem de João Batista e a de Malaquias. Como Hengstenberg observa: "Ao longo do texto, é a profecia de Malaquias que João comenta".[1] Em ambos, a vinda do Senhor é descrita como um dia de ira; ambos falam da sua vinda com fogo que refina e prova, com fogo que queima e consome. Ambos falam de um tempo de discriminação e separação entre os justos e os ímpios, o ouro e a escória, o trigo e a palha; e ambos falam da destruição total da palha, ou restolho, com fogo inextinguível. Essas não são semelhanças fortuitas: as duas predições são a contrapartida uma da outra e só podem se referir ao mesmo evento, o mesmo "dia do Senhor", o mesmo julgamento vindouro.

Mas o que merece ser observado mais especialmente é a *proximidade* evidente da crise que João prediz. "A ira que há de vir" é uma tradução

[1] Christol. vol. iv, p. 232.

muito inadequada da linguagem do profeta.[1] Isso deve ser lido como "a ira *que está prestes a vir*"; isto é, não meramente futuro, mas iminente. "A ira vindoura" pode ser indefinidamente distante, mas "a ira que está prestes a vir" é iminente. Como Alford observa com razão: "João está agora falando no verdadeiro caráter de um profeta, predizendo a *ira que em breve seria derramada sobre a nação judaica*".[2] Este é o caso das outras representações no discurso de João Batista; tudo indica a rápida aproximação da destruição. "*Já* está posto o machado à raiz das árvores". A "pá" estava nas mãos do agricultor; o processo de triagem estava prestes a começar. Estes avisos de João Batista não são as exortações vagas e indefinidas ao arrependimento, dirigidas aos homens de todas as épocas, o que às vezes se supõe que sejam; são palavras urgentes e ardentes, tendo uma influência específica e presente sobre a geração então existente, os homens vivos a quem ele trouxe a mensagem de Deus. A nação judaica estava agora em seu último julgamento; o segundo Elias viera como o precursor do "grande e terrível dia do Senhor": se rejeitassem suas advertências, a condenação predita por Malaquias se seguiria segura e rapidamente; "Eu irei e ferirei a terra com a maldição". Nada pode ser mais óbvio do que a catástrofe à qual João alude é *particular, nacional, local* e *iminente,* e a história nos diz que dentro do período da geração que ouviu seu grito de advertência, "a ira caiu sobre eles ao máximo".

O ENSINAMENTO DE NOSSO SENHOR SOBRE A PAROUSIA NOS EVANGELHOS SINÓPTICOS.

O encerramento do ministério de João Batista, em consequência de sua prisão por Herodes Antipas, marca uma nova partida no ministério de nosso Senhor. Na verdade, antes dessa época, Ele ensinou o povo, fez milagres, ganhou adeptos e obteve grande popularidade; mas depois desse evento, que pode ser considerado como uma indicação do fracasso da missão de João, nosso Senhor retirou-se para a Galileia e lá entrou em uma nova fase de Seu ministério público. Somos informados de que "desde então, Jesus começou a pregar e a dizer: Arrependa-se, porque o

---

[1] τῆς μελλούσης ὀργῆς.
[2] Greek Testament, *in loc.*

reino dos céus está próximo". (Mateus 4:17) Estes são os termos precisos com os quais a pregação de João Batista é descrita. (Mateus 3:2) Tanto nosso Senhor quanto seu precursor chamaram "a nação ao arrependimento", e anunciaram a aproximação do "reino dos céus". Segue-se que João não poderia querer dizer com a frase, "o reino dos céus está próximo", meramente que o Messias estava para aparecer, pois quando Cristo apareceu, Ele fez o mesmo anúncio. "O reino dos céus *está próximo*". Da mesma forma, quando os doze discípulos foram enviados em sua primeira missão evangelística, eles receberam a ordem de pregar, não que o reino dos céus era chegado, mas que *estava próximo*. (Mateus 10:7) Além disso, que o reino não veio no tempo de nosso Senhor, nem no dia de Pentecostes, é evidente pelo fato de que em Seu discurso profético no Monte das Oliveiras, nosso Senhor deu aos Seus discípulos certos sinais pelos quais eles poderiam saber que o reino de Deus estava próximo. (Lucas 21:31)

Portanto, chegamos a certas conclusões claramente dedutíveis dos ensinamentos de nosso Senhor:

1- Que uma grande crise, ou consumação, chamada "o reino dos céus, ou de Deus", foi proclamado por Ele como estando próximo.

2- Que esta consumação, embora próxima, não ocorreria em Sua própria vida, nem ainda por alguns anos após Sua morte.

3- Que Seus discípulos, ou pelo menos alguns deles, podem esperar testemunhar sua chegada.

Mas todo o assunto do "reino dos céus" deve ser reservado para uma discussão mais completa em um período futuro.

PREVISÃO DA IRA VINDOURA SOBRE "AQUELA GERAÇÃO".

Há outro ponto de semelhança entre a pregação de nosso Senhor e a de João Batista. Ambos deram as mais claras sugestões da aproximação de um tempo de julgamento que deveria atingir a geração existente, por causa de sua rejeição das advertências e convites da misericórdia divina. Assim como o Batista falou da "ira vindoura", nosso Senhor com igual clareza preveniu o povo do "julgamento vindouro". Ele repreendeu "as cidades em que a maioria de suas obras poderosas foram feitas, porque não se arrependeram", e predisse que uma desgraça mais pesada se

abateria sobre eles do que sobre Tiro e Sídon, Sodoma e Gomorra. (Mateus 11:20-24) Que tudo isso aponta para uma catástrofe que não era remota, mas próxima, e que realmente alcançaria a geração existente, parece evidente a partir das declarações expressas de Jesus.

Mateus 12:38-45 (compare Lucas 11:16, 24-36): "Então alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: Mestre, quiséramos ver da tua parte algum sinal. Mas ele lhes respondeu, e disse: Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará outro sinal senão o sinal do profeta Jonas; Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra. Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é maior do que Jonas. A rainha do sul se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é maior do que Salomão. E, quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então diz: Voltarei para a minha casa, de onde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má".

Esta passagem é de grande importância para estabelecer o verdadeiro significado da frase "esta geração" [ἡ γενεὰ αὕτη]. Só pode se referir, neste lugar, ao povo de Israel que então vivia - a geração existente. Nenhum comentarista jamais propôs chamar "γενεὰ" aqui de raça judaica em todas as épocas. Nosso Senhor estava acostumado a falar de Seus contemporâneos como *esta geração*:

"Mas, a que devo comparar esta geração?" - isto é, os homens daquela época que não deram ouvidos a Seu precursor nem a Ele mesmo. (Mateus 11:16; Lucas 7:31) Mesmo comentaristas como Stier, que detém a interpretação de "γενεὰ" como uma *raça* ou *linhagem* em outras passagens, admite que a referência nessas palavras é "para a geração que estava viva naquele época e naquele momento, e mais importante".[1] Assim, na passagem diante de nós, não pode haver controvérsia a respeito da aplicação das palavras exclusivamente à geração então existente, os contemporâneos de Cristo. Do agravamento e enorme maldade daquele período, nosso Senhor aqui testifica. A mesma geração

[1] Reden Jesu, *in loc.*

foi abordada por Ele nas próprias palavras do Batista - "Raça de víboras". (Mateus 12:34) Sua culpa é declarada superior à dos pagãos; é comparado a um endemoninhado, de quem o espírito imundo se afastou por um tempo, mas voltou com mais força do que antes, acompanhado por sete outros espíritos mais perversos do que ele, de modo que "o último estado daquele homem é pior do que o primeiro". Temos no testemunho de Josefo uma confirmação impressionante da descrição de nosso Senhor sobre a condição moral dessa geração. "Como era impossível relatar suas enormidades em detalhes, devo declarar resumidamente que nenhuma outra cidade jamais suportou calamidades semelhantes, e nenhuma geração jamais existiu mais prolífica no crime. Eles confessaram ser o que eram - escravos e a própria escória da sociedade, os espúrios e poluídos descendentes da nação".[1] "E aqui não posso deixar de expressar o que meus sentimentos me sugerem. Sou da opinião de que, se os romanos tivessem adiado o castigo desses miseráveis, ou a terra teria se aberto e engolido a cidade, ou ela teria sido varrida por um dilúvio, ou teria recebido os raios do céu como a terra de Sodoma. Pois ela gerou uma raça muito mais ímpia do que aqueles que foram assim visitados. Por causa da loucura desesperada desses homens, toda a nação foi envolvida em sua ruína".[2] "Aquele período havia de algum modo se tornado tão prolífico em iniquidade de toda espécie entre os judeus, que nenhuma obra de maldade foi deixada sem ser praticada... tão universal era o contágio, tanto em público como privado, e tal a emulação para superar um ao outro em atos de impiedade para com Deus, e de injustiça para com o próximo".[3]

Tal era a terrível condição para a qual a nação se apressava quando nosso Senhor pronunciou essas palavras proféticas. O clímax ainda não havia sido alcançado, mas estava bem à vista. O espírito imundo ainda não voltou para sua casa, mas ele estava a caminho. Como Stier observa: "No período entre a ascensão de Cristo e a destruição de Jerusalém, especialmente no final disso, poderíamos dizer que esta nação parece

[1] Jewish War, bk. v. c. x. § 5. Traill' translation.
[2] Ibid. c. xiii. § 6.
[3] Ibid. bk. vii. c. viii. § 1.

possuída por sete mil demônios".[1] Não é este um cumprimento adequado e completo da predição do nosso Salvador? Temos a menor justificativa, ou a menor necessidade, de dizer que isso significa outra coisa, ou algo mais, do que isso? Que razão existe para assumir um cumprimento adicional e futuro de suas palavras? Não é um desacredito total da profecia de Jesus buscando algo mais do que o significado óbvio que aponta tão claramente para uma catástrofe iminente que estava prestes a ocorrer nessa geração? Certamente, mostramos maior reverência pela palavra de Deus quando aceitamos implicitamente seus ensinamentos óbvios e rejeitamos as especulações injustificadas e meramente humanas que os críticos e os teólogos extraíram de sua própria fantasia. Concluímos, então, que, na escandalosa devassidão da época, e nas calamidades marcantes que antes de seu fim dominaram o povo judeu, temos a atestação histórica do cumprimento exaustivo dessa profecia.

MAIS ALUSÕES À IRA VINDOURA.

Lucas 13:1-5: "E, Naquele mesmo tempo, estavam presentes ali alguns que lhe falavam dos galileus, cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios. E, respondendo Jesus, disse-lhes: Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis. E aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém? Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis".

Quão vividamente nosso Senhor percebeu as iminentes calamidades da nação, e quão claras e distintas eram suas advertências, pode-se inferir desta passagem. O massacre de alguns galileus que haviam subido a Jerusalém para a festa da Páscoa, por ordem ou conivência do governador romano; e a súbita destruição de dezoito pessoas pela queda de uma torre perto do tanque de Siloé foram incidentes que formaram o assunto das conversas entre o povo da época. Nosso Senhor declara que as vítimas dessas calamidades não eram excepcionalmente más, mas que um *destino semelhante* se abateria sobre as mesmas pessoas que agora falam sobre elas, a menos que se arrependessem. O ponto de sua observação, que muitas vezes é esquecido, reside na *similaridade* da

[1] Reden Jesu; Matt. xii. 43–45.

destruição ameaçada. Ele não disse: "todos vocês irão perecer *também*", mas "todos vocês vão perecer *da mesma maneira*" [ὡσαύτως]. Que nosso Senhor tinha em vista a ruína final, que estava prestes a dominar Jerusalém e a nação, dificilmente se pode duvidar. A analogia entre os casos é real e impressionante. Foi na festa da Páscoa que a população da Judeia se reuniu em Jerusalém, e ali foi preso pelas legiões de Tito, Josefo nos diz como, na última agonia do cerco, o sangue dos sacerdotes que oficiaram foi derramado ao pé do altar sacrificial. Os soldados romanos eram os executores do julgamento divino; e quando o templo e a torre caíram no chão, eles enterraram em suas ruínas muitas vítimas infelizes. É gratificante descobrir que Alford e Stier reconhecem a alusão histórica nesta passagem. O primeiro observa: "ὡσαύτως (cujo sentido se perde na versão inglesa 'likewise' *[de igual modo]*) deveria ser traduzido como 'in like manner' *[da mesma maneira]*, como de fato o povo judeu pereceu pela espada dos romanos".[1]

DESTINO IMINENTE DA NAÇÃO JUDAICA.

Parábola da Figueira Estéril.

Lucas 13:6-9: "E dizia esta parábola: Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi procurar nela fruto, não o achando; E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho. Corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente? E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque; E, se der fruto, ficará e, se não, depois a mandarás cortar".

O mesmo significado profético é revelado nesta parábola, que é quase a contrapartida da que aparece em Isaías 5, tanto na forma como no significado. A verdadeira interpretação é tão óbvia que torna a explicação quase desnecessária. Sua influência sobre o povo de Israel é muito distinta e direta, mais especialmente quando vista em conexão com as advertências anteriores. Israel é a árvore infrutífera, há muito cultivada, mas que não dá retorno ao dono. Estava agora em sua última tentativa: o machado, como João Batista havia declarado, foi posto à raiz da árvore; mas o golpe fatal foi retardado pela intercessão da misericórdia. O Salvador já estava então em Sua graciosa obra de

[1] Greek Test. *in loc.*

educação e cultura; um pouco mais, e o decreto seria aprovado - "Corte-o, por que ocuparia ainda a terra inutilmente?".

Não há dúvida de que, nessa como em outras parábolas, existem princípios gerais aplicáveis a todas as nações e a todos os tempos; mas não devemos perder de vista sua referência original e primária ao povo judeu. Stier e Alford parecem perder-se na busca de significados recônditos e místicos nos pequenos detalhes das imagens; Mas Neander dá uma explicação luminosa de sua verdadeira importância: "Assim como a árvore infrutífera, falhando em perceber o objetivo de sua existência, foi destruída, assim a nação teocrática, pela mesma razão, foi conquistada, após longa tolerância, pelos julgamentos de Deus, e excluída do Seu reino".[1]

O FIM DA ERA, OU DA DISPENSAÇÃO JUDAICA.

Parábola do Joio e do Trigo.

Mateus 13:36-50: "Então Jesus despediu a multidão, e foi para casa; e seus discípulos vieram a Ele, dizendo: Declara-nos a parábola do joio do campo. E Ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente é o Filho do homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; mas o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é o fim do mundo [era]; e os ceifeiros são os anjos. Assim como o joio é colhido e lançado no fogo, assim será no fim deste mundo [era]. O Filho do homem enviará os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que praticam a iniquidade, e os lançarão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes. Então os justos resplandecerão como o sol no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. [...] Outra vez, o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanhou de toda espécie. E, estando cheia, os pescadores a puxaram para a praia; e, assentando-se, ajuntaram os bons em vasos, porém os ruins lançaram fora. Assim será no fim do mundo [era]: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes."

Encontramos nas passagens aqui citadas um exemplo de uma dessas traduções errôneas que muito fizeram para confundir e enganar os leitores comuns de nossas versões. É provável que noventa e nove em cada cem entendam pela frase "o fim do mundo", o fim da história humana e a destruição da terra material. Eles não imaginariam que o

[1] Life of Christ, § 245.

"mundo" em Mateus 13:38 e o "mundo" em Mateus 13:39, 40, são palavras totalmente diferentes, com significados totalmente diferentes. No entanto, esse é o fato. κόσμος em Mateus 13:38 é o *mundo* corretamente traduzido e refere-se ao mundo dos homens, mas o αἰών em Mateus 13:39, 40, refere-se a um *período de tempo* e deve ser traduzido por *era* ou *época*. Lange traduz como um æon. É de suma importância entender corretamente os dois significados desta palavra e da frase "*o fim do æon*, ou *era*". Αἰὼν é, como dissemos, um período de tempo, ou época. É exatamente equivalente à palavra latina ævum, que é meramente αἰών com traje latino; e a frase συντελείας τοῦ αἰῶνος, traduzida em nossa versão, "o fim do mundo", deveria ser "o fim da era". Tittman observa: "συντελείας τοῦ αἰῶνος no Novo Testamento, não indica o fim do mundo, mas sim a consumação do αἰών, que deve ser seguido por um novo æon. Este é o caso em Mateus 13:39, 40, 49; 24:3; tememos que esta última passagem seja mal interpretada quando aplicada à destruição do mundo".[1] Sempre foi crença dos judeus que o Messias inauguraria um novo æon, ou uma nova era: e este novo æon, ou era, eles chamavam de "reino dos céus". O æon existente: portanto, era a dispensação judaica, que agora estava chegando ao seu fim; e o Senhor mostra nessas parábolas de forma impressionante como isso aconteceria. Na verdade, é surpreendente que os expositores tenham falhado em reconhecer nessas previsões solenes a reprodução e reiteração das palavras de Malaquias e de João Batista. Aqui encontramos a mesma separação final entre os justos e os ímpios; a mesma purificação da terra; a mesma coleta do trigo no celeiro; a mesma queima da palha *[joio, restolho]* no fogo. Pode haver alguma dúvida de que este é o mesmo ato de julgamento, no mesmo período de tempo, para o mesmo evento histórico, ao qual Malaquias, João e nosso Senhor se referem?

Mas vimos que João Batista previu um julgamento que era então iminente - uma catástrofe tão próxima que o machado já estava na raiz das árvores - de acordo com a profecia de Malaquias, que "o dia grande e terrível do Senhor" seguiria a vinda do segundo Elias. Somos, portanto, levados à conclusão de que esta discriminação entre os justos e os ímpios, esta coleta do trigo no celeiro e queima do joio na fornalha de fogo,

[1] Synonyms of the New Test. vol. i. p. 70; Bib. Cab. No. iii.

referem-se à mesma catástrofe, isto é, a ira que veio sobre aquela mesma geração, quando Jerusalém se tornou literalmente "uma fornalha de fogo", e o æon do Judaísmo chegou ao fim no "grande e terrível dia do Senhor".

Esta conclusão é apoiada pelo fato de que há uma conexão estreita entre esta grande época judicial e a vinda do "reino dos céus". Nosso Senhor representa a separação dos justos e dos ímpios como a característica da grande consumação que é chamada de "o reino de Deus". Mas o reino foi declarado próximo. Segue-se, portanto, que as parábolas diante de nós se referem, não a um evento remoto ainda no futuro, mas a um que no tempo de nosso Salvador estava próximo.

Um argumento adicional a favor deste ponto de vista deriva da consideração de que nosso Senhor, em sua explicação da parábola da joio, fala de si mesmo como semeador da boa semente: "Aquele que semeia a boa semente é o *Filho do Homem*". É para o *Seu próprio ministério pessoal* e resultados que ele se refere e, portanto, devemos considerar a parábola para ter uma relação especial com seus contemporâneos. Isto está em perfeita harmonia com sua solene advertência de Lucas 13:26-28, onde Ele descreve a condenação daqueles que tiveram o privilégio de apreciar *Sua presença pessoal e ministério*, e que fingiram discipulado, mas eram joio e não trigo. "Então começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença, e tu tens ensinado nas nossas ruas. E ele vos responderá: Digo-vos que não vos conheço nem sei de onde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais a iniquidade. Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no reino de Deus, e vós lançados fora". Por mais aplicável aos homens em geral sob o evangelho tal linguagem pode ser, é claro que ela teve uma aplicação direta e específica sobre os contemporâneos de nosso Senhor - a geração que testemunhou Seus milagres e ouviu Suas parábolas; e que tem uma relação com eles que não pode ter com nenhum outro.

Encontramos na conclusão da parábola do joio uma "*nota bene*" impressionante, que chama a atenção de uma maneira especial para a instrução contida nela: "Aquele que tem ouvidos para ouvir, que ele ouça". Podemos aproveitar a ocasião para fazer uma observação sobre a vasta importância de uma concepção verdadeira do período em que

nosso Senhor e Seus apóstolos ensinaram. Isso é indispensável para o entendimento correto da doutrina do Novo Testamento a respeito do "reino de Deus", do "fim do æon" e do "æon vindouro" ou "mundo por vir" [αἰών ὁ μέλλων]. Esse período foi próximo ao fim da dispensação judaica. A economia mosaica, como é chamada - o sistema de leis e instituições dado à nação pelo próprio Deus, e que existiu por mais de quarenta gerações - estava para ser substituída e desaparecer. Já estava em cena a última geração que possuía a terra - a última e também a pior - a filha e herdeira de seus predecessores. O longo período durante o qual o Senhor esgotou todos os métodos que a sabedoria divina e o amor divino poderiam conceber para cultivar e reformar Israel estava prestes a terminar. Isso acabaria desastrosamente. A Ira, por muito tempo contida e reprimida, explodiria sobre *aquela geração*. Seu "último dia" seria um dies irae "o grande e terrível dia do Senhor". Isto é o συντελείας τοῦ αἰῶνος, "o fim dos tempos", tão frequentemente referido por nosso Senhor, e constantemente predito por Seus apóstolos. Eles já estavam na *penumbra* daquela tremenda crise, que a cada dia se aproximava mais e mais, e que finalmente viria de repente, "como um ladrão na noite". Esta é a verdadeira explicação das constantes exortações à vigilância, paciência e esperança, que abundam nas epístolas apostólicas. Eles viveram esperando uma consumação que viria em seu próprio tempo e que eles poderiam testemunhar com seus próprios olhos. Esse fato está na própria face dos escritos do Novo Testamento; é a chave para a interpretação de muito que de outra forma seria obscuro e ininteligível, e veremos no progresso desta investigação quão consistentemente esta visão é apoiada por todo o teor das Escrituras do Novo Testamento.

A VINDA DO FILHO DO HOMEM (A PAROUSIA) DURANTE O TEMPO DE VIDA DOS APÓSTOLOS.

Mateus 10:23: "Quando vos perseguirem nesta cidade, fujam para o outro; porque em verdade digo-vos que não passarás por todas as cidades de Israel, antes que venha o filho do homem".

Nesta passagem, encontramos a primeira menção clara a esse grande evento que veremos com tanta frequência a respeito de nosso Senhor e seus Apóstolos, a saber, Sua vinda novamente, sua Parousia. Na verdade, pode-se perguntar, como veremos, se esta passagem corretamente

pertence a esta parte da história do evangelho.[1] Mas, deixando de lado a questão por enquanto, vamos nos perguntar o que realmente é a *vinda* do qual é falado aqui. Isso pode significar, como Lange sugere, que Jesus deveria seguir tão rapidamente os passos de Seus mensageiros em seu circuito evangelístico a ponto de alcançá-los antes que fosse concluído? Ou se refere, como Stier e Alford pensam, a duas vindas diferentes,

---

[1] Há uma dificuldade real nesta passagem que não deve ser negligenciada. Parece inexplicável que nosso Senhor, em uma ocasião como esta, quando Ele estava enviando os doze em uma missão curta, aparentemente dentro de um distrito limitado, e da qual eles deveriam retornar a Ele em um curto espaço de tempo, fale de Sua vinda como ultrapassando-os antes da conclusão de sua tarefa. Parece pouco apropriado para esse período particular, e isso corresponde mais a uma tarefa posterior, isto é, o que está registrado no discurso do Monte das Oliveiras (Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21). Na verdade, uma comparação dessas passagens pode satisfazer qualquer mente sincera de que todo o parágrafo (Mateus 10:16-23) foi transposto de sua conexão original e inserido na primeira missão que nosso Senhor confiou aos discípulos. Encontramos as mesmas palavras sobre a perseguição dos apóstolos, que seriam dadas aos conselhos, encurralados nas sinagogas, trazidos perante governadores e reis, etc., que são registrados no décimo capítulo de São Mateus, designado por São Marcos e São Lucas a um período subsequente, ou seja, o discurso do Monte das Oliveiras. Não há evidências de que os discípulos tenham sofrido tal tratamento durante sua primeira turnê evangelística. Há, portanto, uma evidência forte como o caso permite, que o verso 23 e seu contexto pertence ao discurso do Monte das Oliveiras. Isso eliminaria a dificuldade que a passagem apresenta no relacionamento que encontramos aqui e proporcionaria coerência e consistência ao idioma que, como tal, não é fácil de descobrir. É um fato aceito que nem mesmo os evangelhos sinópticos relacionam todos os eventos exatamente na mesma ordem; portanto, deve haver maior precisão cronológica em um que em outro. Stier diz: "Mateus é descuidado com a cronologia nos detalhes" (Reden Jesu, vol. iii. p. 98). Neander, falando exatamente sobre esta acusação, diz: "Mateus evidentemente relaciona muitas coisas com as instruções dadas aos apóstolos em vista de sua primeira viagem, que pertencem cronologicamente mais tarde"; (Life of Christ, § 174, note b); e novamente, falando da carga dada aos setenta, como registrado por São Lucas: ele diz, "A coerência total e característica de tudo falado por Cristo, de acordo com Lucas, com as circunstâncias (que são superiores à colocação de Mateus)", etc. (Vida de Cristo, § 204, note l). Dr. Blaikie observa: "É geralmente entendido que Mateus organizou sua narrativa mais por *assuntos* e *lugares* do que por cronologia" (Bible History, p. 372).

Parece, portanto, garantia abundante para atribuir a importante predição contida em Mateus 10:23 ao discurso proferido no Monte das Oliveiras.

separadas uma da outra por milhares de anos: uma comparativamente próxima, a outra indefinidamente remota? Ou devemos, com Michaelis e Meyer, aceitar o significado claro e óbvio que as próprias palavras sugerem? A interpretação de Lange é certamente inadmissível. Quem pode duvidar que "a vinda do Filho do homem" está aqui, o que está em todos os outros lugares, a fórmula pela qual a Parousia, a segunda vinda de Cristo, é expressa? Esta frase tem um significado definido e constante, bem como a sua crucificação, ou a sua ressurreição, e não admite qualquer outra interpretação. Mas poderia ter uma dupla referência, primeiro, ao julgamento iminente de Jerusalém e, segundo, à destruição final do mundo, sendo o primeiro considerado como sombra do segundo? Alford aceita o duplo significado e é severo com aqueles que hesitam em aceitá-lo. Ele nos diz o que ele acha que Cristo *queria dizer*; mas, por outro lado, temos que considerar o que Ele *disse*. Os defensores do duplo sentido têm certeza de que Ele quis dizer mais do que Ele disse? Veja suas palavras. Pode algo ser mais específico e definido quanto a pessoas, lugar, tempo e circunstâncias, do que esta predição de nosso Senhor? É aos *doze* que ele fala; são as cidades de *Israel* que eles devem evangelizar; o assunto é Sua própria *vinda rápida*; e o tempo tão *próximo*, que antes que seu trabalho seja concluído, Sua vinda ocorrerá. Mas se quisermos ser informados de que esse não é o significado, nem mesmo a metade, e que isso inclui outra vinda, a outros evangelistas, a outras épocas e outras terras - uma vinda que, depois de dezoito séculos, ainda é futuro, e talvez remoto - então surge a pergunta: O que pode não significar a Escritura? O sentido gramatical das palavras não é mais suficiente para a interpretação; A Escritura é um enigma a ser adivinhado - um oráculo que emite respostas ambíguas; e nenhum homem pode ter certeza, sem uma revelação especial, de que entende o que lê. Portanto, estamos dispostos a concordar com Meyer que esta dupla referência "não é nada além de uma evasão forçada e antinatural", as palavras significam simplesmente o que dizem - que antes que os apóstolos completassem sua obra de evangelizar a terra de Israel, a vinda do Senhor deveria acontecer.

Esta é a interpretação da passagem adotada pelo Dr. E. Robinson.[1] "Por meio desta linguagem, nosso Senhor provavelmente pretendia insinuar que os apóstolos não terminariam de evangelizar as cidades da Palestina antes que Ele viesse para destruir Jerusalém e dispersar a nação." Assim também o Dr. A. B. Bruce.[2] "A vinda à qual se alude é a destruição de Jerusalém e a dispersão da nação judaica; e o significado é que os apóstolos mal teriam tempo, antes que a catástrofe viesse, de percorrer a terra advertindo o povo a salvar-se da condenação de uma geração perversa; de modo que não poderiam, com propriedade, demorar-se em qualquer localidade depois que seus habitantes houvessem ouvido e rejeitado a mensagem."

A PAROUSIA OCORRERÁ DURANTE O TEMPO DE VIDA DE ALGUNS DOS DISCÍPULOS.

Mateus 16:27, 28:	Marcos 8:38; 9:1:	Lucas 9:26, 27:
"Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras.	"Porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos.	"Porque, qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória, e na do Pai e dos santos anjos.
Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino".	Dizia-lhes também: Em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegado o reino de Deus com poder".	E em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus".

Esta declaração notável é de extrema importância nesta discussão e pode ser considerada como a chave para interpretar corretamente a doutrina da Parousia no Novo Testamento. Embora não se possa dizer que haja alguma dificuldade especial na linguagem, isso deixou muito

[1] Veja a nota em Harmony of the Four Gospels.

[2] The Training of the Twelve, p. 117.

perplexos os comentaristas, que estão muito divididos em suas explicações. Certamente é desnecessário perguntar o que é a *vinda do Filho do homem* aqui predita. Supor que se refere meramente à gloriosa manifestação de Jesus no monte da transfiguração, embora esta seja uma hipótese apoiada por grandes nomes, é tão palpavelmente inadequada como uma interpretação que dificilmente precisa ser refutada. A mesma observação se aplicará aos comentários do Dr. Lange, que supõe que ela foi parcialmente cumprida pela ressurreição de Cristo. Sua exegese é uma ilustração tão curiosa das mudanças às quais os defensores de uma teoria da interpretação de duplo sentido são obrigados a recorrer, a ponto de merecer uma citação. "Em nossa opinião", diz ele, "é necessário distinguir entre o advento de Cristo na glória de Seu reino dentro do círculo de Seus discípulos, e aquele mesmo advento aplicado ao mundo em geral e para julgamento. Este último é o que geralmente se entende por segundo advento: o primeiro ocorreu quando o Salvador ressuscitou dos mortos e se revelou no meio de Seus discípulos. Portanto, o significado das palavras de Jesus é: está próximo o momento em que seus corações serão colocados em repouso pela manifestação de Minha glória; nem será o destino de todos os que estão aqui morrer durante o intervalo. O Senhor poderia ter dito que apenas dois daquele círculo morreriam até então, a saber, ele mesmo e Judas. Mas, em Sua sabedoria, escolheu a expressão: 'Alguns dos que estão aqui não provarão a morte', para dar-lhes exatamente aquela medida de esperança e sincera expectativa de que necessitavam".[1]

Basta dizer que tal interpretação das palavras de nosso Salvador nunca poderia ter passado pelas mentes daqueles que as ouviram. É tão implausível, intrincada e artificial, que é desacreditada pela própria ingenuidade. Mas a interpretação também não satisfaz os requisitos da linguagem. Como a ressurreição de Cristo poderia ser chamada de Sua vinda na glória de Seu Pai, com os santos anjos, em Seu reino e para o julgamento? Ou como podemos supor que Cristo, falando de um evento que ocorreria em cerca de doze meses, diria: "Em verdade vos digo: Há alguns aqui que não provarão a morte até que a vejam"? A própria forma da expressão mostra que o acontecimento de que se fala não pode

[1] Lange, Comm. on St. Matt., *in loc.*

acontecer no espaço de alguns meses, ou mesmo de alguns anos: é um modo de falar que sugere que não *todos* os presentes viverão para ver o evento falado; que *muitos* não o farão; mas *alguns* o farão. É exatamente a maneira de falar que caberia a um intervalo de trinta ou quarenta anos, quando a maioria das pessoas então presentes teria falecido, mas algumas sobreviveriam e testemunhariam o evento referido.

Alford e Stier entendem mais razoavelmente a passagem como referindo-se "à destruição de Jerusalém e à plena manifestação do reino de Cristo pela aniquilação da política judaica",[1] embora ambos embaraçam e confundam sua interpretação com a hipótese de uma oculta e ulterior alusão a outra "vinda final", da qual a destruição de Jerusalém foi o "*tipo* e *sinal*". Disto, no entanto, nenhuma sugestão é dada pelo próprio Cristo ou pelos evangelistas. Na verdade, não se pode negar que, ocasionalmente, nosso Senhor proferiu uma linguagem ambígua. Ele disse aos judeus: "Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei"; (João 2:19), mas o evangelista tem o cuidado de acrescentar: "Mas ele falava do templo do seu corpo". Portanto, quando Jesus falou de "rios de água viva fluindo do coração do crente", São João acrescenta uma nota explicativa: "Ele falou do espírito", etc. (João 7:36) Novamente, quando o Senhor aludiu à maneira de sua própria morte, "Eu, quando for levantado da terra," etc., o evangelista acrescenta: "Isto ele disse, significando que morte ele deveria morrer". (João 12:33) Portanto, é razoável supor que, se os evangelistas conhecessem um significado mais profundo e mais oculto das previsões de Cristo, teriam dado uma indicação disso; mas eles não dizem nada que nos leve a inferir que seu significado aparente não é seu significado completo e verdadeiro. Na verdade, não há ambiguidade quanto a *vinda* do que é aludido na passagem agora em consideração. Não é uma das várias vindas possíveis; mas o único, e supremo evento, tão frequentemente predito por nosso Senhor, tão constantemente esperado por Seus discípulos. É a Sua vinda em glória; Sua vinda para julgamento; Sua vinda em Seu reino; a vinda do reino de Deus. Não é um processo, mas um ato. Não é a mesma coisa que "a destruição de Jerusalém" - este é outro evento relacionado e contemporâneo; mas os dois não devem ser confundidos. O Novo

[1] Alford, Greek Test, *in loc.*

Testamento conhece apenas uma Parousia, uma vinda em glória do Senhor Jesus Cristo. É completamente um abuso de linguagem falar de vários sentidos nos quais se pode dizer que Cristo vem - como em Sua própria ressurreição; no dia de Pentecostes; na destruição de Jerusalém; na morte de um crente; e em várias épocas providenciais. Este não é o uso do Novo Testamento, nem é uma linguagem precisa em nenhum ponto de vista. Somente esta passagem contém tanta verdade importante a respeito da Parousia, que se pode dizer que cobre todo o terreno; e, quando usado corretamente, será considerado a chave para a verdadeira interpretação da doutrina do Novo Testamento sobre esse assunto.

Concluímos então:

1. Que a vinda da qual se fala aqui é a Parousia, a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo.

2. Que a maneira de Sua vinda seria gloriosa - "em sua própria glória"; "na glória de seu Pai"; com os santos anjos".

3. Que o objetivo de Sua vinda era julgar aquela "geração ímpia e adúltera" (Marcos 8:38) e "recompensar a cada um segundo as suas obras".

4. Que Sua vinda seria a vinda do "reino de Deus"; o fim do æon; "a vinda do reino de Deus com poder".

5. Que essa vinda foi expressamente declarada por nosso Salvador como próxima. Lange justamente observa que as palavras, μέλλεί γὰρ, são "enfaticamente colocadas no início da frase; não como um futuro simples, mas eles significam: o evento é iminente e que em breve Ele virá, está prestes a vir".[1]

6. Que alguns daqueles que ouviram nosso Senhor proferir essa predição viveriam para testemunhar o evento do qual Ele falou, a saber, Sua vinda em glória.

A inferência, portanto, é que a Parousia, ou gloriosa vinda de Cristo, foi declarada por Ele mesmo como estando dentro dos limites da geração então existente - uma conclusão que veremos na sequência ser abundantemente justificada.

---

[1] Veja Lange *in loc.*

A VINDA DO FILHO DO HOMEM É CERTA E RÁPIDA.

Parábola da Viúva Inoportuna.

Lucas 18:1-8: "E falou-lhes uma parábola com este fim, que os homens devem orar sempre e não desfalecer; dizendo: Havia em uma cidade um juiz, que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. E havia uma viúva naquela cidade; e ela veio até ele, dizendo: Vinga-me do meu adversário. E ele não quis por algum tempo; mas depois disse consigo mesmo: Embora eu não tema a Deus, nem respeite homem algum, contudo, porquanto esta viúva me incomoda, vou fazer justiça, para que, vindo ela continuamente, não me desgaste. E o Senhor disse: Ouvi o que diz o juiz injusto. E Deus não vingará os seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite, embora tardando em atendê-los? Eu vos digo que os vingará depressa. Contudo, quando o Filho do homem vier, achará fé na Terra [na terra]?"

O caráter intensamente prático e *atual*, se podemos chamá-lo assim, dos discursos de nosso Senhor, é uma característica de seus ensinamentos que, embora muitas vezes negligenciados, requer que ele não seja perdido de vista. Ele falou com seu próprio povo, em seu próprio tempo. Ele era o mensageiro de Deus para *Israel*; e, embora seja verdadeiro que suas palavras são para todos os homens em todos os tempos, foram aplicadas principalmente e diretamente à sua própria geração. Por falta de atenção a este fato, muitos expositores perderam completamente a intenção da parábola diante de nós. Em suas mãos, torna-se uma predição vaga e indefinida de uma reivindicação dos justos, em algum período mais ou menos remoto, mas sem qualquer aplicação especial para o povo e para o tempo do próprio Senhor. Certamente, qualquer aplicação pessoal que essa parábola possa trazer para nós ou para tempos futuros, teve uma aplicação direta e específica aos discípulos a quem foi originalmente falada. O Senhor estava prestes a deixar seus discípulos "como ovelhas no meio dos lobos"; eles seriam perseguidos e afligidos, e odiados por todos os homens, pelo amor de seu Mestre; e poderia muito bem acontecer que faltasse coragem e que seus corações desmaiassem. Nessa parábola, o Salvador os incentiva a "orar sempre e não desmaiar", pelo exemplo do que a oração perseverante pode fazer até mesmo com o homem. Se a importunação de uma viúva pobre pudesse constranger um juiz sem princípios a fazer o que era certo, quanto mais Deus, o justo Juiz, seria movido pelas orações de Seus próprios filhos para que suas queixas fossem reparadas. Sem alegorizar todos os detalhes

da parábola, à maneira de alguns expositores, basta marcar sua grande moral. É isto. Os perseguidos filhos de Deus seriam vingados com segurança e rapidez. Deus os vindicará, e isso *rapidamente*. Mas quando? O ponto do tempo não fica indefinido. É "quando o Filho do homem vier". A Parousia seria a hora de reparação e libertação para o sofredor povo de Deus.

A reflexão de nosso Senhor no final do oitavo versículo merece atenção especial. "No entanto, quando o Filho do homem vier, ele encontrará fé na terra?". Devemos aqui voltar aos fatos já declarados com respeito ao ministério de João Batista. Vimos como era sombria e ameaçadora a perspectiva do profeta que pregou o arrependimento a Israel. Ele foi o precursor do "grande e terrível dia do Senhor"; ele foi o segundo Elias enviado para proclamar a vinda dAquele que "feriria a terra com uma maldição". A reflexão de nosso Senhor sugere que Ele previu que o arrependimento, o único que poderia evitar a condenação da nação, não era para ser esperado. Não haveria fé em Deus, em Suas promessas ou em Suas ameaças. O dia dEle, portanto, seria o "dia da vingança". (Lucas 21:22)

Doddridge compreendeu bem o alcance desta parábola e parafraseia o versículo inicial da seguinte forma: "Assim, nosso Senhor discorreu com Seus discípulos sobre a iminente destruição de Jerusalém pelos romanos; e para seu encorajamento sob aquelas dificuldades que eles poderiam, entretanto, esperar, de seus compatriotas descrentes ou outros, Ele falou uma parábola, para eles, que se destinava a inculcar sobre eles esta grande verdade, que quão aflitivas sejam as suas circunstâncias, devem sempre orar com fé e perseverança, e não desmaiar sob as provações". [1]

O que se segue é a sua paráfrase de Lucas 18:8: "Sim, eu vos digo, Ele certamente os vindicará; e quando Ele uma vez empreender, Ele o fará rapidamente também; e esta geração de homens verá e sentirá seu terror. Não obstante, quando o Filho do homem, tendo entrado em posse de

[1] Family Expos, on Luke xviii. 1–8.

Seu glorioso reino, vier a aparecer para este importante propósito, ele encontrará fé na terra?".[1]

A RECOMPENSA DOS DISCÍPULOS NO ÆON VINDOURO, OU SEJA, NA PAROUSIA.

Mateus 19:27-29:	Marcos 10:28-30:	Lucas 18:28-30:
"Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que receberemos? E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no	"E Pedro começou a dizer-lhe: Eis que nós tudo deixamos, e te seguimos. E Jesus, respondendo, disse: Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe,	"E disse Pedro: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos. E ele lhes disse: Na verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou

[1] Doddridge tem a seguinte nota sobre "Será que ele encontrará fé na terra?". "É evidente que a palavra γῆς geralmente significa, não a *Terra (earth)* em geral, mas algum *território (land)* ou um *país (country)* em particular, como em Atos 7:3, 4, 11 e em inúmeros outros lugares, e o contexto aqui o limita ao significado menor. É evidente que os crentes hebreus estavam em maior perigo das perseguições e da angústia. Compare Hebreus 3:12-14; 10:23-39; 12:1-4; Tiago 1:1-4; 2:6".

A interpretação dada pelo judicioso Campbell acrescenta confirmação, se necessário, a essa visão da passagem. "Há uma conexão íntima em tudo o que nosso Senhor diz sobre qualquer assunto de conversa, que raramente escapa de um leitor atento. Se nisso, como é muito provável, Ele se refere à destruição iminente sobre a nação judaica, como o julgamento do Céu por sua rebelião contra Deus, ao rejeitar e assassinar o Messias e perseguindo Seus seguidores, (τῆν πὶστιν) deve ser entendido como significando "essa crença", ou a crença da verdade particular que Ele vinha inculcando, a saber, que Deus vingará no devido tempo os Seus eleitos e punirá de forma significativa seus opressores; e (τῆς γῆς) deve significar "a terra", a saber, da Judeia. As palavras podem ser traduzidas de qualquer maneira, Terra *(earth)* ou terra *(land)*; mas o último, evidentemente, dá-lhes um significado mais definido, e os une mais de perto com aqueles que o precederam." (Campbell on the Gospels, vol. ii: p. 384) O ensino desta parábola instrutiva não está de modo algum esgotado; e vamos encontrá-lo lançar uma luz inesperada em uma passagem muito obscura, em um estágio futuro desta investigação. Enquanto isso, podemos nos referir a 2 Tessalonicenses 1:4-10, como fornecendo um comentário surpreendente sobre toda a parábola, e mostrando a conexão entre o Parousia e a vingança dos eleitos.

trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor de meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna".	ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho, que não receba cem vezes tanto, já nesta era, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições; e na era vindoura a vida eterna".	filhos, pelo reino de Deus, que não haja de receber muito mais nesta era, e na era vindoura a vida eterna".

A que período devemos atribuir o evento ou estado aqui chamado por nosso Senhor de "regeneração" [παλιγγενεσία]? É evidentemente contemporâneo de "o Filho do homem sentado no trono de sua glória"; nem pode haver qualquer dúvida de que as duas frases, "O Filho do homem vindo em seu reino" e "O Filho do homem sentado no trono de sua glória", ambas se referem à mesma coisa, e ao mesmo tempo. Ou seja, é para a Parousia que ambas as expressões apontam.

Temos outra nota de tempo, e outro ponto de coincidência entre a "regeneração" e a Parousia, na referência feita por nosso Senhor à "era vindoura ou æon" como o período em que Seus discípulos fiéis deveriam receber sua recompensa. (Marcos 10:30, Lucas 18:30) Mas a "era vindoura" [αἰών ὁ μέλλων or ἐρχομένῳ] estava, como já vimos, para suceder a era ou æon existente [αἰών αὐτος, ὁ νὺν αἰών], isto é, o período da dispensação judaica, o fim do qual nosso Senhor declarou estar próximo. Concluímos, portanto, que a "regeneração", a "era vindoura" e a "Parousia" são virtualmente sinônimos ou, em todos os eventos, contemporâneos. A vinda do Filho do homem em Seu reino, ou em Sua glória, é distintamente afirmada como uma vinda para julgamento - "para recompensar a cada homem de acordo com suas obras; (Mateus 16:27) e Seu assentar no trono de Sua glória, na regeneração, é evidentemente um assentar para julgar. Nesse julgamento, os apóstolos deveriam ter a honra de ser assessores do Senhor, de acordo com Sua declaração - (Lucas 22:29, 30) "Eu designo para vocês um reino, como meu Pai designou para mim; para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos senteis em tronos, julgando as doze tribos de

Israel". Mas esta gloriosa vinda a julgamento é expressamente afirmada por nosso Senhor como estando dentro dos limites da geração então viva: "Há alguns aqui que não provarão a morte, até que vejam o Filho do homem vindo em seu reino". (Mateus 16:28) Não foi, portanto, nenhuma esperança longamente adiada e distante que Jesus ofereceu aos Seus discípulos. Não era uma perspectiva ainda vista de longe, na vaga perspectiva de um futuro indefinido. São Pedro e seus condiscípulos estavam plenamente cientes de que "o reino dos céus" estava próximo. Eles aprenderam com seu primeiro professor no deserto; eles haviam sido tranquilizados por seu Senhor e Mestre; eles haviam passado pela Galileia proclamando a verdade a seus compatriotas. Quando o Senhor, portanto, prometeu que no æon vindouro Seus apóstolos deveriam sentar-se em tronos, é concebível que Ele pudesse significar que eras após eras, séculos após séculos, e até mesmo milênio após milênio deviam rolar lentamente antes que eles colhessem suas prometidas honras? A herança da "vida eterna" e o "assentar sobre os doze tronos" ainda estão entre "as coisas que se esperam, mas não se veem" pelos discípulos? Certamente, tal hipótese se refuta. A promessa teria soado como zombaria para os discípulos se tivessem sido informados de que a apresentação seria tão adiada. Por outro lado, se concebermos a "regeneração" como contemporânea da Parousia, e a Parousia, com o fim da era judaica e a destruição da cidade e do templo de Jerusalém, temos um ponto definido de tempo, não muito distante, mas quase à vista dos homens vivos, quando o julgamento predito dos inimigos de Cristo, e a gloriosa recompensa de Seus amigos aconteceria.

INDICAÇÕES PROFÉTICAS DA APROXIMAÇÃO DA CONSUMAÇÃO DO REINO DE DEUS.

I. Parábola das Minas.

Lucas 19:11-27: "E, ouvindo eles estas coisas, ele prosseguiu, e contou uma parábola; porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o reino de Deus. Disse pois: Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois. E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu venha. Mas os seus concidadãos odiavam-no, e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós. E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que

lhe chamassem aqueles servos, a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando. E veio o primeiro, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas. E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade. E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas. E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades. E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço; Porque tive medo de ti, que és homem rigoroso, que tomas o que não puseste, e segas o que não semeaste. Porém, ele lhe disse: Mau servo, pela tua boca te julgarei. Sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que não pus, e sego o que não semeei; Por que não puseste, pois, o meu dinheiro no banco, para que eu, vindo, o exigisse com os juros? E disse aos que estavam com ele: Tirai-lhe a mina, e dai-a ao que tem dez minas. (E disseram-lhe eles: Senhor, ele tem dez minas.) Pois eu vos digo que a qualquer que tiver lhe será dado, mas ao que não tiver, até o que tem lhe será tirado. E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim".

Todos os leitores atentos da história do evangelho podem perceber o quanto os ensinamentos de nosso Senhor, quando Ele se aproximava do fim de Seu ministério, residiam no tema do julgamento vindouro. Quando falou esta parábola, ele estava a caminho de Jerusalém para celebrar a última Páscoa antes de sofrer; e é notável como muitos de seus discursos desde então parecem ser quase completamente absorvidos, não na própria morte que se aproxima, mas na iminente catástrofe da nação. Não só esta parábola das minas, mas o seu lamento por Jerusalém (Lucas 19:41); Sua maldição sobre a figueira (Mateus 21:19-21; Marcos 11:13-14); a parábola dos lavradores maus (Mateus 21:33-41; Marcos 12:1-9; Lucas 20:9-16); a parábola do casamento do filho do rei (Mateus 22:1-14); as aflições pronunciadas sobre aquela geração (Mateus 23:29-36); o segundo lamento por Jerusalém (Mateus 23:37-38); e o discurso profético no Monte das Oliveiras, tudo isso lida com esse assunto absorvente.

A consideração dessas indicações proféticas mostrará que a catástrofe antecipada por nosso Senhor não era um evento remoto, distante centenas e milhares de anos no futuro, mas uma cuja sombra já caiu sobre aquela época e aquela nação; e que as Escrituras não nos dão qualquer garantia para supor que qualquer outra coisa, ou qualquer coisa além disso, esteja incluída nas palavras de nosso Salvador.

A parábola das minas foi falada por nosso Senhor para corrigir uma expectativa equivocada da parte de Seus discípulos, de que "o reino de

Deus" estava para vir imediatamente. Não é surpreendente que eles tenham cometido esse erro. João Batista havia anunciado: "O reino de Deus está próximo". O próprio Jesus proclamou o mesmo fato e os encarregou de publicá-lo em todas as cidades e vilas da Galileia. Como israelitas patrióticos, eles se contorceram sob o jugo de Roma e ansiavam pelas antigas liberdades da nação. Como filhos piedosos de Abraão, eles desejavam ver todas as nações abençoadas nele. E havia outros sentimentos menos nobres que ocupavam suas mentes. Não era seu próprio Mestre o Filho de Davi - o Rei vindouro? O que eles não esperariam sendo Seus seguidores e amigos? Isso os fez disputar entre si o lugar de honra no reino. Isso deixou os filhos de Zebedeu ansiosos por garantir Sua promessa em lugares mais honrosos, à Sua direita e à Sua esquerda, onde assumiriam a soberania. E agora eles estavam se aproximando de Jerusalém. O grande festival nacional da Páscoa estava próximo; todo o Israel estava se reunindo para a Cidade Santa, e não havia um homem lá, mas estaria ansioso para ver Jesus de Nazaré. O que é mais provável do que que o entusiasmo popular colocaria seu Mestre no trono de Seu pai Davi? Como eles desejaram, eles acreditaram; e "eles pensaram que o reino de Deus apareceria imediatamente".

Mas o Senhor refreou suas esperanças entusiásticas e sugeriu, em uma parábola, que um certo intervalo deve decorrer antes do cumprimento de suas expectativas. Tomando um incidente bem conhecido da história judaica recente como base da parábola - a saber, a viagem de Arquelau a Roma, a fim de buscar do imperador a sucessão aos domínios de seu pai, Herodes, o Grande, ele o empregou como uma ilustração apropriada de Sua própria partida da terra, e Seu subsequente retorno em glória. Enquanto isso, durante o período de Sua ausência, Ele deu a Seus servos uma incumbência de se manter - "Ocupados até que eu venha". Era para eles serem diligentes e fiéis, até a volta de seu Senhor, quando os servos leais deveriam ser aplaudidos e recompensados, e Seus inimigos totalmente destruídos.

Nada pode ser melhor do que a explicação de Neander sobre esta parábola, embora, de fato, se possa dizer que ela se auto explica. No entanto, pode ser bom inserir suas observações. "Nesta parábola, em vista das circunstâncias em que foi proferida, e da catástrofe que se aproximava, são dadas indícios especiais da partida de Cristo da Terra,

sua ascensão, seu retorno para julgar a nação rebelde teocrática, e para consumar seu domínio, ele descreve um grande homem que viaja para o tribunal distante do poderoso imperador para receber autoridade de seus concidadãos e retornar com poder real, de modo que Cristo não foi imediatamente reconhecido em sua posição real, mas primeiro ele teve que deixar a terra, deixar seus agentes para avançar seu reino, ascender ao céu, ser nomeado rei teocrático, e retornar novamente para exercer o poder contestado".[1]

Esse é o ensino da parábola das libras. Mas, embora o reino de Deus não devesse aparecer no tempo preciso que os discípulos previram, não se segue que foi adiado *sine die*, e que a esperada consumação não ocorreria por centenas e milhares de anos. Isso seria falsificar as declarações mais expressas de Cristo e de Seu precursor. Como eles poderiam ter dito que o reino estava próximo, se ele não apareceria por séculos? Como pode-se dizer que um evento está próximo, se na verdade foi mais distante do que todo o período da economia judaica de Moisés a Cristo? O reino ainda pode estar próximo, embora não tão perto como os discípulos supunham. Era conveniente que seu Senhor "fosse embora", mas apenas por "um pouco", quando Ele voltaria para eles e viria "em Seu reino". Esta era a esperança em que viviam, a fé que pregavam; e não podemos pensar que sua fé e esperança eram uma ilusão.

II. Lamentação de Jesus sobre Jerusalém.

Lucas 19:41-44: "E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, Dizendo: Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos. Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados; E te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conheceste o tempo da tua visitação".

Aqui estamos em terreno que não é discutível. Esta profecia é clara e evidente como história. Nenhum defensor da teoria da interpretação de duplo sentido propôs encontrar aqui algo além de Jerusalém e sua desolação que se aproxima. Não é a conflagração da Terra, nem a dissolução da criação: é o cerco e a demolição da Cidade Santa, e a

[1] Life of Christ, § 239.

matança de seus cidadãos, historicamente cumprida em menos de quarenta anos - apenas isso, e nada mais. Mas por quê? Por que um duplo sentido não seria possível aqui, bem como na predição feita no Monte das Oliveiras? A resposta será, sem dúvida, porque aqui tudo é homogêneo e consecutivo; o Salvador está olhando para Jerusalém, falando de Jerusalém e predizendo um evento que aconteceria rapidamente. Mas isso também é o que acontece com a profecia de Mateus 24:1-51, onde os expositores encontram, às vezes Jerusalém, às vezes o mundo; às vezes o término da política judaica, e às vezes a conclusão da história humana; às vezes o ano 70 d.C., e às vezes um período ainda desconhecido. Veremos ainda que a profecia do Monte das Oliveiras não é menos consecutiva, não menos homogênea, não menos una e indivisível, do que esta clara e evidente predição da iminente destruição de Jerusalém. Se a teoria do duplo sentido fosse boa para alguma coisa, ela seria igualmente aplicável à previsão que temos diante de nós. Aqui, entretanto, seus próprios defensores o descartam; pois o bom senso se recusa a ver nessa lamentação comovente qualquer coisa além de Jerusalém, e somente Jerusalém.

III. Parábola dos Lavradores Maus.

Mateus 21:33-46:	Marcos 12:1-12:	Lucas 20:9-19:
"Ouvi, ainda, outra parábola: Houve um homem, pai de família, que plantou uma vinha, e circundou-a de um valado, e construiu nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se para longe. E, chegando o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos. E os lavradores, apoderando-se dos servos, feriram um, mataram outro, e	"E começou a falar-lhes por parábolas: Um homem plantou uma vinha, e cercou-a de um valado, e fundou nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e partiu para fora da terra. E, chegado o tempo, mandou um servo aos lavradores para que recebesse, dos lavradores, do fruto da vinha. Mas estes, apoderando-se dele, o feriram e o mandaram embora vazio. E tornou a	"E começou a dizer ao povo esta parábola: Certo homem plantou uma vinha, e arrendou-a a uns lavradores, e partiu para fora da terra por muito tempo; E no tempo próprio mandou um servo aos lavradores, para que lhe dessem dos frutos da vinha; mas os lavradores, espancando-o, mandaram-no vazio. E tornou ainda a mandar outro servo; mas

apedrejaram outro. Depois enviou outros servos, em maior número do que os primeiros; e eles fizeram-lhes o mesmo.

E, por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança. E, lançando mão dele, o arrastaram para fora da vinha, e o mataram. Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Dizem-lhe eles: Dará afrontosa morte aos maus, e arrendará a vinha a outros lavradores, que a seu tempo lhe dêem os frutos. Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isto, E é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma

enviar-lhes outro servo; e eles, apedrejando-o, o feriram na cabeça, e o mandaram embora, tendo-o afrontado. E tornou a enviar-lhes outro, e a este mataram; e a outros muitos, dos quais a uns feriram e a outros mataram.

Tendo ele, pois, ainda um seu filho amado, enviou-o também a estes por derradeiro, dizendo: Ao menos terão respeito ao meu filho. Mas aqueles lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo, e a herança será nossa. E, pegando dele, o mataram, e o lançaram fora da vinha. Que fará, pois, o senhor da vinha? Virá, e destruirá os lavradores, e dará a vinha a outros.

Ainda não lestes esta Escritura: A pedra, que os edificadores rejeitaram, Esta foi posta por cabeça de esquina; Isto foi feito pelo Senhor E é coisa maravilhosa aos nossos olhos?

eles, espancando também a este, e afrontando-o, mandaram-no vazio. E tornou ainda a mandar um terceiro; mas eles, ferindo também a este, o expulsaram.

E disse o senhor da vinha: Que farei? Mandarei o meu filho amado; talvez que, vendo, o respeitem. Mas, vendo-o os lavradores, arrazoaram entre si, dizendo: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, para que a herança seja nossa. E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o senhor da vinha? Irá, e destruirá estes lavradores, e dará a outros a vinha. E, ouvindo eles isto, disseram: Não seja assim!

Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto, pois, que está escrito? A pedra, que os edificadores reprovaram, Essa foi feita cabeça da esquina.

nação que dê os seus frutos. E, quem cair sobre esta pedra, despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó. E os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas palavras, entenderam que falava deles; E, pretendendo prendê-lo, recearam o povo, porquanto o tinham por profeta".	E buscavam prendê-lo, mas temiam a multidão; porque entendiam que contra eles dizia esta parábola; e, deixando-o, foram-se".	Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó. E os principais dos sacerdotes e os escribas procuravam lançar mão dele naquela mesma hora; mas temeram o povo; porque entenderam que contra eles dissera esta parábola".

Esta parábola, registrada em termos quase idênticos pelos sinópticos, dificilmente precisa ser interpretada. Sua referência local, pessoal e nacional é muito clara para ser questionada. A vinha é a terra de Israel; o senhor da vinha é o Pai; Seus mensageiros são Seus servos, os profetas; Seu único e amado Filho é o próprio Senhor Jesus; os lavradores são os judeus rebeldes e ímpios; a punição é a catástrofe vindoura na Parousia, quando, como Neander bem expressa, "a relação teocrática é rompida e o reino é transferido para outras nações que produzirão os frutos correspondentes".[1]

A aplicação desta parábola às pessoas do tempo de nosso Salvador é tão direta e explícita, que se poderia assumir que nenhum crítico teria que procurar um significado oculto ou uma referência adicional posterior. Os principais sacerdotes e os fariseus perceberam que "contra *eles* dissera esta parábola"; e eles estremeceram e fizeram um gesto de dor sob o chicote. Como podemos ver, está perfeitamente claro e inteligível; mas a exegese de um teólogo pode torná-lo realmente escuro e obscuro. Por exemplo, Lange comenta sobre Mateus 24:41: "A Parousia de Cristo é consumada em Sua última vinda, mas não é una com ela. Começa em princípio com a ressurreição; (João 16:16) continua como um poder através do período do Novo Testamento; (João 14:3-19) e é consumado

[1] Life of Christ, § 256.

no sentido mais estrito no advento final. (1 Coríntios 15:23, Mateus 25:31, 2 Tessalonicenses 2, etc.)".[1]

Aqui não temos uma *vinda*, nem *a* vinda de Cristo, mas não menos do que três vindas separadas e distintas, ou uma vinda de três tipos diferentes - uma vinda contínua que já dura quase dois mil anos, e pode continuar por mais dois mil, pelo que sabemos. Mas de tudo isso nenhuma dica é dada no texto, nem em qualquer outro lugar. É um adorno meramente humano, sem uma partícula de autoridade das Escrituras, e inventado em virtude da teoria de interpretação de duplo e triplo sentido.

Muito mais sóbria é a explicação de Alford: "Podemos observar que 'quando o Senhor vem' [ὅταν ἔλθη ὁ κύριος] *coincide com a destruição de Jerusalém*, que é incontestavelmente a derrubada dos lavradores ímpios. Esta passagem, portanto, constitui uma chave importante para as profecias de nosso Senhor, e uma justificativa decisiva para aqueles que, como eu, firmemente defendem que *a vinda do Senhor* deve, em muitos lugares, ser identificada, principalmente, com aquela destruição".[2] Deve-se lamentar que esta nota sóbria e sensata seja marcada pelas frases "em muitos lugares" e "principalmente", mas é, no entanto, uma admissão importante. Sem dúvida, encontramos aqui "uma chave importante para as profecias de nosso Senhor"; mas a *chave mestra* é a que já encontramos em Mateus 16:27, 28, e que serve para abrir, não apenas essa, mas muitas outras palavras sombrias nos oráculos proféticos.

IV. Parábola do Casamento do Filho do Rei.

Mateus 22:1-14: "Então Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho; E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, e estes não quiseram vir. Depois, enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas. Eles, porém, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio; E os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram. E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade. Então diz aos servos: As bodas, na verdade, estão

---

[1] Lange on St. Matt. p. 388.

[2] Alford, Greek Test. *in loc.*

preparadas, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, às saídas dos caminhos, e convidai para as bodas a todos os que encontrardes. E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados. E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste de núpcias. E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu. Disse, então, o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos".

Esta parábola tem uma forte semelhança com a da "Grande Ceia" contida em Lucas 14. É possível que as duas parábolas sejam apenas versões diferentes do mesmo original. A questão, no entanto, não afeta a discussão atual, e não pode ser provado que essas parábolas não foram proferidas em diferentes ocasiões. A moral de ambos é a mesma; mas a natureza da parábola registrada por São Mateus é mais claramente escatológica do que a de São Lucas. Ele aponta claramente para a vinda próxima do "reino dos céus". A vingança que o rei promoveu sobre os assassinos de seu filho e contra sua cidade é uma referência a vingança que veio sobre Jerusalém e aos judeus. Os exércitos romanos eram apenas os executores da justiça divina; e Jerusalém pereceu por causa dela e sua rebelião contra o seu rei.

Alford, em suas notas sobre essa parábola, embora reconhecendo uma referência parcial e primária a Israel e Jerusalém, descobre também que ela se estende muito além de seu alcance aparente, e é dividida em dois atos, o primeiro dos quais é passado, e termina com Mateus 22:10; enquanto um novo ato abre com Mateus 22:11, que ainda está no futuro. Isso implica que o julgamento de Israel e Jerusalém não proporciona um cumprimento completo e exaustivo das palavras de nosso Senhor. Por um lado, temos os ensinamentos do próprio Cristo - simples, claro e inequívoco; por outro lado, a especulação conjetural do crítico, sem uma centelha de evidência ou autoridade da palavra de Deus. Expor a parábola de acordo com seu significado histórico claro será ridicularizado por alguns como superficial, e pouco espiritual, e que devemos tentar encontrar neles significados ocultos, enigmas sombrios e profundos, profundidades místicas, que ninguém além de teólogos podem explorar, e que isso é uma visão crítica, uma percepção aguda, uma alta espiritualidade! Em nossa opinião, toda essa imitação de hipóteses e sentidos duplos humanos nas previsões de nosso Senhor é

totalmente incompatível com a crítica sóbria, ou com verdadeira reverência pela Palavra de Deus; não é crítica, mas misticismo; e obscurece a verdade em vez de esclarecê-la. Então, sob o risco de ser considerado superficial, nos apegaremos aos ensinamentos simples das palavras da Bíblia, entendendo que todas as especulações fantásticas e conjecturadas são de origem meramente humana, independentemente da erudição ou dignidade de onde eles vêm.

V. Ais denunciados aos Escribas e Fariseus.

Mateus 23:29-36:	Lucas 11:47-51:
"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos, E dizeis: Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o sangue dos profetas. Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno? Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade; Para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração".	"Ai de vós que edificais os sepulcros dos profetas, e vossos pais os mataram. Bem testificais, pois, que consentis nas obras de vossos pais; porque eles os mataram, e vós edificais os seus sepulcros. Por isso diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns, e perseguirão outros; Para que desta geração seja requerido o sangue de todos os profetas que, desde a fundação do mundo, foi derramado; Desde o sangue de Abel, até ao sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo; assim, vos digo, será requerido desta geração".

Será visto que São Lucas dá esta passagem como falada em uma conexão diferente e em uma ocasião diferente daquelas declaradas por São Mateus. Quer nosso Senhor tenha falado as mesmas palavras em duas ocasiões diferentes, ou se elas foram transpostas por São Lucas de sua conexão original, é uma questão difícil de determinar. A primeira

hipótese não parece provável e não se recomenda à mente crítica. Os "Apotegios" e breves parábolas, como "muitos são chamados, mas poucos são escolhidos", "os últimos serão os primeiros e os primeiros, últimos", pode ter sido repetido várias vezes; mas dificilmente se pode imaginar que discursos relacionados e detalhados, como o Sermão da Montanha, o discurso profético no Monte das Oliveiras e essa acusação contra os escribas e fariseus, foram repetidos palavra por palavra em diferentes ocasiões. É um erro, como já vimos, buscar estritamente cronológico ordem nas narrativas dos evangelistas: todos admitem que os evangelistas estão acostumados às vezes a agrupar fatos que têm uma relação natural, independentemente da ordem do tempo em que ocorreram.

Stier diz da cronologia de São Lucas em geral: "Duas coisas são suficientemente claras: primeiro, ele menciona ocorrências individuais sem considerar estritamente a cronologia, mesmo repetindo e intercalando algumas coisas registradas em outros lugares", etc.

Neander faz a seguinte observação sobre a passagem diante de nós: "este último discurso narrado por Mateus contém várias passagens narradas por Lucas na conversa da mesa (Lucas 11), assim Lucas insere *ali* este anúncio profético, cuja posição apropriada é encontrada em Mateus".[1] No entanto, não podemos concordar com a opinião de Neander, que "este discurso, como aparece em Mateus 23, contém muitas passagens faladas em outras ocasiões".[2] Nós achamos impossível ler o capítulo vinte e três de São Mateus sem perceber que é um discurso contínuo e relacionado, proferido em uma mesma ocasião, derivando suas diferentes partes e seguindo-se naturalmente. Sua própria estrutura, composta por sete desgraças,[3] pronunciado contra os hipócritas que fingiram ser santos mas que era os guias cegos do povo - e a ocasião solene em que foi pronunciada, sendo o discurso público de nosso Senhor - irresistivelmente obriga a conclusão de que é um todo completo, e que São Mateus nos dá a forma original do discurso.

---

[1] Life of Christ, § 253, note n.

[2] Life of Christ, § 253, note m.

[3] Tischendorf rejeita essa visão, que é omitido pelo Codice Sinaitico e Vaticano.

Mas a elucidação desta questão não é essencial para esta investigação. Muito mais importante é observar como nosso Senhor fecha seu ministério público em termos quase idênticos aos que seu antecessor dirigiu à mesma classe de pessoas: "Serpentes, geração de víboras, como vocês escaparão da condenação do inferno?". Isso não é coincidência fortuita: é evidentemente a adoção deliberada das palavras do Batista, quando ele falou da "ira vindoura". Israel rejeitou o severo apelo ao arrependimento que o segundo Elias havia feito e as ternas admoestações do Cordeiro de Deus. A medida de sua culpa estava quase cheia, e o "dia da ira" estava chegando rapidamente.

Mas o ponto que merece atenção especial é a aplicação particular deste discurso à época do Salvador. "Em verdade, eu digo a você: *Todas essas coisas virão sobre esta geração*". "Isso será exigido *desta geração*". Certamente não pode haver reivindicação aqui para uma referência primária e secundária. Nenhum expositor negará que essas palavras têm uma aplicação única e exclusiva à geração do povo judeu que então vivia na terra. Mesmo Dorner, que defende com mais veemência uma grande variedade de significados da palavra γενεὰ [geração], francamente admite que ela só pode se referir aqui aos contemporâneos de nosso Senhor: "Hoc ipsum hominum ævum,".[1] Esta é uma admissão de grande importância. Isso nos permite fixar o verdadeiro significado da frase, "Esta geração" [ἡ γενεὰ αὕτη], que desempenha um papel tão importante em várias das predições de nosso Senhor, e notavelmente na grande profecia falada no Monte das Oliveiras. Na passagem diante de nós, as palavras são incapazes de qualquer outra aplicação senão para a *geração existente* da nação judaica, que é representada por nosso Senhor como herdeira de todas as gerações anteriores, herdando a depravação e rebeldia do caráter nacional, e fadado a perecer no dilúvio de ira que vinha se acumulando através dos séculos e que estava prestes a submergir a terra culpada.

[1] Veja Dorner's tractate, De Oratione Christi Eschatologica, p. 41.

VI. Lamentação (segunda) de Jesus sobre Jerusalém.

Mateus 23:37-39:

"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta; Porque eu vos digo que desde agora me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor".

Lucas 13:34-35:

"Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste? Eis que a vossa casa se vos deixará deserta. E em verdade vos digo que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor".

Aqui, novamente, temos outro exemplo dessas discrepâncias na história do Evangelho que causa perplexidade aos harmonistas. São Lucas registra este apóstrofo em um relacionamento bastante diferente de São Mateus. No entanto, dificilmente podemos assumir que esses *ipsissima verba* foram pronunciados em mais de uma ocasião, ou seja, aqueles especificados por São Mateus. Dorner diz: "Que estas palavras: 'Eis que a tua casa se deixará deserta' etc, foram ditas por Cristo, não onde Lucas, mas onde Mateus as coloca, as próprias palavras mostram; pois eles foram falados quando nosso Senhor estava saindo do templo para não voltar mais a ele até que viesse a julgamento".[1] Lange diz que a passagem é colocada mais cedo por São Lucas "por razões pragmáticas". Em qualquer caso, podemos considerar corretamente as palavras pronunciadas na ocasião indicada por São Mateus.

Como tal, sua colocação é mais sugestiva. Esta admoestação patética mitiga a gravidade das acusações anteriores e encerra o ministério de nosso Senhor com uma explosão de ternura humana e compaixão divina. Como o Dr. Lange diz: "O Senhor lamenta sobre sua própria Jerusalém arruinada... Toda a sua peregrinação na terra foi agitada pela angústia sobre Jerusalém, como a galinha que vê a águia ameaçadora no céu, e ansiosamente tenta reunir seus filhotes sob suas asas. Com tanta angústia, Jesus viu as legiões romanas se aproximando para julgar os filhos de Jerusalém, e tentou salvá-los com as mais fortes solicitações de

[1] Dorner, Orat. Cristo. Esch. p. 43.

amor, mas em vão. Eles eram como crianças mortas para a voz do amor materno".[1]

É necessário dizer que aqui está Jerusalém, e somente Jerusalém? Não há ambiguidade, nenhuma referência dupla, nenhuma realização próxima e última concebível aqui. Um pensamento, um sentimento, um objeto encheu o coração de Jesus - Jerusalém, a cidade de Deus, o amado, o culpado, o condenado! Seu destino agora estava quase selado, e o coração de nosso Salvador se contraiu de angústia ao se despedir dela pela última vez.

Mas como devemos entender as palavras finais: "Você não me verá mais, até que você diga: 'Bem-aventurado aquele que vem em nome do Senhor'? Esta frase: "Bem-aventurado o que vem em nome do Senhor" é a fórmula reconhecida usada pelos judeus quando se fala da vinda do Messias - a saudação messiânica: equivalente a "Salve, ungido de Deus". Geralmente é suposto ter sido adotado do Salmo 118:26; Portanto, chegaria um momento em que essa saudação seria apropriada. O Senhor que deixou o templo retornaria ao seu templo mais uma vez. Mais do que isso, *essa mesma geração testemunharia esse retorno.* Isto está claramente implícito na forma da linguagem de nosso Salvador: "*Você* não me verá novamente até que *você* diga" etc. - essas palavras ficariam desprovidas de metade do seu significado se as pessoas referidas na primeira parte da frase não fossem as mesmas que as referidas na segunda parte. Nada pode ser mais claro e explícito do que a referência do princípio ao fim ao povo de Jerusalém, os contemporâneos de Cristo. Eles e Ele se encontrariam novamente; e o Messias, o Senhor a quem professavam buscar com tanto entusiasmo, viria repentinamente ao seu templo, de acordo com as palavras do profeta Malaquias. Eles esperavam essa vinda como um evento que fosse recebido com alegria; mas seria de um jeito muito diferente. "E quem pode suportar o tempo de sua vinda, ou quem pode suportar quando se manifestar?" Aquele dia traria a desolação da casa de Deus, a destruição de sua existência nacional, a eclosão da ira contida de Deus sobre Israel. Este foi o retorno, o reencontro, a reunião, à qual o Salvador alude aqui. E esta não é a mesma coisa que Ele havia declarado repetidas vezes? Não disse Ele muito

[1] Comm. on Matt, p. 416.

recentemente que "sobre *esta geração*" viriam as sete aflições que Ele acabara de pronunciar? (Mateus 23:36) Não teria Ele afirmado solenemente que alguns dos que então viviam veriam o Filho do homem vindo em glória, com seus anjos, "para dar a cada um de acordo com suas obras" - isto é, vindo para julgar? É possível adotar a estranha hipótese de alguns comentadores notáveis, que nestas palavras nosso Senhor quer dizer que Ele nunca mais seria visto por aqueles a quem Ele falou, até um Israel convertido e cristão, em alguma era muito distante do tempo, estava preparado para recebê-lo como Rei de Israel? Isso seria de fato tomar liberdades injustificáveis com as palavras da Escritura. Nosso Senhor não diz, *você* não vai me ver até que *eles* digam, ou, até que *outra geração* diga; mas, até que *vocês* digam, etc. De maneira alguma segue-se que, porque a saudação messiânica é citada aqui, as pessoas que deveriam usá-lo estavam qualificadas para entrar em seu verdadeiro significado. Essas mesmas palavras foram gritadas pelas multidões nas ruas de Jerusalém apenas um dia ou dois antes, e ainda assim foram transformadas em "Crucifica-o! crucifica-o!" em um espaço muito breve. Essas palavras simplesmente denotam o fato de sua vinda. Os homens infelizes a quem nosso Salvador falou não podiam adotar a saudação messiânica em seu verdadeiro e mais elevado sentido; eles nunca diriam "Bem-aventurado é ele", etc., mas testemunhariam Sua vinda - a vinda com a qual aquela fórmula estava indissoluvelmente associada, isto é, a Parousia.

VII. A Profecia do Monte das Oliveiras.

A VINDA DO FILHO DO HOMEM [A PAROUSIA] ANTES DE PASSAR ESTA GERAÇÃO.

Agora entramos na consideração de longe mais completa e explícita das declarações proféticas de nosso Senhor a respeito de Sua vinda e dos solenes acontecimentos a ela relacionados. O discurso, ou conversa, no Monte das Oliveiras é a grande profecia do Novo Testamento, podendo ser, com propriedade, chamado de Apocalipse dos Evangelhos. Da interpretação deste discurso profético dependerá a correta compreensão das predições contidas nos escritos apostólicos; pois pode-se quase dizer que não há nada nas Epístolas que não esteja já nos Evangelhos. Esta

profecia de nosso Salvador é o grande depósito ou reserva de onde são principalmente derivadas as declarações proféticas dos apóstolos.

A visão comumente aceita da estrutura deste discurso, que é quase tida como certa, tanto pelos expositores quanto pela generalidade dos leitores, é que nosso Senhor, ao responder à pergunta de Seus discípulos a respeito da destruição do templo, confunde com esse evento a destruição do mundo, o julgamento universal e a consumação final de todas as coisas. Imperceptivelmente, supõe-se, a profecia desliza da cidade e do templo de Jerusalém, e seu destino iminente no futuro imediato, para outra catástrofe infinitamente mais tremenda em um futuro distante e indefinido. Tão misturadas, entretanto, estão as alusões - ora a Jerusalém e ora ao mundo em geral; ora para Israel e ora para a raça humana; ora para eventos próximos e ora para eventos indefinidamente remotos; que distinguir e alocar as várias referências e tópicos, é extremamente difícil, senão impossível.

"Em harmonia com o estilo apocalíptico, Jesus exibiu os julgamentos de Sua vinda em uma série de ciclos, cada um dos quais retrata todo o futuro, mas de tal maneira, que a cada novo ciclo a cena parece aproximar-se e se assemelhar mais a catástrofe final. Assim, o primeiro ciclo delineia todo o curso do mundo até o fim, em suas características gerais. (Mateus 24:4-14) O segundo dá os sinais da aproximação da destruição de Jerusalém, e pinta essa destruição em si como um sinal e um começo do julgamento do mundo, que a partir daquele dia prossegue em dias silenciosos e reprimidos de julgamento até o último dia. (Mateus 24:15-28) O terceiro descreve o fim repentino do mundo e o julgamento que se segue. (Mateus 24:29-44) Segue-se uma série de parábolas e semelhanças, nas quais o Senhor pinta o próprio julgamento, que se desdobra em uma sucessão orgânica de vários atos. No último ato, Cristo revela Sua majestade judicial universal. (Mateus 24:45-51) exibe o julgamento sobre os servos de Cristo ou o clero. (Mateus 25:1-13) (as virgens sábias e tolas) exibe o julgamento sobre a Igreja, ou o povo. Em seguida, segue o julgamento sobre os membros individuais da Igreja. (Mateus 25:14-30) Finalmente, (Mateus 25:31-46) introduz o julgamento universal do mundo".[1]

Não é muito diferente o esquema proposto por Stier, que encontra três tipos diferentes de vinda Cristo que se abrangem em perspectiva:

"1. A vinda do Senhor para julgar o judaísmo. 2. Sua vinda para julgar o cristianismo anti-cristão degenerado. 3. Sua vinda para o

[1] Lange, Comm. on Matt. p. 418.

julgamento de todas as nações pagãs - o julgamento final do mundo, todos os quais juntos são a volta de Cristo, e com respeito à sua semelhança e diversidade são registrados de forma mais exata da boca de Cristo por Mateus".[1]

Esse é o esquema elaborado e complicado adotado por alguns expositores; mas há objeções óbvias e graves a ela, que, quanto mais forem consideradas, parecerão mais formidáveis, senão fatais.

1. Uma objeção pode ser feita, *in limine*, aos princípios envolvidos neste método de interpretação das Escrituras. Devemos procurar significados duplos, triplos e múltiplos, para profecias dentro de profecias e mistérios envoltos em mistérios, onde poderíamos razoavelmente esperar uma resposta clara a uma pergunta simples? Alguém pode ter certeza de compreender as Escrituras se elas são enigmáticas e obscuras? É assim que o Salvador ensinou seus discípulos, deixando-os a tatear e investigar o caminho através de intrincados labirintos, que, irresistivelmente, sugerem astronomia ptolemaica - "Ciclo e epiciclo, orbe em orbe"? Certamente, uma revelação tão ambígua e obscura dificilmente pode ser chamada revelação, e mais parece um oráculo de Delphi, ou uma sibila de Cumas, do que o ensino dAquele que o povo comum ouviu com alegria.[2]

2. Dificilmente se pretendia que, se a exposição de Lange e Stier estivesse correta, os discípulos que ouviram as declarações de Jesus no Monte das Oliveiras pudessem ter compreendido ou seguido o desvio de seu discurso. Eles eram sempre lentos em entender as palavras do Mestre; mas seria dar-lhes crédito demais por uma penetração surpreendente, supor que eles conseguiram abrir caminho através de um labirinto de inúmeros caminhos, estendendo-se através de "uma série de ciclos, cada um dos quais retratando todo o futuro, mas de tal maneira que a cada novo ciclo, a cena parece se aproximar e se assemelhar mais à catástrofe final". Para o leitor comum, não é fácil seguir esse engenhoso esquema tortuoso; Mas é claro que os discípulos devem ter se sentido irremediavelmente confundidos no meio de uma avalanche de crises e catástrofes desde a queda de Jerusalém até o fim do mundo. Talvez nos

---

[1] Stier. Rede. Jes. vol. iii. 251.

[2] Veja a Nota A, Parte I, sobre a Teoria da Interpretação do Duplo Sentido.

seja dito, no entanto, que isso não significa que os discípulos entendessem ou não a resposta de nosso Senhor: não era para eles que Ele estava falando; foi para as eras futuras, para gerações ainda não nascidas, que estavam destinadas, no entanto, a considerar a interpretação da profecia como embaraçosa para eles como era para os ouvintes originais. Não há palavras fortes demais para repudiar tal sugestão. Os discípulos foram ao seu Mestre com uma pergunta simples e sincera, e é incrível supor que Ele os ridicularizou, dando-lhes um enigma ininteligível. Deve ser assumido que o Salvador queria que seus discípulos compreendessem suas palavras, e deve-se assumir que eles entenderam.

3. A interpretação que estamos considerando parece fundar-se em uma compreensão equivocada da pergunta feita a nosso Senhor pelos discípulos, bem como de Sua resposta à pergunta deles.

É geralmente assumido que os discípulos vieram ao nosso Senhor com três perguntas diferentes, relativas a diferentes eventos separados uns dos outros por um longo intervalo de tempo; que a primeira pergunta: "Quando serão *estas coisas*?" Tinha referência à destruição que se aproximava do templo; que a segunda e terceira pergunta - "Qual será o sinal da *tua vinda* e do *fim do mundo*?"- referiu-se a eventos muito posteriores à destruição de Jerusalém e, de fato, ainda não cumpridos. Supõe-se que a resposta de nosso Senhor se conforma a essa tríplice investigação e que isso dá forma a todo o seu discurso. Agora, deve-se considerar como absolutamente improvável, se não impossível, que os discípulos tinham esse esquema mapeado em suas mentes. Sabemos que eles haviam acabado de ficar chocados e atordoados com a predição de seu Mestre sobre a destruição total da gloriosa casa de Deus, para a qual haviam olhado tão recentemente com admiração. Eles ainda não tiveram tempo de se recuperar de sua surpresa, quando vieram a Jesus com a pergunta: "Quando serão essas coisas?", etc. Não é razoável supor que apenas um pensamento os possuísse naquele momento - a terrível calamidade que aguardava a magnífica estrutura, glória e beleza de Israel? Esse foi um momento em que suas mentes estariam ocupadas com um futuro distante? Não deveria toda a sua alma estar concentrada no destino do templo? e eles não deveriam estar ansiosos para saber que provas seriam dadas da aproximação da catástrofe? Se eles conectaram

em sua imaginação a destruição do templo com a dissolução da criação e o encerramento da história humana, é impossível dizer; mas podemos concluir com segurança que o pensamento mais importante em suas mentes era o anúncio que o Senhor acabara de fazer: "Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada". Pela ensino do Salvador, eles devem ter deduzido que a catástrofe era iminente; e sua ansiedade era conhecer o momento e os sinais de sua chegada. São Marcos e São Lucas fazem a pergunta dos discípulos se referirem a apenas um *único* evento e para se cumprir em uma única hora - "Quando estas coisas acontecerão e qual será o sinal quando todas estas coisas forem cumpridas?" Não é apenas presumível, portanto, mas indubitável, que as perguntas dos discípulos se referem apenas a *diferentes aspectos de um mesmo grande acontecimento*. Isso harmoniza as declarações de São Mateus com as dos outros evangelistas e é claramente exigido pelas circunstâncias do caso.

4. A interpretação que estamos discutindo também se baseia em uma concepção errônea e enganosa da expressão "fim do mundo (era)" [συντέλεια τοῦ αἰῶνος]. Não é de se admirar que leitores do Novo Testamento que conhecem apenas o inglês suponham que essa frase realmente signifique a destruição do mundo material; mas tal erro não deveria receber aprovação de homens instruídos. Já tivemos ocasião de observar que o verdadeiro significado de αἰών não é mundo, mas era; que, assim como seu equivalente latino ævum, refere-se a um período de tempo. Assim, "o fim da era" [συντέλεια τοῦ αἰῶνος] significa o fechamento de uma época ou era, isto é, a era ou dispensação judaica, que estava se aproximando do seu fim, como nosso Senhor frequentemente indicava. Todas as passagens que falam sobre "o fim" [τὸ τέλος], "o fim da era" ou "os fins das eras" [ἡ συντέλεια τοῦ αἰῶνος, τὰ τέλη τῶν αἰώνων] referem-se à mesma consumação, e sempre como iminente. Em 1 Coríntios 10:11, São Paulo diz: "Os fins das eras chegaram até nós"; dando a entender que ele considerava a si mesmo e a seus leitores como vivendo próximos à conclusão de um æon ou era. Da mesma forma, na Epístola aos Hebreus encontramos a notável expressão: "Agora, uma vez, no fim das eras (traduzido erroneamente como fim do mundo), manifestou-se para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hebreus 9:26); o que mostra claramente que o escritor

considerava a encarnação de Cristo como ocorrendo perto do fim do æon ou do período dispensacional. Supor que ele quisesse dizer que estava próximo o fim do mundo, ou a destruição do globo material, seria fazê-lo escrever história falsa e gramática incorreta. Isso não seria verdadeiro em fato; pois o mundo já durou mais, desde a encarnação, do que toda a duração da economia mosaica, desde o êxodo até a destruição do templo. É, portanto, inútil afirmar que "o fim da era" possa significar um período prolongado, estendendo-se desde a encarnação até os nossos dias, e até muito além deles. Isso seria um æon, e não o fim de um æon. O æon da qual nosso Senhor falava estava prestes a encerrar-se em uma grande catástrofe; e uma catástrofe não é um processo prolongado, mas um ato decisivo e culminante. Somos, portanto, compelidos a concluir que o "fim da era", ou συντέλεια τοῦ αἰῶνος, refere-se exclusivamente ao iminente encerramento da era ou dispensação judaica

5. Pode-se de fato objetar que, mesmo admitindo que os apóstolos tenham sido ocupados exclusivamente com o destino do templo e os eventos de seu próprio tempo, não há razão para que o Senhor não ultrapasse os limites de sua visão, e estenda um olhar profético para um futuro distante. Não há dúvida de que ele era competente para fazê-lo; mas, nesse caso, devemos esperar alguma sugestão desse fato; uma linha bem definida entre o futuro imediato e o indefinidamente remoto. Se o Salvador mudou de assunto, de Jerusalém e seu dia de condenação, para o mundo e seu dia de julgamento, seria razoável buscar uma frase como "Depois de muitos dias", ou "Isso acontecerá depois dessas coisas", que marcará a transição. Mas, em vão, buscamos alguma indicação desse tipo. As tentativas dos expositores de traçar linhas de transição nesta profecia, mostrando onde ele deixa de falar sobre Jerusalém e Israel e passa a falar sobre eventos remotos e de gerações que ainda não nasceram, são inteiramente insatisfatórias. Nada pode ser mais arbitrário do que as divisões que se destinam a ser estabelecidas; eles não suportam um exame cuidadoso e são incompatíveis com as afirmações expressas da própria profecia. Acredita-se que alguns expositores encontram uma marca de transição em Mateus 24:29, onde as próprias palavras do Senhor tornam a própria ideia totalmente inadmissível por Sua própria nota do tempo - "*Imediatamente*"! Se, diante de tal autoridade, uma sugestão tão precipitada pode ser proposta, o que não se pode esperar em

casos menos marcados? Mas, na verdade, todas as tentativas de estabelecer divisões e transições imaginárias na profecia fracassam notoriamente. Que qualquer leitor justo e franco julgue o esquema do Dr. Lange, que pode ser tomado como um representante da escola de expositores de duplo sentido, em sua distribuição deste discurso de nosso Senhor, e diga se é possível discernir qualquer traço de uma divisão natural, onde ele desenha linhas de transição. Sua primeira seção, de Mateus 24:4-14, ele intitula:

"Sinais, e a manifestação do fim do mundo em geral."

O que!? É concebível que nosso Senhor, quando está prestes a responder aos corações ansiosos e palpáveis, cheio de ansiedade sobre as calamidades que Ele lhes disse serem iminentes, deva começar falando do "fim do mundo em geral"? Eles pensaram sobre o templo e o futuro imediato: Ele falaria do mundo e do tempo indefinidamente remoto? Mas existe alguma coisa nesta primeira seção que não é aplicável aos próprios discípulos e ao seu tempo? Há algo que realmente não aconteceu em seu próprio tempo? "Sim", será dito: "o evangelho do reino ainda não foi pregado ao mundo inteiro como testemunho de todas as nações". Mas temos o mesmo fato atestado por São Paulo - Colossenses 1:5, 6; "A verdadeira palavra do evangelho, que veio até você, assim como para o mundo inteiro" etc; e novamente - Colossenses 1:23; "O evangelho que você ouviu, que é pregado a toda criatura que está sob o céu". Houve, então, na era dos apóstolos, uma difusão mundial do evangelho para satisfazer as predições do Salvador - "O evangelho do reino será pregado em todo o mundo" [οἰκουμένῃ].

Mas a objeção decisiva a este esquema é que toda a passagem é evidentemente dirigida aos *discípulos* e fala do que *eles* verão, *eles* farão e *eles* sofrerão; o todo cai dentro de sua própria observação e experiência, e não pode ser falado para uma audiência invisível em uma era distante no futuro, que ainda não apareceu na Terra.

A próxima divisão de Lange, composta por Mateus 24:15-22, é intitulado:

"Sinais do fim do mundo em particular: (a) A destruição de Jerusalém".

Sem parar para investigar a relação dessas ideias, é satisfatório encontrar Jerusalém finalmente introduzida. Mas quão antinatural a transição do "fim do *mundo*" de volta para a invasão da Judeia e o cerco de Jerusalém! Poderia um salto tão súbito e imenso ter sido possivelmente feito pelos discípulos? Poderia ser inteligível para eles, ou só é inteligível agora? Mas marque o ponto de transição, conforme fixado por Lange, em Mateus 24:15: "Portanto, quando você vê a abominação da desolação", etc. Isso, certamente, não é *transição*, mas *continuidade*: tudo o que precede leva até este ponto; as guerras, fomes, pestes, perseguições e martírios foram todos preparatórios e introdutórios do "*fim*"; isto é, até a catástrofe final que ocorreria na cidade, no templo e na nação de Israel.

Em seguida segue um parágrafo de Mateus 24:23-28, que Lange chama:

"(b) Intervalo de julgamento parcial e suprimido".

Este título é em si um exemplo de exposição fantasiosa e arbitrária. Há algo de incongruente e contraditório nas próprias palavras. Um dia de julgamento implica publicidade e manifestação, não silêncio e supressão. Mas qual pode ser o significado de "dias de julgamento silenciosos e reprimidos", que vão desde a destruição de Jerusalém até o fim do mundo? Se isso significa que há um sentido em que Deus está sempre julgando o mundo, isso é um truísmo que pode ser afirmado para qualquer período, antes e também depois da destruição de Jerusalém. Mas a parte mais questionável desta exposição é o tratamento violento da palavra "*então*" [τὸτέ]. (Mateus 24:23) Lange diz: "Então (Isto é, no tempo entre a destruição de Jerusalém e o fim do mundo)". Certamente, um prodigioso "*então*"; Isso não é mais um ponto do tempo, mas um æon - um período vasto e indefinido; e durante todo esse tempo as declarações no parágrafo, Mateus 24:23-28, devem estar em curso de cumprimento. Mas quando nos voltamos para a profecia em si não encontramos nenhuma mudança de assunto, nenhuma quebra na continuidade do discurso, nenhum indício de qualquer transição de uma época para outra. A nota do tempo, "*então*" [τὸτέ], é decisiva contra

qualquer hiato ou transição. Nosso Salvador está colocando os discípulos em guarda contra os enganadores e impostores que infestariam os últimos dias da comunidade judaica; e diz a eles: "*Então*" (Isto é, naquele tempo, na agonia da guerra judaica) "se alguém vos disser: 'Eis aqui o Cristo, ou ali não credes'". É Jerusalém, sempre Jerusalém, e somente Jerusalém, que nosso Senhor fala aqui.

Finalmente chegamos a:

"O verdadeiro fim do mundo." (versos 24-31)

Tendo feito a transição do "fim do mundo para trás até a destruição de Jerusalém, o processo agora é revertido, e há outra transição, da destruição de Jerusalém para o 'verdadeiro fim do mundo'". Este fim real é colocado após a aparição daqueles falsos cristos e falsos profetas contra os quais os discípulos foram avisados. Essa alusão aos "falsos cristos" deveria ter salvado o crítico do erro em que ele caiu e indicar claramente o período a que a previsão se refere. Mas onde há qualquer sinal de divisão ou transição aqui? Não há nenhum vestígio ou sinal de qualquer: ao contrário, a linguagem expressa de nosso Senhor exclui a ideia de qualquer intervalo em tudo; pois Ele diz: "*Imediatamente* após a tribulação daqueles dias", etc. Esta nota de tempo é decisiva, e proíbe de modo absoluto a suposição de qualquer quebra ou hiato na continuidade de Seu discurso.

Mas fomos longe o suficiente na demonstração do tratamento arbitrário e acrítico que essa profecia recebeu, e fomos traídos pela exegese prematura de alguma parte de seu conteúdo. O que defendemos é a *unidade e continuidade de todo o discurso*. Desde o início do vigésimo quarto capítulo de São Mateus até o final do vigésimo quinto, é *um* e *indivisível*. O tema é a aproximação da consumação da era, com seus acontecimentos acompanhantes e concomitantes; as desgraças que deveriam sobrevir àquela "geração perversa", compreendendo a invasão dos exércitos romanos, o cerco e a captura de Jerusalém, a destruição total do templo, as terríveis calamidades do povo. Junto com isso encontramos a verdadeira Parousia, ou a vinda do Filho do homem, a imposição judicial da ira divina sobre os impenitentes e a libertação e recompensa dos fiéis. Do começo ao fim, esses dois capítulos formam

um discurso contínuo, consecutivo e homogêneo. Portanto, deve ter sido considerado pelos discípulos, a quem foi dirigido; e assim, na ausência de qualquer dica ou indicação em contrário no registro, nos sentimos obrigados a isso.

6. Em conclusão, não podemos deixar de advertir para outra consideração, a qual estamos convencidos ter muito a ver com a interpretação errônea desta profecia, a saber, a apreciação inadequada da importância e grandeza do evento que forma seu fardo - a consumação da era e a revogação da dispensação judaica.

Esse foi um evento que marcou uma época no governo divino do mundo. A economia mosaica, que havia sido introduzida com pompa e grandeza em meio aos trovões e relâmpagos do Sinai, que existiu por quase dezesseis séculos, que tinha sido o meio divinamente instituído de comunicação entre Deus e o homem, e que se destinava a realizar um reino de Deus na terra - provou ser um fracasso comparativo devido à incapacidade moral do povo de Israel, e estava condenado a chegar ao fim em meio à mais terrível demonstração da justiça e da ira de Deus. O templo de Jerusalém, por séculos a glória e a coroa do Monte Sião, - o santuário sagrado, em cujo lugar sagrado Jeová gostava de habitar - a casa sagrada e bela, que era o paládio da segurança da nação, e mais cara que a vida a cada filho de Abraão, - estava prestes a ser profanado e destruído, para que nenhuma pedra ficasse sobre a outra. O povo escolhido, os filhos e amigos de Deus, a nação favorecida, com a qual o Deus de toda a terra se dignou a fazer uma aliança e ser chamado de seu Rei, seriam subjugados pelas mais terríveis calamidades que já aconteceram a um nação; deviam ser expatriados, privados de sua nacionalidade, excluídos de sua relação antiga e peculiar com Deus, e expulsos como errantes na face da terra, um provérbio e assobio entre todas as nações. Mas junto com tudo isso, haveria mudanças para melhor. Em primeiro lugar, e principalmente, o encerramento do æon seria a inauguração do reino de Deus. Deveria haver honra e glória para os verdadeiros e fiéis servos de Deus, que então entraria na posse total da herança celestial. (Isso será mais completamente desenvolvido na sequência de nossa investigação.) Mas também deveria haver uma mudança gloriosa neste mundo. O velho abriu espaço para o novo; a Lei foi substituída pelo Evangelho; Moisés foi substituído por Cristo. O

sistema estreito e exclusivo, que abrangia apenas um único povo, foi sucedido por uma nova e melhor aliança, que abrangia toda a família do homem, e não conhecia diferença entre judeus e gentios, circuncidados e incircuncisos. A dispensação de símbolos e cerimônias, adequada à infância da humanidade, foi fundida em uma ordem de coisas na qual a religião se tornou um serviço espiritual, cada lugar um templo, cada adorador um sacerdote e Deus o Pai universal. Esta foi uma revolução muito maior do que qualquer outra que já ocorrera na história da humanidade. Isso fez um novo mundo; "mundo vindouro", o "οἰκουμένῃ μέλλουσα" de Hebreus 2:5; e a magnitude e importância da mudança é impossível superestimar. É isso que dá tanto significado à derrubada do templo e à destruição de Jerusalém: estes são os sinais externos e visíveis da revogação da velha ordem e da introdução da nova. A história do cerco e da captura da Cidade Santa não é simplesmente um episódio histórico emocionante, como o cerco de Tróia ou a queda de Cartago; não é apenas a cena final nos anais de uma nação antiga; tem um significado sobrenatural e divino; tem uma relação com Deus e a raça humana e marca uma das épocas mais memoráveis. Esta é a razão pela qual o evento é falado nas Escrituras em termos que para alguns parecem sobrecarregados, ou para exigir alguma catástrofe maior para explicá-los. Mas se fosse apropriado que a introdução dessa economia fosse sinalizada por presságios e maravilhas, terremotos, relâmpagos, trovões e toques de trombeta - não era menos adequado que ela ocorresse em meio a fenômenos semelhantes, "visões terríveis e grandes sinais do céu". Se o verdadeiro significado e grandeza do evento tivessem sido melhor apreendidos pelos expositores, eles não teriam achado a linguagem com o qual nosso Senhor o descreve extravagante ou exagerada.[1]

Estamos agora preparados para entrar em um exame mais particular do conteúdo deste discurso profético; o qual nos esforçaremos para fazer da forma mais concisa possível.

---

[1] "O fim do αἰών judaico no primeiro século e do αἰών romano no quinto e sexto foram narrados pela mesma ocorrência de calamidades, guerras, tumultos, pestilências, terremotos, etc., todos marcando o tempo de julgamento divino. Pela mesma crença na conexão física com a convulsão moral, ver Niebuhr, Leben's Nachrichten, ii: p. 167." Dr. Arnold: Veja "Life by Stanley", vol. i, p. 311.

A PROFECIA NO MONTE EXAMINADA.

I. Interrogatório dos Discípulos.

Mateus 24:1-3:	Marcos 13:1-4:	Lucas 21:5-7:
"E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo.	"E, saindo ele do templo, disse-lhe um dos seus discípulos: Mestre, olha que pedras, e que edifícios!	"E, dizendo alguns a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse:
Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada.	E, respondendo Jesus, disse-lhe: Vês estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada.	Quanto a estas coisas que vedes, dias virão em que não se deixará pedra sobre pedra, que não seja derrubada.
E, estando assentado no Monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos em particular, dizendo: Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?".	E, assentando-se ele no Monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, e Tiago, e João e André lhe perguntaram em particular: Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para se cumprir".	E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, quando serão, pois, estas coisas? E que sinal haverá quando isto estiver para acontecer?".

Podemos conceber a surpresa e consternação sentida pelos discípulos quando Jesus lhes anunciou a completa destruição que estava chegando sobre o templo de Deus, cuja beleza e esplendor excitaram sua admiração. Não é surpreendente que quatro deles, que parecem ter sido admitidos em uma familiaridade mais íntima do que o restante, buscaram informações mais completas sobre um assunto tão intensamente interessante. O único ponto que requer esclarecimentos aqui refere-se à extensão de seu interrogatório. São Marcos e São Lucas a apresentam como referente ao tempo da catástrofe prevista e ao sinal de seu cumprimento ocorrendo. São Mateus varia na forma da questão, mas é evidente que tem o mesmo significado: "Conte-nos, quando serão essas coisas, e qual será o sinal de sua vinda e do fim do mundo?" Aqui

também é o tempo e o sinal o que forma o assunto da questão. Não há nenhuma razão para supor que em suas mentes considerassem a destruição do templo, a vinda do Senhor e o fim da era, como três eventos distintos ou amplamente separados; mas, pelo contrário, é bastante natural supor que todos foram considerados coincidentes e contemporâneos. Que ideias precisas eles entretinham em relação ao fim da era e aos eventos com os quais estão conectados, nós não sabemos exatamente; mas sabemos que eles estavam acostumados a ouvir seu Mestre falar sobre a Sua vinda em Seu reino, em Sua glória durante o tempo que alguns que ali estavam com Ele ainda estariam vivos. Eles também o ouviram falar do "fim da era"; e eles evidentemente conectaram Sua "vinda" com o fim da era. Portanto, os três pontos abordados por sua pergunta, como apresentado por São Mateus, foram considerados por eles como contemporâneos; portanto, não encontramos diferença prática nos termos da pergunta dos discípulos, conforme registrado pelos autores dos evangelhos sinópticos.

II. Resposta de Nosso Senhor aos Discípulos.

(a) Eventos que de forma mais remota deveriam preceder a Consumação.

Mateus 24:4-14:	Marcos 13:5-13:	Lucas 21:8-19:
"E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane; Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e	"E Jesus, respondendo-lhes, começou a dizer: Olhai que ninguém vos engane; Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. E, quando ouvirdes de guerras e de rumores de guerras, não vos perturbeis; porque assim deve acontecer; mas ainda não será o fim. Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá	"Disse então ele: Vede não vos enganem, porque virão muitos em meu nome, dizendo: Sou eu, e o tempo está próximo. Não vades, portanto, após eles. E, quando ouvirdes de guerras e sedições, não vos assusteis. Porque é necessário que isto aconteça primeiro, mas o fim não será logo. Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino; E haverá em vários lugares

haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas estas coisas são o princípio de dores. Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vos ão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome. Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão. E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo. E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim".

terremotos em diversos lugares, e haverá fomes e tribulações. Estas coisas são os princípios das dores. Mas olhai por vós mesmos, porque vos entregarão aos concílios e às sinagogas; e sereis açoitados, e sereis apresentados perante presidentes e reis, por amor de mim, para lhes servir de testemunho. Mas importa que o evangelho seja primeiramente pregado entre todas as nações. Quando, pois, vos conduzirem e vos entregarem, não estejais solícitos de antemão pelo que haveis de dizer, nem premediteis; mas, o que vos for dado naquela hora, isso falai, porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo. E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai ao filho; e levantar-se-ão os filhos contra os pais, e os farão morrer. E sereis odiados por todos por amor do meu nome; mas quem perseverar até ao fim, esse será salvo".

grandes terremotos, e fomes e pestilências; haverá também coisas espantosas, e grandes sinais do céu. Mas antes de todas estas coisas lançarão mão de vós, e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, e conduzindo-vos à presença de reis e presidentes, por amor do meu nome. E vos acontecerá isto para testemunho. Proponde, pois, em vossos corações não premeditar como haveis de responder; Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem. E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues; e matarão alguns de vós. E de todos sereis odiados por causa do meu nome. Mas não perecerá um único cabelo da vossa cabeça. Na vossa paciência possuí as vossas almas".

É impossível ler esta seção e deixar de perceber sua referência distinta ao período entre a crucificação de nosso Senhor e a destruição de Jerusalém. Cada palavra é dita aos discípulos, e somente a eles. Imaginar que o "*vós*" e "*vocês*" nestas referências se aplique, não aos discípulos a quem Cristo estava falando, mas a algumas pessoas desconhecidas e ainda inexistentes em uma era distante, é uma suposição tão absurda que não merece consideração séria.

Que as palavras de nosso Senhor foram plenamente verificadas durante o intervalo, entre a Sua crucificação e o fim da era, temos o mais amplo testemunho. Falsos Cristos e falsos profetas começaram a aparecer em um período muito inicial da era cristã, e continuaram a infestar a terra até o fim da história judaica. Na procuradoria de Pilatos (36 d.C.), um desses apareceu em Samaria e iludiu grandes multidões. Houve outro na procuradoria de Cúspio Fado (45 d.C.). Durante o governo de Félix (53-60 d.C.), Josefo nos conta que "o país estava cheio de ladrões, mágicos, falsos profetas, falsos Messias e impostores, que iludiam o povo com promessas de grandes eventos".[1] A mesma autoridade nos informa que as comoções civis e as hostilidades internacionais eram abundantes naqueles dias, especialmente entre os judeus e seus vizinhos. Em Alexandria, Selêucia, Síria e Babilônia, houve tumultos violentos entre judeus e gregos, e entre judeus e sírios, que moravam nas mesmas cidades. "Cada cidade foi dividida", diz Josefo, "em dois campos". No reinado de Calígula, houve grande apreensão na Judeia sobre a possibilidade de uma guerra com os romanos, em consequência da proposta daquele tirano de colocar sua estátua no templo. Durante o reinado do imperador Cláudio (41-54 d.C.), houve quatro estações de grande escassez. No quarto ano de seu reinado, a fome na Judeia era tão severa que o preço da comida era enorme e um grande número de habitantes pereceram. Terremotos ocorreram em cada um dos reinados de Calígula e Cláudio.[2]

O Senhor orientou aos discípulos que tais calamidades precederiam o "fim". Mas não foram seus antecedentes imediatos. Eles foram o "começo do fim"; mas "o *fim* ainda não chegou".

Neste ponto (Mateus 24:9-13), nosso Senhor passa do geral para o particular; do público ao pessoal; das fortunas das nações e reinos às fortunas dos próprios discípulos. Enquanto esses eventos estavam ocorrendo, os apóstolos se tornariam objetos de suspeita para os poderes dominantes. Deviam ser levados perante conselhos, príncipes e reis, aprisionados, espancados nas sinagogas e odiados por todos os homens por amor a Jesus.

---

[1] Jos. Antiq. bk. xx. c. viii, § 5, 6.

[2] Conybeare and Howson, Life and Epist. of St. Paul, c. iv.

Tudo isso foi verificado na experiência pessoal dos discípulos que podemos ler nos Atos dos Apóstolos e nas Epístolas de São Paulo. Mas a promessa divina de proteção na hora do perigo foi cumprida de forma notável. Com a única exceção de "Tiago, o irmão de João", nenhum apóstolo parece ter sido vítima de perseguição maliciosa por seus inimigos até o fim da história apostólica, conforme registrado em Atos (63 d.C.).

Um outro "sinal" precederia a consumação. "Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo [οἰκουμένην] como um testemunho a todas as nações, e então o fim virá". Nós já advertimos para o cumprimento desta previsão dentro da era apostólica. Nós temos a autoridade de São Paulo para tal difusão universal do evangelho em seus dias, a fim de verificar a palavra de Nosso Senhor. (Veja Colossenses 1:6, 23) Se não fosse por este testemunho explícito do apóstolo, seria impossível persuadir alguns oradores de que as palavras de nosso Senhor haviam sido cumpridas em algum sentido antes da destruição de Jerusalém; tal ideia teria sido considerada mera extravagância e capricho. Agora, no entanto, a objeção não pode ser razoavelmente alegada.

Aqui pode ser apropriado lembrar a observação do tempo, dada aos discípulos em uma ocasião anterior como uma indicação da vinda de nosso Senhor: "Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do homem". (Mateus 10:23) Comparando essa declaração com a previsão que temos diante de nós (Mateus 24:14), podemos ver a consistência perfeita das duas afirmações, e também o "*terminus ad quem*" em ambos. Em um caso, é a evangelização da terra de Israel; no outro, a evangelização do império romano, que é chamada precursora da Parousia. Ambas as afirmações são verdadeiras. Pode muito bem ocupar o espaço de uma geração para levar as boas novas a todas as cidades da terra de Israel. Mas os apóstolos não teriam muito tempo para sua missão doméstica, porque teriam uma missão muito maior em território estrangeiro. Obviamente, devemos tomar a linguagem empregada por São Paulo, bem como por nosso Senhor em um sentido popular, e seria injusto pressioná-la ao extremo da letra. A ampla difusão do evangelho na terra de Israel e em todo o império romano é suficiente para justificar a predição de nosso Senhor.

Até agora, temos um discurso contínuo, relacionado a um evento particular, falado de e para pessoas particulares. Encontramos quatro sinais, ou conjuntos de sinais, que pressagiam a abordagem da grande catástrofe.

1. O aparecimento de falsos cristos e falsos profetas.
2. Grandes distúrbios sociais, calamidades e convulsões naturais.
3. Perseguição dos discípulos e apostasia de crentes professos.
4. A publicação geral do evangelho em todo o império romano.

Esse último sinal indicava especialmente a aproximação do "fim".

(b) Mais indicações da aproximação da destruição de Jerusalém.

Mateus 24:15-22:	Marcos 13:14-20:	Lucas 21:20-24:
"Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, entenda; Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; E quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes.	"Ora, quando vós virdes a abominação do assolamento, que foi predita por Daniel o profeta, estar onde não deve estar (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes. E o que estiver sobre o telhado não desça para casa, nem entre a tomar coisa alguma de sua casa; E o que estiver no campo não volte atrás, para tomar as suas vestes.	"Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.
Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias! E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado; Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até	Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! Orai, pois, para que a vossa fuga não suceda no inverno. Porque naqueles dias haverá uma aflição tal, qual nunca houve desde o princípio da criação, que Deus criou, até agora, nem	Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo. E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até

agora, nem tampouco há de haver. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias".	jamais haverá. E, se o Senhor não abreviasse aqueles dias, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos eleitos que escolheu, abreviou aqueles dias".	que os tempos dos gentios se completem".

Nenhum argumento é necessário para provar a referência estrita e exclusiva desta seção a Jerusalém e Judeia. Aqui não podemos detectar qualquer vestígio de duplo significado, de realização primária e posterior, de significados subjacentes e típicos. Tudo é nacional, local e próximo; "a terra" é a terra da Judeia; "este povo" é o povo de Israel, e o tempo é o tempo de vida dos discípulos, "*Quando vocês virem*".

A maioria dos expositores encontra uma alusão aos padrões das legiões romanas na expressão "abominação da desolação", e a explicação é altamente provável. As águias eram para os soldados objetos de culto religioso; e a passagem paralela em São Lucas é evidência quase conclusiva de que este é o verdadeiro significado. Sabemos por Josefo que a tentativa de um general romano (Vitélio) no reinado de Tibério, para marchar suas tropas sobre a Judeia, foi resistida pelas autoridades judaicas, alegando que as imagens idólatras de seus emblemas seriam uma profanação da lei.[1] Quão grande foi a profanação quando esses emblemas idólatras foram exibidos em plena luz no templo e na Cidade Santa! Este seria o último sinal anunciando que chegou a hora da destruição de Jerusalém. Sua aparição seria o último sinal para todos os que estavam na Judeia devessem escapar para além das montanhas, porque então haveria um período de sofrimento, horror e castigo divino sem paralelo nos anais da história.

Que a "grande tribulação" [θλιψις μεγάλη] (Mateus 24:21) faz referência explícita às terríveis calamidades que acompanharam o cerco de Jerusalém, especialmente severas para o sexo feminino, é evidente demais para ser questionada. Que essas calamidades eram literalmente incomparáveis, podem ser facilmente acreditadas por todos os que leram a horripilante narrativa nas páginas de Josefo. É notável que o historiador comece seu relato da guerra judaica com a afirmação de que

[1] Jos. Antiq. bk. xviii. c. v, § 3.

"na opinião dele, a soma do sofrimento humano do começo do mundo seria leve em comparação com a dos judeus".[1]

A descrição gráfica a seguir apresenta a trágica história da infeliz mãe, cujo horrível alimento pode ter sido no pensamento de nosso Salvador quando pronunciou as palavras registradas em Mateus 24:19:

"Incalculável foi a multidão dos que pereceram de fome na cidade, e indescritíveis os sofrimentos que suportaram. Em cada casa, se em algum lugar aparecia apenas a sombra de alimento, travava-se um conflito; os que eram unidos pelos laços mais ternos lutavam ferozmente, arrancando uns dos outros os miseráveis sustentos da vida. Nem mesmo aos moribundos era concedido o crédito de estarem em necessidade; pelo contrário, até aqueles que estavam prestes a expirar eram revistados pelos salteadores, para que não acontecesse de alguém, tendo escondido alimento sob as dobras da veste, fingisse estar morto. Apertados pela fome, como cães enlouquecidos, cambaleavam de um lado para o outro e rondavam por toda parte, atacando as portas como homens embriagados, e em sua confusão invadiam a mesma casa duas ou três vezes em uma única hora. Os impulsos da natureza os levavam a roer qualquer coisa, e aquilo que seria rejeitado pelas criaturas mais imundas do mundo animal eles se esforçavam por juntar e comer. Nem mesmo de seus cintos e sapatos puderam, por fim, se abster, e arrancavam e mastigavam o próprio couro de seus escudos. Para alguns, punhados de feno velho serviam de alimento; as fibras eram recolhidas, e as menores quantidades vendidas por quatro peças áticas.

Mas por que falar da fome como se tivesse desprezado os limites apenas no uso de coisas inanimadas, quando estou prestes a relatar um caso para o qual, na história de gregos ou bárbaros, não se encontra paralelo, e que é tão horrível de narrar quanto incrível de ouvir? De bom grado teria omitido essa ocorrência, para não ser julgado pelas gerações futuras como quem se deleita no maravilhoso, se não tivesse incontáveis testemunhas entre os meus contemporâneos. Além disso, prestaria um tributo frio à minha pátria se suprimisse o relato das desgraças que ela de fato sofreu".[2]

Que o nosso Senhor tinha em vista os horrores que haviam de sobrevir aos judeus durante o cerco, e não quaisquer eventos posteriores no fim dos tempos, é perfeitamente claro pelas palavras finais do versículo 21: “nem jamais haverá”.

---

[1] Traill's Jos. Jewish War, pref. § 4.

[2] Traill's Jos. Wars, bk. vi. c. vi. § 3.

(c) Os Discípulos advertidos contra os Falsos Profetas.

Mateus 24:23-28:

"Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito; Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vos tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais. Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem. Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias".

Marcos 13:21-23:

"E então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo; ou: Ei-lo ali; não acrediteis. Porque se levantarão falsos cristos, e falsos profetas, e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos. Mas vós vede; eis que de antemão vos tenho dito tudo".

Até o momento, não encontramos nenhuma ruptura na continuidade do discurso; nem a menor indicação de que ocorreu uma transição para algum outro tópico ou algum outro período. A narrativa é perfeitamente homogênea e consecutiva, e flui sem divergir para a mão direita ou para a esquerda.

O mesmo é verdade em relação à seção que agora nos ocupa. A primeira palavra indica continuidade. "Então" [τότε], e cada uma das palavras subsequentes é claramente dirigida aos próprios discípulos, por seu aviso e instrução pessoal. É claro que nosso Senhor lhe dá dicas sobre o que aconteceria em breve, ou pelo menos o que eles poderiam viver para testemunhar com seus próprios olhos. É uma representação vívida do que realmente aconteceu nos últimos dias da comunidade judaica. Os judeus e especialmente o povo de Jerusalém foram encorajados com falsas esperanças por falsos impostores que infestavam o país e traziam a ruína aos miseráveis e tolos. Tal foi o engano e paixão produzido pelas pretensões jactanciosas desses impostores que, como aprendemos com Josefo, quando o templo estava em chamas, uma vasta multidão de pessoas iludidas foram enganadas, vítimas de sua credulidade. O historiador judeu declara:

"De tão grande multidão, não escapou um só. Sua destruição foi causada por um falso profeta, que naquele dia proclamara aos que ainda permaneciam na cidade que 'Deus lhes ordenava subir ao templo, para ali receberem os sinais de sua libertação.' Havia, naquele tempo, muitos profetas subornados pelos tiranos para iludir o povo, dizendo-lhes que esperassem socorro de Deus, a fim de que houvesse menos deserções e para que aqueles que estavam acima do temor e da obediência fossem animados pela esperança. Em meio às calamidades, o homem facilmente se rende à persuasão; mas quando o enganador lhe pinta diante dos olhos uma libertação de males iminentes, então o aflito se deixa dominar inteiramente pela esperança. Assim foi que os impostores e falsos mensageiros do céu, naquele tempo, seduziram o povo miserável."[1]

Nosso Senhor adverte seus discípulos que a sua chegada a essa cena de julgamento seria como ladrão e repentina como o relâmpago, que é revelado e parece estar em todos os lugares ao mesmo tempo, além do fator surpresa. "Porque," Ele acrescenta, "onde quer que esteja o cadáver, as águias se juntarão." Ou seja, onde quer que os filhos culpados de Israel fossem encontrados, eles seriam dominados pelos ministros da ira, as legiões romanas.

(d) Chegada do "Fim", ou a catástrofe de Jerusalém.

Mateus 24:29-31:	Marcos 13:24-27:	Lucas 21:25-28:
"E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas.	"Ora, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz. E as estrelas cairão do céu, e as forças que estão nos céus serão abaladas.	"E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas. Homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo; porquanto as virtudes do céu serão abaladas.
Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do	E então verão vir o Filho do homem nas nuvens, com grande poder e glória.	E então verão vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória. Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima

[1] Traill's Jos. Jewish War, bk. vi. c. v. § 2.

céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus".	E ele enviará os seus anjos, e ajuntará os seus escolhidos, desde os quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu".	e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima".

Aqui também a fraseologia proíbe absolutamente a ideia de qualquer transição do assunto. Não há nada para indicar que a cena tenha mudado, ou que um novo tema tenha sido introduzido. A seção diante de nós se conecta claramente com a "grande tribulação" mencionada em Mateus 24:21, e é inadmissível supor qualquer intervalo de tempo em vista da presença do advérbio "imediatamente" [εὐθέως δὲ]. Mas a cena da grande tribulação é inegavelmente sobre Jerusalém e a Judeia (versos 15, 16), nenhuma quebra no assunto do discurso é permitida; não há espaço para qualquer interrupção no tema do discurso. Mais uma vez, em Mateus 24:30, lemos que "todas as tribos da terra [πᾶσαι αί φυλαὶ τῆς γῆς] lamentarão", evidentemente referindo-se à população da terra da Judeia e as tribos judaicas; e nada pode ser mais forçado ou antinatural do que incluir a expressão, como Lange faz, "todas as raças e povos" do globo terrestre. O sentido restrito da palavra γῆ [= terra] no Novo Testamento é comum; e quando está conectado, como está aqui, com a palavra "tribos" [φυλαὶ], sua limitação à terra de Israel é óbvia. Esta é a posição adotada pelo Dr. Campbell e Moses Stuart, e realmente se explica. Encontramos uma expressão semelhante em Zacarias 12:12 - "Todas as famílias [tribos] da terra", onde seu senso restrito é óbvio e indiscutível. As duas passagens são, de fato, exatamente paralelas, e nada pode ser mais confuso do que entender a frase como se incluísse "todas as raças do mundo".

A estrutura do discurso, portanto, resiste inflexivelmente à suposição de uma mudança de sujeito. Tempo, lugar, circunstâncias continuam todos iguais. É, portanto, com admiração não fingida que encontramos Dean Alford comentando da seguinte maneira: "Toda a dificuldade que essa palavra [*imediatamente* - εὐθέως] deveria envolver

surgiu de confusão, o cumprimento *parcial* da profecia com o seu cumprimento final. A importante inserção Lucas 21:23, 24 mostra-nos que a '*tribulação*' [θλίψις] inclui ὀργὴ ἐυ τῶ λαῶ τούτῳ (ira contra esse povo), que ainda está sendo infligida, e a pisada de Jerusalém pelos gentios, e ainda continua; e imediatamente após aquela tribulação, que acontecerá *quando a taça da iniquidade dos gentios estiver cheia, e quando o evangelho tiver sido pregado por todo o mundo como testemunho e rejeitado pelos gentios,* ocorrerá a vinda do próprio Senhor... (A expressão em Marcos é igualmente indicativa de um intervalo considerável, naqueles dias, após aquela tribulação). O fato de Sua vinda e suas circunstâncias serem conhecidas por Ele, mas o tempo exato desconhecido, leva-O a falar *sem referência ao intervalo,* que seria empregado em Sua espera até que todas as coisas sejam colocadas debaixo de Seus pés" etc.[1]

Pode-se dizer que neste comentário há quase tantos erros quanto palavras. De fato, não é a explicação de uma profecia mas é uma profecia independente do próprio comentarista. Primeiro, há a hipótese infundada de seu duplo sentido, um cumprimento *parcial* e outro *final,* para a qual não existe qualquer base no texto, sendo apenas uma suposição arbitrária e gratuita. Em seguida, temos uma "tribulação", não "*encurtada*", como o Senhor declara, mas *prolongada,* de modo que ainda "continua" nos dias atuais. Então a palavra "*imediatamente*" passa a se referir a um período ainda não chegado, de modo que entre Lucas 21:28-29, onde o olho desassistido não percebe traços de qualquer linha de transição, o crítico intercala um imenso período de dezoito séculos, com a possibilidade de uma duração indefinida além disso. Ainda mais, temos uma contradição implícita à afirmação de São Paulo de que o evangelho foi pregado "em todo o mundo" (Colossenses 1:6) e a suposição de que o evangelho deve ser rejeitado pelos gentios. Então, o comentarista descobre que São Marcos sugere um "intervalo considerável", enquanto ele diz expressamente: Naqueles dias depois dessa "tribulação" - excluindo a possibilidade de qualquer intervalo e, por fim, temos algo que parece uma espécie de desculpa para a ambiguidade da predição, sob o argumento de que nosso Senhor, não sabendo o momento exato em que Sua vinda ocorreria, "fala sem levar em conta o intervalo", etc.

---

[1] Ver Alf. Gr. Test. Matt. xxiv. 29.

Mas, é respondido que o caráter da linguagem de nosso Senhor nesta passagem exige sua aplicação a uma catástrofe grande e terrível que ainda é futura e pode ser entendida adequadamente de nada menos que a dissolução total do tecido do universo, e o fim de todas as coisas. Como alguém pode fingir que é dito que o sol foi escurecido, que a lua retirou sua luz, que as estrelas caíram do céu, que o Filho do homem foi visto entrando nas nuvens do céu com poder e grande poder glória? Esses fenômenos ocorreram na destruição de Jerusalém, ou podem se aplicar a qualquer outra coisa que não a consumação final de todas as coisas?

Argumentar desta maneira é perder de vista a própria natureza, genialidade e espírito da profecia. O símbolo e a metáfora pertencem à gramática da profecia, como todos os leitores dos profetas do Antigo Testamento devem conhecer. Não é razoável que a destruição de Jerusalém seja apresentada em linguagem tão animada e retórica como a destruição de Babilônia, ou Edom, ou Tiro? Como, então, o profeta Isaías descreve a queda da Babilônia?

"Eis que vem o dia do Senhor, cruel, com furor e ardente ira, para tornar a terra em desolação; e ele destruirá dela os pecadores. *Pois as estrelas dos céus e as suas constelações não darão a sua luz; o sol se escurecerá ao nascer, e a lua não fará resplandecer a sua luz... Farei tremer os céus, e a terra será removida do seu lugar.*" (Isaías 13:9, 10, 13)

Podemos ver que as imagens usadas nesta passagem são quase idênticas às de nosso Senhor. Portanto, se esses símbolos estivessem corretos para representar a queda da Babilônia, por que eles seriam incorretos para descrever uma catástrofe ainda maior, a destruição de Jerusalém?

Considere outro exemplo. O profeta Isaías anuncia a desolação de Edom, com a seguinte linguagem profética:

"*Os montes se derreterão com o sangue dos mortos... Todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um rolo; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da videira e como cai o figo da figueir*a. Porque a minha espada se embebeu nos céus; eis que descerá sobre Edom." (Isaías 34:4, 5)

Aqui temos novamente as mesmas imagens usadas pelo Senhor em seu discurso profético. Se o destino de Edom pode ser descrito corretamente em linguagem tão simbólica, por que deveria ser considerado extravagante usar termos similares ao descrever o destino de Jerusalém?

Em outro exemplo o profeta Miqueias fala de uma "vinda do Senhor" para julgar e punir Samaria e Jerusalém - uma vinda para o julgamento que, sem dúvida, aconteceu muito antes do tempo de nosso Salvador - observe com atenção a linguagem magnífica que esta cena representa!

"Porque eis que o Senhor está para sair do seu lugar, e descerá, e andará sobre as alturas da terra. E os montes debaixo dele se derreterão, e os vales se fenderão, como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo." (Miqueias 1:3, 4)

Seria fácil multiplicar exemplos desta característica e qualidade da linguagem profética. A natureza da profecia é a poesia, e representa os acontecimentos, não no estilo prosaico do historiador, mas nas imagens vivas do poeta. Adicione a isso o fato que a Bíblia não fala com a fria correção lógica dos povos ocidentais, mas com o fervor tropical do maravilhoso Oriente. Mas seria errado chamar essa linguagem de extravagante ou sobrecarregada. A grandeza moral dos eventos que esses símbolos representam pode ser mais corretamente descrita como convulsão e cataclismo no mundo natural. Também não é necessário construir uma gramática de simbologias e uma analogia para cada hieróglifo sagrado, através do qual traduzir cada metáfora particular em seu equivalente correto, porque isso transformaria a profecia em uma alegoria. As seguintes observações sobre a linguagem figurativa das Escrituras são sensíveis. "O que é excelente na natureza é usado para expressar o que é digno e importante entre os homens tais como corpos celestiais, montanhas, árvores majestosas, reinos ou aqueles em cargos de autoridade... As mudanças políticas são representadas por terremotos, eclipses, tempestades, o giro das águas e dos mares em sangue".[1]

A conclusão, então, a que somos levados irresistivelmente, é que as imagens usadas por nosso Senhor em seu discurso profético são apropriadas para descrever a dissolução do estado e do governo judeus, que teve lugar na destruição de Jerusalém. Eles são apropriados porque concordam com o estilo reconhecido dos profetas antigos, e também porque a grandeza moral do evento é tal que justifica o uso de tal linguagem neste caso particular.

---

[1] Angus's Bible Handbook, p. 282 § i.

Mas podemos ir além disso e afirmar que não é apenas apropriado quando aplicado à destruição de Jerusalém, mas que essa é sua aplicação verdadeira e exclusiva. Não encontramos nenhum vestígio ou indicação de que nosso Senhor tenha em mente qualquer significado posterior ou oculto. Mas nós achamos que dificilmente há uma característica nesta descrição sublime e terrível que Ele próprio ainda não havia antecipado e fixado em sua aplicação a um evento particular e a um tempo particular. Compare cuidadosamente a descrição dada na passagem que nos diz respeito, do "Filho do homem que vem nas nuvens do céu, com poder e grande glória" (Mateus 24:30)[1] com a declaração de nosso Senhor (Mateus 16:27) - "Porque o Filho do homem virá, na glória do seu pai com os seus anjos" - um evento que Ele afirma expressamente seria testemunhado por alguns dos discípulos que ainda estavam vivendo. Novamente, o envio de Seus anjos para reunir Seus eleitos, corresponde exatamente com a representação do que aconteceria na "colheita", no final do æon, conforme descrito nas parábolas do joio e do trigo (Mateus 13:41-50). "O Filho do Homem enviará seus anjos, e eles juntarão do seu reino todos os que servem de pedra de tropeço, e todos os que praticam iniquidade". "Assim será no fim da era [æon]: os anjos sairão, e separarão os ímpios dentre os justos, e os lançarão na fornalha de fogo". Aqui a profecia e a parábola representam a mesma cena, no mesmo período: ambos falam do fim da época ou da era, não do fim do mundo ou do universo material; e eles falam da grande época judicial como *à mão*. Com clareza São Lucas, em seu registro da profecia do Monte das Oliveiras, representando a grande catástrofe ocorrida durante a vida dos discípulos: "Quando essas coisas começam a acontecer, levante suas cabeças, porque sua redenção está próxima." (Lucas 21:28) Não foram pronunciadas estas palavras aos discípulos, que ouviram o discurso? Eles não aplicaram a eles mesmo? Há algum lugar, mesmo uma suspeita de que eles estavam se referindo a outra audiência, a milhares de anos de

[1] Os fenômenos descritos por nosso Senhor que acompanha a Parousia (v. 29) não pode ser explicado com os sinais e prodígios, que de acordo com Josefo, precedeu a captura de Jerusalém (Jewish War, bk. vi. c. v. § 3). Que pelo menos alguns desses sinais realmente apareceram, não parece haver qualquer razão para duvidar disso, e servem para verificar a previsão de Lucas 21:11: "Haverá terror e grandes sinais no céu".

distância, e não ao grupo ansioso que tomou as palavras de Jesus? Certamente, essa hipótese traz sua própria refutação.

Mas, como para impedir até mesmo a possibilidade de equívoco ou erro, nosso Senhor, no próximo parágrafo, traça em torno de Sua profecia uma linha tão clara e palpável, fechando-a totalmente dentro de um limite tão definido e distinto, que deve ser decisivo para a profecia e responde as questões dos discípulos como um todo.

(e) A Parousia ocorrerá antes que passe a Geração Existente.

Mateus 24:32-34:	Marcos 13:28-30:	Lucas 21:29-32:
"Aprendei, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão. Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabei que ele está próximo, às portas.	"Aprendei, pois, a parábola da figueira: Quando já o seu ramo se torna tenro, e brota folhas, bem sabeis que já está próximo o verão. Assim também vós, quando virdes sucederem estas coisas, sabei que já está perto, às portas.	"E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira, e para todas as árvores; Quando já têm rebentado, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão. Assim também vós, quando virdes acontecer estas coisas, sabei que o reino de Deus está perto.
Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam".	Na verdade vos digo que não passará esta geração, sem que todas estas coisas aconteçam".	Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo aconteça".

As palavras não têm sentido se esta linguagem, pronunciada em uma ocasião tão solene tão precisa e expressa em sua importância, não afirma a proximidade do grande evento que ocupa todo o discurso de nosso Senhor. Primeiro, a parábola da figueira indica que, assim como os galhos macios nas árvores anunciam a aproximação do verão, então os sinais que ele acabou de especificar anunciariam que a consumação prevista estava à mão. *Eles*, os discípulos a quem Jesus falava, veriam esses sinais e, quando os visem, reconheceriam que o fim estava "*próximo às portas*". Em seguida, nosso Senhor resume com uma afirmação calculada para remover todos os vestígios de dúvida ou incerteza: "EM VERDADE VOS DIGO QUE ESTA GERAÇÃO NÃO PASSARÁ ATÉ QUE TODAS ESSAS COISAS SEJAM CUMPRIDAS."

Alguém poderia supor que, após uma nota de tempo tão clara e expressiva, não haveria espaço para controvérsia. Nosso próprio Senhor respondeu à pergunta. Noventa e nove pessoas a cada cem, sem dúvida, certamente entenderiam suas palavras no sentido de que a catástrofe prevista ocorreria dentro dos limites da geração existente, dentro dos limites do tempo de vida daquela geração. Não que *todos* provavelmente viveriam para testemunhar isso, mas a *maioria* ou *muitos* deles estariam vivos quando o grande evento viesse a ocorrer. Não pode haver dúvida de que essa seria a interpretação que os discípulos dariam às palavras. Portanto, a menos que o nosso Senhor tivesse a intenção de confundir os seus discípulos, Ele lhes deu claramente a entender que a Sua vinda, o juízo da nação judaica e o fim da era aconteceriam antes que a geração então existente tivesse completamente passado, isto é, dentro dos limites de suas próprias vidas. Isto, como já vimos, não era uma ideia nova, mas algo que Ele já havia expressado em várias ocasiões anteriores.

No entanto, longe de aceitar esta declaração do nosso Salvador como a palavra final, os comentaristas resistiram violentamente àquilo que parece ser o sentido natural e de senso comum de Suas palavras. Eles insistiram que, porque os eventos previstos não aconteceram dessa maneira naquela geração, portanto a palavra *geração* [γενεὰ] não pode significar o que é usualmente entendido como significando, as pessoas daquela era ou período em particular, os contemporâneos de nosso Senhor. Afirmar que essas coisas não aconteceram é pressupor a conclusão na própria premissa. Mas nós sugerimos que é da responsabilidade dos gramáticos não ficarem apreensivos de possíveis consequências, mas sim estabelecer o verdadeiro significado das palavras. As previsões de nosso Senhor podem ser seguramente deixadas para cuidar de si mesmas; Cabe a nós tentar entender.

Muitos argumentam que, neste lugar, a palavra γενεὰ deve ser traduzida como "raça ou nação", e que as palavras de nosso Senhor apenas significam que a raça ou nação judaica não deve passar ou perecer, até que as previsões que Jesus fez se cumpra. Este é o significado que Lange, Stier, Alford e muitos outros autores atribuem à palavra, e que é sustentado com uma capacidade notável e uma grande erudição por Dorner em seu tratado "Oratione Christi Eschatologica". Não há dúvida que é verdade que a palavra γενεὰ, como muitas outras, tem diferentes

nuances de significado e que, às vezes, na Septuaginta e autores clássicos, podem se referir a uma nação ou a uma raça. Mas acreditamos que é comprovável, sem sombra de dúvida, que a expressão "*esta geração*", usada com frequência por nosso Senhor, sempre se refere unicamente e exclusivamente aos seus *contemporâneos, o povo judeu de seu próprio tempo.* Pode ser deixado sem perigo o julgamento sincero de cada leitor, seja um erudito em grego ou não, para decidir se é ou não o caso. Mas, como o ponto é de grande importância, pode ser desejável aduzir as provas dessa afirmação.

1. No discurso final de nosso Senhor ao povo, entregue no mesmo dia que o discurso sobre o Monte das Oliveiras, ele declarou: "Tudo isso virá sobre *esta geração*." (Mateus 23:36) Nenhum comentarista já propôs entender isso como se referindo a qualquer outra geração que não seja a geração *existente* no tempo de Jesus.

2. "Com o que devo comparar esta geração?" (Mateus 11:6) Aqui, Lange e Stier admitem que a palavra se refere a "*última geração de Israel então existente*". (Lange, in loc; Stier, vol. ii, 98)

3. "Uma *geração* má e adúltera exige um sinal". "Os homens de Nínive se levantarão no julgamento com *esta geração*". "A Rainha do Sul se elevará no julgamento com esta geração". "Assim também será para *esta geração* perversa". (Mateus 12:39, 41, 42, 45)

Nessas quatro passagens, Dorner tenta estabelecer que nosso Senhor não está falando sobre seus contemporâneos, os homens de seu próprio tempo. "Porque", ele diz, "os gentios (os habitantes de Nínive e a rainha do Sul) se opõem aos judeus, portanto, 'esta geração' [ἡ γενεὰ αὕτη] deve significar a nação ou a raça dos judeus". (Dorner, Orat. Chr. Esch., p. 81) Seu argumento, porém, não é convincente. Certamente, a geração que buscava um sinal era a *geração então existente*; e pode-se supor que seria contra alguma outra geração, além daquela que havia resistido a uma pregação como a de João Batista e de Cristo, que os gentios se levantariam no juízo? Há apenas uma interpretação possível para as palavras de nosso Senhor: a que as refere aos Seus próprios contemporâneos perversos e incrédulos.

4. "Para que o sangue de todos os profetas... seja requerido *desta geração.*" "Será requerido *desta geração.*" (Lucas 11:50–51)

Aqui o próprio Dorner admite que é da *geração então existente* (hoc ipsum hominum ævum) que essas palavras são ditas (p. 41).

5. "Aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras *nesta geração* adúltera e pecadora..." (Marcos 8:38)

6. "Mas primeiro é necessário que ele sofra muito e seja rejeitado por *esta geração*". (Lucas 17:25) Basta citar essas passagens para determinar que sua referência se aplica exclusivamente àquela geração específica que rejeitou o Messias.

Esses são todos os exemplos em que a expressão "*esta geração*" ocorre nas palavras de nosso Senhor, e eles estabelecem, além de toda dúvida razoável, a referência das palavras na importante declaração que agora está diante de nós. Mas suponhamos que adotássemos a tradução proposta e tomássemos γενεά como significando "*raça*"; que sentido ou relevância teria então a predição? Alguém pode crer que a solene afirmação feita por nosso Senhor, "Em verdade vos digo", etc., significa nada mais do que isto: "A raça hebraica não se extinguirá até que todas essas coisas se cumpram"? Imagine um profeta em nossos dias predizendo uma grande catástrofe na qual Londres seria destruída, a Catedral de São Paulo e as Casas do Parlamento arrasadas, e um terrível massacre de seus habitantes perpetrado; e que, quando lhe perguntassem: "Quando acontecerão essas coisas?", ele respondesse: "A raça anglo-saxônica não se extinguirá até que todas essas coisas se cumpram"! Seria essa uma resposta satisfatória? Tal resposta não seria considerada indigna de um profeta e um insulto aos seus ouvintes? Eles não teriam razão para dizer: "É fácil profetizar quando o evento é colocado a uma distância interminável!" Mas a simples suposição de tal sentido na predição de nosso Senhor revela-se um *reductio ad absurdum*. Foi para isso que os discípulos deveriam esperar e vigiar? Era essa a lição ensinada pela figueira que começava a brotar? Seria apenas quando a raça judaica estivesse prestes a se extinguir que eles deveriam "erguer os olhos e levantar as cabeças"? Tal hipótese é, por si mesma, a sua própria refutação.

Recorremos, portanto, à única interpretação sustentável e possível, e entendemos nosso Senhor como, o que em tantas palavras Ele diz, que os eventos especificados em Sua previsão certamente aconteceriam antes

que a geração existente tivesse passado completamente. Esta é a única interpretação que as palavras suportam; Todas as outras envolvem uma luta de linguagem e uma violência ao entendimento. Além disso, a interpretação está em harmonia com o ensino uniforme de nosso Salvador. Muito tempo antes, ele havia assegurado aos discípulos que alguns deles viveriam para testemunhar sua vinda em glória. (Mateus 16:27, 28) Ele havia dito a eles que, antes de completarem sua missão apostólica nas cidades de Israel, o Filho do homem viria. (Mateus 10:23) Ele declarou que todo o sangue derramado na terra, do sangue de Abel ao sangue de Zacarias, seria exigido *dessa geração*. (Mateus 23:35, 36) Foi, portanto, *daquela geração* que Ele falou. Nunca deve ser esquecido que havia uma especialidade sobre essa geração. Era a última e a pior de todas as gerações de Israel, que herdara a culpa de todos os seus predecessores e estava prestes a ser visitada com julgamentos marcados e incomparáveis. Se a catástrofe prevista ocorreu ou não, é outra questão, que será considerada em seu devido lugar.[1]

Outras interpretações que foram sugeridas, como a da "raça humana", "a geração dos justos" e "a geração dos ímpios", não exigem discussão e não requerem consideração.

Uma ou duas palavras podem podem ser necessárias a respeito da duração de uma geração. Claro, não se trata de uma medida exata de tempo, como uma década ou um século, mas possui certa indefinição ou elasticidade, embora dentro de certos limites, digamos entre trinta e quarenta anos. No livro de Números, vemos que a geração que provocou o Senhor, impedindo-os de entrar na terra de Canaã e destinada a perecer no deserto, deveria desaparecer no espaço de quarenta anos. No Salmo 95 lemos: "Quarenta anos me irritei contra esta geração." Na tabela genealógica apresentada por São Mateus, temos dados que permitem estimar a duração de uma geração. Lá encontramos que "da

---

[1] A nota em Harmony of the Four Gospels de Robinson, parte vii, §128, é excelente:"'*Esta geração*', etc. Essas palavras (ἡ γενεὰ αὕτη) não podem ser entendidas (como alguns as explicaram) referindo-se à nação judaica ou à raça humana. O significado é que os homens daquela época não morreriam todos (veja Mateus 16:28, no §74) antes que a profecia se cumprisse, o que começou a acontecer trinta e sete anos após sua declaração, na destruição de Jerusalém", etc.

deportação para a Babilônia até Cristo são catorze gerações." (Mateus 1:17) A data do cativeiro, no reinado de Zedequias, é *cerca de* 586 a.C., o que, dividido por quatorze, dá quarenta e um anos e uma fração como duração média de cada geração. A guerra judaica sob Nero eclodiu em 66 d.C., e assumindo que nosso Senhor tinha cerca de trinta e três anos na época da crucificação, isso forneceria um período de aproximadamente trinta e três anos para que os sinais que anunciavam a aproximação do "fim" começassem a se cumprir. A destruição do templo e da cidade de Jerusalém ocorreu em setembro de 70 d.C., isto é, cerca de trinta e sete anos após a profecia do Monte das Oliveiras, um intervalo de tempo que satisfaz plenamente os requisitos do caso. Não é um período tão curto a ponto de tornar inadequado dizer: "Esta geração não passará", nem tão longo que ultrapasse o tempo de vida de muitos que poderiam ter visto e ouvido o Salvador, ou mesmo dos discípulos. "*Aquela geração*" estaria, de fato, em vias de passar, mas ainda não teria desaparecido completamente.

(f) Certeza da Consumação, mas incerteza de sua data precisa.

Mateus 24:35, 36:	Marcos 13:31, 32:	Lucas 21:33:
"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar. Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai".	"Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão. Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai".	"Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar".

Embora nosso Senhor tenha definido os limites de tempo dentro dos quais a consumação prevista aconteceria, permanece um certo grau de indefinição em relação ao tempo de sua vinda. Ele não especifica a data exata, nem "o tempo, nem o dia", nem mesmo o mês do ano. Isso não significa que toda a questão do tempo tenha sido deixada instável e sem especificação: isso refere-se apenas à data precisa. A consumação ficaria dentro do prazo da geração existente, mas a hora precisa em que o sino da condenação soaria não foi revelada ao homem, nem ao anjo, nem (o que é ainda mais estranho) ao próprio Filho do homem. Foi o segredo que o Pai "estabeleceu pelo seu próprio poder". Sem dúvida, houve razões suficientes para esta reserva. Tendo especificado "o dia e a hora" -

tendo dito: "No ano trinta e sete, no sexto mês, no oitavo dia do mês, a cidade será tomada e o templo destruído pelo fogo" - não só teria sido inconsistente com a forma de se pronunciar uma profecia, mas teria tirado uma das motivações mais fortes para constante vigilância e oração - a incerteza do momento preciso.

(g) Subitaneidade da Parousia, o chamado para estar vigilante.

Mateus 24:37-42:

"E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem. Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra. Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor".

Lucas 17:26-37:

"E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem. Comiam, bebiam, casavam, e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, e os consumiu a todos. Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: Comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre, e os consumiu a todos. Assim será no dia em que o Filho do homem se há de manifestar. Naquele dia, quem estiver no telhado, tendo as suas alfaias em casa, não desça a tomá-las; e, da mesma sorte, o que estiver no campo não volte para trás. Lembrai-vos da mulher de Ló. Qualquer que procurar salvar a sua vida, a perderá, e qualquer que a perder, a salvará. Digo-vos que naquela noite estarão dois numa cama; um será tomado, e outro será deixado. Duas estarão juntas, moendo; uma será tomada, e outra será deixada. Dois estarão no campo; um será tomado, e o outro será deixado. E, respondendo, disseram-lhe: Onde, Senhor? E ele lhes disse: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias".

Mateus 24:42:	Marcos 13:33, 35, 37:	Lucas 21:34-36:
	"Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.	"E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glutonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia. Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a Terra. [a terra]
"Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor".	Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã, E as coisas que vos digo, digo-as a todos: Vigiai".	Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem".

Todas as representações dadas pelo nosso Senhor da catástrofe vindoura e seus eventos concomitantes implicam que pegariam os homens de surpresa. Assim como a inundação veio de repente sobre os antediluvianos, e a tempestade de fogo e de enxofre caiu sobre as cidades da planície, assim seria a catástrofe que alcançaria Jerusalém e Judeia em uma hora inesperada, quando os negócios e os prazeres da vida ocuparam as mãos e os corações dos homens. Em Lucas 17, temos o registro mais completo do discurso de nosso Senhor sobre esse ponto. Se a passagem de São Lucas foi transposta por ele desde sua conexão original, ou se nosso Senhor pronunciou as mesmas palavras em ocasiões separadas, não é um problema que nos interessa particularmente aqui. Neander é de opinião que "Lucas fornece a conexão natural dessas palavras", e em São Mateus "elas são definidas com muitas outras passagens similares que se referem à última crise".[1] Duvidamos disso; mas, renunciando a essa questão, uma coisa é indubitável, isto é, que São Mateus e São Lucas descrevem a mesma coisa, o mesmo período, a mesma catástrofe. É surpreendente encontrar

[1] Life of Christ. c. xii, § 214, note.

Alford afirmando, em relação à passagem de São Lucas: "Não há uma única palavra em tudo isso sobre a destruição de Jerusalém". Seria mais correto dizer: "Cada uma das palavras nesta passagem fala da destruição de Jerusalém". Observe a nota do tempo tão claramente marcada por nosso Senhor: "Mas primeiro é necessário que ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração." (Lucas 17:25) Que outra catástrofe pertence ao período dessa geração, que pode ser corretamente comparado à destruição do mundo antediluviano por meio de um dilúvio de águas e com a destruição de Sodoma e Gomorra por meio de uma inundação de fogo?

Temos um comentário impressionante sobre essa passagem na história de Josefo. Contabilizando os números prodigiosos abatidos no cerco de Jerusalém, um milhão e cem mil, ele diz: "Destes, a maioria era de sangue judeu, embora não nativos do lugar, tendo se reunido de todas as partes do país para a festa de o pão ázimo foi subitamente cercado pela guerra, nessa ocasião *a nação inteira havia sido trancada, como na prisão, pelo destino, e a guerra encerrou a cidade quando estava superlotada com as pessoas*".[1] Uma verificação mais exata da previsão de nosso Senhor (Lucas 21:35) é impossível conceber.

Em tudo isso, observamos a continuação desse discurso pessoal direto que mostra que nosso Senhor falou aos seus discípulos sobre o que os preocupou pessoalmente. Não há a menor sugestão de que havia um significado "subterrâneo" em suas palavras, e que, quando ele disse "Jerusalém" e "esta geração" e "vós", ele quis dizer "o mundo" e "eras distantes" e "discípulos" que ainda não nasceram".

Neste ponto, São Marcos e São Lucas fecham o registro da profecia do Monte das Oliveiras, e não se pode negar que o término é natural e apropriado. No entanto, no Evangelho de São Mateus, temos uma série de parábolas adicionadas ao discurso de nosso Senhor, como as que Ele costumava ensinar às pessoas. Fomos impressionados com o fato de que nosso Senhor falou aos seus discípulos em parábolas, especialmente nesta ocasião; e há pouco a ser dito em favor da opinião de Neander, que "era peculiar que Mateus ao editar em grego tivesse os ditos semelhantes de Jesus juntos, mesmo que tivessem sido pronunciados em ocasiões

[1] Traill's Jos. Jewish War, b. vi. ch. ix §§ 3, 4.

diferentes e em circunstâncias diferentes. Portanto, não é necessário que nos surpreendamos se acharmos impossível traçar linhas de distinção neste discurso com total precisão, nem é necessário que tal resultado conduza a interpretações forçadas, inconsistentes com a verdade e com o amor da verdade. É mais fácil fazer tais distinções no registro de São Lucas, (Lucas 21) embora isso não seja sem dificuldades. Ao comparar São Mateus com São Lucas, no entanto, podemos traçar a origem da maioria dessas dificuldades para misturar diferentes porções, quando os discursos de Cristo foram organizados em coleções".[1]

Mas, sem discutir esta questão, é muito evidente que as parábolas registradas por São Mateus em relação a este discurso, embora não tenham sido pronunciadas nesta ocasião particular, estão estritamente relacionadas com o assunto; Considerando que, se este é o seu verdadeiro lugar na narrativa, sua relação com o assunto antes de nós é ainda mais próxima e mais íntima.

Agora, consideramos as parábolas de nosso Senhor, registradas em relação a esta profecia, principalmente por São Mateus.

(h) Os Discípulos são advertidos sobre a subitaneidade da Parousia. Parábola do Mordomo Fiel.

Mateus 24:43-51:	Marcos 13:34-37:	Lucas 12:39-46:
"Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis. Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o seu senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo?	"É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua casa, e desse autoridade aos seus servos, e a cada um a sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse.	"Sabei, porém, isto: que, se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria, e não deixaria minar a sua casa. Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais. E disse-lhe Pedro: Senhor, dizes essa parábola a nós, ou também a todos? E disse o Senhor: Qual é, pois, o mordomo

[1] Life of Christ, § 254, note.

Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens.

Mas se aquele mau servo disser no seu coração: O meu senhor tarde virá; E começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os ébrios, Virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera, e à hora em que ele não sabe, E separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes".

Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã, Para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo. E as coisas que vos digo, digo-as a todos: Vigiai".

fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração? Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que sobre todos os seus bens o porá.

Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir; e começar a espancar os criados e criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se, Virá o senhor daquele servo no dia em que o não espera, e numa hora que ele não sabe, e separá-lo-á, e lhe dará a sua parte com os infiéis".

Podemos ver que esta parábola de nosso Senhor está registrada em diferentes conexões por São Mateus e São Lucas. A semelhança verbal, no entanto, é muito exata para tornar provável que tenha sido falada em duas ocasiões diferentes. A menor atenção irá satisfazer o leitor que o relatório de São Lucas é o mais completo e circunstancial, e ele atribui a sua verdadeira posição cronológica. Isto é visto pelo fato de que a pergunta de São Pedro, registrada somente por São Lucas, deu origem a observações conclusivas de nosso Senhor, as quais, dadas por São Mateus sem esse elo de ligação, parecem um tanto incoerentes e abruptas. Além disso, dificilmente podemos supor que São Pedro, conversando em privado com apenas outros três discípulos em companhia do Senhor, pergunta a si mesmo: "Você nos diz esta palavra, ou a todos nós?" - uma questão que era mais natural quando, como São Lucas nos diz, Jesus falou com seus discípulos na presença de uma grande multidão. (Lucas 12:1) Vale ressaltar também que em Marcos

13:34-37, onde podemos detectar vestígios desta parábola, a pergunta de São Pedro é respondida com clareza: "O que eu digo a *você*, eu digo a *todos*: vigiai", uma afirmação que seria fora de lugar se nosso Senhor estivesse falando a quatro pessoas, mas perfeitamente adequada ao falar a uma multidão.

Portanto, não há impropriedade ao assumir que São Mateus, percebendo as palavras de Jesus, falado em outra ocasião, e que ilustra admiravelmente a necessidade de vigiar os sinais que precedem a vinda do Senhor, insira-os neste discurso escatológico. Stier sugere que São Marcos apresenta um breve resumo de Mateus 24:43, com as duas parábolas do servo, Mateus 24:45-51, 25:14 e ainda com um leve eco da parábola das virgens.[1] Não temos mais motivos para esperar um arranjo rigorosamente cronológico nos evangelistas do que estritamente na letra: nem o mesmo nem o outro entraram em seus planos.

Mas o que é principalmente importante para nós é a relação desta parábola, se é que se pode chamar isso, entre o mordomo da casa que vigia o ladrão da meia-noite e o discurso anterior de nosso Senhor. Nada pode ser mais evidente que essa relação está entrelaçada no próprio tecido desse discurso. Nenhum assunto novo é introduzido no versículo quarenta e três do capítulo vigésimo quarto de São Mateus (Mateus 24:43); nenhuma transição para outra catástrofe, nenhuma outra vinda, diferente do que Ele havia falado desde o início. Não há hiato, nem interrupção ou quebra, na continuidade do discurso; nenhuma indicação de ir do grande evento que absorveu os pensamentos dos discípulos para outro em um futuro muito distante. Parece incrível que qualquer julgamento crítico escolha Mateus 24:43 como o início de um novo tópico do discurso. E, no entanto, é o que o Dr. Ed. Robinson faz, que diz: "Aqui o Senhor faz uma transição, e passa a falar da sua última vinda no dia do julgamento. Isto é visto pelo fato de que a matéria dessas seções é adicionada por Mateus depois que Marcos e Lucas concluíram seus relatórios paralelos sobre a catástrofe judaica, e aqui Mateus começa, com o versículo 43, o discurso que Lucas apresentou em outra ocasião, Lucas 12:39 , etc".[2] Mas não há a menor sombra de qualquer transição. O

[1] Reden Jesu, vol. iii, p. 304.

[2] Harmony of the Four Gospels, § 129.

instrumento mais fino não consegue desenhar qualquer linha divisória entre as partes do discurso e atribuir uma porção ao julgamento da nação judaica e outra porção ao julgamento da raça humana. Não há transição, mas continuação, no verso 43. Nada pode ser mais consecutivo e concatenado. "Vigiai, então", diz o nosso Senhor aos discípulos no verso 42, "por que você não sabe a que horas seu Senhor vem". "Portanto, você também deve está preparado", ele diz no verso 44, "porque o Filho do Homem virá à hora em que vocês menos esperam". A sugestão de que um novo tema, que se refere a um evento totalmente diferente, em um momento muito distante no tempo, introduzido aqui, é completamente arbitrário e sem fundamento.

(i) A Parousia, um tempo de Julgamento para amigos e inimigos de Cristo.

Parábola das Virgens Prudentes e Loucas.

Mateus 25:1-13: "Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo. Cinco delas eram prudentes, e cinco eram insensatas. As insensatas, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, juntamente com as lâmpadas. E, tardando o noivo, todas cochilaram e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um clamor: Eis o noivo! saí ao seu encontro! Então todas aquelas virgens se levantaram e prepararam as suas lâmpadas. E as insensatas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão se apagando. Mas as prudentes responderam: De modo nenhum, para que não falte para nós e para vós; ide antes aos que vendem e comprai para vós mesmas. E, enquanto elas iam comprar, chegou o noivo; e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta. Mais tarde chegaram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora [em que o Filho do homem há de vir]."

Quase todos os expositores supõem que agora Jerusalém e Israel desaparecem inteiramente da cena, e que nosso Senhor se refere exclusivamente à consumação final de todas as coisas e ao julgamento da raça humana. Esta suposta transição é sugerida e facilitada para o leitor de uma bíblia moderna através de um novo capítulo que começa neste ponto.

Quase todos os expositores supõem que agora Jerusalém e Israel desaparecem inteiramente da cena, e que nosso Senhor se refere

exclusivamente à consumação final de todas as coisas e ao julgamento da raça humana. Esta suposta transição é sugerida e facilitada para o leitor de uma bíblia moderna através de um novo capítulo que começa neste ponto.

Mas nosso Senhor realmente abandonou o assunto com o qual Ele e Seus discípulos estiveram ocupados até agora? Passou de um tempo próximo e iminente a uma era distante, separado de seu próprio tempo por centenas e milhares de anos? Se assim fosse, certamente poderíamos esperar uma indicação muito clara de mudança de assunto. Mas não há absolutamente nenhuma. Pelo contrário, a suposição de que um novo tema é introduzido por esta parábola é completamente impedida pelos termos expressos com os quais a parábola começa e termina. Comece com uma nota de tempo muito explícita: "τοτέ", então, naquele momento. Não há absolutamente nenhum hiato entre o final do capítulo 24 e o início do capítulo 25. O link de conexão "então", leva adiante o discurso e liga-o intimamente no que diz respeito ao tema, ao tempo e às pessoas a quem se dirige. Isto é confirmado, além disso, pelo fato de que a moral da parábola das dez virgens é exatamente a mesma que a parábola do mordomo fiel no capítulo anterior, isto é, a necessidade de vigilância. As palavras finais: "Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir", é tão evidentemente dirigido aos discípulos, e esses são os mesmos que o Senhor já pronunciou em Mateus 24:42; de modo que em ambas as passagens a referência deve ser para o mesmo evento.

Não está dentro dos nossos propósitos fazer uma exposição detalhada desta parábola. Há teólogos que encontram um mistério em cada palavra; no número dez, na virgindade, nas lâmpadas, no óleo, etc.[1] Como Calvino observa sarcasticamente: "Multum se torquent quidam, in lucernis, in vasis, in oleo". Basta observar aqui a grande lição da parábola. É a necessidade de estar constantemente preparado e vigilante, esperando o retorno repentino e em breve do Filho do homem. Não estar vigilante e não estar preparado, levaria ao castigo que caiu sobre as virgens tolas, isto é, a exclusão da ceia de casamento do Cordeiro.

---

[1] Veja Lange *in loc.*

(j) A Parousia, um tempo de Julgamento. Parábola dos Talentos.

Mateus 25:14-30: "Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens. E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos. Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois. Mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles. Então aproximou-se o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles. E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos. Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. Mas, chegando também o que recebera um talento, disse: Senhor, eu conheciate, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros. Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem os dez talentos. Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem lhe será tirado. Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes".

Nesta parábola encontramos uma continuação evidente do mesmo tema, embora apresentado em um aspecto um pouco diferente. A moral da parábola anterior foi a *vigilância*; a do presente é *diligência*. Dificilmente se pode dizer que um novo elemento é introduzido nesta parábola, pois a representação da vinda de Cristo como tempo de julgamento perpassa todo o discurso profético de nosso Senhor. É este fato que dá propósito e urgência à chamada, muitas vezes reiterada, para estar vigilante. Não só seria um tempo de julgamento para Jerusalém e Israel, mas mesmo para os próprios discípulos de Cristo. Eles também tiveram que "ficar diante do Filho do homem". Havia o perigo de que "aquele dia" viesse sobre eles sem que eles estivessem preparados e fossem descuidados. Esta associação de julgamento com a Parousia aparece na parábola do mordomo, e ainda mais na dos servos bons e

maus. É expressa ainda mais vividamente na parábola das virgens prudentes e nas virgens tolas, e é ainda mais proeminente na parábola dos talentos; mas atinge o clímax na parábola final, se pode ser dito, das ovelhas e dos bodes.

Não é necessário entrar nos detalhes da parábola dos talentos. Suas principais características são simples e óbvias. Contém uma solene admoestação para que os servos de Cristo sejam fiéis e diligentes na ausência de seu Senhor. A parábola aponta para um dia em que Ele retornaria e faz contas com eles. Estabelece a abundante recompensa do bem e dos fiéis, e o castigo do servo infiel.

O ponto, porém, que principalmente nos interessa nesta investigação é a relação desta parábola com o discurso precedente. O que pode ser mais claro do que a íntima conexão entre ambos? A partícula conectiva "pois" no versículo 14 marca distintamente a continuação do discurso. O tema é o mesmo, o tempo é o mesmo, a catástrofe é a mesma. Até este ponto, portanto, não encontramos ruptura, nem mudança, nem introdução de um assunto diferente; tudo é contínuo, homogêneo, uno. Em nenhum momento o discurso se desviou do grande e absorvente tema, a iminente ruína da cidade e da nação culpadas, com os solenes eventos que a acompanhariam, tudo isso para ocorrer dentro do período daquela geração, e que os discípulos, ou alguns deles, viveriam para testemunhar.

(k) A Parousia, um tempo de Julgamento.

Parábola das Ovelhas e dos Bodes.

Mateus 25:31-46: "E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes

meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos; Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; Sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes. Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão, e não te servimos? Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim. E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna".

Até este ponto, descobrimos que o discurso de Jesus sobre o Monte das Oliveiras é uma profecia conectada e contínua, que se refere à grande catástrofe que sobreveio a nação judaica, e isso aconteceria, de acordo com a previsão de nosso Senhor, antes da geração que existia naquele momento passasse. Agora, no entanto, encontramos uma passagem que, na opinião de quase todos os comentaristas, não pode ser entendida como se referindo a Jerusalém ou a Israel, mas a toda a raça humana e ao fim de todas as coisas. Se o *consenso* dos expositores pode estabelecer uma interpretação, esta passagem, sem dúvida, deve ser considerada como se afastando completamente do assunto das questões dos discípulos e descrevendo a última cena de todos na história do mundo.

Pode admitir-se livremente que esta parábola, ou descrição parabólica, tem muitos pontos de diferença com a parte anterior do discurso de nosso Senhor. Parece ser separado e diferente do resto, os elos de conexão que encontramos em outras seções. Além disso, parece ter um alcance maior do que Jerusalém e Israel; parece o julgamento, não de uma nação, mas de todas as nações; não de uma cidade ou de um país, mas do mundo inteiro; não uma crise passageira, mas a consumação final.

É, portanto, com um profundo senso da dificuldade da tarefa que nos atrevemos a desafiar a interpretação de tantos homens sábios e bons e argumentar que a passagem não é apenas uma parte integral da profecia, mas também pertence inteiramente ao assunto do discurso de nosso Senhor - o julgamento de Israel e o fim da era judaica.

1. Esta parábola, embora em nossas bíblias modernas sejam separadas e desconectadas do contexto, está realmente conectada por um elo muito suficiente com o que acontece antes. Isso é evidente no grego,

onde encontramos a partícula δὲ, cuja força consiste em indicar transição e conexão - transição para uma nova ilustração e conexão com o contexto anterior. Alford, em seu Novo Testamento revisto, retém a partícula de continuidade: "*Mas* o Filho do homem virá em sua glória", etc. Com a mesma propriedade, poderia ter sido traduzida - "*E* quando", etc.

2. Esta "vinda do Filho do homem" já foi anunciada por nosso Senhor (Mateus 24:30 e passagens paralelas), e o tempo expressamente definido, sendo incluído na declaração abrangente: "Realmente eu digo a você: não passará esta geração, sem que tudo aconteça." (Mateus 24:34)

3. Merece ser observado em particular que a descrição da vinda do Filho do homem na sua glória, que é feita nesta parábola, se encaixa em todos os pontos de àquela em Mateus 16:27, 28 , da qual é expressamente afirmado que ela seria testemunhada por alguns então presentes quando a predição foi feita.

Pode ser bom comparar as duas descrições:

Mateus 16:27, 28:	Mateus 25:31-33:
"Pois o Filho do Homem virá na glória de seu Pai com seus anjos, e então ele retribuirá cada um de acordo com suas obras.	"Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, ele se assentará no seu trono da glória, e todas as nações serão reunidas diante dele", etc.
Em verdade, eu digo a você que há alguns daqueles que estão aqui, que não provarão a morte, até terem visto o Filho do Homem chegar em seu reino".	

Aqui, o leitor notará que:

a) Em ambas as passagens, o assunto a que se referem é o mesmo, isto é, *a vinda do Filho do homem* - a Parousia.

b) Em ambas as passagens, ele é descrito como vindo em *glória*.

c) Em ambos, ele é acompanhado pelos *santos anjos*.

d) Em ambos, Ele vem como um *rei*. "Vindo em seu reino"; "Ele se assentará no seu *trono*"; "Então o *rei*", etc.

e) Em ambos, ele vem para o *julgamento*.

f) Em ambos, o julgamento é representado em certo sentido como *universal*. "Ele recompensará *todo homem*"; "Diante dele *todas as nações* serão reunidas".

g) Em Mateus 16:28 declara-se expressamente que essa vinda em glória, etc., deveria ocorrer durante o *tempo de vida* de alguns dos que ali estavam presentes. Isso delimita a ocorrência da Parousia dentro dos limites de uma vida humana, estando assim em perfeita concordância com o período definido por nosso Senhor em seu discurso profético. "Esta geração não passará", etc.

Estamos plenamente garantidos, portanto, em relação à vinda do Filho do homem em Mateus 25 como idêntico ao referido em Mateus 16, que alguns dos discípulos deveriam viver para testemunhar.

4. Mas ainda será objetado que permanece uma dificuldade formidável na expressão "todas as nações". No entanto, a dificuldade é mais aparente do que real; porque:

(1) Não é incomum encontrar nas Escrituras proposições universais que devem ser entendidas em um sentido qualificado ou restrito.

Há um exemplo disso neste próprio discurso de nosso Senhor. Em Mateus 24:22, falando da "grande tribulação", Ele diz: "se aqueles dias não fossem abreviados, *nenhuma carne seria salva*." Ora, é evidente que essa "grande tribulação" foi limitada a Jerusalém, ou, pelo menos, à Judeia; e, no entanto, temos aqui uma expressão usada com referência aos habitantes de uma cidade ou país, ampla o suficiente para incluir toda a raça humana, neste sentido, de fato, Lange e Alford a entendem.

(2) Há grande probabilidade na opinião de que a frase "todas as nações" seja equivalente a "todas as tribos da terra". (Mateus 24:30) Não há impropriedade em designar as *tribos* como *nações*. A promessa de Deus a Abraão era que ele deveria ser o pai de muitas nações. (Gênesis 17:5, Romanos 4:17, 18)

No tempo de nosso Senhor, era comum falar dos habitantes da Palestina como constituídos por várias nações. Josefo fala da "nação dos samaritanos", "da nação dos bataneanos", "da nação dos galileus" - usando a própria palavra (ἔθνος) que encontramos na passagem diante de nós. A Judeia era uma nação distinta, geralmente com um rei próprio; Samaria também; e assim também com Idumea, Galileia, Pereia, Betânia,

Traquonite, Itureria, Abilene - todas as quais tiveram em diferentes épocas príncipes com o título de *Etnarca*, um nome que significa o governante de uma *nação*. Não há violência, então, a linguagem entender (πάντα τὰ ἔθνη) como referência, a "todas as nações" da Palestina, ou "todas as tribos da terra".

(3) Essa visão recebe forte confirmação do fato de que a mesma frase na comissão apostólica (Mateus 28:19), "Ide e ensinai todas as nações", parece não ter sido entendido pelos discípulos como se referindo a toda a população do globo ou a qualquer nação além da Palestina. A princípio, Cristo havia proibido os doze de pregar aos gentios: "Não vá em qualquer maneira aos Gentios, e não entre em nenhuma cidade dos samaritanos: antes vá as ovelhas perdidas da casa de Israel". (Mateus 10:5-6) Para a mulher de Canaã ele disse: "Eu não fui enviado senão para as ovelhas perdidas da casa de Israel". (Mateus 15:24) E então, depois da ressurreição Ele lhes ordenou pregar o Evangelho a toda criatura (Marcos 16:15) e fazer discípulos de todos as nações. (Mateus 28:19) Supõe-se geralmente que os apóstolos sabiam que haviam recebido uma carga de evangelizar o mundo. Se eles sabiam disso, eram culpados por não agir de acordo. Mas é presumível que as palavras de nosso Senhor não tenham transmitido nenhuma dessas ideias à mente deles. O culto professor Burton observa: "Não foi até catorze anos após a ascensão de nosso Senhor que São Paulo viajou pela primeira vez e pregou o evangelho aos gentios. Também não há evidências de que, durante esse período, os outros apóstolos tenham ultrapassado os limites da Judeia".[1]

O fato parece ser que a linguagem da comissão apostólica não transmitiu às mentes dos apóstolos nenhuma dessas ideias ecumênicas. Nada mais os surpreendeu do que a descoberta que "Deus havia concedido aos gentios também se arrependia para a vida". (Atos 11:18) Quando São Pedro foi desafiado por ir "aos homens incircuncisos e comer com eles", não parece que ele justificou sua conduta com um apelo aos termos da comissão apostólica. Se a frase "todas as nações" tivesse sido entendida pelos discípulos em seu sentido literal e mais abrangente, é difícil imaginar como eles poderiam ter falhado em reconhecê-la uma vez que o caráter universal do evangelho e sua

[1] Professor Burton's Bampton Lecture, p. 20.

comissão de pregá-lo da mesma forma para judeus e gentios. Exigia uma revelação distinta do céu para superar os preconceitos judaicos dos apóstolos e dar a conhecer a eles o mistério "de que os gentios deveriam ser co-herdeiros, e do mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho". (Efésios 3:6)

Em vista dessas considerações, consideramos razoável e garantido atribuir à frase "todas as nações" um significado restrito e limitá-la às nações da Palestina. Nesse sentido, ela se harmoniza bem com as palavras de nosso Senhor: "Não passareis sobre as cidades de *Israel* até que o Filho do homem venha". (Mateus 10:23)

5. Mais uma vez, o teste peculiar de caráter aplicado pelo juiz nesta descrição parabólica se opõe fortemente à ideia de que esta cena representa o julgamento final de toda a raça humana. Será observado que o destino dos justos e dos ímpios é feito para girar em torno do tratamento que eles ofereceram respectivamente aos discípulos que sofrem. Todas as qualidades morais, toda conduta virtuosa, toda fé verdadeira, aparentemente não são úteis, e apenas os atos de caridade e beneficência para com os discípulos aflitos são levados em consideração. Não é surpreendente que essa circunstância tenha causado grande perplexidade tanto aos teólogos como aos leitores em geral. Essa é a doutrina de São Paulo? Esta é a base para a justificação diante de Deus estabelecida no Novo Testamento? Devemos concluir que o destino eterno de toda a raça humana, desde Adão até o último homem, finalmente se voltará para sua caridade e simpatia para com os discípulos perseguidos e sofredores de Cristo?

A dificuldade é séria, na suposição de que temos aqui uma descrição do "julgamento geral no último dia", e não deve ser negligenciado, como é comum. Como as nações que existiam antes do tempo de Cristo podem ser julgadas por esse modelo? Como poderiam as nações que nunca ouviram falar de Cristo - ou aquelas que floresceram nos tempos em que o cristianismo era próspero e poderoso, e onde os seguidores de Cristo não sofreram fome, sede, nudez, doença e prisão por conta dele, e onde, consequentemente, eles poderiam não ser aliviados dos efeitos de perseguição severa - serão julgadas por tal padrão? É manifestamente inadequado e inaplicável. Mas a dificuldade é fácil e completamente

resolvida se considerarmos essa parábola descrevendo o julgamento da geração que está passando pelo período de transação judicial como o julgamento de Israel no final da era judaica. É o rejeitado rei de Israel que é o juiz: é a geração hostil e incrédula, a última e a pior da nação, que é denunciada antes de seu tribunal. Seu tratamento de seus discípulos, especialmente de Seus apóstolos, poderia ser o mais adequado e justamente o critério de caráter para "discernir entre o justo e o ímpio". Um teste como este seria muito apropriado numa época em que o cristianismo era uma fé perseguida, e é evidente que isso é assumido pelos próprios termos das palavras do rei: "Eu estava com fome e sede, eu era estrangeiro, estava nu, doente, e na prisão". As pessoas designadas como "*estes meus irmãos*", e que são tomados como representantes do próprio Cristo, são evidentemente os apóstolos de nosso Senhor, em quem tinha fome e sede, estava nu, doente e na prisão, tudo isso está em perfeita harmonia com as palavras de Cristo aos seus discípulos, quando os mandou pregar: "Aquele que o recebe me recebe; e aquele que me recebe recebe aquele que me enviou. Aquele que recebe um profeta porque é profeta, receberá a recompensa de um profeta; e quem recebe um homem justo porque ele é justo, receberá uma recompensa justa. E quem dá a um desses pequenos um copo de água fria, porque ele é um discípulo, eu digo a verdade, ele não perderá sua recompensa". (Mateus 10:40-42)

Chegamos assim à conclusão, a única que em todos os aspectos está em conformidade com o teor de todo o discurso; temos aqui, não o julgamento final de toda a raça humana, mas a da nação culpada, que rejeitou o seu rei, maltratado e matou os seus mensageiros (Mateus 22:1-14) e cujo dia de destruição estava agora próximo.

Sendo assim, podemos ver que toda a profecia do Monte das Oliveiras é um todo homogêneo e conectado: "simplex duntaxat et unum". Não é mais uma mistura confusa e ininteligível, o que frustra toda a interpretação, que parece falar com duas vozes e que aponta em direções diferentes ao mesmo tempo. É uma representação clara, consecutiva e historicamente verdadeira iniciada com julgamento da nação teocrática no final da era judaica ou da dispensação judaica. A teoria da interpretação que considera este discurso como apenas típico do julgamento final da raça humana e de uma catástrofe mundial que

acompanha esse evento, na verdade não consegue nenhum suporte na própria predição, ao mesmo tempo em que implica perplexidade e confusão inextricáveis. Se, por um lado, pudesse demonstrar-se que a profecia, *como um todo*, é igualmente aplicável em cada uma das suas partes a dois eventos diferentes e amplamente separados; ou, por outro lado, que em um certo ponto se separa de um tema e lida com o outro, então o duplo significado, ou a dupla referência, estaria sobre alguma base inteligível. Mas não encontramos nenhuma linha divisória na profecia entre o próximo e o remoto, e todas as tentativas de traçar tal linha são insatisfatórias e arbitrárias ao extremo. Ainda mais insustentável é a hipótese de um duplo sentido que perpassa o todo; uma hipótese que supõe uma "faculdade de verificação" no expositor ou leitor, e dá um poder discricionário tão grande ao crítico engenhoso que parece totalmente incompatível com a reverência devida à Palavra de Deus.

A perplexidade que a teoria do duplo significado envolve é colocada em luz forte pela confissão de Dean Alford, que, no final de seus comentários sobre esta profecia, expressa honestamente sua insatisfação com os pontos de vista que ele propôs. "Eu acho que é correto", diz ele, "expressar nesta terceira edição que, tendo entrado em um estudo mais aprofundado sobre as partes proféticas do Novo Testamento, não sinto de nenhuma maneira a confiança total que tive em exegese, *quanto* à interpretação profética, que é dada aqui das três partes deste capítulo 25. Mas eu não tenho outro sistema com o qual substituí-lo, e alguns dos pontos discutidos aqui me parecem tão pesados como sempre. Pergunto-me muito se o estudo exaustivo da profecia das Escrituras me deixará cada vez mais desconfiado de toda sistematização humana e menos disposto a correr o risco de fazer uma forte afirmação sobre qualquer parte do assunto "(julho de 1855). Na quarta edição, Alford acrescenta: "Endossado, outubro de 1858". Esta é uma sinceridade altamente honrosa para o crítico, mas sugere essa reflexão: se, com toda a luz e experiência de dezoito séculos, a profecia no Monte das Oliveiras ainda permanece um enigma não resolvido, como poderia ter sido inteligível para os discípulos que o escutaram avidamente quando este caiu dos lábios do Mestre? Podemos supor que, naquele momento, ele falasse com eles em enigmas ininteligíveis? Que, quando lhe pedissem pão, ele lhes daria uma pedra? Impossível! Não há razão para acreditar que os

discípulos eram incapazes de entender as palavras de Jesus e, se essas palavras foram mal interpretadas nos tempos posteriores, é porque um método de interpretação falso e não natural obscureceu e desfigurou o que em si era claro e simples. É surpreendente que alguns comentaristas tenham mostrado tanta indiferença quanto às limitações expressas do tempo estabelecido pelo Senhor; que significados forçados e não naturais foram dados a palavras como αἰών, γενεὰ, εὐθέως e etc. que as linhas de divisão foram desenhadas no discurso onde não existe - e, em geral, que foi submetido à profecia a um tratamento que não seria tolerado na crítica de qualquer clássico grego ou latino. Deixe que apenas a linguagem da Escritura seja tratada com justiça comum e interpretado pelos princípios da gramática e do senso comum, e grande parte da escuridão e mal-entendidos serão eliminados, e a forma e substância virão à luz da verdade.[1]

---

[1] O seguinte extrato foi tirado de um excelente artigo no primeiro volume da Biblioteca Sacra (1843), do Dr. E. Robinson, intitulado "A vinda de Cristo". Até o verso 42 do capítulo 24 de Mateus, o Dr. Robinson mantém a referência exclusiva da previsão a Jerusalém e, por essa razão, menciona as interpretações que se referem a ela como o "fim do mundo":

"Agora surge a questão de saber se, sob essas limitações de tempo, uma referência da linguagem de nosso Senhor ao dia do julgamento e ao fim do mundo em nosso sentido desses termos é possível". Aqueles que sustentam essa visão tentam de várias maneiras. livrar-se das dificuldades que surgem dessas limitações. Alguns atribuem à palavra [εὐθέως] o significado *de repente*, como a LXX (Septuaginta) usa em Jó 5:8 para hebraico פתאם. Mas, mesmo nesta passagem, o objetivo do escritor está simplesmente marcando uma sequência imediata - indicando que outro evento em sequência ocorre imediatamente, e nada seria ganho mesmo que a palavra εὐθέως estivesse disponível, contanto que eles permaneçam a limitação posterior a "esta geração". Outros tentaram se referir γενεὰ à *raça dos judeus*, ou para os *discípulos de Cristo*, não apenas sem o menor fundamento, mas contrário a todo uso e toda analogia. Todas essas tentativas de aplicar força ao significado da linguagem são em vão, e agora elas foram abandonadas pela maioria dos comentaristas de notas".

Depois de uma exposição tão luminosa, é decepcionante descobrir que o Dr. Robinson não consegue consistentemente levar até o fim os princípios com os quais começou. Intrigado com a rápida conclusão de que "o Dia do Julgamento" e "Fim do Mundo" são, de alguma parte da profecia, e incapaz de ver onde a questão de Jerusalém termina e a outra começa e tema principal da catástrofe global , adote o seguinte método. Começando com o pressuposto de que a parábola das ovelhas e as cabras deve

Antes de deixar de lado essa profecia profundamente interessante, pode ser apropriado referir-se ao maravilhoso cumprimento minucioso que recebeu, como testemunhado por uma testemunha inatingível - o historiador judeu Josefo. É um fato de singular interesse e importância que um registro completo e autêntico dos tempos e das transações a que se faz referência na profecia de nosso Senhor será preservado para a posteridade; e que esse registro deve ser da pena de um estadista judeu, soldado, sacerdote e homem de letras, não apenas tendo acesso às melhores fontes de informação, mas ele mesmo uma testemunha ocular de muitos dos eventos que ele relaciona. Dá peso adicional a este testemunho de que não vem de um cristão, que poderia ter sido suspeito de partidarismo, mas de um judeu, indiferente, se não hostil, à causa de Jesus. Tão marcante é a coincidência entre a profecia e a história que a velha objeção de Porfírio contra o Livro de Daniel, que deve ter sido escrita após o evento, poderia ser plausivelmente alegada, se houvesse o menor pretexto para tal insinuação.

Embora o povo judeu sempre se sentisse desconfortável sob o jugo de Roma, não havia sintomas urgentes de descontentamento no momento em que nosso Senhor fez esta profecia da quase destruição do templo, da cidade e da nação. As classes mais elevadas abundavam em manifestações de lealdade ao governo imperial. "Nós não temos rei senão César!" Exclamaram eles. Era política de Roma conceder o livre

---

descrever o último evento, tateia seu caminho de volta para a parábola anterior dos talentos, que é o mesmo assunto, a doutrina do pagamento final . Indo ainda mais longe, à parábola das dez virgens, descubra que o objetivo dessa parábola é inculcar a mesma verdade importante. Ele conclui que o vigésimo quinto capítulo de São Mateus deve, portanto, referir-se inteiramente às transações do último grande dia.

"Mas", continua ele, "a última parte do capítulo 24, isto é, do verso 43 ao 51, está intimamente ligada à parábola inicial de 25", o que parece fornecer base suficiente para considerar essa passagem. também se refere ao julgamento futuro. No verso 43 de Mateus 24, portanto, Dr. Robinson acredita que nosso Senhor abandona completamente o tema de Jerusalém e entra em um novo tema, o julgamento do mundo.

Imediatamente é evidente que a totalidade de seu raciocínio está viciada pela falsa premissa com a qual ele começa, isto é, a suposição de que a parábola das ovelhas e dos bodes se refere ao julgamento da raça humana. Já mostramos que não há novo começo no Mateus 24:48

exercício de sua própria religião às províncias sujeitas. Por conseguinte, não havia razão aparente para que o novo e esplêndido templo de Jerusalém não permanecesse em pé durante séculos e que a Judeia não pudesse desfrutar de uma maior tranquilidade e prosperidade sob a proteção de César do que conhecia sob os príncipes nativos. Contudo, antes que a geração que rejeitou e crucificou o Filho de Davi tivesse morrido completamente, a nacionalidade judaica se extinguiu: Jerusalém era uma desolação; 'a santa e bela casa' no Monte Sião foi arrasada; e as pessoas tolas, que não conheciam o tempo de sua visita, ficaram sobrecarregadas por calamidades incomparáveis que estão registradas nos anais do mundo.

Tudo isso é inegável; e ainda assim seria demais, esperar que isso fosse considerado como uma satisfação adequada das palavras de nosso Salvador por muitos a quem o preconceito ou interpretações tradicionais os ensinaram a ver mais em profecia do que nunca inspirado. A linguagem é muito magnifica, as transações são demais para serem satisfeitas por um evento tão inadequado quanto o julgamento de Israel e a destruição de Jerusalém. Nós já tentamos apontar o verdadeiro significado e a verdadeira grandeza desse evento. Mas a única resposta suficiente para todas essas objeções é a declaração expressa de nosso Senhor, que cobre todo o escopo deste discurso profético. "Em verdade, eu digo para você, esta geração não vai passar sem que tudo isso aconteça". Não há dúvida de que há algumas partes dessa previsão que são capazes de verificação por testemunho humano. Alguém espera que Tácito, Suetônio, ou Josefo, ou qualquer outro historiador, relate que “o Filho do homem foi visto vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória; que convocou as nações ao seu tribunal, e recompensou todo homem segundo as suas obras? Há uma região na qual as testemunhas e repórteres não podem entrar; os mistérios do espiritual ou do imaterial. Mas há também uma grande parte da profecia que pode ser verificada, e isso pode ser amplamente verificado. Mesmo um incrédulo que ataca o cristianismo, e que desafia o conhecimento sobrenatural de Cristo, é forçado a admitir que "a porção relativa à destruição da cidade é singularmente definida, e corresponde muito de perto ao evento real".[1]

[1] Contemporary Review, novembro de 1876. Ver Nota B, Parte I.

O cumprimento pontual da parte da profecia que entra no campo da observação humana garante a verdade do resto, que não se enquadra nessa esfera. Após a discussão, descobriremos que os eventos que agora parecem incríveis para muitos foram a expectativa e a esperança confiantes da era apostólica, e que os primeiros cristãos estavam plenamente persuadidos de sua realidade e sua proximidade. Somos colocados, portanto, nesse dilema - ou as palavras de Jesus falharam e as esperanças de Seus discípulos foram falsificadas; ou então essas palavras e esperanças foram cumpridas, e a profecia em todas as suas partes foi totalmente cumprida. Uma coisa é certa. A veracidade de nosso Senhor está comprometida com a afirmação de que a totalidade e cada uma das partes dos eventos contidos nesta profecia ocorreria antes do fim da geração existente. Se qualquer idioma pode reivindicar ser preciso e definido, é o que nosso Senhor emprega para marcar os limites do tempo em que todas as Suas palavras deveriam ser cumpridas. Quaisquer que sejam as outras catástrofes, de outras nações, em outras eras, com relação a elas, nosso Senhor está em silêncio. Ele fala de sua própria nação culpada e de seu processo judicial no final da era, como Malaquias, João Batista e o próprio Jesus haviam predito com frequência e clareza.[1] Por isso, Suas palavras devem ser consideradas responsáveis; mas além disso tudo é mera especulação humana, a hipótese dos teólogos, baseada em nenhuma garantia das Escrituras.

Assim, esforçamo-nos em resgatar esta grande profecia do método de interpretação impreciso e acrítico pelo qual ficou tão obscurecido e confuso; esta profecia deve ter o mesmo significado distinto e definido para nós, como teve para os discípulos. A reverência para a Palavra de Deus, e a devida consideração pelos princípios da interpretação, nos proíbem de impor construções não naturais e de duplo cumprimento que, de fato, "acrescentariam as palavras desta profecia". Não nos atrevemos a lidar de forma irresponsável com as afirmações expressas e precisas de Cristo. Encontramos até agora apenas uma Parousia; um fim

[1] Jonathan Edwards, referindo-se à destruição de Jerusalém, diz: "Então, houve um fim definitivo do mundo do Antigo Testamento: Tudo foi concluído como uma espécie de dia do julgamento em que o povo de Deus foram salvos, e seus inimigos destruídos de uma maneira terrível". History of Redemption, vol. i, p. 445.

da era; uma catástrofe iminente; um *terminus ad quem*; uma "esta geração". Protestamos contra a exegese que maneja a Palavra de Deus de maneira arbitrária que se recomenda a muitos: "O Senhor", diz-se, "está sempre vindo para aqueles que procuram por Seu aparecimento". "Vemos sua chegada em larga escala em todas as crises da grande história humana. Nas revoluções, nas reformas e nas crises da nossa história individual. Para cada um de nós, há um advento do Senhor, sempre que novos e maiores aspectos da verdade nos sejam apresentados, ou somos chamados a entrar em novos e talvez mais trabalhosos e empolgantes deveres".[1] Desta maneira, pode ser mais difícil dizer o que não é "uma vinda do Senhor". Mas, transformando-o em tudo e qualquer coisa, não o transformamos em nada. Está vazio de toda precisão e realidade. Não há razão para que a encarnação, a crucificação e a ressurreição não possam, de modo semelhante, tornar-se comuns e transações diárias, bem como a Parousia. Uma coisa é dizer que os princípios do governo divino são eternos e imutáveis, que o juízo de Cristo ocorre entre as nações, e que, portanto, o que Deus faz a um povo, ou a um tempo, ele fará em circunstâncias semelhantes a outras nações e outras vezes; Outra coisa é dizer que esta profecia tem dois significados: um para Jerusalém e Israel, e um para o mundo e a consumação final de todas as coisas. Nós defendemos, como Neander, que "as palavras de Cristo, como suas obras, contêm em si o germe de um desenvolvimento infinito, reservado para futuras épocas que estão a se revelar".[2] Mas isso não implica que essa profecia seja qualquer coisa que possa conceber uma fantasia engenhosa, ou que tenha sentidos escondidos ou ulteriores que estejam subjacentes ao significado aparente e natural da linguagem. O dever do intérprete e aluno da Escritura não é tentar o que a Escritura possa dizer a ele, mas submeter a sua compreensão sobre "as verdadeiras palavras de Deus", que geralmente são tão simples quanto profundas.[3]

---

[1] Evang. Meg. Feb. 1877, p. 69.

[2] Life of Christ, § 65.

[3] Veja Nota A. Parte I.

A Declaração de Nosso Senhor diante do Sumo Sacerdote.

Mateus 26:64:	Marcos 14:62:	Lucas 22:69:
"Disse-lhe Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu".	"E Jesus disse-lhe: Eu o sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu".	"Desde agora o Filho do homem se assentará à direita do poder de Deus".

A resposta do nosso Salvador à solene ordem do sumo sacerdote de declarar sob juramento é a repetição, quase palavra por palavra, do que Jesus declarou aos discípulos no Monte das Oliveiras: "E verão o Filho do Homem vir nas nuvens do céu com poder e grande glória". (Mateus 24:30) Evidentemente, trata-se do mesmo evento e do mesmo período mencionados. A linguagem implica que as pessoas abordadas, ou algumas delas, testemunhariam o evento previsto. A expressão "*vocês verão*" não seria apropriada se fosse dita a respeito de algo que nenhum dos ouvintes viveria para testemunhar e que não aconteceria senão milhares de anos depois. Nosso Senhor, portanto, disse a Seus juízes que eles, ou alguns deles, viveriam para vê-lo vindo para julgamento, ou vindo em Seu reino. Esta declaração está em harmonia com o que nosso Salvador disse aos seus discípulos: "O Filho do Homem virá na glória de seu Pai com seus anjos... Em verdade, eu digo a você que há alguns dos que estão aqui, que não provarão a morte, até que tenham visto o filho do homem chegar no seu reino." (Mateus 16:27, 28) Alguns de seus discípulos e alguns de seus juízes viveriam o tempo suficiente para testemunhar essa grande consumação, menos de quarenta anos depois, quando o Filho do Homem viria em seu reino para executar os julgamentos de Deus sobre a nação culpada. Isto é precisamente o que a profecia do Monte das Oliveiras afirma: "Esta geração não passará", etc. Aqui, mais uma vez, não temos nem obscuridade nem ambiguidade. Mas pode-se dizer o mesmo da interpretação que faz com que as palavras de nosso Senhor se refiram a um tempo ainda futuro e a um evento que ainda não ocorreu? Pode-se dizer que quanto à interpretação que encontra nesta cena, que os Judeus no sinédrio deveriam testemunhar,

não evento distinto e particular, mas um processo prolongado e contínuo, que começou na ressurreição de Cristo, ainda está em andamento, e vai continuar até o fim do mundo?

Essa interpretação estranha, que é a de Lange e Alford, baseia-se em parte na suposição de que a predição de nosso Senhor ainda não foi cumprida, e em parte na palavra "daqui em diante", que se entende como indicando um processo contínuo.[1] Mas será tal explicação crível, ou mesmo concebível? É verdade que o sumo sacerdote e o Sinédrio começaram, a partir daquele momento, a ver o Filho do homem vindo nas nuvens do céu, etc.? Como poderia tal aparição ser um processo contínuo? É evidente que as palavras só podem se referir a um evento definido e específico; e não temos dificuldade alguma em determinar qual é esse evento. Não pode ser outro senão a Parousia, tantas vezes predita anteriormente. Essa não foi um processo prolongado, mas um ato sumário, súbito, veloz, conspícuo como o relâmpago. O sentido é bem expresso pelos editores do Critical English Testament: "O significado não pode ser que, imediatamente após o momento de Sua resposta, Ele viria assim, e eles O veriam assim; mas sim que Ele agora se retiraria deles, e que, quando O vissem *novamente*, após Sua rejeição por eles, seria em Sua vinda em glória, como predito pelo profeta Daniel".[2]

Nesta declaração de nosso Senhor, encontramos, então, uma confirmação adicional de suas afirmações anteriores de que sua vinda em julgamento aconteceria durante a geração existente. Alguns de seus juízes, bem como alguns de seus discípulos, deveriam testemunhar isso; E essa declaração não teria sentido se não implicasse que eles a testemunhassem com seus próprios olhos e "em carne".

Predições dos Ais vindouros sobre Jerusalém.

Lucas 23:27-31: "E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos, e o lamentavam. Jesus, porém, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos.

---

[1] αρτι em grego posterior veio a significar "em breve", "logo": veja Liddell e Scott; e, assim, nossos tradutores, corretamente traduziram como "daqui em diante", o que deixa o tempo real do evento futuro, mas não necessariamente imediato. - Critical English Test. vol. iii. p. 860, nota.

[2] Critical English Test. vol. iii. p. 860, note.

Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram! Então começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos. Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que se fará ao seco?"

Aqui temos uma declaração tão clara, assim definida em cada ponto que você pode fixar sua referência - tempo, lugar, pessoas, circunstâncias - que não há espaço para a incerteza. Isso aponta para um tempo que não era muito distante, mas as portas - "dias virão" - um tempo em que as pessoas a quem eles falaram e seus filhos viveriam para testemunhar; um tempo de grande tribulação, que cairá com particular severidade em mulheres e crianças; uma época em que, na agonia de seu terror, multidões desesperadas clamavam às montanhas e colinas para cair sobre elas e cobri-las.

Verifica-se que esses detalhes memoráveis serão extremamente valiosos na elucidação da profecia bíblica no estágio subsequente desta investigação. Enquanto isso, é claro que esta descrição patética só pode se referir à catástrofe de Jerusalém nos últimos dias de sua história. Nós apenas temos que ir às páginas de Josefo para encontrar os fatos que ilustram e confirmam a profecia do nosso Salvador. Os horrores dessa trágica história culminaram no episódio de María de Pêraea, cuja festa da província de Toledo horrorizou até os bandidos implacáveis que vagavam por lobos famintos através da cidade. É à luz de incidentes como este que vemos o significado completo das palavras: "Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram".

É com um sentimento de algo parecido com impaciência que ouvimos Stier, seduzido pela farsa do *ignis fatuus* de um duplo sentido, insistindo em um significado oculto nas palavras de nosso Salvador: "Ele falou expressamente e primariamente do julgamento de Jerusalém e Israel, ainda Ele contemplou e se refere àquilo que foi obscurecido neste tipo histórico - o julgamento de todos os impenitentes e de todos os incrédulos em comum, até o último.[1] Assim também Alford, seguindo Stier. É apenas na imaginação do expositor, no entanto, que existe essa referência ulterior: não há sugestão no texto; e é com espanto que encontramos um crítico acadêmico que vai tão longe em esquecer sua

[1] Reden Jesu, vol. vii, p. 426.

verdadeira vocação que ele declara que a "realização histórica, real e específica" é "a menor coisa: o significado da palavra alcança muito mais". Se alguma vez houve um caso em que não se pensasse em dois significados e realizações típicas, certamente está aqui. Em tal hora de angústia, só poderia haver um pensamento presente no coração de Jesus. Ele viu a crescente tempestade de ira em que a devotada cidade logo seria envolvida, e que explodiria com tanta violência sobre a terna e delicada, as crianças e as mães de Jerusalém. E Ele retribuiu a piedade que Ele recebeu daqueles corações compassivos - mais tocados naquele momento por suas aflições antecipadas, do que pelos seus próprios. Qual é a necessidade de ir além dessa catástrofe trágica e procurar outra sobre a qual o contexto é totalmente silencioso?

A Oração do Ladrão Penitente.

Lucas 23:42: "E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino".

O único ponto que nos preocupa neste incidente memorável é a referência feita pelo malfeitor à *vinda* do nosso Senhor em seu reino. Não sabemos o jeito que ele tinha adquirido esse conhecimento, pois o reconheceu como Profeta e sabia que estava ao lado do rei de Israel, o Filho de Deus. Ele acreditava que, apesar de sua rejeição e crucificação por parte de Israel, um dia ele voltaria em seu reino. Quanta fé em um homem como este e em um momento como este! Se o ladrão na cruz ouviu o testemunho de Jesus diante do sumo sacerdote, ou se eu soubesse o que Jesus disse a seus discípulos que: "alguns deles não veria a morte até que tinha visto o Filho do homem no seu reino", poderíamos explicar melhor a sua fé e oração. De qualquer forma, não poderia ter havido mais inteligência e precisão na linguagem de um discípulo do que nas palavras dessa "marca arrancada do fogo". Que noção o malfeitor tinha a respeito do *tempo* daquela vinda, se ele a concebia como próxima ou distante, não temos meios de saber; mas é presumível que ele a considerasse próxima. Um homem moribundo dificilmente rogaria para ser lembrado em alguma época distante, depois de séculos e milênios terem se passado. Numa crise como essa, só o iminente ou o imediato poderia ocupar seus pensamentos. Uma coisa parece certa: a mais incrível de todas as interpretações é aquela que representaria sua oração

como ainda sem resposta, e a "vinda" de que ele falava como ainda entre os eventos de um futuro desconhecido.

A Comissão Apostólica.

Mateus 28:19, 20:	Marcos 16:15, 20:	Lucas 24:47:
"Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém".	"E disse-lhes: Ide em todo o mundo, e prega o evangelho a toda criatura. E eles, saindo, pregavam em todos os lugares, ajudando o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que a seguiam, Amém".	"E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém".

É comum considerar esta comissão como se fosse dirigida a toda a Igreja Cristã em todas as eras. Sem dúvida, é possível inferir dessas palavras a obrigação perpétua que repousa sobre todos os cristãos em todos os tempos, para propagar o Evangelho entre todas as nações; mas é importante considerar as palavras em sua referência correta e original. É a comissão de Cristo para Seus mensageiros escolhidos, designando-os para o seu trabalho evangelístico, e assegurando-lhes a Sua constante presença e proteção. Tem uma aplicação especial para os apóstolos que não pode ter para outros. Nós já anunciamos o fato de que os discípulos, a quem essa comissão foi dada, parecem não ter entendido como direcionando-os a estender seus trabalhos evangelísticos além dos limites da Palestina, ou a pregar o Evangelho a judeus e gentios indiscriminadamente. É certo que eles não agiram imediatamente, nem ainda por anos, sobre essa comissão em seu sentido mais amplo; nem parece provável que eles o teriam feito sem uma revelação expressa. Como o Dr. Burton mostrou, não menos de quinze anos se passaram entre a conversão de São Paulo e sua primeira jornada apostólica para pregar entre os gentios. "Também não há evidências de que, durante esse período, os outros apóstolos tenham ultrapassado os limites da

Judeia".[1] Há muita probabilidade, portanto, na opinião de que a linguagem da comissão apostólica não transmitiu às suas mentes a mesma ideia que faz a nós, e que, como já vimos, a frase "todas as nações" [πάντα τὰ ἔθνη] é realmente equivalente a "todas as tribos da terra" [πᾶσαι αἱ φυλαὶ τῆς γῆς].

Mas o que especialmente merece atenção é a notável limitação do tempo, o "terminus ad quem", aqui especificado por nosso Salvador. "eu estarei com vocês sempre [todos os dias], até o fim do mundo" [συντελείας τοῦ αἰῶνος]. Nada pode ser mais enganoso para o leitor de uma Bíblia moderna do que a expressão "o fim do mundo"; que inevitavelmente sugere o fim da história humana, o fim dos tempos e a destruição da Terra - um significado que as palavras não suportarão. Lange, embora longe de apreender o verdadeiro significado da frase, corretamente dá o sentido, "a consumação do æon secular, ou o período de tempo que termina com a Parousia". O que pode ser mais evidente do que a promessa de Cristo de estar com Seus discípulos até o final da era; isso não implica que eles deveriam viver até o fim da era? Essa grande consumação não estava longe; o Senhor frequentemente falara sobre isso e sempre como um evento que se aproximava e que alguns deles viveriam para ver. Foi o encerramento da dispensação mosaica; o fim da longa provação da nação teocrática; quando todo o quadro e tecido da comunidade judaica foi varrido, e "o reino de Deus veio com poder". Este grande evento, que o nosso Senhor havia declarado, deveria acontecer dentro dos limite da existente geração. O "fim da era" coincidiu com a Parousia, e o sinal exterior e visível pelo qual se distingue é a destruição de Jerusalém. Este é o términus pelo qual no Novo Testamento o campo é limitado. Para Israel, era "o fim", "o fim de todas as coisas", a passagem do céu e da terra, a revogação da velha ordem, a inauguração do novo. Desta grande época providencial, a história nos diz muito, mas profetiza mais. A história nos mostra os sinais previstos que estariam para acontecer; os sintomas premonitórios da catástrofe que se aproximava - os falsos cristos, as guerras e rumores de guerras, as insurreições e comoções, os terremotos, fomes e

[1] Burton's Bampton Lecture, p. 20.

pestilências; as perseguições e tribulações; as legiões invasoras de Roma; a cidade sitiada e capturada; o templo em chamas; as miríades abatidas; a nação extinta. Mas a história não pode erguer o véu que pairava sobre o mundo espiritual; Ela nos leva até a fronteira e nos convida a adivinhar o resto. Mas temos uma palavra de profecia mais segura que, em vez de conjetura, nos dá segurança. Revela "o Filho do homem vindo em sua glória"; o rei sentado no trono; o tribunal e os livros abertos. Revela as ovelhas e as cabras separadas uma da outra; a sentença dos justos para vida eterna; e dos ímpios para o castigo eterno. Se não temos a verificação histórica do invisível e espiritual, como temos dos elementos visíveis e materiais dessa consumação, é porque eles não estão na natureza das coisas igualmente cognoscíveis pelos sentidos. Mas nós os aceitamos com base na fé em Sua palavra que declarou: "Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração"; e novamente: "Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas se cumpram". "O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão". O cumprimento literal de tudo o que se enquadra na esfera da observação humana é o comprovante para a credibilidade do restante, que pertence ao reino do invisível e do espiritual.

A PAROUSIA NO EVANGELHO DE SÃO JOÃO.

Nos Evangelhos Sinópticos, fomos capazes de comparar as alusões à Parousia registradas pelos evangelistas entre si; Não é fácil, contudo, entrelaçar o quarto evangelho com os sinópticos, e é frequentemente notável que não há nem uma única alusão direta à Parousia no quarto evangelho. Portanto, é preferível, por todas as razões, considerar o Evangelho de São João por si só, e descobriremos que as referências ao assunto de nossa pesquisa, embora não numerosas em número, são muito importantes e cheias de interesse.

A Parousia e a Ressurreição dos Mortos.

João 5:24-29: "Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em

si mesmo; E deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem. Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação".

Nas referências à consumação que se aproximava, que encontramos nos Evangelhos Sinóticos, é impossível não ficar impressionados com a associação constante da Parousia com o ato de julgamento sobre Jerusalém e seus habitantes. Desde o primeiro aviso deste grande evento até o último, a ideia de julgamento é apresentada de forma destacada. João Batista adverte a nação da "ira vindoura". Os homens de Nínive e a rainha do sul devem aparecer no julgamento com esta geração. Na colheita, no final da era, o joio seria queimado e o trigo recolhido no celeiro. O Filho do homem deveria vir em Sua glória para recompensar todos os homens de acordo com suas obras. O julgamento de Cafarnaum e Corazin seria mais pesado que o de Tiro e Sidom. As parábolas finais no ministério de nosso Senhor são quase todas declaratórias do julgamento vindouro - as minas, os lavradores maus, o casamento do filho do rei, as dez virgens, os talentos, as ovelhas e as cabras. A grande profecia do Monte das Oliveiras lida inteiramente com o mesmo assunto.

É notável que a primeira alusão que São João faça a esse evento reconheça seu caráter *judicial*. Mas agora encontramos um novo elemento introduzido na descrição da consumação que se aproxima. Está relacionado com *a ressurreição dos mortos*; de "todos que estão nos túmulos". "Está chegando a hora em que todos os que estão nas sepulturas ouvirão a sua voz e sairão" etc.

Não pode haver dúvida de que a passagem citada (João 5:28, 29) se refere à ressurreição literal dos mortos. Também pode ser admitido que o verso precedente (João 5:25-26) refere-se à comunicação da vida espiritual aos espiritualmente mortos.[1] O tempo para este processo

[1] Alguns intérpretes preferem entender "os mortos", no versículo 25, como tendo referência a casos como a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro de Betânia, pessoas literalmente ressuscitadas dentre os mortos e restauradas à vida por nosso Senhor. Eles entendem o argumento de nosso Senhor mais ou menos assim: "Vocês se admiram da obra maravilhosa que realizei sobre este homem paralítico, mas ainda verão prodígios muito maiores. O momento está próximo em que até os mortos eu trarei de volta à vida; e, se isso lhes parecer incrível, uma obra ainda mais poderosa será

vivificante já havia começado, "Vem a hora, e *agora* é." Os mortos em delitos e pecados estavam prestes a serem vivificados pelo poder vivificador do Espírito divino agindo sobre as almas dos homens na pregação do evangelho de Cristo. Este poder vitalício pertencia por nomeação divina ao Filho de Deus, a quem também fora confiado, em virtude de sua humanidade, o ofício de juiz supremo. (João 5:27)

Antecipando que essa afirmação de ser o Juiz da humanidade iria fascinar Seus ouvintes, nosso Senhor prossegue para fortalecer Sua afirmação e aumentar sua admiração, declarando que, por sua voz, e em pouco tempo, os mortos sairiam de suas sepulturas para permanecer diante do Seu trono de julgamento.

O leitor notará particularmente as indicações de tempo especificadas por nosso Senhor nessas passagens importantes. Primeiro, temos "a hora está chegando, e agora é": isto sugere que a ação mencionada, a comunicação da vida aos mortos já começou a entrar em vigor. Em seguida, temos "a hora está chegando", sem a adição das palavras "e agora é:" sugerindo que o evento especificado, a saber, a ressurreição dos mortos de suas sepulturas, está a uma distância maior do tempo, embora ainda não muito longe. A fórmula "a hora está chegando" sempre indica que o evento referido não está muito distante. Na verdade, ele não define o tempo, mas o coloca dentro de um período comparativamente breve. Encontramos essas duas expressões. "a hora está chegando" e "a hora está chegando, e agora está", usada por nosso Senhor em sua conversa com a esposa de Samaria (João 4:21,23), e seu uso aqui pode nos ajudar a estabelecer sua força na passagem que temos diante de nós. Quando nosso Senhor diz: "vem a hora, e agora é, quando os verdadeiros

---

um dia realizada pelo meu poder: pois vem a hora em que todos os que estão nos túmulos sairão ao meu chamado e estarão diante de mim em juízo." (Dr. J. Brown, Discourses and Sayings of our Lord, vol. I, p. 98.) Essa explicação tem a vantagem da consistência, ao dar o mesmo sentido à palavra "mortos" em toda a passagem; mas parece impossível admitir que nosso Senhor, no versículo 24, esteja falando de morte literal. Dizer que o crente já "passou da morte para a vida" é obviamente o mesmo que dizer que passou da condenação para a justificação. Sentimo-nos compelidos, portanto, a adotar a interpretação geralmente recebida, que considera os versículos 24 e 25 como referentes aos espiritualmente mortos, e os versículos 28 e 29 aos corporalmente mortos.

adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade", ele sugere que o tempo já estava presente, pois ele não havia começado a coletar a adoração daquela igreja espiritual dos verdadeiros adoradores dos quais ele falou? Quando, porém, Ele diz: "Mulher, acredite em mim, chega a hora em que você não deve adorar o Pai nesta montanha, nem ainda em Jerusalém", Ele fala de um tempo que, embora não distante, ainda não havia chegado. Ele previu o período em que falou, quando o culto ao templo cessaria - quando o monte Sião fosse "arado como um campo", e o monte Gerizim também ficaria desolado com o dilúvio da ira que viria. Mas a revogação do local e do material foi necessária para a inauguração do universal e do espiritual; e, portanto, o templo com seu ritual deveria ser varrido para dar lugar ao culto mais nobre "em espírito e em verdade".

Certamente, não se pode provar absolutamente que a frase "a hora está chegando" se refira exatamente ao mesmo ponto do tempo nesses dois casos, embora a presunção seja forte. Basta, neste estágio, observar o fato de que nosso Senhor aqui fala da ressurreição dos mortos e do julgamento como eventos que não eram distantes, mas estava tão próximo que se poderia dizer adequadamente: "A hora está chegando," etc.

A Ressurreição, o Julgamento e o Último Dia.

João 6:39: "E a vontade do Pai, que me enviou, é esta: que eu não perca nenhum de todos os que ele me deu, mas que eu os ressuscite no último dia."

João 6:40: "Eu o ressuscitarei no último dia."

João 6:44: "Eu o ressuscitarei no último dia."

João 6:54: "Eu o ressuscitarei no último dia."

João 11:24: "Ele há de ressuscitar na ressurreição, no último dia."

João 12:48: "A palavra que tenho falado, essa o há de julgar no último dia."

Temos nessas passagens outra nova frase em conexão com a consumação que se aproxima, que é peculiar ao Quarto Evangelho. Nunca encontramos nos sinópticos a expressão "o último dia", embora encontremos seus equivalentes "naquele dia" e "o dia do julgamento". Não se pode duvidar que essas expressões sejam sinônimos e se refiram ao mesmo período. Mas já vimos que o julgamento é contemporâneo do

"fim da era" [συντελείας τοῦ αἰῶνος] e inferimos que "o último dia" é apenas outra forma da expressão "o fim da era ou æon". A Parousia também é constantemente representada como coincidente no tempo com "o fim da era", de modo que todos esses grandes eventos, a Parousia, a ressurreição dos mortos, o julgamento e o último dia, são contemporâneos. Desde então, o fim da era não é, como geralmente se imagina, o *fim do mundo*, ou a destruição total da Terra, mas o *encerramento da economia judaica*; e como o próprio Senhor, de maneira distinta e frequente, coloca esse evento dentro dos limites da geração existente, concluímos que a Parousia, a ressurreição, o julgamento e o último dia pertencem ao período da destruição de Jerusalém.

Por mais surpreendente ou incrível que tal conclusão possa parecer à primeira vista, é com isso que os ensinamentos do Novo Testamento estão absolutamente comprometidos, e à medida que avançarmos nesta investigação, encontraremos a evidência em apoio dela se acumulando em um grau tal que se tornam irresistível. Nos encontraremos com expressões como "*os últimos tempos*", "*os últimos dias*" e "*a última hora*", denotando evidentemente o mesmo período que "*o último dia*" - ainda mencionado como não muito distante, e mesmo como já vindo. Enquanto isso, podemos apenas pedir ao leitor que reserve seu julgamento, e com calma e imparcialidade, para pesar as evidências derivadas não da autoridade humana, mas da própria palavra inspirada.

O Julgamento deste Mundo e do Príncipe deste Mundo.

João 12:31: "Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo".

João 16:11: "E do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado".

É comum explicar estas palavras como significando que uma grande crise na história espiritual do mundo estava agora à mão: que a morte de Cristo na cruz foi o ponto de viragem, por assim dizer, do grande conflito entre o bem e o o mal, entre o Deus vivo e verdadeiro e o falso deus usurpador deste mundo - que o resultado da morte de Cristo seria a derradeira derrota do poder de Satanás e o estabelecimento final do reino da verdade e justiça nas ruínas do império de Satanás.

Sem dúvida há muita verdade importante nesta explicação, mas ela não satisfaz todos os requisitos da linguagem muito distinta e enfática de nosso Senhor com relação à *proximidade* e *completude* do evento ao qual Ele se refere: "*Agora* é o julgamento de este mundo; *agora* o príncipe deste mundo será expulso". Não basta dizer que, para a presciência profética de nosso Salvador, o futuro distante era como se fosse presente; nem que, por sua morte iminente, o juízo do mundo e a expulsão de Satanás estariam virtualmente assegurados, podendo, portanto, ser considerados como fatos já consumados. Nem é suficiente dizer que a partir do momento em que o grande sacrifício da cruz foi realizado, o poder e influência de Satanás começou a diminuir, e têm a diminuir constantemente, até que ele finalmente seja aniquilada. A linguagem de nosso Senhor aponta manifestamente para uma grande e final transação *judicial*, que em breve aconteceria. Mas o *julgamento* é um ato que dificilmente pode ser concebido como se estendendo por um período indefinido, e especialmente quando é restringido pela palavra *agora*, a um ponto distinto e iminente do tempo. A expressão "*expulso*" é, evidentemente, uma alusão à expulsão de um demônio de um corpo possuído por um espírito imundo. Mas isso sugere um ato súbito, violento e quase instantâneo, não um processo gradual e prolongado. Nenhuma figura poderia ser menos apropriada para descrever o lento declínio e o esgotamento final do poder satânico do que a *expulsão* de um demônio. Somos obrigados, portanto, a deixar de lado a explicação que faz as palavras de nosso Senhor se referirem a um julgamento que, após o lapso de muitas eras, ainda está em andamento; ou a uma expulsão de Satanás que ainda não foi efetuada. Ele não falaria de um julgamento que não aconteceria há milhares de anos como "*agora*", nem de uma "expulsão" de Satanás como *iminente*, se isto fosse o resultado de um processo lento e prolongado.

Concluímos, então, que quando nosso Senhor disse: "Agora é o julgamento deste mundo", etc., Ele se referiu a um evento que estava *próximo*, e em certo sentido *imediato*: isto é, Ele tinha em vista a grande catástrofe que não parece ter estado ausente dos Seus pensamentos - a solene transação judicial em que "o Filho do homem se assentaria no trono da sua glória" - a grande "colheita" no fim da era, quando o anjo os ceifeiros deveriam "reunir de seu reino todas as coisas que ofendem, e os

que cometem iniquidade". Se for objetado a isso que a palavra κόσμος (mundo) seja muito abrangente para ser restrita a uma terra ou uma nação, pode-se responder que κόσμος é empregado aqui, como em algumas outras passagens, especialmente nos escritos de São João, mais no sentido ético do que como expressão geográfica. (Veja João 7:7, 8:23, 1 João 2:15, 5:14)

Mas pode-se dizer, como este julgamento de Israel pode ser dito como "*agora*", mais do que um julgamento que ainda está no futuro? Quarenta anos no futuro não são mais *agora* do que quatro mil anos. A isto pode ser respondido, Que o evento era agora iminente que mais do que qualquer outro e precipitaria o dia da desgraça para Israel. A crucificação de Cristo foi o clímax do crime - o ato culminante de apostasia e culpa que encheu o cálice da ira e selou o destino da "geração perversa". O intervalo entre a crucificação de Cristo e a destruição de Jerusalém foi apenas o curto espaço entre o pronunciamento da sentença e a execução do criminoso; e da mesma forma, nosso Senhor, quando ele deixou o templo pela última vez, exclamou: "Eis que a vossa casa fica desolada!", embora sua desolação só tenha acontecido quase quarenta anos depois, para que Ele pudesse dizer: "Agora é o julgamento deste mundo" - embora um espaço similar de tempo possa decorrer entre o enunciado e a realização de Suas palavras.

De maneira semelhante, a "expulsão do príncipe deste mundo" é representado como coincidente com "o julgamento deste mundo", e ambos são manifestamente o resultado da morte de Cristo. Mas como se pode dizer que Satanás foi expulso no período mencionado, o julgamento no final da era? Esse evento marcou uma grande época na administração divina. Foi a inauguração de uma nova ordem de coisas: a "vinda do reino de Deus" em um sentido elevado e especial quando a relação especial entre Jeová e Israel foi dissolvido, e ele veio a ser conhecido como Deus e Pai de toda raça humana. A partir de então, Satanás não seria mais o deus deste mundo, mas o Altíssimo levaria o reino para si. Esta revolução foi efetuada pela morte expiatória de Cristo na cruz, que é declarado "a reconciliação de todas as coisas nele mesmo, tanto os da terra como os do céu." (Colossenses 1:20) Mas a inauguração formal da nova ordem é descrito como tendo lugar no "fim da era", o período em que "o reino de Deus vem com poder" e o Filho do homem

se assenta como um juiz "no trono de sua glória". O que poderia ser mais apropriado, então, do que a "expulsão" do príncipe deste mundo no período em que seu reino, "este mundo", foi julgado?

Pode-se objetar que, se algum evento como a expulsão de Satanás ocorrer, deve ser marcado por uma diminuição muito palpável do poder do diabo sobre os homens. A objeção é razoável, e pode ser satisfeita pela afirmação de que tal evidência do abatimento da influência satânica no mundo existe. A história dos tempos do nosso próprio Salvador fornece provas abundantes do exercício de um poder sobre as almas e corpos de homens então possuídos por Satanás, que felizmente é desconhecido em nossos dias. A misteriosa influência chamada "possessão demoníaca" é sempre atribuída na Escritura à agência satânica; e foi uma das credenciais da comissão divina de nosso Senhor que Ele, "pelo dedo de Deus, expulsou demônios". Em que período a sujeição dos homens ao poder demoníaco deixou de se manifestar? Era comum nos dias de nosso Senhor: ela continuou durante a era dos apóstolos, pois temos muitas alusões à expulsão de espíritos imundos; mas não temos evidência de que ela continuou a existir nas eras pós-apostólicas. O fenômeno desapareceu tão completamente que, para muitos, sua existência anterior é incrível, e eles o transformam em uma superstição popular ou, na teoria não científica da doença mental, uma explicação totalmente incompatível com as representações do Novo Testamento.

É digno de nota que nosso Senhor, em uma ocasião anterior, fez uma declaração muito semelhante à que estamos considerando agora.

Quando os setenta discípulos voltaram de sua missão evangélica, eles relataram com alegria o seu sucesso expulsando demônios em nome de seu Mestre: "Senhor, até os demônios estão sujeitos a nós em teu nome." (Lucas 10:17) Em resposta, Jesus disse a eles, "Eu vi Satanás cair do céu como um relâmpago", uma expressão que é quase equivalente às palavras: "Agora o príncipe deste mundo será expulso", e sobre a qual Neander faz as seguintes observações sugestivas:

"Assim como Cristo havia anteriormente designado a cura de endemoninhados realizada por Ele mesmo como um sinal de que o reino de Deus havia chegado à terra, assim agora considerava o que os discípulos relataram como um sinal do poder conquistador desse reino, diante do qual toda coisa maligna deve ceder: 'Vi Satanás cair

do céu como um relâmpago', ou seja, do pináculo de poder que até então ele detinha entre os homens. Diante do olhar intuitivo de Seu espírito estavam abertos os resultados que deveriam decorrer de Sua obra redentora após Sua ascensão ao céu. Ele viu, em espírito, o reino de Deus avançando em triunfo sobre o reino de Satanás. Ele não diz, 'vejo agora', mas 'vi'. Ele o viu antes que os discípulos apresentassem seu relato sobre os milagres realizados. Enquanto eles realizavam essas obras isoladas, Ele viu a grande obra única, da qual aquelas eram apenas sinais particulares e individuais, a vitória sobre o poderoso domínio do mal, que governava a humanidade, completamente alcançada."[1]

Ao comparar estas duas afirmações notáveis de nosso Senhor, há três pontos que merecem atenção especial:

1. Ambos são pronunciados em ocasiões em que o triunfo de sua causa se aproximava vividamente diante dele.

2. Em ambos, a expulsão de Satanás é representada como um fato consumado.

3. Em ambos os casos é considerado um ato rápido e sumário, não um processo lento e prolongado: em um caso, Satanás cai "como um relâmpago do céu"; no outro, ele é "expulso" como um espírito imundo de um endemoninhado.

Neander, portanto, perdeu um pouco o verdadeiro sentido da expressão, em suas observações admiráveis. Pensamos que as palavras apontam claramente para uma grande transação judicial, ocorrendo em um ponto particular do tempo, aquele tempo muito próximo, e como consequência e resultado da morte do Salvador na cruz. Tal transação e tal período só podemos encontrar na grande catástrofe retratada tão vividamente por nosso Senhor em Seu discurso profético, e, portanto, não podemos hesitar em compreender Suas palavras para nos referirmos a esse evento memorável.

Nenhuma outra explicação satisfaz os requisitos da declaração: "Agora é o julgamento deste mundo; agora o príncipe deste mundo será expulso".

---

[1] Life of Christ, chap. xii. § 205.

O RETORNO DE JESUS [A PAROUSIA] SERÁ RÁPIDO.

João 14:8: "E se eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos levarei para mim."

João 14:18: "Não vos deixarei órfãos; virei ter convosco."

João 14:28: "Vou, mas voltarei para junto de vós."

João 16:16: "Um pouco, e não me vereis; e de novo um pouco, e me vereis, porque vou para o Pai."

João 16:22: "Voltarei a vos ver, e então vosso coração se alegrará."

Por mais simples que essas palavras possam parecer, elas causaram grande perplexidade aos comentaristas. Sua própria simplicidade talvez seja a principal causa de sua dificuldade: pois é tão difícil acreditar que eles querem dizer o que parecem dizer. Supõe-se que nosso Senhor se refira, em algumas dessas passagens, à partida da terra que se aproxima e ao seu retorno final no "fim de todas as coisas", à consumação da história humana; e que nos outros Ele se refere à Sua ausência temporária de Seus discípulos durante o intervalo entre Sua crucificação e Sua ressurreição.

Um exame cuidadoso das alusões de nosso Senhor a Sua partida e Sua vinda novamente satisfará todo leitor inteligente que Sua "vinda" ou "vinda novamente" sempre se refere a um evento em particular e a um período em particular. Nenhum evento é mais distintamente marcado no Novo Testamento do que a *Parousia*, a "segunda vinda" do Senhor. É sempre mencionado como um *ato*, e não como um *processo*; um grande e auspicioso *(cheio de bons presságios)* evento; uma "esperança abençoada", ansiosamente esperada por Seus discípulos que acreditavam estar à mão. Os apóstolos e os primeiros crentes não sabiam nada de uma Parousia contínua por um período vasto e indefinido de tempo; nem de várias "vindas", todas distintas e separadas umas das outras; mas de apenas *uma* Parousia, "a gloriosa aparição do grande Deus, nosso Salvador Jesus Cristo". (Tito 2:13) Se algo está claramente escrito nas Escrituras, é isso. Portanto, é com espanto que lemos os comentários de Dean Alford sobre as palavras de nosso Senhor em João 14:3:

"A *volta do Senhor* não é um único ato, como Sua ressurreição, ou a descida do Espírito, ou Sua segunda vinda pessoal, ou a vinda final para o juízo, mas o *grande complexo* de todos esses eventos, cujo resultado será Ele tomar o Seu povo para Si, para onde Ele está. Esse ἔρχομαι ('eu venho') tem *início* (v. 18) em Sua ressurreição; é

continuado (v. 23) na vida espiritual, preparando-os para o lugar preparado; é *ainda mais avançado* quando cada um, pela morte, é levado para estar com Ele (Filipenses 1:23); e é *plenamente completado* em Sua vinda em glória, quando estarão para sempre com Ele (1 Tessalonicenses 4:17), no estado de ressurreição aperfeiçoado."[1]

Tudo isso evoluiu da palavra ἔρχομαι! Mas se ἔρχομαι tem uma variedade e complexidade de significado, por que não υπὰγω (Eu estou indo) e πορευομαι (eu vou embora)? Por que o "ir embora" não deve ter tantas partes e processos quanto o "voltar"? Pode-se perguntar da mesma forma: Como os discípulos poderiam ter entendido a linguagem de nosso Senhor, se tivesse um "grande complexo" de significado? Ou como se pode esperar que homens comuns cheguem à apreensão das Escrituras, se as expressões mais simples são tão complexas e desconcertantes?

Esse comentário não é concebido no espírito do lúcido senso comum, mas no jargão místico de Lange e Stier. O que pode ser mais claro do que o fato de que "voltar novamente" é um ato tão definido quanto o "ir embora", e só pode se referir à aquela que é a grande profecia e promessa do Novo Testamento, a Parousia? Que este evento não deve ser adiado por muito tempo é evidente no idioma em que é anunciado: ἔρχομαι - "Estou vindo". Todo o teor do discurso de nosso Senhor supõe que a separação entre Seus discípulos e Ele mesmo deve ser breve, e sua reunião rápida e perpétua. Por que Ele vai embora? Para preparar um lugar para eles. Ainda não está preparado? Ele ainda não os recebeu para si mesmo? Eles ainda não estão onde Ele está? Se a Parousia ainda estiver no futuro, essas esperanças ainda não foram cumpridas.

Que esse retorno e reencontro esperados não eram um evento distante, a muitos séculos no futuro, mas algo iminente, é demonstrado pelas referências subsequentes feitas a ele por nosso Senhor: Um pouco, e não me vereis; e outra vez, um pouco, e ver-me-eis, porque vou para o Pai." (João 16:16) Ele estava prestes a deixá-los; mas não seria para sempre, nem por muito tempo, "um pouco", alguns poucos anos, e então sua tristeza e separação chegariam ao fim; pois "eu vos verei outra vez, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém vos tirará." (v. 22) Observa-se que o Senhor não diz que a *morte* os reuniria, mas a Sua *vinda* a eles. Portanto, essa vinda não poderia estar distante.

---

[1] Greek Testament, *in loc.*

Que é a esse intervalo entre Sua partida e a Parousia que nosso Senhor se refere quando fala de "um pouco de tempo" é evidente a partir de duas considerações: Primeiro, porque ele distintamente afirma que vai ao Pai, o que mostra que Sua ausência refere-se ao período subsequente à ascensão; e, segundo, porque na Epístola aos Hebreus neste mesmo período, viz. o intervalo entre a partida de nosso Senhor e Sua vinda novamente, é expressamente chamado de "um pouco de tempo". "Ainda *um pouco de tempo*, e o que virá virá e não tardará". (Hebreus 10:37)

Aqui, novamente, somos obrigados a protestar contra a interpretação forçada e não natural dessa passagem (João 16:16) pelo Dr. Alford:

"O modo de expressão", observa ele, "é propositadamente enigmático; o θἔωρειτέ e ὐψεσθε não sendo coordenados: o primeiro referindo-se a visão física, o segundo à visão espiritual. O ὐψεσθε (vereis) *começou a ser cumprido* na ressurreição; depois recebeu sua *principal realização* no dia de Pentecostes; e terá sua *conclusão final* no grande retorno do Senhor a seguir. Lembre-se, novamente, que em todas essas profecias, temos uma perspectiva de realizações contínuas que nos são apresentadas".[1]

Conceba um ato de visão, "vereis", dividido em três operações distintas, cada uma separada da outra por um longo intervalo, e a última ainda incompleta após o lapso de dezoito séculos, e isso diante da declaração explícita de nosso Senhor de que seria "*em pouco tempo*". Isso não é crítica, mas misticismo. Uma explicação tão artificial e intrincada nunca poderia ter ocorrido aos discípulos, e é surpreendente que isso tenha ocorrido a qualquer intérprete sóbrio das Escrituras. Mas mesmo os discípulos, embora inicialmente perplexos com o "pouco tempo", logo compreenderam completamente nosso Senhor quando Ele disse:

"Saí do Pai e vim ao mundo; outra vez, deixo o mundo e vou para o Pai." (João 16:28)

Acrescentemos a isso outras três palavras de Jesus, e teremos a essência de Seu ensino a respeito da Parousia:

"Voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também." (João 14:3)

"Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós." (João 14:18)

---

[1] Alford, Greek Testament, *in loc.*

"Um pouco, e não me vereis; e outra vez, um pouco, e ver-me-eis." (João 16:16)

A linguagem é incapaz de transmitir o pensamento com precisão, se essas palavras não afirmam que o retorno do nosso Salvador a Seus discípulos seria rápido.

SÃO JOÃO VIVERÁ ATÉ A PAROUSIA.

João 21:22: "Disse-lhe Jesus: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu".

Seria inútil especificar e discutir as várias interpretações dessa passagem que os homens instruídos conjeturaram. Se tivesse sido um enigma da Esfinge, não poderia ter causado mais perplexidade e sido mais desconcertante. Aqueles que desejam ver algumas das muitas opiniões que foram levantadas sobre o assunto irão encontrá-los nas referências de Lange.[1]

As próprias palavras são suficientemente simples. Toda a obscuridade e dificuldade foram introduzidas nelas pela relutância dos intérpretes em reconhecer, na "vinda" de Cristo, um ponto de tempo distinto e definido dentro do espaço da geração então existente. Por mais frequentemente que nosso Senhor repita a afirmação de que viria em Seu reino, viria em glória, viria para julgar Seus inimigos e recompensar Seus amigos, antes que a geração então viva na terra tivesse totalmente passado, parece haver uma repugnância quase invencível por parte dos teólogos em aceitar Suas palavras em seu sentido simples e evidente. Eles insistem em supor que Ele deva ter querido dizer outra coisa ou algo mais. Mas, uma vez admitido, o que é inegável, que o próprio Senhor declarou que Sua vinda ocorreria na vida de alguns de Seus discípulos (Mateus 16:27–28), toda a dificuldade desaparece. Ele acabara de revelar a Simão Pedro por que tipo de morte haveria de glorificar a Deus; e Pedro, com sua característica impulsividade, presumiu perguntar qual seria o destino do discípulo amado, que naquele momento chamava sua atenção. Nosso Senhor não deu uma resposta explícita a essa pergunta, que saboreava um pouco de intrusão, mas sua resposta foi entendida pelos discípulos como significando que João viveria para ver o retorno do Senhor. "Se eu quero que ele fique até que eu venha." Essa linguagem

[1] Commentary on St. John.

é muito significativa. Ela admite como *possível* que João pudesse viver até a vinda do Senhor; mais do que isso, sugere isso como *provável*, embora não o afirme como certo. Os discípulos interpretaram que João não morreria de modo algum. O próprio evangelista não afirma nem nega a exatidão dessa interpretação, mas se contenta em repetir as palavras reais do Senhor: "Se eu quero que ele se fique até que eu venha." É, porém, um fato de grande interesse que saibamos como as palavras de Cristo foram geralmente entendidas naquela época pela irmandade dos discípulos. Eles evidentemente concluíram que João viveria para testemunhar a vinda do Senhor, e inferiram que, nesse caso, ele não morreria. É justamente contra essa inferência final que João toma cuidado para não se comprometer. Que ele viveria até a vinda do Senhor, ele parece admitir sem questionar; se isso implicava, além disso, que ele não morreria de modo algum, era um ponto duvidoso que as palavras de Jesus não decidiram.

Nem essa inferência dos "irmãos" era algo tão inacreditável ou irrazoável como pode parecer a muitos. Viver até a vinda do Senhor era, segundo a crença e o ensino apostólicos, equivalente a desfrutar de isenção da morte. São Paulo ensinou aos Coríntios: "Nem todos dormiremos [morreremos], mas todos seremos transformados." (1 Coríntios 15:51) Ele falou aos Tessalonicenses sobre a possibilidade de estarem vivos na vinda do Senhor: "Nós, os que estivermos vivos e permanecermos até a vinda do Senhor." (1 Tessalonicenses 4:15) Expressou sua própria preferência pessoal: "Não ser despido [da veste corporal], mas revestido [da veste espiritual]", em outras palavras, não morrer, mas ser transformado. (2 Coríntios 5:4) Os discípulos poderiam sentir-se justificados nessa crença pelas palavras de Jesus na noite da ceia pascal: "Voltarei e vos receberei para mim mesmo." Como poderiam supor que isso significava morte? Ou talvez se lembrassem de Suas palavras no Monte das Oliveiras: "O Filho do Homem enviará seus anjos com grande som de trombeta, e reunirão os seus eleitos." (Mateus 24:31), etc. Jesus lhes assegurara que isso ocorreria antes que a geração então viva passasse completamente. Portanto, eles não estavam totalmente

despreparados para receber um anúncio como o que nosso Senhor fez a respeito de João.[1]

Podemos, portanto, legitimamente tirar as seguintes inferências deste importante trecho:

1. Que não havia nada de inacreditável ou absurdo na suposição de que João pudesse viver até a vinda do Senhor.

2. Que as palavras de nosso Senhor sugerem a probabilidade de que ele realmente o faria.

3. Que os discípulos entenderam a resposta de Jesus como implicando, além disso, que João não morreria de modo algum.

4. Que o próprio São João não dá sinais de que houvesse algo inacreditável ou impossível na inferência, embora não se comprometa com ela.

5. Que tal opinião estaria em harmonia com o ensino expresso de nosso Senhor a respeito da proximidade e coincidência de Sua própria vinda, da destruição de Jerusalém, do julgamento de Israel e do fim do æon ou era.

6. Que todos esses eventos, segundo as declarações de Cristo, ocorreriam dentro do período da geração então existente.

Depois de ter percorrido os quatro evangelhos e examinado todas as passagens relacionadas à Parousia, ou à vinda do Senhor, pode ser útil recapitular e colocar em uma vista o ensino geral desses registros inspirados sobre esse importante assunto.

[1] Quase não é necessário apontar que, sob a hipótese de que a "vinda" de Cristo só ocorreria no "fim do mundo", no sentido popular da expressão, a resposta de nosso Senhor envolveria uma extravagância, se não um absurdo. Seria equivalente a dizer: "Suponha que eu queira que ele viva mil anos ou mais, que lhe importa?" Mas é evidente que os discípulos levaram a resposta a sério.

RESUMO DO ENSINAMENTO DOS EVANGELHOS A RESPEITO DA PAROUSIA.

1. Temos o elo entre a profecia do Antigo e do Novo Testamento no anúncio de João Batista (Elias de Malaquias) sobre a aproximação da ira vindoura ou o julgamento da nação teocrática.

2. O arauto é seguido de perto pelo rei, que anuncia que o reino de Deus está próximo e pede à nação que se arrependa.

3. As cidades que foram favorecidas com a presença, mas rejeitaram a mensagem, de Cristo estão ameaçadas com um destino mais intolerável do que o de Sodoma e Gomorra.

4. Nosso Senhor assegura expressamente a Seus discípulos que Sua vinda aconteceria antes que eles completassem a evangelização das cidades de Israel.

5. Ele prevê um julgamento no "fim da era" ou æon [συντελείας τοῦ αἰῶνος], uma frase que não significa a destruição da Terra, mas *a consumação da era*, ou seja, a dispensação judaica.

6. Nosso Senhor declara expressamente que Ele viria *rapidamente* [μέλλεί ἔρχομαὶ] em glória, em Seu reino, com Seus anjos, e que alguns dentre Seus discípulos não morreriam até que Sua vinda acontecesse.

7. Em várias parábolas e discursos, nosso Senhor prediz a destruição iminente sobre Israel no período de Sua vinda. (Ver Lucas 18, *parábola da viúva importuna*. Lucas 19, *parábola das libras*. Mateus 21, *parábola dos lavradores maus*. Mateus 22, *parábola do banquete do casamento*.)

8. Nosso Senhor frequentemente denuncia a maldade da geração à qual pregou e declara que os crimes das eras anteriores e o sangue dos profetas seriam exigidos por suas mãos.

9. A ressurreição dos mortos, o julgamento do mundo e a expulsão de Satanás são representados como coincidentes com a Parousia, e quase à mão.

10. Nosso Senhor garantiu a Seus discípulos que Ele voltaria *a eles*, e que Sua vinda seria "*em pouco tempo*".

11. A profecia no Monte das Oliveiras é um discurso conectado e contínuo, com referência exclusiva à destruição de Jerusalém e Israel que

estava próxima, de acordo com a declaração expressa de nosso Senhor. (Mateus 24:34; Marcos 13:30; Lucas 21:32)

12. As parábolas das dez virgens, os talentos, as ovelhas e as cabras pertencem a esse mesmo evento, e são cumpridas no julgamento de Israel.

13. Os discípulos são exortados a vigiar e orar, e a viver na expectativa contínua da Parousia, porque isso seria repentino e rápido.

14. Após a ressurreição, nosso Senhor deu a São João motivos para esperar que ele vivesse para testemunhar Sua vinda.

APÊNDICE À PARTE I.

NOTA A.
Sobre a Teoria de Interpretação de Duplo Sentido.

Os trechos a seguir, de teólogos de diferentes idades, países e igrejas, exibem um poderoso consenso de autoridades em oposição ao método de interpretação solto e arbitrário adotado por muitos comentaristas alemães e ingleses:

"Unam quandam ac certam et simplicem sententiam ubique quærendam esse." - Melanchthon

("Deve-se buscar em toda parte um único e definido sentido simples [das Escrituras].")

"Absit a nobis ut Deum faciamus δίγλωττον, aut multiplices sensus affingamus ipsius verbo, in quo potius tanquam in speculo limpidissimo sui autoris simplicitatem contemplari debemus. (Salmos 12:6; 19:8) *Unicus* ergo *sensus* scripturæ, nempe *grammaticus*, est admittendus, quibuscunque demum terminis, vel propriis vel tropicis et figuratis exprimatur." - Maresius

("Longe de nós esteja fazer de Deus um ser de duas línguas, ou atribuir múltiplos sentidos à Sua Palavra, na qual devemos antes contemplar, como em um espelho límpido, a simplicidade de seu divino Autor. (Salmos 12:6; 19:8) Portanto, apenas um *único sentido* da Escritura é admissível, o sentido *gramatical*, seja ele expresso em termos próprios, ou tropológicos e figurativos.")

"A observação do Dr. Owen é cheia de bom senso: 'Se a Escritura tem mais de um sentido, então ela não tem sentido algum.' E isto se aplica com a mesma força às profecias quanto a qualquer outra parte da Escritura." - Dr. John Brown, Sufferings and Glories of the Messiah, p. 5, nota.

"As consequências de admitir tal princípio deveriam ser bem ponderadas. Que livro na terra possui um duplo sentido, a menos que seja um livro de *enigmas* intencionais? E mesmo este tem apenas um significado real. Os oráculos pagãos, de fato, podiam dizer: "*Aio te, Pyrrhe, Romanos vincere posse*" ("Digo-te, Pirro, que podes vencer os romanos"), mas tal *equivoco* pode ser admitido nos oráculos do Deus vivo? E se um sentido *literal* e um sentido *oculto* podem, ao mesmo tempo e pelas mesmas palavras, ser transmitidos, quem, que não seja inspirado, poderá nos dizer qual é o sentido oculto? Por quais leis de interpretação ele deve ser julgado? Por nenhuma que pertença à linguagem humana; pois outros livros além da Bíblia não têm um duplo sentido ligado a eles.

Por estas e outras razões semelhantes, o esquema de atribuir um duplo sentido às Escrituras é inadmissível. Ele destrói todos os princípios fundamentais de interpretação pelos quais chegamos a convicção e certeza estabelecidas, e nos lança no vasto oceano da imaginação e conjectura, sem leme nem bússola." - Stuart on the Hebrews, Excursus XX.

"Em primeiro lugar, pode-se estabelecer que a Escritura tem um único sentido, o sentido que ela teve na mente do profeta ou evangelista que primeiro a pronunciou ou escreveu, e para os ouvintes ou leitores que primeiro a receberam.

A Escritura, como outros livros, tem um único sentido, o qual deve ser obtido a partir dela mesma, sem referência às adaptações dos pais da Igreja ou dos teólogos, e sem consideração de noções a *priori* sobre sua natureza e origem.

A função do intérprete não é acrescentar outro [significado], mas recuperar o original, isto é, o sentido das palavras tal como soaram aos ouvidos ou brilharam diante dos olhos daqueles que primeiro as ouviram e leram." - Professor Jowett, Essay on the Interpretation of Scripture, § i. 3–4.

"Sustento que as palavras da Escritura foram destinadas a ter um único sentido definido, e que nosso primeiro objetivo deve ser descobrir esse sentido e aderir rigidamente a ele. Creio que, como regra geral, as palavras da Escritura têm, como toda outra linguagem, um único significado simples e definido, e que dizer que as palavras *significam algo* apenas porque *podem* ser forçadas a significá-lo é uma maneira desonrosa e perigosa de lidar com a Escritura." - Canon Byle, Expository Thoughts on St. Luke, vol. I, p. 383.

NOTA B.
Sobre o Elemento Profético nos Evangelhos.

"Passemos às predições sobre a destruição de Jerusalém. Essas predições, como é bem sabido, em todas as narrativas dos evangelhos (que, aliás, são singularmente concordes, o que implica que todos os evangelistas derivaram de uma mesma tradição consolidada), estão inextricavelmente entrelaçadas com profecias da segunda vinda de

Cristo e do fim do mundo, uma confusão que o Sr. Hutton admite plenamente. A parte referente à destruição da cidade é notavelmente definida e precisa, e corresponde de modo muito próximo ao evento real. A outra parte, ao contrário, é vaga e grandiloquente, e refere-se principalmente a fenômenos e catástrofes naturais. Da precisão de uma parte, a maioria dos críticos infere que os evangelhos foram compilados após ou durante o cerco e a conquista de Jerusalém. Da confusão entre as duas partes, o Sr. Hutton tira a conclusão oposta, a saber, que a predição já existia na forma atualmente registrada antes daquele evento. Ele argumenta que seria extremamente improvável que, se Jerusalém já tivesse caído e os outros sinais da vinda de Cristo não dessem qualquer indício de se seguir, os escritores não tivessem reconhecido e separado a confusão, e corrigido seus registros para harmonizá-los com o que então começava a ser visto como o verdadeiro sentido das palavras de Cristo, ou como a realidade histórica.

Mas a verdadeira perplexidade está aqui: a predição, tal como a temos, faz Cristo afirmar distintamente que Sua segunda vinda se seguiria "imediatamente", "naqueles dias", após a destruição de Jerusalém, e que "esta geração" (a geração a quem Ele falava) não passaria até que todas "essas coisas se cumprissem." O Sr. Hutton acredita que essas últimas palavras foram intencionadas por Cristo para se referirem apenas à destruição da Cidade Santa. Ele tem direito a sua opinião, e, em si mesma, não é uma solução improvável. Mas é, dadas as circunstâncias, uma interpretação algo forçada. Pois deve-se lembrar, primeiro, que ela se torna necessária apenas pela suposição que o próprio Sr. Hutton mantém, a saber, que os poderes proféticos de Jesus não poderiam falhar; segundo, implica que os relatos evangélicos das palavras de Jesus são dignos de confiança, embora o próprio Sr. Hutton admita que nessas predições específicas eles são essencialmente confusos; e, terceiro (o que cremos que ele não deveria ter ignorado), que a frase citada não é de modo algum a única que indica que o próprio Jesus tinha a convicção, *que Ele sem dúvida comunicou a Seus seguidores*, de que Sua segunda vinda para julgar o mundo ocorreria em um futuro muito próximo. Não apenas deveria ocorrer "imediatamente" após a destruição da cidade (Mateus 24:29), mas seria testemunhada por muitos dos que o ouviam. E *essas* predições *não estão misturadas com as relativas à destruição de Jerusalém*: "Em verdade vos digo que alguns dos que aqui estão não provarão a morte até que vejam o Filho do homem vindo em seu reino" (Mateus 16:28); "Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do homem" (Mateus 10:23); "Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa?" (João 21:23); e as passagens correspondentes nos outros Sinópticos.

Se, portanto, Jesus não disse essas coisas, os evangelhos devem ser estranhamente inexatos. Se Ele as disse, Sua faculdade profética não pode ter sido o que o Sr. Hutton imagina que fosse. Que seus discípulos realmente alimentaram essa expectativa errônea, e o fizeram com base na suposta autoridade de seu Mestre, não há dúvida alguma. (Ver

1 Coríntios 10:11; 15:51; Filipenses 4:5; 1 Tessalonicenses 4:15; Tiago 5:8; 1 Pedro 4:7; 1 João 2:18; Apocalipse 1:13; 22:7, 10, 12.) De fato, o Sr. Hutton reconhece isso com tanta franqueza e plenitude quanto o expusemos aqui." - W. R. Greg, in Contemporary Review, novembro de 1876.

Àqueles que sustentam que nosso Senhor predisse o "fim do mundo" antes da passagem daquela geração, as objeções do cético apresentam uma dificuldade formidável, na verdade, insuperável, a menos que se recorram a evasões forçadas e artificiais, ou a admissões fatais à autoridade e inspiração das narrativas evangélicas. Nós, ao contrário, reconhecemos plenamente o senso comum da interpretação dada pelo Sr. Greg às palavras de Jesus, e a não menos evidente aceitação desse significado pelos apóstolos. Mas tiramos uma conclusão diretamente oposta à do crítico: apelamos à profecia do Monte das Oliveiras como um exemplo notável e uma demonstração da presciência sobrenatural de nosso Senhor.

PARTE II.

A Parousia nos Atos e nas Epístolas.

A PAROUSIA NOS ATOS E NAS EPÍSTOLAS.

A PAROUSIA NOS ATOS DOS APÓSTOLOS.

O "IR EMBORA" E O "RETORNAR NOVAMENTE."

Atos 1:11: "Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir da mesma maneira como para o céu o vistes ir".

A última conversa de Jesus com Seus discípulos antes de Sua crucificação foi sobre Sua vinda a eles novamente, e a última palavra deixada com eles em Sua ascensão foi a promessa de Sua vinda novamente.

A expressão "da mesma maneira" não deve ser pressionada demais. Existem pontos óbvios de diferença entre a maneira da Ascensão e a Parousia. Ele partiu sozinho e sem esplendor visível; Ele deveria voltar em glória com Seus anjos. As palavras, no entanto, implicam que Sua vinda seria visível e pessoal, o que excluiria a interpretação que a considera *providencial* ou *espiritual*. A visibilidade da Parousia é sustentada pelo ensino uniforme dos apóstolos e pela crença dos primeiros cristãos: "Todo olho o verá." (Apocalipse 1:7)

Não há indicação de *tempo* nesta promessa de despedida, mas é apenas razoável supor que os discípulos a considerariam como dirigida *a eles*, e que acalentariam a esperança de vê-lo novamente em breve, de acordo com a palavra dEle: "Um pouco tempo, e me vereis". Essa crença os fez retornar a Jerusalém com grande alegria. É crível que pudessem sentir tal júbilo se tivessem imaginado que sua vinda não ocorreria senão depois de dezoito séculos? Ou podemos supor que sua alegria se baseava em uma ilusão? Nenhuma outra conclusão é possível senão a de que a fé dos discípulos estava bem fundamentada, e que a Parousia estava próxima.

OS ÚLTIMOS DIAS CHEGARAM.

Atos 2:16-20: "Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, Que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, Os vossos jovens terão visões, E os vossos velhos sonharão sonhos; E também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão; E farei aparecer prodígios em cima, no céu; E sinais em baixo na terra, Sangue, fogo e vapor de fumo. O sol se converterá em trevas, E a lua em sangue, Antes de chegar o grande e glorioso dia do Senhor".

Nestas palavras de São Pedro, a primeira declaração apostólica proferida no poder do afflatus divino de Pentecostes, temos uma interpretação autorizada da profecia que ele cita de Joel. Ele expressamente identifica o tempo e o evento predito pelo profeta com o tempo e o evento então realmente presente no dia de Pentecostes. Os "*últimos dias*" de Joel são *estes dias* de São Pedro. A antiga previsão foi em parte cumprida; estava recebendo sua realização diante de seus olhos na copiosa efusão do Espírito Santo.

Esse derramamento do Espírito foi introdutório a outros eventos, que de maneira semelhante aconteceriam. O dia do julgamento para a nação teocrática estava próximo, e em breve os presságios do "grande e notável dia do Senhor" seriam manifestados.

É impossível não reconhecer a correspondência entre os fenômenos que precedem o dia do Senhor, conforme predito por Joel, e os fenômenos descritos por nosso Senhor como anteriores à Sua vinda e ao julgamento de Israel. (Mateus 24:29) As palavras de Joel podem se referir apenas aos últimos dias da era judaica ou aeon, a συντελείας τοῦ αἰῶνος, que também foi o tema da profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras. Da mesma maneira, as palavras de Malaquias evidentemente se referem ao mesmo evento e ao mesmo ponto do tempo, - "o dia de sua vinda", "o dia que arderá como uma fornalha", "o grande e terrível dia do Senhor". (Malaquias 3:2, 4:1-5)

Temos aqui um consenso de testemunhos do qual nada pode ser concebido mais autoritário e decisivo - Joel, Malaquias, São Pedro e o próprio grande profeta da nova aliança. Todos eles falam do mesmo evento e do mesmo período, o grande dia do Senhor, a Parousia, e falam deles como *próximos*. Por que sobrecarregar e embaraçar uma previsão tão simples com suposições, referências duplas e cumprimentos

ulteriores? Nada mais se encaixará nessa profecia, exceto aquele evento ao qual se refere e com o qual corresponde como a impressão com o selo e a fechadura com a chave. A catástrofe de Israel e Jerusalém estava próxima, há muito prevista, muitas vezes prevista e agora iminente. A mesma geração que tinha visto, rejeitado e crucificado o Rei testemunharia o cumprimento de Suas advertências quando Jerusalém perecesse em "sangue e fogo, e vapor de fumaça".

A DESTRUIÇÃO VINDOURA DESTA GERAÇÃO.

Atos 2:40: "E com muitas outras palavras isto testificava, e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa".

Este versículo fixa a referência do discurso do apóstolo. Foi a geração existente cuja destruição vindoura ele previu, e foi da participação em seu destino que ele pediu que seus ouvintes escapassem. Foi apenas o eco do grito de João batista: "Fuja da ira vindoura".

Aqui, novamente, não pode haver dúvida sobre o significado de γενεὰ; é aquela "geração perversa", que estava preenchendo a medida de sua predecessora; a nação perversa e incorrigível sobre a qual o julgamento era iminente.

Antes de deixar este discurso de São Pedro, podemos apontar outro exemplo de uma proposição universal que deve ser tomada em sentido restrito. "Eu derramarei do meu Espírito sobre *toda a carne*". A efusão do Espírito Santo no dia de Pentecostes não foi literalmente universal, mas foi indiscriminada e geral em comparação com os tempos anteriores. O uso necessariamente qualificado de uma frase tão ampla mostra como uma limitação semelhante pode ser justificável em expressões como "todas as nações", "todas as criaturas" e "o mundo inteiro".

A PAROUSIA E A RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS.

Atos 3:19-21: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor, E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio".

Dificilmente é possível duvidar que, neste discurso, o apóstolo fale daquilo que ele concebeu que seus ouvintes poderiam e experimentariam,

se eles obedecessem à sua exortação a se arrepender e crer. De fato, qualquer outra suposição seria absurda. Nem o apóstolo nem seu auditório poderiam pensar em "tempos de renovação" e "tempos de restauração" em épocas remotas do mundo; bênçãos que estavam a uma distância de séculos e milênios dificilmente seriam motivos poderosos para o arrependimento imediato. Portanto, devemos conceber os tempos de renovação e restauração como, na visão do apóstolo, próximos e ao alcance dessa geração.

Mas, se sim, o que devemos entender pelos "tempos de renovação e restauração"? Eles são os mesmos, ou são coisas diferentes? Sem dúvida, praticamente o mesmo; e uma frase nos ajudará a entender a outra. Diz-se que a restituição, ou melhor, a restauração [ἀποκαταστάσεως] de todas as coisas, é o tema de toda profecia; então só pode se referir ao que as Escrituras designam "o reino de Deus", o fim e o propósito de todos os tratos de Deus com Israel. Era uma frase bem compreendida pelos judeus daquele período, que esperavam os dias do Messias, o reino de Deus, como o cumprimento de todas as suas esperanças e aspirações. Era a era vindoura ou æon, αἰὼν ὁ μέλλων, quando todos os erros deviam ser corrigidos, e a verdade e a justiça deveriam reinar. A nação inteira estava permeada pela crença de que essa era feliz estava prestes a amanhecer. Qual era a doutrina de nosso Senhor sobre esse assunto? Ele disse aos discípulos: "Elias realmente vem primeiro para *restaurar todas as coisas*". (Marcos 9:12) Ou seja, o segundo Elias, João Batista, já havia iniciado a restauração que Ele próprio deveria concluir; havia lançado as bases do reino que Ele deveria consumar e coroar. Pois a missão de João foi, em um aspecto, restauradora, isto é, na *intenção*, embora não em *efeito*. Ele veio para recordar a nação à sua lealdade, para renovar sua relação de aliança com Deus: foi perante o Senhor, "no espírito e poder de Elias, para transformar o coração dos pais nos filhos e os desobedientes à sabedoria. dos justos; preparar um povo preparado para o Senhor". (Lucas 1:17) O que é tudo isso, se não a descrição dos "tempos de renovação da presença do Senhor" e "dos tempos de restauração de todas as coisas", que foram apresentados como presentes de Deus a Israel?

Mas temos alguma indicação clara do período em que essas bênçãos prometidas poderiam ser esperadas? Estariam elas em um futuro muito distante, ou estavam próximas? A nota de tempo está claramente

assinalada no versículo 20. A vinda de Cristo é especificada como o período em que essas perspectivas gloriosas devem ser realizadas. Nada pode ser mais claro do que a conexão e coincidência desses eventos, a vinda de Cristo, os tempos de renovação e os tempos de restauração de todas as coisas. Isso está em harmonia com a representação uniforme dada na escatologia do Novo Testamento: a Parousia, o fim da era, a consumação do reino de Deus, a destruição de Jerusalém, o julgamento de Israel, tudo sincronizado. Encontrar a data de um é fixar a data de todos. Já vimos como definitivamente foi fixado o tempo para a realização de alguns desses eventos. O Filho do homem deveria entrar em Seu reino antes da morte de alguns dos discípulos. A catástrofe de Jerusalém aconteceria antes que a geração viva tivesse passado. O grande e notável dia do Senhor é representado por São Pedro no capítulo anterior como ultrapassando a "geração perversa". E agora, na passagem diante de nós, ele sugere claramente que a chegada dos tempos de renovação e de restauração de todas as coisas era contemporânea ao "envio de Jesus Cristo" do céu.

Mas pode-se dizer: como uma catástrofe tão terrível como a destruição de Jerusalém pode ser associada a tempos de renovação ou restauração? Havia dois lados na medalha: havia o inverso e o anverso. A descrença e a impenitência mudariam "os tempos de renovação" para "os dias da vingança". Se eles "desprezassem as riquezas da bondade, tolerância e longanimidade de Deus", então, em vez de restauração, haveria destruição; e em vez do dia da salvação, haveria "o dia da ira e a revelação do justo julgamento de Deus". (Romanos 2:4, 5)

Nós sabemos a escolha fatal que Israel fez; como "a ira veio sobre eles ao máximo"; e sabemos como tudo aconteceu no período designado e previsto, no "fim da era", dentro dos limites daquela geração. Estamos, assim, habilitados e capacitados a definir o período ao qual o apóstolo faz alusão nessa passagem, e concluímos que ela coincide com a Parousia.

Somos conduzidos à mesma conclusão por outro caminho. Em Mateus 19:20 nosso Senhor declara aos seus discípulos, "Em verdade vos digo que vós que me seguistes, na regeneração, quando o Filho do homem se assentar no trono da sua glória," etc. Nós já comentamos essa passagem, mas pode ser apropriado novamente notar que a

"regeneração" [παλιγγενεσία] de Mateus é o equivalente exato da "restauração" [αποκαταστάσεως] dos Atos. O que se entende por regeneração é o mesmo que se entende para restauração, porque é a hora em que "o Filho do homem se assentará no trono de sua glória". Mas este é o período em que Ele vem para julgar a nação culpada. (Mateus 25:31) Não há possibilidade de confundir a hora; nenhuma dificuldade em identificar o evento: é o fim dos tempos e o julgamento de Israel.

Chegamos assim à mesma conclusão por outra via independente, fortalecendo assim imensamente a força da demonstração.

CRISTO EM BREVE JULGARÁ O MUNDO.

Atos 17:31: "Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou".

Já vimos que o Senhor Jesus Cristo é constituído e declarado como o juiz dos homens. (João 5:22, 27) Como é claramente declarado, o tempo do julgamento é a Parousia. Com igual distinção, somos ensinados que a Parousia deveria cair dentro dos limites temporais da geração então viva. O julgamento foi, portanto, visto por São Paulo como estando próximo. Temos na passagem agora diante de nós uma confirmação incidental, mas despercebida, desse fato. As palavras "ele vai julgar" não expressam um futuro simples, mas um futuro próximo, μέλλεί κρίνειν, *Ele está prestes a julgar, ou logo julgará*. Essa sombra de significado não é preservada em nossa versão, mas não é sem importância.

Aqui, então, somos novamente confrontados pela associação frequente da Parousia e do Julgamento, ambos evidentemente considerados pelo apóstolo como próximos.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS.

INTRODUÇÃO.

Vimos como a Parousia, ou a vinda de Cristo, permeia os Evangelhos do começo ao fim. Nós achamos isso claramente anunciado por João Batista no início de seu ministério, e é a última expressão de Jesus registrada por São João. Entre esses dois pontos, encontramos referências contínuas ao evento de várias formas e em várias ocasiões. Vimos também que a Parousia está geralmente associada ao julgamento, ou seja, o julgamento de Israel e a destruição do templo e da cidade de Jerusalém. A razão dessa associação da vinda de Cristo com o julgamento de Israel é muito aparente. A Parousia foi o evento culminante do que pode ser chamado de história messiânica, ou o governo teocrático do povo judeu. A encarnação e a missão do Filho de Deus, embora tivessem um relacionamento geral com toda a raça humana, tinham ao mesmo tempo um relacionamento especial e peculiar com a nação da aliança, os filhos de Abraão. Cristo era realmente o "segundo Adão", o novo chefe e o novo representante da raça humana, mas, antes disso, ele era o filho de Davi e o rei de Israel. Sua visão declarada de sua missão era que ela era, antes de tudo, *especial* para o povo escolhido: "Eu não fui enviado, mas para as ovelhas perdidas da casa de Israel". (Mateus 15:24) O próprio título que Ele reivindicou, "Cristo", o Messias, ou Ungido, era indicativo de Sua relação com o Judaísmo e a Teocracia, pois o reconheceu como o Rei legítimo, vindo na plenitude dos tempos "para os Seus", para tomar posse do trono de seu pai Davi. Esse caráter judaico especial da missão do Senhor Jesus é

constantemente reconhecido no Novo Testamento, embora seja frequentemente ignorado pelos teólogos e quase esquecido pelos cristãos em geral. São Paulo coloca grande ênfase nisso. "Agora digo que Jesus Cristo era um *ministro da circuncisão*, para confirmar as promessas feitas aos pais"; (Romanos. 15:8) e podemos acrescentar: "para cumprir as ameaças" também. A frase "o reino de Deus" é distintamente uma ideia messiânica e teocrática e tem uma referência especial e única a Israel, sobre quem o Senhor era rei em um sentido peculiar apenas àquela nação. (Deuteronômio 7:6; Amós 3:2) Veremos que "o reino de Deus" é representado como chegando à sua consumação no período da destruição de Jerusalém.

Esse evento marca o *desfecho* do grande esquema da providência divina, ou economia, como é chamada, que começou com o chamado de Abraão e durou dois mil anos. Podemos considerar esse esquema, a dispensação judaica, não apenas como um fator importante na educação do mundo, mas também como um experimento, em larga escala e sob as circunstâncias mais favoráveis, se era possível formar um povo para o serviço, temor e amor a Deus; uma nação modelo, cuja influência moral pode abençoar o mundo. Em alguns aspectos, sem dúvida, foi um fracasso e seu fim foi trágico e terrível; mas o que é importante notarmos, em conexão com essa investigação, é que a relação de Cristo, o Filho de Davi e o Rei de Israel, com a nação judaica explica o destaque dado nos Evangelhos à Parousia e os eventos que a acompanharam, como tendo uma influência especial sobre esse povo. A falta de atenção a isso enganou muitos teólogos e comentaristas: eles leram "o planeta Terra" onde apenas "a terra" *(de Israel)* era destinada; "A raça humana", quando apenas "Israel" estava em vista; "O fim do mundo", quando se fazia alusão apenas "ao fim da era ou da dispensação *(judaica)*." Ao mesmo tempo, seria um erro grave subestimar a importância e a magnitude do evento que ocorreu na Parousia. Foi uma grande era no governo divino do mundo: o fim de uma economia que durou dois mil anos; o término de um æon e o início de outro; a revogação da "ordem antiga" e a inauguração da nova. É, no entanto, sua relação especial com o judaísmo que confere à Parousia seu principal significado e importância.

Passando dos Evangelhos às Epístolas, descobrimos que a Parousia ocupa um lugar conspícuo nos ensinamentos e escritos dos apóstolos. É natural e razoável que assim seja. Se o Mestre deles os ensinou durante Seu ministério que Ele voltaria em breve; que alguns deles viveriam para vê-lo retornar; se em sua conversa de despedida com eles na ceia pascal, ele afirmou que o intervalo de sua ausência seria por "um pouco de tempo"; e se em sua ascensão os mensageiros divinos lhes garantiram que voltaria assim como o viram partir; seria realmente estranho se eles tivessem esquecido ou perdido de vista a esperança inspiradora de uma rápida reunião com o Senhor. Eles certamente expressam frequentemente a expectativa de Sua vinda. Essa esperança foi a estrela do dia e o amanhecer que os animou na noite sombria da tribulação pela qual eles tiveram que passar: eles se consolaram com a conhecida palavra de ordem: "O Senhor está próximo". Eles sentiram que a qualquer momento sua esperança poderia se tornar realidade. Eles esperavam, procuravam, ansiavam e exortavam-se à vigilância e à oração. Como o Senhor os havia ordenado, eles o fizeram. Eles poderiam estar enganados? É possível que eles nutrissem ilusões sobre esse assunto? Eles poderiam ter entendido mal os ensinamentos do Senhor? Se isso fosse possível, abalaria os fundamentos de nossa fé. Se os apóstolos pudessem estar errados sobre um fato sobre o qual tinham os mais amplos meios de informação, e sobre os quais eles professavam falar com autoridade como órgãos de inspiração divina, que confiança poderiam ter em relação a outros assuntos, que por natureza eram obscuros, abstrusos e misteriosos? Ninguém que tenha fé na certeza que o Salvador deu a Seus discípulos de que Ele enviaria o Espírito Santo para "guiá-los em toda a verdade", "ensinar-lhes todas as coisas" e "trazer todas as coisas para sua lembrança de que ele lhes dissera", pode duvidar que a autoridade com a qual os apóstolos falam sobre a Parousia seja igual à do próprio Senhor. A hipótese de que possa ser feita uma distinção entre o que eles acreditavam e ensinavam sobre esse assunto e o que eles acreditavam e ensinavam sobre outros assuntos, não suporta o menor exame. Todo o ensino deles repousa sobre o mesmo fundamento, e esse fundamento sobre o qual repousa a doutrina do próprio Cristo.

Passamos agora a examinar as referências à Parousia contidas nas Epístolas de São Paulo - tomando-as em sua ordem cronológica, tanto quanto se possa dizer que isso seja verificado.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES.

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES.

Acredita-se geralmente que esta é a primeira de todas as epístolas apostólicas, e sua data é atribuída cerca do ano 52 d.C., dezesseis anos após a conversão de São Paulo[1] e vinte e dois anos após a crucificação de nosso Senhor. É evidente, portanto, que quaisquer sugestões de "inexperiência" ou "entusiasmo de recém-nascido", visíveis nesta epístola, depois atenuadas pelo julgamento mais rigoroso dos anos subsequentes, estão completamente equivocadas. Não podemos detectar nenhuma diferença na fé e na esperança de "Paulo, o idoso", e no do escritor "pesado e poderoso" desta epístola. Portanto, é muito instrutivo observar os sentimentos e crenças que eram manifestamente atuais e predominantes nas mentes dos primeiros cristãos.

Bengel observa: "Os tessalonicenses estavam cheios da expectativa do advento de Cristo. Tão louvável era a posição deles, tão livre e sem vergonha era a regra do cristianismo entre eles, que eles podiam esperar a cada hora a vinda do Senhor Jesus".[2] Esse é um raciocínio estranho. É verdade que os tessalonicenses estavam cheios da expectativa da rápida vinda de Cristo, mas se nessa expectativa foram enganados, onde está o mérito de trabalhar sob uma ilusão? Se era uma fraqueza amável, "sancta simplicitas", esperar a breve vinda de Cristo, parece uma admiração pobre elogiar sua credulidade às custas de seu entendimento equivocado.

Descobriremos, no entanto, que os cristãos de Tessalônica não precisam de nenhum pedido de desculpas por sua fé.

EXPECTATIVA DA RÁPIDA VINDA DE CRISTO.

1 Tessalonicenses 1:9, 10: "Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o

---

[1] Conybeare and Howson.

[2] Gnomon, *in loc.*

Deus vivo e verdadeiro, E esperar dos céus o seu Filho, a quem ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira vindoura".

Esta passagem é interessante, pois mostra muito claramente o lugar que a esperada vinda de Cristo mantinha na crença das igrejas apostólicas. Estava na primeira fila; foi uma das principais verdades do evangelho. São Paulo descreve a nova atitude desses convertidos tessalonicenses quando "se afastam de seus ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro"; era a atitude de "esperar por seu filho". É muito significativo que essa verdade em particular seja selecionada dentre todas as grandes doutrinas do Evangelho, e se torne a característica proeminente que distinguia os cristãos convertidos de Tessalônica. Aparentemente, toda a vida cristã é resumida sob duas perspectivas, uma geral e outra particular: a primeira, o serviço do Deus vivo; o último, a expectativa da vinda de Cristo. É impossível resistir à inferência: (1) Que esta última doutrina constituiu parte integrante do ensino apostólico. (2) Que a expectativa do rápido retorno de Cristo era a fé dos cristãos primitivos.[1] Mas, *como* eles esperariam? Certamente não em seus

[1] "Todo leitor das Escrituras sabe que a Primeira Epístola aos Tessalonicenses fala da vinda de Cristo em termos que indicam a expectativa de Sua aparição iminente: 'Porque isto vos dizemos, pela palavra do Senhor, que *nós*,' etc. (1 Tessalonicenses 4:15-17, 5:4) Qualquer que seja outra interpretação que se possa dar a esses textos, a ideia que eles deixam na mente de um leitor comum é a de que o autor da epístola esperava que o dia do juízo ocorresse em seu próprio tempo, ou próximo dele." - Paley's Hore Pauline, chap. ix.

"Se nos perguntassem qual foi a característica distintiva dos primeiros cristãos de Tessalônica, apontaríamos para o seu intenso senso da proximidade da segunda vinda, acompanhado de pensamentos melancólicos a respeito daqueles que poderiam morrer antes dela, e de visões sombrias e pouco práticas sobre a brevidade da vida e a vaidade do mundo. Cada capítulo da Primeira Epístola aos Tessalonicenses termina com uma alusão a esse tema; e é evidente que esse era o assunto de frequentes conversas quando o apóstolo estava na Macedônia. Mas São Paulo nunca falou ou escreveu sobre o futuro como se o presente devesse ser esquecido. Quando os tessalonicenses foram advertidos sobre a vinda de Cristo, ele também lhes falou de outros acontecimentos futuros, cheios de advertência prática para todas as eras, embora, aos nossos olhos, ainda envoltos em mistério, a saber: 'a apostasia' e 'o homem do pecado'. 'Essas terríveis revelações', dizia ele, 'devem preceder a revelação do Filho de Deus. *Não vos lembrais*', acrescenta ele com ênfase em sua carta, '*que, quando ainda estava convosco, vos dizia isto repetidas vezes? Sabeis, portanto*, o que o detém, para que ele seja revelado a seu tempo.'

túmulos; não no céu; nem no Hades; É claro que enquanto eles estavam vivos na Terra. A forma da expressão "esperar pelo teu Filho dos céus" não nos permite inferir outra coisa se não que, *enquanto estavam na Terra*, estavam esperando a vinda de Cristo do céu. Alford observa que "o aspecto especial da fé dos tessalonicenses era a esperança; esperança do retorno do Filho de Deus do céu"; e ele acrescenta esse comentário singular: "Essa esperança foi evidentemente alimentada por eles como um evento mais imediato do que a igreja subsequentemente acreditou que fosse. Certamente, essas palavras lhes dariam uma ideia da proximidade da vinda de Cristo; e talvez o mal-entendido deles possa ter contribuído para a noção que o apóstolo corrige, 2 Tessalonicenses 2:1." Esta é uma sugestão de que os tessalonicenses estavam enganados ao esperar a vinda do Salvador em seus próprios dias. Mas de onde eles derivaram essa expectativa? Não era do próprio apóstolo? Veremos em breve que os tessalonicenses erraram, não por *esperarem* a Parousia, nem por *esperarem que ela ocorresse em sua própria época*, mas por suporem que o tempo já havia chegado.

A última cláusula do verso não é menos importante: "Jesus, que nos livra da *ira vindoura*". Essas palavras nos levam de volta à proclamação de João Batista: "Fuja da ira vindoura". Seria um erro supor que São Paulo aqui se refere à retribuição que aguarda toda alma pecaminosa em um estado futuro; era uma catástrofe específica e prevista que ele tinha em vista. "A ira vindoura" [ἡ ὀργὴ ἡ ἐρχομένη] desta passagem é idêntica à "ira vindoura" [ὀργὴ μελλούσα] do segundo Elias; é idêntico aos "dias de retribuição" e "ira sobre este povo" preditos por nosso Senhor, Lucas 21:23. É "o dia da ira e revelação do justo julgamento de Deus", do qual São Paulo fala em Romanos 2:5. Essa vinda, o "*dies irae*", sempre se destaca distinta e visível em todo o Novo Testamento. Agora ela não

---

Ele lhes disse, nas palavras do próprio Cristo, que 'os tempos e as estações das futuras revelações pertencem somente a Deus'; e os advertiu, assim como os primeiros discípulos haviam sido advertidos na Judeia, de que o grande dia viria repentinamente sobre os homens despreparados, 'como as dores de parto sobre aquela cujo tempo é chegado', e 'como um ladrão de noite'. E mostrou-lhes, tanto por preceito como por exemplo, que, embora seja verdade que a vida é breve e o mundo é vaidade, a obra de Deus deve ser feita com diligência, até o fim." - Conybeare e Howson, Life and Epistles of St. Paulo, cap. ix.

estava muito distante; e, embora a Judeia fosse o centro da tempestade, o ciclone do juízo se estenderia a outras regiões e atingiria multidões que, como os tessalonicenses, poderiam ser consideradas fora de seu alcance. Sabemos, por Josefo, que o início da guerra judaica foi o sinal para massacres e extermínios em todas as cidades onde havia comunidades judaicas estabelecidas. Era a essa ubiquidade da "ira vindoura" que nosso Senhor se referia quando disse: "Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias." (Lucas 17:37) Mais uma vez, como já tivemos tantas ocasiões de observar, a Parousia é associada ao julgamento.

A IRA QUE VEM SOBRE O POVO JUDEU.

1 Tessalonicenses 2:16: "E nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação, a fim de encherem sempre a medida de seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim".

Aqui o apóstolo representa a "ira vindoura" como se já tivesse chegado. Ora, é certo que o juízo sobre Israel, isto é, a destruição de Jerusalém e a extinção da nacionalidade judaica, ainda não havia ocorrido. Bengel parece entender que o apóstolo alude a um terrível massacre de judeus que acabara de acontecer em Jerusalém, onde "uma imensa multidão de pessoas (alguns dizem mais de trinta mil) foi morta".[1] A explicação de Alford é: "Ele considera o fato, nos desígnios divinos, como algo já passado, isto é, 'foi determinado que viesse', não 'já veio'." Jonathan Edwards, em seu sermão sobre este texto, aplica-o à destruição iminente de Jerusalém: "'A ira veio', isto é, está prestes a vir; está à porta, como de fato se verificou com respeito àquela nação: sua terrível destruição pelos romanos ocorreu pouco tempo depois que o apóstolo escreveu esta epístola."[2] Ou a suposição de Bengel está correta, ou a catástrofe final estava, na visão do apóstolo, tão próxima e tão certa que ele falou dela como um fato consumado.

Podemos traçar uma alusão muito distinta na linguagem do apóstolo em (1 Tessalonicenses 2:15, 16) às denúncias de nosso Senhor sobre "aquela geração perversa." (Mateus 23:31, 32, 36)

---

[1] Gnomon, *in loc.*

[2] Works, vol. iv. p. 281.

CONSEQUÊNCIAS DA PAROUSIA SOBRE OS DISCÍPULOS DE CRISTO.

1 Tessalonicenses 2:19-20: "Porque, qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda? Na verdade vós sois a nossa glória e gozo".

O ensino uniforme, do Novo Testamento, é que o evento que seria tão fatal para os inimigos de Cristo seria auspicioso para Seus amigos. Em toda parte, os opositores e perseguidores mais malignos do cristianismo eram os judeus; a aniquilação da nacionalidade judaica, portanto, removeu o antagonista mais formidável do Evangelho e trouxe repouso e alívio aos cristãos sofredores. Nosso Senhor havia dito aos discípulos, ao falar dessa catástrofe que se aproximava: "Quando essas coisas começarem a acontecer, olhe para cima e levante a cabeça, pois sua redenção se aproxima." (Lucas 21:28) Mas essa explicação está longe de esgotar todo o significado de tais passagens. Não se pode duvidar que a Parousia esteja em toda parte representada como o dia de coroação das esperanças e aspirações cristãs; quando "herdariam o reino" e "entrariam na alegria de seu Senhor". Esse é o ensino claro de Cristo e de Seus apóstolos, e achamos claramente expresso nas palavras de São Paulo agora diante de nós. A Parousia deveria ser a consumação de glória e felicidade para os fiéis, e o apóstolo procurou "sua coroa" na "vinda" do Senhor.

CRISTO VIRÁ COM TODOS OS SEUS SANTOS.

1 Tessalonicenses 3:13: "Para confirmar os vossos corações, para que sejais irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os seus santos."

Esta passagem fornece outra prova de que o apóstolo considerou o período da vinda de nosso Senhor como a consumação da bem-aventurança de Seu povo. Ele aqui a representa como uma época judicial em que a condição moral e o caráter dos homens seriam examinados e revelados. Isso está de acordo com 1 Coríntios 4:5: "Não julgue nada antes do tempo, *até que o Senhor venha*, que ambos trará à luz as coisas ocultas das trevas e tornarão manifestos os conselhos dos corações: e então todo homem terá louvor a Deus". Em Colossenses 1:22, encontramos uma expressão quase idêntica: "Apresentar-lhe santo, e

irrepreensível e irreprovável aos seus olhos", palavras que só podem ser entendidas como referindo-se a uma investigação e aprovação judicial.

Que essa perspectiva não estava distante, mas, pelo contrário, muito próxima, todo o teor da linguagem do apóstolo implica. São Paulo ainda está sem sua coroa de regozijo? Seus convertidos tessalonicenses ainda estão esperando o Filho de Deus do céu? Eles ainda não estão "estabelecidos em santidade diante de Deus"? ainda não foram apresentados santos, e irrepreensíveis aos seus olhos? Pois essa seria a felicidade deles "na vinda do Senhor Jesus", e não antes. Se esse evento, portanto, nunca ocorreu, o que acontece com a expectativa e a esperança deles? Se eles pudessem saber que centenas e milhares de anos deviam primeiro seguir seu curso lentamente, poderiam São Paulo e seus filhos na fé estarem assim cheios de esperança fixados com o pensamento da glória vindoura? Mas supondo que a Parousia estivesse próxima; em que todos esperavam testemunhar sua chegada, então quão natural e inteligível se tornam toda essa expectativa e esperança ansiosas. Que tanto o apóstolo como os tessalonicenses acreditavam que "a vinda do Senhor estava chegando", é tão evidente que dificilmente requer qualquer argumento para provar isso. A única questão é: eles estavam enganados ou não?

Pode-se acrescentar uma observação sobre a palavra final da passagem. Ἁγίοι, *santos*, pode referir-se a anjos, a homens, ou a ambos. Não há nada no texto que determine com precisão essa referência. É verdade que, no capítulo seguinte (v. 14), somos informados de que "também os que dormem em Jesus Deus os trará com ele"; mas isso parece referir-se mais à ressurreição dos santos adormecidos de suas sepulturas, do que à vinda deles do céu com Ele. Portanto, somos levados a excluir a referência de ἁγίοι aos mortos em Cristo. Tanto mais porque Cristo, em Sua vinda, é sempre representado como sendo acompanhado por Seus anjos: "Ele há de vir com os seus anjos" (Mateus 16:27); "com os santos anjos" (Marcos 8:38); "com os anjos do seu poder" (2 Tessalonicenses 1:7); "todos os seus santos anjos com ele" (Mateus 25:31). Isso também está em conformidade com o uso do Antigo Testamento. O estado régio de Jeová, quando veio dar a lei no monte Sinai, é descrito assim: "Veio com miríades de santos', isto é, anjos (Deuteronômio 33:2). "Os carros de Deus são vinte mil, milhares de milhares; o Senhor está

entre eles, como em Sinai" (Salmo 68:17). "Vós recebestes a lei por ordenação [ou, à injunção - Alford] de anjos" (Atos 7:53). Podemos, portanto, considerar provável que a referência nesta passagem seja aos anjos. Podemos, portanto, considerar provável que a referência nesta passagem seja aos anjos.

EVENTOS QUE ACOMPANHAM A PAROUSIA.

1. A ressurreição dos mortos em Cristo.

2. O arrebatamento dos santos vivos para o céu.

1 Tessalonicenses 4:13-18: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras."

Evidentemente, essas explicações de São Paulo atendem a um estado de coisas que começaram a se manifestar entre os cristãos de Tessalônica e que Timóteo lhe havia relatado. Aguardando ansiosamente a vinda de Cristo, lamentaram a morte de seus companheiros cristãos por excluí-los da participação no triunfo e na bênção da Parousia. "Eles temiam que esses cristãos que partiriam perderiam a felicidade de testemunhar a segunda vinda de seu Senhor, que esperavam em breve contemplar".[1] Para corrigir este equívoco o apóstolo faz as explicações contidas nesta passagem.

Primeiro, ele lhes assegura que não tinham motivos para lamentar a partida de seus amigos em Cristo, como se tivessem sofrido alguma desvantagem ao morrer antes da vinda do Senhor; pois como Deus havia ressuscitado Jesus dentre os mortos, assim Ele ressuscitaria Seus discípulos adormecidos de suas sepulturas, no Seu retorno em glória.

[1] Conybeare and Howson, ch. xi.

Em segundo lugar, ele os informa, sob a autoridade do Senhor Jesus, que aqueles que viveram para ver Sua vinda não teriam precedência ou vantagem sobre os fiéis que haviam morrido antes daquele evento.

Em terceiro lugar, ele descreve a ordem dos eventos presentes na Parousia:

1. A descida do Senhor do céu com um grito, com a voz do arcanjo, e a trombeta de Deus.

2. A ressurreição dos mortos que partiram no Senhor.

3. O arrebatamento simultâneo dos santos vivos, junto com os mortos ressuscitados, na região do ar, para encontrar seu Senhor vindouro.

4. A reunião eterna de Cristo e Seu povo no céu.

A inferência legítima das palavras de São Paulo no versículo 15, "nós, os que estivermos vivos e permanecermos até a vinda do Senhor,", é que ele previu que fosse possível e até provável que seus leitores e ele próprio estivessem vivos na vinda do Senhor. Essa é a interpretação natural e óbvia de sua linguagem. Dean Alford observa, com muita força e sinceridade:

"Então, sem dúvida, ele mesmo esperava estar vivo, juntamente com a maioria daqueles a quem escrevia, na vinda do Senhor. Pois não podemos por um momento aceitar a evasiva de Theodoret e da maioria dos comentaristas antigos (a saber, que o apóstolo não fala de si pessoalmente, mas daqueles que estariam vivos naquele período); devemos tomar as palavras em seu único e claro sentido gramatical, que 'nós, os que estivermos vivos e permanecermos' [οἱ ζῶντες οἱ περιλειπόμενοι] são uma classe distinta de 'os que dormem' [οἱ κοιμηθέντες], por ainda estarem na carne quando Cristo vier, classe na qual, ao prefixar o pronome 'nós' [ἡμεῖς], ele inclui a si mesmo e a seus leitores. Que essa era sua expectativa, sabemos por outras passagens, especialmente por 2 Coríntios 5".[1]

Mas, embora admitindo que o apóstolo mantinha essa expectativa, Alford a considera equivocada, pois continua dizendo:

"Nem deve surpreender a nenhum cristão que os apóstolos, nesse ponto específico, tenham visto sua expectativa pessoal sujeita a decepção quanto a um dia sobre o qual foi dito de modo tão solene que ninguém conhece o tempo determinado, nem os anjos no céu, nem o Filho, mas somente o Pai. (Marcos 13:32)"

---

[1] Greek Testament, *in loc.*

Da mesma maneira, encontramos as seguintes observações em Conybeare e Howson (capítulo 11):

"A igreja primitiva, e até os próprios apóstolos, esperavam que seu Senhor voltasse naquela mesma geração. O próprio São Paulo compartilhou essa expectativa, mas, estando sob a orientação do Espírito da verdade, não deduziu daí nenhuma conclusão prática errônea".

Mas a questão é: os apóstolos tinham motivos suficientes para suas expectativas? Eles não estavam totalmente justificados em acreditar como criam? O Senhor não havia previsto expressamente Sua vinda dentro dos limites da geração existente? Ele não o conectou com a derrubada do templo e a subversão da política nacional de Israel? Ele não assegurou a Seus discípulos que em "pouco tempo" eles deveriam vê-lo de novo? Ele não declarou que alguns deles deveriam viver para testemunhar Sua volta? E depois de tudo isso, é necessário encontrar desculpas para São Paulo e os primeiros cristãos, como se eles tivessem trabalhado sob uma ilusão? Se o fizeram, não foram eles os culpados, mas seu Mestre. Seria realmente estranho se, depois de todas as exortações que receberam para estar em alerta, vigiar, viver na expectativa contínua da Parousia, os apóstolos não tivessem acreditado confiantemente em Sua vinda rápida e tivessem ensinado outros a fazerem o mesmo. Mas parece que São Paulo repousa suas explicações para os tessalonicenses na autoridade de uma comunicação divina especial feita para si mesmo: "Dizemo-vos, pois, isto, *pela palavra do Senhor*", etc. Isso dificilmente pode significar que o Senhor havia predito isso em Seu discurso profético no Monte das Oliveiras, pois nenhuma afirmação é registrada; portanto, deve se referir a uma revelação que ele próprio havia recebido.[1] Como, então, ele poderia estar errado em suas expectativas? É estranho que haja tanta incredulidade hoje em dia,

[1] Nota do Tradutor: O autor parece ter mudado de opinião posteriormente sobre esse ponto, pois em seu panfleto intitulado "O Arrebatamento dos Santos", ele escreve: "Devemos ter em mente também que esses eventos extraordinários não se baseiam no testemunho sem apoio do apóstolo Paulo (embora isso deva ser suficiente). Eles são confirmados pela palavra do próprio Senhor. Ele claramente faz alusão a este 'arrebatamento', em seu discurso profético no Monte das Oliveiras (Mateus 24:31) quando diz: 'Ele enviará os seus anjos com grande som de trombeta, e eles reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus.'"

respeitando o sentido claro das declarações expressas de nosso Senhor sobre esse assunto. Cumprido ou não realizado, certo ou errado, não há ambiguidade ou incerteza em Sua linguagem. Pode-se dizer que não temos provas de que tais fatos tenham ocorrido como aqui descritos - o Senhor desce do céu com um grito, o som da trombeta, a ressurreição dos mortos adormecidos, o arrebatamento dos santos vivos. É verdade; mas é certo que esses fatos são cognoscíveis pelos sentidos? é o seu lugar na região do material e do visível? Como já dissemos, sabemos e temos certeza de que uma grande parte dos eventos previstos por nosso Senhor, e esperados por seus apóstolos, realmente aconteceu naquela mesma crise chamada "o fim da era". Não há diferença de opinião sobre a destruição do templo, a derrubada da cidade, o massacre incomparável do povo, a extinção da nacionalidade, o fim da dispensa legal. Mas a Parousia está inseparavelmente ligada à destruição de Jerusalém; e, da mesma maneira, a ressurreição dos mortos e o julgamento da "geração perversa" com a Parousia. São partes diferentes de uma grande catástrofe; cenas diferentes em um grande drama. Aceitamos os fatos verificados pelo historiador *na palavra do homem*; é para os cristãos hesitarem em aceitar os fatos confirmados *pela palavra do Senhor*?

EXORTAÇÕES À VIGILÂNCIA EM PERSPECTIVA DA PAROUSIA.

1 Tessalonicenses 5:1-10: "Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva; Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão. Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão; Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas. Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios; Porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embebedam, embebedam-se de noite. Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação; Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo, Que morreu por nós, para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele."

É manifesto que não haveria sentido nesses apelos urgentes à vigilância, a menos que o apóstolo acreditasse na proximidade da crise vindoura. Foi para os tessalonicenses, ou para alguma geração não

nascida em um futuro distante, que São Paulo estava escrevendo essas linhas? Por que instar os homens em 52 d.C., a assistir e estar alerta, a uma catástrofe que não ocorreria por centenas e milhares de anos? Toda palavra dessa exortação supõe que a crise seja próxima e iminente.

Dizer que o apóstolo escreve não para uma geração, nem para nenhuma pessoa em particular, é lançar um ar de irrealidade em suas exortações, das quais revoltam críticas reverentes. Ele certamente quis dizer as mesmas pessoas para quem ele escreveu e que leram esta epístola, e ele não pensou em mais ninguém. Não podemos aceitar a sugestão de Bengel de que o "*nós* os que ficarmos vivos" são apenas personagens imaginários, como os nomes Caio e Tito (John Doe e Richard Roe); pois ninguém pode ler essa epístola sem estar consciente do apego pessoal e da afeição pessoal a indivíduos que respiram em todas as linhas. Concluímos, portanto, que o todo tinha uma relação direta e presente com a posição e as perspectivas reais das pessoas a quem a epístola é dirigida.

ORAÇÃO PARA QUE OS TESSALONICENSES POSSAM SOBREVIVER ATÉ A VINDA DE CRISTO.

1 Tessalonicenses 5:23: "E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".[1]

Se ainda restasse alguma dúvida sobre a questão de saber se São Paulo acreditava e ensinava a incidência da Parousia em seus dias, essa passagem a dissiparia. Nenhuma palavra pode implicar mais claramente essa crença do que esta oração de que nem todos os cristãos tessalonicenses deveriam morrer antes do aparecimento de Cristo. A morte é a dissolução da união entre corpo, alma e espírito, e a oração do apóstolo é que espírito, alma e corpo possam "todos juntos" [ὁλόκληρον] serem preservados em santidade até a vinda do Senhor. Isso implica a continuidade de sua vida corporal até esse evento.

[1] Tradução de Conybeare e Howson.

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES.

A Segunda Epístola aos Tessalonicenses parece ter sido escrita logo após a Primeira, para corrigir a má compreensão em que alguns haviam caído a respeito do tempo da Parousia, seja por meio de uma interpretação errônea da antiga carta do apóstolo, ou em consequência de alguma comunicação pretensa que circulou entre eles pretendendo ser dele. Aprendemos com esta epístola a natureza exata do erro que alguns dos tessalonicenses haviam cometido. Foi achar que realmente chegou a hora da Parousia. Em consequência dessa opinião, alguns começaram a negligenciar seus empregos seculares e a subsistir da caridade de outros. Para verificar os males que podem surgir, ou que surgiram, de tais impressões errôneas, São Paulo escreveu essa segunda epístola, lembrando-lhes que certos eventos, que ainda não haviam ocorrido, devem preceder o "dia do Senhor". No entanto, não há nada na epístola que indique que a Parousia era um evento distante, o que encontramos é exatamente o oposto.

A PAROUSIA, UM TEMPO DE JULGAMENTO PARA OS INIMIGOS DE CRISTO, E DE LIBERTAÇÃO PARA SEU POVO.

2 Tessalonicenses 1:7-10: "E a vós, que sois atribulados, repouso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, Com labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; Os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, longe da face do Senhor e da glória do seu poder, Quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que creem."

É óbvio pelas alusões no início dessa epístola que os tessalonicenses estavam sofrendo severamente com a malícia de seus perseguidores judeus e com aqueles "companheiros lascivos do tipo mais baixo", que estavam ligados a eles. (Atos 17:5) O apóstolo conforta-os com a perspectiva de libertação na aparição do Senhor Jesus, que traria repouso a eles e vingança a seus inimigos. Isso está em perfeita concordância com as representações constantemente feitas com relação à Parousia - que seria o tempo de julgamento para os iníquos e a recompensa para os justos. O apóstolo parece não antecipar o "repouso" de que fala até a Parousia, "quando o Senhor Jesus for revelado do céu" etc. Segue-se que

o restante foi concebido por São Paulo como muito próximo; pois, se a revelação do Senhor Jesus ainda é um evento futuro, devemos concluir que nem o apóstolo nem os cristãos sofredores ainda entraram nesse repouso. Observa-se que não se diz que a *morte* traria o repouso, mas o apocalipse do Senhor Jesus do céu; uma prova clara de que o apóstolo não considerou esse apocalipse como um evento distante.

Que esse "apocalipse" que se aproxima, ou revelação do Senhor Jesus do céu, é idêntico à Parousia prevista por nosso Salvador, é tão evidente que não precisa de prova. É "o dia do Senhor"; (Lucas 17:24) "o dia em que o Filho do homem é revelado"; (Lucas 17:30) "o dia que será revelado em fogo"; (1 Coríntios 3:13) "o dia que queimará como uma fornalha"; (Malaquias 4:1) "o grande e terrível dia do Senhor". (Malaquias 4:5) É o dia em que "o Filho do homem virá na glória de seu Pai com seus anjos, para recompensar todos os homens de acordo com suas obras". (Mateus 16:27) E mais uma vez, é o dia em que nosso Senhor declarou: "Em verdade vos digo que aqui há alguns que não provarão a morte até que vejam o Filho do homem vindo em seu reino". (Mateus 16:28)

Assim, somos trazidos de volta à mesma verdade que em todos os lugares nos encontramos no Novo Testamento, que a Parousia, o dia do julgamento de Israel e o fim da dispensação judaica, não era um evento distante, mas dentro do limite de tempo da geração que rejeitou o Messias.

A objeção será feita: O que isso tinha a ver com Tessalônica e os cristãos de lá? Como a destruição de Jerusalém, a extinção da nacionalidade judaica ou o fim da economia mosaica afetaram pessoas a uma distância tão grande da Judeia quanto Tessalônica? Mesmo que fosse impossível dar uma resposta satisfatória a essa objeção, ela não alteraria o significado claro e natural das palavras, nem nos incumbiria de forçar uma interpretação sobre elas que elas não suportariam. As Escrituras devem ter permissão para falar por si mesmas - uma liberdade que muitos não concederão. Mas no que diz respeito à influência da Parousia sobre os cristãos em Tessalônica ou fora da Judeia em geral, não se pode negar que a linguagem dessa passagem, como muitas outras, sugere que foi um evento em que todos tiveram um profundo interesse

pessoal. Nem é suficiente dizer que os antagonistas mais amargos do Evangelho em Tessalônica eram judeus, e que a revolta judaica foi o sinal do massacre dos habitantes judeus em quase todas as cidades do Império. Isso pode ser verdade, mas não é toda a verdade, de acordo com o ensino apostólico. Ele deveria "vir para ser glorificado em seus santos e se maravilhar em todos os que creram", eles deveriam receber suas coroas; eles deveriam entrar em uma glória eterna e ininterrupta reinando com Cristo e brilhando como o sol no reino de seu Pai. (Mateus 13:43) Devemos admitir, portanto, que, à medida que o esquema escatológico do Novo Testamento se desdobra, torna-se evidente que a Parousia e seus eventos complementares não se relacionavam exclusivamente à Judeia, mas tinham um aspecto ecumênico ou mundial, de modo que os cristãos em todos os lugares a pode procurar e desejar, e saudar sua chegada como o dia do triunfo e da glória. À medida que prosseguimos, encontraremos ampla evidência desse aspecto mais amplo do "dia de Cristo", como uma grande época na administração divina do mundo.

EVENTOS QUE DEVEM PRECEDER A PAROUSIA.

1. A Apostasia.
2. A Revelação do Homem do Pecado.

2 Tessalonicenses 2:1-12: "Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele, Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto. Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus. Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco? E agora vós sabeis o que o detém, para que a seu próprio tempo seja manifestado. Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que agora o retém até que do meio seja tirado; E então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, E com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E por isso Deus lhes enviará a

operação do erro, para que creiam a mentira; Para que sejam julgados todos os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniquidade".[1]

Poucas passagens têm mais comentadores exercitados e confusos, ou são consideradas até hoje como envolvidas em uma obscuridade mais profunda do que a que está diante de nós. Não há razão, contudo, para supor que isso seja ininteligível para os tessalonicenses, pois se refere a assuntos que formaram o tópico de conversas freqüentes entre eles e o apóstolo, e possivelmente a obscuridade de que os expositores se queixam vem do fato de que, para os tessalonicenses, era necessário apenas dar sugestões, em vez de explicações completas.

O apóstolo começa declarando os assuntos sobre os quais ele deseja corrigir os tessalonicenses. Eles são: (1) "a vinda de Cristo" e (2) "nossa reunião com ele".[2] Estes são evidentemente considerados pelo apóstolo como simultâneos ou, em todo o caso, intimamente relacionados. O que devemos entender por esse "ajuntamento em Cristo" na Parousia? Não há dúvida de uma referência aqui às próprias palavras de nosso Senhor, Mateus 24:31: "Ele enviará seus anjos com um grande som de trombeta, e eles reunirão seus eleitos dos quatro ventos" etc. A ἐπισυνάξουσιν [reunião] no evangelho é evidentemente a ἐπισυναγωγῆς [a reunião] da epístola; e temos outra referência ao mesmo evento e ao mesmo período em 1 Tessalonicenses 4:16, 17: "Pois o próprio Senhor descerá do céu com um grito, com a voz do arcanjo e com a trombeta de Deus, etc. Isso não pode ser outra coisa senão a convocação dos vivos e dos mortos para os tribunal de Cristo.

Aquela grande e solene "reunião" que os tessalonicenses haviam sido ensinados a "esperar"; mas parece que eles estavam envolvidos em uma má compreensão a respeito da hora de sua chegada. Alguns deles formaram a opinião de que "o dia de Cristo" havia realmente chegado [ενεστῆκέν]. É importante observar que nossa versão em inglês não fornece a tradução correta dessa palavra. O apóstolo não diz, "como se o dia de Cristo estivesse próximo", mas "como o dia de Cristo estivesse

---

[1] Segundo Alford, Conybeare e Howson, e Tischendorf.

[2] Nossa versão em inglês transmite uma impressão errônea ao traduzir ὑπὲρ como "por", como se fosse uma forma de adjuração, "pelo advento", etc. O significado é simplesmente "com respeito a" ou "acerca de".

presente ou já tivesse realmente chegado". O ensino constante de São Paulo era que o dia de Cristo estava próximo e teria sido contraditório dizer aos cristãos de Tessalônica que aquele dia não estava próximo. No entanto, nada é mais comum do que encontrar alguns de nossos estudiosos e críticos mais respeitáveis, negando que os apóstolos e os primeiros cristãos esperassem a Parousia em seus dias, com a força da tradução errônea dessa palavra ενεστῆκέν. Mesmo uma autoridade tão eminente como Moses Stuart diz, em resposta a Tholuck:

"Esta interpretação (a saber, o rápido advento de Cristo) foi formal e vigorosamente corrigida em 2 Tessalonicenses 2. Não é suficiente que Paulo tenha explicado suas próprias palavras? Quem pode se aventurar com segurança a dar-lhes um significado diferente do que ele dá?"[1]

Assim, também, Albert Barnes:

"Se aqui Paulo se refere à sua antiga epístola, que pode ser facilmente entendida como ensinando que o fim do mundo está próximo, temos a autoridade do próprio apóstolo que ele pretendia não ensinar".[2]

A mais singular de todas é a explicação do Dr. Lange:

"A primeira epístola [aos tessalonicenses] é permeada pelo pensamento fundamental: 'o Senhor virá rapidamente': a segunda, pelo pensamento, 'o Senhor ainda não virá rapidamente'. Ambos estão de acordo com a verdade; porque, na primeira parte, a questão é relativa à vinda do Senhor em Seu domínio dinâmico, em sentido religioso; e, na segunda parte, a respeito da vinda do Senhor em um sentido histórico e cronológico definido".[3]

O que pode ser mais arbitrário e extravagante do que essa distinção? O que é mais empírico do que esse tratamento da Escritura, pelo qual ela é feita para dizer Sim e Não; afirmar e negar; declarar que um evento está próximo e distante, na mesma respiração? Quem presumiria interpretar as Escrituras se elas falassem em linguagem tão ambígua como essa?

Mantemos o "sentido histórico e cronológico definido" da Parousia, e de nenhuma outra forma. É o único sentido que respeita a Palavra de Deus e é satisfatório para críticas sóbrias. O apóstolo não se corrige, nem

---

[1] Stuart on Romans, chap. viii. 11.

[2] Barnes's Notes, 2 Thess. ii.

[3] Lange, Introd. to Comm. on Rom. p. 23.

se refere a duas "vindas" diferentes, mas corrige o erro dos tessalonicenses, que afirmavam que o dia de Cristo havia realmente *chegado* [ενεστῆκέν]. Em todo caso em que a palavra ocorre no Novo Testamento, refere-se ao que está presente, e não ao que é futuro. Para os estudiosos gregos, é desnecessário apontar isso, mas para os leitores pode ser satisfatório recorrer às autoridades competentes.

O Dr. Manton, comparando a força das palavras ἐνέστηκεν [presente] e ἤγγικεν [se aproxima], (Tiago 5:8, 1 Pedro 4:17) observa:

"Há alguma diferença nas palavras, pois ἤγγικεν significa que ele *está se aproximando*, ἐνέστηκεν que já começou".[1]

Bengel diz:

"Proximidade extrema é expressa por esta palavra; pois ἐνεστώς significa *presente*".

Whiston, o tradutor de Josefo, tem a seguinte nota:

"ἐνεστηκότων é aqui, e em muitos outros lugares de Josefo, *imediatamente à mão*; e é assim que deve ser entendido em 2 Tessalonicenses 2:2, onde alguns falsamente alegavam que Paulo dissera 'que o dia de Cristo estava imediatamente à mão'; pois Paulo ainda cria claramente que esse dia não estava a muitos anos de distância".[2]

Dr. Paley observa:

"Deveria parecer que os tessalonicenses, ou alguns entre eles, tinham dessa passagem (1 Tessalonicenses 4:15-17) concebido uma opinião (de maneira não natural) de que a vinda de Cristo ocorreria imediatamente, ὁτὶ ἐνέστηκεν: e essa persuasão produziu, como bem poderia, muita agitação na igreja".[3]

Conybeare e Howson traduzem:

"'Que o dia do Senhor chegou'; acrescentando a seguinte nota: "Literalmente, 'está presente'. Assim é que o verbo é sempre usado no Novo Testamento."

Dean Alford comenta assim:

"O dia do Senhor está presente (não está próximo); o verbo ἐνίστημι ocorre outras seis vezes no Novo Testamento, e sempre com o sentido de estar *presente*. Além disso, São Paulo não poderia ter escrito assim, nem o Espírito poderia ter falado assim por meio dele. O ensino dos apóstolos foi, e o do Espírito Santo em todas as eras tem sido, que o dia do Senhor está *próximo*. Mas esses tessalonicenses imaginavam que ele já

[1] Works, vol. iii. p. 15.

[2] Whiston's Josephus, Ant. bk. xviii. c. ix. § 2.

[3] Horæ Paulinæ, c. x. no. 3.

havia chegado e, por isso, estavam abandonando seus afazeres da vida e caindo em outras irregularidades, como se o dia da graça já tivesse se encerrado".[1]

O equívoco geral que prevalece a respeito do significado deste versículo torna da maior importância que ele seja corretamente apreendido.

É fácil entender como a opinião errônea dos tessalonicenses deveria "perturbar e abalar" suas mentes. Foi calculado para produzir pânico e desordem. A história nos diz que uma crença geral prevaleceu na Europa, no final do século X, de que o ano 1000 testemunharia a vinda de Cristo, o dia do julgamento e o fim do mundo. À medida que o tempo se aproximava, um pânico geral tomou conta da mente dos homens. Muitos abandonaram suas casas e suas famílias e foram para a Terra Santa; outros doaram suas terras para a Igreja, ou permitiram que não fossem cultivados, e todo o curso da vida comum foi violentamente perturbado.[2] Uma ilusão semelhante, embora em menor escala, prevaleceu em algumas partes dos Estados Unidos no ano de 1843, causando grande consternação entre multidões e expulsando muitas pessoas de seus sentidos.[3] Fatos como esses mostram a sabedoria que "escondia o dia e a hora" da vinda do Filho do homem, para que, enquanto todos estivessem vigilantes, ninguém fosse agitado.

No terceiro verso, o apóstolo sugere que "o dia de Cristo" deve ser precedido por dois eventos: 1- a vinda da "*apostasia*" e 2- a manifestação [ἀποκαλυφις] do "*homem do pecado*".

Se pudéssemos nos colocar na situação e nas circunstâncias dos cristãos de Tessalônica quando esta epístola foi escrita; se pudéssemos despertar as esperanças e medos, as expectativas e apreensões, as agitações sociais e políticas desse período, poderíamos ser mais capazes de entrar nas explicações de São Paulo. Sem dúvida, os tessalonicenses o entendiam perfeitamente. Como Paley observa justamente: "Nenhum homem escreve de maneira ininteligível de propósito", e não podemos supor que ele os atormentaria com enigmas que só poderiam deixá-los confusos e perplexos mais do que nunca.

---

[1] Greek Testament, vol. iii. p. 274.

[2] Veja Mosheim's Eccl. Hist. bk, iii. c. x. § 53. Waddington's Church Hist. c. xv. p. 261.

[3] Barnes's Notes on 2 Thess.

A primeira pergunta que se apresenta é: a "apostasia" e o "homem do pecado" são idênticos? Ambos apontam para a mesma coisa? É a opinião de muitos, talvez da maioria dos expositores, que eles são virtualmente um e o mesmo. Mas, evidentemente, são coisas distintas e separadas. A apostasia representa uma *multidão*; o homem do pecado, um *indivíduo*. A apostasia é um *sistema*; o homem do pecado, uma *pessoa*. De modo que, embora possam estar relacionados em certos aspectos, não devem ser *confundidos*; podem existir *contemporâneamente*, mas não são *idênticos*.

A Apostasia.

Neste momento, São Paulo não se debruça sobre "a apostasia", mas, simplesmente nomeando-a como futura, passa à descrição do "homem do pecado". No entanto, podemos nos referir aqui ao fato de que a "apostasia" não era uma ideia nova para os discípulos de Cristo. O Salvador havia previsto isso expressamente em seu discurso profético, Mateus 24:10, 12, e em outros lugares, São Paulo dá uma descrição da apostasia tão completa quanto é dada aqui pelo homem do pecado. (Veja 1 Timóteo 4:1-3, 2 Timóteo 3:1-9) Só pode se referir àquela *deserção de fé* tão claramente predita por nosso Senhor e descrita pelos apóstolos como uma indicação dos "últimos dias". Mas este tópico será considerado em seu devido lugar.

O Homem do pecado.

É de extrema importância, ao entrar neste campo de investigação, encontrar algum princípio que possa nos guiar e governar na investigação. Encontramos esse princípio na consideração muito simples e óbvia de que o apóstolo está aqui se referindo a circunstâncias que estão dentro do conhecimento dos próprios tessalonicenses. Se a própria Parousia, à qual o desenvolvimento da apostasia e o aparecimento do homem do pecado eram antecedentes, foi declarada pela palavra do Senhor como estando dentro do período da geração existente, segue-se que "a apostasia" e "o homem do pecado" estava mais *próximos* deles do que a Parousia. Além disso, se supusermos que "a apostasia" e "o homem do pecado" estejam muito além dos tempos dos tessalonicenses, qual seria a utilidade de dar-lhes explicações e informações sobre assuntos que não eram de todo urgentes e que, de fato, não os preocupavam? Não

é óbvio que quem quer que seja o homem do pecado, ele deve ser alguém com quem o apóstolo e seus leitores tiveram que lidar? Ele não está escrevendo para os homens vivos sobre assuntos nos quais eles estão intensamente interessados? Por que ele deveria delinear os traços desse misterioso personagem para os tessalonicenses se ele era alguém com quem os tessalonicenses não tinham nada a ver, de quem não tinham nada a temer e quem não seria revelado por muito tempo? É claro que ele fala de alguém cuja influência já estava começando a ser sentida e cuja fúria descontrolada e sem lei estouraria em pouco tempo. Tudo isso está na superfície, óbvio e inquestionável. Mas isto não é tudo. Parece certo que os tessalonicenses não ignoravam qual pessoa era pretendida pelo homem do pecado. Não foi a primeira vez que o apóstolo falou com eles sobre o assunto. Ele diz: "Não vos lembrais de que, quando ainda estava convosco, eu vos dizia [ἐλεγον] essas coisas? E agora *vós sabeis* o que o detém, para que a seu próprio tempo seja manifestado". Essa linguagem indica claramente que o apóstolo e seus leitores estavam bem familiarizados com o nome "homem do pecado" e sabiam quem foi designado por ele. Nesse caso, e parece inquestionável, a área de investigação torna-se bastante contraída e as probabilidades de descoberta aumentam proporcionalmente. O que os tessalonicenses haviam "*conversado*", "*lembrado*" e "*sabido*" devia ser algo de interesse vivo e presente; em suma, devia pertencer à história contemporânea.

Mas por que o apóstolo não fala francamente? Por que essa reserva e reticência em sugerir sombriamente o que ele não nomeia? Não foi por ignorância; não poderia ser pela afetação do mistério. Deve ter havido uma forte razão para essa extrema cautela. Sem dúvida; mas de que natureza? Por que ele deveria ter o hábito, como ele diz, de *falar* tão livremente sobre o assunto em particular e depois *escrever* tão obscuramente em sua epístola? Obviamente, *porque não era seguro ser mais explícito*. Por um lado, uma dica era suficiente, pois todos podiam entender o que ele queria dizer; por outro, mais do que uma insinuação era perigoso, pois nomear a pessoa poderia comprometer a si mesmo e a eles.

De que lado, então, o perigo deveria ser apreendido por uma liberdade de expressão muito grande? Havia apenas dois quadrantes dos quais os cristãos da era apostólica tinham apenas motivo de apreensão:

fanatismo judeu e ciúme romano. Até então, o Evangelho havia sofrido mais com o primeiro: os judeus eram em toda parte os instigadores em "agitar os gentios contra os irmãos". Mas o poder de Roma era ciumento, e os judeus sabiam bem como despertar esse ciúme; na própria Tessalônica, eles ouviram o clamor: "Tudo isso contraria os decretos de César". Quais dessas causas, então, podem ter selado os lábios do apóstolo? Não o medo dos judeus, pois nada do que ele pudesse dizer provavelmente tornaria sua hostilidade mais amarga; nem os judeus tinham qualquer autoridade civil direta pela qual pudessem infligir danos à causa cristã. Concluímos, portanto, que foi do *poder romano* que o apóstolo apreendeu o perigo e que sua reticência foi ocasionada pelo desejo de não envolver os tessalonicenses na suspeita de descontentamento e sedição.

Vamos agora voltar à descrição do "homem do pecado" dada pelo apóstolo e procurar descobrir, se possível, se havia algum indivíduo no Império Romano, a quem ele se aplicaria.

1. A descrição requer que procuremos, não um sistema ou abstração, mas um *indivíduo*, um "*homem*".

2. Evidentemente, ele não é uma *pessoa privada*, mas uma *pessoa pública*. Os poderes com os quais ele é investido implicam isso.

3. Ele é um personagem que detém a mais alta patente e autoridade no Estado.

4. Ele é pagão, e não judeu.

5. Ele reivindica nomes divinos, prerrogativas e adoração.

6. Ele finge exercer poder milagroso.

7. Ele é caracterizado por uma enorme maldade. Ele é "o homem do pecado", isto é, a encarnação e personificação do mal.

8. Ele é distinguido pela ilegalidade como governante.

9. Ele ainda não havia chegado à plenitude de seu poder quando o apóstolo escreveu; existia algum obstáculo ou controle para o pleno desenvolvimento de sua influência.

10. O obstáculo era uma pessoa; era conhecido pelos tessalonicenses; e logo seria retirado do caminho.

11. O "sem lei", o "homem do pecado", estava condenado à destruição. Ele é "o filho da *perdição*", "a quem o Senhor *matará*".

12. Seu pleno desenvolvimento, ou "manifestação", e sua destruição devem preceder imediatamente a Parousia. O Senhor o destruirá com resplendor de sua vinda.

Com essas marcas descritivas em nossas mãos, pode haver alguma dificuldade em identificar a pessoa em quem todas elas são encontradas? Havia três homens no Império Romano que responderam a essa descrição? Havia dois? Certamente que não. Mas havia *um*, e apenas um. Quando o apóstolo escreveu, ele estava nos degraus do trono imperial - um pouco mais e ele se assentou no trono do mundo. É NERO, o primeiro dos imperadores perseguidores; o violador de todas as leis, humanas e divinas; o monstro cuja crueldade e crimes o conferem o nome de "homem do pecado".

Qualquer leitor perceberá imediatamente que todos os traços desse retrato terrível se encaixam em Nero. O que chama a atenção é o quanto essa descrição é precisa, especialmente nos detalhes mais difíceis e obscuros. Trata-se de uma pessoa real, uma figura pública, que ocupa o cargo mais alto do Estado; é pagã, não judaica; um verdadeiro monstro de maldade, que despreza e viola toda lei. E são muito impressionantes os sinais que apontam para Nero no período em que esta epístola foi escrita, digamos 52 ou 53 d.C. Naquele tempo, Nero ainda não havia sido "revelado": seu verdadeiro caráter não era conhecido e ele ainda não havia assumido o Império. Cláudio, seu padrasto, ainda estava vivo e era o principal obstáculo no caminho do filho de Agripina. Mas esse impedimento logo desapareceu. Provavelmente em menos de um ano depois que essa epístola chegou aos tessalonicenses, Cláudio foi "tirado do caminho", vítima do método mortal da infame Agripina e, segundo Suetônio, o próprio Nero foi cúmplice do crime. No entanto, "o mistério da ilegalidade já estava em ação". A influência de Nero já devia ser forte nos últimos dias do infeliz Cláudio; os próprios planos e conspirações provavelmente já estavam sendo preparados para abrir caminho à ascensão do filho da assassina. Poucos meses depois, o mundo veria subir ao trono um criminoso cujo nome ficou marcado para sempre como o mais brutal dos tiranos e o mais vil dos homens.

As notas restantes da descrição não são menos fiéis ao original. A reivindicação de honras divinas; o opor-se e exaltar-se acima de tudo o que se chama Deus, ou objeto de culto; seu assento no templo de Deus, mostrando-se um deus; todos são distintos de Nero.

A assunção de prerrogativas divinas, de fato, era comum a todos os imperadores romanos. "*Divus*", deus, estava inscrito em suas moedas e estátuas. Pode-se dizer que o imperador "exalta-se acima de tudo o que se chama Deus, ou objeto de adoração", monopolizando para si mesmo toda a adoração. Este fato é colocado sob uma luz impressionante nas seguintes observações de Dean Howson:

"A imagem do imperador era, naquela época, objeto de reverência religiosa; ele era uma divindade na terra; e a adoração prestada a ele era uma adoração real. É um pensamento surpreendente que, naqueles tempos (deixando de lado as formas obsoletas de religião), os dois únicos cultos genuínos no mundo civilizado eram o culto a Tibério ou a Nero, por um lado, e o culto a Cristo, por outro".[1]

A tentativa de Calígula de montar sua estátua no templo de Deus em Jerusalém levou os judeus à beira da rebelião, e é possível que esse fato tenha dado sua forma peculiar à descrição do apóstolo. Certamente, sugeriu a Grotius que Calígula deve ser a pessoa que pretende ser retratada; mas a data da epístola torna essa opinião insustentável. Nero, no entanto, não ficou atrás de nenhum de seus antecessores na suposição ímpia de prerrogativas divinas. Dio Cassius nos informa que, quando voltou vitorioso dos jogos gregos, entrou em Roma em triunfo e foi aclamado com tais aclamações como estas: "Nero, o Hércules! Nero, o Apolo! Tu agosto, agosto! Voz sagrada! *Eterno*".[2] Em tudo isso, vemos evidências suficientes da assunção de honras divinas por Nero.

O mesmo vale para outra nota neste delineamento: a pretensão a poderes milagrosos. "Cuja vinda é após a operação de Satanás com todo poder, sinais e maravilhas mentirosas" (v. 9). Essa pretensão segue quase que naturalmente da assunção das prerrogativas da divindade

Supõe-se que o *Divus* Imperial seja creditado com a posse de poderes sobrenaturais; e encontramos uma luz lateral muito notável lançada sobre esse assunto em Apocalipse 13:13-15 . Nesse estágio da investigação,

---

[1] Conybeare and Howson, Life and Epistles of St Paul, chap. i. note.

[2] Citado pelo professor Stuart, Comm. on Apocalypse, chap. xiii. 1.

no entanto, não seria desejável entrar naquela região simbólica, embora nos valamos plenamente de sua ajuda no momento oportuno.

Além disso, o "homem do pecado" está condenado a perecer. Ele é "o filho da *perdição*", um nome que ele tem em comum com Judas e indicativo da certeza e integridade de sua destruição. "O Senhor deve matá-lo com o sopro da boca e destruí-lo com a aparência de sua vinda". Nesta expressão significativa, temos uma indicação do *tempo* em que o homem do pecado está destinado a perecer, marcada com notável exatidão. É a vinda do Senhor, a Parousia, que deve ser o sinal de sua destruição; contudo, não no esplendor desse evento, mas em sua primeira manifestação, em seu alvorecer. Alford (seguindo Bengel) observa apropriadamente que a tradução "o esplendor de sua vinda" deveria ser "a aparição de sua vinda", citando a sublime expressão de Milton: "de longe Sua vinda brilhou". Bengel, com discreta discriminação, observa: "Aqui a aparência de Sua vinda, ou, de pelo menos, *os primeiros vislumbres de Sua vinda, são anteriores à própria vinda*". Evidentemente, isso implica que o homem do pecado estava destinado a perecer, não em plena labareda da Parousia, mas em seu alvorecer, ou início. Agora, o que realmente encontramos? Lembrando como a Parousia está relacionada à destruição de Jerusalém, descobrimos que a morte de Nero precedeu o evento. Aconteceu em junho de 68 d.C., no meio da guerra judaica que terminou na captura e destruição da cidade e do templo. Portanto, pode-se dizer com razão que "o aparecimento, ou o alvorecer, da Parousia" [ἐπιφανείᾳ τῆς παρουσίας] foi o sinal para a destruição do tirano.

Não se segue que a morte de Nero fosse provocada por ação sobrenatural imediata, porque se diz que "o Senhor o matará com o sopro da boca" etc. Herodes Agripa foi ferido pelo anjo do Senhor, mas isso não exclui a operação de causas naturais: "ele foi comido por vermes e morreu". (Atos 12:23) Então Nero foi dominado pelo julgamento divino, embora tenha recebido o golpe da morte da espada do assassino, ou de sua própria mão.

Por fim, dificilmente é necessário corrigir o título de Nero para a denominação "o homem do pecado". Observar-se-á que é o desleixo de seu caráter pessoal que o carimba com esse epíteto distinto, como se ele

fosse a própria personificação e personificação do vício. Na verdade, era Nero, cujo nome se tornou sinônimo de tudo o que é básico, cruel e vil; o mais alto no ranking e o mais baixo no Caráter no mundo romano: um monstro de maldade, mesmo entre os pagãos, que não eram delicados com a moralidade e estavam familiarizados com a sociedade mais corrupta da face da terra. A seguinte delineação gráfica do caráter de Nero é retirada de Conybeare e Howson:

"Sobre esse ilustre tribunal de juízes presidia o representante da mais poderosa monarquia que já existiu, o governante absoluto de todo o mundo civilizado. Mas a reverência e o temor que sua posição naturalmente inspiravam transformaram-se em desprezo e repulsa por causa do caráter do soberano que agora presidia aquele supremo tribunal. Pois Nero era um homem a quem nem mesmo o terrível atributo de 'poder igual ao dos deuses' podia tornar augusto, exceto no título. O medo e o horror provocados por sua onipotência e crueldade misturavam-se ao desprezo por sua ignóbil ânsia de elogios e sua vergonhosa devassidão. Ele ainda não havia mergulhado naquele excesso de tirania que, em período posterior, esgotaria a paciência de seus súditos e o levaria à ruína. Até então, suas medidas públicas haviam sido guiadas por conselheiros prudentes, e sua crueldade ferira mais sua própria família do que o Estado. Mas já, aos vinte e cinco anos, ele havia assassinado sua esposa inocente e seu irmão adotivo, e manchado as mãos com o sangue de sua própria mãe. Contudo, até mesmo essas enormidades pareceram causar menos repulsa aos romanos do que a prostituição da púrpura imperial, quando ele se apresentava publicamente como músico no palco e como condutor de bigas no circo. Sua degradante falta de dignidade e insaciável apetite por aplausos vulgares arrancavam lágrimas dos conselheiros e servos de sua casa, que podiam vê-lo assassinar seus parentes mais próximos sem proferir uma palavra de protesto".[1]

Mas provavelmente existe outra razão pela qual o Nero está marcado com esse epíteto. O nome "homem do pecado" não era desconhecido na história hebraica. Já havia sido dado a alguém que não era apenas um monstro de crueldade e maldade, mas também um inimigo amargo e perseguidor do povo judeu. Não teria sido possível pronunciar um nome mais odioso para os ouvidos judeus do que o nome de *Antíoco Epifânio*. Ele era o Nero de sua época, o inimigo inveterado de Israel, o profanador do templo, o perseguidor sanguinário do povo de Deus. No primeiro livro dos Macabeus encontramos o nome "o homem, o pecador" [ἀνὴρ ἁμαρτωλὸς] atribuído a Antíoco (1 Macabeus 2:48, 62),

[1] Life and Epistles of St. Paul, chap. xxvii.

e parece altamente provável que o epíteto "homem do pecado" tenha sido escolhido para designar uma pessoa de caráter semelhante e destinada a um destino parecido com o de Antíoco, o tirano implacável e perseguidor que se tornou um monumento da ira de Deus.

O paralelo entre "o homem do pecado" e Antíoco Epifânio é particularmente notado por Bengel, que ressalta que a descrição do primeiro (v. 4) é emprestado da descrição deste último em Daniel 11:36. O comentário de Bengel é bem digno de citação:

"Isto, então, é o que Paulo diz: O dia de Cristo não vem, a menos que se cumpra (no homem do pecado) o que Daniel predisse de Antíoco; a previsão é mais adequada ao homem do pecado, que corresponde a Antíoco, e é pior do que ele".[1]

Descobriremos na sequência que essa não é a única passagem na qual Antíoco Epifânio é referido como o protótipo de Nero.

Mas a pergunta pode ser feita: por que a revelação de Nero em seu verdadeiro caráter deve ser motivo de tanta preocupação para o apóstolo e os cristãos de Tessalônica? A resposta não está longe de procurar. Foi a ferocidade desse monstro sem lei que primeiro liberou todo o poder de Roma para esmagar e destruir o nome cristão. Foi por ele que torrentes de sangue inocente deveriam ser derramadas e as torturas mais requintadas infligidas a cristãos sem ofender. Foi diante de seu tribunal sanguinário que São Paulo ainda estava de pé e implorava por sua vida, e pelos seus lábios que a sentença estava por vir que o condenou a uma morte violenta. Mais do que isso, porém, foi sob Nero e por suas ordens que a guerra judaica final foi iniciada, e foi aberto o capítulo mais sombrio dos anais de Israel, que terminou no cerco e captura de Jerusalém, a destruição do templo e a extinção da política nacional. Esta foi a consumação prevista por nosso Senhor como o "fim da era" [συντελείας τοῦ αἰῶνος] e a "vinda do seu reino". A revelação do homem do pecado, portanto, como antecedente da Parousia, foi um assunto que preocupou profundamente todo discípulo cristão.

Agora podemos entender por que o apóstolo deve ter tanta cautela ao escrever sobre um assunto como este. Não era por afeto da obscuridade oracular, mas por motivos prudenciais do tipo mais

[1] Gnomon, 2 Thess. ii.

inteligível. Havia muitos olhos curiosos e línguas caluniosas em Tessalônica, que apenas esperavam uma oportunidade de denunciar os cristãos como homens descontentes e sediciosos, conspiradores secretos contra a autoridade de César. Escrever abertamente sobre tais assuntos seria no mais alto grau indiscreto e perigoso. Nem era necessário; pois eles haviam discutido esses assuntos antes em muitas conversas particulares. "Você não lembra", ele pergunta: "que quando eu estava com você muitas vezes *falando*[1] essas coisas?". Mais do que sugestões eram desnecessárias para os tessalonicenses, pois eles tinham uma chave para o seu significado que os leitores subsequentes não tinham. Também não é de admirar-se se a obscuridade se reuniu em torno do ensino do apóstolo sobre esse assunto. Eventos que para os contemporâneos estão cheios de intenso interesse geralmente se tornam não apenas desinteressantes, mas ininteligíveis para a posteridade. No entanto, é um tanto estranho que a referência muito óbvia à história contemporânea e a Nero tenha sido tão geralmente ignorada. Esta é a interpretação mais antiga da passagem relativa ao homem do pecado. Crisóstomo, comentando sobre o *mistério da iniquidade*, diz: "Ele (São Paulo) fala aqui de *Nero* como sendo o tipo do anticristo; pois ele também queria ser considerado um deus. Esta opinião também é referida por Agostinho, Theodoret e outros.[2] Bengel, referindo-se ao obstáculo à manifestação do homem do pecado, diz: "Os antigos pensavam que Cláudio era esse controle: daí parece que eles consideravam Nero, o sucessor de Cláudio, o homem do pecado.[3] Moses Stuart reuniu um grande número de autoridades para a identificação de Nero com o homem do pecado. Ele observa: "A ideia de que Nero era o *homem do pecado* mencionado por Paulo, e o *Anticristo* tantas vezes referido nas epístolas de São João, prevaleceu amplamente e por muito tempo na igreja primitiva." E novamente: "Agostinho diz: Que significa a declaração de que o mistério da iniquidade já opera? ... Alguns supõem que isto se refere ao imperador romano, e, por isso, Paulo não falou em palavras explícitas, para não incorrer na acusação de calúnia por ter falado mal do

[1] "O verbo está no tempo imperfeito". - Conybeare e Howson, 2 Thess. ii. 5.

[2] Veja Alford, Greek Testament, Proleg, 2 Thess.

[3] Gnomon, *in loc.*

imperador romano; embora sempre esperasse que o que dissera fosse entendido como aplicável a Nero".[1]

Consideramos um fato de importância singular que uma conclusão alcançada de forma totalmente independente venha a encontrar o aval de alguns dos maiores nomes da Antiguidade. Não estamos, contudo, dispostos a fundamentar essa interpretação em autoridade externa; inclinamo-nos a pensar que as evidências internas em favor da identificação de Nero como o homem do pecado equivalem quase, se não completamente, a demonstração. Mas ainda devemos tratar da confirmação desse fato fornecida pelo Apocalipse, a qual, ousamos crer, produzirá convicção em toda mente sincera.

Seria inadequado passar da consideração desta passagem tão profundamente interessante sem fazer alguma menção ao que se pode chamar de interpretação protestante popular, a qual vê aqui o surgimento e o desenvolvimento do papado, identificando o Papa como o homem do pecado. Essa interpretação é, sob muitos aspectos, bastante plausível, e os pontos de correspondência são tão numerosos que não é surpreendente que tenha encontrado aceitação talvez entre a maioria dos comentadores. Existe uma certa semelhança familiar entre todos os sistemas de superstição e tirania, o que torna provável que algumas das características que distinguem um possam ser encontradas em todos. O mesmo se dá com as grandes crises e catástrofes históricas: há pontos de semelhança comuns a todas. Mas poucos intérpretes de qualquer renome ou peso ainda sustentariam que todas as características descritivas do homem do pecado se aplicam ao Papa. Dean Alford justamente observa:

"Na característica do versículo 4, o Papa não cumpre, e nunca cumpriu, a profecia. Admitindo todas as notáveis coincidências com a parte final do versículo, que têm sido tão amplamente apresentadas, nunca se poderá demonstrar que ele cumpra a primeira parte; ao contrário, está dele tão distante que a abjeta adoração e submissão aos λεγόμενοι θεοί *(chamados deuses)* e σεβάσματα *(objetos de culto)* sempre foram uma de suas peculiaridades mais notáveis. A segunda objeção, de caráter externo e histórico, é ainda mais decisiva. Se o papado for o Anticristo, então a manifestação já foi feita e tem perdurado por quase mil e quinhentos anos, e, ainda assim, o dia do Senhor não veio,

[1] Stuart on the Apocalypse, Excurs. iii.

aquele mesmo que, segundo os termos de nossa profecia, tal manifestação deveria imediatamente preceder".[1]

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS AOS CORÍNTIOS.

Acredita-se que as duas epístolas da igreja em Corinto tenham sido escritas no mesmo ano (57 d.C.). O conteúdo é mais variado do que o das epístolas aos tessalonicenses, mas encontramos muitas alusões à vinda antecipada do Senhor. Essa foi a consumação para a qual, na visão de São Paulo, todas as coisas estavam apressando-se e aquilo que todos os cristãos estavam olhando ansiosamente. É representado como o dia decisivo em que todas as dúvidas e dificuldades do presente seriam resolvidas e todos os seus erros corrigidos. Que este grande evento foi considerado pelo apóstolo como estando à mão está implícito em toda alusão ao assunto, enquanto em várias passagens é expressamente afirmado em tantas palavras.

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS.

ATITUDE DOS CRISTÃOS DE CORINTO EM RELAÇÃO À PAROUSIA.

1 Coríntios 1:7, 8: "De maneira que nenhum dom vos falta, esperando [olhando ansiosamente] a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, O qual vos confirmará também até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo."

A atitude de expectativa em que os coríntios se encontravam é aqui claramente indicada, embora seja fracamente expressa pela expressão "esperar". A frase usada pelo apóstolo é a mesma de Romanos 8:19, onde toda a criação é representada como "gemendo e sofrendo, *aguardando a revelação dos filhos de Deus*" [ἀπεκδεχόμενοι τὴν ἀποκάλυψιν]. Conybeare e Howson traduzem: "olhando ansiosamente para o tempo em que nosso Senhor Jesus Cristo for revelado à vista". Essa atitude implica claramente que o objeto esperado foi entendido como próximo; pois é óbvio que, se fosse um grande engano, a esperança e o desejo sinceros terminariam apenas em amarga decepção. Pode-se dizer: Não esperaram também os santos do Antigo Testamento pelo dia de Cristo? Não se alegrou Abraão em ver o seu dia? e não era isso uma perspectiva distante? É verdade;

[1] Alford, Greek Testament, Proleg. 2 Thess. vi. § v.

mas os santos do Antigo Testamento nunca foram levados a entender que a primeira vinda de Cristo aconteceria em seus próprios dias, ou dentro dos limites de sua geração; nem foram exortados a estar continuamente vigilantes, esperando e olhando por Sua vinda. Não temos qualquer razão para supor que suas mentes estivessem constantemente tensas, ou que seus olhos se esforçassem ansiosamente em expectativa do advento, como acontecia com os cristãos da era apostólica. O caso do idoso Simeão é o paralelo apropriado aos primeiros cristãos. Foi-lhe revelado que ele não veria a morte até ter visto o ungido do Senhor; portanto, esperou "pela consolação de Israel". Da mesma maneira, foi revelado aos cristãos da era apostólica que a Parousia ocorreria em seus dias; o Senhor repetidamente havia assegurado distintamente a Seus discípulos esse fato; eles, portanto, acalentavam a esperança de viver para ver o anseio desse dia, e ainda mais por causa dos sofrimentos e perseguições a que estavam expostos. Como os tessalonicenses, eles consideravam a morte uma calamidade, porque parecia decepcionar a esperança de ver o Senhor "vindo em seu reino". Eles queriam estar "vivos e permanecer até a vinda do Senhor". Lange observa que: "Pode-se perguntar: 'Os coríntios estavam procurando o segundo advento de Cristo como um evento que provavelmente ocorreria em seus dias, e que alguns deles poderiam testemunhar? Essa pergunta deve ser respondida afirmativamente". Billroth também observa: "O ἀποκάλυψιν [revelação] refere-se ao advento visível de Cristo, um evento que Paulo e os crentes daqueles dias imaginaram que aconteceriam dentro do prazo de uma vida comum, onde muitos deles estivessem vivos. Paulo aqui elogia os coríntios por aguardar ou esperar por isso".[1] O crítico evidentemente considera essa opinião uma ilusão. Mas de onde os primeiros cristãos derivaram essa expectativa? Não foi do ensino dos apóstolos e das palavras de Cristo? Dizer que se tratava de uma opinião equivocada é desferir um golpe contra a autoridade dos apóstolos como relatores fidedignos das palavras de Cristo e como intérpretes competentes de Sua doutrina. Pois, se puderam estar tão profundamente enganados quanto a um fato simples,

[1] Biblical Cabinet, vol. xxi. pp. 41, 42.

que confiança se poderia depositar em seus ensinamentos sobre as questões mais difíceis de doutrina e dever?

A confiança manifestada pelo apóstolo de que os cristãos de Corinto seriam confirmados até *o fim* para que fossem irrepreensíveis *no dia de nosso Senhor Jesus Cristo*, recorda sua oração pelos tessalonicenses: "Para que ele estabeleça seus corações irrepreensíveis em santidade na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo". (1 Tessalonicenses 3:13) As duas passagens são exatamente paralelas em significado, e se referem ao mesmo ponto do tempo, "o fim", a "Parousia". É evidente que, ao dizer "*o fim*", o apóstolo não se refere ao "*fim da vida*"; não é um sentimento geral como quando dizemos "*ser fiel até o fim*". A expressão tem um significado definido e refere-se a um tempo específico. É "o fim" [τὸ τέλος] mencionado por nosso Senhor em Seu discurso profético no Monte das Oliveiras. (Mateus 24:6, 13, 14) É "o fim da era" [συντελείας τοῦ αἰῶνος] de Mateus 13:40, 49. É "o fim" [então o fim] de 1 Coríntios 15:24. (Ver também Hebreus 3:6, 14, 6:11, 9:26, 1 Pedro 4:7) Todas essas formas de expressão [τὸ τέλος, τα τέλη, ἡ συντελεία] se referem à mesma época - ou seja, o fim da era ou era judaica, isto é, a dispensação mosaica. Isso é apontado por Alford em sua nota sobre a passagem diante de nós: "Até o fim", isto é, para o συντελεία τοῦ αἰῶνος, não apenas "para o fim de suas vidas". Refere-se, portanto, não à morte, que vem para indivíduos diferentes em momentos diferentes, mas para um evento específico, não muito distante, a Parousia, ou a vinda do Senhor Jesus Cristo.

Não menos definida é a frase "o dia de nosso Senhor" etc. As alusões a esse período nos escritos apostólicos são muito frequentes e todas apontam para uma grande crise que se aproximava rapidamente: o dia da redenção e da recompensa ao sofredor povo de Deus, o dia de vingança e ira contra seus inimigos e perseguidores.

O CARÁTER JUDICIAL DO "DIA DO SENHOR."

1 Coríntios 3:13: "A obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um".

Nesta passagem, novamente, há uma alusão distinta ao "dia do Senhor" como um dia de discriminação entre o bem e o mal, entre o precioso e o vil. O apóstolo compara a si e a seus colegas de trabalho no

serviço de Deus aos trabalhadores empregados na construção de um grande edifício. Aquele edifício é a igreja de Deus, cujo único fundamento é Jesus Cristo, o fundamento que ele (o apóstolo) havia estabelecido em Corinto. Ele então adverte todos os obreiros a olharem bem para que tipo de material ele construiu sobre esse único fundamento: ou seja, que tipo de personagem ele introduziu na comunhão da igreja de Deus. Estava chegando um dia que testaria a qualidade da obra de todo homem deveria passar por uma provação ardente; e nesse escrutínio abrasador os frágeis e inúteis devem perecer, enquanto os bons e verdadeiros permaneceram ilesos. O construtor imprudente de fato poderia escapar, mas sua obra seria destruída e ele perderia a recompensa que, se tivesse construído com materiais melhores, teria desfrutado.

Não há dúvida de que dia aqui referido é o dia de Cristo, a Parousia.[1] Diz-se que isso é revelado "com *fogo*" e surge a pergunta: a expressão é literal ou metafórica? Percebe-se que toda a passagem é figurativa: o edifício, os construtores, os materiais; portanto, podemos concluir que o *fogo* também é figurativo. As qualidades morais não são testadas da mesma maneira que as substâncias materiais. O apóstolo ensina que um exame judicial da vida do obreiro cristão está próximo. Aquele que "tem os olhos semelhantes a uma chama de fogo" vem "vasculhar as rédeas e os corações, e dar a cada um segundo a sua obra". (Apocalipse 2:18, 23) Quão claramente essas representações do "dia do Senhor" se conectam às palavras proféticas de Malaquias: "Quem pode permanecer no dia da sua vinda? Pois ele é como o fogo de um refinador". "Pois eis que vem o dia que arderá como fornalha, e todos os orgulhosos, sim, e todos os que praticam maldade serão como restolho". (Malaquias 3:2, 3, 4:1) Da mesma maneira, João Batista representa o dia da vinda de Cristo como "revelado com fogo", "Ele queimará a palha com fogo inextinguível". (Mateus 3:12) Veja também 2 Tessalonicenses. 1:7, 8, etc.

No entanto, se alguém estiver disposto a sustentar que o fogo aqui não é totalmente metafórico, um caso não improvável pode ser facilmente identificado. No local central onde ocorreu essa revelação, a cidade e o templo de Jerusalém, a Parousia foi acompanhada de fogo

[1] Nota de Conybeare and Howson, *in loc.*

muito literal. Naquela fornalha incandescente em que pereceu tudo o que era mais venerável e sagrado no judaísmo, os homens poderiam ver o cumprimento das palavras do apóstolo, "aquele dia será revelado no fogo".

Visto que, então, a Parousia coincide no tempo com a destruição de Jerusalém, segue-se que o período de peneiração e julgamento aqui aludido - o dia que será revelado no fogo - também é contemporâneo desse evento. Caso contrário, na hipótese de que este dia ainda não chegou, somos levados à conclusão de que "a prova da obra de cada homem" ainda não ocorreu: que nenhum julgamento foi pronunciado sobre a obra de Apolo ou Cefas, ou Paulo, ou seus companheiros de trabalho; ainda deve ser verificado com que tipo de material cada homem construiu o templo de Deus; que os trabalhadores ainda não receberam sua recompensa. Pois o grande dia da prova ainda não chegou, e o fogo não provou qual seja a obra de cada homem. Mas isso é um *reductio ad absurdum*, e mostra que tal hipótese é insustentável.

O CARÁTER JUDICIAL DO "DIA DO SENHOR."

1 Coríntios 4:5: "Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o seu louvor".

1 Coríntios 5:5: "Seja, este tal, entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus".

Em ambas as passagens, a Parousia é representada como um tempo de investigação e decisão judicial. É o momento em que caráter e motivos devem ser revelados, e todo homem recebe seu mérito apropriado de louvor ou censura. O apóstolo desaprova julgamentos precipitados e mal informados, aparentemente não sem razão pessoal, e exorta-os a esperar "até a vinda do Senhor" etc. Isso não implica manifestamente que ele pensava que não teriam muito tempo para esperar? Onde estaria a razoabilidade de sua exortação se não houvesse perspectiva de vingança ou retribuição próxima? É a própria consideração de que o dia está próximo que constitui a razão da paciência e tolerância agora.

Do mesmo modo, o caso do membro ofensor da igreja de Corinto aponta para um tempo de retribuição que se aproxima rapidamente. São

Paulo argumenta que o efeito da disciplina atual exercida pela igreja pode provar a salvação do ofensor "no dia do Senhor Jesus". Nesse dia, portanto, é o período em que a condenação ou salvação dos homens é decidida. Mas, supondo que o dia do Senhor Jesus ainda não chegou, segue-se que o dia da salvação não chegou nem para o próprio apóstolo nem para os cristãos de Corinto, nem para o ofensor a quem ele chama a igreja a censura-lo. Tudo isso mostra claramente que o apóstolo creu e ensinou a rápida vinda do dia do Senhor.

PROXIMIDADE DA CONSUMAÇÃO.

1 Coríntios 7:29-31: "Mas digo isto, irmãos: o tempo que resta é curto [o tempo que ainda nos resta é breve]; portanto, que os que têm mulher vivam como se não a tivessem; que os que choram vivam como se não chorassem; que os que se alegram vivam como se não se alegrassem; que os que compram vivam como se não possuíssem; e que os que usam do mundo vivam como se dele não abusassem; pois a forma deste mundo está passando".

Nenhuma palavra poderia mostrar mais claramente a profunda impressão na mente do apóstolo de que uma grande crise estava próxima, o que afetaria poderosamente todas as relações da vida e todas as posses deste mundo. Há um significado nessa linguagem, como é falado naquele momento, muito diferente do que ela tem atualmente. Essas não são as banalidades comuns sobre a brevidade do tempo e a vaidade do mundo, os lugares comuns de ações dos moralistas dos teólogos. O tempo é sempre curto e o mundo sempre é vaidoso; mas há uma ênfase e uma urgência na declaração do apóstolo que implicam uma especialidade no tempo então presente: ele sabia que eles estavam à beira de uma grande catástrofe, e que todos os interesses e posses terrestres eram mantidos incerta e temporariamente (ver com. Atos 4:34). Não é necessário perguntar o que era essa catástrofe esperada.[1] Era a vinda do dia do Senhor já aludida, e a aproximação da consumação está implícita em todas as suas exortações. Alford expressa corretamente a força da expressão: "o tempo é reduzido daqui para a frente, ou seja, o intervalo entre agora e a vinda do Senhor chegou a um período extremamente

[1] Locke conjetura que o apóstolo tinha "uma previsão profética das perseguições que se aproximavam sob Nero"; mas essa não é toda a verdade.

contraído".[1] Mas, infelizmente, ele continua tratando a opinião de São Paulo como errada: "Desde que ele escreveu, o desenrolar da providência de Deus nos ensinou mais sobre o intervalo antes da vinda do Senhor do que o apóstolo inspirado pudesse ver". Qual era a opinião particular de São Paulo a respeito da data da Parousia, ou o que aconteceria quando ela chegasse, não sabemos, e seria inútil especular; mas temos o direito de concluir que, em seus ensinamentos oficiais (exceto quando ele expressamente expressa sua opinião pessoal), ele era o instrumento de uma inteligência superior à sua. Realmente não somos competentes para dizer até que ponto o choque da tremenda convulsão que ocorreu no "fim da era" pode ter se estendido, mas todos podem ver que as exortações do apóstolo seriam particularmente apropriadas dentro dos limites da Palestina. À medida que prosseguimos com essa investigação, a área afetada pela Parousia parece crescer e se expandir: é mais do que nacional, torna-se uma crise ecumênica. Certamente, devemos deduzir da representação dos apóstolos, bem como das declarações do Mestre, que a Parousia tinha um significado para os cristãos em toda parte, dentro ou fora dos limites da Judeia. É mais correto investigar a verdadeira importância da doutrina dos apóstolos sobre esse assunto do que supor que eles estavam enganados e inventar desculpas por seu erro. Se for um erro, é comum a todo o ensino do Novo Testamento e nós a encontraremos nos escritos de São Pedro e São João, pois eles, não menos que São Paulo, declaram que "o fim de tudo está próximo" e que "o mundo está passando e a sua luxúria". (1 Pedro 4:7, 1 João 2:17)

O FIM DAS ERAS JÁ CHEGOU.

1 Coríntios 10:11: "E todas essas coisas lhes aconteceram como exemplos, e foram escritas para admoestação nossa, sobre os quais os fins do mundo chegaram [sobre os quais os fins das eras chegaram]".

A frase "o fim da era" [τὰ τέλη τῶν αἰώνων] é equivalente a "o fim da era" [ἡ συντελεία τοῦ αἰῶνος] e "o fim" [τὸ τέλος]. Todos eles se referem ao mesmo período, isto é, o fim da era judaica, ou dispensação, que agora se aproximava. Observa-se que, neste capítulo, São Paulo reúne alguns dos grandes incidentes históricos que ocorreram no *início*

[1] Greek Testament, *in loc.*

dessa dispensação, como advertência para aqueles que viviam perto de seu término. Ele evidentemente considera a história inicial da dispensação, especialmente na medida em que foi sobrenatural, como possuindo um caráter típico e educativo. "Estas coisas lhes aconteceram como exemplos; e foram escritas para nossa admoestação, sobre os quais os fins das eras chegaram." Isso não apenas afirma o caráter típico da economia judaica, mas também mostra que o apóstolo a considerava prestes a expirar.

Conybeare e Howson têm a seguinte nota sobre esta passagem: "'A vinda de Cristo' foi o 'fim da eras', isto é, o início de um novo período da existência do mundo. É quase a mesma frase é usada Hebreus. 9:26. Uma expressão semelhante ocorre cinco vezes em São Mateus, significando *a vinda de Cristo para julgamento*".[1] Esta nota, entretanto, não distingue com precisão qual vinda de Cristo era o fim da era. Trata-se da Parousia, a segunda vinda, que é sempre assim representada. Portanto, acreditava-se que esse evento estava próximo quando se declarava que o fim da era, ou das eras, havia chegado.

Às vezes se diz que todo o período entre a encarnação e o fim do mundo *(isto é, do fim do mundo material)* é considerado no Novo Testamento como "o fim da era".[2] Mas isso apresenta uma incongruência manifesta desde o início. Como poderia o *fim* de um período ter uma duração longa e prolongada? Especialmente, como poderia ser mais longo do que o próprio período do qual é o fim? Já se passou mais tempo desde a encarnação do que desde a entrega da Lei até a primeira vinda de Cristo; portanto, nessa hipótese, o fim da era seria muito mais longo do que a própria era. Interpretações erradas levam a tais paradoxos por causa de uma teoria falsa. Mas, assim como em uma teoria científica verdadeira todo fato encaixa-se facilmente em seu lugar e reforça os demais, em uma verdadeira teoria de interpretação bíblica cada passagem encontra uma solução clara e contribui com sua parte para sustentar a fidelidade do princípio geral.

---

[1] Life and Epistles of St. Paul, chap. xv.

[2] Lange, Alford, etc.

EVENTOS QUE ACOMPANHAM A PAROUSIA.

A Ressurreição dos Mortos; a Mudança dos Vivos; a Entrega do Reino.

Ao entrar nesta porção grande e solene da Palavra de Deus, desejamos fazê-lo com profunda reverência e humildade de espírito, temendo correr onde os anjos temem pisar; e ansiosamente solícito "extrair das palavras inspiradas o que realmente está nelas, e não colocar nelas nada que não esteja realmente lá".

Também nos aventuramos a apelar para a sinceridade judicial do leitor. Pode-se fazer uma exigência por sua paciência, que mal pode estar preparado para atender. Tradições antigas e opiniões preconcebidas não são tolerantes com contradições, e mesmo a verdade pode estar em risco de ser desprezada como loucura, simplesmente porque é nova. Que ele esteja certo de que cada palavra é falada com toda a honestidade, depois que todos os esforços para descobrir o verdadeiro significado do texto foram esgotados, e no espírito de lealdade e submissão à autoridade suprema das Escrituras. Não faz parte da função de um intérprete reivindicar as palavras de inspiração; todo o seu cuidado deve ser descobrir quais são essas palavras.

1 Coríntios 15:22-28: "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda. Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força. Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte. Porque todas as coisas sujeitou debaixo de seus pés. Mas, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, claro está que se excetua aquele que lhe sujeitou todas as coisas. E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos".

Embora não se enquadre no escopo desta investigação entrar em nenhuma exposição detalhada de passagens que não afetem diretamente a questão da Parousia, parece necessário fazer referência ao estado de opinião na igreja de Corinto que deu ocasião a o argumento e protesto de São Paulo.

A ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos é um dos grandes comprovantes da verdade do próprio cristianismo. Se isso é verdade,

tudo é verdade; se isso for falso, toda a estrutura cai no chão. No breve resumo das verdades fundamentais do Evangelho, dadas pelo apóstolo no início deste capítulo, é dada ênfase especial ao fato da ressurreição de Cristo e às evidências nas quais ele se apoia. Foi "de acordo com as escrituras". Foi atestado pelo testemunho positivo das testemunhas oculares: "Ele foi visto por Cefas, depois pelos doze: depois disso, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma vez", a maioria dos quais ainda vivia nos dias do escrito do apóstolo. Depois disso, ele foi visto por Tiago; então por todos os apóstolos. "Por último, apareceu também a mim". A ênfase colocada nas palavras "ele foi visto" não pode deixar de ser comentada. A evidência é irresistível; é uma demonstração ocular, testemunhada não por uma ou duas, mas por uma multidão de testemunhas, homens que não mentiriam e que não poderiam ser enganados.

Contudo, ao que parece, houve alguns entre os coríntios que disseram "que não há ressurreição de mortos". Parece-nos incompreensível como essa negação deve ser compatível com o discipulado cristão. Não se diz, no entanto, que eles questionam o fato da ressurreição de Cristo, embora o apóstolo mostre que seus princípios levaram a essa conclusão. Seu argumento com eles é um *reductio ad absurdum*. Ele os coloca em um estado de negação absoluta, no qual não há Cristo, nem cristianismo, nem veracidade apostólica, nem vida futura, nem salvação, nem esperança. Eles cortaram o chão sob seus próprios pés e foram deixados, sem um Salvador, em trevas e desespero.

Mas, como dissemos, eles não parecem ter negado o fato da ressurreição de Cristo; pelo contrário, esse é o argumento pelo qual o apóstolo os convence de absurdo. Se não tivessem admitido isso, o argumento do apóstolo não teria força, nem poderiam ter sido considerados como crentes cristãos.

Alguma luz, no entanto, é lançada sobre esse estranho ceticismo pelas epístolas aos tessalonicenses. Uma opinião não muito diferente parece ter prevalecido em Tessalônica. Portanto, pelo menos é o que podemos deduzir de 1 Tessalonicenses 4:13, etc. Eles haviam se entregado ao desespero por causa da morte de alguns de seus amigos antes da vinda do Senhor. Eles parecem ter considerado isso como uma

calamidade que excluiu os que partiram de uma participação na bem-aventurança que eles esperavam na revelação de Jesus Cristo. O apóstolo acalma seus medos e corrige seus erros, declarando que os santos que partiram não sofreriam nenhuma desvantagem, mas seriam ressuscitados na vinda de Cristo e entrariam junto com os vivos na presença e alegria do Senhor.

Isso mostra que houve dúvidas sobre a ressurreição dos mortos na igreja de Tessalônia e Corinto; e é altamente provável que eles tenham a mesma natureza em ambas. O desejo ansioso de todos os cristãos era estar vivo na vinda do Senhor. A morte, portanto, era considerada uma calamidade. Mas não teria sido uma calamidade se eles tivessem consciência de que haveria uma ressurreição dos mortos. Essa era a verdade que eles não sabiam ou não acreditavam. São Paulo trata a dúvida em Tessalônica como *ignorância*, em Corinto como *erro*; e é altamente provável que, entre um povo tão vaidoso e pragmático como os coríntios, a opinião assuma uma forma mais decidida e perigosa. Pode-se observar, também, que o apóstolo trata o caso dos tessalonicenses com o mesmo raciocínio que o dos coríntios, isto é, por um apelo ao fato da ressurreição de Cristo: "Se crermos que Jesus morreu e ressuscitou", etc. (1 Tessalonicenses 4:14) Os dois casos são, portanto, muito semelhantes, se não precisamente paralelos. Podemos facilmente imaginar que, para os primeiros cristãos, muitas vezes sofrendo uma amarga perseguição, e aguardando ansiosamente a aguardada vinda do Senhor, deve ter sido uma decepção grave ser levado pela morte antes do cumprimento de suas esperanças. Acrescente a isso a dificuldade que a ideia da ressurreição dos mortos apresentaria naturalmente aos gentios. (1 Coríntios 15:35) Era uma doutrina na qual os filósofos de Atenas zombavam; o que fez Festo exclamar: "Paulo, você é louco" e que os homens científicos da época declararam ser absurda, algo "impossível até para Deus".[1]

Muito provável a natureza e origem desse erro dos coríntios. O apóstolo, ao combatê-la, atribui a gloriosa bênção da ressurreição à interposição mediadora de Cristo. É parte dos benefícios decorrentes de Sua obra redentora. Assim como o primeiro Adão trouxe a morte, o

[1] Plin. Nat. Hist. ii. 7.

segundo Adão trouxe a vida; e, como penhor da ressurreição de Seu povo, Ele mesmo ressuscitou dos mortos e tornou-se as primícias da grande colheita da sepultura.

Mas há uma devida ordem e sucessão nesta nova vida futura. Assim como as primícias precedem e predizem a colheita, a ressurreição de Cristo precede e garante a ressurreição de Seu povo: "Cristo as primícias, depois os que são de Cristo na Sua Vinda".

Essa é uma afirmação muito importante, e afirma inequivocamente, o que é de fato o ensino uniforme do Novo Testamento, de que a Parousia deveria ser imediatamente seguida pela ressurreição dos mortos adormecidos. Ele vem "para que possa acordá-los do sono". A Primeira Epístola aos Tessalonicenses fornece o hiato que o apóstolo deixa aqui: "Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor". (1 Tessalonicenses 4:16, 17)

Na passagem diante de nós, o apóstolo não entra nesses detalhes; ele está argumentando a favor da ressurreição, e ele para brevemente para o presente naquele ponto, acrescentando apenas as palavras significativas: "Então o fim" [εἶτὰ τὸ τέλος], tanto quanto dizer: "Esse é o fim"; "Agora está feito"; "O mistério de Deus está consumado".

Mas podemos nos aventurar a perguntar: o que é esse "fim" o τέλος; Não é um termo novo, mas uma frase familiar que já conhecemos antes e que muitas vezes nos encontraremos novamente. Se nos voltarmos para o discurso profético de nosso Senhor, encontramos quase as mesmas palavras significativas: "Então virá *o fim*" [τέλος ἥξει τὸ τέλος] (Mateus 24:14) e eles nos fornecem a chave do significado deles aqui. Respondendo à pergunta dos discípulos: "Diga-nos, quando serão essas coisas; e qual será o sinal da tua vinda e do fim da era?" Nosso Senhor especifica certos sinais, como a perseguição e o martírio de alguns dos próprios discípulos; a deserção e apostasia de muitos; o aparecimento de falsos profetas e enganadores; e, finalmente, a proclamação geral do Evangelho em todas as nações do Império Romano; e "*então*", ele declara,

"virá *o fim*". Pode haver a menor dúvida de que o τὸ τέλος da profecia é o τὸ τέλος da epístola? Ou pode haver alguma dúvida de que ambos são idênticos ao συντελεία τοῦ αἰῶνος dos discípulos? (Mateus 24:3) Mas vimos que a última frase se refere não ao "fim do mundo" ou à destruição da terra material, mas ao fim da era, ou dispensação, prestes a expirar. Concluímos, portanto, que "o fim" de que fala São Paulo em 1 Coríntios 15:24 é a mesma grande época tão contínua e proeminentemente mantida em vista tanto nos evangelhos quanto nas epístolas, quando toda a política civil e eclesiástica de Israel, com sua cidade, seu templo, sua nacionalidade e sua lei, foram varridos da existência por uma tremenda onda de julgamento.

Essa visão de "o fim", como se referindo ao fechamento da economia ou era judaica, parece fornecer uma solução satisfatória para um problema que tem deixado os comentaristas muito perplexos, a saber: *a entrega do reino por Cristo*. (8) É declarado duas vezes pelo apóstolo, como um dos grandes eventos que acompanham a Parousia, que o Filho, tendo então derrubado todo domínio e toda autoridade e poder, "entregará *o reino* a Deus, o Pai". (1 Coríntios 15:24, 28) Que reino? Sem dúvida, o reino que o *Cristo*, o *Ungido* Rei comprometeu-se a administrar como representante e vice-líder de Seu Pai: ou seja, o reino teocrático, com a soberania da qual ele foi investido solenemente, de acordo com a afirmação no segundo Salmo: "Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião. Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei". (Salmos 2:6, 7) Esta soberania messiânica, ou Teocracia, necessariamente chegou ao seu fim quando as pessoas que eram seus súditos deixaram de ser a nação da aliança; quando a aliança foi de fato dissolvida, e toda a estrutura e aparato da administração teocrática foram abolidos. O que é mais razoável do que o Filho então "entregar o reino", os propósitos de sua instituição tendo sido atendidos, e seu caráter limitado, local e nacional sendo substituído por um sistema maior e universal, o "αἰών ὁ μέλλων" ou nova ordem de uma "melhor aliança".

Essa entrega do reino ao Pai na Parousia, no fim da era, é representada como consequência da subjugação de todas as coisas a Cristo, o Rei Teocrático. Isso não pode se referir às conquistas gentis e pacíficas do Evangelho, à *reconciliação* de todas as coisas para Ele: a

linguagem implica uma conquista violenta e vitoriosa afetada por poderes hostis: "Ele deve reinar até que coloque todos os inimigos em seus pés". Quem são esses inimigos podem ser inferidos a partir da história final da Teocracia. Inquestionavelmente, a oposição mais formidável ao rei e ao reino foi encontrada no coração da nação teocrática, os principais sacerdotes e governantes do povo. As mais altas autoridades e poderes da nação eram os inimigos mais amargos do Messias. Foi um antagonismo doméstico, e não estrangeiro - inimizade judaica e não gentílica - que rejeitou e crucificou o rei de Israel. O procurador romano era apenas o instrumento relutante nas mãos do Sahedrin. Era o domínio judaico, a autoridade judaica, o poder judaico que perseguia incessantemente e sistematicamente a seita dos nazarenos com a malignidade persistente, e este era "o domínio, a autoridade e o poder" que, pela destruição de Jerusalém e pela extinção do Estado judeu, foram "derrubados" e aniquilados. As cenas terríveis da guerra final, e especialmente do cerco e captura de Jerusalém, mostram-nos o que essa subjugação dos inimigos de Cristo implica. "E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim". (Lucas 19:27)

Mas o que diremos da destruição do "último inimigo, a morte"? Não é fatal para esta interpretação que nos obrigue a colocar a abolição do domínio da morte, e a ressurreição, no passado, e não no futuro? Isso não contradiz o fato e o senso comum e, consequentemente, expõe a falácia de toda a explicação? Claro, se a linguagem do apóstolo só pode significar que na Parousia o domínio da morte sobre todos os homens estava em toda parte e para sempre terminado, segue-se que ele estava errado ao fazer tal afirmação, ou que a interpretação que o faz dizer isso é errônea. Que ele afirma que na Parousia (cuja época é indiscutivelmente defendida no Novo Testamento como contemporânea da destruição de Jerusalém) a morte será destruída é o que ninguém pode negar com justiça; mas não se segue que devamos entender essa expressão em um sentido absolutamente ilimitado e universal. A raça humana não deixou de existir em suas atuais condições terrenas na destruição de Jerusalém; o mundo não chegou ao fim; os homens continuaram a nascer e a morrer de acordo com a lei da natureza. O que, então, aconteceu? Devemos conceber esse período como *o fim de um æon,*

ou era; o fim de uma grande era; o encerramento de uma dispensação e o julgamento daqueles que foram colocados sob essa dispensação. Todos os súditos daquela dispensação (o reino dos céus), tanto os vivos como os mortos, deveriam, segundo a representação de Cristo e Seus apóstolos, ser convocados perante o Rei Teocrático sentado no trono de Sua glória. Esse foi o período predito e designado daquela grande transação judicial apresentada diante de nós na descrição parabólica das ovelhas e dos bodes (Mateus 25:31, etc.), cujos sinais exteriores e visíveis foram indelevelmente estampados nos anais de tempo pela terrível catástrofe que apagou Israel de seu lugar entre as nações da terra. É verdade que os acompanhamentos espirituais e invisíveis desse julgamento não são registrados pelo historiador, pois não eram tais que os sentidos humanos pudessem apreender ou verificar; no entanto, que cristão pode hesitar em acreditar que, contemporaneamente com o julgamento externo e visível, houve um julgamento correspondente no invisível? Tal, pelo menos, é a inferência razoavelmente dedutível dos ensinamentos do Novo Testamento. Que na grande época da Parousia os mortos, bem como os vivos - não de toda a raça humana, mas dos súditos do reino teocrático - deveriam ser reunidos perante o tribunal de julgamento, é claramente afirmado nas Escrituras; os mortos sendo ressuscitados, e os vivos passando por uma mudança instantânea. *Nesta recuperação dos mortos para a vida - a ressurreição daqueles que durante todo o reino teocrático se tornaram vítimas e cativos da morte - concebemos a "destruição" da morte mencionada por São Paulo.* Sobre eles, a morte perdeu seu domínio; "Os espíritos em prisão" foram libertados da custódia de seu tirano sombrio; e eles, ressuscitando dentre os mortos, "não podiam mais morrer"; "a morte não tinha mais domínio sobre eles". Isso está em perfeita harmonia com o ensino das Escrituras sobre esse assunto misterioso e, de fato, explica como nenhuma outra hipótese pode explicar, aparecerá mais completamente na sequência. Enquanto isso, pode-se observar que muitas expressões como a "destruição" ou "abolição" da morte nem sempre implicam o término total e final de seu poder. Lemos que "Jesus Cristo aboliu a morte". (2 Timóteo 1:10) O próprio Cristo declarou: "Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte"; (João 8:51) "Todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá". (João 11:26) Devemos interpretar as Escrituras de

acordo com a analogia das Escrituras. Toda justificativa que temos em afirmar a respeito da "destruição da morte" na passagem diante de nós é que ela é co-extensiva com todos aqueles que na Parousia foram ressuscitados dentre os mortos. Isso parece ser referido na resposta de nosso Senhor aos saduceus: "Os que serão considerados dignos de alcançar era vindoura [τοῦ αἰῶνος ἐκείνου τυχεῖν], e a ressurreição dentre os mortos, nem se casam nem são dados em casamento; pois também não podem mais morrer: pois são iguais aos anjos" etc. (Lucas 20:35, 36) Para *eles* a morte é destruída; para *eles* a morte é tragada pela vitória. Então, o argumento do apóstolo em 1 Coríntios 15:26, 54, e os versículos seguintes realmente não afirmam mais do que isso: - Para aqueles que ressuscitam dentre os mortos, não há mais risco de morte; sua libertação de sua escravidão é completa; seu ferrão é tirado; seu poder está no fim; eles podem gritar, ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória? Assim como "Cristo, tendo ressuscitado dos mortos, não morre mais, a morte não tem mais domínio sobre ele", assim, na Parousia, Seu povo foi emancipado para sempre da prisão da sepultura: "*o último inimigo, a morte, para eles foi destruída*".[1]

OS VIVOS (OS SANTOS) SÃO TRANSFORMADOS NA PAROUSIA.

1 Coríntios 15:51, 52: "Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos nós dormiremos, mas todos nós seremos transformados; Num momento, num abrir e

[1] O argumento baseado na prática de batizar pelos mortos evidentemente deriva toda a sua força da crença que ele implicava na ressurreição dos mortos. Que tal prática realmente existiu, as próprias palavras provam. Que ela se originou em circunstâncias peculiares e temporárias, seu total ausência nos registros eclesiásticos e seu desaparecimento completo do uso eclesiástico tornam praticamente certo. É muito provável que estivesse associada a períodos de perseguição, e que expressasse, primeiro, o arrependimento ou pesar de que um cristão morresse antes da Parousia; e, em segundo lugar, o desejo de manter um representante do falecido vivo sobre a terra quando o Senhor viesse. Se o batismo vicário fosse feito por um substituto de um santo martirizado, ou por alguém que tivesse morrido antes de ser batizado, a prática igualmente expressava fé na vida futura e na ressurreição dos mortos. Se não houvesse ressurreição dos mortos, tal batismo vicário seria inútil e sem sentido. Era um *argumentum ad hominem* que seria compreendido por aqueles que estavam familiarizados com a prática.

fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados".

Esta declaração fornece o que faltava na declaração feita no verso 24, e coloca o todo em conformidade com 1 Tessalonicenses 4:17. A linguagem de São Paulo implica que ele estava comunicando uma revelação nova e, presumivelmente, feita para si mesmo. Não se pode dizer que é derivado de qualquer enunciado registrado do Salvador, nem encontramos nenhuma declaração correspondente em nenhum outro texto apostólico. Mas a pergunta para nós é: a quem o apóstolo se refere quando diz: "*Nem todos nós*" etc.? É para algumas pessoas hipotéticas que vivem em uma época distante, ou é para ele e os coríntios que ele está pensando? Por que ele deveria pensar no futuro distante, quando é certo que considerava a Parousia iminente? Por que ele não deveria se referir a si mesmo e aos coríntios quando a esperança e expectativa comum era que eles vivessem para testemunhar a Parousia? Não há razão concebível, então, por que devemos nos afastar da força gramatical apropriada da linguagem. Quando o apóstolo diz "nós", ele sem dúvida significa os cristãos de Corinto e ele próprio. Esta conclusão Alford endossa totalmente: "Nós, os que ficarmos vivos até a vinda do Senhor, - em cujo número o apóstolo acreditava firmemente que ele mesmo deveria estar". (Veja 2 Coríntios 5:1 e notas)[1]

A revelação, então, que o apóstolo aqui comunica, o segredo a respeito de seu destino futuro, é o seguinte: que nem todos teriam que passar pela provação da morte, mas que aqueles que teriam o privilégio de viver até que a Parousia sofreriam uma mudança pela qual eles seriam qualificados para entrar no reino de Deus, sem experimentar as dores da dissolução. Ele havia explicado pouco antes (v. 50) que corpos materiais e corruptíveis de carne e sangue não podiam, na natureza das coisas, ser adequados para um estado de existência espiritual e celestial: "Carne e sangue não podem herdar o reino de Deus". Daí a necessidade de uma transformação do material e do corruptível naquilo que é imaterial e incorruptível. Aqui é importante observar a representação da verdadeira natureza do "reino de Deus". Não é o evangelho; nem a dispensação

[1] Greek Testament, *in loc.*

cristã; nem qualquer estado *terreno* das coisas, mas um estado *celestial*, no qual a carne e o sangue são incapazes de entrar.

A soma de tudo é que, evidentemente, o apóstolo contempla o evento de que está falando como próximo: deve acontecer em seu próprio dia, antes que o prazo natural da vida expire. E não é exatamente isso que encontramos em todas as referências do Novo Testamento à época da Parousia? Esse evento nunca é mencionado como distante, mas sempre como iminente. É procurado, vigiado, esperado. Alguns chegaram à conclusão de que "chegou", mas sua precipitação é verificada pelo apóstolo, que mostra que certos antecedentes devem ocorrer primeiro. Concluímos, portanto, que quando São Paulo disse: "Não dormiremos todos", ele se referiu a si mesmo e aos cristãos de Corinto, que, quando receberam esta carta e leram essas palavras, poderiam colocar apenas uma construção sobre eles, isto é, que muitos, talvez a maioria, possivelmente todos, viveriam para testemunhar a consumação que ele predisse.

Mas a objeção se repetirá: como tudo isso poderia ocorrer sem aviso prévio ou registro? Primeiro, no que diz respeito à ressurreição dos mortos, deve-se considerar o quão pouco sabemos sobre suas condições e características. Deve vir com observação? Deve ser percebido pelos órgãos materiais? "É ressuscitado um corpo espiritual". Um corpo espiritual pode ser visto, tocado, manuseado? Não temos certeza de que o olho possa ver o espiritual, ou a mão possa tocar o imaterial. Pelo contrário, a presunção e a probabilidade são de que não podem. Toda essa ressurreição dos mortos e transmutação dos vivos ocorre na região espiritual, na qual os espectadores e repórteres terrestres não entram, e nada podiam ver se o fizessem. Pode ser necessário um milagre de capacitação para o "olho" ver o invisível. (cf. 2 Reis 6:17) O primeiro mártir cristão, cheio do Espírito Santo, "viu a glória de Deus e Jesus em pé à direita de Deus", mas ninguém na multidão que o cercava viu a visão. (Atos 7:56) Saulo de Tarso, a caminho de Damasco, viu o Senhor, mas seus companheiros de viagem não viram. (Atos 9:7) Não é improvável que as concepções tradicionais e materialistas da ressurreição - sepulturas abertas e corpos emergentes, possam influenciar a imaginação sobre esse assunto, e nos fazer ignorar o fato de que nossos órgãos materiais podem apreender apenas objetos materiais.

Em segundo lugar, no que diz respeito à mudança dos santos vivos, da qual o apóstolo fala instantaneamente, "num momento, num piscar de olhos", é difícil entender o quão rápida uma transição poderia ser objeto de observação. A única coisa que sabemos da mudança é sua rapidez inconcebível. Não sabemos nada sobre o resíduo que deixa para trás; que dissipação ou resolução da substância material. Pelo que sabemos, pode perceber a fantasia do poeta:

"Oh, a hora em que este material
desaparecerá como uma nuvem".

Tudo o que sabemos é que "em um momento, num piscar de olhos", a mudança está concluída; "o corruptível se reveste em incorrupção, o mortal se reveste de imortalidade e a morte é tragada pela vitória".

O que, então, dificulta a conclusão de que tais eventos poderiam ter ocorrido sem observação e sem registro? Não há nada não filosófico, irracional ou impossível na suposição. Mas antes de tudo, há algo não bíblico? e é sobre isso que precisamos nos preocupar. "O que diz a Escritura?" A linguagem de São Paulo afirma claramente ou implica que tudo isso está prestes a acontecer, durante a vida de si mesmo e daqueles a quem ele está escrevendo? Nenhuma mente justa e desapaixonada negará que seja assim. Certo ou errado, o apóstolo está comprometido com essa representação da vinda de Cristo, da ressurreição dos mortos e da transmutação dos santos vivos, durante o tempo de vida natural dos coríntios e de si mesmo. Somos colocados, portanto, neste dilema:

1. Ou o apóstolo foi guiado pelo Espírito de Deus até aqui, e os eventos que ele previu aconteceram; ou

2. O apóstolo estava enganado em sua crença, e essas coisas nunca aconteceram.

A PAROUSIA E A "ÚLTIMA TROMBETA."

Há ainda uma circunstância nesta descrição que requer atenção, como tendo em conta a questão do tempo. A mudança que se diz passar sobre "nós que estamos vivos e permanecemos até a vinda do Senhor" segue imediatamente o sinal da "última trombeta". É notável a existência de outras duas passagens que conectam o grande evento da Parousia e suas transações concomitantes ao som de uma trombeta. "Ele enviará seus

anjos com *um grande som de trombeta*, e eles reunirão seus eleitos," etc. (Mateus 24:31) Assim também São Paulo em 1 Tessalonicenses 4:16; "O próprio Senhor descerá do céu com um grito, com a voz do arcanjo e com *a trombeta de Deus*," etc. Mas surge a pergunta: por que a última trombeta? Esse epíteto necessariamente sugere outras trombetas ou sinais anteriores, e somos irresistivelmente lembrados da visão apocalíptica, na qual sete anjos são representados como soando tantas trombetas, cada uma das quais é o sinal para o derramamento de julgamentos e desgraças sobre a terra. É claro que a sétima trombeta é a última, e torna-se uma questão interessante da relação que pode haver entre a revelação na Epístola e a visão no Apocalipse. Alford (em oposição a Olshausen) considera que é um refinamento da palavra último identificá-lo com a sétima trombeta do Apocalipse; mas sua própria sugestão, de que é a última "em um sentido amplo e popular", parece muito menos satisfatória. Nós nos abstemos neste estágio de entrar em qualquer discussão sobre os símbolos apocalípticos, mas nos contentamos com a única observação, que o soar da sétima trombeta no Apocalipse está realmente relacionado com *o tempo do julgamento dos mortos*. (Apocalipse 11:18) O assunto todo virá diante de nós em um estágio subsequente da investigação, e agora prosseguimos, apenas tomando nota do fato de que aqui encontramos um elo indubitável de conexão entre o elemento profético nas Epístolas e o Apocalipse.

A PALAVRA DE ORDEM APOSTÓLICA, MARAN-ATHA - O SENHOR ESTÁ PRÓXIMO.

1 Coríntios 16:22: "Maran-atha". [O Senhor vem]

Todo o argumento para a aproximação antecipada da Parousia é apertada pela última palavra do apóstolo, que vem com o maior peso, como está escrito com sua própria mão, e transmite em uma palavra a essência concentrada de sua exortação, "*Maran- atha. O Senhor está vindo*." Esta única expressão fala volumes. É a palavra de ordem que o apóstolo passa ao longo da linha do exército cristão; o grito de guerra que inspirou coragem e esperança em todos os corações. "O Senhor está vindo!" Não teria sentido se o evento a que se refere fosse distante ou duvidoso; toda a sua força reside na sua certeza e proximidade. "Uma palavra de ordem pesada", diz Alford, "tendendo a recordar a eles a

proximidade de Sua vinda e o dever de ser encontrado pronto para isso".[1] Hengstenberg vê nela uma alusão óbvia a Malaquias 3:1: "O Senhor, a quem buscais, subitamente chegará ao seu templo ... eis que ele virá, diz o Senhor dos exércitos". "A palavra Maran-atha, que é tão marcante em uma epístola escrita em grego e para os gregos, é em si uma indicação suficiente de uma fundação do Antigo Testamento. A retenção da forma arameana só pode ser explicada com a suposição de que era *uma espécie de palavra de ordem comum a todos os crentes em Israel*; e nenhuma expressão poderia ser tão bem usada se não tivesse sido retirada das Escrituras. Dificilmente pode haver alguma dúvida de que foi tirada de Malaquias 3:1".[2] Podemos acrescentar que a ocorrência dessa palavra aramaica em uma epístola grega sugere a existência de um forte elemento judaico na igreja de Corinto. Provavelmente isso era verdade para todas as igrejas gentias: a sinagoga era o núcleo da congregação cristã, e sabemos que em Corinto era especialmente assim: Crispo e Sóstenes pertenciam à sinagoga antes de pertencerem à igreja; e esse fato explica o que de outra forma poderia parecer uma dificuldade - o interesse direto da igreja de Corinto na grande catástrofe cuja sede e centro era a Judeia.

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS.

ANTECIPAÇÕES DO "FIM" E "O DIA DO SENHOR."

2 Coríntios 1:13, 14: "Até o fim"... "o dia do Senhor Jesus".

"O fim" (versículo 13) não significa "até o fim da minha vida", como diz Alford. É a grande consumação que o apóstolo sempre mantém em vista, o objetivo para o qual eles estavam avançando tão rapidamente. τὸ τέλος tem um significado definido e reconhecido no Novo Testamento, como pode ser visto por referência a passagens como Mateus 24:6, 14; 1 Coríntios 15:24; Hebreus 3:16, 6:11, etc.

No versículo 14 encontramos São Paulo antecipando a vinda do Senhor como um tempo de alegre recompensa para os fiéis servos de Deus, e que estava tão próximo que, como ele lhes dissera em sua antiga

---

[1] Greek Testament, *in loc.*

[2] Christology, vol. iv. pp. 256, 257.

epístola, julgamentos e censuras humanos poderiam muito bem ser adiados até a sua chegada. (1 Coríntios 4:5) Quando esse dia chegasse, o apóstolo e seus convertidos se alegrariam um com o outro. Pode-se supor que ele poderia pensar naquele dia como algo diferente de muito próximo? Essas alegrias mútuas ainda não começaram? Pois se o dia do Senhor ainda está por vir, assim também deve ser o regozijo.

OS MORTOS EM CRISTO SERÃO APRESENTADOS JUNTO COM OS VIVOS NA PAROUSIA.

2 Coríntios 4:14: "Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco".

Entramos agora em uma declaração muito importante, que merece atenção especial. Talvez seu verdadeiro significado tenha sido um pouco obscurecido ao considerá-lo uma proposição geral, em vez de algo pessoal para o próprio apóstolo. Conybeare e Howson observam:

"Muita confusão é causada em várias passagens por não se traduzir, conforme o verdadeiro sentido, na primeira pessoa do *singular*; pois assim acontece frequentemente que aquilo que São Paulo disse a respeito de si mesmo individualmente, nos pareça como se fosse uma verdade geral. Exemplos disso ocorrerão repetidamente nas Epístolas aos Coríntios, especialmente na Segunda. Propomos, portanto, substituir os pronomes *nós* e *nos* por *eu* e *me* nesta passagem".[1]

Já vimos (1 Tessalonicenses 4:15 e 1 Coríntios 15:51) que o apóstolo acalentava a esperança de que ele próprio estaria entre aqueles "que estariam vivos e permanecerão até a vinda do Senhor". Nesta epístola, no entanto, parece que essa esperança em relação a si mesmo foi abalada. Sua experiência no intervalo entre a Primeira Epístola e a Segunda foi de tal ordem que o levou a apreender a morte iminente. (Veja 2 Coríntios 1:8, etc.) Seus "problemas na Ásia" o fizeram perder a esperança da vida, e ele provavelmente sentiu que não poderia escapar da hostilidade maligna de seus inimigos por muito mais tempo. Ele tinha agora "a sentença de morte em si mesmo"; ele carregava sobre "seu corpo a morte do Senhor Jesus" e sentia que estava "sempre entregue à morte por causa de Jesus".

---

[1] Life and Epistles of St. Paul, ch. xi.

Já vimos (1 Tessalonicenses 4:15 e 1 Coríntios 15:51) que o apóstolo acalentava a esperança de que ele próprio estaria entre aqueles "que estariam vivos e permanecerão até a vinda do Senhor". Nesta epístola, no entanto, parece que essa esperança em relação a si mesmo foi abalada. Sua experiência no intervalo entre a Primeira Epístola e a Segunda foi de tal ordem que o levou a apreender a morte iminente. (Veja 2 Coríntios 1:8, etc.) Seus "problemas na Ásia" o fizeram perder a esperança da vida, e ele provavelmente sentiu que não poderia escapar da hostilidade maligna de seus inimigos por muito mais tempo. Ele tinha agora "a sentença de morte em si mesmo"; ele carregava sobre "seu corpo a morte do Senhor Jesus" e sentia que estava "sempre entregue à morte por causa de Jesus".

Mas essa antecipação não diminuiu a confiança com a qual ele ansiava pelo futuro; pois, mesmo que ele morresse antes da Parousia, por esse motivo não perderia sua parte nos triunfos e glórias daquele dia. Ele estava certo de que "aquele que ressuscitou o Senhor Jesus" também ressuscitaria *ele* por meio de Jesus, e o apresentaria juntamente com os santos vivos que pudessem sobreviver até aquele período. Ele não estaria ausente da grande ἐπισυναγωγή *(reunião)* na vinda do Senhor (2 Tessalonicenses 2:1), mas seria "apresentado", juntamente com seus amigos em Corinto e em outros lugares, "diante da presença de sua glória". De fato, o apóstolo agora se conforta com as mesmas palavras com as quais confortara os enlutados em Tessalônica. Parece que ele havia abandonado a esperança de viver para testemunhar a gloriosa vinda do Senhor; mas, nem por isso, deixou de estar persuadido de que não sofreria qualquer perda por ter de morrer; pois, como ensinara aos tessalonicenses, "também aqueles que dormem em Jesus, Deus os trará com Ele"; e os santos vivos naquele dia não teriam nenhuma vantagem sobre os que dormiram. (1 Tessalonicenses 4:14, 15)[1]

EXPECTATIVA DA FUTURA BEM-AVENTURANÇA NA PAROUSIA.

2 Coríntios 5:1-10: Pois sabemos que, se a nossa casa terrena deste tabernáculo se desfalecer, temos uma edificação da parte de Deus, uma casa não feita por mãos, eterna

[1] "Todo este trecho (cap. 4:7 até cap. 5:10) mostra que São Paulo estava sofrendo de enfermidade corporal quando escreveu." - Conybeare and Howson, chap. xvii. note.

nos céus. Pois é nisso que gememos, desejando ardentemente ser revestidos com a nossa casa que vem do céu, para que, estando revestidos, não sejamos encontrados nus. Pois nós, que estamos neste tabernáculo, gememos, estando sobrecarregados; não que desejemos estar despidos, mas revestidos, para que a mortalidade seja absorvida pela vida. Ora, aquele que nos preparou para isso é Deus, que também nos deu o penhor do Espírito. Portanto, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto estamos em casa no corpo, estamos ausentes do Senhor; (pois andamos por fé, não por vista:) estamos confiantes, digo, e preferimos estar ausentes do corpo e presentes com o Senhor. Por isso, nos esforçamos, para que, estejamos presentes ou ausentes, sejamos aceitos por Ele. Pois todos nós devemos aparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba o que fez em seu corpo, conforme têm feito, seja o bem ou o mal".

Este é o relato mais completo que possuímos da misteriosa transição que o espírito humano experimenta quando deixa o seu estado terrestre e entra no novo organismo preparado para sua recepção no mundo eterno. Chega-nos atestado pela mais alta autoridade, é a profissão de fé feita por um apóstolo inspirado, alguém que poderia dizer "eu sei". É a declaração dessa esperança que sustentou São Paulo, e sem dúvida também a fé comum de toda a igreja cristã. No entanto, a passagem deve ser estudada do ponto de vista do apóstolo, como sua expectativa e esperança pessoal.

Observe a forma da afirmação - é mais hipotética do que afirmativa: "*Se* meu tabernáculo terrestre for dissolvido" etc. Não é assim que um cristão agora fala a respeito da perspectiva de morrer; não há um "*se*" em sua expressão, pois o que é mais certo que a morte? Ele diria: "*Quando* este tabernáculo terrestre for derrubado"; não, "se assim for" etc. Mas não assim o apóstolo; para ele, a morte era um evento problemático; ele acreditava que muitos, talvez a maioria, dos fiéis de sua época jamais sofreriam a mudança da dissolução; não seriam *despidos*, isto é, despojados do corpo, mas "estarão vivos e permanecerão até a vinda do Senhor". Talvez, nesse período, ele já começasse a ter dúvidas sobre a sua própria sobrevivência; mas e então? Mesmo que o alojamento terreno de seu corpo se dissolvesse, ele sabia que lhe estava proporcionada uma habitação divinamente preparada, ou veículo da alma; uma mansão indestrutível e celestial, não feita por mãos, não um corpo material, mas espiritual. Sua residência presente em um corpo de carne e sangue lhe causava muitas dores e sofrimentos, sob cujo fardo frequentemente gemia, e da qual anseava por libertação, desejando

ardentemente ser revestido com aquela vestimenta celestial que o aguardava acima (verso 2). A concepção pagã de um espírito despojado, um fantasma nu e trêmulo, era estranha às ideias de São Paulo; sua esperança e desejo eram ser encontrado "revestido, e não nu", "não despido, mas revestido". Conybeare e Howson, entre todos os comentaristas, foram os que melhor captaram e expressaram a ideia do apóstolo: "Se, de fato, eu for encontrado ainda revestido com minha veste carnal".[1] Não era a *morte*, mas a *vida*, o que o apóstolo antecipava e desejava; não ser despido do corpo, mas investido de um organismo mais excelente e dotado de uma vida mais nobre. Há uma alusão inconfundível em sua linguagem à esperança que ele nutria de escapar do destino da mortalidade, "não para que nós (eu) sejamos despidos", etc., isto é, "não que eu deseje abandonar o corpo pela morte", mas fundir o mortal no imortal, "para que a mortalidade seja absorvida pela vida."

O seguinte comentário de Dean Alford transmite bem o sentimento desta importante passagem:

"O sentimento expresso nestes versos era o mais natural àqueles que, como os apóstolos, consideravam a vinda do Senhor próxima e concebiam a possibilidade de viver para contemplá-la. Não era o terror da morte quanto às suas consequências, mas uma relutância natural em sofrer o mero ato da morte em si, quando era possível que este corpo mortal fosse substituído pelo imortal, sem a morte".[2]

Nos versículos seguintes, o apóstolo sugere sua total confiança de que, em qualquer alternativa, vivo ou "dormindo", tudo estava bem. "Estar presente no corpo era estar ausente do Senhor; estar ausente do corpo era estar presente com o Senhor". Em qualquer um dos casos, presente ou ausente, sua grande preocupação seria finalmente ser aceito pelo Senhor; "Pois", ele acrescenta, "todos devemos ser manifestados

---

[1] "Literalmente, 'Se, de fato, eu for encontrado revestido e não despido de minhas vestes', ou seja, 'Se, na vinda do Senhor, eu for encontrado ainda vivendo na carne'. Sabemos por outras passagens que era uma questão incerta para São Paulo se ele sobreviveria para contemplar a segunda vinda de Cristo ou não. (Compare 1 Tessalonicenses 4:15 e 1 Coríntios 15:51) Assim, no versículo seguinte, ele expressa seu desejo de que seu corpo carnal seja transformado em corpo espiritual, sem ser despido pela morte. - Life and Epistles of St. Paul, chap. xvii.

[2] Greek Testament, *in loc.*

diante do tribunal de Cristo; para que cada um receba as coisas feitas no corpo, de acordo com o que fez, sejam boas ou más". (2 Coríntios 5:6-10)

Assim, o apóstolo traz todo o assunto para uma questão pessoal e prática. Todos estavam a caminho do tribunal de Cristo, e lá todos finalmente se encontrariam. Alguns podem morrer antes da vinda do Senhor, e alguns podem viver para testemunhar esse evento; mas ali, no tribunal, todos seriam reunidos; e para ser aceito e aprovado havia, afinal, uma questão maior do que viver ou morrer, "adormecer no Senhor" ou ser "transformado" sem passar pelas dores da dissolução. O tribunal era o objetivo diante de todos eles, e vimos o quão próximo e iminente se acreditava ser esse aparecimento solene. Que toda essa fé e esperança sinceras, acalentadas e ensinadas pelos inspirados apóstolos de Cristo, era afinal uma mera falácia e engano parece uma suposição intolerável, fatal para o crédito e autoridade da doutrina apostólica.

A PAROUSIA NA EPÍSTOLA AOS GÁLATAS.

Nós não encontramos qualquer alusão direta à Parousia na Epístola aos Gálatas. Ela contribui, no entanto, indiretamente para a elucidação do assunto, fornecendo uma ilustração do aparecimento precoce e rápido crescimento daquela deserção da fé predita por nosso Senhor, e designada por São Paulo "a apostasia", ou "o cair da fé", que foi um sinal e precursor da Parousia. (Veja Mateus 24:12; 2 Tessalonicenses 2:3; 1 Timóteo 4; 2 Timóteo 3, 4:3, 4) A praga já havia irrompido nas igrejas da Galácia, e vemos nesta epístola com que seriedade o apóstolo se esforçou para impedir seu progresso, protestando veementemente contra essa perversão do Evangelho e denunciando seus criadores e propagandistas como inimigos da cruz de Cristo. O mal surgiu das artes dos mestres judaizantes, que eram em toda parte os adversários inveterados de São Paulo, e que parecem ter sido possuídos com o mesmo espírito de proselitismo que distinguia os fariseus, que "percorrem mar e terra para fazer um prosélito". Nesta manifestação da apostasia predita, temos uma indicação marcante da aproximação dos "últimos tempos", ou "o fim da era".

"A PRESENTE ERA DO MAL, OU ÆON."

Gálatas 1:4: "Que a si mesmo se entregou por nossos pecados, para nos livrar deste presente mundo mal".

O apóstolo aqui fala do estado de coisas existente como mal, e do Senhor Jesus Cristo como o libertador disso. A palavra idade [αἰών] obviamente não se refere ao mundo material, a terra; mas para o mundo moral, ou idade. É equivalente à frase que ocorre tão frequentemente nos evangelhos, "esta geração perversa". (Mateus 12:45, etc.) "A presente era maligna" é considerada como passando, e prestes a ser sucedida por uma nova ordem, o αἰών ὁ μέλλων. (Hebreus 2:5)[1]

AS DUAS JERUSALÉNS, A ANTIGA E A NOVA.

Gálatas 4:25, 26: "Ora, esta Agar é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós".

Atualmente, não é nossa intenção fazer mais do que simplesmente observar esse notável contraste entre as duas cidades, a nova e a velha Jerusalém. Nós, propositadamente, evitamos, nesta fase, inserir símbolos

---

[1] Locke faz a seguinte nota sobre esta passagem: '*Para que Ele nos tirasse deste presente mundo maligno, ou era*, como significam as palavras gregas. Por isso, não se pode pensar que São Paulo quisesse dizer que os cristãos seriam imediatamente transportados para o outro mundo. Portanto, ἐνεστὼς αἰὼν deve significar algo diferente de *mundo presente* no sentido ordinário dessas palavras em inglês. Αἰὼν οὗτος, 1 Coríntios 2:6, 8, e em outros lugares, claramente significa a nação *judaica* sob a constituição *mosaica*; e isso se encaixa muito bem com o propósito do apóstolo nesta epístola, para que também significasse isso aqui. Deus tem neste mundo apenas um reino e um povo. A nação dos judeus era o reino e povo de Deus enquanto a lei existia. E esse reino de Deus sob a constituição mosaica era chamado αἰὼν οὗτος, *esta era*, ou, como comumente se traduz, *este mundo*, ao qual corresponde aqui αἰὼν ἐνεστὼς, o *mundo presente* ou *era*. Mas o reino de Deus que haveria de vir sob o Messias, no qual a economia e constituição da Igreja *judaica*, e a própria nação, aqueles que, em oposição a Cristo, nela permaneciam, seriam deixados de lado, é no Novo Testamento chamado αἰὼν μέλλων, *o mundo* ou *era*, *vindouro*; de modo que o ato de Cristo de *tirá-los do presente mundo* pode, sem qualquer distorção das palavras, ser entendido como Sua liberação da constituição *mosaica*". - Paraphrase and Notes on Galatians.

Essa explicação, embora chegue perto da verdade, dificilmente dá o significado completo da frase.

e seu significado, até que todo o assunto venha à nossa frente no Livro do Apocalipse.

Enquanto isso, o leitor deve observar bem os contrastes aqui apresentados. A Jerusalém que agora é e a Jerusalém que deve ser; a Jerusalém terrestre e a Jerusalém celestial; a Jerusalém que está em servidão e a Jerusalém que é livre; a Jerusalém que está embaixo e a Jerusalém que está em cima, a Jerusalém que é a mãe dos escravos; e a Jerusalém que é *nossa* mãe. Ainda acharemos esse contraste de pouca utilidade na determinação do significado de alguns dos símbolos do Apocalipse.

A PAROUSIA NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS.

As alusões à vinda do Senhor nesta epístola não são muitas em número, mas são muito importantes e instrutivas. A vinda é mencionada como algo que, com toda a certeza, era acreditado e ansiosamente aguardado pelos cristãos da era apostólica; e o fato de sua *proximidade* é implícito ou afirmado em cada alusão ao evento.

O DIA DA IRA.

Romanos 2:5-8: "Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus; O qual recompensará cada um segundo as suas obras; a saber: A vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, honra e incorrupção; Mas a indignação e a ira aos que são contenciosos, desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade".

Romanos 2:12, 16: "Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados... No dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho".

Não há dúvida sobre esse "dia da ira" e "revelação do justo julgamento de Deus". É o mesmo predito por Malaquias como "o grande e terrível dia do Senhor"; (Malaquias 4:5) de João Batista como "a ira vindoura"; (Mateus 3:7) e pelo Senhor Jesus Cristo como "o dia do julgamento". (Mateus 11:22, 24) Foi o ato de encerramento do æon, o συντελεία τοῦ αἰῶνος. Dificilmente é necessário repetir que esse "fim" é declarado ocorrer dentro do período da geração existente, quando o Filho do homem, o juiz designado, julgaria "a cada homem de acordo com suas obras". (Mateus 16:27)

A ESCATOLOGIA DE SÃO PAULO.

Romanos 8:18-23: "Porque tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são dignos de ser comparados com a glória que há de ser revelada [*que está prestes a ser revelada*] em nós. Pois a ardente expectação da criatura [κτίσις] aguarda [espera ansiosamente] a revelação dos filhos de Deus. Porque a criatura [κτίσις] foi sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, em esperança; porque também a própria criatura [κτίσις] será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação [κτίσις] geme e está com dores de parto até agora. E não só ela, mas também nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo".

Há algumas coisas nesta passagem que são, e provavelmente devem permanecer, obscuras pela natureza do caso; mas também há muita coisa clara e objetiva. Não podemos confundir a antecipação exultante expressa por São Paulo de um dia próximo de libertação dos sofrimentos e misérias do presente; uma libertação que estava à mão e não muito longe. Chegaria o dia da redenção que traria liberdade e glória aos filhos de Deus, de cujos benefícios toda a criação participaria. A chegada daquela esperada consumação era ansiosamente esperada e desejada, não apenas por aqueles que, como o próprio apóstolo, tinham a perspectiva de uma herança infinita e gloriosa no alto, mas pela criação em geral sobrecarregada e gemendo, pela qual estavam cercados. Tão estimulante era a perspectiva da emancipação vindoura que, em vista disso, o apóstolo poderia dizer: "Considero que os sofrimentos deste tempo presente não são dignos de serem comparados com a glória que está prestes a ser revelada em nós"; ou, como em uma passagem semelhante, "nossa leve tribulação, que é apenas por um momento, produz para nós um peso de glória muito mais excelente e eterno". (2 Coríntios 4:17)

Passamos agora a examinar toda a passagem mais particularmente.

O primeiro ponto que exige atenção é a indicação distinta da *proximidade* dessa glória vindoura. Isso é totalmente esquecido em nossa Versão Autorizada; e foi igualmente ignorado por quase todos os comentaristas. Mesmo Alford, que geralmente é tão cuidadoso em sua atenção aos tempos verbais, passa por esse exemplo flagrante sem comentários, embora nada possa ser gramaticalmente mais enfático do que a indicação da *proximidade* da revelação esperada. Tholuck observa

que o apóstolo fala do tempo como próximo, - "Em jubilosa exultação, o apóstolo concebe seu início próximo" - mas o considera equivocado e levado por seus sentimentos.[1] Conybeare e Howson dão o verdadeiro sentido da expressão, "a glória *que está prestes a ser revelada, que em breve será revelada*".[2] [τὴν μέλλουσαν δόξαν ἀποκαλυφθῆναι]. A "*glória vindoura*" é o contraponto ou antítese da "*ira vindoura*", aspectos diferentes do mesmo grande evento; pois a Parousia, que foi a revelação da glória para os filhos de Deus, foi também a revelação do dia da ira para os seus inimigos. (Romanos 2:5, 7)

Assim, será percebido que não é para a *morte* que o apóstolo olha como o período de libertação dos males presentes; ainda menos para uma época distante no futuro. De fato, teria sido um consolo frio para os homens que se contorciam sob a angústia de seus sofrimentos contar-lhes sobre um período em uma era futura que lhes traria compensação por sua aflição atual. O apóstolo não zomba deles com uma esperança adiada. O dia da libertação *estava próximo*; a glória *estava prestes a ser revelada*; e tão *próxima* e tão *grandiosa* era aquele "peso de glória" que reduzia à insignificância os incômodos passageiros do momento presente.

O próximo ponto que merece atenção é a declaração que o apóstolo passa a fazer a respeito do interesse sentido naquela consumação que se aproxima além dos limites do povo sofredor de Deus. Estes, de fato, seriam os principais ganhadores da redenção vindoura, mas seus benefícios se estenderiam muito além deles.

Este é um tópico mais importante e interessante e requer uma consideração muito cuidadosa.

"Pois a ardente expectativa [ἀποκαραδοκία] da criatura [κτίσεως] aguarda a manifestação dos filhos de Deus".

Qualquer que seja o significado que atribuamos à palavra "criatura" [κτίσεως], não fará diferença para a atitude ansiosa e expectante em que é representada como esperando a consumação vindoura. Lange observa que assim como a palavra καραδοκείν significa esperar com a cabeça

---

[1] Tholuck on Romans, *in loc.*

[2] Life and Epistles of St.Paul, chap. xix. note.

erguida, καραδοκία implica em expectativa intensa, e ἀποκαραδοκία desejo intenso, espera de satisfação.[1] Mas essa própria atitude implica a proximidade, ou a convicção da proximidade, da tão desejada libertação. Tomando, então, essas duas declarações em conjunto: primeiro, que "a glória está *prestes a ser* revelada"; segundo, que a κτίσις está "aguardando com intenso anseio a sua manifestação", temos uma demonstração tão clara quanto se possa conceber de que o evento em questão é representado pelo apóstolo como *quase iminente*.

Mas o que se entende por criatura ou criação [κτίσις]? Alguns comentaristas a consideram como abrangendo todo o universo, ou a criação material, animada e inanimada, racional e irracional - toda a estrutura da natureza. Eles falam do terremoto, da tempestade e do vulcão como sintomas da doença dolorida do mundo natural. Mas isso parece muito vago e geral para o argumento do apóstolo. É evidente que o κτίσις só pode se referir a seres conscientes, voluntários, racionais e morais. Tem "anseios intensos"; tem "vontade própria"; tem "esperança"; é capaz de ser "sujeito à vaidade"; de ser "libertado da corrupção"; de participar da "glória dos filhos de Deus". Esses características *excluem* a criação inanimada e irracional, e *incluem* a raça humana em sua totalidade. Além disso, a antítese no versículo 23 entre o κτίσις como um todo e "nós mesmos que temos as primícias do Espírito" seria muito antinatural e imperfeita se não diferenciasse os cristãos, não de animais e plantas, *mas de outros homens*. O verdadeiro contraste está entre aqueles *que têm as primícias do Espírito* e aqueles *que não têm as primícias do Espírito*; e seria manifestamente incongruente falar da criação irracional e inanimada como "não tendo o Espírito". Fazer o apóstolo se referir aqui à natureza universal pode ser admissível talvez como poesia, mas seria bastante deslocado em um argumento sóbrio e sério. Entendemos, então, por - κτίσις a *raça humana*, a *humanidade* em geral; o significado que a palavra tem em passagens como Marcos 14:15, "Pregue o evangelho a

[1] Lange, Romans. viii. 19.

toda *criatura*" [πάσῃ τῇ κτίσει]; Colossenses 1:23, "que foi pregado a toda *criatura* que está debaixo do céu" [ἐν πάσῃ τῇ κτίσει].[1]

Isso nos leva à pergunta: Pode-se dizer que a raça humana está nessa atitude ansiosa e expectante, gemendo e sofrendo dores, esperando e ansiando por libertação e liberdade? Sem dúvida, pode; e nunca mais verdadeiramente do que no próprio período em que o apóstolo escreveu. Foi uma época da mais profunda corrupção e degradação social; pode-se dizer que a humanidade geme sob o peso de sua miséria e escravidão; e, no entanto, havia um sentimento estranho e misterioso na mente dos homens de que, de alguma forma e em algum lugar, a libertação estava próxima. Quão exatamente a descrição do apóstolo se ajusta à condição moral e social do povo *judeu* neste período não precisa de prova. Eles gemeram sob o jugo da escravidão romana. Ansiavam ansiosamente pelo prometido Libertador. O caso dos *gregos* e os *romanos* não eram muito diferentes, como as seguintes passagens de Conybeare e Howson provam surpreendentemente; de fato, eles podem ter sido escritos como um comentário sobre a passagem diante de nós:

"A condição social dos gregos vinha, durante esse período, decaindo para a mais profunda corrupção;... mas a própria difusão e o desenvolvimento dessa corrupção estavam preparando o caminho, pois demonstravam a necessidade da intervenção de um evangelho. A própria doença parecia clamar por um *Médico*. E se os males dominantes da população grega apresentavam grandes obstáculos ao progresso do cristianismo, ainda assim mostravam, para todos os tempos futuros, a fraqueza das mais elevadas capacidades humanas quando não assistidas do alto; e deve ter havido muitos que gemiam sob a escravidão de uma corrupção da qual não podiam se libertar, e que estavam prontos para acolher a voz d'Aquele que 'tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças.'"

Tanto para o estado dos gregos: a condição do mundo romano é assim descrita:

"Seria uma ilusão imaginar que, quando o mundo foi reunido sob um único cetro, algum verdadeiro princípio de unidade mantinha suas diferentes partes coesas. O imperador era divinizado porque os homens estavam escravizados. Não havia verdadeira paz quando Augusto fechou o templo de Jano. O Império era apenas uma

[1] Veja o argumento capaz e conclusivo sobre este ponto do Professor Moses Stuart, Comm. on Romans, *in loc*. Também a nota de Locke sobre κτίσις em Paraphrase and Notes on the Epistle to the Romans, chap. viii. ver. 19.

ordem de governo externo, com um caos de opiniões e de moralidade em seu interior. Os escritos de Tácito e Juvenal permanecem como testemunhas da corrupção que infeccionava todas as classes — tanto o Senado quanto a família. A antiga severidade dos costumes e a antiga fé na melhor parte da religião romana haviam desaparecido. As doutrinas e práticas licenciosas da Grécia e do Oriente haviam inundado a Itália e o Ocidente, e o Panteão era apenas o monumento de um compromisso entre uma multidão de superstições decadentes. É verdade que desse estado de coisas resultou uma notável tolerância, e é provável que, por algum curto período, o próprio cristianismo tenha compartilhado dessa vantagem. Mas, ainda assim, o espírito da época era essencialmente cruel e profano, e os apóstolos logo se viram expostos à sua amarga perseguição. O Império Romano carecia daquela unidade que o Evangelho concede à humanidade. Era um reino deste mundo, e a raça humana gemia pela melhor paz de um 'reino que não é deste mundo.'

Assim, na própria condição do Império Romano e no estado miserável de sua população heterogênea, podemos reconhecer uma preparação negativa para o Evangelho de Cristo. Essa tirania e opressão clamavam por um *Consolador*, tanto quanto a enfermidade moral dos gregos clamava por um *Médico*. Um Messias era necessário para todo o Império tanto quanto para os judeus, embora não fosse aguardado com a mesma expectativa consciente. Mas não temos dificuldade em ir muito além disso, e não podemos hesitar em reconhecer, nas circunstâncias do mundo naquele período, traços significativos de uma preparação positiva para o Evangelho".[1]

É certamente notável que uma descrição da condição social e moral do mundo na era apostólica, escrita aparentemente sem qualquer visão para a ilustração da passagem agora diante de nós, inadvertidamente adote não apenas o espírito, mas em grande medida o próprias palavras, nas quais São Paulo expõe a miséria, a escravidão, o gemido e o anseio pela libertação da criação, como parecia à sua apreensão. Mas, pode-se dizer: havia algo no futuro imediato para responder e satisfazer esse desejo ansioso e gemido do mundo escravizado? O que é esse "*terminus ad quem*"? esta revelação dos filhos de Deus? E em que sentido poderia, ou trouxe, libertação e consolo à humanidade oprimida?

A resposta a esta pergunta é encontrada em quase todas as páginas dos escritos do apóstolo. Para ele, um grande evento estava bem próximo; o Senhor estava prestes a vir, de acordo com Sua promessa, exercer Seu poder real, dar recompensa e salvação ao Seu povo, e pisar Seus inimigos sob Seus pés. Mas a Parousia deveria trazer mais do que

[1] Life and Epistles of St. Paul, chap. i.

isso. Marcou uma grande época no governo divino do homem. Terminou o período de privilégio exclusivo para Israel. Dissolveu o vínculo da aliança entre Jeová e o povo judeu e abriu caminho para uma nova e melhor aliança que abrange toda a humanidade. O cristianismo é a proclamação da paternidade universal de Deus, mas a nova era não foi totalmente inaugurada até que o reino teocrático estreito e local foi substituído, e o Rei teocrático renunciou à sua jurisdição nas mãos do Pai. Então a relação nacional e exclusiva entre Deus e um único povo foi dissolvida ou fundida no sistema abrangente e mundial no qual "não há judeu nem grego", circuncidado nem incircunciso, bárbaro, cita, vínculo ou livre, mas apenas *Homem*. Cristo fez de todos os homens *Um*, "para que Deus fosse tudo em todos".

Certamente, essa foi uma resposta adequada aos gemidos e às dores do sofrimento e à humanidade oprimida; a perspectiva de tal consumação pode muito bem ser representada como o início de um dia de redenção. Era nada menos do que abrir os portões da misericórdia para a humanidade; foi a emancipação da raça humana do desespero sem esperança que os esmagava em corrupção e degradação cada vez mais profundas; estava introduzindo-os "na gloriosa liberdade dos filhos de Deus"; investindo gentios, "estrangeiros da comunidade de Israel e estrangeiros dos convênios da promessa", com os privilégios de "companheiros de cidadania dos santos e membros da família de Deus".

É essa admissão de toda a raça humana na υἱοθεσία [adoção de filhos] que até então era privilégio exclusivo do povo escolhido, do qual o apóstolo fala em linguagem tão brilhante em Romanos 8:19-21. Era um tema sobre o qual ele nunca se cansava de expatriar, e que enchia toda a alma de admiração e ação de graças. Ele fala disso como "o mistério que estava oculto dos séculos e das gerações - a multiforme sabedoria de Deus". (Efésios 3:10; Colossenses 1:26) Os três primeiros capítulos da Epístola aos Efésios estão ocupados com uma descrição animada da revolução provocada pela obra redentora de Cristo na relação entre Deus e os gentios não pactuados. "A dispensação da plenitude dos tempos" chegara, na qual Deus pretendia "reunir em uma só coisa em Cristo, fazendo-o cabeça sobre todas as coisas", derrubando as barreiras da separação entre judeus e gentios, tornando ambos um; abolir a lei cerimonial, fundir os elementos heterogêneos em um todo homogêneo,

reconciliar a antipatia mútua e unir os dois como uma família aos pés do Pai comum.

Mas pode-se dizer: Tudo isso já não fora realizado pela morte expiatória da cruz? E não é uma revelação de uma glória futura e próxima, à qual o apóstolo alude aqui? Sem dúvida é assim. No entanto, o Novo Testamento sempre fala da obra de redenção incompleta até a Parousia. Observar-se-á que o apóstolo, no versículo vinte e três, representa a si mesmo e seus companheiros de fé como ainda esperando a υἱοθεσία. Os filhos de Deus haviam recebido apenas as primícias, os primeiros frutos, e não a colheita completa de sua filiação. Isso não deveria ser completamente deles até a vinda do Senhor, quando "os santos que estavam vivos e permaneceram" trocariam o presente corpo mortal e corruptível por uma casa não feita por mãos, eterna nos céus. A Parousia era a proclamação pública e formal de que a dispensação messiânica ou teocrática havia chegado ao fim; e que a nova ordem, na qual Deus era tudo em todos, foi inaugurada. Até que o julgamento de Israel tivesse ocorrido, todas as coisas não foram submetidas a Cristo, o Rei Teocrático; Seus inimigos ainda não foram feitos escabelo de seus pés. Até aquele momento, a adoção [υἱοθεσία] ainda poderia ser dita "pertencente a Israel". Quando o apóstolo escreveu esta epístola, Cristo estava "esperando que seus inimigos fossem feitos escabelo de seus pés". Ainda havia uma incompletude em Sua obra até o todo o tecido visível e a estrutura do judaísmo fossem varridas. Este fato é claramente destacado na Epístola aos Hebreus. O escritor afirma que "o caminho para o lugar santo ainda não foi manifestado, desde que o primeiro tabernáculo, ou exterior, ainda esteja de pé". Ele diz que esse tabernáculo é "uma figura ou parábola para o tempo presente" - servia a um propósito temporário - "até um tempo de reforma", isto é, a introdução de uma nova ordem. (Hebreus 9:8, 9) Esta passagem é de grande importância em conexão com esta discussão, e as seguintes observações de Conybeare e Howson estabelecem seu significado muito claramente:

"Pode-se perguntar: como poderia ser dito, depois da ascensão de Cristo, que o caminho para o Lugar Santíssimo ainda não havia sido plenamente manifestado? A explicação é que, enquanto o culto do templo, com sua exclusão de todos, exceto o sumo sacerdote, do Santo dos Santos, ainda existisse, o caminho da salvação não seria plenamente manifesto àqueles que se apegavam às observâncias externas e típicas, em

vez de, por meio delas, serem conduzidos ao antítipo." - Life and Epistles of St. Paul, cap. xxviii.

Havia uma adequação e plenitude de tempo em que a antiga aliança seria substituída pela nova; o velho e o novo podiam subsistir por um tempo juntos; a bondade e tolerância de Deus atrasando o golpe final do julgamento. Embora, portanto, as grandes barreiras à introdução de todos os homens, sem distinção, nos privilégios dos filhos de Deus tenham sido virtualmente removidas pela morte de Cristo na cruz, ainda assim a demonstração formal e final de que "o caminho para o lugar mais santo" não foi aberto a toda a humanidade, não foi feito até que toda a estrutura da economia mosaica, com seu ritual, templo e cidade e povo, fosse repudiada publicamente e solenemente; e o judaísmo, com tudo o que lhe dizia respeito, foi para sempre varrido.

Ainda há uma parte dessa passagem profundamente interessante sobre a qual repousa muita obscuridade. No vigésimo versículo, o apóstolo afirma que "a criatura foi sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou na esperança", etc. A interpretação comum dada a essas palavras é que "a criação visível foi colocado sob a sentença de decadência e dissolução, não por sua própria escolha, mas pelo ato de Deus, que, no entanto, não o deixou sem esperança".

Isso sem dúvida dá um bom sentido à passagem, embora nos aventuremos a pensar não exatamente o sentido que o apóstolo pretendia. Ele falha em apreender a natureza do mal ao qual a "criação" foi sujeita; e consequentemente a natureza da libertação daquele mal que se espera.

Entendendo por κτίσις [criatura] a raça humana, pelas razões já especificadas, observamos que se diz que ela foi sujeita à vaidade [ματαιότης]. O que é essa vaidade? A palavra é muito significativa, especialmente nos lábios de um judeu. Para eles "vaidade" era sinônimo de *idolatria*. É a palavra que a Septuaginta emprega para denotar a loucura da adoração de ídolos. Ídolos são "vaidades mentirosas"; (Salmos 31:6; Jonas 2:8) "o ídolo é uma doutrina de *vaidades*"; os ídolos são "*vaidade* e obra de erros". (Jeremias 10:8, 15) "Todos os que fazem uma imagem esculpida são *vaidosos*". (Isaías 44:9) A palavra está quase

reservada para esse uso especial. O mesmo pode ser dito do uso do Novo Testamento. Em Listra, São Paulo pediu ao povo que se afastasse daquelas *vaidades* [μαται], isto é, adoração idólatra, para servir ao Deus vivo. (Atos 14:15) Nesta mesma epístola (Romanos 1:21), temos um exemplo notável do uso da palavra, onde São Paulo, explica a apostasia da raça humana de Deus, ele explica isso pelo fato de que que "eles se tornaram *vaidosos*" em suas imaginações [ἐματαιώθησαν]; uma passagem na qual Alford, com Bengel, Locke e muitos outros, reconhece a alusão à adoração idólatra. É necessário apenas olhar para a passagem para ver sua influência na origem e prevalência da idolatria. (ver também Efésios 4:17) ματαιότης aqui relembra ἐματαιώθησαν no cap. 1:21, e assim nos fornece a chave para a verdadeira interpretação. A *idolatria* era a "vaidade" à qual a raça humana estava submetida; idolatria, a religião dos gentios, a degradação do homem, a desonra de Deus.

Mas pode-se dizer que o homem foi sujeito a esse mal pelo ato de Deus ("por causa daquele que sujeitou")? Sem dúvida, tal declaração estaria em harmonia com a Palavra de Deus. No primeiro capítulo da Epístola aos Romanos, o fato significativo é três vezes declarado: "Deus os entregou", em referência a essa mesma apostasia. (Romanos 1:24, 26, 28) Esse abandono só pode ser considerado um ato judicial. Encontramos uma expressão ainda mais forte em Romanos 11:32 "Deus *encerrou* [συνέκλεισεν] todos eles na incredulidade"; que Alford faz equivalente a "submetido".[1] De fato, a doutrina de que Deus entrega aos contumaz e rebeldes às consequências fatais de seus pecados permeia as Escrituras. Assim, pode-se dizer que a sujeição da raça humana ao mal da idolatria não foi simplesmente a vontade do próprio homem, mas o ato judicial da justiça divina.

No entanto, não foi um decreto sem esperança. A preservação de uma nação da apostasia universal tinha nela um germe de esperança para a humanidade. Na plenitude do tempo, o propósito de Deus de misericórdia e redenção para a raça humana se manifestou, e "a adoção de filhos", que era o privilégio exclusivo de um povo, foi declarada aberta a todos sem distinção. Por esse alto privilégio, a raça é representada como aguardando com expectativa, e agora o Evangelho,

[1] Greek Testament, *in loc.*

que era o meio divinamente designado de resgatar os homens da corrupção moral e degradação do paganismo, proclamava libertação e salvação para "gentios e judeus, bárbaros, citas, escravos e livres".

Em que sentido se pode dizer que esta proclamação da nova era foi feita da maneira mais pública e formal na Parousia já foi mostrado.

PROXIMIDADE DA SALVAÇÃO VINDOURA.

Romanos 13:11, 12: "Façam isso, compreendendo o tempo em que vivemos. Chegou a hora de vocês despertarem do sono, porque agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos. A noite está quase acabando; o dia logo vem. Portanto, deixemos de lado as obras das trevas e vistamo-nos a armadura da luz".

Não é possível que as palavras expressem mais claramente a convicção do apóstolo de que a grande libertação estava próxima. Seria absurdo considerar essa linguagem, com Moses Stuart, como se referindo à aproximação da morte e da eternidade. Nesse caso, o apóstolo teria dito: "O dia está longe, a noite está próxima". Mas esse não é o método do Novo Testamento; nunca é a morte e a sepultura, mas a Parousia, a "bendita esperança e a gloriosa aparição de Jesus Cristo", para a qual os apóstolos esperam. O professor Jowett observa justamente que "no Novo Testamento não encontramos exortação fundamentada na na brevidade da vida. Parece que o fim da vida não teve importância prática para os primeiros crentes, porque certamente seria antecipado pelo dia do Senhor".[1] Isto é sem dúvida verdade; mas e então? Ou o apóstolo estava errado, e nossa confiança deve ser negada a ele como um expositor autorizado da verdade divina; ou então ele estava sob a orientação do espírito de Deus, e o que ele ensinava era uma verdade infalível. A este dilema estão calados os expositores que não conseguem sequer imaginar a possibilidade de a Parousia ter acontecido de acordo com o ensinamento de São Paulo. É curioso ver os deslocamentos a que recorrem para encontrar alguma forma de escapar da conclusão inevitável.

Tholuck admite francamente a expectativa do apóstolo, mas com o sacrifício de sua autoridade:

---

[1] Jowett on Romans xiii. 11.

"Desde o dia em que os fiéis se reuniram pela primeira vez em torno de seu Messias até a data desta epístola, havia decorrido uma série de anos; o pleno amanhecer, segundo Paulo, já estava próximo. Aqui encontramos corroborado, como também é evidente em várias outras passagens, que os apóstolos esperavam a rápida vinda do Senhor. A razão disso residia, em parte, na lei geral de que o homem tende a imaginar que o objeto de sua esperança está próximo, e, em parte, na circunstância de que o Salvador havia frequentemente exortado a estar a todo momento preparado para a crise em questão, e também, de acordo com o *usus loquendi* dos profetas, havia descrito o período como rapidamente se aproximando".[1]

Stuart protesta contra a rendição de Tholuck da correção do julgamento do apóstolo, mas adota a posição insustentável de que São Paulo está falando aqui:

"A salvação espiritual que os crentes devem experimentar quando transferidos para o mundo da vida e glória eternas".[2]

Alford, por outro lado, admite que:

"Uma interpretação justa desta passagem dificilmente deixará de reconhecer o fato de que o apóstolo aqui, assim como em outros lugares (1 Tessalonicenses 4:17; 1 Coríntios 15:51), fala da vinda do Senhor como rapidamente se aproximando. Raciocinar, como faz Stuart, que, porque Paulo corrige nos tessalonicenses o erro de imaginar que ela estava imediatamente próximo (ou mesmo já ocorrida), portanto ele próprio não a esperava em breve, certamente está totalmente fora do propósito".[3]

O editor americano do Comentário de Lange sobre os romanos tem a seguinte nota:

"O Dr. Hodge objece longamente à referência à segunda vinda de Cristo. Por outro lado, a maioria dos comentaristas alemães modernos defende essa referência. Olshausen, De Wette, Philippi, Meyer e outros consideram que nenhuma outra interpretação é minimamente sustentável; e o Dr. Lange, embora cuidadoso em se resguardar contra teorias extremas a esse respeito, nega a referência à bem-aventurança eterna e admite que a *Parousia* é o que se pretende. Essa opinião vem ganhando terreno entre os exegetas anglo-saxões".[4]

---

[1] Comm. on Romans, *in loc.*

[2] Stuart's Comm. on Romans, *in loc.*

[3] Greek Testament, *in loc.*

[4] Lange, Comm. on Romans, in loc. (New York, 1873.)

Há alguns intérpretes que evitam a dificuldade negando que termos como *próximo* e *distante* tenham qualquer referência ao tempo. Por exemplo, nos é dito que:

"Isso está em conformidade com todo o ensino de nosso Senhor, que representa o dia decisivo da segunda vinda de Cristo como iminente, para manter os crentes sempre em atitude de vigilante expectativa, mas sem referência à proximidade ou distância cronológica desse evento".[1]

Este é um método de interpretação não natural, que simplesmente esvazia as palavras de todo significado. Há apenas um caminho para sair da dificuldade, e é acreditar que o apóstolo diz o que quer dizer, e quer dizer o que diz. Ele foi o apóstolo inspirado e embaixador de Cristo, e o Senhor não deixou nenhuma de suas palavras cair por terra. Seu lema constante e seu grito de alerta às igrejas da era primitiva era: "O Senhor está próximo". Ele acreditava nisso; ensinava isso; e essa era a fé e a esperança de toda a igreja.

Será que ele estava enganado? Será que toda a igreja primitiva viveu e morreu acreditando numa mentira? Será que nada do que esperavam se cumpriu? Onde está o templo de Deus? Onde está a cidade de Jerusalém? Onde está a lei de Moisés? Onde está a nacionalidade judaica? Mas todas essas coisas pereceram ao mesmo tempo; e todas haviam sido previstas para desaparecer na Parousia. O cumprimento das previsões referentes à estrutura externa e visível do judaísmo é a nossa garantia para o cumprimento daquelas outras manifestações no âmbito espiritual e invisível, que estavam indissoluvelmente ligadas a ele, mas das quais, pela própria natureza das coisas, não pode haver registro nas páginas da história humana.

PERSPECTIVA DE LIBERTAÇÃO RÁPIDA.

Romanos 16:20: "E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém."

Temos aqui outra referência inconfundível à aproximação do dia da libertação. O ferimento da cabeça da serpente é a vitória de Cristo, e essa vitória estava para ser conquistada em breve. Entre os inimigos que

[1] Comm. on Romans by Dr. D. Brown.

deveriam ser feitos escabelo de Seus pés estava a morte, e aquele que tinha o poder da morte, isto é, o Diabo.

Na perspectiva de Sua crucificação, o Senhor declarou: "Agora é o julgamento deste mundo, agora será expulso o príncipe deste mundo", e já nos esforçamos para mostrar em que sentido e quão verdadeiramente essa previsão foi cumprida. Da mesma maneira, aproximava-se o dia em que os cristãos sofredores e perseguidos seriam libertados pela Parousia dos inimigos pelos quais estavam cercados, e quando o instigador maligno e cúmplice de toda essa inimizade ficaria prostrado sob seus pés.

A PAROUSIA NA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES.

Em nenhuma das Epístolas de São Paulo encontramos menos menção direta à Parousia, e, ainda assim, pode-se dizer que não há nenhuma que seja mais permeada pela ideia desse evento. O pensamento dela subjaz a quase toda expressão do apóstolo; está implícito em "a esperança que vos está reservada nos céus", "a herança dos santos na luz", "o reino de seu Filho amado", "a reconciliação de todas as coisas com Deus", "a apresentação do seu povo santo, irrepreensível e incontestável à sua vista".

Mas há pelo menos uma alusão muito distinta à Parousia, na qual o apóstolo fala da consumação esperada.

PROXIMIDADE DA MANIFESTAÇÃO DE CRISTO.

Colossenses 3:4: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória".

Encontramos aqui uma alusão distinta ao mesmo evento e ao mesmo período que em Romanos 8:19, isto é, "a manifestação dos filhos de Deus". Em ambas as passagens, é evidentemente concebido como *próximo*. Em Romanos 8:19, de fato, é expressamente afirmado que é assim; a glória está "*prestes a ser revelada*"; enquanto aqui os discípulos colossenses são representados como "mortos", e aguardam a vida e a glória que lhes seriam trazidas na revelação de Jesus Cristo, ou seja, na Parousia. É inconcebível que o apóstolo possa falar nesses termos de um evento distante; sua proximidade é evidentemente um dos elementos em sua exortação de que eles deveriam "colocar seu coração nas coisas de

cima, e não nas coisas da terra". Devemos supor que eles ainda estão em estado de morte - que suas vidas ainda estão ocultas? No entanto, sua vida e glória são representadas como dependentes da "manifestação de Jesus Cristo".

A IRA QUE VEM.

Colossenses 3:6: "Pelas quais coisas [idolatria] a ira de Deus está chegando".

A conclusão anterior (a respeito da proximidade da glória vindoura) é confirmada pela referência do apóstolo à proximidade da ira vindoura. A expressão "sobre os filhos da desobediência" não se encontra em alguns dos MSS (manuscritos) mais antigos e é omitida por Alford. Provavelmente foi acrescentada a partir de Efésios 5:6. Tomando o texto tal como está, há algo muito sugestivo, além de enfático, em sua declaração: "A ira de Deus está chegando." Há um contraste inconfundível entre "a glória vindoura do povo de Deus" e "a ira vindoura" sobre os Seus inimigos. Igualmente clara é a alusão à "ira vindoura" predita por João Batista e tão frequentemente mencionada por nosso Senhor e por Seus apóstolos. Tanto a *glória* quanto a *ira* estavam "prestes a ser reveladas"; ambas coincidiam com a Parousia de Cristo; e as igrejas apostólicas viviam em constante expectativa pela rápida manifestação de ambas.

A PAROUSIA NA EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS.

A ECONOMIA DA PLENITUDE DOS TEMPOS.

Efésios 1:9, 10: "Descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação [οἰκονομίαν] da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra".

Embora esta passagem não afirme nada diretamente a respeito da proximidade da Parousia, ainda assim tem uma relação muito distinta sobre o próprio evento. O campo de investigação que ele abre é, de fato, muito amplo para explorarmos agora, mas não podemos passar totalmente despercebidos. O tema é aquele sobre o qual o apóstolo gosta de discorrer, e em nenhum lugar ele se debruça sobre ele com mais êxtase do que nesta epístola. Pode-se presumir, portanto, que, por mais

obscuro que nos pareça em alguns aspectos, não era ininteligível para os cristãos de Éfeso, ou para aqueles a quem esta epístola foi enviada, pois, como Paley observa bem, nenhum homem escreve ininteligivelmente de propósito. Também podemos esperar encontrar alusões ao mesmo assunto em outras partes dos escritos do apóstolo, que podem servir para elucidar ditos obscuros nisso.

Há duas questões levantadas pela passagem diante de nós: (1) O que se entende por "reunir em um todas as coisas em Cristo"? (2) Qual é o período designado como "a dispensação da plenitude dos tempos", no qual essa "reunião de todas as coisas em um" deve ocorrer?

1. No que diz respeito ao primeiro ponto, somos grandemente auxiliados na determinação pela expressão que o apóstolo emprega em relação a ele, isto é, "o mistério de sua vontade". Esta é a palavra favorita de São Paulo ao falar daquela nova e maravilhosa descoberta que nunca deixou de encher sua alma com gratidão e louvor adoráveis - a admissão dos gentios em todos os privilégios da nação da aliança. É difícil para nós formar uma concepção do choque de surpresa e incredulidade que o anúncio de tal revolução na administração divina despertou na mente judaica. Sabemos que até os próprios apóstolos estavam despreparados para isso, e que foi com algo como hesitação e suspeita que eles finalmente renderam à evidência avassaladora dos fatos: "até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida". (Atos 11:18) Mas para o apóstolo dos gentios essa era a carta gloriosa da emancipação universal. De todos os homens, ele viu sua beleza e glória divinas, seu mistério e maravilha transcendente, mais claramente. Ele viu as barreiras da separação entre judeus e gentios, as antipatias das raças, "o muro da divisão que estava no meio", derrubadas por Cristo, e uma grande família de irmandades formada de todas as nações, parentes, povos e línguas, sob o poder unificador e reconciliador do sangue expiatório. Não podemos, portanto, estar enganados ao entender este mistério da "reunião de todas as coisas em um só, em Cristo" como sendo o mesmo que é mais plenamente explicado no capítulo 3, versículos 5 e 6: "O mistério que, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas pelo Espírito: que os gentios são coerdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho."

Esta é a *unificação*, "a recapitulação", ou consumação [ἀνακεφαλαίωσις], à qual o apóstolo faz referência com tanta frequência nesta epístola: "fazer de ambos um só", "criar dos dois um novo homem", "reconciliar ambos com Deus em um só corpo." (Efésios 2:14, 15, 16) Este era o grande segredo de Deus, que estivera oculto às gerações passadas, mas que agora foi revelado para a admiração e gratidão do céu e da terra.

Mas pode-se dizer: como a recepção dos gentios nos privilégios de Israel pode ser chamada de congregar todas as coisas, tanto no céu como na terra?

Alguns críticos muito capazes supuseram que as palavras céu e terra aqui, e em várias outras passagens, devem ser entendidas em um sentido limitado e, por assim dizer, técnico. Para a mente judaica, a nação da aliança, o povo peculiar de Deus poderia ser adequadamente denominado "celestial", enquanto os gentios degradados e sem compromisso pertenciam a uma condição inferior, e terrena. Esta é a opinião de Locke em sua nota sobre esta passagem:

"Que São Paulo use 'céu' e 'terra' para designar judeus e gentios não será considerado algo tão estranho se levarmos em conta que o próprio Daniel expressa a nação dos judeus com o nome de 'céu' (Daniel 8:10). Nem lhe falta exemplo disso em nosso próprio Salvador, que em (Lucas 21:26), pelas palavras 'as potências dos céus', evidentemente significa os grandes homens da nação judaica. E este não é o único lugar nesta epístola de São Paulo aos Efésios que admite essa interpretação de 'céu' e 'terra'. Aquele que ler os primeiros quinze versículos do capítulo 3, e pesar cuidadosamente as expressões e observar o propósito do apóstolo nelas, verá que não faz violência ao sentido de São Paulo se entender por 'a família no céu e na terra' (v. 15) o corpo unificado dos cristãos, formado de judeus e gentios, que ainda viviam misturados entre essas duas classes de pessoas que permaneciam em sua incredulidade. Contudo, não afirmo positivamente essa interpretação, mas a apresento como assunto de investigação para aqueles que consideram uma pesquisa imparcial sobre o verdadeiro significado das Sagradas Escrituras o melhor uso de todo o tempo que possuem".[1]

É favorável a essa interpretação de "céu e terra" o fato de que essas expressões aparentemente devem ser tomadas em um sentido semelhante e restrito em outras passagens onde ocorrem. Por exemplo: "Até que o céu e a terra passem" (Mateus 5:18); "O céu e a terra passarão." (Lucas 21:33) Na primeira dessas passagens, o contexto mostra

[1] Locke on Ephesians, *in loc.*

que ela não pode, de modo algum, referir-se à dissolução final da criação material, pois isso implicaria afirmar a perpetuidade de cada ponto e til daquilo que há muito tempo foi ab-rogado e anulado. Devemos, portanto, entender a "passagem do céu e da terra" em um sentido figurado. Um expositor judicioso faz as seguintes observações sobre essa passagem:

"Uma pessoa minimamente familiarizada com a linguagem das Escrituras do Antigo Testamento sabe que a dissolução da economia mosaica e o estabelecimento da cristã são frequentemente descritos como a remoção da antiga terra e dos antigos céus, e a criação de uma nova terra e de novos céus (ver Isaías 65:17 e 66:22). O período do encerramento de uma dispensação e do início da outra é chamado de 'os últimos dias' e de 'o fim do mundo', e é descrito como uma tal comoção da terra e dos céus que levaria à remoção das coisas que foram abaladas (Ageu 2:6; Hebreus 12:26–27)".[1]

Parece haver, portanto, fundamento nas Escrituras para entender a expressão "as coisas nos céus e as coisas na terra" no sentido indicado por Locke, isto é, como significando *judeus e gentios*. É possível, no entanto, que as palavras apontem para uma compreensão ainda mais ampla e uma consumação mais gloriosa. Eles podem sugerir que a raça humana, separada de Deus e de todos os seres santos, e dividida por inimizade e alienação mútuas, foi destinada pelo propósito gracioso de Deus para ser recuperada, restaurada e reunida sob uma única cabeça comum, o Senhor Jesus Cristo, ao Deus único e Pai da humanidade, e a todos os seres santos e felizes no céu. Todo o universo inteligente, de acordo com essa visão, deveria ser colocado sob um domínio, o domínio de Deus Pai, por meio de Seu Filho Jesus Cristo. Esta é a grande consumação apresentada a nós de muitas formas no Novo Testamento. É a "regeneração" [τῇ παλινγενεσίᾳ] de Mateus 19:28; os "tempos de refrigério" [καιροὶ ἀναψύξεως]; e os "tempos de restauração de todas as coisas" [χρόνων ἀποκαταστάσεως] de Atos 3:19, 21; a "sujeição de todas as coisas a Cristo" de 1 Coríntios 15:28; a "reconciliação de todas as coisas com Deus" [ἀποκαταλλάξαι] de Colosensses 1:20; o "tempo da reforma" [καιροῦ διορθώσεως] de Hebreus 9:10; o "αἰών ὁ μέλλων" - "a nova era" - de Efésios 1:21. Todas essas são apenas formas e expressões diferentes da mesma coisa, e todas apontam para a mesma grande era vindoura; e a

[1] Dr. John Brown's Discourses and Sayings of our Lord, vol. i. p. 200.

essa categoria podemos atribuir sem hesitar a frase "dispensação da plenitude dos tempos" e "a reunião de todas as coisas em Cristo".

Antes que esse domínio universal do Pai pudesse ser publicamente assumido e proclamado, era necessário que a relação exclusiva e limitada de Deus com uma única nação fosse substituída e abolida. A Teocracia teve, portanto, de ser deixada de lado, a fim de abrir caminho para a paternidade universal de Deus: "para que Deus seja tudo em todos".

2. A próxima questão que devemos considerar é: Temos alguma indicação do período em que essa consumação deveria ocorrer?

Temos as declarações mais explícitas sobre esse ponto; pois quase todas essas designações equivalentes do evento nos permitem fixar o tempo. A regeneração é "quando o Filho do homem se sentar no trono da sua glória"; os tempos de "restituição de todas as coisas" são quando "Deus envia Jesus Cristo"; a "sujeição de todas as coisas a Cristo" é "na sua vinda" e "no fim". Em outras palavras, todos esses eventos coincidem com a Parousia; e este é, portanto, o período da "reunião de todas as coisas" sob Cristo.

Chegamos à mesma conclusão com a consideração da frase "dispensação da plenitude dos tempos". Uma economia é um arranjo ou ordem de coisas e parece ser equivalente à frase διαθήκη ou *aliança*. A dispensação ou economia mosaica é designada como "antiga aliança" (2 Coríntios 3:14) em contraste com a "nova aliança" ou a "dispensação do Evangelho". A "antiga aliança" ou economia é representada como "decadente, envelhecendo e pronto para desaparecer", isto é, a dispensação mosaica estava prestes a ser abolida e a ser substituída pela dispensação cristã. (Hebreus 8:13) Às vezes, a economia antiga, ou judaica, é mencionada como este æon, o presente æon [ὁ αἰών αὐτος, ὁ νὺν αἰών]; e a dispensação cristã, ou evangélica, como "o æon vindouro" [αἰών ὁ μέλλων] e o "mundo vindouro" [οἰκουμένην τὴν μέλλουσαν]. (Efésios 1:21; Hebreus 2:5) O fim da era ou economia judaica é chamado de "fim da era" [συντελεία τοῦ αἰῶνος], e é razoável concluir que o fim do antigo é o início do novo. Segue-se, portanto, que a economia da plenitude dos tempos é o estado ou ordem das coisas que imediatamente sucede e substitui a antiga economia judaica. A economia da plenitude dos tempos é a dispensação final e coroadora; o "reino que não pode ser

movido"; "a melhor aliança, estabelecido com melhores promessas". Como, então, a velha economia foi finalmente deixada de lado e revogada com a destruição de Jerusalém, concluímos que o novo æon, ou "economia da plenitude dos tempos", recebeu sua solene e pública inauguração no mesmo período, que coincide com a Parousia.

O DIA DA REDENÇÃO.

Efésios 1:13: "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa".

Efésios 4:30: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção".

Estas duas passagens claramente apontam para o mesmo ato e o mesmo período. O que é a redenção aqui mencionada, a *redenção da possessão comprada*? O antigo Israel é chamado de herança do Senhor (Deuteronômio 32:9); e o povo de Deus é dito ser Sua herança (Efésios 1:11, tradução de Alford). Aqui, contudo, não se refere à herança *de Deus*, mas à *nossa* herança; e essa herança ainda não está em posse, mas em perspectiva, tendo sido recebido apenas o sinal ou penhor dela (isto é, o Espírito Santo). Portanto, somos levados a entender por herança a glória e felicidade futura que aguardam o cristão no céu. Esta, então, é a herança, e também a possessão comprada, pois ambas se referem à mesma coisa. Obviamente é algo futuro, mas não distante, pois já foi comprado, embora ainda não possuído. Ela se relacionava com os cristãos de Éfeso da mesma forma que a terra de Canaã se relacionava com os antigos israelitas no deserto. Era o repouso prometido, no qual eles esperavam entrar. O dia em que o Senhor Jesus seria revelado do céu era o dia da redenção pelo qual as igrejas apostólicas aguardavam. Nosso Senhor havia previsto os sinais da aproximação desse dia: "Quando estas coisas começarem a acontecer, erguei-vos e levantai a cabeça, porque a vossa *redenção* se aproxima." Ele também havia declarado que a geração presente não passaria até que tudo se cumprisse. (Lucas 21:28, 32) Portanto, o dia da redenção estava, aos olhos deles, se aproximando.

Da mesma forma, São Paulo, escrevendo aos cristãos em Roma, fala do ardente anseio com que eles estavam “aguardando a adoção, ou redenção de seu corpo da escravidão da corrupção” (Romanos 8:23). Esta

passagem é precisamente paralela a Efésios 1:14 e 4:30. Há a mesma *herança*, o mesmo *penhor* dela, a mesma *redenção completa* em perspectiva. A transformação do corpo material e mortal em um corpo incorruptível e espiritual era uma parte importante da herança. Isso era o que os apóstolos e seus convertidos esperavam na Parousia. Portanto, o dia da redenção coincide com a Parousia.

O ÆON PRESENTE E O QUE ESTÁ VINDO.

Efésios 1:21: "não só neste mundo [æon], mas também no vindouro [que está vindo]".

Muitas vezes tivemos ocasião de comentar sobre o verdadeiro sentido da palavra αἰών, tantas vezes mal traduzido "mundo", Locke observa: "Pode ser útil considerar se αἰὼν não possui, ordinariamente, um significado mais natural no Novo Testamento, representando um considerável *período de tempo*, submetido a alguma dispensação notável".[1] Na opinião do apóstolo, havia pelo menos dois grandes períodos ou eras: o presente, mas próximo do fim; e o futuro, prestes a começar. O primeiro era a ordem presente das coisas sob a lei mosaica; o segundo era a nova e gloriosa época que seria inaugurada pela Parousia.

AS ERAS [ÆONS] VINDOURAS.

Efésios 2:7: "Para mostrar nas eras vindouras as abundantes riquezas da sua graça pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus".

Nesta passagem, a seguinte observação é feita por Conybeare e Howson:

"*Nas eras que estão chegando*; isto é, o tempo do perfeito triunfo de Cristo sobre o mal, sempre contemplado no Novo Testamento *como próximo*".[2]

Talvez fosse mais apropriado dizer que se refere à aproximação da salvação desses crentes gentios e sua glorificação com Cristo; pois esta é a consumação sempre contemplada no Novo Testamento como próxima. (Romanos 13:11)

---

[1] Notes on 1 Cor. x. 11.

[2] Life and Epistles of St. Paul, *in loc.*

A PAROUSIA NA EPÍSTOLA AOS FILIPENSES.

O DIA DE CRISTO.

Filipenses 1:6: "Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo".

Filipenses 1:10: "Para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até ao dia de Cristo".

Filipenses 2:16: "Para que no dia de Cristo possa gloriar-me de não ter corrido nem trabalhado em vão".

O dia de Cristo é evidentemente considerado pelo apóstolo como a consumação da disciplina moral e provação dos crentes. Não pode haver dúvida de que ele tem em vista o dia da vinda do Senhor, quando Ele "retribuirá a cada um segundo as suas obras". Na suposição de que o dia de Cristo ainda é futuro, segue-se que a disciplina moral dos filipenses ainda não está completa; que sua provação não terminou; e que a boa obra neles iniciada ainda não está aperfeiçoada.

A nota de Alford sobre essa passagem (Filipenses 1:6) merece atenção. "O ἄχρις ἡμέρας χριστοῦ Ιησοῦ assume a proximidade da vinda do Senhor. Aqui, como em outros lugares, os comentaristas têm se esforçado para escapar dessa inferência", etc.[1] Isso é justo; mas a própria inferência de Alford, de que São Paulo estava enganado, é igualmente insustentável.

EXPECTATIVA DA PAROUSIA.

Filipenses 3:20-21: "Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, Que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso".

Essas palavras dão testemunho decisivo da expectativa estimada pelo apóstolo e pelos cristãos de seu tempo da rápida vinda do Senhor. Não era a morte que eles procuravam e esperavam, como nós; mas aquilo que engoliria a morte na vitória: a mudança que substituiria a necessidade de morrer. As anotações de Alford sobre esta passagem são as seguintes:

"As palavras pressupõem, como São Paulo sempre faz quando fala incidentalmente, que ele sobreviveria para testemunhar a vinda do Senhor. A mudança do pó da morte

[1] Greek Testament, *in loc.*

na ressurreição, por mais que possamos *adaptar* a expressão a isso, não foi originalmente contemplada por ela".[1]

PROXIMIDADE DA PAROUSIA.

Filipenses 4:5: "O Senhor está próximo".

Aqui o apóstolo repete a conhecida palavra de ordem da igreja primitiva, "O Senhor está próximo": - equivalente ao "Maranatha" de 1 Coríntios 16:22. Duvidar de sua plena convicção da proximidade da vinda de Cristo é incompatível com o devido respeito pelo claro significado das palavras; definir essa convicção como um erro é incompatível com o devido respeito por sua autoridade e inspiração apostólica.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS A TIMÓTEO.

A PAROUSIA NA PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO.

APOSTASIA DOS ÚLTIMOS DIAS.

1 Timóteo 4:1-3: "Ora, o Espírito diz expressamente que, nos últimos tempos, alguns se desviarão [apostatarão] da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas diabólicas [de demônios], falando mentiras com hipocrisia, tendo cauterizada a própria consciência, proibindo o casamento e ordenando a abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ações de graças pelos que creem e conhecem a verdade".

Um dos sinais que nosso Senhor predisse como um dos precursores da grande catástrofe que deveria dominar a sociedade e o povo judaico foi uma deserção generalizada e portentosa da fé, manifestando-se entre os professos discípulos de Cristo. A referência de nosso Senhor a essa deserção, embora distinta e pontuada, não é tão minuciosa e detalhada quanto a descrição que encontramos nas Epístolas de São Paulo; portanto, inferimos, como também sugere a linguagem do primeiro versículo deste capítulo, que revelações subsequentes de sua natureza e características foram feitas aos apóstolos. É designado por São Paulo, em 2 Tessalonicenses 2:3, "*a apostasia*", mas ele não se detém ali para delinear suas características, mas apressa-se em delinear a figura do

[1] Greek Testament, *in loc.*

"homem do pecado". Já apontamos a distinção entre "a apostasia" e "o homem do pecado", para frustrar o que tem sido um erro comum, mas flagrante. Na sequência, descobriremos que a descrição de São Paulo da apostasia é tão minuciosa quanto a do "homem do pecado", de modo a nos permitir identificar um tão prontamente quanto o outro.

O primeiro ponto que será útil determinar é o *período* da apostasia; isto é, o *tempo* em que ela haveria de manifestar-se. Diz-se que ocorrerá "*nos últimos tempos*" [ἐν ὑστέροις καιροῖς], expressão que, considerada isoladamente, pode parecer algo indefinida; mas, quando comparada com outras frases semelhantes, sem dúvida se verá que designa um período específico e definido, bem compreendido por Timóteo e por todas as igrejas apostólicas. Será conveniente reunir em uma só visão todas as passagens que se referem a essa época tão solene e decisiva, que é o alvo e o termo para o qual, conforme o testemunho do Novo Testamento, todas as coisas se apressavam rapidamente a chegar.

TABELA ESCATOLÓGICA, OU CONSPECTO DE PASSAGENS RELATIVAS AOS ÚLTIMOS TEMPOS.

O Fim da Era [ἡ συντέλεια τοῦ αἰῶνος]

Mateus 13:39 - "A colheita é o *fim da era*".

Mateus 13:40 - "Assim será no *fim desta era*".

Mateus 13:49 - "Assim será no *fim da era*".

Mateus 24:3 - "Qual será o sinal da tua vinda [παρουσία] e do *fim da era*?".

Mateus 28:20 - "Estou convosco todos os dias, até o *fim da era*".

Hebreus 9:26 - "Mas agora no *fim das eras*" [τῶν αἰώνων].

O Fim [τὸ τέλος, τὰ τέλῃ]

Mateus 10:22 - "Aquele que perseverar até *o fim* será salvo".

Mateus 24: 6 - "Mas ainda não é *o fim*". (Marcos 13:7, Lucas 21:9)

Mateus 24:13 - "Mas quem perseverar até *o fim*, esse será salvo". (Marcos 13:13)

Mateus 24:14 - "Então virá *o fim*".

1 Coríntios 1:8 - "O qual vos confirmará até *o fim*".

1 Coríntios 10:11 - "A quem chegaram *o fim* das eras".

1 Coríntios 15:24 - "Então *o fim*".

Hebreus 3:6 - "Firme até *o fim*".

Hebreus 3:14 - "Pronto para *o fim*".

Hebreus 6:11 - "Dignidade até *o fim*".

1 Pedro 4:7 - "*O fim* de todas as coisas está próximo".

Apocalipse 2:26 - "Aquele que guarda as minhas obras até *o fim*".

Os Últimos Tempos, Dias, etc.

1 Timóteo 4:1 - "Nos *últimos tempos*, alguns apostatarão" [ἐν ὑστέροις καιροῖς].

2 Timóteo 3:1 - "Nos *últimos dias* virão tempos perigosos" [ἐν ἐσχάταις ἡμέραις].

Hebreus 1:2 - "Nos *últimos dias* [Deus] falou conosco" [ἐπ ἐσχάτου τῶν ἡμέρων τούτων].

Tiago 5:3 - "Vocês acumularam tesouros nos *últimos dias*" [ἐν ἐσχάταίς ἡμέραις].

1 Pedro 1:5 - "Salvação, pronta para ser revelada na *último tempo*" [ἐν καιρῳ ἐσχάτῳ].

1 Pedro 1:20 - "Que se manifestou nestes últimos tempos" [ἐπ ἐσχάτον τῶν χρόνων].

2 Pedro 3:3 - "Haverá nos últimos dias escarnecedores" [ἐπ ἐσχάτου τῶν ἡμέρων].

1 João 2:18 - "É o *último tempo* [hora]" [ἐσχάτη ὥρα].

Judas 1:18 - "Nos *últimos tempos* haveria escarnecedores" [ἐν ἐσχάτῳ χρόνῳ].

FRASES EQUIVALENTES REFERENTES AO MESMO PERÍODO.

O Dia.

Mateus 25:13 - "Não sabeis *o dia* nem a hora em que o Filho do homem vem".

Lucas 17:30 - "*O dia* em que o Filho do homem é revelado".

Romanos 2:16 - "*No dia* em que Deus julgará os segredos dos homens".

1 Coríntios 3:13 - "*O dia* a declarará".

Hebreus 10:25 - "Vê *o dia* se aproximando".

Aquele Dia.

Mateus 7:22 - "Muitos me dirão *naquele dia*: Senhor, Senhor".

Mateus. 24:36 - "Mas *naquele dia* e naquela hora ninguém conhece".

Lucas 10:12 - "Será mais tolerável *naquele dia* para Sodoma".

Lucas 21:34 - "E *aquele dia* venha sobre você de surpresa".

1 Tessalonicenses 5:4 - "Para que *aquele dia* o domine como ladrão".

2 Tessalonicenses 2:3 - "*Aquele dia* não chegará, antes que venha a apostasia".

2 Timóteo 1:12 - "Guardará o meu depósito até *aquele dia*".

2 Timóteo 1:18 - "Para que ele encontre misericórdia do Senhor *naquele dia*".

2 Timóteo 4:8 - "Uma coroa... que o Senhor... me dará *naquele dia*".

O Dia do Senhor.

1 Coríntios 1:8 - "Para que sejais irrepreensíveis *no dia de nosso Senhor Jesus Cristo*".

1 Coríntios 5:5 - "Para que o espírito seja salvo *no dia do Senhor Jesus*".

2 Coríntios 1:14 - "Vocês são nossos *no dia do Senhor Jesus*".

Filipenses 2:16 - "Para que eu possa me alegrar *no dia de Cristo*".

1 Tessalonicenses 5:2 - "*O dia do Senhor* vem como um ladrão durante a noite".

O Dia de Deus.

2 Pedro. 3:12 - "Procurando e apressando-se para a vinda *do dia de Deus*".

O Grande dia.

Atos 2:20 - "*Grande e notável dia do Senhor*".

Judas 1:6 - "O julgamento do *grande dia*".

Apocalipse 6:17 - "Chegou o *grande dia* de sua ira".

Apocalipse 16:14 - "A batalha do *grande dia*".

O Dia da Ira.

Romanos 2:5 - "Entesouras ira no *dia da ira*".

Apocalipse 6:17 - "Chegou o grande *dia de sua ira*".

O Dia do Julgamento.

Mateus 10:15 - "Será mais tolerável *no dia do julgamento*". (Marcos 6:11)

Mateus 11:22 - "Será mais tolerável ... *no dia do julgamento*".

Mateus 11:24 - "Será mais tolerável ... *no dia do julgamento*".

Mateus 12:36 - "Eles darão conta disso *no dia do julgamento*".

2 Pedro 2:9 - "Reservar o injusto até *o dia do julgamento*".

2 Pedro 3:7 - "*O dia do julgamento* e perdição dos homens ímpios".

1 João 4:17 - "Para que tenhamos ousadia *no dia do julgamento*".

O Dia da Redenção.

Efésios 4:30 - "Selado até *o dia da redenção*".

O Último Dia.

João 6:39 - "Eu o ressuscitarei *no último dia*".

João 6:40 - "Eu o ressuscitarei *no último dia*".

João 6:44 - "E eu o ressuscitarei *no último dia*".

João 6:54 - "E eu o ressuscitarei *no último dia*".

João 11:24 - "Ele ressuscitará na ressurreição *no último dia*".

A partir da comparação dessas passagens, tornar-se visível:

1. Que todas elas se referem a *um só e mesmo período*, um tempo certo, definido e específico.

2. Que todas elas pressupõem ou afirmam que o período em questão não está distante.

3. O limite além do qual não é permitido ir na determinação do período chamado "os últimos tempos" é indicado nas Escrituras do Novo Testamento, ou seja, o tempo de vida da geração que rejeitou a Cristo.

4. Isso nos conduz ao período da *destruição de Jerusalém*, que assinala "o fim da era", "o dia do Senhor", "o fim"; isto é, a vinda do Senhor, ou a Parousia.

DESCRIÇÃO DA APOSTASIA.

Tendo assim trazido à luz as passagens que falam do período da apostasia, será apropriado seguir um método semelhante com respeito às passagens que descrevem as características e o caráter da própria apostasia. Essa deserção fatal lança sua sombra escura sobre todo o campo da história do Novo Testamento, desde o discurso profético de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, e ainda antes, até o Apocalipse de São João. É instrutivo observar como, à medida que o tempo de seu desenvolvimento e manifestação se aproxima, a sombra se torna cada vez mais escura, até atingir sua mais profunda escuridão na revelação do Anticristo.

CONSPECTO DE PASSAGENS RELATIVAS À APOSTASIA DOS ÚLTIMOS TEMPOS.

1. A Apostasia, predita pelo Nosso Senhor.

Falsos Profetas.	Mateus 7:15	"Cuidado com os falsos profetas, que vêm a você em pele de ovelha, mas por dentro são lobos vorazes".
	Mateus 7:22	"Muitos dirão a mim naquele dia: Senhor, Senhor, nós não profetizamos em seu nome?", etc.
Falsos Cristos.	Mateus 24:5	"Muitos virão em meu nome e enganarão a muitos".
Falsos Profetas.	Mateus 24:11	"E muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos".
Falsos Cristos e falsos Profetas.	Mateus 24:24	"Falso cristos e falsos profetas surgirão e farão grandes sinais e maravilhas".
Apostasia Geral.	Mateus 24:10	"Muitos tropeçarão e se entregarão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão".
	Mateus 24:12	"Porque o mal se multiplicará, o amor de muitos esfriará."

2. A Apostasia, predita por São Paulo.

Falsos Professores.	Atos 20:29, 30	"Eu sei que depois da minha partida, lobos vorazes entrarão no meio de vocês, que não perdoarão o rebanho, e de vocês mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas para arrastar os discípulos atrás deles".
A Apostasia.	2 Tessalonicenses 2:3	"Não virá a menos que a apostasia venha primeiro."
Falsos Apóstolos.	2 Coríntios 11:13, 14	"Estes são falsos apóstolos, trabalhadores fraudulentos que se disfarçam como apóstolos de Cristo, e não é de admirar, porque o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz".
Falsos Professores.	Gálatas 1:7	"Há alguns que te incomodam e querem perverter o evangelho de Cristo".
Falsos Irmãos.	Gálatas 2:4	"Falso irmãos introduzidos em segredo".

Enganosos e Cismáticos.	Romanos 16:17, 18	"Olhe para aqueles que causam divisões e tropeçam contra a doutrina que você aprendeu, e se afaste deles." Tais pessoas não servem ao nosso Senhor Jesus Cristo, mas seus próprios ventres, e com palavras gentis e bajulação, enganam os corações dos ingênuos".
Falsos Professores.	Colossenses 2:8	"Veja que ninguém te engane com filosofias e sutilezas sutis".
	Colossenses 2:18	"Ninguém te priva de sua recompensa, alegando humildade e a adoração dos anjos".
Mestres Judaizantes.	Filipenses 3:2	"Cuidado com os cães, cuidado com os trabalhadores do mal, cuidado com os mutiladores do corpo."
Inimigos da Cruz.	Filipenses 3:18	"Há muitos lá fora, de quem eu te disse muitas vezes ... que eles são inimigos da cruz de Cristo".
Sensualistas.	Filipenses 3:19	"O fim do qual será perdição, cujo deus é a barriga".
Falsos Professores.	1 Timóteo 1:3, 4	"Comande alguns que não ensinam doutrinas diferentes, nem prestem atenção a fábulas e genealogias intermináveis".
Judaizantes.	1 Timóteo 1:6, 7	"Algumas pessoas se desviaram e saíram para palavras vãs, querendo ser doutores da lei", etc.
Apóstatas.	1 Timóteo 1:19	"Alguns rejeitaram e não guardaram a fé e a boa consciência, e naufragaram".
Apóstatas, Mentirosos e Hipócritas.	1 Timóteo 4:1, 2	"Mas o Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, ouvindo espíritos enganadores e doutrinas de demônios, pela hipocrisia de mentirosos que têm sua consciência queimada'.

Falsos Professores.	1 Timóteo 4:3	"Eles proibirão casar-se e ordenarão abster-se de alimentos que Deus criou...".
	1 Timóteo 6:20, 21	"Evite as conversas profanas sobre coisas vãs, e os argumentos da ciência falsamente nomeada, que alguns professam, se desviaram da fé".
	2 Timóteo 2:16-18	"Mas evite palavras de cumulação profanas e vãs, porque eles levarão mais e mais a impiedade." E sua palavra corroerá como gangrena, dos quais Himeneu e Fileto, que se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já aconteceu, e derrubaram a fé de alguns".
Imoralidade da Apostasia.	2 Timóteo 3:1-6, 8	"Também deves saber isto, que nos últimos dias virão tempos perigosos: pois haverá homens que se amam, avarentos, vaidosos, orgulhosos, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, intemperantes, cruéis, odiadores do bem, traidores, impetuosos, apaixonados, mais do que prazeres de Deus, que terão a aparência de piedade, mas negarão a eficácia disso ... Por causa destes são os que entram em casas e carregam cativar as pequenas mulheres carregadas de pecados "etc. "Homens corruptos de entendimento, reprovados sobre a fé".
Falsos Professores.	2 Timóteo 3:13	"Os homens maus e os enganadores vão de mal a pior, enganando e sendo enganados".
	2 Timóteo 4:3, 4	"Porque chegará o tempo em que eles não suportarão a sã doutrina, mas, tendo comichão nos ouvidos, esses professores serão amontoados de acordo com suas próprias concupiscências, e eles desviarão os ouvidos da verdade e se converterão em fábulas".

Mestres Judaizantes.	Tito 1:10	"Pois ainda há muitos obstinados, falantes de vaidades e enganadores, especialmente os da circuncisão."
	Tito 4:14	"Não atendendo às fábulas judaicas, nem aos mandamentos de homens que se afastam da verdade".
Imorais.	Tito 1:16	"Eles professam conhecer a Deus, mas com os fatos eles negam, sendo abomináveis e rebeldes, reprovados quanto a toda boa obra".

3. A Apostasia, predita por São Pedro.

Falsos Professores.	2 Pedro 2:1	"Mas também houve falsos profetas entre o povo, como haverá falsos mestres no meio de vós, que introduzirão secretamente heresias destrutivas e até mesmo negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si a repentina destruição."
Imoralidade da Apostasia.	2 Pedro 2:10, 13, 14	"Aqueles que, seguindo a carne, andam na luxúria e sujeira, e desprezam o senhorio." Ousados e teimosos, eles não têm medo de falar mal dos poderes superiores... Estes são sujeira e manchas, que, mesmo enquanto comem com você, se recriam em seus erros", etc.
Escarnecedores.	2 Pedro 3:3	"Sabendo isto primeiro, que nos últimos dias os escarnecedores virão, andando de acordo com suas próprias luxúrias".

4. A Apostasia, prevista por São Judas.

Falsos Professores.	Judas 4, 8, 10-19	Passim. Veja 2 Pedro. 2

5. A Apostasia, predita por São João.

Anticristo, Apóstatas.	1 João 2:18, 19	"Filhinhos, esta é a última hora, e como vocês ouviram que o anticristo está chegando, agora muitos anticristos surgiram, por isso sabemos que é a última hora, eles saíram de nós, mas eles não eram de nós".

Anticristo.	1 João 2:22	"Quem é o mentiroso, mas quem diz que Jesus é o Cristo?" Este é o anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho".
Falsos Professores.	1 João 2:26	"Eu escrevi isso para você sobre aqueles que te enganam."
Falsos Profetas.	1 João 4:1	"Muitos falsos profetas saíram ao mundo".
Anticristo.	1 João 4:3	"Todo espírito que confessa que não confessa que Jesus Cristo veio em carne, não é de Deus, e este é o espírito do anticristo, o qual você ouviu que está chegando, e que está agora no mundo".
Enganadores e Anticristos.	2 João 1:7	"Porque muitos enganadores saíram ao mundo, que não confessam que Jesus Cristo veio em carne, quem faz isto é o enganador e o anticristo".

CONCLUSÕES A RESPEITO DA APOSTASIA.

A partir de uma consideração e uma comparação dessas passagens, será visto que:

1. Que todos eles se referem à mesma grande deserção da fé, designada por São Paulo "a apostasia".

2. Que esta apostasia deveria ser muito geral e generalizada.

3. Que seria marcado por uma extrema depravação da moral, particularmente pelos pecados da carne.

4. Que deveria ser acompanhado por pretensões de poder milagroso.

5. Que era em grande parte, se não principalmente, judeu em seu caráter.

6. Que rejeitou a encarnação e divindade do Senhor Jesus Cristo, - isto é, foi o Anticristo predito.

7. Que alcançaria seu pleno desenvolvimento nos "últimos tempos" e seria o precursor da Parousia.

Tendo assim feito um levantamento geral da doutrina do Novo Testamento sobre a apostasia, resta apenas notar algumas objeções que podem ser feitas às conclusões anteriores.

1. Pode-se perguntar: Que evidência temos de que tais erros e heresias prevaleceram nos tempos apostólicos? A resposta é: o próprio

Novo Testamento fornece a prova. Os males que são descritos por São Paulo como futuro, são representados por São Pedro e São João como realmente presentes. As características da apostasia estabelecidas por uma são precisamente aquelas que são descritas pelas outras. O ascetismo e a imoralidade são evidentes nos delineamentos proféticos da apostasia de São Paulo, e encontramos as mesmas características nas descrições históricas de São Pedro e São João.[1]

2. Pode-se objetar que o período chamado "os últimos tempos" ou "os últimos dias" não seja estritamente definido e possa, pelo que sabemos, ainda ser futuro.

Mas, em primeiro lugar, as injunções dadas por São Paulo a Timóteo implicam claramente que não era um distante, mas um presente ou, de qualquer forma, um mal iminente do qual ele estava falando. É manifesto que os sintomas da apostasia já haviam começado a aparecer, e todo o teor da exortação do apóstolo implica que os males especificados ficariam sob a observação de Timóteo. (1 Timóteo 6:20, 21)

Nada pode ser mais certo do que os apóstolos se consideravam vivendo "nos últimos tempos". Na sequência, teremos ocasião de ver isso claramente provado. Enquanto isso, pode-se observar que as passagens organizadas sob o título "*Os Últimos Tempos*" em nossa Tabela Escatológica, todas se referem à mesma grande crise. Era o "fim da era" [συντέλεια τοῦ αἰῶνος], sobre o qual nosso Senhor falava tantas vezes. A apostasia foi o precursor previsto para esse fim.

TIMÓTEO E A PAROUSIA.

1 Timóteo 6:14,15: [Eu te encarrego] "que guardes este mandamento sem mácula, irrepreensível, até a aparição de nosso Senhor Jesus Cristo; a qual, em seus tempos, ele mostrará", etc.

Isso implica que Timóteo poderia esperar viver até que esse evento ocorresse. O apóstolo não diz: "Guarda este mandamento enquanto viveres"; nem "Guarda-o até a morte"; mas sim: "até a aparição de Jesus Cristo". Essas expressões de modo algum são equivalentes. A "aparição"

---

[1] Conybeare e Howson demonstram que ambas essas tendências aparentemente opostas infestaram a igreja primitiva. (The Life and Epistles of St. Paul, cap. xiii.)

[ἐπιφάνεια] é idêntica à Parousia, um evento que tanto São Paulo quanto Timóteo acreditavam estar próximo.

A nota de Alford sobre este versículo é extremamente insatisfatória. Depois de citar a observação de Bengel, "que os fiéis na era apostólica estavam acostumados a olhar para o dia de Cristo como algo iminente; ao passo que *nós* estamos acostumados a olhar para o dia da *morte* da mesma maneira", ele prossegue dizendo:

"Podemos afirmar com justiça que qualquer impressão transmitida pelas palavras, de que a vinda do Senhor ocorreria durante a vida de Timóteo, é suavizada e corrigida pelo καιροῖς ἰδίοις ['em seus próprios tempos'] do versículo seguinte".[1]

Em outras palavras, a opinião errônea de uma frase seria corrigida pela cautelosa imprecisão da seguinte! É possível aceitar tal afirmação? Há algo em καιροῖς ἰδίοις que justifique tal comentário? Ou uma avaliação assim da linguagem do apóstolo é compatível com a crença em sua inspiração? Não foi uma "impressão" que o apóstolo "deixou transparecer", mas uma convicção e certeza fundamentadas nas promessas explícitas de Cristo e nas revelações de Seu Espírito.

Não menos excepcional é a reflexão final:

"A partir de passagens como essa, vemos que a era apostólica sustentava o que deveria ser a atitude de todas as era, a expectativa constante da volta do Senhor".

Mas, se essa expectativa não passava de uma falsa impressão, a atitude deles não serviria mais como advertência do que como exemplo? Vemos agora (partindo do pressuposto de que a Parousia nunca ocorreu) que eles alimentaram uma esperança vã e viveram crendo em uma ilusão. E se estavam enganados justamente nisso, a mais firme e cara de suas convicções, como poderemos confiar em suas outras opiniões? Considerar que os apóstolos e os cristãos primitivos estavam todos envolvidos em um erro grosseiro a respeito de um tema que ocupava o primeiro lugar em sua fé e esperança é dar um golpe fatal na inspiração e autoridade do Novo Testamento. Quando São Paulo declarou repetidas vezes: "O Senhor está próximo", ele não estava expressando uma opinião pessoal, mas falava com autoridade, como órgão do Espírito Santo.

---

[1] Greek Testament, *in loc.*

As observações do deão Alford podem ser melhor respondidas nas palavras de sua própria réplica ao professor Jowett:

"O apóstolo estava ou não escrevendo sob o poder de um Espírito mais elevado do que o seu próprio? Temos, em algum sentido, Deus falando na Bíblia, ou não temos? Se temos, então é justamente nestas passagens, que tratam com tanta confiança do futuro, que devemos reconhecer a Sua voz; se não a temos nessas passagens, então onde deveríamos ouvi-la?"[1]

Encontramos o mesmo tom apologético nas observações do Dr. Ellicott sobre esta passagem:

"Talvez se possa admitir que os escritores sagrados usaram uma linguagem, em referência ao retorno do Senhor, que parece mostrar que os anseios da esperança *quase* se tornaram convicções de fé."

É estranho que as afirmações mais claras, fortes e repetidas da fé e esperança de São Paulo produzam na mente de um leitor uma impressão tão tênue de suas convicções como esta. Mas não há qualquer hesitação na declaração do apóstolo; ele não fala por mera suposição; é com tom firme e confiante que ele ergue o grito jubiloso: "O Senhor está próximo." Ele não expressa suas próprias conjecturas, esperanças ou anseios, mas entrega a mensagem que lhe foi confiada, e, como testemunha fiel de Cristo, proclama em toda parte a vinda iminente do Senhor.

A APOSTASIA JÁ ESTÁ SE MANIFESTANDO.

1 Timóteo 6:20, 21: "Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência, a qual professando-a alguns, se desviaram da fé. A graça seja contigo. Amém".

É importante notar que, de várias sugestões nesta epístola, parece que a deserção da fé que deveria caracterizar os últimos dias já havia começado. São Paulo alerta Timóteo contra "falsos mestres", com suas "fábulas e infinitas genealogias", "contra aqueles que, com respeito à fé, haviam naufragado"; contra outros "que adoravam perguntas e discussões de palavras - homens de mentes corruptas e destituídos da verdade". Esses "lobos em pele de cordeiro" evidentemente já estavam devorando o rebanho. Colocar a apostasia, portanto, em uma era pós-

[1] Greek Testament Proleg. to 2 Thess. p. 64.

apostólica é ignorar o ensinamento óbvio da epístola. Era um mal presente e não distante que o apóstolo depreciava: a praga havia começado no acampamento.

A PAROUSIA NA SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO.

"AQUELE DIA" - ISTO É, A PAROUSIA - ANTECIPADO.

2 Timóteo 1:12: "Ele é poderoso para guardar o meu depósito até *aquele dia*".

2 Timóteo 1:18: "O Senhor lhe conceda que ache misericórdia da parte do Senhor *naquele dia*".

2 Timóteo 4:8: "A coroa da justiça, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará *naquele dia*".

A alusão em todas essas passagens é ao "dia do Senhor"; o dia por excelência; o dia de Sua aparição; a Parousia.

Todo o teor dessas passagens indica que São Paulo considerava "aquele dia" como agora muito próximo. Antecipando isso, ele irrompe em uma explosão de exultação triunfante, como se estivesse prestes a receber a coroa da vitória: "Combati o bom combate; Terminei meu curso; Eu tenho mantido a fé. Doravante me está guardada a coroa da justiça, que o Senhor, o justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas a todos os que amam sua vinda". Como é evidente que todos esses eventos - sua própria partida, sua coroa "naquele dia" e a aparição do Senhor - estão previstos como próximos! Vamos dizer que suas expectativas eram otimistas demais? Que o dia ainda não chegou? Que sua coroa ainda está "guardada"? que Onesíforo ainda não encontrou misericórdia? A suposição é incrível.

A APOSTASIA DOS ÚLTIMOS DIAS É IMINENTE.

2 Timóteo 3:1-8: "Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, Sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te. Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências; Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade. E, como Janes e Jambres resistiram

a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé".

Os "últimos dias" mencionados nesta passagem são evidentemente idênticos aos "últimos tempos" de 1 Timóteo 4:1. Isso é tão óbvio que dispensa prova. A tentativa de distinguir entre os "últimos *(latter)* tempos" e os "últimos *(last)* tempos", distinção que Bengel parece aprovar, é, portanto, inútil. Quase não é necessário acrescentar que os "últimos dias" eram os próprios dias do apóstolo, o tempo então presente. Ele não fala de um futuro distante, mas de um tempo já em curso; pois é claro que ele traça o retrato das pessoas descritas a partir de sua experiência de vida. Os indícios da apostasia vindoura já eram visíveis, "esses são os que...", etc. (v.6). Presume-se que que Timóteo enfrentaria esses tempos e esses homens malignos, dos quais é exortado a apartar-se. A seguinte nota de Conybeare e Howson chega muito perto da verdade, embora não a alcance em sua totalidade:

"Esta expressão (ἐσχάταις ἡμέραις, usada sem o artigo, por já ter se tornado uma expressão familiar) geralmente denota o término da dispensação mosaica. (Veja Atos 2:17; 1 Pedro 1:5, 20; Hebreus 2:2) Assim, a expressão geralmente designa (na era apostólica) o tempo presente; mas aqui ela aponta para um futuro imediatamente próximo, que, contudo, se confunde com o presente (veja v. 6, 8), e que, de fato, foi o fim da era apostólica. (Compare 1 João 2:18: 'É a última hora.') A longa duração desse último período do desenvolvimento do mundo não foi revelada aos apóstolos: eles esperavam que o retorno de seu Senhor o encerrasse em sua própria geração; e assim cumpriram-se as Suas palavras de que ninguém deveria prever o tempo da Sua vinda".[1]

Essa explicação final é algo que ninguém que creia que os apóstolos falaram e escreveram pelo poder do Espírito Santo pode aceitar; e, apesar da opinião quase unânime dos críticos de que eles certamente estavam enganados, nós nos firmamos com os apóstolos, e não com seus críticos.

O comentário de Alford sobre esta passagem é dolorosamente autocontraditório e mostra a que artifícios os eruditos são levados a recorrer para salvar o crédito dos apóstolos quando não conseguem crer em suas declarações claras. Ele diz:

"O apóstolo, na maior parte das vezes, escreveu e falou sobre isso (a vinda do Senhor) como algo prestes a acontecer, não porém sem muitas e suficientes indicações,

---

[1] Life and Epistles of St. Paul, *in loc.*

dadas pelo Espírito, de que haveria primeiro um intervalo, e não um curto, a transcorrer".[1]

Mas como poderia um evento estar "*prestes a* acontecer" e, ao mesmo tempo, haver primeiro um longo período a transcorrer? Ou devemos supor que o Espírito Santo ensinou uma coisa enquanto os apóstolos escreveram e falaram outra completamente diferente? Se eles disseram o que disseram a respeito da proximidade da Parousia quando, na verdade, não tinham conhecimento nem revelação sobre o assunto, é claro que ultrapassaram sua comissão e cometeram aquilo que a Palavra de Deus declara ser um dos pecados mais presunçosos, acrescentar às palavras da profecia que foram incumbidos de transmitir. Rejeitamos essa explicação *in toto*. Ela não é apenas uma interpretação antinatural, mas totalmente incompatível com qualquer teoria de inspiração da Palavra de Deus.

A passagem diante de nós é mais importante por delinear o caráter da "apostasia". A temida aparição já havia começado a se revelar, e o apóstolo evidentemente a descreve a partir da observação real. Figelo e Hermógenes, que abandonaram o apóstolo; Himeneu e Fileto, com sua tagarelice profana e vaidosa; os enganadores bajuladores, que faziam prosélitos de mulheres de mente fraca; os homens corruptos de entendimento, réprobos quanto à fé, que resistiram à verdade; estes eram a vanguarda do exército de gafanhotos de erroristas e apóstatas que estava chegando para espalhar e devastar a bela face do cristianismo primitivo. A aparência deles indicava que "os últimos tempos" haviam chegado e que a Parousia estava próxima. Podemos, a princípio, supor que o hediondo catálogo de réprobos contido nos versículos iniciais do capítulo 3 descreve a corrupção geral da sociedade fora da igreja cristã, mas é evidente que o apóstolo está fazendo alusão a homens que professaram a fé em Cristo. Eles tinham "uma forma de piedade"; eles haviam "destruído a fé", eles eram realmente "apóstatas".

Que este "afastamento" da verdade já havia se estabelecido é evidente pelas reiteradas exortações e advertências que o apóstolo dirige a Timóteo. Por que ele deveria falar com tanta seriedade se o mal não deveria aparecer por vinte ou quarenta séculos? É absurdo dizer que São Paulo estava escrevendo para o benefício das eras futuras. Ele era

[1] Greek Testament, *in loc.*

verdadeiramente um homem vivendo em sua própria época, e escrevendo para um homem de sua época sobre assuntos de interesse pessoal e presente para ambos, quanto qualquer um de nós que agora despejamos nossos pensamentos em uma carta a um amigo ausente. Há uma total irrealidade em qualquer outra visão das epístolas apostólicas. É impossível lê-los sem sentir as batidas do coração que pulsam em cada linha; tudo é vívido, intenso, vivo, . Não é um perigo distante, visto através da névoa dos séculos, mas uma que é instantânea e urgente: o inimigo estava no portão, e o guerreiro veterano, prestes a afundar no campo de conflito, aplaude o jovem soldado pela fidelidade e resistência até o fim.

ANTECIPAÇÕES DO FIM QUE SE APROXIMA.

2 Timóteo 4:1, 2: "Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, Que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina".

Encontramos associados nesta passagem como eventos contemporâneos a Parousia, o julgamento e o reino de Cristo. Todos estão conectados e relacionados em sua natureza e no tempo de sua ocorrência. Encontramos a mesma colocação de eventos em Mateus 25:31, "Quando o Filho do homem vier em sua glória, ele se assentará no trono de sua glória, e diante dele reunirão todas as nações," etc.

A proximidade dessa consumação é claramente afirmada. Não é, como em nossa Versão Autorizada, "que deve julgar", mas "que está prestes a julgar" [τοῦ μέλλοντος κρίνειν]. Uma declaração como essa pode ser suficiente para resolver a questão tanto do fato quanto da crença do apóstolo no fato de que o tempo da Parousia estava próximo. Mas, em vez de uma única afirmação, temos o teor constante e uniforme de toda a doutrina do Novo Testamento sobre o assunto. Aqueles que dizem que os apóstolos estavam errados neste ponto devem ter "uma faculdade verificadora" para distinguir entre suas declarações inspiradas e não inspiradas. Se São Paulo foi inspirado a escrever κρίνειν, ele não foi igualmente inspirado a escrever μέλλοντος?

Esta iminência da Parousia explica o fervor com que o apóstolo exorta Timóteo a fazer todos os esforços no cumprimento dos deveres

de seu ofício: "pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina". Essas injunções são algumas vezes empregadas para estabelecer a intensidade e a urgência normais com que a função pastoral deve ser cumprida (e não condenamos a aplicação); mas é claro que São Paulo não está falando de tempos comuns e esforços comuns. É a agonia de uma tremenda crise; o tempo é curto; é agora, ou nunca; vitória ou morte. Estas não são as frases comuns sobre o cumprimento diligente do dever, mas o alarme da sentinela que vê o inimigo nos portões e toca a trombeta para alertar a cidade.

A PAROUSIA NA EPÍSTOLA A TITO.

ANTECIPAÇÃO DA PAROUSIA.

Tito 2:13: "Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo".

Mais uma vez, encontramos aqui o que há muito reconhecemos, a atitude habitual dos cristãos da era apostólica, a expectativa da vinda do Senhor. Ele é inculcado como um dos principais deveres cristãos, e tem uma vida sóbria, justa e piedosa. Isso implica que o evento foi considerado próximo, pois como um motivo poderoso de vigilância pode ser derivada de uma contingência remota e desconhecida no futuro distante? Ou como poderia ser o dever dos cristãos "procurar" o que não aconteceria por centenas e milhares de anos? O apóstolo evidentemente considera o presente æon, τὸν νῦν αἰῶνα, aproximando-se do fim, e exorta os cristãos a viverem na atitude de expectativa da Parousia, que deveria introduzir a nova ordem, o "αἰών ὁ μέλλων".

A PAROUSIA NA EPÍSTOLA AOS HEBREUS.

Não cabe no escopo desta investigação discutir a questão da autoria da Epístola aos Hebreus. Mesmo que não venha da mesma pena que escreveu a Epístola aos Romanos, e poucos que estão familiarizados com o estilo de São Paulo afirmarão que vem, ainda assim seu espírito e ensino são essencialmente paulinos, e podemos considerar com justiça como um dos legados mais preciosos da era apostólica. Seu valor como chave para o significado da economia levítica e como contribuição para a

doutrina e a vida cristã é inestimável; e quer atribuamos sua autoria a Barnabé ou Apolo, ou a qualquer outro colaborador de São Paulo, podemos aceitá-la sem hesitação, "não como palavra de homem, mas, como é na verdade, a palavra de Deus".

Entramos agora ainda mais profundamente na sombra escura da apostasia predita. Foi para combater este formidável antagonista do Evangelho que esta epístola foi escrita; e o caráter *judaico* do movimento anticristão é evidente na linha de argumentação que o autor adota. Encontramo-nos nos "últimos dias".

OS ÚLTIMOS DIAS JÁ CHEGARAM.

Hebreus 1:1: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho".

A expressão "nestes últimos dias", ou "no fim destes dias", mostra que o escritor considerava o tempo da encarnação e ministério de Cristo como o período final de uma dispensação ou æon, Encontramos uma expressão semelhante em Hebreus 9:26, "Agora, no fim das eras" [ἐπὶ συντελείᾳ τῶν αἰώνων], onde a referência é ao tempo da encarnação e do sacrifício expiatório do nosso Salvador. Uma era antiga, seja chamada mosaica, judaica ou do Antigo Testamento, estava chegando ao fim; muitas coisas que pareciam inabaláveis e eternas estavam prestes a desaparece; e "o fim da era", ou "os últimos tempos", havia chegado.

OS ÆONS, ERAS OU PERÍODOS MUNDIAIS.

Hebreus 1:2: "Por quem também ele fez os mundos" [æons].

Muita confusão tem surgido do uso indiscriminado da palavra "mundo" como tradução dos diferentes termos gregos αἰών, κόσμος, οἰκουμένη e γῆ. O leitor não instruído, ao deparar-se com a expressão "fim do mundo", inevitavelmente pensa na destruição do globo material; ao passo que, se lesse "conclusão da era" ou "do æon", pensaria naturalmente no encerramento de um certo período de tempo, que é o seu verdadeiro significado. Já tivemos ocasião de observar que αἰών é propriamente uma designação de tempo, uma era; e é duvidoso que tenha algum outro significado no Novo Testamento. Seu equivalente em latim é ævum, que é realmente o αἰών grego em forma latina. A palavra

apropriada para a Terra, ou mundo, é κόσμος, que é usado para designar tanto o mundo material quanto o moral. οἰκουμένη é propriamente o mundo habitado, "o habitável", e no Novo Testamento refere-se frequentemente ao Império Romano, às vezes a uma porção tão pequena dele como a Palestina. γῆ, embora às vezes signifique a Terra em geral, nos evangelhos mais frequentemente se refere à terra de Israel. Muita luz é lançada sobre muitas passagens por uma compreensão adequada dessas palavras.

É certo que, no tempo do nosso Salvador, os judeus estavam acostumados a dividir o tempo em dois grandes períodos ou æons: *o æon presente* [ὁ νῦν αἰών, ὁ αἰὼν οὗτος] e *o æon vindouro* [ὁ αἰὼν μέλλων]. O æon vindouro era o do Messias, ou "o reino de Deus". Essa mesma divisão é reconhecida no Novo Testamento, e já vimos que, na visão do autor desta epístola, o fim do æon presente estava se aproximando. (Veja Stuart's Comm. on Heb. *in loc.*; Alford's Greek Testament; Wahl's Lexicon, υoc. αἰὼν).

Pode-se dizer, no entanto, que embora a palavra signifique principalmente uma era, ainda assim, neste caso, o sentido da passagem obviamente exige que traduzamos αἰῶνας, *mundos*. Deve-se reconhecer que parece grosseiro aos nossos ouvidos dizer: "Deus fez as eras por Jesus Cristo", e muito simples e natural dizer: "Ele fez os mundos"; no entanto, quando consideramos que o escritor desta epístola não tinha concepção de *mundos* no sentido em que agora usamos essa expressão, talvez isso modifique nossa opinião. Somos muito propensos a atribuir ao autor nossas ideias astronômicas e supor que ele esteja se referindo ao sol, à lua e às estrelas como muitos *mundos*. Mas não temos motivos para acreditar que ele tivesse tal noção. Os corpos celestes eram para ele luzes, não mundos. Com os æons, porém, o autor desta epístola, como homem instruído, devia estar perfeitamente familiarizado. O que, então, ele quis dizer com "Deus fazendo os æons"? Essas foram as grandes eras, ou épocas do tempo, que a Suprema Sabedoria havia ordenado e organizado; períodos do mundo, como podemos chamá-los, que constituíram atos no grande drama da Providência. Parece haver uma alusão a esta ordenação das eras, ou períodos do mundo, em Atos 17:26: "Tendo determinado os tempos já designados" [ὁρίσας προστεταγμένους καιροὺς]; como também em Efésios 1:10: "A dispensação da plenitude

dos tempos". É um forte argumento em favor dessa interpretação o fato de que ela é, substancialmente, a adotada pelos Padres gregos.[1]

O MUNDO VINDOURO, OU A NOVA ORDEM.

Hebreus 2:5: "Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo vindouro, do qual falamos".

Esta passagem elucida ainda mais o assunto. Temos aqui uma das eras - o mundo vindouro - ou seja, não um mundo material, mas um sistema ou ordem de coisas análoga à dispensação mosaica.[2] Há uma evidente comparação ou contraste entre a economia mosaica e o novo estado, ou cristão. O primeiro foi colocado sob a administração de anjos; foi "a palavra falada por anjos"; foi dado pela "disposição dos anjos"; (Atos 7:53) foi ordenado por anjos na mão de um mediador. (Gálatas 3:19) Mas o novo æon, o reino dos céus, foi administrado por um maior do que os anjos, o próprio Filho de Deus; uma prova da superioridade da dispensação cristã sobre a judaica.

É certamente um tanto singular que encontremos a palavra οἰκουμένη aqui, onde deveríamos esperar encontrar αἰῶνα. Se tivesse sido οἰκονομίαν, como em Efésios 1:10, estaria mais de acordo com

---

[1] Alford, Greek Testament, *in loc.*

[2] O ilustre filósofo John Locke, cujo poderoso bom senso é tão grande na teologia quanto na filosofia, faz as seguintes observações sobre αἰών: "Pode valer a pena considerar se αἰών não tem, ordinariamente, um significado mais natural no Novo Testamento, ao designar um período considerável de tempo, que transcorre sob alguma dispensação notável." - Notes on 1 Cor. x. 11.

E novamente: "Pode-se observar, no Novo Testamento, que αἰών significa o estado e a constituição duradouros das coisas nas grandes tribos ou coletividades humanas, consideradas em relação ao reino de Deus; das quais havia duas mais eminentes e principalmente visadas, se não me engano, pela palavra αἰῶνες, quando usada isoladamente, a saber, ὁ νῦν αἰών, este presente mundo, que se refere àquele estado do mundo em que os filhos de Israel eram o povo de Deus e constituíam o Seu reino sobre a terra, enquanto os gentios, isto é, todas as outras nações do mundo, estavam em estado de apostasia e revolta contra Ele; e αἰὼν μέλλων, o mundo vindouro, isto é, o tempo do Evangelho, em que Deus, por meio de Cristo, derrubou a parede de separação entre judeus e gentios e abriu um caminho para reconciliar o restante da humanidade, recebendo novamente os gentios em Seu reino sob Jesus Cristo, ao qual Ele o havia submetido." - Notes on Ephes. ii. 2.

nossas ideias do verdadeiro significado; mas não há garantia para supor que uma palavra foi substituída pela outra.[1] Que a alusão é ao sistema ou ordem de coisas inaugurada por Cristo não pode haver dúvida, e a frase é equivalente a "o reino dos céus". Pode-se acrescentar que se diz ser "*vindouro*" (μέλλουσα), termo que implica *proximidade*, como em "a ira vindoura", "a glória vindoura" e "a era vindoura".

O FIM, OU SEJA, DA ERA OU ÆON.

Hebreus 3:6: "Se retivermos firme até o fim a confiança e a glória da esperança".

Hebreus 3:14: "Se retivermos firme até o fim o princípio da nossa confiança".

Hebreus 6:11: "A plena certeza da esperança até o fim".

Já tivemos ocasião de comentar sobre a expressão significativa "o fim", tal como é usada no Novo Testamento. Ela não significa "*até o último momento*" ou "*até o fim da vida*", mas sim até o encerramento do æon. Alford observa corretamente:

"O fim aqui pensado não é a morte de cada indivíduo, mas a vinda do Senhor, que é constantemente designada por esse nome".[2]

A PROMESSA DO REPOUSO DE DEUS.

Hebreus 4:1-11: "Temamos, pois, uma vez que ainda resta uma promessa de entrar no seu repouso, para que nenhum de vós pareça ter ficado aquém dela. Porque a nós também nos foram anunciadas as boas novas, assim como a eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, por não ter encontrado fé naqueles que a ouviram. Pois nós, os que cremos, estamos entrando no repouso (prometido), como ele disse: Assim jurei na minha ira, eles não entrarão no meu repouso (Embora as suas obras estivessem concluídas desde a fundação do mundo. Porque em certo lugar falou do sétimo dia desta maneira: E Deus repousou no sétimo dia de todas as suas obras. E neste lugar novamente: Eles não entrarão no meu repouso.) Portanto, uma vez que ainda resta que alguns entrem nele, e aqueles que primeiro receberam as boas novas não entraram por

---

[1] A verdadeira explicação para o uso de οἰκουμένη aqui parece ser a seguinte: A dispensação judaica tinha a sua οἰκουμένη, a sua terra de Canaã, o repouso prometido, com o seu monte Sião, a sua Jerusalém e o seu templo; da mesma forma, o αἰὼν μέλλων também tinha a sua οἰκουμένη, o repouso de Deus, a Jerusalém celestial, o reino que não pode ser abalado. Nessa perspectiva, οἰκουμένη significa mais "terra" do que "mundo."

[2] Greek Testament, Heb. iii. 14.

causa da desobediência, ele novamente determina um certo dia, dizendo em Davi, Depois de tanto tempo, hoje; como foi dito antes: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações. Porque, se Josué lhes tivesse dado repouso, Deus não falaria depois de outro dia. Ainda resta, pois, um repouso [guarda do sábado] para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no seu repouso, também repousou das suas próprias obras, como Deus das suas. Esforcemo-nos, portanto, por entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência".

Esta é uma passagem extremamente importante e interessante, não sem suas obscuridades e dificuldades, que ocasionaram muita diversidade de interpretação. Alguns encontraram nele um argumento para a perpetuidade do Quarto Mandamento e a observância do primeiro dia da semana como o sábado cristão. Outros interpretaram todo o argumento em um sentido ético e subjetivo, como se o escritor exortasse à obtenção de um certo estado de espírito chamado *repouso da fé*: um cessar das dúvidas e da autoconfiança, alcançando perfeita tranquilidade de mente pela plena confiança em Deus. Tais interpretações, porém, perdem totalmente o ponto central do argumento, sendo antes engenhosos comentários do que deduções legítimas.

Qual é o propósito do argumento? É muito evidente que o objetivo do autor é advertir os cristãos hebreus contra a incredulidade e a desobediência, apresentando-lhes, de um lado, a recompensa da obediência e, de outro, a penalidade da desobediência. Havia à sua disposição um exemplo notável, memorável para todos os israelitas, a saber, a perda da terra de Canaã por parte de seus pais, em consequência de sua incredulidade. Eles provocaram o Senhor a jurar em Sua ira: "Não entrarão no meu repouso."

Na visão do autor, havia uma notável correspondência entre a situação dos israelitas que se aproximavam da terra da promessa e a situação dos cristãos que esperavam o cumprimento de sua esperança, a promessa do repouso. Para tornar essa correspondência mais clara, ele mostra que o repouso prometido ao antigo Israel e aquele prometido agora ao povo de Deus eram, na realidade, uma e a mesma coisa. A entrada na terra de Canaã não constituía de modo algum o todo, nem mesmo a parte principal, do repouso prometido de Deus. Ele prova isso mostrando que, muito tempo depois do assentamento dos israelitas em

Canaã, o Senhor, pela boca de Davi, no Salmo 95, virtualmente repete a promessa feita aos israelitas no deserto, dizendo ao povo: "*Hoje*, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações." A repetição do mandamento implica a repetição da promessa e também da ameaça, como se Deus dissesse: "Crede, e entrareis no meu repouso. Não creiais, e não entrareis no meu repouso." Daí segue-se que existe um *repouso* além e acima do repouso de Canaã.

Segue-se então a explicação do repouso mencionado, isto é, o "repouso de Deus", aquele que Ele chama de "meu repouso". Certamente esse nome nunca foi dado à terra de Canaã, nem pode ser aplicado a outro senão àquele "repouso" de que lemos no relato da criação, quando Deus repousou de toda a "sua obra que fizera." (Gênesis 2:2-3) Esse foi o sábado de Deus, o repouso que Ele santificou e chamou de Seu. Portanto, deve ser a esse repouso santo, sabático e celestial, que a promessa se refere principalmente. Daquele repouso de Deus, Canaã foi sem dúvida um tipo, pois representava o repouso dos israelitas após os perigos e fadigas do deserto; mas a posse de Canaã estava longe de esgotar o pleno significado da promessa. Assim, ela ainda permanecia, reservada para o povo de Deus: "Resta, portanto, um repouso para o povo de Deus."

O autor da Epístola aos Hebreus evidentemente considerava o "repouso de Deus" como uma consumação não muito distante. Ele diz a respeito dele: "Nós, os que cremos, *estamos entrando* nesse repouso." Isso não significa "ir para o céu após a morte", mas sim a expectativa do reino de Deus prestes a manifestar-se, a esperança tão fortemente acalentada pelos primeiros cristãos (Romanos 8:18–25). Considerar essas exortações e apelos como meras repetições comuns da instrução religiosa é privá-los de metade de seu verdadeiro significado. É verdade que há um sentido em que podem ser aplicados a todas as épocas, mas eles possuíam um significado e uma força, naquele momento particular, que hoje é difícil para nós compreender. Os cristãos daquela época estavam, por assim dizer, na linha divisória entre o antigo e o novo, entre o æon que se encerrava e aquele que se abria. Eles criam que o dia do Senhor estava próximo, que Cristo em breve voltaria, e que entrariam com Ele no reino dos céus, o repouso de Deus. Daí a necessidade de "exortarem-se uns aos outros, e tanto mais quanto viam que o dia se aproximava"; de manter firme, até o fim, o princípio da sua confiança; e de "esforçarem-

se por entrar naquele repouso, para que ninguém caia" ou "pareça não alcançá-lo".

O escritor desta epístola, nos versos 9 e 10 deste capítulo, mostra a conveniência de chamar esse repouso prometido de "sabatismo" ou repouso sabático. "Portanto, resta ainda um sabatismo para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no seu repouso, ele próprio repousou de suas obras, como Deus das suas". Há uma ambiguidade nessa linguagem, tanto no grego quanto no inglês. Pode-se entender que todos os fiéis que partiram cessaram dos labores terrenos e agora desfrutam do repouso e da recompensa celeste. Esse é o sentido que geralmente se atribui às palavras. (Veja Stuart's Commentary on Hebrews, *in loc.*; Conybeare and Howson, etc.) Deve-se confessar, no entanto, que a relevância dessa linguagem assim interpretada, para o assunto em questão, não é muito aparente, e que a construção gramatical dificilmente justificará tal explicação. O argumento afirma, não que os cristãos entraram nesse repouso, mas justamente o contrário. O escritor declara, como Conybeare e Howson mostram muito bem, "*que o povo de Deus nunca desfrutou desse repouso perfeito, portanto seu desfrute ainda está no futuro*". Quem, então, é "aquele que entrou"? Evidentemente é *Cristo*, o Precursor, que *entrou* por nós além do véu; o nosso grande Sumo Sacerdote, que *penetrou* nos céus; o Josué do Novo Testamento, o Capitão da nossa salvação, que "*entrou* em seu repouso", cessando da Sua obra de redenção, assim como Seu Pai cessou da Sua própria obra de criação. Isso mostra a adequação do céu ser chamado de "sabatismo", um "repouso de Deus", pois ali tanto o Pai quanto o Filho guardam o sábado eterno. Pode-se acrescentar que esta interpretação nos alivia da sensação de incongruência que é sentida ao comparar a cessação de um cristão de seus trabalhos com a cessação de Deus da obra da criação; também é perfeitamente relevante para o argumento no contexto.

As palavras não apenas suportam esse sentido, mas não suportam nenhum outro, como Alford demonstra muito bem. (veja Greek Testament, in loc.) Agora podemos perceber a força do argumento como um todo. O autor mostra as consequências fatais da incredulidade e da desobediência pelo exemplo dos antigos israelitas. (Hebreus 3:7-19) Eles receberam uma grande promessa de entrar no repouso de Deus, mas a perderam por sua incredulidade. (Hebreus 3:7-19) Contudo, essa

promessa de repouso ainda é oferecida, e ainda pode ser perdida. Foi oferecido a Israel novamente no tempo e pela boca de Davi; portanto, não se esgotou com a entrada dos israelitas em Canaã. (Hebreus 4:4-8) A promessa, então, dizia respeito ao estado celestial, ao repouso do próprio Deus, quando Ele guardou o sábado após a obra da criação. (Hebreus 4:3-5) Mas Cristo também guarda o Seu sábado, tendo cessado da obra da redenção, assim como Seu Pai cessou da obra da criação. (Hebreus 4:10) Ainda resta, portanto, um sábado, ou repouso celestial para o povo de Deus. (Hebreus 4:9) Esforcemo-nos, pois, para entrar nesse repouso, o repouso de Cristo e de Deus, advertidos contra a incredulidade e a desobediência pelo exemplo do antigo Israel. (Hebreus 4:11)

Na sequência, encontraremos muita luz lançada sobre todo esse assunto de entrada no estado celestial e a relação em que os santos se encontram, tanto antes como depois da vinda de Cristo.

O FIM DAS ERAS.

Hebreus 9:26: "De outra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo [κόσμου]. Mas agora no fim das eras [συντελεία τῶν αἰῶνῶν] uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo".

Neste versículo temos um exemplo notável da confusão que surge da tradução (em algumas versões) das duas palavras diferentes κόσμος e αἰών pela mesma palavra "mundo".

A expressão συντελεία τῶν αἰῶνῶν tem precisamente o mesmo significado que συντελεία τοῦ αἰῶνος e refere-se à era judaica que estava prestes a terminar. Moses Stuart traduz a passagem assim: "Mas agora, no final da dispensação [judaica], Ele fez Sua aparição de uma vez por todas", etc. Esta é outra prova decisiva de que "o fim da era" foi considerado pelas igrejas apostólicas como próximo.

EXPECTATIVA DA PAROUSIA.

Hebreus 9:28: "Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação."

A atitude de expectativa mantida pelos cristãos da era apostólica é aqui mostrada de modo incidental. Eles aguardavam com esperança e confiança o cumprimento da promessa da vinda de Cristo. Supor que

eles esperavam por um evento que não aconteceu é atribuir a eles e a seus mestres um grau de ignorância e erro incompatível com qualquer respeito por suas crenças em qualquer outro assunto.

A PAROUSIA É PRÓXIMA.

Hebreus 10:25: Exortando-vos uns aos outros, e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima".

"O dia" significa, é claro, "o dia do Senhor", o tempo de Sua aparição, a Parousia. Estava agora muito próximo; eles podiam *vê-lo* se aproximando. Sem dúvida, as indicações de sua aproximação preditas por nosso Senhor eram evidentes, e Seus discípulos os reconheceram, lembrando-se de Suas palavras: "Quando virdes acontecer estas coisas, sabei que está próximo, mesmo às portas". (Marcos 13:29) Não é justo brincar com essas palavras em um sentido não natural ou duplo, e dizer como Alford:

"Esse dia, em seu grande e final sentido, está sempre próximo, sempre pronto para irromper sobre a igreja; mas esses hebreus viviam na verdade muito próximos de um desses grandes tipos e predições, a destruição da Cidade Santa".[1]

Para o mesmo efeito é sua nota sobre Hebreus 9:26:

"Os primeiros cristãos falaram universalmente da segunda vinda do Senhor como próxima, e de fato ela sempre foi e é".

Os cristãos hebreus viveram muito próximos da verdadeira Parousia que nosso Senhor havia predito, e que Sua igreja esperava ocorrer antes que aquela geração passasse. Não é verdade que a Parousia "esteja sempre próxima e sempre prestes a manifestar-se sobre a igreja", mais do que seria verdade dizer que o nascimento de Cristo, Sua crucificação ou ressurreição estão sempre prontos para se manifestar. A Parousia foi tão especificamente um evento distinto, com seu lugar próprio no tempo, quanto a encarnação ou a crucificação; e esvaziar essa palavra de todo significado, transformando-a em uma figura fantasmagórica, que aparece e desaparece, sempre vindo e nunca chegada, distante e próxima, passada e futura, é aniquilar seu verdadeiro sentido. Cremos que Cristo, em Seu discurso profético, tinha em vista um evento real, com lugar na história e na cronologia; um evento cujo período Ele próprio indicou

[1] Greek Testament, *in loc.*

claramente, não, de fato, a hora, nem o dia, nem mesmo o ano preciso, mas dentro de limites bem definidos: o período da geração então existente. Tal era, manifestamente, a crença do autor desta epístola. Para ele, a Parousia era um evento muito definido, e cuja aproximação ele podia discernir; nem se pode detectar, em sua linguagem, ou na linguagem de qualquer das epístolas, qualquer traço de duplo sentido, ou a ideia de uma Parousia parcial e preliminar e outra grande e final.

O comentário de Conybeare e Howson é muito mais satisfatório:

"O dia da vinda de Cristo foi visto chegando neste momento pelo prelúdio ameaçador da grande guerra judaica, na qual Ele veio para julgar aquela nação".[1]

A PAROUSIA É IMINENTE.

Hebreus 10:37: "Porque ainda um pouquinho de tempo, E o que há de vir virá, e não tardará".

Esta declaração aponta na mesma direção da anterior. A expressão "aquele que há de vir" (ὁ ἐρχόμενος) é a designação costumeira do Messias, "o Vindouro". Essa vinda estava agora próxima. A linguagem nesse sentido é muito mais expressiva quanto à proximidade do tempo no grego do que em inglês: "Ainda um pouquíssimo tempo"; ou, como traduz Tregelles, "Um pouco de tempo, quão pouco, quão pouco!" A reduplicação do pensamento no final do versículo, "virá, e não tardará", também indica a certeza e a rapidez do evento que se aproximava.

O comentário de Moses Stuart sobre esta passagem é:

"O Messias virá em breve e, destruindo o poder judaico, porá fim aos sofrimentos que vossos perseguidores vos infligem".[2]

Contudo, isso é apenas parte da verdade; pois a Parousia trouxe muito mais do que isso ao povo de Deus, se acreditarmos nas declarações dos apóstolos inspirados de Cristo.

---

[1] Life and Epistles of St. Paul, chap. xxviii.

[2] Commentary on Hebrews, *in loc.*

A PAROUSIA E OS SANTOS DO ANTIGO TESTAMENTO.

Hebreus 11:39, 40: "E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados".

O argumento que aqui é levado a uma conclusão é de grande importância e merece uma consideração muito cuidadosa. Será visto que ele fornece um poderoso apoio indireto aos pontos de vista propostos nesta investigação, que de fato fornecem a verdadeira chave para sua explicação.

Tendo, neste décimo primeiro capítulo, ilustrado sua tese principal, a saber, que a fé em Deus foi a característica distintiva dos varões ilustres cujos nomes adornam os anais do Antigo Testamento, o autor chama a atenção para o fato de que Abraão, Isaque e Jacó nunca chegaram, de fato, a possuir a herança que lhes havia sido prometida. Eles não obtiveram a terra de Canaã; nunca viram a Jerusalém terrena: "Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas." (Hebreus 11:13) Ele prossegue, então, mostrando que esses patriarcas de Israel tinham consciência de um significado mais profundo na promessa de Deus do que uma mera herança temporal e terrena. Abraão, enquanto habitava como estrangeiro e peregrino na terra da promessa, olhava além, para "a cidade que tem os fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador." (Hebreus 11:10) É evidente que isto não pode referir-se à Jerusalém terrena; contudo, a linguagem parece apontar para *alguma cidade bem conhecida, assim descrita*. Mas a que outra cidade pode a alusão referir-se, senão àquela descrita no Apocalipse como "tendo *doze fundamentos*", "a cidade do Deus vivo", a Jerusalém celestial? A correspondência não pode ser acidental, e fornece mais do que uma mera presunção de que quem escreveu a Epístola aos Hebreus havia lido a descrição da Nova Jerusalém no Apocalipse. Não se trata de *uma* cidade qualquer, mas *a* cidade; não que "tem fundamentos", mas "*os* fundamentos", uma cidade particular e bem conhecida.

Mas, retornando ao ponto: a confissão dos patriarcas de que eram estrangeiros e peregrinos na terra foi uma declaração de sua fé na existência de uma "pátria superior", pois "os que dizem tais coisas claramente mostram que buscam uma pátria", não, certamente, uma

pátria terrena, mas "uma *melhor*, isto é, a *celestial*". (Hebreus 11:14, 16) Essa fé em uma herança futura e celestial, que eles viam apenas "de longe", era verdadeira não apenas em relação a Abraão, Isaque e Jacó, mas também a toda a companhia dos antigos crentes. (Hebreus 11:39) Nenhum deles recebeu o cumprimento da promessa divina que sua fé havia abraçado: "*todos estes, sendo testemunhados pela fé, não receberam a promessa*". (Hebreus 11:39)

O argumento da epístola, portanto, exige que suponhamos que, até que o sacrifício expiatório da cruz fosse oferecido, a bem-aventurança dos santos do Antigo Testamento era incompleta. Nesse aspecto, eles se encontravam em desvantagem em comparação com os crentes sob a nova aliança. Estes últimos foram imediatamente colocados na posse daquilo pelo qual os primeiros tiveram de esperar por muito tempo. A superioridade dos crentes agora, sob a dispensação cristã, sobre os crentes da antiga dispensação, é um ponto forte do argumento. Nós, diz o autor, não temos um longo período de demora interposto entre nós e a herança prometida, estamos próximos dela; "chegamos a ela"; "estamos entrando nela." "Deus preparou *algo melhor para nós*, para que eles, *sem nós*, não fossem aperfeiçoados." (Hebreus 11:40) Ou seja, os antigos crentes não apenas não tiveram precedência sobre os cristãos no desfrute da herança prometida, mas tiveram de esperar por muito tempo, até que viesse a plenitude dos tempos, quando, tendo Cristo aberto o caminho para o Santo dos Santos, eles pudessem entrar, *juntamente conosco*, na posse da herança prometida.

Dificilmente é necessário perguntar: Qual é a *herança prometida* da qual se fala tanto aqui e com a qual os santos do Antigo Testamento aguardavam com fé? Inquestionavelmente, é o que Deus prometeu a Abraão, Isaque e Jacó; (Hebreus 11:9) aquilo que os patriarcas viram de longe; (Hebreus 11:13) naquilo que seus ilustres sucessores acreditavam, mas nunca obtiveram. (Hebreus 11:19) É "a promessa da herança eterna"; (Hebreus 9:15) "a esperança que temos diante de nós"; (Hebreus 6:18) "a cidade que tem fundamentos"; (Hebreus 11:10) "um país melhor, um país celestial"; (Hebreus 11:16) "um reino que não pode ser movido". (Hebreus 12:28) É, de fato, a verdadeira Canaã; a terra prometida; o "repouso de Deus", "o sábado que permanece para o povo de Deus". (Hebreus 4:9) É uma coisa da qual o escritor fala o tempo todo. Deixe o leitor levar seus

pensamentos de volta ao quarto capítulo, onde começa a discussão a respeito do repouso prometido. Evidentemente que o "repouso prometido" é idêntico à "terra prometida" e a "terra prometida" é idêntico à "herança prometida"; e todas essas designações diferentes - cidade, país, reino, herança, promessa - todas significam a mesma coisa. A Canaã terrestre não era o todo, não era a realidade, mas apenas o símbolo da herança que Deus deu por promessa a Abraão e sua semente. Essa promessa, longe de ter sido exaustivamente cumprida pela posse da terra sob Josué, ainda era mantida em reserva para o povo de Deus. Mas agora chegara o momento em que a herança estava prestes a ser realmente inserida e desfrutada, e os crentes da antiga aliança, com os da nova aliança, deveriam entrar de uma vez e juntos no repouso prometido.

Há uma correspondência notável entre o argumento contido nesta passagem e as declarações de São Paulo em suas epístolas aos Gálatas e aos romanos, servindo não apenas para lançar luz adicional sobre todo o assunto, mas também para provar o quão inteiramente *Paulino* é o argumento em Hebreus. Selecionamos alguns dos principais pensamentos em Gálatas 3 a título ilustrativo:

Gálatas 3:16: "Ora, a Abraão e à sua descendência foram feitas as promessas. Não diz: 'e às descendências', como falando de muitas, mas como de uma só: 'e à tua descendência', que é Cristo".

Gálatas 3:18: "Porque, se a herança provém da lei, já não provém da promessa; mas Deus a concedeu gratuitamente a Abraão mediante a promessa".

Gálatas 3:1: "Logo, para que serve a lei? Foi acrescentada por causa das transgressões, até que viesse a descendência a quem a promessa havia sido feita", etc".

Gálatas 3:22: "Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa, pela fé em Jesus Cristo, fosse dada aos que creem".

Gálatas 3:23: "Antes que viesse a fé, estávamos guardados sob a lei, encerrados para aquela fé que havia de ser revelada".

Gálatas 3:29: "E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros segundo a promessa".

Agora, levando em consideração a diferença no objeto que São Paulo tem em vista ao escrever para os Gálatas, será visto como notavelmente suas declarações apoiam as da Epístola de Hebreus.

1. Em ambos encontramos o mesmo assunto - *a herança prometida*.

2. Em ambos, é admitido que a herança não foi realmente possuída e desfrutada por aqueles a quem foi prometida pela primeira vez.

3. Em ambos, é mostrado que o cumprimento da promessa foi suspenso até a vinda de Cristo.

4. Em ambos, é mostrado que esse evento (a vinda de Cristo) produziu uma mudança na situação daqueles que esperavam essa herança.

5. Em ambos, argumenta-se que a fé é a condição de herdar a promessa.

6. Em ambos, afirma-se que chegou o tempo em que a posse real da herança está prestes a ser realizada.

Muito semelhante é o escopo do argumento na Epístola aos Romanos:

Romanos 4:13: "Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo [terra, κόσμος = γῆ] não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé".

Romanos 4:16: "Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé que teve Abraão, o qual é pai de todos nós".

Romanos 5:1, 2: "Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus".

Nestes versículos, encontramos:

1. A mesma *herança prometida*. (Romanos 4:13)

2. A mesma condição de sua posse, isto é, a fé. (Romanos 5:2)

3. A suspensão do cumprimento da promessa durante o período da lei. (Romanos 4:14, 16)

4. A entrada dos crentes sob a dispensação cristã no estado de privilégio e herança. (Romanos 5:2)

5. A expectativa da plena posse da herança: "Alegramo-nos na esperança da glória de Deus". (Romanos 5:1)

Tomando todas essas passagens juntas, podemos deduzir delas as seguintes conclusões:

1. Que o grande objetivo da fé e da esperança tão constantemente exposto nas Escrituras como a consumação da felicidade dos crentes, tanto no Antigo Testamento como no Novo, é um e o mesmo; e, seja chamado pelo nome de "terra prometida", "herança prometida", "reino de Deus", "a glória a ser revelada", "o repouso de Deus", "a esperança que se coloca diante de nós", - todos eles significam a mesma coisa e apontam para uma recompensa celestial, e não terrena.

2. Que esse era o verdadeiro significado da promessa feita a Abraão.

3. Que o cumprimento desta promessa não poderia ocorrer até que a verdadeira "semente" de Abraão aparecesse e o sacrifício da cruz fosse oferecido.

4. Que os santos do Antigo Testamento tiveram que esperar até então antes de poderem receber a herança prometida - isto é, entrar em plena posse e gozo do estado celestial.

5. Que os santos do Novo Testamento tinham essa vantagem sobre seus predecessores - que não precisavam esperar pela realização de sua esperança.

6. Que os santos do Antigo Testamento, e os crentes sob o Novo Testamento, deveriam entrar no mesmo período na posse da herança; não "eles sem nós", nem "nós sem eles", mas simultaneamente. (Hebreus 11:40)

É evidente, porém, que o autor da Epístola aos Hebreus não considerava que, até aquele momento, nem os santos do Antigo Testamento nem os do Novo haviam ainda entrado na posse da herança. O propósito e o objetivo de todas as suas exortações e apelos aos crentes hebreus eram adverti-los contra o perigo de perderem a herança por meio da apostasia, e encorajá-los à firmeza e perseverança, para que pudessem receber a promessa. "Temamos, pois, uma vez que ainda resta uma promessa de entrar no seu repouso, para que nenhum de vós pareça ter ficado aquém dela"; (Hebreus 4:1) "Você precisa de paciência para receber a promessa". (Hebreus 10:36) Ainda não era deles, de fato; mas todo o teor do argumento implica que ele estava muito próximo, tão próximo que quase se poderia dizer que estava ao seu alcance. "Nós que cremos *estamos entrando* no repouso"; (Hebreus 4:3) "Ainda muito, muito pouco, e o que virá virá, e não tardará". (Hebreus 10:37) Isso indica

claramente o período da entrada esperada na herança: é a Parousia; "a vinda do Senhor"; o longo dia procurado; a plenitude do tempo, quando os santos da antiga aliança e os da nova aliança entrariam simultaneamente na posse da herança prometida; a terra do repouso; a cidade com as fundações; o país melhor, isto é, o celestial; o reino que não pode ser movido; "a herança incorruptível, imaculada e infindável, pronta para ser revelada na última hora".

Mas pode-se objetar: se já veio a descendência "a quem a promessa foi feita"; se o sacrifício do Calvário já foi oferecido; se o grande Sumo Sacerdote rasgou o véu e removeu a barreira; se o caminho para o Santo dos Santos foi assim aberto, não se seguiria disso que a posse da herança seria imediatamente concedida aos crentes do Antigo Testamento, e que eles, de uma só vez, juntamente com o Redentor ressuscitado e triunfante, entrariam no descanso prometido?

Esta é a visão que muitos teólogos adotaram, que fixam a ressurreição de Cristo como o período de avanço e glória para os santos do Antigo Testamento. Mas é claro que a doutrina apostólica fixa esse período na Parousia, e isso pela razão dada na Epístola aos Hebreus. (Hebreus 10:12, 13) Embora o grande Sumo Sacerdote tivesse oferecido Seu sacrifício único pelo pecado; apesar de ter assentado à direita de Deus; todavia, Seu triunfo ainda não havia chegado completamente. Ele estava "daí em diante esperando até que seus inimigos fossem colocados debaixo pés". Para o mesmo efeito é a declaração de São Paulo em 1 Coríntios 15:22. A consumação é alcançada por etapas sucessivas; primeiro, a ressurreição de Cristo; depois, aqueles que são de Cristo na Sua vinda; então "o fim". O edifício não foi coroado até a Parousia, quando o Filho do homem entrou em Seu reino, e Seus inimigos foram postos sob Seus pés. Essa foi a consumação, o fim, quando o governo messiânico delegado devia cessar; quando o cerimonial, o local e o temporário seriam absorvidos pelo espiritual, o universal e o eterno; quando Deus se revelaria como Pai, não de uma nação, mas da humanidade; quando todas as distinções seccionais e nacionais seriam abolidas, e "Deus seria tudo em todos."

Enquanto isso, quando essa epístola foi escrita, o sistema mosaico parecia intacto; "o tabernáculo externo" ainda estava de pé; O judaísmo,

embora um tronco oco, do qual o coração tivesse se deteriorado completamente, ainda tinha uma aparência de vigor. Mas a hora estava próxima em que toda essa economia seria varrida. Um dilúvio de ira estava prestes a irromper sobre a terra e a submergir a cidade, o templo e a nação; então teria lugar o julgamento do povo impenitente e apóstata, e os santos do Antigo Testamento, juntamente com os crentes em Cristo, "entrariam juntos no repouso" e "herdariam o reino preparado para eles desde a fundação do mundo."

Quando lembramos que esta epístola foi escrita, segundo alguns expositores, à beira da grande guerra judaica que terminou na destruição de Jerusalém; ou, de acordo com outros, após seu surto real, podemos conceber que expectativa intensa que uma crise tão próxima deve ter produzido nos corações cristãos. A consumação há muito procurada não era agora uma questão de anos, mas de meses ou dias.

Quando lembramos que esta epístola foi escrita, segundo alguns intérpretes, à beira da grande guerra judaica, que terminou com a destruição de Jerusalém, ou, segundo outros, depois de seu efetivo início, podemos imaginar quão intensa deve ter sido a expectativa que uma crise tão próxima produziu nos corações cristãos. A tão aguardada consumação já não era mais uma questão de anos, mas de meses ou dias.

Antes de deixarmos esta passagem tão interessante, convém mencionar as opiniões de alguns dos mais eminentes intérpretes a seu respeito.

O professor Stuart erra completamente o caminho. Ele declara que Hebreus 11:40 é "um versículo extremamente difícil, acerca do qual há uma infinidade de conjecturas", e expressa sua opinião de que "*a coisa melhor*" reservada aos cristãos não é uma recompensa no céu, pois tal recompensa também foi oferecida aos antigos santos.

"Devo, portanto," acrescenta ele, "adotar outra exegese de toda a passagem, referindo ἐπαγγελίαν [a promessa] à bênção prometida do Messias. Assim, interpreto toda a passagem da seguinte maneira: Os antigos varões perseveraram na fé, embora o Messias lhes fosse conhecido apenas por *promessa*. Nós, porém, estamos sob maiores obrigações de perseverar, pois Deus cumpriu Sua promessa a respeito do Messias e, assim, nos colocou em uma condição mais favorável à perseverança do que a deles. Tão preferível é a nossa condição à deles, que podemos até dizer que, sem a bênção que nós desfrutamos, a felicidade deles não poderia ser completada. Em outras palavras, a vinda

do Messias era essencial para a consumação da felicidade deles na glória, isto é, era necessária para sua τελείωσις (aperfeiçoamento)".[1]

Veremos que Stuart confunde inteiramente o significado do escritor. A ἐπαγγελία não é o Messias, mas a *herança*, a promessa de entrar no repouso. Ele também falha em apreender o rumo do assunto no tempo então presente, e que toda a força do argumento está no fato de que o momento estava próximo quando a grande promessa de Deus deveria ser cumprida.

O Dr. Alford apreende o argumento com muito mais clareza, mas falha em compreender o sentido preciso do todo. O quanto ele se aproxima da verdadeira solução da dificuldade pode ser visto na seguinte nota:

"O autor dá a entender, como, de fato, o capítulo 10, versículo 14, parece testemunhar, que a vinda e a obra de Cristo transformaram o estado dos patriarcas e santos do Antigo Testamento em uma bem-aventurança maior e mais perfeita, inferência essa que nos é imposta por muitos outros trechos das Escrituras. Assim, a perfeição deles dependia da nossa perfeição: a perfeição deles e a nossa foram todas realizadas ao mesmo tempo, quando Cristo, "por uma única oferta, aperfeiçoou para sempre os que são santificados." O resultado, quanto a eles, é que seus espíritos, desde o momento em que Cristo desceu ao Hades e subiu ao céu, desfrutam da bem-aventurança celestial, e estão aguardando, juntamente com todos os que seguiram seu Sumo Sacerdote glorificado para dentro do véu, a ressurreição de seus corpos, a regeneração, a renovação de todas as coisas".[2]

Essa explicação, embora em alguns aspectos não muito longe da verdade, é inconsistente com as declarações da epístola, pois supõe que os santos do Antigo Testamento *ainda estejam esperando* por sua felicidade completa, e reduz até os crentes do Novo Testamento à mesma condição de *esperar* por uma consumação ainda futura. O que acontece, então, com οκρεῖττόν τι, a "coisa melhor" que Deus (de acordo com o escritor) havia providenciado para os cristãos? A vantagem de que ele fala tanto desaparece. E se a Parousia nunca ocorreu, os crentes do Novo Testamento não têm vantagem alguma sobre os santos antigos.

Dr. Tholuck tem as seguintes observações sobre o estado dos santos que partiram antes do advento de Cristo:

---

[1] Stuart on Hebrews xi. 40.

[2] Greek Testament, Hebrews xi. 40.

"Os santos do Antigo Testamento foram reunidos com seus pais, e talvez em parte transladados para uma esfera mais elevada de vida; mas, como a salvação completa só pode ser alcançada por meio da união com Cristo, cujo Espírito habitando em nós também vivificará nossos corpos recém-glorificados, os pais reunidos a Deus tiveram de esperar pela vinda de Cristo, conforme Ele mesmo disse acerca de Abraão, que 'exultou por ver o meu dia'".[1]

É curioso encontrar opiniões muito semelhantes, expressas pelo Dr. Owen, em seu tratado sobre Hebreus (volume 5, p. 311):

"Penso que os pais que morreram sob o Antigo Testamento tiveram uma admissão mais próxima da presença de Deus na ascensão de Cristo do que tinham desfrutado antes. Eles estavam no céu diante do santuário de Deus, mas não foram admitidos dentro do véu, no lugar mais santo, onde todos os conselhos de Deus são exibidos e representados".

Muito do que é verdade está aqui misturado com algo errado. Todas essas opiniões concordam na conclusão de que a obra redentora de Cristo teve uma poderosa influência sobre o estado dos crentes do Antigo Testamento; mas nenhum deles compreende o fato, tão legivelmente escrito na face desta epístola, que até que a estrutura externa do judaísmo tivesse sido varrida e Cristo tivesse entrado em Seu reino, o caminho para a herança prometida também não estava aberto para os Crentes do Velho ou do Novo Testamento, e que a Parousia era o tempo designado para que ambos entrassem juntos na posse do "repouso de Deus".

A GRANDE CONSUMAÇÃO PRÓXIMA.

Contraste entre a Situação dos Cristãos Hebreus e a dos Israelitas no Sinai.

Hebreus 12:18–24: "Porque não chegastes ao monte palpável, que ardia em fogo... Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel".

Temos nesta passagem uma poderosa exortação à firmeza na fé, imposta por um paralelo vívido, ou melhor, pelo contraste entre a situação de seus ancestrais hebreus quando eles tremiam diante do

[1] Commentary on the Psalms, p. 86.

Monte Sinai e a posição ocupada por eles mesmos em pé, por assim dizer, em plena vista do Monte Sião e todas as glórias da herança prometida. Há, de fato, nessa representação um paralelo e um contraste. A semelhança está na proximidade do objeto - o encontro com Deus. Como os israelitas no Monte Sinai, os Cristãos Hebreus *se aproximaram* [προσερχώμεθα] do monte Sião; como seus pais, ficaram cara a cara com Deus. Mas em outros aspectos, houve um contraste marcante em suas circunstâncias. Mas, em outros aspectos, o contraste entre as circunstâncias era marcante. No Monte Sinai, tudo era terrível e assustador; no Monte Sião, tudo era convidativo e glorioso. E essa era a cena agora plenamente diante de seus olhos. Mais alguns passos, e eles estariam no meio dessas visões de glória e alegria, seguros na terra prometida. Não pode haver dúvida em relação à identidade da cena aqui descrita: é uma visão próxima da "herança", "o repouso de Deus", tão constantemente apresentado nesta epístola como o destino final do crente, outrora contemplado de longe por patriarcas, profetas e santos da antiguidade, mas agora visível a todos e a poucos dias de distância, a "cidade que tem fundamentos", a "pátria superior, isto é, a celestial".

Aqui surge uma questão interessante: de onde o autor tirou essa vívida descrição da herança celestial? É claro que é fácil dizer: "Trata-se de uma declaração original e independente do Espírito que falou pelos profetas." Mas o autor da epístola escreve de modo evidente como se os cristãos hebreus já conhecessem e estivessem familiarizados com as coisas das quais ele fala. A imagem do Monte Sinai e das circunstâncias que o cercam é claramente derivada do Livro do Êxodo; e, se encontrarmos os elementos para o retrato do Monte Sião prontos e disponíveis em algum livro do Novo Testamento, não será injusto supor que a descrição foi tomada emprestada de lá. Ora, encontramos de fato cada elemento dessa descrição no Livro do Apocalipse; e, quando o leitor comparar cada característica individual da cena descrita na epístola com o seu correspondente no Apocalipse, poderá facilmente julgar se essa correspondência é acidental ou intencional, e qual das duas é a imagem original:

Monte de Sião	Apocalipse 14:1
A cidade do Deus vivo	Apocalipse 3:12; 21:10
A Jerusalém celestial	Apocalipse 3:12; 21:10
A inumerável companhia de anjos	Apocalipse 5:11; 7:11
A assembleia geral e a igreja dos primogênitos, etc.	Apocalipse 3:12; 7:4; 14:1-4
Deus, o juiz de todos	Apocalipse 20:11,12
Os espíritos justos aperfeiçoados	Apocalipse 14:5
Jesus, o mediador da nova aliança	Apocalipse 5:6-9
O sangue da aspersão	Apocalipse 5:9

Olhando para a exata correspondência entre as representações da epístola e as do Apocalipse, parece impossível resistir à conclusão de que o escritor desta epístola tinha em mente as descrições do Apocalipse; e sua linguagem pressupõe o conhecimento desse livro por parte dos cristãos hebreus. Esta conclusão implica a inferência de que o Apocalipse foi escrito antes da Epístola aos Hebreus e, consequentemente, antes da destruição de Jerusalém. Voltaremos a encontrar o tema quando considerarmos o livro do Apocalipse; Enquanto isso, basta observar que, tanto nesta Epístola como no Apocalipse, os eventos narrados são considerados tão próximos a ponto de descrevê-los como realmente reais; Na epístola, a igreja militante parece que já alcançou, e no Apocalipse as coisas que devem acontecer em breve são vistas como fatos consumados.

A PROXIMIDADE E A FINALIDADE DA CONSUMAÇÃO.

Hebreus 12:25-29: "Vede que não rejeiteis ao que fala; pois, se não escaparam aqueles que rejeitaram o que sobre a terra os advertia, muito menos nós escaparemos, se nos desviarmos daquele que fala do céu. A voz do qual abalou então a terra; mas agora prometeu, dizendo: Ainda uma vez abalarei, não só a terra, mas também o céu. Ora, esta palavra, ainda uma vez, indica a remoção das coisas abaladas, como coisas criadas, para que as que não podem ser abaladas permaneçam. Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e temor, porque o nosso Deus é um fogo consumidor".

O paralelo, ou melhor, o contraste, entre a situação dos antigos israelitas, que se aproximavam de Deus no Monte Sinai, e a dos cristãos hebreus, que aguardavam a Parousia, é aqui desenvolvido ainda mais, com o propósito de exortá-los à perseverança e constância. Se foi perigoso desprezar as palavras pronunciadas no Monte Sinai, a voz de Deus falada pelos lábios de Moisés, quanto mais perigoso seria desviar-se d'Aquele que fala do céu, a voz de Deus manifestada em Seu Filho? Aquela voz, no Sinai, abalou a terra (Êxodo 19:18; Salmo 68:8); mas agora uma comoção muito mais terrível estava próxima, uma convulsão pela qual não apenas a terra, mas também o céu seriam finalmente e para sempre abalados e removidos.

Mas o que é esse iminente e final "abalo e remoção da terra e do céu"? Segundo Alford:

"É claramente um erro entender, como fazem alguns intérpretes, que esse abalo se refira apenas à destruição do judaísmo diante do Evangelho, ou a qualquer outro evento que se cumpra durante a economia cristã, aquém de seu glorioso fim e consumação."

Ao mesmo tempo, porém, ele admite que:

"O período que deverá transcorrer [antes que esse abalo aconteça] será apenas um, não podendo ser dividido em muitos, e esse único período será breve."

Mas, se é assim, a catástrofe deve ter sido imediata; pois, se supusermos que pertence a um futuro distante, o *intervalo* necessariamente seria muito longo, podendo ser dividido em muitos períodos, anos, décadas, séculos e até milênios.

O comentário de Moses Stuart é muito mais pertinente:

"Que esta passagem se refere às mudanças que seriam introduzidas pela vinda do Messias e pela nova dispensação que Ele inauguraria é evidente, segundo Ageu 2:7–9. Tal linguagem figurada é frequente nas Escrituras e denota grandes transformações que estão para ocorrer. Assim o apóstolo a explica aqui, no versículo seguinte. (Compare Isaías 13:13; Ageu 2:21–22; Joel 3:16; Mateus 24:29–37)".[1]

A chave para a interpretação desta passagem encontra-se na profecia de Ageu. Ao comparar os símbolos proféticos desse livro, percebe-se que "abalar o céu e a terra" é evidentemente emblemático e sinônimo de "derrubar tronos", "destruir reinos" e de outras revoluções sociais e

[1] Stuart on Hebrews, *in loc.*

políticas. (Ageu 2:21–22) Tais figuras e metáforas constituem os próprios elementos da linguagem profética, e seria absurdo insistir em um cumprimento literal dessas imagens. Prodígios e convulsões no mundo natural são constantemente utilizados para expressar grandes revoluções sociais ou morais. Aqueles que consideram difícil crer que a revogação da dispensação mosaica pudesse ser representada em termos de tamanha sublimidade deveriam refletir sobre a magnificência da linguagem empregada por profetas e salmistas ao descreverem a sua inauguração. (Ver Salmos 68:7–8, 16–17; 114:1–8; Habacuque 3:1–6.)

Qual, então, é a grande catástrofe simbolicamente representada como o abalo da terra e dos céus? Sem dúvida, trata-se da derrubada e abolição da dispensação mosaica, ou antiga aliança, a destruição da igreja e do estado judaico, juntamente com todas as instituições e ordenanças a eles vinculadas. Havia, naquela dispensação, "coisas celestiais": as leis, os estatutos e as ordenanças que eram divinas em sua origem, e que podiam ser propriamente chamadas de os "*spiritualia*" do judaísmo, esses eram os *céus*, que deviam ser abalados e removidos. Havia também "coisas terrenas": a Jerusalém literal, o templo material, a terra de Canaã, essa era a *terra*, que igualmente seria abalada e removida. Os símbolos, de fato, são equivalentes àqueles empregados por nosso Senhor ao predizer o destino de Israel: "Logo depois da tribulação daqueles dias [os horrores do cerco de Jerusalém], o sol escurecerá, a lua não dará a sua luz, e as potencias dos *céus serão abaladas*." (Mateus 24:29) Ambas as passagens referem-se à mesma catástrofe e utilizam figuras muito semelhantes; além disso, temos a autoridade do próprio Cristo ao fixar o evento e o período de que Ele fala dentro dos limites da geração então existente. Isto é, a referência só pode ser ao julgamento da nação judaica e à revogação da economia mosaica na Parousia.

Esse grande acontecimento abriria caminho para uma nova e mais elevada ordem de coisas. Um reino que não pode ser abalado substituiria as instituições materiais e mutáveis, imperfeitas por natureza e temporárias em duração; o material daria lugar ao espiritual; o temporário, ao eterno; e o terreno, ao celestial. Essa foi, de longe, a maior revolução que o mundo já testemunhara, ultrapassando em importância e majestade até mesmo a outorga da lei no Monte Sinai. E, assim como aquela fora acompanhada de sinais e prodígios temíveis,

convulsões físicas e fenômenos portentosos, era apropriado que prodigios semelhantes, e ainda mais solenes, acompanhassem a sua revogação e a abertura de uma nova era. Que tais portentos de fato precederam a destruição de Jerusalém, não temos dificuldade em crer, primeiro, por analogia; segundo, pelo testemunho de Josefo; e, acima de tudo, pela autoridade do discurso profético de nosso Senhor.

Mas não é tanto para uma nova era aqui na terra, e sim para o glorioso descanso e recompensa do povo de Deus no estado celestial, que o autor da epístola dirige a esperança dos cristãos hebreus. Acreditavam os fiéis servos de Cristo que estavam prestes a entrar nesse reino eterno, e nenhuma consideração seria mais eficaz para fortalecer os fracos e firmar os vacilantes: "Portanto, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a gratidão, pela qual possamos oferecer a Deus um culto aceitável, com reverência e temor, pois o nosso Deus é um fogo consumidor."

EXPECTATIVA DA PAROUSIA.

Hebreus 13:14: "Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que está vindo".

Alford diz bem:

"Este versículo vem com um tom solene para o leitor, considerando quão pouco tempo a μένουσαν πόλιν [cidade permanente] realmente permaneceu, e quão rapidamente a destruição de Jerusalém pôs fim à sociedade judaica, que supostamente deveria ser duradoura".[1]

Isso é excepcional e podemos dizer: "O si sic omnia!" O comentarista vê claramente, neste caso, a relação entre a linguagem do escritor e as circunstâncias reais dos hebreus. Este princípio teria sido um guia seguro em outros casos nos quais, a nosso ver, ele parece ter perdido totalmente o ponto do argumento. Os cristãos a quem a epístola foi escrita estavam chegando à cena final da política judaica; a catástrofe final estava prestes a acontecer. Eles ouviam o chamado: "Saí dela, povo meu, para que não sejais participantes dos seus flagelos." Jerusalém, a cidade santa, com seu templo sagrado, suas torres e palácios, suas muralhas e baluartes, já não era uma "cidade permanente"; estava prestes

[1] Greek Testament, *in loc.*

a ser "abalada e removida". Mas o santo hebreu podia ver, através de suas lágrimas, outra Jerusalém, a cidade do Deus vivo, um lar duradouro e celestial, que se aproximava rapidamente e "descia", por assim dizer, "do céu". Esta era a cidade vindoura (τὴν μέλλουσαν = "a cidade prestes a vir") à qual o escritor alude, e que ele cria que eles estavam prestes a receber. (Hebreus 12:28)

A PAROUSIA NA EPÍSTOLA DE SÃO TIAGO.

Há um interesse especial ligado a esta epístola, visto que ela manifestamente pertence aos "últimos dias", o período final da dispensação. É uma voz dirigida ao Israel disperso de Deus, vinda de dentro da cidade condenada, cuja catástrofe já estava prestes a acontecer. É o último testemunho de uma fiel testemunha à nação, tanto dentro como fora dos limites da Palestina. Embora endereçada a hebreus crentes, a epístola contém evidências da degeneração na igreja cristã e da extrema corrupção da nação. A iniquidade abunda, e o amor de muitos se esfriou. Mas Tiago de Jerusalém, como um dos antigos profetas de Israel, dá o seu testemunho pela verdade e pela justiça com fidelidade inabalável, até conquistar a coroa do martírio. As alusões diretas à Parousia nesta epístola são poucas em número, mas claras e decisivas em caráter; e é evidente que toda a epístola foi escrita sob a profunda impressão da iminente consumação.

OS ÚLTIMOS DIAS CHEGARAM.

Tiago 5:1-3: "Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós hão de vir... Vós acumulastes tesouros nos últimos dias".

Essa ousada denúncia dos poderosos opressores e ladrões dos pobres nos últimos dias do Estado judeu recorda em nossa mente as advertências do profeta Malaquias: "Chegarei a vós para julgamento, e serei uma testemunha rápida contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra os que juram falsos, e contra os que oprimem o mercenário com o seu salário, a viúva e o órfão; e os que desviam o estrangeiro da sua direita, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos". (Malaquias 3:5) Esse julgamento estava agora próximo, e "o juiz estava à porta".

Nada pode ser mais franco do que o reconhecimento que Alford dá do significado histórico dessa condenação e sua referência expressa aos tempos do apóstolo. Explicando a ausência de qualquer exortação direta à penitência nesta denúncia, ele diz:

"Que tal fato não apareça aqui deve-se principalmente à proximidade imediata do juízo que o escritor tem diante de si." Ele observa ainda: "'Uivar' [ὁλολύξειν] é uma palavra do Antigo Testamento usada exclusivamente pelos profetas, e empregada, como aqui, em referência à aproximação do juízo de Deus." E acrescenta: "Essas misérias não devem ser entendidas como o fim natural e inevitável de todas as riquezas mundanas, mas como os juízos relacionados com a vinda do Senhor (cf. v. 8, 'a vinda do Senhor está próxima'). Pode ser que essa expectativa estivesse, até então, intimamente ligada à iminente destruição da cidade e da política judaica, pois é preciso lembrar que os destinatários aqui são judeus.'

A única desvantagem dessa explicação é o infeliz "pode ser" na última frase. Como uma porventura poderia ser pensada em um caso tão claro? Nossa preocupação é com o que estava na mente do apóstolo, e certamente nenhuma palavra pode transmitir um testemunho mais forte de sua convicção de que "os últimos dias" e "o fim" estavam quase chegando.

Em sua nota sobre (Tiago 5:3), Alford dá o significado do apóstolo com perfeita precisão:

"Os últimos dias (isto é, nestes últimos dias antes da vinda do Senhor)", etc.

É interessante encontrar o Dr. Manton, um teólogo que viveu dias em que a exegese rigorosa não era muito praticada e a exposição das Escrituras era o que quer que as Escrituras quisessem significar, com grande perspicácia discerniu o significado histórico desta e de outras alusões de São Tiago para a Parousia. Por exemplo, na cláusula: "A ferrugem deles comerá a sua carne como se fosse fogo", diz Manton:

"Possivelmente pode haver aqui uma alusão latente à maneira da ruína de Jerusalém, na qual muitos milhares morreram pelo fogo". Mais uma vez, na cláusula "Você acumulou tesouros juntos nos últimos dias", ele observa: "Não há nenhuma razão convincente pela qual devemos interpretar isso em sentido metafórico, especialmente porque, com uma boa saída do contexto, o escopo do apóstolo e o estado desses tempos, o literal pode ser retido. Portanto, eu deveria simplesmente entender as palavras como uma intimação de seus julgamentos que se aproximavam; e assim o apóstolo me parece taxar sua vaidade em acumulando e amontoando riquezas quando

aqueles dias dispersos e fatais para a comunidade judaica estavam prontos para alcançá-los".[1]

A PROXIMIDADE DA PAROUSIA.

Tiago 5:7: "Portanto, irmãos, sejam pacientes, até à vinda do Senhor".

Tiago 5:8: "A vinda do Senhor está próxima".

Tiago 5:9: "Eis que o juiz está à porta".

Três declarações distintas, curtas, nítidas, surpreendentes, todas significativas da chegada iminente do "dia do Senhor".

O comentário de Manton sobre essas passagens, embora assombrado pelo fantasma do duplo sentido, é, em geral, excelente:

"O que se quer dizer aqui? (Tiago 5:7) Alguma vinda particular de Cristo, ou Sua vinda solene ao julgamento geral? Eu respondo, Ambos podem ser pretendidos; os cristãos primitivos pensavam que ambos iriam cair juntos. 1. Pode-se entender da vinda particular de Cristo para julgar esses homens perversos. Esta epístola foi escrita cerca de trinta anos após a morte de Cristo, e havia apenas pouco tempo entre isso e o fim de Jerusalém; de modo que, *até a vinda do Senhor* significa até o aniquilamento de Jerusalém. O que também em outros lugares é expresso como 'vinda', se podemos acreditar em Crisóstomo e Œcumenius sobre João 21:22: 'Se eu quiser que ele permaneça até que eu venha', isto é, dizem eles, venha para a destruição de Jerusalém".

Ele passa a dar um significado alternativo, de acordo com o uso de expositores de duplo sentido.

No oitavo verso, "Porque a vinda do Senhor está próxima", Manton observa:

"Ou, em primeiro lugar, a eles por meio de um juízo particular; pois restavam apenas alguns anos, e então tudo estaria perdido. E provavelmente é a isso que os apóstolos se referem quando falam com tanta frequência sobre a proximidade da vinda de Cristo. Mas poderíeis dizer: Como isso poderia ser apresentado como um argumento de paciência aos hebreus piedosos, o fato de que Cristo viria destruir o templo e a cidade? Respondo: (1) O tempo do processo judicial solene de Cristo contra os judeus foi o momento em que Ele se vingou com honra de Seus adversários, e o escândalo e opróbrio de Sua morte foram removidos. (2) A aproximação do Seu juízo geral pôs fim à perseguição; e quando os piedosos foram providencialmente acolhidos em Pela, os incrédulos pereceram pela espada romana", etc.

---

[1] Manton on James v. 2, 3.

Em (Tiago 5:9) "Eis que o juiz está diante da porta", Manton descarta inteiramente o duplo sentido e dá a seguinte explicação inesperada:

"Ele já havia dito: 'A vinda do Senhor está próxima'. agora ele acrescenta que 'ele está à porta', uma frase que implica não apenas a certeza, mas a rapidez do julgamento. Veja Mateus 24:33: 'Saiba que está próximo, às porta'; de modo que esta frase pretende também a rapidez da ruína judaica".[1]

É fácil perceber que a compreensível ansiedade de encontrar um uso presente, didático e edificante em toda a Escritura está na base de grande parte da exposição de teólogos como Manton, e os inclina a adotar sentidos alternativos e acomodações que uma exegese rigorosa não pode admitir. Mas a linguagem do apóstolo, neste caso, não necessita de elucidação, ela fala por si mesma. Ela mostra a atitude de expectativa e esperança na qual as igrejas apostólicas aguardavam a manifestação do seu Senhor que retornava. Uma igreja perseguida precisava de paciência diante das injustiças infligidas por seus opressores. Seu clamor era: "Ó Senhor, até quando?" Elas eram consoladas pela certeza de que o dia da libertação estava próximo; o Juiz, o vingador de suas injustiças, já estava "à porta"; "Ainda um pouquinho, um pouquinho de tempo, e aquele que há de vir virá, e não tardará." Como é possível reconciliar essa expectativa confiante de uma libertação quase imediata com uma consumação que ainda estaria no futuro, depois de dezoito séculos passados? Só há duas alternativas possíveis: ou São Tiago e seus companheiros apóstolos estavam profundamente enganados em sua expectativa da Parousia, ou esse evento de fato aconteceu, conforme sua expectativa e a previsão do próprio Senhor, no fim do æon, a era judaica. Se adotarmos esta última alternativa, a única compatível com a fé cristã, devemos aceitar a conclusão de que a Parousia foi a gloriosa manifestação do Senhor Jesus Cristo para abolir a dispensação mosaica, executar juízo sobre a nação culpada, e receber o seu povo fiel em Seu reino e glória celestiais.

---

[1] Manton on James v. 7–9.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS DE SÃO PEDRO.

A PAROUSIA NA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO PEDRO.

É evidente que esta epístola, como a de São Tiago, pertence ao período chamado "os últimos tempos". Assim como seu companheiro de testemunho e irmão apóstolo Tiago, São Pedro dirige suas exortações aos cristãos hebreus da dispersão; pois esta é a única interpretação natural do título que lhes é dado no primeiro versículo. O conteúdo evidencia suficientemente que a epístola foi escrita em um tempo de sofrimento por causa de Cristo. Os discípulos estavam "entristecidos por várias provações"; mas um tempo de provação muito mais severo se aproximava, e para isso eles são exortados a se preparar: "Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se alguma coisa estranha vos acontecesse." (1 Pedro 4:12) São também consolados com a perspectiva de um livramento final e rápido.

É necessário ler esta epístola à luz das circunstâncias reais da época em que foi escrita e das pessoas às quais foi dirigida. Quaisquer que sejam seus usos e lições para outros tempos e pessoas, seu sentido primário e especial, voltado aos judeus da dispersão na era apostólica, não deve ser perdido de vista.

A SALVAÇÃO PRONTA PARA SER REVELADA NO ÚLTIMO TEMPO.

1 Pedro 1:5: "Que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já pronta para se revelar no último tempo".

Cada palavra nesta saudação inicial é cheia de significado e implica a aproximação de uma grande e decisiva crise. No versículo 4 temos uma alusão muito distinta à "herança", que é o tema de grande parte da Epístola aos Hebreus, isto é, a verdadeira Canaã, "o repouso que permanece para o povo de Deus". Em linguagem muito semelhante, São Pedro a chama de “a herança reservada nos céus” e representa a entrada nela pelos crentes como algo agora muito próximo. A salvação está "prestes a ser revelada". O que essa "salvação" significa é muito evidente; não é a glorificação pessoal de almas individuais na morte, mas uma grande libertação coletiva, da qual o povo de Deus em geral deve participar: uma salvação como aquela que Deus realizou para Israel às

margens do Mar Vermelho. Da mesma forma, São Paulo usa a mesma palavra com referência à mesma consumação que se aproximava: "Agora está mais perto de nós a salvação do que quando cremos." (Romanos 13:11)

Essa grande libertação geral não era um evento *distante*, estava agora "pronta para ser revelado", na véspera de ser manifestada. Como observa Alford, a palavra ἑτοίμην [pronta] é mais forte que μέλλουσαν. Entender isso como referência a crentes individuais entrando no céu um por um na hora da morte, ou como uma admissão a um estado celestial que ainda não foi concedido, é totalmente repugnante ao sentido claro das palavras.

A salvação está pronta para ser revelada na "*última hora*", ou seja, "*agora*", o tempo então presente. Já tivemos ocasião de notar que os apóstolos chamam seu tempo de "*o último tempo*". Eles criam e ensinavam que viviam nos últimos tempos, e isso deve ser conciliável com os fatos, se sua credibilidade como testemunhas fiéis e autorizadas de Cristo há de ser mantida. Eles estavam justificados em sua crença: viviam nos últimos tempos, no período final do æon judaico, ou era judaica. No versículo vinte deste capítulo encontramos a mesma designação dada ao tempo da encarnação de Cristo: "O qual, na verdade, foi manifestado nestes últimos tempos [no fim dos tempos] por amor de vós". Dizer que o apóstolo considera todo o período, desde o início da dispensação do Novo Testamento até a vinda de Cristo em glória, em alguma era futura e possivelmente ainda distante, como um único curto período chamado os últimos dias, é uma interpretação extremamente antinatural e forçada. O apóstolo fala, evidentemente, de um período de *crise*; e fazer uma crise estender-se por milhares de anos é violentar não apenas o sentido gramatical das palavras, mas também a própria natureza das coisas.

Correndo o risco de repetir, podemos observar aqui que, segundo o uso do Novo Testamento, devemos conceber o período entre a encarnação de Cristo e a destruição de Jerusalém como o fechamento de uma época ou æon. Foi no fim da era [ἐπὶ συντέλεια τῶν αἰώνων = no encerramento do fim da era] que "Cristo apareceu para abolir o pecado pelo sacrifício de si mesmo." (Hebreus 9:26) Todo esse período de cerca

de setenta anos é considerado como "o último tempo"; mas é natural que a expressão receba uma acentuação mais intensa quando a guerra judaica, o começo do fim, estava prestes a irromper, se é que já não havia começado.

APROXIMAÇÃO DA REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO.

1 Pedro 1:7: "Para que a prova da vossa fé... seja encontrada em louvor, glória e honra, na revelação de Jesus Cristo".

1 Pedro 1:13: "Esperai plenamente [τελείως] na graça que está sendo trazida a vós na revelação de Jesus Cristo".

Tudo na exortação do apóstolo transmite a ideia de expectativa ansiosa e preparação. A salvação está pronta para ser revelada; os crentes provados e perseguidos devem "cingir os lombos do seu entendimento"; o benefício esperado, a graça, está a caminho, está *sendo trazida* a eles. Alford observa corretamente que a palavra φερομένην [sendo trazida] significa "a iminência do evento mencionado; *q.d. (isto é)*, aquilo que já agora está avançando em direção a vós".[1] Não prova isso claramente que São Pedro compreendia, e desejava que seus leitores compreendessem, que esse apocalipse de Jesus Cristo estava prestes a acontecer? Seria uma zombaria dizer a homens sofredores e perseguidos que se preparassem para receber uma salvação que só era devida centenas ou milhares de anos.

RELAÇÃO DA REDENÇÃO DE CRISTO COM O MUNDO ANTEDILUVIANO.

1 Pedro 3:18-20: "Pois também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; sendo morto na carne, mas vivificado no Espírito; no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais foram noutro tempo desobedientes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca", etc.

A interpretação comum desta passagem difícil, adotada pela maioria dos expositores protestantes, é que Cristo, de fato, pregou aos antediluvianos por meio de Seu Espírito Santo, através do ministério de Noé. Sem dúvida, isso afirma uma verdade e tem ainda a vantagem de manter-se dentro dos limites de fatos históricos bem conhecidos,

---

[1] Greek Testament, *in loc.*

evitando o que parece ser especulação obscura e duvidosa. Entretanto, como questão de gramática, essa interpretação é totalmente insustentável. Primeiro, é razoável esperar uma sequência cronológica nas várias partes da declaração do apóstolo, descrevendo o que Cristo fez depois de "ser morto na carne". Que poderia ser mais áspero e abrupto do que a súbita transição da narrativa sobre o que Cristo fez e sofreu na carne para aquilo que Ele teria feito, de certo modo, milhares de anos antes, nos dias de Noé? Além disso, a tradução "sendo vivificado *pelo* Espírito" e "*pelo* qual também", implicando que o Espírito Santo foi o agente pelo qual Cristo foi vivificado, e pelo qual Ele pregou, etc., é claramente errada. Deveria ser: "Sendo morto *na* [sua] carne, mas vivificado no [seu] espírito", a *carne* sendo Seu corpo, e o *espírito*, Sua alma. Então o apóstolo acrescenta: 'no qual também', isto é, em Sua alma, ou espírito humano. Além disso, como Ellicott observou, πορευθεὶς [tendo ido] "sugere uma descida literal e local".[1]

Parece, portanto, não haver escapatória, segundo o sentido verdadeiro e natural das palavras, da interpretação de que o nosso Senhor, após Sua morte na cruz, foi em Seu estado desencarnado para o Hades, o lugar dos espíritos dos mortos, e ali fez proclamação [pregou] aos espíritos em prisão, isto é, aos antediluvianos, que nos dias de Noé descreram das advertências do profeta e pereceram no dilúvio. Esta, que é a interpretação mais antiga, é agora geralmente admitida pelos mais eminentes críticos. É a que está incorporada no Credo dos Apóstolos; possui o aval de Lutero e Calvino; e parece ser sustentada por outras passagens da Escritura que estão em harmonia com essa explicação. No sermão de São Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2:27–31) há uma alusão distinta à alma de Cristo ter estado no Hades; também em Efésios 4:9, "Ora, isto, ele subiu, que é, senão que também havia descido primeiramente às partes mais baixas da terra?" É difícil supor que o sepultamento do corpo seja tudo o que se pretende ao dizer que Ele desceu às partes inferiores da terra.

A questão mais importante permanece: Qual foi o objetivo da descida de nosso Senhor ao Hades? Dificilmente se pode duvidar que foi gracioso. O apóstolo diz: "Ele pregou [ἐκήρυξεν] para os espíritos em

[1] Ellicott's Essay in Aids to Faith.

prisão", e o que ele poderia pregar senão boas novas? Esse fato confere um significado novo e maior aos termos da comissão de nosso Senhor: "Ele me enviou para proclamar liberdade aos cativos e a abertura da prisão aos que estão presos". (Isaías 61:1) A hipótese do bispo Horsley e outros de que esses espíritos em prisão eram de fato santos, ou pelo menos penitentes, aguardando o período de sua salvação completa, dificilmente requer refutação. Se algo está claro diante da questão, é que eles eram os espíritos daqueles que pereceram por sua desobediência e em sua desobediência. Como observa o bispo Ellicott, ἀπειθήσασίν significa, não "que foram desobedientes", mas "*na medida em que* foram desobedientes".[1]

Mas pode-se dizer: Por que os antediluvianos desobedientes teriam sido escolhidos como objetos de uma missão graciosa? Não haveria outras almas perdidas no Hades, e por que estas encontrariam graça acima das demais?[2] O bispo Horsley admite que esta é uma dificuldade, e a maior, que embaraça sua interpretação. Alford encontra uma razão, se o entendemos corretamente, no modo como eles morreram: "A razão de mencionar aqui esses pecadores acima de outros pecadores parece ser a conexão deles com o tipo do batismo que segue";[3] mas certamente isso atribui a essa instituição uma eficácia que ultrapassa as teorias mais ousadas da regeneração batismal. Ousamos sugerir que a verdadeira razão reside na natureza daquele grande ato judicial que ocorreu no dilúvio. Aquilo foi o encerramento de uma era ou æon, e terminou

---

[1] Ellicott's Essay in Aids to Faith.

[2] "Daniel Heinsius, para a elucidação destas expressões, apresentou algumas passagens do livro apócrifo de Enoque, nas quais os gigantes ímpios antes do dilúvio, e nos dias de Noé, a progênie dos filhos de Deus e das filhas dos homens, πνεύματα πονηρά, espíritos malignos, são declarados como tendo sido amarrados e lançados em prisão, ali sendo reservados para o juízo do último dia: 'Prende-os', diz o Ser Supremo ao anjo Miguel, 'por setenta gerações, nos lugares inferiores da terra, até o dia do seu juízo, até o dia da consumação, quando o juízo da eternidade for concluído.' - Vide Rosenmüller, Schol. *in loc*." - (Biblical Notes, de J. J. Gurney, pp. 211–212).

Esta é uma passagem curiosa de um livro igualmente curioso, cujo problema ainda não foi resolvido. Setenta gerações, calculando trinta e cinco anos por geração, seriam 2.450 anos, o que corresponderia ao período entre o dilúvio e a destruição de Jerusalém, de acordo com a cronologia recebida.

[3] Greek Testament, *in loc*.

numa catástrofe, assim como o æon então em andamento estava prestes a se concluir. Os dois casos eram análogos. Assim como o dilúvio foi o fechamento e a consumação de um æon anterior, ou período-mundial, assim também a destruição de Jerusalém e a ab-rogação da economia judaica estavam prestes a encerrar o período-mundial ou æon então existente. O que poderia ser mais natural, às vésperas de uma catástrofe como a que o apóstolo antecipava, do que fazer referência à catástrofe de um æon anterior? O que poderia ser mais pertinente do que notar o fato de que a "salvação vindoura" tinha um efeito retrospectivo sobre aquelas eras passadas? Não é difícil perceber a conexão das ideias na linha de pensamento do apóstolo. O dilúvio foi a συντέλεια τοῦ αἰῶνος do tempo de Noé; outra συντέλεια estava prestes a acontecer. O "mundo antigo, que então era", pereceu nas águas batismais do dilúvio; o "mundo que agora é", a ordem mosaica, a política e o povo judeu, estava prestes a ser submerso num batismo de fogo. (Malaquias 4:1; Mateus 3:11-12; 1 Coríntios 3:13; 2 Tesalonicenses 1:7-10) Não seria apropriado mostrar que a obra redentora de Cristo unia, e de fato abrangia, ambos esses æons, olhando para trás, para o passado, bem como para a frente, para o futuro?

Não obstante, portanto, o mistério e a obscuridade que reconhecidamente pairam sobre o assunto, somos levados à conclusão de que o apóstolo, nesta passagem, ensina claramente que o nosso bendito Senhor, após Sua morte na cruz, desceu, como espírito desencarnado, ao Hades, o lugar dos espíritos dos mortos, e ali proclamou as boas-novas de Sua redenção consumada às multidões dos perdidos que pereceram na catástrofe ou juízo final do æon anterior; e embora não tenhamos nesta passagem uma afirmação explícita de que aqueles que ouviram o anúncio feito por nosso Salvador foram, em consequência, libertos de sua prisão e introduzidos na "gloriosa liberdade dos filhos de Deus", ainda assim não parece incrível, é até mesmo presumível, que essa libertação tenha sido tanto o objetivo quanto o resultado da interposição de Cristo. Já nos referimos a Efésios 4:9 como dando apoio a essa interpretação: "Ora, isto, ele subiu, que é, senão que também havia descido primeiramente às partes mais baixas da terra?" O bispo Horsley demonstra que a expressão

"as partes mais baixas da terra" é a designação própria e usual de *Hades*.[1] Na mesma passagem, o apóstolo fala da ascensão triunfante de Cristo nestas palavras: "Quando ele subiu ao alto, levou cativo o cativeiro e deu dons aos homens." Não lança o ensinamento de São Pedro, a respeito "dos espíritos em prisão", luz sobre esse ato de "levar cativo o cativeiro"? Não sugere que o Salvador que retornava, tendo travado o combate e ganho a vitória, desfrutou também o triunfo, que Ele trouxe consigo ao céu uma grande multidão que resgatara do cativeiro: os espíritos em prisão aos quais Ele levou as boas-novas da redenção realizada, e que, sendo tirados de sua casa de prisão, acompanharam o Conquistador que retornava para a casa de Seu Pai, sendo ao mesmo tempo os resgatados por Seu sangue e os troféus de Seu poder?

Antes de abandonar este assunto, pode ser bom citar algumas opiniões dos críticos bíblicos em referência a ele.

Steiger, que trata toda a passagem da maneira mais sincera e acadêmica possível, diz:

"O sentido simples e literal das palavras neste versículo (19), visto em conexão com o seguinte, obriga-nos a adotar a opinião de que Cristo Se manifestou aos *mortos incrédulos*." "Devemos admitir que aqui se trata de uma proclamação *do Evangelho* entre aqueles que morreram em incredulidade, mas não sabemos se encontrou entrada em muitos ou em poucos." "A expressão ἐν φυλακῇ (que o siríaco traduz por *Sheol*; os pais da igreja a usam como sinônima de Hades) mostra que o discurso só pode dizer respeito a incrédulos." "Aquele que jazia sob a morte entrou no império dos mortos como Conquistador, proclamando liberdade aos seus súditos aprisionados".[2]

A opinião de Dean Alford é muito decidida:

"De tudo, então, o que foi dito, concluir-se-á que, com a grande maioria dos comentaristas, antigos e modernos, entendo que estas palavras afirmam que nosso Senhor, em Seu estado desencarnado, de fato foi ao lugar de detenção dos espíritos dos mortos, e ali anunciou Sua obra de redenção, pregou salvação, de fato, aos espíritos desencarnados daqueles que recusaram obedecer à voz de Deus quando o juízo do dilúvio pairava sobre eles. Por que estes, e não outros, são mencionados, se meramente como amostra de uma obra graciosa semelhante realizada com outros, ou por alguma razão especial impossível para nós imaginarmos, não podemos dizer".[3]

---

[1] Horsley's Sermons on 1 Peter iii. 18–20.

[2] Steiger's Commentary on 1 Peter, Biblical Cabinet, No. xiv. *in loc.*

[3] Greek Testament, Notes, *in loc.*

Em um discurso interessante sobre "O Estado Intermediário", do Rev. J. Stratten, ocorrem as seguintes observações:

"Se esta passagem não significar nada além de que o Espírito Santo ajudou Noé a pregar aos antediluvianos, então é um modo extremamente obscuro, confuso e inexplicável de expressar um princípio que é claríssimo e simples. Algum de nós empregaria essa linguagem, ou algo sequer parecido, para expressar tal ideia? Creio que não, e parece ser apenas o refúgio de uma mente que não entende o apóstolo, ou que procura interpretá-lo de forma errada."

Podemos aqui, de passagem, observar que tal libertação do Hades serve de ilustração vívida para a declaração de São Paulo em 1 Coríntios 15:26: "O último inimigo a ser destruído é a morte."

PROXIMIDADE DO JULGAMENTO E DO FIM DE TODAS AS COISAS.

1 Pedro 4:5, 7: "O qual há de dar contas àquele que está pronto para julgar os vivos e os mortos... Mas o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, sóbrios e vigiai em oração".

Nessas passagens encontramos novamente, como tantas vezes já encontramos antes, a clara percepção de que o juízo e o fim estavam próximos.

No versículo 5 o apóstolo sugere que Deus estava prestes a julgar os vivos e os mortos. Isso não pode se referir àquele ato de julgamento em particular que, como acreditamos, está sempre perto de todo homem, no mesmo sentido em que a morte e a eternidade estão sempre próximas. É obviamente um julgamento solene, público e geral, no qual os vivos e os mortos estavam juntos para responder por si mesmos perante o tribunal de Deus. Essa aproximação do juízo decorre naturalmente da aproximação da Parousia, que é tão claramente indicada no capítulo 1, versículo 5. Tudo o que foi afirmado a respeito daquela passagem aplica-se com igual força a esta; ἑτοίμως ἔχοντι = "que está pronto para julgar", é uma expressão mais forte do que μέλλοντι, e de modo algum pode referir-se a qualquer coisa senão a um evento quase imediato.

Não menos decisiva é a declaração no versículo 7: "O fim de todas as coisas está *próximo*." Seja qual for o significado desse fim, é certo que o apóstolo o concebe como iminente, pois o apresenta como um motivo para vigilância e oração. Para compreender toda a força da exortação, devemos colocar-nos na situação daqueles cristãos apostólicos. À medida

que, ano após ano, diminuía a distância para o desaparecimento da geração que viu e rejeitou o Filho do Homem, a expectativa da chegada da grande consumação predita deve ter-se tornado cada vez mais vívida na mente dos crentes. Quais eram suas concepções quanto à natureza e à extensão dessa consumação, se imaginavam que ela envolveria a dissolução de toda a estrutura e constituição do mundo material ou não, não nos compete determinar. O que nos importa não são as opiniões pessoais dos apóstolos, mas suas declarações públicas. E o fato de que a consumação designada por nosso Senhor como "o fim" e "o fim do æon" estava rapidamente se aproximando não é um ponto em debate, mas um artigo de fé, envolvendo a veracidade de todas as suas reivindicações. Não pode haver dúvida de que, em um sentido judaico ou religioso, isto é, no que diz respeito à ordem nacional e ao sistema eclesiástico do judaísmo, "o fim de todas as coisas estava próximo". Tudo o que se encontrava diante do olhar do nosso Senhor enquanto Ele estava sentado no monte das Oliveiras caminhava velozmente para a destruição. Esta é a chave para o sentido da afirmação de São Pedro na passagem, e fornece a única explicação que é, ao mesmo tempo, defensável e escriturística.

Citamos, com plena satisfação e aprovação, as observações de um expositor criterioso sobre a passagem diante de nós:

"Depois de alguma deliberação, fui levado a adotar a opinião daqueles que sustentam que 'o fim de todas as coisas' aqui é o fim total e definitivo da economia judaica, na destruição da cidade e do templo de Jerusalém, e na dispersão do povo santo. Isso estava próximo; pois esta epístola parece ter sido escrita muito pouco tempo antes de esses eventos ocorrerem, não improvavelmente após o começo das 'guerras e rumores de guerras' de que nosso Senhor falou. Essa interpretação não parecerá estranha a quem ponderou cuidadosamente os termos nos quais nosso Senhor predisse esses eventos, e a estreita relação que o cumprimento dessas predições tinha com os interesses e deveres dos cristãos, tanto na Judeia quanto em países gentios.

É bastante claro que, nas predições de nosso Senhor, as expressões 'o fim' e, provavelmente, 'o fim do mundo', são usadas com referência à dissolução completa da economia judaica. Os acontecimentos daquele período foram preditos com grande minúcia, e nosso Senhor afirmou distintamente que a geração então existente não passaria até que todas as coisas referentes 'a esse fim' se cumprissem. Esse seria um tempo de sofrimento para todos; de provação, severa provação, para os seguidores de Cristo; de terrível juízo sobre Seus opositores judeus; e de glorioso triunfo para a Sua

religião. A esse período há repetidas referências nas epístolas apostólicas. 'Conhecendo o tempo', diz o apóstolo Paulo, 'que já é hora de despertarmos do sono, porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando cremos. A noite está adiantada, o dia está próximo.' 'Sede pacientes', diz o apóstolo Tiago; 'fortalecei os vossos corações, porque a vinda do Senhor está próxima... o Juiz está à porta.' As predições do nosso Senhor deviam ser muito familiares à mente dos cristãos quando esta epístola foi escrita. Eles deviam estar olhando adiante com admiração e alegria, temor e esperança, para o seu cumprimento, 'esperando pelas coisas que haviam de sobrevir à terra.' E era particularmente natural que Pedro se referisse a esses eventos, e o fizesse com palavras semelhantes às usadas por nosso Senhor, pois ele foi um dos discípulos que, sentado com o Mestre diante da vista plena da cidade e do templo, ouviu essas predições serem proferidas.

Os cristãos que habitavam a Judeia tinham um interesse especial nessas predições e no seu cumprimento. Mas todos os cristãos tinham profundo interesse nelas. Os cristãos das regiões onde residiam aqueles a quem Pedro escreveu eram, em grande parte, judeus convertidos. Como cristãos, tinham motivos para se alegrar na perspectiva do cumprimento das predições, pois isso confirmaria grandemente a verdade do cristianismo e removeria alguns dos maiores obstáculos ao seu progresso, como as perseguições dos judeus e a confusão, por parte dos gentios, entre cristianismo e judaísmo, sendo os cristãos vistos como uma seita judaica. Mas, ao mesmo tempo em que se alegravam, tinham razões para 'alegrar-se com tremor', pois seu Senhor deixara claro que aquele seria um tempo de severa provação para Seus amigos, bem como de terrível vingança contra Seus inimigos. 'O fim de todas as coisas', que estava próximo, parece ser a mesma coisa que o juízo dos vivos e dos mortos, que o Senhor estava pronto para iniciar, o juízo cujo tempo havia chegado, que devia começar pela casa de Deus e depois ser plenamente executado sobre os que não obedeciam ao evangelho de Deus, os judeus incrédulos; juízo em que o justo seria 'dificilmente salvo' e o ímpio e pecador seriam terrivelmente punidos.

A contemplação de tais eventos como iminentes era inteiramente adequada para servir como motivo à sobriedade e vigilância para a oração. Estas eram exatamente as disposições e exercícios espirituais exigidos em tais circunstâncias, e são justamente as disposições e ocupações requeridas por nosso Senhor quando Ele fala daqueles dias de provação e ira: 'Acautelai-vos', diz Ele, 'para que nunca aconteça que o vosso coração se sobrecarregue com orgias, embriaguez e as preocupações desta vida, e aquele dia venha sobre vós de repente; pois como um laço virá sobre todos os que habitam na terra. Vigiai, pois, e orai sempre, para que sejais considerados dignos de escapar de todas essas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do Homem.' É difícil acreditar que o apóstolo não tivesse essas mesmas palavras em mente quando escreveu a passagem que agora temos diante de nós." - Expository Discourses on 1 Peter, Dr. John Brown, Edimburgo, vol. II, pp. 292–294.

AS BOAS NOVAS ANUNCIADAS AOS MORTOS.

1 Pedro 4:6: "Pois, para esse fim foi o evangelho também pregado aos mortos [καὶ νεκροῖς εὐηγγελίσθη], para que fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito".

Talvez a passagem citada acima dificilmente possa ser considerada como realmente dentro do escopo desta discussão, já que não parece ter relação direta com o tempo da Parousia; e sua extrema dificuldade poderia ser uma boa razão para evitar por completo o seu exame. Contudo, como ela evidentemente pertence à escatologia do Novo Testamento, e como não temos o direito de considerá-la como insolúvel, parece melhor não deixá-la passar em silêncio.

Há pouca dúvida de que o presente texto seja de uma classe de passagens difíceis que, embora obscuras para nós, era inteligíveis e fáceis para os leitores originais das epístolas. (Veja 1 Coríntios 11:10, 15:29) Uma alusão passageira pode trazer toda uma linha de pensamento em suas mentes, para que eles compreendam facilmente o que irremediavelmente nos embaraça. Paley, em sua Horae Paulinae, cap. x. No. 1, anuncia essa dificuldade em uma correspondência real que está nas mãos de terceiros.

O escopo geral do argumento é suficientemente claro. O apóstolo inicia o capítulo conclamando os discípulos sofredores e perseguidos a imitarem o exemplo de seu Senhor, outrora sofredor, mas agora vitorioso: "Armai-vos do mesmo propósito", isto é, sofrei como Ele sofreu, até a morte, se necessário for. Nos versículos seguintes, ele alude à vida ímpia e sensual que antes levavam, e à ofensa que a mudança para a pureza do comportamento cristão causava aos seus vizinhos pagãos (versos 2, 3, 4). Esse protesto silencioso, porém vivo, contra a imoralidade do paganismo parece ter sido uma das causas da antipatia geral contra o Evangelho, antipatia que se manifestava em imputações caluniosas contra os cristãos inocentes, "falando mal de vós" (βλασφημοῦντες). Mas esses caluniadores e perseguidores logo seriam chamados a prestar contas Àquele que estava prestes a julgar tanto os vivos quanto os mortos (verso 5).

Será encontrado muito importante manter em mente essa abertura do argumento do apóstolo, pois ela conduz diretamente à declaração do versículo 6.

Vejamos agora essa declaração: "Pois, para esse fim o evangelho foi também pregado aos mortos, para que fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito."

Pode-se verdadeiramente dizer que aqui há tantas dificuldades quanto palavras. Quando, onde e por quem o Evangelho foi pregado aos mortos? Quem eram os mortos a quem o Evangelho foi pregado? Por que foi ele pregado a eles? Como poderiam os mortos ser julgados segundo os homens na carne? Como poderiam viver segundo Deus em espírito? E como a pregação do Evangelho aos mortos poderia produzir esse resultado, "que eles vivessem segundo Deus em espírito"?

Não serviria a nenhum propósito útil passar em revista a multidão de explicações dessa passagem obscura apresentadas por diferentes comentaristas. Que baste considerar uma ou duas das mais plausíveis.

À pergunta: Quem eram os mortos a quem se diz que o Evangelho foi pregado? alguns julgam suficiente responder: São aqueles que, *agora* mortos, estavam vivos na carne quando o Evangelho lhes foi pregado. Essa seria uma solução fácil, se fosse permitido interpretar assim as palavras do apóstolo. Mas há uma objeção fatal a essa explicação: ela faz o apóstolo afirmar um fato muito simples e óbvio de um modo inexplicavelmente obscuro e ambíguo. As próprias palavras rejeitam essa explicação. Alford não fala forte demais quando diz:

"Se καὶ νεκροῖς εὐηγγελίσθη pode significar 'o evangelho foi pregado a alguns durante sua vida, que agora estão mortos', então a exegese já não tem qualquer regra fixa, e a Escritura pode ser forçada a provar qualquer coisa".[1]

Outros supõem que os "mortos" do versículo 6 devem ser entendidos como espiritualmente mortos; mas há duas objeções intransponíveis a isso: primeiro, isso não distingue uma classe particular, pois todos os homens estão espiritualmente mortos quando o Evangelho lhes é inicialmente pregado; e, segundo, essa interpretação atribui à palavra νεκροί ("os mortos") no versículo 6 um significado diferente do

[1] Greek Testament, *in loc.*

mesmo termo no versículo 5, "os vivos e os mortos". Segundo essa interpretação, a palavra "mortos" é usada no sentido literal no versículo 5, e no sentido moral/espiritual no versículo 6. Mas, como Alford diz com justiça:

"Todas as interpretações são falsas se não dão a νεκροῖς, no versículo 6, o mesmo sentido que νεκρούς no versículo 5, *isto é*, o de *homens mortos*, literal e simplesmente assim chamados; homens que morreram e estão em suas sepulturas".[1]

Mas provavelmente a opinião mais comum é que o apóstolo aqui alude novamente à pregação de Cristo aos espíritos em prisão, referida em 1 Pedro 3:19-20; e, à primeira vista, essa parece ser a explicação mais natural. Aquela, sem dúvida, foi uma pregação do Evangelho aos mortos, e também a uma classe particular de mortos, os antediluvianos que anteriormente foram desobedientes nos dias de Noé e que foram alcançados pelo juízo de Deus.

Mas, quando examinamos mais de perto a declaração do apóstolo, percebemos que essa aplicação de suas palavras de modo algum se ajusta às pessoas designadas como "os espíritos em prisão". Como poderiam os antediluvianos ser descritos como tendo sido "julgados segundo os homens na carne"? Eles pereceram pela visitação de Deus, e não pelo julgamento ou ato de homens; e parece evidente que a cláusula seguinte, "para que vivam segundo Deus em espírito", implica a reversão da condenação humana que havia sido pronunciada sobre os mortos enquanto ainda estavam no corpo.

Nenhuma das explicações comuns, portanto, parece atender às exigências do caso. Essas exigências são: encontrar uma classe de mortos a quem o Evangelho foi pregado após sua morte; que foram condenados à morte quando estavam na carne pelo julgamento dos homens; mas que estão destinados a viver no espírito segundo o julgamento de Deus, e isso em consequência da pregação do Evangelho a eles depois da morte.

Concluímos imediatamente que essa classe específica, julgada ou condenada pelo juízo humano, deve referir-se aos *discípulos perseguidos* de Cristo. É acerca de tais pessoas, e somente delas, que o apóstolo está falando, como é evidente pelos versículos iniciais do capítulo. Seria

---

[1] Greek Testament, *in loc.*

perfeitamente apropriado dizer de tais pessoas que, embora (injustamente) condenadas pelos homens, seriam vindicadas por Deus. Também é apropriado dizer delas (especialmente se *mártires da fé*) que elas "sofreram na carne", foram mortas pelo juízo humano, mas foram vivificadas no espírito, ou quanto aos seus espíritos, e isso segundo Deus, ou pelo juízo divino. Mas ainda permanece a formidável dificuldade apresentada pelas palavras: "o evangelho foi pregado aos mortos". Não temos no Novo Testamento qualquer relato de tal pregação a mártires cristãos depois de sua morte. Mas somos necessariamente obrigados a dar esse sentido à palavra εὐηγγελίσθη? É aqui, cremos, que se encontrará a chave para a verdadeira explicação desta passagem; e é a interpretação equivocada dessa palavra que extraviou os comentaristas. Embora seja muito comumente usada no sentido técnico de "pregar o Evangelho", este não é de modo algum o seu uso invariável no Novo Testamento. A palavra é empregada para significar o anúncio de qualquer boa notícia, e não exclusivamente as boas-novas do Evangelho. Assim, em Hebreus 4:2, traduzido de modo impróprio em nossa Versão Autorizada ("a nós foi pregado o evangelho, assim como a eles"), não há qualquer alusão à pregação do Evangelho em seu sentido técnico, mas simplesmente ao fato de que "a nós, assim como aos antigos israelitas, *boas notícias* foram trazidas" [ἐσμεν εὐηγγελισμένοι], sendo em ambos os casos a boa notícia a promessa de entrar no descanso de Deus. De modo ainda mais geral, a palavra é usada para indicar qualquer informação agradável, como em 1 Tessalonicenses 3:6: "quando Timóteo *nos trouxe boas notícias* acerca da vossa fé" [εὐαγγελισαμένου ἡμῖν]. Também em Apocalipse 10:7: "como ele declarou [εὐηγγέλισεν = fez uma declaração consoladora] aos seus servos, os profetas. (Veja também Gálatas 3:8)

Mas a pergunta ainda retorna: onde encontramos, no Novo Testamento, qualquer alusão a tais boas notícias, informação agradável ou declarações consoladoras feitas a algum confessor ou mártir cristão depois de sua morte? O apóstolo parece falar de algum fato familiarmente conhecido pelas pessoas a quem escreveu, e do qual ele precisava apenas aludir para que elas imediatamente reconhecessem seu significado. Ora, de fato temos uma representação histórica no Novo Testamento em que encontramos todas essas circunstâncias presentes.

Temos uma cena descrita na qual mártires cristãos, que haviam sido condenados e mortos na carne pelo juízo humano, apelam à justiça de Deus contra seus perseguidores, e uma declaração consoladora lhes é trazida, após sua morte, dando-lhes a certeza de uma vindicação rápida e de uma gloriosa recompensa celestial.

Referimo-nos, é claro, à notável representação dada no Apocalipse das almas dos mártires debaixo do altar, apelando a Deus pela vindicação de sua causa contra seus perseguidores e assassinos, "os que habitam na terra", e que é descrita em Apocalipse 6:9–11 da seguinte forma:

"E, quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que haviam sido mortos por causa da palavra de Deus e pelo testemunho que mantinham; e clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue daqueles que habitam sobre a Terra [a terra]? E foi dada a cada um deles uma veste branca; e foi-lhes dito [ἐῤῥέθη = foi-lhes anunciado] que repousassem ainda por pouco tempo, até que se completasse o número de seus conservos e de seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram".

Isso parece satisfazer exatamente todas as exigências do caso. Aqui encontramos os νεκροὶ, os mortos cristãos; eles foram julgados ou condenados na carne, pelo julgamento humano, ou "segundo os homens"; foram mortos "por causa da palavra de Deus e pelo testemunho que mantinham". Encontramos uma declaração consoladora feita a eles em seu estado desencarnado, e temos a lacuna da epístola preenchida pela visão apocalíptica, pois somos informados do motivo que levou a que esse εὐαγγέλιον lhes fosse anunciado: eles recebem a certeza de que, dentro de pouco tempo, sua causa seria vindicada, segundo sua oração; enquanto isso, "uma veste branca", símbolo de pureza e vitória, "é dada a cada um deles", o que equivale, com toda certeza, a serem justificados pelo juízo divino.

Mas essa correspondência, por mais impressionante que seja, não é tudo; a declaração do apóstolo é elucidada não apenas pelo Apocalipse, mas também pelo evangelho. A maioria dos comentaristas já observou a relação evidente entre a cena das almas dos mártires sob o altar, na visão apocalíptica, e a notável parábola de nosso Senhor em Lucas 18. Mas, até onde observamos, nenhum percebeu a verdadeira analogia entre a parábola e a visão. Nos versículos 7 e 8 desse capítulo encontramos a moral da parábola: "E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que

clamam a Ele dia e noite, embora pareça demorar em defendê-los? Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Todavia, quando o Filho do homem vier, achará fé na Terra [na terra]?" A parábola e a visão são, de fato, contrapontos uma da outra, e ambas servem para explicar o trecho desta epístola de Pedro. Assim como no Apocalipse, na parábola encontramos todos os elementos da declaração apostólica: discípulos cristãos sofrendo injustamente; condenados na carne pelo julgamento humano; apelando a Deus para julgar sua causa; recebendo a promessa de rápida vindicação por parte de Deus, e encontramos no evangelho um elemento adicional que produz uma correspondência ainda mais perfeita com a epístola: a sugestão evidente de que essa vindicação ocorreria na Parousia, "quando o Filho do homem vier".[1]

Por fim, podemos indicar a íntima relação entre a declaração do apóstolo, assim interpretada, e o argumento que ele está desenvolvendo. Era apropriado assegurar aos crentes perseguidos que sua causa estava segura nas mãos de Deus; que, mesmo se chamados a sofrer até o sangue e até a morte pelo julgamento injusto dos homens, Deus os vindicaria rapidamente, pois estava prestes a convocar seus perseguidores ao Seu tribunal. Essa era a lição da parábola da viúva importuna e, talvez ainda mais, da visão das almas dos mártires debaixo do altar, à qual a linguagem do apóstolo parece aludir mais particularmente, "*Pois para esse fim uma declaração consoladora foi trazida até mesmo aos mortos, que, embora tivessem sido condenados na carne pelo julgamento injusto dos homens, ainda*

[1] Pode-se talvez objetar que, se a declaração do apóstolo tivesse referência à parábola de Lucas 18 ou à visão de Apocalipse 6, esperaríamos encontrar na epístola a afirmação: "Por esta causa a declaração consoladora foi feita aos mortos, para que, *embora* condenados na carne pelo julgamento humano, ainda assim...". Isso é sem dúvida exato; mas Steiger aponta que essa é precisamente a força da construção como ela está. Esse perspicaz gramático, sem qualquer referência à interpretação que apresentamos, observa: "Toda a construção deve ser entendida como se fosse ἵνα κριθέντες μὲν [isto é, 'para que, *embora* tenham sido condenados' etc.]". E acrescenta, com fina discriminação: "κριθῶσι marca o julgamento como passado; ζῶσι, o viver como presente e contínuo. Essa mudança do particípio para um verbo finito apenas coloca os dois atos mais distantes entre si, enquanto confere ao primeiro maior substancialidade." (Steiger on 1 Peter, vol. ii. p. 260, Biblical Cabinet, No. xiv.)

assim desfrutariam, quanto ao espírito, da vida eterna segundo o justo julgamento de Deus."

Essa interpretação supõe que o Apocalipse tenha sido escrito e amplamente circulado antes da destruição de Jerusalém. É um reflexo pouco honroso sobre a acuidade crítica de muitos eminentes comentaristas ingleses que por tanto tempo tenham apoiado-se na frágil cana da tradição quanto à data do Apocalipse. As evidências internas do livro deveriam ter impedido qualquer possibilidade de serem enganados pela autoridade de Irineu. Mas devemos reservar comentários adicionais sobre esse assunto para quando chegarmos à consideração do Apocalipse.

A PROVA DE FOGO E A GLÓRIA VINDOURA.

1 Pedro 4:12, 13: "Amados, não estranheis a prova ardente que está ocorrendo entre vós para vos testar, como se algo extraordinário estivesse acontecendo convosco; mas alegrai-vos, na medida em que sois participantes dos sofrimentos de Cristo, para que, quando a sua glória for revelada, também vos alegreis com grande júbilo".

Essas palavras indicam claramente que os cristãos, em toda parte, estavam naquele momento passando por uma severa peneira e prova, "uma provação ardente". E não apenas uma provação ardente, mas a provação, há muito predita e esperada, isto é, a grande tribulação que devia preceder a Parousia. Os apóstolos advertiram os discípulos de que eles "devem, através de muitas tribulações, entrar no reino de Deus." (Atos 14 22) Eles próprios haviam sido ensinados assim pelo próprio Senhor, especialmente em Seu discurso profético.

A tribulação predita evidentemente havia começado; eles estavam realmente passando pelo fogo. É impossível, aqui, não ser lembrado das palavras de São Paulo, "o será revelado pelo fogo; e o fogo provará a obra de cada um, de que espécie é". (1 Coríntios 3:13)[1] É altamente provável que a feroz perseguição sob Nero estivesse em fúria neste momento, e

[1] Há uma notável semelhança na linguagem do apóstolo com as palavras do profeta Malaquias, ao descrever a vinda do Senhor ao Seu templo: "Ele é como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros; e assentar-se-á como um ourives e purificador de prata", etc. (Malaquias 3:2, 3) A palavra πύρωσις, no versículo 12, refere-se ao processo de fundição ou purificação de metais. (Veja Alford, Greek Testament, *in loc.*; Dr. John Brown, On 1 Peter, vol. ii, p. 333.)

temos boa autoridade para crer que ela se estendeu além de Roma para as províncias do Império.

Outra indicação temporal encontra-se no verso 13, "para que, quando a sua glória for revelada". A Parousia é sempre representada como trazendo alívio da perseguição e recompensa ao povo sofredor de Deus. Já vimos que a glória estava "pronta para ser revelada", e encontraremos a mesma certeza repetida em 1 Pedro 5:1.

O TEMPO DO JULGAMENTO CHEGOU.

1 Pedro 4:17-19: "Pois já é tempo de começar o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus? E, se o justo dificilmente se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador? Portanto, os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem-lhe as suas almas, como ao fiel Criador, fazendo o bem".

É digno de nota quão diferente é o tom de São Pedro, ao falar do dia do Senhor, daquele de São Paulo na Segunda Epístola aos Tessalonicenses. Aquele dia, que São Paulo afirma não ter ainda chegado, e que não poderia vir até que primeiro surgisse a apostasia, é declarado por São Pedro como já vindo. A catástrofe agora era iminente. "Deus estava pronto para julgar os vivos e os mortos"; "o tempo havia chegado para o julgamento começar". O significado dessas palavras se torna evidente quando consideramos que esta epístola foi escrita muito próxima ao início da guerra judaica, se não já após seu efetivo começo.

Que este é "o julgamento que deve começar pela casa de Deus" dificilmente pode ser questionado. Há uma clara alusão, na linguagem do apóstolo, à visão vista pelo profeta Ezequiel (Ezequiel 9). O profeta vê um grupo de homens armados comissionados a percorrer a cidade (Jerusalém) e matar todos, jovens ou velhos, que não tivessem o selo de Deus sobre a fronte. Os ministros da vingança recebem ordem de iniciar o julgamento pela casa de Deus, "Começai pelo meu santuário." O apóstolo vê essa visão prestes a ser cumprida na realidade. O julgamento deve começar pela Casa de Deus, e o tempo chegou. Pode ser discutido se, por "a casa de Deus", o apóstolo pretende o templo de Jerusalém, como sugeriria a profecia de Ezequiel, ou a casa espiritual de Deus, a igreja cristã. Pode ser que ambas as ideias estivessem presentes em sua mente, o que é perfeitamente plausível, pois ambas estavam sendo

verificadas naquele momento. A perseguição contra a igreja de Cristo já havia começado, como testemunha a epístola, e o círculo de sangue e fogo estreitava-se ao redor da cidade e do templo condenados de Jerusalém.

É perfeitamente claro que tudo isso é dito com referência a um acontecimento específico e iminente, uma catástrofe prestes a ocorrer; e não há outra explicação possível além daquela que jaz visível e palpável na página da história, o julgamento da nação da aliança culpada, com a destruição da casa de Deus e a dissolução da economia judaica.

As observações seguintes do Dr. John Brown expressam bem o sentido desta passagem:

"Parece haver aqui uma referência a um julgamento ou provação particular que os cristãos primitivos tinham razão para esperar. Quando consideramos que esta epístola foi escrita pouco tempo antes do início daquela cena terrível de julgamento que terminou na destruição da ordem eclesiástica e civil dos judeus, e que nosso Senhor havia predito tão minuciosamente, dificilmente podemos duvidar da referência presente na expressão do apóstolo. Depois de especificar guerras e rumores de guerras, fomes, pestes e terremotos como sintomas do 'princípio das dores', nosso Senhor acrescenta: 'Então vos hão de entregar para serdes aflitos, e vos matarão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome.' 'Eles vos entregarão aos sinédrios e às sinagogas, e vos açoitarão,' etc. (Mateus 24:9-13, 22).

Este é *o* julgamento que, embora recaindo com maior peso sobre a Terra Santa, manifestamente se estenderia a todo lugar onde judeus e cristãos fossem encontrados, 'pois onde estivesse o cadáver, ali se ajuntariam as águias"; julgamento que deveria começar pela casa de Deus, e que seria tão severo que 'o justo dificilmente', *isto é*, não sem dificuldade, 'seria salvo'. Somente os que suportassem a provação seriam salvos, e muitos não a suportariam. Todos os verdadeiramente justos seriam salvos; mas muitos que pareciam justos não perseverariam até o fim, e assim não seriam salvos, etc. Alguns supuseram que a referência fosse à perseguição neroniana, que antecedeu por alguns anos as calamidades ligadas às guerras judaicas e à destruição de Jerusalém." - Dr. John Brown, On 1 Peter, vol. ii, p. 357.

A GLÓRIA PRESTES A SER REVELADA.

1 Pedro 5:1: "Aos presbíteros que estão entre vós, exorto eu, que sou também presbítero e testemunha dos sofrimentos de Cristo, e participante da glória prestes a ser revelada".

1 Pedro 5:4: "E, quando o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a coroa incorruptível de glória".

Tudo neste capítulo indica a *proximidade* da consumação. Este é o motivo para cada dever: fidelidade, humildade, vigilância, perseverança. A glória está *prestes* a ser revelada [τῆς μελλούσης ἀποκαλύπτεσθαι δόξης]; a coroa incorruptível será recebida pelos fiéis subpastores quando o Supremo Pastor se manifestar; os sofrimentos da igreja perseguida durarão apenas "*por um pouco*" (v. 10). Tudo sugere uma grande e feliz consumação à beira de se cumprir. Acaso o apóstolo falaria de uma esperada coroa de glória como incentivo à fidelidade presente se ela dependesse de um evento incerto e possivelmente muito distante? Contudo, se o Supremo Pastor ainda não se manifestou, a coroa de glória ainda não foi recebida. Está perfeitamente claro que, na perspectiva do apóstolo, a revelação da glória, a manifestação do Supremo Pastor, a recepção da coroa incorruptível e o fim dos sofrimentos estavam todos no futuro imediato. Se ele estava enganado nisso, é confiável em alguma outra coisa?

Sobre esta passagem (verso 11), Alford observa:

"Não ficaria claro somente a partir desta passagem se São Pedro considerava provável que a vinda do Senhor ocorresse na vida desses seus leitores ou não; mas, interpretada pela analogia de suas outras expressões sobre o mesmo assunto, pareceria que sim". [1]

Sem dúvida ele cria assim; e também São Paulo, e São Tiago, e São João, e toda a igreja apostólica; e criam nisso com base na mais alta autoridade: a palavra de seu divino Mestre e Senhor.[2]

A PAROUSIA NA SEGUNDA EPÍSTOLA DE SÃO PEDRO.

Não faz parte de nosso propósito discutir as questões difíceis e ainda não resolvidas a respeito da genuinidade e da autenticidade da Segunda Epístola de Pedro, bem como o problema não solucionado do segundo capítulo. Poderíamos talvez, em vista das dificuldades que ela apresenta em seu ensino escatológico, recusar sua autoridade; mas a aceitamos tal como está, crendo honestamente que ela carrega indubitáveis evidências internas de origem apostólica. Parece ter sido escrita não muito tempo

[1] Greek Testament, *in loc.*

[2] Para a discussão da pergunta "O que é a Babilônia de 1 Pedro 5:13?" ver Nota B da Parte III.

após a primeira epístola, e muito pouco antes da morte do apóstolo. (2 Pedro 1:14) Alford sugere conjecturalmente a data de 68 d.C.

ESCARNECEDORES DOS "ÚLTIMOS DIAS".

2 Pedro 3:3, 4: "Sabendo primeiramente isto: que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais adormeceram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação".

Os *escarnecedores* mencionados nesta passagem são, sem dúvida, os mesmos cuja caracterização é descrita no capítulo precedente. A incredulidade quanto às promessas e ameaças de Deus, especialmente quanto à Sua vinda para o juízo, é a marca desses homens perversos dos "últimos tempos". Esta descrição desses incrédulos nos lembra a predição de nosso Senhor com referência ao mesmo período: "Quando, porém, vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?" (Lucas 18:8) É digno de nota também que o apóstolo, ao responder ao argumento deles extraído da estabilidade da criação, remete à catástrofe do dilúvio como ilustração do poder de Deus para destruir os ímpios, a mesma ilustração empregada por nosso Senhor ao se referir ao estado das coisas na Parousia. (Mateus 24:37-39)

Não devemos esquecer que São Pedro está falando, não de uma catástrofe distante, mas iminente. Os "últimos dias" eram os dias então presentes (1 Pedro 1:5, 20), e os escarnecedores são mencionados como já existentes (2 Pedro 3:5), "Isto eles voluntariamente ignoram", etc.

A ESCATOLOGIA DE SÃO PEDRO.

2 Pedro 3:7-10: "Mas os céus e a terra que agora existem, pela mesma palavra estão guardados como tesouro, reservados para o fogo, para o dia do juízo e da perdição dos homens ímpios... Mas o dia do Senhor virá como ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se dissolverão, e a terra, e as obras que nela há, serão queimadas. Visto, pois, que todas essas coisas hão de ser dissolvidas, que pessoas vos convém ser, em toda santa maneira de viver e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, no qual os céus, em fogo, se dissolverão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Nós, porém, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça".

A imagem empregada aqui pelo apóstolo naturalmente sugere a ideia da dissolução total, pelo fogo, de toda a substância e estrutura da criação material, não somente da terra, mas do sistema ao qual ela pertence; e essa, sem dúvida, é a noção popular da consumação final que se espera que encerre a ordem presente das coisas. Um pouco de reflexão, porém, e um conhecimento mais adequado da linguagem simbólica da profecia serão suficientes para modificar tal conclusão e conduzir a uma interpretação mais coerente com a analogia de descrições semelhantes nos escritos proféticos. Primeiro, é evidente, à primeira vista, que essa conflagração universal, por assim chamá-la, era considerada pelo apóstolo como prestes a acontecer, "O fim de todas as coisas está próximo." (1 Pedro 4:7) A consumação estava tão próxima que é descrita como um evento a ser "aguardado e apressado." (v.12) Segue-se, portanto, que não podia tratar-se da destruição literal ou dissolução do globo e do universo criado sobre a qual o espírito de profecia fala aqui. Mas que havia, no momento em que esta epístola foi escrita, uma catástrofe terrível e quase imediata iminente; que o "dia do Senhor", há muito predito, estava realmente às portas; que esse dia veio, tanto *rapidamente* quanto de modo *súbito*; que veio "como ladrão de noite"; que um dilúvio de fogo, de ira e juízo, submergiu a terra culpada e a nação de Israel, destruindo e dissolvendo suas coisas terrenas e suas coisas celestiais, isto é, suas instituições temporais e espirituais, é um fato indelevelmente impresso na página da história. O tempo para o cumprimento dessas predições havia chegado, e quando o apóstolo escreveu, era para declarar que aquele era o "último tempo", e os próprios escárnios dos zombadores confirmavam o fato. Somos, portanto, conduzidos à conclusão inevitável de que era a catástrofe final da Judeia e de Jerusalém, predita por nosso Senhor em Sua profecia no Monte das Oliveiras e tão frequentemente mencionada pelos apóstolos, o que São Pedro alude na linguagem simbólica que parece implicar a dissolução do universo material.

Em segundo lugar, devemos interpretar esses símbolos de acordo com a analogia da Escritura. A linguagem da profecia é a linguagem da poesia e não deve ser tomada em sentido estritamente literal. Felizmente não faltam descrições paralelas nos antigos profetas, e dificilmente há uma figura usada aqui por São Pedro que não possa ser encontrada no

Antigo Testamento, fornecendo-nos assim a chave para o significado de símbolos semelhantes no Novo.[1]

CERTEZA DA PROXIMIDADE DA CONSUMAÇÃO.

2 Pedro 3:8, 9: "Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia, para o Senhor, é como mil anos, e mil anos, como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, mas que todos venham ao arrependimento".

Poucas passagens sofreram mais deturpação do que esta, que tem sido forçada a expressar um sentido incompatível com sua intenção evidente e até mesmo incompatível com um rigoroso respeito pela veracidade.

Provavelmente há aqui uma alusão às palavras do salmista, nas quais ele contrasta a brevidade da vida humana com a eternidade da existência divina: "Mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem, que passou." (Salmos 90:4) É um pensamento grandioso e impressionante, e está perfeitamente em harmonia com o sentimento do apóstolo: "Um dia é para o Senhor como mil anos". Mas certamente seria o cúmulo do absurdo tomar essa sublime imagem poética como um cálculo para a medição divina do tempo, ou como autorização para ignorar completamente as referências temporais existentes nas predições e promessas de Deus.

Contudo, não é incomum citar essas palavras como argumento ou desculpa para a total desconsideração do elemento temporal nos escritos proféticos. Mesmo em casos em que um tempo definido é especificado na predição, ou em que expressões como "*em breve*", "*rapidamente*", ou "*próximo*" são utilizadas, a passagem diante de nós é invocada para justificar um tratamento arbitrário dessas indicações temporais, de modo que em *breve* possa significar *tarde*, *próximo* possa significar *distante*, *curto* possa significar *longo*, e *vice-versa*. Quando se aponta que certas predições devem, conforme seus próprios termos, ser cumpridas dentro de um período limitado, a resposta é: "Um dia é como mil anos, e mil anos como um dia." Assim, encontramos um crítico eminente comprometendo-se com declarações como esta: "Os apóstolos, na maior

[1] Ver nota C. Parte II.

parte, escreveram e falaram da [Parousia] como *prestes a aparecer*, não, contudo, sem muitas e suficientes pistas de um intervalo, e não um intervalo curto, a transcorrer antes." Outro, aludindo à predição de Paulo em 2 Tessalonicenses 2, observa que "ela nos diz que, embora a vinda de nosso Senhor fosse então *próxima*, também era *remota*." Eis alguns exemplos do que passa por exegese em não poucos comentaristas de alta reputação.

Certamente é desnecessário repudiar da maneira mais enfática esse método não natural de interpretar a linguagem da Escritura. Ele é pior do que antigramatical e irracional: é imoral. Sugere que Deus possui dois pesos e duas medidas em Seu trato com os homens, e que, em Seu modo de contar, existe uma ambiguidade e variabilidade que torna impossível saber "qual o tempo que o Espírito de Cristo, nos profetas, indica." Parece insinuar que um dia talvez não signifique um dia, nem mil anos signifiquem mil anos, mas que qualquer um desses possa significar o outro. Se assim fosse, não haveria possibilidade de interpretar a profecia; ela seria privada de toda precisão e até de toda credibilidade; pois é evidente que, se pudesse haver tal ambiguidade e incerteza quanto ao *tempo*, não haveria menor ambiguidade e incerteza quanto a tudo o mais.

As próprias Escrituras, porém, não dão nenhum apoio a tal método de interpretação. A fidelidade é um dos atributos mais frequentemente atribuídos ao "Deus que guarda a aliança", e é precisamente essa fidelidade divina que o apóstolo afirma nesta mesma passagem. À zombaria dos escarnecedores que contestam a fidelidade de Deus e perguntam: "Onde está a promessa de Sua vinda?", ele responde: "O Senhor não retarda a Sua promessa"; Ele "conserva para sempre a Sua verdade". Mas o apóstolo não diz que, quando o Senhor promete algo para hoje, Ele poderia cumprir Sua promessa somente daqui a *mil anos*: *isso seria demora*; isso seria uma quebra de promessa. Ele não diz que, porque Deus é infinito e eterno, portanto Ele calcula com uma aritmética diferente da nossa, ou fala conosco em duplo sentido, ou usa dois pesos e duas medidas em Seu trato com a humanidade. A verdade é exatamente o contrário. Como observa com acerto Hengstenberg:

"Aquele que fala aos homens deve falar de acordo com as concepções humanas, ou então declarar que não o fez".[1]

SUBITANEIDADE DA PAROUSIA.

2 Pedro 3:10: "Mas o dia do Senhor virá como um ladrão [de noite]."

Essa declaração determina com precisão o acontecimento ao qual o apóstolo se refere como "o dia do Senhor". Ele nos é familiar pelas frequentes alusões feitas a ele em outras partes do Novo Testamento. Nosso Senhor havia declarado: "À hora em que não pensais, virá o Filho do homem." Ele advertiu Seus discípulos a vigiar, dizendo: "Se o pai de família soubesse em que vigília havia de vir o ladrão, vigiaria"; dando a entender que Sua própria vinda seria furtiva e inesperada como um ladrão de noite. (Mateus 24:43) São Paulo dissera aos tessalonicenses: "Vós mesmos sabeis perfeitamente que o dia do Senhor virá como ladrão de noite." (1 Tessalonicenses 5:2) E, novamente, São João, no Apocalipse, havia escrito: "Eis que venho como ladrão." (Apocalipse 16:15) Uma vez que as alusões nessas passagens referem-se indubitavelmente à catástrofe iminente da Judeia e de Jerusalém, concluímos que este também é o acontecimento ao qual o apóstolo se refere na passagem diante de nós.

ATITUDE DOS CRISTÃOS PRIMITIVOS EM RELAÇÃO À PAROUSIA.

2 Pedro 3:12: "Aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus."

Que "o dia de Deus", "o dia de Cristo" e "o dia do Senhor" são expressões sinônimas, referindo-se ao mesmo evento, é algo tão evidente que dispensa prova. Aqui encontramos novamente aquilo que tantas vezes já observamos, a atitude de expectativa e aquele senso de proximidade iminente da Parousia que são tão característicos da era apostólica. É incrível supor que tudo isso se baseasse em mero engano, e que toda a igreja cristã, juntamente com os apóstolos e o próprio Fundador divino do Cristianismo, estivesse envolvida em um mesmo erro. As palavras nada significam se uma afirmação como esta puder ser aplicada a algum evento ainda futuro e, talvez, distante; um evento que não pode ser "aguardado", porque não está à vista, nem pode ser "apressado", porque está indefinidamente remoto.

---

[1] Christology, vol. iii. p. 270.

OS NOVOS CÉUS E A NOVA TERRA.[1]

2 Pedro 3:13: "Nós, porém, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça".

A catástrofe prestes a ocorrer seria sucedida por uma nova criação. As dores de morte do velho são as dores de parto do novo. A velha Jerusalém daria lugar à nova Jerusalém; o reino deste mundo, ao reino do nosso Senhor e do Seu Cristo. Pode-se questionar se, ao falar de novos céus e nova terra, o apóstolo se refere a uma nova ordem de coisas aqui entre os homens, ou a um estado celestial santo e perfeito. Também se pode perguntar: a que promessa o apóstolo se refere ao dizer "segundo a sua promessa"? Alford sugere Isaías 65:17: "Porque eis que eu crio novos céus e nova terra", etc., e isso pode ser correto. Mas nos inclinamos a pensar que o apóstolo tem em mente "o novo céu e a nova terra" do Apocalipse, onde encontramos a justiça apresentada como a característica distintiva do novo æon. A nova Jerusalém é a cidade santa, na qual "nunca jamais entrará coisa alguma impura, nem o que pratica abominação e mentira". Não é mais improvável que São Pedro faça referência aos escritos do apóstolo João do que aos escritos do apóstolo Paulo.

PROXIMIDADE DA PAROUSIA UM MOTIVO PARA DILIGÊNCIA.

2 Pedro 3:14: "Por isso, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz".

Essa exortação indica claramente a expectativa da Parousia como próxima. Sua proximidade é um motivo para diligência, uma preparação para encontrar o Senhor. Não é a morte que aqui se antecipa, mas ser encontrado pelo Senhor vigiando, "com os lombos cingidos e as lâmpadas acesas."

CRENTES NÃO DEVEM SER DESENCORAJADOS POR CAUSA DO APARENTE ATRASO DA PAROUSIA.

2 Pedro 3:15: "E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor".

---

[1] Veja Nota D. Parte II.

A aparente longa demora da tão ansiosamente aguardada vinda do Senhor deve ter sido inquietante para os cristãos perseguidos, que ansiavam pela esperada hora de alívio e reparação. Seu clamor subia ao céu: "Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro?" Contudo, essa mesma demora tinha um aspecto gracioso: era "longanimidade", μακροθυμία; não "adiamento", mas "não querer que alguns pereçam". Exatamente de acordo com isso está a parábola de nosso Senhor sobre a viúva importuna, que tem relação direta com esse caso. Ali encontramos a mesma demora na execução do juízo por causa da longanimidade [μακροθυμία] de Deus; a consequente prova da fé e da paciência dos santos; seu apelo ao juízo de Deus por reparação; e a exortação à diligência: "Os homens devem orar sempre e nunca desfalecer." (Lucas 18:1–8)

ALUSÃO DE SÃO PEDRO AO ENSINO DE SÃO PAULO SOBRE A PAROUSIA.

2 Pedro 3:15-16: "Como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada; como igualmente em todas as suas epístolas, falando nelas acerca destas coisas; entre as quais há certas difíceis de entender, que os indoutos e instáveis torcem, como também fazem com as demais Escrituras, para a própria destruição deles".

Essa referência às epístolas de São Paulo sugere várias inferências importantes.

1. Prova a existência e a circulação geral de muitas epístolas escritas por São Paulo.

2. Reconhece sua inspiração e autoridade coordenada com as Escrituras do Antigo Testamento.

3. Observa que São Paulo, em todas as suas epístolas, fala da vinda do Senhor.

4. Especifica uma epístola em particular na qual se faz alusão distinta ao assunto.

5. Reconhece certas dificuldades relacionadas à escatologia do Novo Testamento, e a perversão do ensino apostólico por pessoas ignorantes e instáveis.

Podemos considerar brevemente uma ou duas questões:

1. A qual epístola de São Paulo se faz referência aqui como especialmente relacionada ao tema da Parousia? (v. 15)

Inclino-me a concordar com o Dr. Alford que a referência é às Epístolas aos Tessalonicenses. A única dificuldade está na declaração "*vos* escreveu", pois não há razão para pensar que São Pedro tenha endereçado esta epístola aos tessalonicenses. Mas talvez a expressão não queira dizer mais do que isto: que todas as epístolas de São Paulo eram propriedade comum da igreja em geral. Caso contrário, as Epístolas aos Tessalonicenses correspondem muito bem a essa descrição de seu conteúdo feita por São Pedro. Nelas encontramos alusões à vinda do Senhor; à súbita manifestação de Sua vinda; à proximidade de Sua vinda; ao livramento e descanso que Sua vinda traria aos discípulos sofredores de Cristo; e ao dever de diligência e vigilância na expectativa do acontecimento.

2. Quais são as "coisas difíceis de entender", seja nas epístolas, seja nos assuntos agora em questão?

Tem sido frequentemente observado que o antecedente adequado de "*as quais*" na segunda cláusula do versículo 16 não é "epístolas", mas "coisas"; ἐν οἷς concordando não com ἐπιστολαῖς, mas com τούτων. Agora, porém, desde a descoberta de Tischendorf do Códice Sinaítico, verifica-se que a leitura dos três MSS (manuscritos) mais antigos é αἷς, e não οἷς, fazendo de "epístolas" o verdadeiro antecedente de "as quais". Entretanto, isso não altera significativamente o sentido, adotemos uma leitura ou outra. É bastante claro que as dificuldades mencionadas por São Pedro estavam nas partes das epístolas paulinas que tratavam da Parousia. Sabemos quanto o tema foi mal compreendido pelos próprios tessalonicenses; e temos abundante experiência desde então comprovando o quanto toda a escatologia do Novo Testamento tem sido "difícil de entender" e tem sido "torcida" por muitos até os dias de hoje. Não é de admirar, portanto, que os cristãos primitivos sentissem grande dificuldade quanto à interpretação correta de muitas declarações proféticas sobre a vinda do Senhor, o fim do æon, a transformação dos vivos, a ressurreição dos mortos, o fim de todas as coisas, etc. Era mais que provável que *alguns* distorcessem e pervertessem o ensino apostólico sobre esses temas, e sabemos, de fato, que o fizeram. Por isso era

necessário exortar os crentes a se acautelarem para não serem "arrastados pelo erro dos ímpios."

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS DE SÃO JOÃO.

A PAROUSIA NA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO JOÃO.

Os comentaristas estão muito divididos quanto às questões de quando, onde, por quem e para quem esta epístola foi escrita. Não há evidência sobre o assunto além daquela que pode ser encontrada na própria epístola, e isso oferece ampla margem para divergência de opinião. Lange, que duvida da autenticidade da epístola, afirma que ela "tem todo o aspecto de ter sido composta antes da destruição de Jerusalém"; e Lücke, que defende sua autenticidade, também é da opinião de "que pode ter sido escrita pouco antes desse evento".[1] Cremos que qualquer mente imparcial ficará convencida, após um estudo cuidadoso das evidências internas, primeiro, de que a epístola é uma produção genuína de São João; e, segundo, de que foi escrita na véspera da destruição de Jerusalém. É impossível deixar de notar o fato, que aparece por toda parte nesta epístola, de que o autor se vê às portas de uma crise solene, para cuja chegada ele exorta seus leitores a se prepararem. Isso está em harmonia com todas as epístolas apostólicas e prova de modo incontestável que seus autores, todos igualmente, partilhavam da crença na aproximação iminente da grande consumação.

O MUNDO ESTÁ PASSANDO: A ÚLTIMA HORA CHEGOU.

1 João 2:17, 18: "E o mundo passa e seus desejos... Filhinhos, é o último tempo" [hora].

No decorrer desta investigação, tivemos frequentemente ocasião de observar como os escritores do Novo Testamento falam sobre "*o fim*" como algo prestes a ocorrer. Também vimos a que essa expressão se refere, não ao término da história humana, nem à dissolução final da criação material, mas ao fim do æon ou dispensação judaica, e à abolição e remoção da ordem de coisas instituída e ordenada pela sabedoria divina sob aquela economia. Essa grande consumação é muitas vezes

[1] Lücke on the Epistles of St. John, Introd. Biblical Cabinet, No. xv.

descrita em linguagem que poderia parecer implicar a destruição total da criação visível. Notavelmente, esse é o caso na Segunda Epístola de São Pedro; e o mesmo também pode ser dito da linguagem profética de nosso Senhor em Mateus 24.

Encontramos a mesma forma simbólica de discurso na passagem agora diante de nós: "o mundo passa" [ὁ κόσμος παράγεται]. Para a percepção do apóstolo, ele já estava "passando"; a mesma expressão usada por São Paulo em 1 Coríntios 7:31, referindo-se ao mesmo evento [παράγει γὰρ τὸ σχῆμα τοῦ κόσμου τούτου], "a aparência deste mundo está passando".[1]

A impressão do apóstolo João quanto à proximidade do "fim" parece, se possível, ainda mais vívida do que a dos outros apóstolos. Talvez, quando escreveu, ele estivesse ainda mais próximo da crise do que eles. Nessa perspectiva, é digno de nota que há uma nítida gradação na linguagem das diferentes epístolas: os últimos *tempos* tornam-se os últimos *dias*, e agora os últimos *dias* tornam-se a última *hora* [ἐσχάτη ὥρα ἐστί]. O período de expectativa e demora estava agora encerrado, e o momento decisivo estava próximo.

O ANTICRISTO CHEGOU, UMA PROVA DE QUE É A ÚLTIMA HORA.

1 João 2:18: "E, como ouvistes que o anticristo vem, também agora muitos anticristos têm surgido; por isso sabemos que é a última hora" [ὥρα].

Nesta passagem, pela primeira vez "o nome temido", o *anticristo*, surge diante de nós. Esse fato, por si só, é suficiente para comprovar a data relativamente tardia da epístola. Aquilo que aparece nas epístolas de São Paulo como uma abstração nebulosa agora tomou forma concreta e surge personificado, "o anticristo".

É certamente notável, considerando o lugar que esse nome ocupou na literatura teológica e eclesiástica, quão pequeno é o espaço que ocupa no Novo Testamento. Exceto nas epístolas de São João, o nome anticristo jamais ocorre nos escritos apostólicos. Mas, embora o *nome* esteja ausente, o *assunto* não é desconhecido. São João evidentemente fala do "anticristo" como uma ideia familiar a seus leitores, um poder cuja

[1] Veja Nota E. Parte II.

vinda era aguardada, e cuja presença era um sinal de que "a última hora" havia chegado. "Ouvistes que o anticristo vem; e agora muitos anticristos têm surgido; por isso sabemos que é a última hora."

Esperamos, então, encontrar vestígios dessa expectativa, predições da vinda do anticristo, em outras partes do Novo Testamento. E não ficamos desapontados. É natural olhar, em primeiro lugar, para o discurso escatológico de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, em busca de alguma indicação desse perigo iminente e do tempo de seu aparecimento. Encontramos naquele discurso menções de "falsos cristos e falsos profetas" (Mateus 24:5, 11, 24), e estamos prontos a concluir que estes devem significar o mesmo poder maligno designado por São João como o anticristo. A semelhança dos nomes favorece essa suposição; e o período de seu aparecimento, às vésperas da catástrofe final, parece elevar a probabilidade quase à certeza.

Há, porém, uma objeção formidável a essa conclusão: os falsos cristos e falsos profetas mencionados por nosso Senhor parecem ser meros impostores judeus, explorando a credulidade de seus seguidores ignorantes, ou entusiastas fanáticos, produto daquele foco ardente de frenesi religioso e político em que Jerusalém se tornou em seus últimos dias. Encontramos esses próprios homens vividamente retratados nas páginas de Josefo, e não podemos reconhecer neles as características do anticristo descrito por São João. Eles eram produto do judaísmo em sua corrupção, e não do cristianismo. Mas o anticristo de São João é manifestamente de origem cristã. Isso é certo pelo testemunho do próprio apóstolo: "Eles saíram de entre nós, mas não eram dos nossos." (v. 19) Isso prova que os opositores anticristãos do Evangelho devem ter professado o cristianismo em algum momento, tornando-se depois apóstatas da fé.

Não se pode dizer que seja impossível que os falsos cristos e falsos profetas dos últimos dias de Jerusalém tenham sido apóstatas do cristianismo; mas não há evidência que demonstre isso nem na profecia de nosso Senhor, nem na história do período.

Por outro lado, nas referências apostólicas à apostasia predita, essa característica de sua origem é nitidamente assinalada. Já vimos como São Paulo, São Pedro e São João concordam todos na descrição do "deserção"

dos últimos dias (veja o Conspecto das passagens relativas à Apostasia). Nem pode haver qualquer dúvida razoável de que os *apóstatas* dos dois primeiros apóstolos são idênticos ao *anticristo* do último. Eles são semelhantes em caráter, em origem e no tempo de seu aparecimento. São inimigos ferrenhos do Evangelho; são apóstatas da fé; pertencem aos últimos dias. Esses sinais de identidade são numerosos e impressionantes demais para serem acidentais; e, portanto, somos justificados em concluir que o anticristo de São João é idêntico à apostasia predita por São Paulo e São Pedro.

O ANTICRISTO NÃO É UMA PESSOA, MAS UM PRINCÍPIO.

1 João 2:18: "Já agora muitos anticristos têm surgido".

Na opinião de alguns comentaristas, o nome "o anticristo" designaria um indivíduo específico, a encarnação e personificação da inimizade contra o Senhor Jesus Cristo; e, como nenhuma tal pessoa apareceu até agora na história, concluíram que sua manifestação ainda é futura, e que o anticristo pessoal deve ser esperado imediatamente antes do "fim do mundo". Essa parece ter sido a opinião do Dr. Alford, que diz:

"De acordo com essa visão, ainda aguardamos que o homem do pecado, no pleno sentido profético, apareça, e isso imediatamente antes da vinda do Senhor".[1]

Há aqui, porém, uma estranha confusão entre coisas inteiramente diferentes, "o homem do pecado" e "a apostasia"; o primeiro, sem dúvida, um *indivíduo*, como já vimos; a segunda, um *princípio* ou *heresia*, manifestando-se em uma multidão de pessoas. É impossível, com esta declaração de São João diante de nós, "Já agora *muitos* anticristos têm surgido", considerar o anticristo como um único indivíduo. É verdade que, em cada indivíduo que sustentava o erro anticristão, o anticristo poderia ser dito estar personificado; mas isso é algo muito diferente de afirmar que o erro está encarnado e corporificado em uma pessoa particular como sua cabeça e representante. A expressão "muitos anticristos" prova que o nome não é a designação exclusiva de nenhum indivíduo.

---

[1] Proleg. to 2 Thess. p. 67.

Mas a interpretação mais comum e popular é aquela que faz o nome anticristo se referir ao papado. Desde a época da Reforma, essa tem sido a hipótese favorita dos comentaristas protestantes; nem é difícil entender por que deveria ter sido assim. Existe uma forte semelhança familiar entre todos os sistemas de superstição e religião corrupta; e sem dúvida muito do sistema papal pode ser designado anticristo; mas é uma coisa muito diferente dizer que o anticristo de São João se destina a descrever o papa ou o sistema papal. Alford rejeita decididamente esta hipótese:

"Não se pode disfarçar", observa ele, tratando justamente desse ponto, "que, em vários aspectos importantes, as exigências proféticas estão muito longe de serem cumpridas. Mencionarei apenas duas, uma subjetiva e outra objetiva. Quanto à característica de 2 Tessalonicenses 2:4 ('o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus', etc.), o papa não cumpre, e nunca cumpriu, a profecia. Concedendo todas as notáveis coincidências com a parte final do versículo, tão abundantemente apresentadas, jamais se poderá demonstrar que ele cumpre a parte inicial, pelo contrário, tão longe está disso que a abjeta adoração e submissão aos λεγόμενοι θεοί e σεβάσματα (tudo o que se chama Deus e é objeto de culto) sempre foi uma de suas peculiaridades mais notáveis. A segunda objeção, de caráter externo e histórico, é ainda mais decisiva. Se o Papado é o anticristo, então sua manifestação já foi feita e perdura há quase 1500 anos, e ainda assim aquele dia do Senhor não veio, dia que, pelos termos de nossa profecia, tal manifestação deve imediatamente preceder".[1]

Mas a linguagem do próprio apóstolo é decisiva contra tal aplicação do nome anticristo. De fato, é difícil entender como uma interpretação assim pôde ganhar força diante de suas próprias declarações explícitas. O anticristo de São João não é uma *pessoa*, nem uma *sucessão de pessoas*, mas uma *doutrina*, uma *heresia*, claramente assinalada e descrita. Mais do que isso, declara-se que ela *já existia e estava manifestada* nos dias do apóstolo: "Já agora muitos anticristos têm surgido"; "este é aquele *espírito do anticristo*, do qual ouvistes que havia de vir; e *agora já está no mundo*." (1 João 2:18; 4:3) Isto deveria ser conclusivo para todos os que se submetem à autoridade da Palavra de Deus. A hipótese de um anticristo encarnado em um indivíduo ainda por vir não tem base na Escritura; é uma ficção da imaginação, e não uma doutrina da Palavra de Deus.

---

[1] Greek Testament, Proleg. to 2 Thess. p. 66.

MARCAS DO ANTICRISTO.

1 João 2:19: "Saíram de nosso meio, mas não eram dos nossos; pois, se tivessem sido dos nossos, certamente teriam permanecido conosco; mas saíram, para que ficasse manifesto que nem todos são dos nossos".

1 João 2:22: "Quem é [o] mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é [o] anticristo: o que nega o Pai e o Filho".

1 João 4:1: "Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos para saber se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora".

1 João 4:3: "Todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não procede de Deus; e este é o espírito do anticristo, do qual tendes ouvido que vem, e, agora, já está no mundo".

2 João 1:7: "Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo afora, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este é [o] enganador e [o] anticristo".

Aqui podemos dizer que temos um retrato completo do anticristo, ou, mais propriamente, da heresia ou apostasia anticristã. Desta descrição fica claramente evidente que:

1. Que o anticristo não era um indivíduo, ou uma pessoa, mas um princípio, ou heresia, manifestando-se em muitos indivíduos.

2. Que o anticristo ou os anticristos eram apóstatas da fé de Cristo (v. 19).

3. Que o erro característico deles consistia na negação da messianidade, da divindade e da encarnação do Filho de Deus.

4. Que os apóstatas anticristãos descritos por São João podem possivelmente ser os mesmos chamados por nosso Senhor de "falsos cristos e falsos profetas" (Mateus 24:5, 11, 24), mas certamente correspondem àqueles mencionados por São Paulo, São Pedro e São Judas.

5. Todas as alusões à apostasia anticristã conectam seu aparecimento com a "Parousia" e com "os últimos dias" ou o fim do æon ou dispensação judaica. Isto é, ela é considerada como próxima e quase já presente.

Sem dúvida, se possuíssemos informações históricas mais completas sobre aquele período, poderíamos verificar ainda melhor as predições e alusões encontradas no Novo Testamento; mas temos evidência

suficiente para justificar a conclusão de que tudo se cumpriu conforme as Escrituras. Se os falsos profetas mencionados por Josefo, que infestaram os momentos finais da comunidade judaica, são idênticos aos falsos profetas da predição de nosso Senhor e ao anticristo de São João, não é fácil determinar. Mas o testemunho do próprio apóstolo é decisivo quanto ao anticristo. Ali ele é ao mesmo tempo profeta e historiador, pois registra o fato de que "já agora muitos anticristos têm surgido"; "muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora."

ANTECIPAÇÃO DA PAROUSIA.

1 João 2:28: "E agora, filhinhos, permanecei nele, para que, quando Ele se manifestar, tenhamos confiança e não sejamos envergonhados diante dele na sua vinda".

1 João 3:2: "Sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos como Ele é".

1 João 4:17: "Para que tenhamos confiança no dia do juízo".

Nestas exortações e conselhos, São João está em perfeita harmonia com os outros apóstolos, cujas admoestações constantes às igrejas cristãs de seu tempo insistiam na expectativa habitual da Parousia, e, portanto, na fidelidade e constância em meio ao perigo e ao sofrimento. A linguagem de São João prova:

1. Que os cristãos apostólicos eram exortados a viver na expectativa constante da vinda do Senhor.

2. Que esse evento era considerado por eles como o momento da revelação de Cristo em Sua glória e da bem-aventurança de Seus discípulos fiéis.

3. Que a Parousia era também o período do "dia do juízo."

A PAROUSIA NA EPÍSTOLA DE SÃO JUDAS.

Nas questões que dizem respeito à genuinidade e autenticidade desta epístola, não nos compete aqui entrar. Temos de considerá-la apenas em relação à Parousia. A evidência interna mostra que ela pertence aos "últimos dias". A fé e o amor da igreja primitiva haviam declinado, e o erro, a divisão e a corrupção haviam entrado como uma inundação, de

modo que se tornou necessário ao apóstolo exortar os irmãos a "batalhar diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos".

Assim como em 2 Pedro 2, também temos nesta breve epístola uma fotografia dos heresiarcas denominados por São João de "o anticristo" e por São Paulo de "a apostasia". A semelhança não pode ser confundida.

1. Eles são apóstatas da fé (v. 4).

2. Seu erro consiste na negação de Deus e de Cristo.

3. Eles são marcados dos pelas seguintes características:

Impiedade,	Anomia (ilegalidade) e insubordinação,	Escárnio,
Sensualidade,	Hipocrisia,	Separação cismática,
Negação de Deus e de Cristo,	Murmuração,	Destituição do Espírito Santo.
Animalismo,	Jactância (vanglória),	

É bastante evidente que esta descrição, que corresponde tão de perto à de 2 Pedro 2, deve ter sido derivada da mesma fonte comum. Mas o fato lamentável se apresenta claro e palpável: uma terrível degeneração e corrupção de costumes havia infectado a vida social dos “últimos dias”. É altamente sugestivo comparar o estado moral do povo escolhido nesse período final de sua história nacional com aquele descrito nas palavras do último dos profetas do Antigo Testamento. A nação encontrava-se agora exatamente naquela condição que ali é declarada como madura para o juízo. O segundo Elias havia falhado em converter o povo à justiça, e agora o Senhor, o Mensageiro da aliança, estava prestes a vir repentinamente ao Seu templo; o grande e terrível dia do Senhor estava próximo; e Deus estava prestes a ferir a terra com a maldição. (Malaquias 4:5–6)

APÊNDICE À PARTE II.

NOTA A.
O Reino dos Céus, ou de Deus.

Não há expressão que ocorra com mais frequência no Novo Testamento do que "o reino dos céus" ou "o reino de Deus". Nós a encontramos por toda parte, no início, no meio e no fim do Livro. É a primeira coisa em Mateus, e a última em Apocalipse. O próprio Evangelho é chamado de "o evangelho do reino"; os discípulos são os "herdeiros do reino"; e o grande objeto de esperança e expectativa é "a vinda do reino". É dele que o próprio Cristo deriva Seu título de "Rei". O reino de Deus, portanto, é o próprio núcleo do Novo Testamento.

Mas, embora assim permeando o Novo Testamento, a ideia do reino de Deus não lhe é peculiar; ela pertence igualmente ao Antigo. Encontramos seus vestígios em todos os profetas, de Isaías a Malaquias; é o tema de alguns dos mais elevados salmos de Davi; está subjacente aos anais do antigo Israel; suas raízes retrocedem ao período mais primitivo da existência nacional judaica; é, de fato, a *raison d'être* daquele povo; pois, para corporificar e desenvolver essa concepção do reino de Deus, Israel foi constituído e mantido em existência como uma nacionalidade distinta.

Voltando ao germe primordial do povo judeu, encontramos a primeira indicação do propósito de Deus de "formar para si um povo" na promessa original feita ao seu grande progenitor, Abraão: "Farei de ti uma grande nação, e te abençoarei, e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção; e abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra." (Gênesis 12:2-3) Essa promessa foi logo depois solenemente renovada na *aliança* feita por Deus com Abraão: "Naquele mesmo dia fez o Senhor uma aliança com Abraão, dizendo: À tua descendência tenho dado esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio, o rio Eufrates." (Gênesis 15:18) Essa relação pactual entre Deus e a descendência de Abraão é renovada e mais plenamente desenvolvida na declaração posteriormente feita a Abraão: "E estabelecerei a minha aliança entre mim e ti, e a tua descendência depois de ti, nas suas gerações, por aliança perpétua, para ser o teu Deus e o de tua descendência depois de ti. E te darei, a ti e à tua descendência depois de ti, a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua; e serei o seu Deus." (Gênesis 17:7-8) Como sinal e selo dessa aliança, o rito da circuncisão foi imposto a

Abraão e à sua posteridade, pelo qual cada varão daquela raça era marcado e selado como súdito do Deus de Abraão. (Gênesis 17:9-14)

Mais de quatro séculos após essa adoção dos filhos de Abraão como o povo pactual de Deus, os encontramos em estado de vassalagem no Egito, gemendo sob a cruel escravidão à qual estavam submetidos. Somos informados de que Deus "ouviu o seu gemido e lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó". Ele suscitou um libertador na pessoa de Moisés e instruiu-o a dizer aos filhos de Israel: "Eu sou o Senhor, e vos farei sair de debaixo das cargas dos egípcios;... e vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus", etc. (Êxodo 6:6-7). Após a miraculosa redenção do Egito, a relação pactual entre Jeová e os filhos de Israel foi publicamente e solenemente ratificada no Monte Sinai. Lemos que "no terceiro mês, depois que os filhos de Israel saíram da terra do Egito,... Israel acampou diante do monte. E Moisés subiu a Deus, e o Senhor o chamou desde o monte, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó, e anunciarás aos filhos de Israel: Vós tendes visto o que fiz aos egípcios e como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino de sacerdotes e uma nação santa." (Êxodo 19:3-6)

É neste período que podemos considerar o reino teocrático formalmente inaugurado. Uma multidão de escravos libertos foi constituída como nação; receberam uma lei divina para seu governo, e toda a estrutura de sua organização civil e eclesiástica foi elaborada e construída por autoridade divina. Cada passo do processo pelo qual um velho sem filhos tornou-se uma nação revela um propósito divino e um plano divino. Nunca existiu qualquer nacionalidade formada de tal modo; nenhuma jamais existiu para tal propósito; nenhuma jamais desfrutou de tal relação com Deus; nenhuma jamais possuiu uma história tão miraculosa; nenhuma jamais foi exaltada a privilégios tão gloriosos; nenhuma jamais caiu por um destino tão tremendo.

Não pode haver dúvida de que a nação de Israel foi destinada a ser o depositário e conservador do conhecimento do Deus vivo e verdadeiro na terra. Para esse propósito a nação foi constituída e trazida a uma relação singular com o Altíssimo, tal como nenhum outro povo jamais sustentou. Para garantir esse propósito, o próprio Senhor tornou-Se seu Rei, e eles se tornaram Seus súditos; enquanto todas as instituições e leis que lhes foram impostas tinham referência a Deus, não apenas como o Criador de todas as coisas, mas como o Soberano da nação. Exprimir e realizar essa ideia da realeza de Deus sobre Israel é o objetivo manifesto do aparato cerimonial de culto estabelecido no deserto: "Jeová mandou que se erigisse uma tenda real no centro do acampamento (onde os pavilhões de todos os reis e chefes costumavam ser levantados) e que fosse adornada com todo o esplendor da realeza, como um palácio móvel. Ela foi dividida em três compartimentos, no mais interior dos quais estava o trono real, sustentado por querubins de ouro; e o escabelo do trono, uma arca dourada contendo as tábuas da lei, a

Carta Magna da igreja e do Estado. Na antecâmara, uma mesa dourada estava posta com pão e vinho, como a mesa real; e incenso precioso era queimado. O aposento exterior ou átrio podia ser considerado o apartamento culinário real, e ali se executava música, semelhante à música das mesas festivas dos monarcas orientais. Deus escolheu os levitas para Seus cortesãos, oficiais do Estado e guardas do palácio; e Arão como o principal oficial da corte e primeiro ministro de Estado. Para a manutenção desses oficiais Ele designou um dos dízimos que os hebreus deviam pagar como aluguel pelo uso da terra. Finalmente, Ele exigiu que todos os hebreus do sexo masculino, de idade apropriada, se apresentassem em Seu palácio todos os anos, nas três grandes festas anuais, com presentes, para render homenagem ao seu Rei; e como esses dias de renovação de homenagem deviam ser celebrados com festividade e alegria, o segundo dízimo era gasto na provisão das cerimônias necessárias para essas ocasiões. Em suma, todo dever religioso foi transformado em questão de obrigação política; e todas as regulamentações civis, até as mais minuciosas, foram tão fundamentadas na relação do povo com Deus, e tão entrelaçadas com seus deveres religiosos, que o hebreu não podia separar o seu Deus de seu Rei, e em toda lei era igualmente lembrado de ambos. Consequentemente, a nação, enquanto tivesse existência nacional, não poderia perder inteiramente o conhecimento, nem abandonar o culto, do Deus verdadeiro".[1]

Tal foi o governo instituído por Jeová entre os filhos de Israel, uma verdadeira Teocracia; a única Teocracia real que jamais existiu sobre a terra. Seu caráter nacional intenso e exclusivo merece atenção especial. Era o privilégio distinto dos filhos de Abraão, e somente deles: "O Senhor teu Deus te escolheu, para que lhe sejas o seu povo especial, de todos os povos que há sobre a face da terra." (Deuteronômio 7:6) "A vós somente conheci, de todas as famílias da terra." (Amós 3:2) "Não fez assim a nenhuma outra nação." (Salmos 147:20) O Altíssimo era o Senhor de toda a terra, mas era o Rei de Israel em um sentido totalmente peculiar. Ele era o seu Governante pactuado; eles eram o Seu povo pactuado. Estavam sob as mais sagradas e solenes obrigações de serem súditos leais de seu Soberano invisível, de O adorarem somente a Ele, e de serem fiéis à Sua lei. (Deuteronômio 26:16-18) Como recompensa pela obediência, tinham a promessa de prosperidade ilimitada e grandeza nacional; seriam "sublimes sobre todas as nações que fez, para louvor, e para nome, e para honra" (Deuteronômio 26:19); enquanto, por outro lado, as penalidades da deslealdade e infidelidade eram correspondentemente terríveis: a maldição da aliança quebrada os alcançaria em uma retribuição sinal e terrível, sem paralelo na história da humanidade, passada ou futura. (Deuteronômio 28)

É razoável supor que esse maravilhoso experimento de um governo Teocrático deve ter tido por objetivo algo digno de seu autor divino. Esse objetivo era moral, mais do que material; a glória de Deus e o bem dos homens, mais do que o avanço político

---

[1] Jahn's Hebrew Commonwealth, chap. ii. § 9.

ou temporal de uma tribo ou nação. Sem dúvida, em primeiro lugar, foi um expediente para manter vivo o conhecimento e o culto do único Deus verdadeiro na terra, que de outra forma poderia ter sido totalmente perdido; e, em segundo lugar, apesar de seu espírito intenso e exclusivo de nacionalismo, o sistema Teocrático carregava em seu seio o germe de uma religião universal, e assim foi uma etapa grande e importante na educação da raça humana.

É instrutivo acompanhar o crescimento e o desenvolvimento progressivo da ideia Teocrática na história do povo judeu e observar como, à medida que ela perde seu significado político, torna-se cada vez mais moral e espiritual em seu caráter.

O povo ao qual foi conferido esse privilégio sem igual mostrou-se indigno dele. Sua inconstância e infidelidade neutralizavam a cada passo o favor de seu Soberano invisível. Sua demanda por um rei, "para que fossem como todas as nações", foi uma rejeição virtual de seu Governante celestial. (1 Samuel 8:7, 19-20) Contudo, seu pedido foi concedido, tendo sido feita provisão para tal contingência na formação original da Teocracia. O rei humano era considerado o vice-rei do Rei divino, e assim se tornou um tipo do verdadeiro, embora invisível, Soberano, a quem ele, bem como toda a nação, devia lealdade.

É neste ponto que observamos o surgimento de uma nova fase no sistema Teocrático. Se considerarmos Davi como o autor do Salmo 2, foi já em seus dias que se fez um anúncio profético acerca de um Rei, o Ungido do Senhor, o Filho de Deus, contra quem os reis da terra se levantariam e os príncipes consultariam juntos, mas a quem o Altíssimo daria as nações por herança e os confins da terra por possessão. A partir desse período, o caráter *mediador* da Teocracia começa a ser mais claramente indicado: faz-se uma distinção entre o Senhor e o Seu Ungido, entre o Pai e o Filho. Encontramos os títulos Messias, Filho de Deus, Filho de Davi, Rei de Sião, concedidos Àquele a quem o reino pertence e que está destinado a triunfar e reinar. Os salmos chamados messiânicos, especialmente o Salmo 72 e o Salmo 110, são suficientes para provar que, no tempo de Davi, havia claros anúncios proféticos de um Rei vindouro, cujo governo seria benéfico e glorioso; em quem todas as nações seriam benditas; que uniria em Si os ofícios de Sacerdote e Rei; que é declarado ser o Senhor de Davi; e é representado como assentado à direita de Deus "até que os seus inimigos sejam postos por escabelo dos seus pés."

Daqui em diante, em todas as profecias do Antigo Testamento encontramos delineados, de modo cada vez mais completo, o caráter e a pessoa do Rei Teocrático, embora a descrição reúna elementos diversos e aparentemente inconciliáveis. Às vezes o Rei vindouro e o Seu reino são retratados nas cores mais atraentes e gloriosas, "um Rebento sairá do tronco de Jessé, e um Renovo brotará de suas raízes", e sob a direção desse descendente da casa de Davi todo o mal desaparecerá e toda a bondade triunfará. O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará com o cabrito: "Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte; porque a terra se encherá do

conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar." (Isaías 11:1-9) Os mais elevados nomes de honra e dignidade são atribuídos ao Príncipe vindouro; Ele é o "Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento do Seu governo e da paz não haverá fim." Ele se assentará sobre o trono de Davi e governará o Seu reino com juízo e com justiça para sempre. (Isaías 9:6–7)

Mas lado a lado com essas perspectivas brilhantes encontram-se cenas sombrias e tristes de dor e sofrimento, de juízo e ira. O Rei vindouro é descrito como "raiz de uma terra seca"; como "desprezado e rejeitado"; como "homem de dores e experimentado nos sofrimentos"; como "traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades"; "levado como cordeiro ao matadouro"; "mudo como a ovelha perante os seus tosquiadores"; "tirado da terra dos viventes." (Isaías 53) Ele é anunciado como vindo a Jerusalém "manso, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho, filho de jumenta" (Zacarias 9:9); o Messias seria "cortado, mas não por Si mesmo." (Daniel 9:26); e entre as últimas declarações proféticas estão algumas das mais sombrias e ameaçadoras de todas. O Senhor, o Mensageiro da aliança, o Rei esperado, viria: "Mas quem suportará o dia da Sua vinda? Aquele dia arderá como fornalha; é o grande e terrível dia do Senhor." (Malaquias 3:1-2; 4:1, 5)

Este aparente paradoxo é explicado no Novo Testamento. Havia, de fato, esse duplo aspecto do Rei e do reino: "O Rei da glória" era também "o Homem de dores"; "o ano aceitável do Senhor" era também "o dia da vingança do nosso Deus".

A antiga profecia tinha dado abundante razão para se esperar que o Rei Teocrático invisível seria um dia revelado, e habitaria com os homens na terra; que Ele viria, nos interesses da Teocracia, estabelecer o Seu reino na nação e reunir o Seu povo ao redor do Seu trono. Os capítulos iniciais do Evangelho segundo Lucas indicam as concepções mantidas pelos israelitas piedosos acerca do reino vindouro do Messias. Entendia-se que ele teria relação especial com Israel. "Ele será grande", disse o anjo da anunciação, "e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus Lhe dará o trono de Davi, Seu pai; e Ele reinará eternamente sobre a casa de Jacó." "Rabi!", exclamou o ingênuo Natanael, quando a glória de Deus reluziu subitamente sobre ele através do disfarce do jovem camponês galileu, "Tu és o Filho de Deus, Tu és o Rei de Israel!" (João 1:49) Não é menos certo que Sua vinda era então crida como próxima, e era ardentemente aguardada por homens santos como Simeão, que "esperava a consolação de Israel", e a quem havia sido revelado que não "veria a morte antes de ver o Ungido do Senhor." (Lucas 2:25–26) Havia, de fato, uma crença disseminada, não apenas na Judeia, mas em todo o Império Romano, de que um grande príncipe ou monarca estava prestes a aparecer na terra, inaugurando uma nova era. Dessa expectativa temos evidência nos Anais de Tácito e no Pollio de Virgílio. Sem dúvida, a esperança acalentada por Israel se difundira, de modo mais ou menos vago e distorcido, pelas terras vizinhas.

Mas quando, na plenitude dos tempos, o Rei Teocrático apareceu no meio da nação da aliança, não foi na forma que eles haviam esperado e desejado. Ele não cumpriu suas esperanças de poder político e preeminência nacional. O reino de Deus que Ele proclamava era algo muito diferente daquilo que haviam imaginado. Justiça e verdade, pureza e bondade, eram apenas nomes vazios para homens que cobiçavam as honras e prazeres deste mundo. Todavia, embora rejeitado pela nação em geral, o Rei Teocrático não deixou de anunciar Sua presença e Suas reivindicações. Ele foi precedido por um arauto, o Elias predito, João Batista, a quem o povo era constrangido a reconhecer como verdadeiro profeta de Deus. O segundo Elias anunciou o reino de Deus como estando próximo, e conclamou a nação ao arrependimento para receber seu Rei. Depois, Suas próprias obras miraculosas, sem exemplo até mesmo na história do povo escolhido quanto ao número e esplendor, davam prova conclusiva de Sua missão divina; acrescentem-se a isso a excelência transcendente de Sua doutrina e a pureza imaculada de Sua vida, que silenciavam, senão envergonhavam, a inimizade dos ímpios. Por mais de três anos esse apelo ao coração e à consciência da nação foi incessantemente apresentado sob toda variedade de métodos, mas sem sucesso; até que, finalmente, os chefes da igreja e do Estado judaico, hostis e implacáveis às Suas pretensões, O acusaram perante o governador romano sob a acusação de fazer-Se Rei. Por seu clamor persistente e malicioso, obtiveram Sua condenação. Ele foi entregue para ser crucificado, e o título em Sua cruz trazia esta inscrição:

"ESTE É O REI DOS JUDEUS."

Este evento trágico marca a ruptura final entre a nação da aliança e o Rei Teocrático. A aliança já havia sido quebrada muitas vezes antes, mas agora foi publicamente repudiada e rasgada em pedaços. Poder-se-ia pensar que a Teocracia agora chegaria ao fim; e, virtualmente, chegou; mas sua dissolução formal foi suspensa por um breve período, para que a dupla consumação do reino, envolvendo a salvação dos fiéis e a destruição dos incrédulos, pudesse ocorrer no tempo designado. Esse duplo aspecto do reino teocrático é visível em toda a sua história. Foi ao mesmo tempo um sucesso e um fracasso, uma vitória e uma derrota; trouxe salvação para alguns e destruição para outros. Esse caráter duplo havia sido claramente apresentado na antiga profecia, como no notável oráculo de Isaías 49: o Messias se queixa: "Eu tenho trabalhado em vão, despendido minhas forças por nada e inutilmente", etc. A resposta divina é: "Assim diz o Senhor: Mesmo que Israel não seja reunido, ainda assim serei glorioso aos olhos do Senhor, e o meu Deus será a minha força. Ele disse ainda: 'Pouco é que sejas meu servo para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os preservados de Israel; também te darei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até aos confins da terra.'" Para citar apenas outro exemplo: encontramos no livro de Malaquias esse duplo aspecto do reino vindouro, pois enquanto "o dia que vem" há de "arder como forno" e "consumir os ímpios como palha", "para vós que temeis o meu nome nascerá o Sol da justiça, trazendo cura em suas asas." (Malaquias

4:1-2) Portanto, apesar da rejeição do Rei e da perda do reino pela maior parte do povo, ainda haveria uma gloriosa consumação da Teocracia, trazendo honra e felicidade a todos que reconhecessem a autoridade do Messias e se mostrassem obedientes e leais ao seu Rei.

Temos algum dado pelo qual possamos determinar o período dessa consumação? Em que momento se pode dizer que o reino veio plenamente? Não na *encarnação*, pois a proclamação de Jesus era sempre: "O reino de Deus *está próximo*." Não na *crucificação*, pois a súplica do ladrão moribundo foi: "Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu reino." Não na *ressurreição*, pois depois que o Senhor ressuscitou os discípulos ainda esperavam a restauração do reino a Israel. Não na *ascensão* e nem no dia de *Pentecostes*, pois muito tempo depois desses eventos nos é dito, na Epístola aos Hebreus, que Cristo, "depois de ter oferecido um único sacrifício pelos pecados para sempre, assentou-se à direita de Deus; de agora em diante *esperando* até que os seus inimigos sejam postos por estrado de seus pés." (Hebreus 10:12-13) A consumação do reino, portanto, não coincide com a ascensão nem com o dia de Pentecostes. É verdade que o Rei Teocrático estava assentado no trono, "à direita da Majestade nas alturas", mas Ele ainda não havia "tomado o seu grande poder". Seus inimigos ainda não tinham sido subjugados, e o pleno desenvolvimento e consumação do Seu reino não podiam ser considerados chegados até que, por um ato judicial solene e público, o Messias tivesse vindicado as leis de Seu reino e esmagado sob Seus pés Seus súditos apóstatas e rebeldes.

Há um momento que é constantemente indicado no Novo Testamento como a consumação do reino de Deus. Nosso Senhor declarou que alguns dentre Seus discípulos viveriam para vê-lo *vindo em Seu reino*. Essa vinda do Rei é, naturalmente, sinônima da vinda do reino, e limita a ocorrência do evento àquela geração. Ou seja, a consumação do reino sincroniza-se com o julgamento de Israel e a destruição de Jerusalém, todos sendo partes de uma grande e única catástrofe. Foi nesse período que o Filho do Homem viria na glória de Seu Pai e se assentaria no trono de Sua glória; para recompensar Seus servos e retribuir Seus inimigos. (Mateus 25:31) Esses eventos são uniformemente associados no Novo Testamento, a vinda do Rei, a ressurreição dos mortos, o julgamento dos justos e dos ímpios, a consumação do reino, o fim da era. Assim, Paulo, em 2 Timóteo 4:5, diz: "Eu te exorto diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que está prestes a julgar os vivos e os mortos por Sua aparição e Seu reino." A *vinda*, o *julgamento* e o *reino* são todos coincidentes e contemporâneos, e, além disso, *muito próximos*; pois o apóstolo afirma: "que está prestes a julgar… que *em breve* julgará" [μέλλοντος κρίνειν].

Está perfeitamente claro, então, de acordo com o Novo Testamento, que a consumação, ou encerramento, do reino teocrático ocorreu no período da destruição de Jerusalém e do julgamento de Israel. A Teocracia havia cumprido seu propósito; o experimento havia sido feito: será que a nação da aliança permaneceria leal ao seu Rei? Havia falhado; Israel rejeitou seu Rei; e restava apenas que as penalidades da aliança

violada fossem aplicadas. Vemos o resultado na ruína do templo, na destruição da cidade, no desaparecimento da nação e na revogação da lei de Moisés, acompanhados de cenas de horror e sofrimento sem paralelo na história do mundo. Essa grande catástrofe, portanto, marca a conclusão do reino teocrático. Desde o início fora de caráter estritamente nacional, era o reinado divino sobre Israel. Consequentemente, terminou com o fim da existência nacional de Israel, quando os símbolos visíveis da Presença e Soberania divinas desapareceram; quando a casa de Deus, a cidade de Deus e o povo de Deus foram apagados da existência por uma única, devastadora e final catástrofe.

Isso nos permite entender a linguagem de Paulo quando, ao falar da vinda de Cristo, ele apresenta esse evento como marcando "o fim" (τὸ τέλος = ἡ συντέλεια τοῦ αἰῶνος), "quando Ele entregar o reino a Deus, o Pai." (1 Coríntios 15:24) Isso tem causado grande perplexidade a muitos teólogos e comentaristas, que parecem considerar como algo depreciativo à divindade do Filho de Deus o fato de Ele renunciar às Suas funções mediadoras e ao Seu caráter régio, e, por assim dizer, descer à posição de uma pessoa privada, tornando-se súdito em vez de soberano. Mas esse embaraço surgiu devido ao desconhecimento da natureza do reino que o Filho administrara e que finalmente Ele entrega. Era o reino Messiânico: o reino sobre Israel, aquele governo peculiar e único exercido sobre a nação da aliança e administrado pela mediação do Filho de Deus por tantos séculos. Essa relação agora estava dissolvida, pois a nação havia sido julgada, o templo destruído, e todos os símbolos da Soberania divina removidos. Por que deveria o reino Teocrático continuar? Nada mais restava a administrar. Já não havia uma nação da aliança; a aliança estava quebrada, e Israel deixara de existir como nacionalidade distinta. O que poderia ser mais natural e apropriado, portanto, do que, nesse momento crítico, o Mediador renunciar às Suas funções mediadoras e entregar as insígnias do governo às mãos d'Aquele de quem as recebera? Séculos antes, o Pai havia investido o Filho com as funções vice-reais da Teocracia. Tinha sido declarado: "Eu estabeleci o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião. Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho; hoje te gerei."(Salmos 2:6-7) Os propósitos pelos quais o Filho assumira a administração do governo Teocrático tinham sido cumpridos. A aliança foi dissolvida, sua violação vingada, os inimigos de Cristo e de Deus destruídos; os servos fiéis e verdadeiros foram recompensados, e a Teocracia chegou ao fim. Este era, certamente, o momento adequado para o Mediador entregar Seu encargo nas mãos do Pai, isto é, "entregar o reino".

Isso nos permite entender a linguagem de Paulo quando, ao falar da vinda de Cristo, ele apresenta esse evento como marcando "o fim" (τὸ τέλος = ἡ συντέλεια τοῦ αἰῶνος), "quando Ele entregar o reino a Deus, o Pai." (1 Coríntios 15:24) Isso tem causado grande perplexidade a muitos teólogos e comentaristas, que parecem considerar como algo depreciativo à divindade do Filho de Deus o fato de Ele

renunciar às Suas funções mediadoras e ao Seu caráter régio, e, por assim dizer, descer à posição de uma pessoa privada, tornando-se súdito em vez de soberano. Mas esse embaraço surgiu devido ao desconhecimento da natureza do reino que o Filho administrara e que finalmente Ele entrega. Era o *reino Messiânico*: o reino sobre Israel, aquele governo peculiar e único exercido sobre a nação da aliança e administrado pela mediação do Filho de Deus por tantos séculos. Essa relação agora estava dissolvida, pois a nação havia sido julgada, o templo destruído, e todos os símbolos da Soberania divina removidos. Por que deveria o reino Teocrático continuar? Nada mais restava a administrar. Já não havia uma nação da aliança; a aliança estava quebrada, e Israel deixara de existir como nacionalidade distinta. O que poderia ser mais natural e apropriado, portanto, do que, nesse momento crítico, o Mediador renunciar às Suas funções mediadoras e entregar as insígnias do governo às mãos d'Aquele de quem as recebera? Séculos antes, o Pai havia investido o Filho com as funções vice-reais da Teocracia. Tinha sido declarado: "Eu estabeleci o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião. Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho; hoje te gerei." (Salmos 2:6-7) Os propósitos pelos quais o Filho assumira a administração do governo Teocrático tinham sido cumpridos. A aliança foi dissolvida, sua violação vingada, os inimigos de Cristo e de Deus destruídos; os servos fiéis e verdadeiros foram recompensados, e a Teocracia chegou ao fim. Este era, certamente, o momento adequado para o Mediador entregar Seu encargo nas mãos do Pai, isto é, "entregar o reino".

Mas não há nisso nada depreciativo quanto à dignidade do Filho. Pelo contrário, "Ele é o Mediador de uma aliança superior." O término do reino Teocrático foi a inauguração de uma nova ordem, em escala mais ampla e de natureza mais duradoura. Essa é a doutrina da Carta aos Hebreus: "O trono do Filho de Deus é para todo o sempre." (Hebreus 1:8) O sacerdócio do Filho de Deus "permanece continuamente." (Hebreus 7:3) Cristo "agora alcançou ministério mais excelente, tanto mais quanto Ele é o mediador de uma aliança superior." (Hebreus 8:6) A Teocracia, como vimos, era limitada, exclusiva e nacional; mas continha em si o germe de uma religião universal. O que Israel perdeu foi ganho pelo mundo. Enquanto a Teocracia subsistiu, havia uma nação favorecida, e os gentios, isto é, todo o mundo menos os judeus, estavam fora do reino, ocupando uma posição inferior e, como cães, permitidos por graça a comer as migalhas que caíam da mesa do senhor. A primeira vinda de Cristo não aboliu totalmente esse estado de coisas; mesmo o Evangelho da graça de Deus fluiu inicialmente naquele antigo e estreito canal. Paulo reconhece que "Jesus Cristo foi ministro da circuncisão", e o próprio Senhor declarou: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel." Durante anos após receberem sua comissão, os apóstolos não a entenderam como envio aos gentios, nem consideravam os convertidos pagãos admissíveis na igreja, a menos que se tornassem prosélitos judeus. É verdade que, após a conversão de Cornélio, o centurião, os apóstolos se convenceram dos limites mais amplos do Evangelho, e Paulo proclamou em toda parte a derrubada das

barreiras entre judeus e gentios; mas é fácil ver que, enquanto existisse a nação Teocrática, e o templo, com seu sacerdócio, sacrifícios e rituais permanecesse, e enquanto a lei mosaica continuasse, ou parecesse continuar, em vigor, a distinção entre judeu e gentio não podia ser abolida. Mas a barreira foi efetivamente destruída quando a lei, o templo, a cidade e a nação foram varridos juntos, e a Teocracia foi visivelmente levada a uma consumação final.

Esse evento foi, por assim dizer, a declaração formal e pública de que Deus não era mais o Deus somente dos judeus, mas que Ele agora era o Pai comum de todos os homens; que já não havia uma nação favorecida, um povo peculiar, mas que a graça de Deus "que traz salvação a *todos* os homens" havia agora se manifestado (Tito 2:11); que o local e o limitado se expandiram para o ecumênico e universal, e que em Cristo Jesus "todos são um." (Gálatas 3:28) Isso é o que Paulo declara ser o significado da entrega do reino pelo Filho de Deus nas mãos do Pai: dali em diante, a relação exclusiva de Deus com uma única nação cessa, e Ele se torna o Pai comum de toda a família humana:

"PARA QUE DEUS SEJA TUDO EM TODOS" (1 Coríntios 15:28).

NOTA B.
Sobre a "Babilônia" de 1 Pedro 5:13.

"A igreja em Babilônia [ela em Babilônia], eleita juntamente (convosco), vos saúda; e Marcos, meu filho."

Não é fácil transmitir em tantas palavras, em inglês, a força precisa do original. Sua extrema brevidade causa obscuridade. Literalmente lê-se assim: "Ela em Babilônia, coeleita, vos saúda; e Marcos, meu filho."

A interpretação comum do pronome *ela* refere-o à "igreja em Babilônia"; embora muitos comentadores eminentes, Bengel, Mill, Wahl, Alford e outros, o entendam como referindo-se a uma pessoa individual, presumivelmente a *esposa* do apóstolo. "É pouco provável", observa Alford, "que sejam unidas numa mesma mensagem de saudação uma *abstração*, mencionada assim enigmaticamente, e um *homem* (Marcos, meu filho), mencionado pelo nome." O peso da autoridade inclina-se para o lado de *igreja*, e o peso da gramática para o lado de *esposa*.

Mas a questão mais importante relaciona-se com a identidade do lugar aqui chamado Babilônia. À primeira vista, é natural concluir que não pode ser outro senão a bem conhecida e antiga metrópole da Caldeia, ou o que restasse dela nos dias do apóstolo. Estamos inclinados a pensar ser altamente provável que São Pedro, em suas jornadas apostólicas, rivalizasse o apóstolo dos gentios, e fosse por toda parte pregando o evangelho aos judeus, assim como São Paulo o fez entre os gentios.

Entretanto, parecem existir objeções formidáveis a essa visão, por mais natural e simples que pareça. Para não mencionar a improbabilidade de que São Pedro, em sua velhice e acompanhado por sua esposa (caso aceitemos a opinião de que ela é

mencionada na saudação), fosse encontrado numa região tão remota da Judeia, há a importante consideração de que Babilônia não era, naquele tempo, o domicílio de uma população judaica. Josefo afirma que, já no reinado de Calígula (37–41 d.C.), os judeus haviam sido expulsos da Babilônia e que ocorrera um massacre geral, pelo qual eles quase foram exterminados.[1] É verdade que essa declaração de Josefo se refere mais ao território chamado Babilônia do que à cidade de Babilônia, e isso pela razão suficiente de que, no tempo de Josefo, Babilônia era tão desabitada quanto é agora. Rosenmüller, em sua Geografia Bíblica, afirma que, no tempo de Estrabão (isto é, no reinado de Augusto), Babilônia estava tão deserta que ele aplica àquela cidade o que um poeta antigo havia dito sobre Megalópolis, na Arcádia: que era "*um vasto deserto*".[2] Basnage, também, em sua História dos Judeus, diz: "Babilônia estava em declínio nos dias de Estrabão",[3] e Plínio a representa, no reinado de Vespasiano, como "uma vasta e contínua solidão".[4]

Outras cidades têm sido sugeridas como a Babilônia mencionada na epístola: um forte de mesmo nome no Egito, mencionado por Estrabão; Ctésifon, no Tigre; Selêucia, a nova cidade que drenou a antiga Babilônia de seus habitantes. Mas essas são meras conjecturas, sem um único fragmento de evidência que as apoie.

A improbabilidade de que a antiga capital da Caldeia seja o lugar referido pode explicar, em grande medida, o consenso geral que, desde os primeiros tempos, tem atribuído ao nome Babilônia uma interpretação simbólica ou espiritual. Se a questão devesse ser decidida pela autoridade de grandes nomes, Roma seria, sem dúvida, declarada a Babilônia mística assim designada pelo apóstolo. Mas isso envolve a controvérsia, muito debatida, sobre se São Pedro visitou ou não Roma, discussão na qual não podemos entrar aqui. A história evangélica é totalmente silenciosa sobre o assunto, e a tradição, indubitavelmente muito antiga, do episcopado de São Pedro ali, e de seu martírio sob Nero, está carregada de tantos elementos certamente fabulosos, que somos justificados em rejeitar tudo como lenda ou mito. Há um argumento *a priori* contra a probabilidade da visita de São Pedro a Roma que, na ausência de qualquer evidência contrária, consideramos intransponível. São Pedro era o apóstolo da circuncisão; sua missão era aos judeus, sua própria nação. Não podemos conceber como possível que ele abandonasse sua esfera designada de trabalho e "entrasse na linha de

---

[1] Antiquities, bk. xviii. c. ix. § 8, 9.

[2] Biblical Cabinet, No. xvii. p. 16.

[3] History of the Jews, c. ix. § 10.

[4] As palavras de Plínio são: "Babilônia, cabeça das nações caldaicas, por muito tempo manteve a mais alta glória em todo o mundo; por causa dela, o restante da Mesopotâmia e da Assíria recebeu o nome de Babilônia... Ainda subsiste ali o templo de Júpiter Belus. Foi aqui que se descobriu a ciência sideral; no mais, voltou à desolação, esvaziada pela vizinhança de Selêucia." - Natural History, bk. vi, c. xxx.

coisas de outro homem", "edificando sobre fundamento alheio". São Paulo estava em Roma nos dias de Nero, e nada pode ser mais improvável do que São Pedro, apóstolo da *circuncisão*, em idade extremamente avançada e "sabendo que brevemente deveria deixar o seu tabernáculo terreno", empreender uma viagem a Roma sem qualquer chamado especial, e sem deixar o menor vestígio de tão notável acontecimento na história dos Atos dos Apóstolos.

Mas se Roma não é a Babilônia simbólica referida, e se a Babilônia literal é inadmissível, que outro lugar pode ser sugerido com alguma aparência de probabilidade? Não há outra cidade que pudesse, com igual propriedade, ser chamada de Babilônia mística, assim como Roma? Nenhuma outra à qual tenham sido atribuídos nomes simbólicos semelhantes, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento? Parece inexplicável que justamente a cidade com a qual a vida e os atos de São Pedro estão mais associados do que com qualquer outra tenha sido totalmente ignorada nessa discussão. Por que a cidade que é chamada de *Sodoma* e *Gomorra* não poderia, com a mesma razão, ser chamada de Babilônia? Por que a cidade que é chamada de *Sodoma* espiritual e *Egito* não poderia também ser chamada de Babilônia espiritual? Ora, *Jerusalém* tem esses nomes místicos atribuídos a ela nas Escrituras, e nenhuma cidade tinha melhor direito ao caráter que eles implicam. Jerusalém também parece ter sido, indubitavelmente, a residência fixa do apóstolo; Jerusalém, portanto, é o lugar de onde esperaríamos encontrá-lo escrevendo e datando suas epístolas às igrejas.

Seja qual for a cidade que o apóstolo denomina Babilônia, ela deve ter sido a *morada fixa* da pessoa ou da igreja associada consigo e com Marcos na saudação. Isso é comprovado pela forma da expressão ἡ ἐν βαβυλῶνι, que, como Steiger mostra, significa "*uma residência fixa* pela qual alguém pode ser designado".[1] Se decidirmos que a referência é a uma pessoa, seguirá que Babilônia era o lugar onde ela residia, sua morada fixa; e isso, no caso da esposa de Pedro, só poderia ser Jerusalém. A história apostólica, na medida em que pode ser colhida a partir das evidências documentais do Novo Testamento, mostra distintamente que São Pedro residia habitualmente em Jerusalém. Nada mais é do que uma falácia popular supor que todos os apóstolos eram evangelistas como São Paulo, viajando por países estrangeiros e pregando o evangelho a todas as nações. O professor Burton demonstrou que "não foi senão catorze anos após a ascensão de nosso Senhor que São Paulo viajou pela primeira vez e pregou o evangelho aos gentios. Nem há qualquer evidência de que, durante esse período, os outros apóstolos tenham ultrapassado os limites da Judeia".[2] Mas o que sustentamos é que a morada habitual ou fixa de São Pedro era Jerusalém. Isso se tornará evidente a partir de uma variedade de provas circunstanciais.

---

[1] Steiger on 1 Peter. Biblical Cabinet, vol. ii. p. 315.

[2] Professor Burton's Bampton Lecture, p. 20.

1. Quando a igreja de Jerusalém foi dispersa após a perseguição que surgiu por ocasião do martírio de Estêvão, São Pedro e os demais apóstolos permaneceram em Jerusalém. (Atos 8:1)

2. São Pedro estava em Jerusalém quando Herodes Agripa I o prendeu e encarcerou. (Atos 12:3)

3. Quando São Paulo, três anos após sua conversão, sobe a Jerusalém, sua intenção é "ver Pedro"; e ele acrescenta: "fiquei com ele quinze dias." (Gálatas 1:18) Isso implica que o lugar de residência de São Pedro era Jerusalém.

4. Quatorze anos depois dessa visita a Jerusalém, São Paulo novamente visita a cidade, em companhia de Barnabé e Tito; e nessa ocasião, igualmente encontramos São Pedro ali. (Gálatas 2:1-9) (50 d.C. - Conybeare e Howson)

5. É digno de nota que foi a presença, em Antioquia, de certas pessoas vindas de *Jerusalém* que tanto intimidou São Pedro a ponto de levá-lo a praticar uma conduta ambígua e a incorrer na censura de São Paulo. (Gálatas 2:11) Por que a presença de judeus de Jerusalém intimidaria São Pedro? Presumivelmente porque, ao retornar a Jerusalém, ele seria chamado a prestar contas por eles; o que implica, portanto, que Jerusalém era sua residência habitual.

6. Se supusermos, o que é mais provável, que Marcos, mencionado nesta saudação, seja João Marcos, sobrinho de Barnabé, sabemos que ele também residia em *Jerusalém*. (Atos 12:12)

7. Silvano, ou Silas, o escritor ou portador desta epístola, é conhecido como um membro proeminente da igreja de *Jerusalém*: "um homem principal entre os irmãos". (Atos 15:22-32)

Assim, constatamos que todas as pessoas mencionadas na parte final da epístola eram residentes habituais de Jerusalém.

Por fim, inferimos, a partir de uma expressão incidental em 1 Pedro 4:17, que São Pedro estava em Jerusalém quando escreveu esta epístola. Ele fala do juízo tendo começado pela "*casa de Deus*"; isto é, como vimos, o santuário, o templo; e acrescenta: "se começa primeiro por *nós*", etc. Ora, ele se expressaria assim se, no momento em que escrevia, tivesse estado em Roma, ou na Babilônia do Eufrates, ou em qualquer outra cidade que não Jerusalém? Certamente parece mais natural supor que, se o juízo começa pelo *santuário* e também por *nós*, tanto o lugar quanto as pessoas devem estar *juntos*. A visão de Ezequiel, que fornece o protótipo da cena de juízo, fixa a localidade onde o massacre deve começar; e parece altamente provável que o iminente destino da cidade e do templo estivesse na mente do apóstolo, bem como as aflições que recairiam sobre os discípulos de Cristo. Wiesinger observa: "É quase impossível que a destruição de Jerusalém já tivesse passado quando estas palavras foram escritas; se assim fosse,

dificilmente se diria, ὁ καιρὸς τοῦ ἄρξασθαι".[1] Não; ela não havia passado, mas o início do fim já estava presente; o juízo parece ter começado, como o Senhor dissera que ocorreria, pelos discípulos; e isso era o prelúdio seguro da ira que estava vindo sobre os ímpios "até ao extremo".

Mas pode-se objetar: se São Pedro quis dizer Jerusalém, por que não o disse sem qualquer ambiguidade? Podem ter existido, e, sem dúvida, existiram, razões de prudência para essa reserva na época em que São Pedro escreveu, assim como houve quando São Paulo escreveu aos tessalonicenses. Mas, provavelmente, não havia para os seus leitores a mesma ambiguidade que há para nós. E se Jerusalém já fosse conhecida e reconhecida entre os crentes cristãos como a Babilônia mística? Supondo, como temos pleno direito de fazê-lo, que o Apocalipse já era familiarmente conhecido pelas igrejas apostólicas, consideramos altamente provável que elas identificassem a "grande cidade", cuja queda é descrita naquele livro, "Babilônia, a grande", como a mesma cuja queda é descrita na profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras.

Isso, porém, pertence a outra questão, cuja discussão virá em seu devido lugar, a identidade da Babilônia do Apocalipse. Por ora, basta termos estabelecido um caso provável, baseado em fundamentos totalmente independentes, de que a Babilônia da Primeira Epístola de São Pedro não era outra senão *Jerusalém*.

NOTA C.

Sobre o Simbolismo da Profecia, com referência especial às Predições da Parousia.

A menor atenção à linguagem da profecia do Antigo Testamento deve convencer qualquer homem sensato de que ela não deve ser entendida ao pé da letra. Primeiro, as declarações dos profetas são poesia; e, segundo, são poesia oriental. Podem ser chamadas de quadros hieroglíficos que representam eventos históricos em imagens altamente metafóricas. É inevitável, portanto, que a hipérbole, ou aquilo que nos parece tal, entre largamente nas descrições dos profetas. Para a imaginação fria e prosaica do Ocidente, o estilo ardente e vívido dos profetas do Oriente pode parecer inflado e extravagante; mas sempre há um substrato de realidade subjacente às figuras e símbolos que, quanto mais estudados, mais se recomendam ao julgamento do leitor. Revoluções sociais e políticas, mudanças morais e espirituais, são apresentadas como convulsões físicas e catástrofes; e, se esses fenômenos naturais impressionam ainda mais poderosamente a imaginação, não são figuras inadequadas quando a verdadeira importância dos eventos que representam é devidamente compreendida. A terra convulsionada por terremotos, montes ardentes lançados ao mar, estrelas caindo como folhas, os céus em chamas, o sol vestido de saco, a lua transformada em sangue, são imagens de terrível grandeza, mas não são necessariamente representações impróprias

[1] Alford, Greek Testament, *in loc.*

de grandes comoções civis: a derrubada de tronos e dinastias, as desolações da guerra, a abolição de sistemas antigos e grandes revoluções morais e espirituais. Na profecia, como na poesia, o material é considerado como tipo do espiritual; as paixões e emoções da humanidade encontram expressão em sinais e sintomas correspondentes na criação inanimada. Vem o profeta com boas novas? Ele conclama montes e colinas a irromperem em cânticos, e as árvores do bosque a baterem palmas. É sua mensagem de lamentação e desgraça? Os céus se vestem de luto, e o sol escurece ao se pôr. Nenhum intérprete, por mais ansioso que esteja por se ater ao sentido literal da palavra, pensaria em insistir que tais metáforas fossem interpretadas literalmente ou que devessem ter um cumprimento literal. O máximo que temos direito de exigir é que sejam especificados eventos históricos que correspondam dignamente a tais fenômenos: grandes movimentos morais e sociais capazes de produzir emoções como aquelas que esses fenômenos físicos parecem implicar.

Pode ser útil selecionar alguns dos mais notáveis desses símbolos proféticos encontrados no Antigo Testamento, para que observemos as ocasiões em que foram empregados e descubramos o sentido em que devem ser entendidos.

Em Isaías 13 temos uma previsão muito notável da destruição da Babilônia antiga. Ela é concebida no mais alto estilo poético. O Senhor dos Exércitos convoca o exército da batalha; ouve-se o tumultuoso avanço das nações; o dia do Senhor é proclamado como estando próximo; as estrelas do céu e as constelações retêm sua luz; o sol escurece ao sair; a lua deixa de brilhar; os céus são abalados e a terra removida de seu lugar. Toda essa linguagem imagética, que, se cumprida literalmente, envolveria a ruína de toda a criação material, é empregada para descrever a destruição da Babilônia pelos medos.

Novamente, em Isaías 24 temos uma previsão dos juízos prestes a vir sobre a terra de Israel; e entre outras representações dos males iminentes, encontramos o seguinte: "As janelas do alto se abrem; os fundamentos da terra estremecem. A terra está de todo quebrantada; a terra está de todo desfeita; a terra se moverá de um lado para o outro como o bêbado, e será removida como a choça; cairá e jamais se levantará", etc. Tudo isso é simbólico da convulsão civil e social prestes a ocorrer na terra de Israel.

Em Isaías 34 o profeta anuncia juízos sobre os inimigos de Israel, particularmente sobre Edom, ou Idumeia. A linguagem imagética que ele emprega é da mais sublime e terrível descrição: "Os montes se derreterão com o sangue dos mortos. Todo o exército dos céus se dissolverá; os céus se enrolarão como um pergaminho, e todo o seu exército cairá, como cai a folha da videira e como cai o figo da figueira." "Os seus ribeiros se tornarão em piche, e o seu pó em enxofre, e a sua terra se tornará piche ardente. Não se apagará nem de noite nem de dia; a sua fumaça subirá para sempre; de geração em geração será assolada; ninguém passará por ela para todo o sempre."

Não é necessário perguntar: essas predições foram cumpridas? Sabemos que foram; e o cumprimento delas permanece na história como monumento perpétuo da veracidade da Revelação. Babilônia, Edom, Tiro, os opressores ou inimigos do povo de

Deus, foram obrigados a beber o cálice da indignação do Senhor. O Senhor não deixou cair por terra nenhuma das palavras de seus servos, os profetas. Mas ninguém pretenderá dizer que os símbolos e figuras que descrevem sua queda foram verificados literalmente. Esses emblemas são a moldura do quadro, usados simplesmente para intensificar o efeito e dar vividez e grandeza à cena.

Da mesma forma, o profeta Ezequiel usa imagética bastante semelhante ao predizer as calamidades que viriam sobre o Egito: "E quando eu te extinguir, cobrirei os céus e escurecerei as estrelas; cobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não fará resplandecer a sua luz. Todas as luzes brilhantes do céu escurecerei sobre ti, e trarei trevas sobre a tua terra, diz o Senhor Deus." (Ezequiel 32:7-8)

Da mesma forma os profetas Miqueias, Naum, Joel e Habacuque descrevem a presença e a intervenção do Altíssimo nos assuntos das nações como acompanhadas por estupendos fenômenos naturais: "Porque eis que o Senhor sai do seu lugar e descerá, e pisará sobre os altos da terra. E os montes se derreterão debaixo dele, e os vales se fenderão como cera diante do fogo, como as águas que se precipitam por uma ladeira." (Miqueias 1:3-4)

"O Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés. Ele repreende o mar e o faz secar, e esgota todos os rios. Os montes tremem diante dele, os outeiros se derretem, e a terra se levanta diante da sua face; sim, o mundo e todos os que nele habitam. A sua indignação se derrama como fogo, e as rochas são por ele derrubadas." (Naum 1:3-6)

Esses exemplos bastam para mostrar, o que de fato é evidente por si mesmo, que, na linguagem profética, os mais sublimes e terríveis fenômenos naturais são empregados para representar convulsões e revoluções nacionais e sociais. Imagens que, se literalmente verificadas, envolveriam a dissolução total da estrutura do globo e a destruição do universo material, na realidade podem significar apenas a queda de uma dinastia, a captura de uma cidade ou o colapso de uma nação.

Segue agora a exposição de Sir Isaac Newton sobre este tema, substancialmente correta, embora talvez levada um pouco longe ao supor um equivalente factual para cada figura empregada na profecia:

"A linguagem figurada dos profetas é tomada da analogia entre o mundo natural e um império ou reino considerado como um mundo político. Assim, o mundo natural, consistindo em céu e terra, significa o mundo político inteiro, consistindo em tronos e povos, ou tanto quanto dele é considerado na profecia; e as coisas naquele mundo significam as coisas análogas neste. Pois os céus e as coisas neles significam tronos e dignidades, e aqueles que as ocupam; e a terra, com as coisas sobre ela, o povo inferior; e as partes mais baixas da terra, chamadas Hades ou Inferno, a parte mais baixa ou mais miserável deles. Grandes terremotos e o abalo do céu e da terra representam o abalo de reinos, de modo a perturbá-los e derrubá-los; a criação de um novo céu e uma nova terra, e a passagem do antigo, ou o começo e o fim de um mundo, representam o

surgimento e a ruína de um corpo político assim significado. O sol representa toda a espécie ou raça de reis nos reinos do mundo político; a lua, o corpo do povo comum considerado como a esposa do rei; as estrelas, os príncipes subordinados e grandes homens; ou, quando o sol representa Cristo, representam bispos e governantes do povo de Deus. O pôr do sol, da lua e das estrelas; o escurecimento do sol, a transformação da lua em sangue e a queda das estrelas, tudo isso representa o fim de um reino".[1]

Citemos apenas, além disso, as excelentes observações de um expositor judicioso Dr. John Brown, de Edimburgo:

"'O passar do céu e da terra', entendido literalmente, é a dissolução do atual sistema do universo; e o período em que isso deverá ocorrer é chamado de 'fim do mundo'. Mas uma pessoa minimamente familiarizada com a fraseologia das Escrituras do Antigo Testamento sabe que a dissolução da economia mosaica e o estabelecimento da cristã são frequentemente descritos como a remoção da antiga terra e dos antigos céus, e a criação de uma nova terra e novos céus. Por exemplo: 'Eis que crio novos céus e nova terra, e não haverá lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão.' 'Porque, assim como os novos céus e a nova terra que hei de fazer estarão diante de mim, diz o Senhor, assim permanecerá a vossa descendência e o vosso nome.' (Isaías 65:17; 66:22) O período do encerramento de uma dispensação e do início da outra é chamado de 'os últimos dias' e 'o fim do mundo', e é descrito como um tal abalo da terra e dos céus que levaria à remoção das coisas que seriam abaladas (Ageu 2:6; Hebreus 12:26–27)".[2]

Parece, então, que, se a Escritura é o melhor intérprete da Escritura, temos no Antigo Testamento uma chave para a interpretação das profecias do Novo. O mesmo simbolismo é encontrado em ambos, e as imagens de Isaías, Ezequiel e dos outros profetas nos ajudam a entender as imagens de São Mateus, São Pedro e São João. Assim como a dissolução do mundo material não é necessária para o cumprimento da profecia do Antigo Testamento, também não é necessária para a realização das predições do Novo Testamento. Mas, embora os símbolos sejam expressões metafóricas, não são destituídos de significado. Não é necessário alegorizá-los nem encontrar um equivalente correspondente para cada tropo; basta considerar que a imagem é empregada para elevar a sublimidade da predição e revesti-la de força e grandeza. Ao mesmo tempo, há uma verdadeira propriedade e uma realidade subjacente nos símbolos da profecia. Os fatos morais e espirituais que eles representam, as mudanças sociais e ecumênicas que eles tipificam, não poderiam ser adequadamente expostos por linguagem menos majestosa e sublime. Há razão para crer que uma compreensão inadequada da verdadeira grandeza e significado de eventos como a destruição de

---

[1] Sir Isaac Newton, Observations on the Prophecies, Part i. chap. ii.

[2] Discourses and Sayings of our Lord, vol. i. pp. 199, 200.

Jerusalém e a ab-rogação da economia judaica está na raiz daquele sistema de interpretação que sustenta que nada, correspondente aos símbolos da profecia do Novo Testamento, jamais ocorreu. Daí os artifícios acríticos e antiescriturísticos dos sentidos duplos e dos cumprimentos duplos, triplos e múltiplos da profecia. Que perturbações físicas na natureza e fenômenos extraordinários nos céus e na terra possam ter acompanhado os últimos suspiros da dispensação judaica, não estamos preparados para negar. Parece-nos altamente provável que tais coisas tenham ocorrido. Mas o cumprimento literal dos símbolos não é essencial para a verificação da profecia, a qual é abundantemente demonstrada como verdadeira pelos fatos registrados na história.

NOTA D.

Dr. Owen sobre "os céus e a terra". (2 Pedro 3:13)

"O apóstolo faz uma divisão do mundo em *céu* e *terra*, e diz que eles foram destruídos pela água e pereceram. Sabemos que nem a estrutura nem a substância de um ou de outro foram destruídas, mas apenas os homens que viviam sobre a terra; e o apóstolo nos diz (v. 7) dos *céus e da terra que existiam então, e que foram destruídos pela água*, distintos dos *céus e da terra que agora existiam e que seriam consumidos pelo fogo*. E, no entanto, quanto à estrutura visível dos céus e da terra, eram os mesmos tanto antes do dilúvio como no tempo do apóstolo, e continuam assim até hoje; embora seja certo que os céus e a terra dos quais ele falou seriam destruídos e consumidos pelo fogo naquela geração. Devemos, então, para esclarecer minimamente nosso fundamento, considerar o que o apóstolo pretende significar por céus e terra nesses dois lugares".

1. É certo que aquilo que o apóstolo pretende ao falar do mundo, com seus céus e terra (v. 5-6), que foram destruídos, é o mesmo, ou algo da mesma natureza, que ele pretende pelos céus e a terra que seriam consumidos e destruídos pelo fogo (v. 7); de outra forma não haveria coerência alguma no discurso do apóstolo, nem qualquer tipo de argumento, mas apenas um jogo falacioso de palavras.

2. É certo que, pelo dilúvio, o mundo, ou a estrutura dos céus e da terra, não foi destruído, mas somente os habitantes do mundo; e, portanto, a destruição indicada como sucedendo por meio do fogo não é da substância dos céus e da terra, que não serão consumidos até o último dia, mas de pessoas ou homens que vivem no mundo.

3. Devemos então considerar em que sentido homens vivendo no mundo são chamados de mundo, e de seus céus e terra. Insistirei apenas em um exemplo, entre muitos que poderiam ser produzidos: Isaías 51:15-16. O tempo em que a obra aqui mencionada, de plantar os céus e lançar os fundamentos da terra, foi realizada por Deus foi quando Ele *dividiu o mar* (v. 15) e *deu a lei* (v. 16), e disse a Sião: '*Tu és o meu povo*'; isto é, quando Ele tirou os filhos de Israel do Egito e os formou no deserto em uma igreja e um estado; então Ele plantou os céus e lançou os fundamentos da terra: isto é, trouxe ordem, governo e beleza da confusão em que eles se encontravam anteriormente. Isto é o plantar dos céus e o lançar dos fundamentos da terra no mundo.

E daí é que, quando se faz menção da destruição de um estado e governo, ela vem naquela linguagem que parece descrever o fim do mundo. Assim em Isaías 34:4, que, contudo, não trata senão da destruição do estado de Edom. O mesmo também é afirmado do Império *Romano* (Apocalipse 6:14), o qual os judeus constantemente afirmavam ser o que os profetas intendiam por *Edom*. E, na predição de nosso Salvador sobre a destruição de Jerusalém (Mateus 24), Ele a descreve com expressões de igual peso. É evidente, então, que, no idioma e modo de falar proféticos, por céus e terra entendiam-se frequentemente o estado civil e religioso e a combinação dos homens no mundo, bem como os próprios homens. Assim eram os céus e a terra daquele mundo que então foi destruído pelo dilúvio.

4. Sobre esse fundamento, afirmo que os céus e a terra aqui mencionados nesta profecia de Pedro, a vinda do Senhor, o dia de juízo e perdição dos homens ímpios, mencionados na destruição desses céus e terra, referem-se todos, não ao juízo final e último do mundo, mas à total desolação e destruição que seria feita da igreja e do estado judaico; e para isso oferecerei estas duas razões, entre muitas que poderiam ser apresentadas a partir do texto:

(1. Porque tudo o que aqui se menciona haveria de exercer sua influência peculiar sobre os homens daquela geração. Ele fala daquilo em que tanto os escarnecedores profanos quanto os que eram escarnecidos estavam envolvidos, e isso enquanto *judeus*, alguns deles crentes, outros opondo-se à fé. Ora, não havia qualquer interesse particular daquela geração, nem naquele pecado, nem naquele escárnio, em relação ao juízo final em geral; mas havia um alívio peculiar para uns e um terror peculiar para outros, iminente, na destruição da nação judaica; e, além disso, um amplo testemunho tanto para uns quanto para outros do poder e domínio do Senhor Jesus Cristo, que era o ponto em questão entre eles.

(2. Pedro lhes diz que, após a destruição e o juízo de que ele fala (v. 7-13), 'nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra', etc. Eles tinham essa expectativa. Mas qual é essa promessa? Onde a encontramos? Pois bem, nós a temos nas próprias palavras e letras em Isaías 65:17. Agora, quando será que Deus criará esses novos céus e nova terra, nos quais habita justiça? Diz Pedro: 'Será depois da vinda do Senhor, depois daquele juízo e destruição dos homens ímpios que não obedecem ao evangelho, que eu predigo'. Mas agora é evidente, por este trecho de Isaías, juntamente com Isaías 66:21-22, que esta é uma profecia apenas dos tempos do Evangelho; e que o plantar desses novos céus não é senão a criação das ordenanças do Evangelho para durar para sempre. A mesma coisa é assim expressa em Hebreus 12:26-28.

Sendo este o desígnio da passagem, não insistirei mais longamente no contexto, mas abrirei brevemente as palavras propostas e fixarei a verdade contida nelas.

Primeiro, há o fundamento da inferência e exortação do apóstolo [τούτων οὖν πάντων λυομένων], vendo que todas essas coisas, por mais preciosas que pareçam, ou qualquer valor que alguém lhes atribua, serão dissolvidas, isto é, destruídas, e isso

naquele modo terrível e temível antes mencionado, em um dia de juízo, ira e vingança, por fogo e espada; deixem outros zombar das ameaças da vinda de Cristo: Ele virá, Ele não tardará; e então os céus e terra que o próprio Deus plantou, o sol, a lua e as estrelas da política e igreja judaicas, todo o antigo mundo de culto e adoradores que persistem em sua obstinação contra o Senhor Cristo, serão visivelmente dissolvidos e destruídos: sabemos que esse será o fim dessas coisas, e que em breve.

Não há constituição exterior nem estrutura de coisas em governo ou nações que não esteja sujeita a dissolução, e que não possa recebê-la, e isso de modo judicial. Se alguma pudesse alegar isenção, aquela, por muitas razões sobre as quais o apóstolo discorria em termos proféticos (pois ainda não era tempo de falar isso abertamente a todos), poderia interpor-se e reivindicar sua parte".[1]

NOTA E.

O Rev. F. D. Maurice sobre "o Último Tempo." (1 João 22:18)

"Como pôde São João dizer que o seu tempo era o último tempo? Acaso o mundo não perdurou por quase mil e oitocentos anos desde que ele o deixou? E não poderá ainda durar muitos anos mais?

Muitos lhe dirão que não somente São João, mas São Paulo e todos os apóstolos estavam sob a ilusão de que o fim de todas as coisas se aproximava em seus dias. Dizem isso pessoas que, em geral, não são inclinadas a diminuir sua autoridade; algumas adotam essa opinião praticamente, embora possam não expressá-la em palavras, enquanto sustentam que os escritores da Bíblia jamais foram permitidos a errar no ponto mais trivial. Eu não afirmo isso; não abalaria minha fé neles descobrir que erraram em nomes ou pontos de cronologia. Mas, se eu supusesse que eles mesmos foram enganados, e que enganaram seus discípulos, em assunto tão capital como este da vinda de Cristo para julgar e dos últimos dias, eu ficaria grandemente perplexo. Pois é um tema ao qual eles se referem constantemente. É parte de sua fé mais profunda. Mistura-se a todas as suas exortações práticas. Se estivessem errados aqui, eu mesmo não saberia onde poderiam estar certos.

Tenho achado sua linguagem sobre este assunto de utilidade máxima para mim na explicação do método da Bíblia; do curso do governo de Deus sobre as nações e sobre os indivíduos; da vida do mundo antes do tempo dos apóstolos, durante o seu tempo, e em todos os séculos desde então. Se lhes fizermos a justiça que devemos a qualquer escritor, inspirado ou não, se lhes permitirmos interpretar a si mesmos, em vez de forçarmos nossas interpretações sobre eles, entenderemos, creio eu, um pouco mais de sua obra e da nossa. Se tomarmos simplesmente e literalmente suas palavras a respeito do juízo e do fim que esperavam em seus dias, saberemos que posição ocupavam em relação a seus antepassados e a nós. E, em lugar de uma concepção muito vaga,

---

[1] Dr. Owen's Sermon on 2 Peter iii. 11. Works, folio, 1721.

impotente e artificial do juízo que devemos aguardar, aprenderemos quais são nossas necessidades pelas deles; como Deus cumprirá todas as Suas palavras a nós pelo modo como cumpriu Suas palavras a eles.

Não é uma noção nova, mas muito antiga e comum, que a história do mundo se divide em certos grandes períodos. Em nossos dias, a convicção de que há uma ampla distinção entre história antiga e história moderna tem-se imposto cada vez mais aos homens pensantes. M. Guizot insiste especialmente na unidade e universalidade da história moderna, em contraste com a divisão da história antiga em um conjunto de nações que mal possuíam simpatias comuns. A questão é: onde encontrar a fronteira entre esses dois períodos? Sobre isso, estudiosos têm feito muitas conjecturas; a maioria plausível e sugestiva de verdades; algumas muito confusas; nenhuma, creio eu, satisfatória. Uma das mais populares, aquela que supõe que a história moderna começa quando as tribos bárbaras se estabeleceram na Europa, seria totalmente fatal à doutrina de M. Guizot. Pois aquele estabelecimento, embora tenha sido um evento importantíssimo e indispensável à civilização moderna, foi a dissolução temporária de uma unidade que antes existira. Era como o reaparecimento daquela separação de tribos e raças que ele supõe ter sido a característica especial do mundo anterior.

Agora, podemos esperar alguma luz sobre esse assunto na Bíblia? Não creio que ela cumpriria suas pretensões se não pudéssemos. Ela professa expor os caminhos de Deus para as nações e para a humanidade. Podemos estar satisfeitos que ela diga muito pouco sobre leis físicas; podemos estar satisfeitos que se mantenha silenciosa sobre as órbitas dos planetas e a lei da gravitação. Deus pode ter outros meios de fazer *esses* segredos conhecidos às Suas criaturas. Mas aquilo que diz respeito à ordem moral do mundo e ao progresso espiritual dos seres humanos cai diretamente sob o domínio da Bíblia. Ninguém poderia estar satisfeito com ela se fosse muda sobre esses assuntos. E, por isso, todos os que supõem que ela seja muda aqui, por mais importância que atribuam ao que chamam seu caráter religioso, por mais que suponham que seus mais altos interesses dependam de acreditar em seus oráculos, são obrigados a tratá-la como um volume muito desconexo e fragmentário. Eles fornecem a melhor desculpa àqueles que dizem que ela não é um livro completo, como pensávamos, mas uma coleção de ditos e opiniões de certos autores de épocas diferentes, não muito consistentes entre si. Por outro lado, tem havido a mais forte convicção na mente de leitores comuns, bem como de estudiosos, de que o livro nos diz como os séculos passados e os séculos por vir se relacionam com o desvelar dos mistérios de Deus, qual parte cada país tem desempenhado em Seu grande drama, para que ponto todas as linhas de Sua providência convergem. O imenso interesse que tem sido dedicado à profecia, um interesse não destruído, nem mesmo enfraquecido, pelas numerosas decepções que as teorias humanas sobre ela têm encontrado, é uma prova do quão profunda e amplamente difundida essa convicção é. Os teólogos se esforçam em vão para recordar aos leitores simples e sinceros que não têm tempo para tal estudo e que deveriam

ocupar-se do que é mais prático. Se suas consciências lhes dizem que há algum fundamento na advertência, ainda assim sentem que não podem atendê-la completamente. Estão certos de que têm interesse nos destinos de sua raça, assim como em seu destino individual. Não podem separar um do outro; devem crer que há luz em algum lugar sobre ambos. Não ouso desencorajar essa certeza. Se a mantivermos firmemente, poderá ser um grande instrumento para nos elevar acima do egoísmo. Só temo que a percamos, como certamente perderemos, se adquirirmos o hábito de considerar a Bíblia como um livro de enigmas e charadas, e de procurar ansiosamente que determinados eventos exteriores ocorram em datas específicas que fixamos como aquelas estabelecidas por profetas e apóstolos. O remédio para tais loucuras, que são realmente muito sérias, não está no abandono da profecia, mas numa meditação mais sincera sobre ela; lembrando que profecia não é um conjunto de predições soltas, como os ditos de uma adivinha, mas uma revelação d'Aquele cujas saídas são desde a eternidade; que é o mesmo ontem, hoje e para sempre; cujos atos em uma geração são determinados pelas mesmas leis que seus atos em outra.

Se algum dia eu lhes falar sobre o Apocalipse de São João, terei de tratar muito mais amplamente deste assunto. Mas disse tudo isso para introduzir a observação de que a Bíblia trata a queda da ordem judaica como o encerramento de um grande período na história humana e como o começo de outro grande período. João Batista anuncia a presença d'Aquele "cuja pá está na mão; e Ele limpará totalmente a sua eira, e recolherá o seu trigo no celeiro; mas queimará a palha com fogo inextinguível." Os evangelistas dizem que, por essas palavras, ele indicava Jesus de Nazaré, que depois desceu às águas do Jordão e, ao sair delas, foi declarado Filho de Deus, e sobre quem o Espírito desceu em forma corpórea.

Nós costumamos separar Jesus o Salvador de Jesus o Rei e o Juiz. Eles não. Eles nos dizem desde o início que Ele veio pregando um reino dos céus. Contam-nos que Ele fez atos de juízo bem como atos de libertação. Registram as palavras tremendas que Ele pronunciou contra fariseus e escribas, bem como o Evangelho que pregou a publicanos e pecadores. E, antes do fim de Seu ministério, quando Seus discípulos Lhe perguntaram sobre os edifícios do templo, Ele falou claramente de um juízo que Ele, o Filho do homem, executaria antes que aquela geração passasse. E, para deixar claro que deveríamos entendê-Lo de modo estrito e literal, acrescentou: "O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão." Este discurso, cuidadosamente registrado por São Mateus, São Marcos e São Lucas, não está isolado do restante de Seus discursos e parábolas, nem do restante de Seus feitos. Todos contêm o mesmo aviso. São graciosos e misericordiosos, muito mais graciosos e misericordiosos do que supomos, são testemunhas de um Ser gracioso e misericordioso; mas são testemunhas de que aqueles que não gostavam desse Ser justamente por esse ser Seu caráter, que buscavam outro ser como eles mesmos, isto é, um ser ingrato e sem misericórdia, teriam suas casas deixadas desoladas.

Quando, portanto, os apóstolos foram adiante após a ascensão de nosso Senhor, para pregar Seu Evangelho e batizar em Seu nome, seu primeiro dever foi anunciar que aquele Jesus, que os governantes de Jerusalém haviam crucificado, era Senhor e Cristo; o segundo, pregar remissão de pecados e o dom do Espírito em Seu nome; o terceiro, predizer a vinda de um grande e terrível dia do Senhor, e dizer a todos os que ouviam: "Salva-te desta geração perversa." Foi a linguagem que São Pedro usou no dia de Pentecostes; foi adotada, com variações adequadas às circunstâncias dos ouvintes, por todos os que foram encarregados da mensagem do Evangelho. Sem dúvida, era uma linguagem particularmente aplicável aos judeus. Eles tinham sido feitos administradores dos dons de Deus ao mundo. Tinham desperdiçado os bens de seu Senhor e não seriam mais administradores. Mas não encontramos os apóstolos restringindo sua linguagem aos judeus. São Paulo, falando em Atenas, falando em palavras especialmente apropriadas a uma cidade pagã, culta e filosófica, declara que Deus "determinou um dia em que julgará o mundo pelo Homem que destinou", e aponta a ressurreição dos mortos como determinando quem esse Homem é. Por que isso? Porque os apóstolos acreditavam que a rejeição do povo judeu era a manifestação do *Filho do homem*; um testemunho para todas as nações sobre quem era seu Rei; um chamado a todas as nações para abandonarem seus ídolos e confessarem-No. O Evangelho deveria explicar o significado da grande crise que estava prestes a ocorrer; deveria dizer aos gentios e aos judeus o que ela implicaria; deveria anunciá-la como nada menos que o começo de uma nova era na história do mundo, quando o Homem crucificado reivindicaria um império universal e disputaria com o César romano, bem como com todos os outros tiranos da terra que levantassem suas pretensões contra a Sua.

Essa visão bíblica da ordenação dos tempos e estações harmoniza-se inteiramente com a conclusão à qual M. Guizot chegou pela observação dos fatos. O nascimento de nosso Senhor coincidiu quase com o estabelecimento do Império Romano na pessoa de Augusto César. Esse império aspirava esmagar as nações e estabelecer uma grande supremacia mundial. A nação judaica fora o testemunho contra todos esses experimentos no mundo antigo. Tinha caído sob a tirania babilônica, mas ressurgira. E o período que se seguiu ao seu cativeiro foi o grande tempo do despertar da vida nacional na Europa, o tempo em que floresceram as repúblicas gregas, o tempo em que a República Romana iniciou sua carreira grandiosa.

A nação judaica tinha sido vencida pelos exércitos da República Romana; ainda assim, conservava os sinais antigos de sua nacionalidade: sua lei, seu sacerdócio, seu templo. Esses pareciam ridículos e insignificantes aos imperadores romanos, e até mesmo aos governadores romanos que administravam a pequena província da Judeia, ou a maior província da Síria, na qual frequentemente era incluída. Mas achavam os judeus muito incômodos. Sua nacionalidade era de um tipo muito peculiar e de força incomum. Quando estavam mais degradados, não podiam abandoná-la. Suscitariam

intermináveis rebeliões, na esperança de recuperar o que haviam perdido e de estabelecer o reino universal que acreditavam ter sido destinado a eles e não a Roma. A pregação de nosso Senhor declarava-lhes que havia tal reino universal, que Ele, o Filho de Davi, tinha vindo para estabelecê-lo na terra. Os judeus sonhavam com outro tipo de reino, com outro tipo de rei. Queriam um reino judaico que pisoteasse as nações, como o Império Romano os estava pisoteando; queriam um rei judeu que fosse, em todos os pontos essenciais, como o César romano. Era uma concepção obscura, horrível e odiosa; combinava tudo que há de mais estreito na forma mais degradada e exclusiva de nacionalidade com tudo que é mais cruel e destrutivo da vida moral e pessoal na pior forma de imperialismo. Reunia em si tudo que havia de pior na história passada. Era uma antecipação do que haveria de pior no tempo vindouro. Os apóstolos anunciaram que a ambição maldita dos judeus seria totalmente frustrada. Predisseram que a ambição do romano também seria frustrada. Disseram que uma nova era estava próxima, a era universal, a era do Filho do homem, que seria precedida por uma grande crise que abalaria não somente a terra, mas também o céu: não somente aquilo que pertencia ao tempo, mas também tudo que pertencia ao mundo espiritual e às relações do homem com ele. Disseram que esse abalo ocorreria para que se visse o que não podia ser abalado, o que deveria permanecer.

Procurei assim mostrar-lhes o que São João quis dizer com o *último tempo*, caso ele tenha falado a mesma linguagem que nosso Senhor falou, e que os outros apóstolos falaram. Não posso dizer que mudanças físicas ele ou eles esperavam. Fenômenos físicos são mencionados naquele tempo, fomes, pragas, terremotos. Se eles, ou algum deles, supuseram que tais coisas indicariam mais alteração na superfície ou substância da terra do que realmente indicaram, não posso dizer; não são sobre esses pontos que busco informação deles, provavelmente eu não entenderia a informação se eles a dessem. Que eles não anteciparam o desaparecimento da *Terra*, o que chamamos de destruição da Terra, é claro por isto: que o novo reino de que falaram deveria ser um reino na terra, bem como um reino do céu. Mas sua crença de que tal reino havia sido estabelecido e faria sentir seu poder tão logo a antiga nação fosse dispersa tem sido, creio eu, abundantemente verificada pelos fatos. Não vejo como podemos entender adequadamente a história moderna até aceitarmos essa crença".[1]

[1] The Epistles of St. John, by F. D. Maurice, M.A., Lect. ix.

PARTE III.

A Parousia no Apocalipse.

"O Livro do Apocalipse provavelmente nunca admitirá agora uma exposição totalmente luminosa, em consequência de as histórias que temos dos tempos aos quais ele se refere não corresponderem à escala ampliada de suas profecias. Mas a direção na qual é mais sábio buscar uma solução para seus enigmas é a partir daquele ponto de vista que considera que ele foi escrito antes da destruição de Jerusalém, para encorajar aqueles cujos corações então desfaleciam de medo das coisas que estavam prestes a sobrevir à terra; isto é, ocupado primária e principalmente com eventos nos quais apenas seus primeiros leitores estavam imediatamente interessados; que ele apresenta uma série de quadros de cronologia duvidosa, e talvez parcialmente contemporâneos, de eventos todos prestes a acontecer." - Catholic Thoughts on the Bible and Theology, cap. xxxv, p. 3

A PAROUSIA NO APOCALIPSE.

INTERPRETAÇÃO DO APOCALIPSE.

Chegamos agora à consideração da parte mais difícil e obscura da Revelação divina, e bem podemos fazer uma pausa no limiar de uma região tão envolta em mistério e trevas. Os fracassos evidentes de homens sábios e eruditos, que com demasiada confiança professaram decifrar o rolo místico do vidente apocalíptico, alertam-nos contra a presunção. Talvez até nos sentíssemos justificados em declinar por completo de uma tarefa que confundiu tantos dos mais capazes e melhores intérpretes da Palavra de Deus. Mas, por outro lado, honramos o livro recusando abri-lo e declarando-o irremediavelmente obscuro? Estamos justificados em tratar assim qualquer porção da Revelação que Deus nos deu? O livro deve ser virtualmente entregue a adivinhos e charlatães, para ser o brinquedo de suas especulações fantasiosas? Não; não podemos deixá-lo de lado. O livro nos prende, queiramos ou não, e insiste em ser ouvido. Afinal, ele deve ter um significado, e somos obrigados a fazer o nosso melhor para compreendê-lo. Livro maravilhoso! que, após séculos de interpretação equivocada e deturpação, ainda tem o poder de comandar a atenção e fascinar o interesse de cada leitor. Recusa-se a ser transformado em motivo de riso para impostores e insensatos; não pode ser degradado nem mesmo pela ignorância e presunção de fanáticos e adivinhos; nunca pode ser outra coisa senão a Palavra de Deus, e portanto deve ser por nós mantido em reverência.

Mas é inteligível? A resposta é: foi escrito para ser entendido? Teria um livro enviado por um apóstolo às igrejas da Ásia Menor, com uma bênção sobre seus leitores, sido para eles um mero jargão ininteligível, um enigma inexplicável? Isso dificilmente pode ser. Porém, se o livro foi

destinado a desvendar os segredos de tempos distantes, não deveria, por necessidade, ter sido ininteligível para seus primeiros leitores, e não apenas ininteligível, mas também irrelevante e inútil? Se ele falasse, como alguns querem nos fazer crer, de hunos e godos e sarracenos, de imperadores e papas medievais, da Reforma Protestante e da Revolução Francesa, que possível interesse ou significado poderia ter para as igrejas cristãs de Éfeso, Esmirna, Filadélfia e Laodiceia? Especialmente quando consideramos as circunstâncias reais daqueles primeiros cristãos, muitos deles sofrendo cruéis tormentos e perseguições graves, e todos eles ansiosamente aguardando uma hora de libertação que agora estava próxima, que propósito poderia ter enviar-lhes um documento que eram instados a ler e ponderar, mas que se ocupava principalmente de eventos históricos tão distantes a ponto de estarem fora do alcance de suas preocupações, e tão obscuros que, ainda hoje, os críticos mais astutos dificilmente concordam em qualquer ponto? É concebível que um apóstolo zombasse dos cristãos sofredores e perseguidos de seu tempo com parábolas sombrias sobre eras distantes? Se este livro foi realmente destinado a ministrar fé e consolo às próprias pessoas a quem foi enviado, ele deve, indubitavelmente, tratar de assuntos nos quais elas tinham interesse prático e pessoal. E esta consideração tão óbvia não sugere a verdadeira chave do Apocalipse? *Não deveria ele, por necessidade, referir-se a assuntos da história contemporânea?* A única hipótese sustentável, a única razoável, é que ele foi destinado a ser compreendido por seus leitores originais; mas isso equivale a dizer que deve estar ocupado com eventos e acontecimentos de seus próprios dias, e estes compreendidos dentro de um espaço de tempo comparativamente breve.

LIMITAÇÃO DE TEMPO NO APOCALIPSE.

Isso não é uma mera conjectura; é confirmado pelas declarações explícitas do próprio livro. Se há algo que, mais do que qualquer outra coisa, é afirmado de modo explícito e repetido no Apocalipse, é a *proximidade* dos eventos que ele prediz. Isso é declarado, e reiterado repetidas vezes, no começo, no meio e no fim. Somos advertidos de que "o tempo está *próximo*"; "essas coisas devem acontecer *em breve*"; "Eis que venho *sem demora*"; "Certamente venho *sem demora*." No entanto, diante dessas afirmações tão claras e repetidas, a maioria dos intérpretes julgou-

se livre para ignorar completamente as limitações temporais, vagueando à vontade por eras e séculos, tratando o livro como um sumário da história da igreja, um almanaque de eventos político-eclesiásticos para toda a cristandade até o fim dos tempos. Isso tem sido um erro fatal e imperdoável. Negligenciar a definição óbvia e clara do tempo, que o próprio livro continuamente coloca diante da atenção do leitor, é tropeçar já no limiar. Consequentemente, essa falta de atenção tem invalidado a grande maioria das interpretações apocalípticas. Pode-se dizer com verdade que a chave sempre esteve pendurada junto à porta, claramente visível para todo aquele que tivesse olhos para ver; ainda assim, homens tentaram arrombar a fechadura, forçar a porta ou escalar por algum outro caminho, em vez de se valer do meio tão simples e pronto colocado diante deles: usar a chave feita e providenciada para esse fim.

Como este ponto é de importância máxima, e indispensável para a correta interpretação do Apocalipse, é apropriado apresentar a prova de que os eventos descritos no livro estão compreendidos dentro de um período de tempo muito curto.

A frase de abertura, contendo o que se pode chamar de título do livro, é por si mesma decisiva quanto à proximidade dos eventos aos quais se refere:

Apocalipse 1:1: "A Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que devem *em breve acontecer*".

E, caso se suponha que essa limitação não se estende a toda a profecia, mas possa referir-se apenas à parte introdutória, ou a alguma outra porção, a mesma declaração retorna, com as mesmas palavras, na conclusão do livro. (Apocalipse 22:6)

Apocalipse 1:3: "Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; *porque o tempo está próximo*".

O leitor não deixará de notar a semelhança significativa entre esta nota temporal e a palavra de ordem dos primeiros cristãos. Dizer ὁ καιρὸς ἐγγύς ("o tempo está próximo") era, de fato, o mesmo que dizer ὁ κύριος ἐγγύς ("o Senhor está próximo"), Filipenses 4:5. Nenhuma palavra poderia afirmar mais distintamente a proximidade dos eventos contidos na profecia.

Apocalipse 1:7: "Eis que vem com as nuvens; e todo olho o verá, e até os que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém".

"Eis que ele está vindo" [Ἰδοὺ, ἔρχεται] corresponde a "Eis que venho depressa" [Ἰδοὺ, ἔρχομαι ταχύ], em Apocalipse 22:7. Isto pode ser chamado de a nota-chave do Apocalipse; é a tese ou texto de todo o livro.[1] Para aqueles que conseguem persuadir-se de que não existe qualquer indicação temporal em uma declaração como "Eis que ele está vindo", ou que ela é tão indefinida que pode aplicar-se igualmente a um ano, um século ou um milênio, esta passagem pode não ser convincente; mas, para todo juízo honesto, será prova decisiva de que o evento referido é iminente. É a palavra de ordem apostólica: Maran-atha! "o Senhor vem." (1 Coríntios 16:22) Há também uma clara alusão às palavras de nosso Senhor em Mateus 24:30: "todas as tribos da terra se lamentarão", etc., mostrando claramente que ambas as passagens referem-se ao mesmo período e ao mesmo evento.

Apocalipse 1:19: "Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que hão de acontecer".

A última cláusula não expressa adequadamente o sentido do original; deveria ser: "as coisas que *estão prestes a acontecer* depois destas" [ἃ μέλλει γενέσθαι μετὰ ταῦτα].

Apocalipse 3:10: "Eu te guardarei da hora da tentação [provação] que há de vir [*está prestes a vir*] sobre todo o mundo, para provar os que habitam sobre a terra".

Isto indica a aproximação de uma época de violenta perseguição, pouco antes do seu irrompimento, a qual o Apocalipse deve ter sido escrito.

Apocalipse 3:11: "Eis que venho depressa".

Esta nota de advertência é repetida vez após outra em todo o Apocalipse. Seu significado é demasiado evidente para exigir explicação.

---

[1] "Esta é a primeira voz e a nota-chave de todo o livro. As epístolas às sete igrejas tomam todo o seu tom deste pensamento, e são a voz de um Senhor que 'virá depressa'. As visões que seguem conduzem ao mesmo fim, e as últimas vozes do livro respondem às primeiras e atestam o seu assunto e propósito. 'Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Vem, Senhor Jesus.'" - T. D. Bernard, Bampton Lectures de 1864, p. 193.

Apocalipse 16:15: "Eis que venho como ladrão".

Esta figura já nos é conhecida em conexão com a Parousia. São Pedro declarou que "o dia do Senhor virá como ladrão [de noite]." (2 Pedro 3:10) São Paulo escreveu aos tessalonicenses: "Vós mesmos sabeis perfeitamente que o dia do Senhor virá como ladrão de noite." (1 Tessalonicenses 5:2) E ambas as passagens remontam às próprias palavras de nosso Senhor em Mateus 24:42-44, nas quais Ele inculca vigilância por meio da parábola do "ladrão vindo de noite". Aqui, novamente, o tempo e o evento referidos são os mesmos em todas as passagens, e foram declarados por nosso Senhor como estando dentro dos limites da geração então existente.

Apocalipse 21:5-6: "E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas... E disse-me: Está feito".

Essas expressões são evidentemente indicativas de eventos que se aproximavam rapidamente de seu cumprimento; não haveria longo intervalo entre a profecia e sua realização.

Apocalipse 22:10: "Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo".

Isto é apenas a repetição, em outra forma, da declaração precedente. Como é possível atribuir um sentido não natural a linguagem tão expressa e decisiva?

Apocalipse 22:6: "Estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor Deus dos santos profetas enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de ser feitas".

Esta passagem, que repete a declaração feita no início da profecia (Apocalipse 1:1), cobre todo o campo do Apocalipse e estabelece conclusivamente que ele alude a eventos que estavam para ocorrer quase imediatamente.

Apocalipse 22:7: "Eis que venho depressa".

Apocalipse 22:12: "Eis que venho depressa".

Apocalipse 22:20: "Certamente venho depressa".

Esta tríplice repetição da vinda rápida do Senhor, que é o tema de toda a profecia, mostra distintamente que esse evento foi declarado de modo autoritativo como iminente.

Assim, temos uma acumulação de evidências do tipo mais direto e positivo de que todo o Apocalipse seria cumprido dentro de um período muito breve. Este é o testemunho do próprio livro, e a esta limitação estamos absolutamente constrangidos, se o livro deve ser permitido falar por si mesmo.

DATA DO APOCALIPSE.

Se as conclusões anteriores são bem fundamentadas, elas virtualmente decidem a tão debatida questão sobre a data do Apocalipse. Talvez se possa admitir que o peso da autoridade, tal como é, incline-se para o lado da data tardia: isto é, que o livro tenha sido escrito após a destruição de Jerusalém; mas a evidência interna parece-nos esmagadora em favor de sua datação precoce. Que o Apocalipse contempla a Parousia como iminente é certamente uma proposição incontestável. Que a Parousia é sempre representada como coincidente com o julgamento da cidade e da nação culpadas é igualmente inegável. Aqueles que não conseguem encontrar a Parousia, a destruição de Jerusalém, o julgamento de Israel e o fim do æon [συντέλεια τοῦ αἰῶνος] no Apocalipse, assim como em todo o restante do Novo Testamento, e encontrá-los também como eventos iminentes, devem ser realmente cegos. Que outra crise tremenda estava se aproximando naquele período à qual o Apocalipse pudesse se referir? Ou que evento poderia ser mais digno de ser descrito na sublime e terrível linguagem simbólica do Apocalipse do que a catástrofe final da dispensação judaica e os inigualáveis sofrimentos que a acompanharam?

1. Que o Apocalipse foi escrito antes da destruição de Jerusalém seguirá naturalmente, caso se possa demonstrar que esse evento constitui, em grande medida, o tema de suas predições. Cremos que isso pode ser feito de modo a satisfazer qualquer mente razoável. Apelamos para Apocalipse 1:7: "Eis que vem com as nuvens; e todo olho o verá, até mesmo os que o traspassaram; e todas as tribos da terra lamentarão por causa dele". "As tribos da terra" só podem significar o povo de Israel, como é provado pela profecia original em Zacarias 12:10-14 e, ainda mais, pelas palavras de nosso Senhor em Mateus 24:30. Não pode haver sombra de dúvida de que a "vinda" mencionada é a Parousia, precursora do juízo, terrível para aqueles "que o traspassaram", e sempre declarada

por nosso Senhor como situada dentro dos limites da geração então existente.

2. Após a mais cuidadosa consideração da expressão notável τῇ κυριακῇ ἡμέρᾳ ["o dia do Senhor"] em Apocalipse 1:10, estamos convencidos de que ela não pode se referir ao primeiro dia da semana, mas que têm razão os intérpretes que a entendem como referência ao período chamado em outros lugares "o dia do Senhor". Não há nenhum exemplo no Novo Testamento em que o primeiro dia da semana [domingo] seja chamado "*o dia do Senhor*" ou "*dia do Senhor*"; mas esta última expressão é usada de modo fixo e restrito para o grande período judicial que é constantemente representado nas Escrituras como associado à Parousia. Não existe qualquer diferença entre ἡ ἡμέρα κυριακή e ἡ ἡμέρα τοῦ κυρίου. Nada poderia ser mais forçado do que aplicar uma expressão a um período ou dia, e a outra a algo totalmente diferente. Não há evidência de que o primeiro dia da semana fosse assim designado no tempo de João; e há abundante evidência de que a expressão "o dia do Senhor" possuía um significado fixo e definido nas igrejas apostólicas. (1 Coríntios 1:8; 5:5; 2 Coríntios 1:14; 2 Tessalonicenses 2:2; 5:2; 2 Pedro 3:10) Apesar da objeção de Alford quanto à gramática, sustentamos que não há nada de errado em entender τῇ κυριακῇ ἡμέρᾳ como "(no grande) dia do Senhor". Pelo contrário, preferimos a construção gramatical: "Eu estava em espírito no dia do Senhor".[1] Ou seja, a Parousia é o ponto de vista do Vidente no Apocalipse: um fato amplamente confirmado pelo conteúdo.[2]

---

[1] "Espiritualmente, ele se encontrou no 'dia do Senhor'. O teor do livro exige que entendamos com isso o dia da vinda do Senhor. Orígenes usa o mesmo termo no sentido acima indicado. Ele diz: 'Toda a casa de Israel será ressuscitada no grande κυριακῇ, "dia do Senhor".' (Orígenes, In Joannem X.20)". - Huidekoper, Judaism at Rome, p. 262.

[2] Não há livro no Novo Testamento tão independente das leis da gramática quanto o Apocalipse, de modo que é estranho que Alford seja tão exigente neste caso. No Dicionário da Bíblia de Smith (art. "Revelation"), encontramos esta nota, que é importante: "Em um lugar onde tanto o dia do juízo quanto, como um prenúncio deste, o dia da vingança sobre Jerusalém parecem ser mencionados, o próprio Senhor diz: οὕτως ἔσται καὶ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου ἐν τῇ ἡμέρᾳ αὐτοῦ ('assim será também o Filho do Homem no seu dia') (Lucas 17:24)".

3. Em Apocalipse 3:10 somos informados de que um período de severa provação estava então iminente, isto é, uma amarga perseguição contra aqueles que levavam o nome de cristãos, estendendo-se por todo o mundo [οἰκουμένη, ou o Império Romano]. Ora, a primeira perseguição geral contra os cristãos foi aquela que ocorreu sob Nero, no ano 64 d.C. Inferimos que esta era a perseguição então prestes a acontecer e, portanto, que o Apocalipse foi escrito antes dessa data.

4. Que o livro foi escrito antes da destruição de Jerusalém aparece no fato de que a cidade e o templo são descritos como ainda existentes. (Apocalipse 11:1, 2, 8) É quase impossível que, se Jerusalém já tivesse sido reduzida a ruínas, o apóstolo fosse instruído a medir o templo, ou representasse a Cidade Santa como prestes a ser pisada pelos gentios, ou visse as testemunhas mortas em sua rua.

5. Na verdade, o próprio Apocalipse é o grande argumento para sua composição anterior à destruição de Jerusalém. Supor que sua data seja posterior a esse evento é privá-lo de seu caráter profético e fazê-lo manter com a grande consumação chamada no Novo Testamento "o fim da era" a mesma relação que a Ilíada mantém com o cerco de Troia. Pode-se afirmar com segurança que, nessa hipótese, o livro torna-se ininterpretável: continuaria sendo aquilo que tem sido por tanto tempo, material para especulação arbitrária e fantasiosa, sempre mudando com os aspectos mutáveis do mundo político e eclesiástico. Mas ousamos pensar que, se as visões defendidas neste volume estão corretas, a interpretação do Apocalipse torna-se possível, e tal interpretação trará consigo sua própria evidência, recomendando-se por sua consistência e adequação a todo julgamento honesto e imparcial. Uma verdadeira interpretação fala por si mesma; assim como a chave correta se ajusta à fechadura e demonstra sua adaptação, também uma verdadeira interpretação provará sua correção mostrando satisfatoriamente a correspondência entre o fato histórico e o símbolo profético.

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO APOCALIPSE.

Estamos agora mais bem preparados para enfrentar a questão: qual é o verdadeiro significado do Apocalipse? O fato de que, conforme o próprio livro declara, sua ação deve necessariamente ser compreendida dentro de um espaço de tempo muito curto, bem como o conhecimento

(aproximado) da data de sua composição, são auxílios importantes para uma correta compreensão de seu propósito e alcance. Considerá-lo uma revelação do futuro distante, quando ele declara expressamente que trata de coisas que "devem acontecer em breve"; e procurar seu cumprimento na história medieval ou moderna, quando ele afirma que "o tempo está próximo", é ignorar seu ensinamento mais claro e garantir equívoco e fracasso. Somos absolutamente conduzidos, pelo próprio livro, à história contemporânea daquele período, e isso dentro de limites muito estreitos.

E aqui encontramos uma explicação para algo que deve ter impressionado a maior parte dos leitores atentos da história evangélica como extremamente singular: a total ausência, no Quarto Evangelho, daquilo que ocupa lugar tão proeminente nos Evangelhos Sinópticos, a grande profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras. O silêncio de São João em seu evangelho é ainda mais notável considerando que ele foi um dos quatro discípulos privilegiados que ouviram aquele discurso; contudo, em seu evangelho não encontramos absolutamente nenhum vestígio dele. Como explicar isso? Pode-se dizer que os relatos completos dessa profecia pelos outros evangelistas tornaram desnecessária qualquer alusão a ela por parte de São João; ainda assim, lembrando o profundo interesse que o tema despertava em todo coração judeu e sua relevância para as igrejas apostólicas em geral, de fato parece inexplicável que nenhum registro tenha sido feito de tão importante predição justamente pelo único de seus ouvintes originais que deixou um relato dos discursos de Cristo. Mas a dificuldade se esclarece se for encontrado que *o Apocalipse não é senão uma forma transfigurada da profecia do Monte das Oliveiras*. E cremos que isso é exatamente o caso. O Apocalipse contém a grande profecia de nosso Senhor expandida, alegorizada e, se assim podemos dizer, dramatizada. Os mesmos fatos e eventos que são preditos nos Evangelhos são apresentados na Revelação, apenas revestidos de uma roupagem mais figurada e simbólica. Eles passam diante de nós como cenas projetadas por uma lanterna mágica, ampliadas e iluminadas, mas não por isso menos reais e verdadeiras. Nessa perspectiva, o Apocalipse torna-se o suplemento do evangelho e dá completude ao registro do evangelista.

À primeira vista, isso pode parecer uma hipótese gratuita e fantasiosa; mas, quanto mais se considera, mais provável ela se torna. Subscrevemos cordialmente as seguintes palavras do Dr. Alford:

"A estreita conexão entre o discurso profético de nosso Senhor no Monte das Oliveiras e a linha de profecia apocalíptica não pode deixar de impressionar todo estudante das Escrituras. Se se sugerir que tal conexão pode ser meramente aparente, e a submetermos ao teste de um exame mais acurado, nossa primeira impressão, creio eu, se tornará continuamente mais forte, a saber, que as duas (sendo revelações do mesmo Senhor acerca das coisas por vir, e essas coisas estando, ao que me parece, ligadas pelo quádruplo ἔρχου que introduz os selos, à mesma referência à vinda de Cristo), devendo, como correspondem em ordem e significado, responder uma à outra em detalhe; e assim o discurso em Mateus 24 torna-se, como o Sr. Isaac Williams justamente o chamou, '*a âncora da interpretação apocalíptica*'; e, posso acrescentar, a pedra de toque dos sistemas apocalípticos".[1]

Mesmo uma breve comparação entre os dois documentos, a profecia e o Apocalipse, basta para mostrar a correspondência entre eles. As *dramatis personæ*, se assim podemos chamá-las, os símbolos que entram na composição de ambos, são os mesmos. O que encontramos na profecia de nosso Senhor? Primeiro e principalmente a Parousia; depois guerras, fomes, pestes, terremotos; falsos profetas e enganadores; sinais e maravilhas; o escurecimento do sol e da lua; as estrelas caindo do céu; anjos e trombetas; abutres e carcaças; grande tribulação e aflição; convulsões na natureza; o pisoteamento de Jerusalém; o Filho do homem vindo nas nuvens do céu; a reunião dos eleitos; a recompensa dos fiéis; o juízo dos ímpios. E não são exatamente esses os elementos que compõem o Apocalipse? Isso não pode ser semelhança acidental, é coincidência, é identidade. A diferença que existe no tratamento do tema decorre da diferença no método da revelação. A profecia é dirigida ao ouvido, e o Apocalipse aos olhos: uma é um discurso proferido em plena luz do dia, em meio às realidades da vida concreta; a outra é uma visão, contemplada em estado de êxtase, revestida de imagens deslumbrantes, com um ar de irrealidade como objetos vistos em um sonho; exigindo ser traduzida de volta para a linguagem da vida cotidiana antes que possa ser compreendida como fato real.

---

[1] Greek Testament, Prolegomena to Revelation, p. 249.

ESTRUTURA E PLANO DO APOCALIPSE.

Tal como comumente interpretado, nada pode ser mais solto e desconexo do que a estrutura do Apocalipse. Ele parece um labirinto intrincado, sem qualquer plano inteligível, percorrendo tempo e espaço e formando um caos de eras, nações e acontecimentos heterogêneos. Na realidade, não há composição literária mais regular em sua estrutura, mais metódica em sua organização, mais artística em seu design. Nenhuma tragédia grega é composta com maior arte ou mais rigorosa atenção às leis dramáticas. Não é exagero dizer, com o erudito Henry More, que "nunca houve livro escrito com tanta artimanha quanto este do Apocalipse, como se cada palavra tivesse sido pesada em uma balança antes de ser registrada".[1] Ainda assim, o plano de sua construção é simples e quase evidente por si mesmo. O número *sete* o governa do início ao fim. O leitor menos atento não pode deixar de notar quatro de suas grandes divisões, que são distinguidas por esse número místico, as sete igrejas, os sete selos, as sete trombetas e as sete taças. Como cada divisão possui certas características marcantes pelas quais seu começo e fim são claramente indicados, não é difícil traçar as linhas que separam as diversas partes. Além das quatro já mencionadas, encontramos outras três visões: a visão da mulher vestida de sol, a visão da grande meretriz e a visão da noiva. Essas completam o número místico sete e formam o arranjo claro e bem definido no qual o conteúdo do Apocalipse naturalmente se organiza. Seria realmente difícil inventar outro modelo. Há também um prefácio, ou prólogo, no início do livro, e um epílogo ao final; de modo que toda a estrutura fica assim disposta:

Prólogo, Apocalipse 1:1–8.

1. Visão das Sete Igrejas	Apocalipse 1, 2, 3.
2. Visão dos Sete Selos	Apocalipse 4, 5, 6, 7.
3. Visão das Sete Trombetas	Apocalipse 8, 9, 10, 11.
4. Visão da Mulher Vestida de Sol	Apocalipse 12, 13, 14.
5. Visão das Sete Taças	Apocalipse 15, 16.
6. Visão da Grande Meretriz	Apocalipse 17, 18, 19, 20.
7. Visão da Noiva	Apocalipse 21; 22:1–5.

[1] Wordsworth's Lecture on the Apocalypse, p. 87.

Epílogo, Apocalipse 22:8–21.

Tal é a auto-organização natural do livro, no que diz respeito às suas grandes divisões principais; há também várias divisões subordinadas, ou episódios, como podem ser chamados, que se enquadram em uma ou outra das grandes divisões. Veremos que, nas diferentes visões, há uma semelhança estrutural comum e que, de modo particular, cada divisão termina com um *finale*, ou catástrofe, representando um ato de juízo ou uma cena de vitória e triunfo.

Mas o aspecto mais notável do Apocalipse, no que se refere à sua estrutura, ainda precisa ser mencionado. Trata-se do fato de que as diversas visões podem ser descritas como *representações variadas dos mesmos fatos ou eventos*; rearranjos e novas combinações dos mesmos elementos constitutivos. Isto é claramente o caso em duas das grandes divisões, a visão das sete trombetas e a visão das sete taças. Estas são quase correspondentes uma à outra; e, embora a semelhança entre as demais visões não seja tão marcante, ainda assim se verá que todas são *diferentes aspectos do mesmo grande evento*. Se pudermos usar tal ilustração, diríamos que as visões não são telescópicas, olhando para o distante, mas *caleidoscópicas*, cada giro do instrumento produzindo uma nova combinação de imagens, belíssimas e deslumbrantes, enquanto os elementos que compõem o quadro permanecem substancialmente os mesmos. Assim como o sonho de Faraó era *um* só, embora visto sob *duas* formas diferentes, também as visões do Apocalipse são *uma* só, embora apresentadas em sete aspectos distintos. A razão da repetição provavelmente é, em ambos os casos, a mesma: "E o sonho foi repetido duas vezes a Faraó, porque esta coisa é determinada por Deus, e Deus se apressa a fazê-la." (Gênesis 41:32) Da mesma forma, os eventos prefigurados no Apocalipse são declarados, por sua repetição setenária, como *certos* e *iminentes*.[1]

---

[1] Poucos, se é que há, intérpretes compreenderam mais corretamente esse aspecto da estrutura do Apocalipse do que o Dr. Wordsworth, como mostram as seguintes observações: "Ao contrário do que muitos pensam, o Apocalipse não é uma história progressiva, que flui como um curso contínuo de sequência histórica. O propósito do escritor parece ser este: Ele traça um rápido esboço profético, que o conduz de sua própria época até a era da consumação de todas as coisas. Apressando-se para o fim, ele toca levemente ou omite completamente muitas coisas que depois ocuparão sua

O NÚMERO SETE NO APOCALIPSE.

Todo leitor do Apocalipse deve ficar impressionado com a maneira como certos números são empregados, não tanto em um sentido aritmético, mas simbólico. Os números três, quatro, sete, dez e doze, a metade de sete e o quadrado de doze são usados desse modo significativo. De todos esses números místicos, por assim chamá-los, *sete* é o dominante, recorrendo continuamente do começo ao fim do livro. Não ousaremos afirmar que ele é invariavelmente usado de forma simbólica e nunca literal ou aritmética, mas que é frequentemente, senão geralmente, assim empregado deve ser evidente para todo leitor atento. Era o número da dignidade entre os judeus, o símbolo da totalidade ou perfeição, e significa "*tudo* da espécie" ou "o mais elevado tipo da espécie" à qual se refere. Não é necessário, quando esse número aparece, exigir que o total exato de unidades seja preenchido; ele simplesmente significa completude ou excelência. Assim encontramos: sete igrejas, sete selos, sete trombetas, sete taças, sete espíritos, sete lâmpadas, sete chifres, sete olhos, sete estrelas, sete montes, sete reis. Seria absurdo exigir o valor aritmético exato em todos esses casos, embora fosse temerário afirmar que em cada um deles o número é simbólico. Ainda assim, mesmo naquele exemplo que à primeira vista parece o mais manifestamente literal, a saber, as sete igrejas que são especificamente enumeradas, é possível que exista um simbolismo subjacente. Dificilmente se pode supor que houvesse apenas sete igrejas em toda a Ásia Menor; poderia haver sete vezes sete; mas, sem dúvida, essas sete se colocam como representantes do conjunto, não apenas da Ásia, mas de todas as partes. O que o Espírito disse a elas, disse a todos. Será de grande importância, para a correta interpretação do Apocalipse, ter em mente o caráter simbólico que pertence aos números mais frequentemente empregados no livro.

---

atenção. Em seguida, retorna ao ponto de onde partirá pela primeira vez; expande o que antes havia contraído; preenche o que havia desenhado apenas em contorno; trata do mesmo período sob uma nova relação; desvia-se da rota principal em digressões e episódios; retorna desses desvios ao caminho principal e novamente avança; e assim chega ao mesmo ponto que havia alcançado na primeira jornada". Wordsworth on the Apocalypse, p. 93.

O TEMA DO APOCALIPSE.

Já procuramos mostrar que o Apocalipse é essencialmente uno com a profecia do Monte das Oliveiras; isto é, o assunto de ambos é a mesma grande catástrofe, a saber, a Parousia e os eventos que a acompanham. O Apocalipse anuncia seu grande tema na frase de abertura do livro, após o prefácio ou prólogo. Essa frase de abertura é o versículo 7 do primeiro capítulo:

"Eis que vem com as nuvens, e todo olho O verá, até mesmo aqueles que O traspassaram; e todas as tribos da terra lamentarão por causa d'Ele. Sim. Amém".

Esta é a tese de todo o discurso; a primeira declaração profética do livro e também a última; a chave para toda a revelação.

Ver-se-á que essas palavras são o eco da predição de nosso Senhor em Mateus 24:30:

"Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e então todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória".

Não há possibilidade de engano quanto à referência dessas palavras; não há ambiguidade ou incerteza sobre de *quem* vem ou de *qual* vinda se trata. O *tempo* e o *modo* da vinda estão claramente indicados: é *próxima*, "Eis que Ele vem"; é *gloriosa*, "Ele vem com as nuvens". As duas predições são, de fato, idênticas. O tempo de seu cumprimento estava agora muito próximo, pois o ponto de vista do Vidente estava situado no "dia do Senhor". Aquilo que o nosso Salvador declarara estar dentro dos limites da geração então existente estava agora, ao fim de trinta ou quarenta anos, à beira da realização. O dobre fúnebre do juízo estava prestes a soar: "Eis que Ele vem".

Não menos claramente indicado está a *cena* da catástrofe iminente: *É a terra de Israel*. Isto é evidente pela declaração explícita de ambas as passagens, no Apocalipse e no Evangelho: "todas as tribos da terra" [πᾶσαι αἱ φυλαὶ τῆς γῆς]. O modo descuidado como essa frase é às vezes tomado como referência a todas as nações do globo não pode ser suficientemente censurado. A fonte original da expressão (Zacarias 12:12), "as famílias da terra", mostra que a terra de Israel, e *especialmente a cidade de Jerusalém*, são pretendidas; e uma limitação semelhante é exigida nas citações tanto do Evangelho quanto do Apocalipse. A alusão

à crucificação confirma poderosamente essa conclusão, "aqueles que O traspassaram". Os crucificadores do Senhor da glória são especialmente "particularizados em meio à massa que vê, com temor, os sinais de um Vingador que se aproxima".[1]

É oportuno afirmar desde o início que não é nossa intenção entrar nos mínimos detalhes da exposição apocalíptica, o que exigiria um volume separado. Aqui só podemos fazer um esboço das várias visões, deixando os detalhes a serem preenchidos em outro momento ou por outras mãos. Basta que possamos colocar o leitor em posse da chave mestra, por meio da qual ele poderá encontrar seu caminho em todos os arcanos da profecia. Portanto, passamos de leve sobre tudo no livro que não exige imperativamente nossa consideração, tendo em vista o objeto específico de nossa investigação.

O PRÓLOGO.

APOCALIPSE 1:1-10

É evidente que a primeira visão começa propriamente no décimo versículo, no qual o Vidente é arrebatado e a "palavra do Senhor" vem a ele. A parte anterior a isso é introdutória, autenticando a origem divina e a autoridade da Revelação (v. 1); afirmando expressamente o *cumprimento iminente* de seu conteúdo (v. 1-3); endereçando o livro às "sete igrejas" da Ásia proconsular (v. 4); e declarando as circunstâncias em que o Vidente se encontrava quando as visões do Senhor lhe foram mostradas (v. 9). Já chamamos a atenção do leitor para o sétimo versículo, por enunciar o tema de todo o livro. Trata-se da vinda do Senhor; Sua vinda *iminente* [Ἰδοὺ, ἔρχεται]; Sua vinda em glória; Sua vinda às tribos da terra; Sua vinda para juízo. Tudo neste prefácio indica realidade, urgência, interesse pessoal e presente. A brevidade do tempo tornava uma preocupação premente para cada homem prestar atenção às advertências proféticas (v. 3).

[1] Stuart on the Apocalypse, chap. i. 7.

A PRIMEIRA VISÃO.

AS MENSAGENS PARAS AS SETE IGREJAS.

APOCALIPSE 1:10-20; 2; 3.

Apesar do que já foi dito sobre a linguagem imagética e o simbolismo do Apocalipse, não se deve esquecer que, por trás desses símbolos, existe em toda parte um substrato de fato e realidade. Basta lermos as mensagens às sete igrejas para percebermos que estamos num domínio de fatos reais e de intensa realidade. Há tal individualidade de caráter nas descrições vívidas do estado espiritual das várias igrejas, que não podemos duvidar de que sejam retratos exatos e fiéis das comunidades cristãs que descrevem. Há, de fato, uma estranha mistura de figura e fato; mas não há dificuldade em discriminar uma coisa da outra; ou, melhor, elas se fundem e se harmonizam tão admiravelmente que cada uma empresta vividez e força à outra. A explicação também dos símbolos (versículo 20) os converte em existências reais, "As sete estrelas são os anjos das sete igrejas; e os sete castiçais que viste são as sete igrejas".

É quase desnecessário dizer que não existe o menor fundamento para a teoria absurda que representa essas descrições da condição espiritual das sete igrejas como típicas de estados sucessivos da igreja cristã em tantas eras futuras. Tal hipótese é incompatível com as limitações expressas de tempo estabelecidas no contexto, bem como inconsistente com a individualidade distinta das igrejas mencionadas. Tudo mostra que o Apocalipse trata do presente e do futuro imediato. Os primeiros leitores dessas epístolas devem ter sentido que elas vinham expressamente para eles, e não para outras pessoas em outros tempos. Sem dúvida, é verdade que essas epístolas descrevem tipos de caráter que podem ser repetidos, e são repetidos continuamente, em gerações sucessivas; mas isso não altera o fato de que tiveram uma aplicação direta e pessoal às igrejas especificadas, a qual jamais poderá ter a qualquer outra.

Vamos nos colocar, então, na situação daquelas igrejas primitivas em Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Recordemos as figuras e acontecimentos daquele tempo, e consideremos

as esperanças e temores, os perigos e dificuldades que agitavam suas mentes. Não é evidente que esses elementos devem necessariamente constituir a matéria da qual todo o livro é composto? Caso contrário, não é fácil ver que interesse especial ele poderia ter para seus leitores originais, cuja bem-aventurança consistia em ler, ouvir e guardar suas palavras. O que encontramos, então, naqueles primeiros dias? Cristãos sofrendo e perseguidos; judeus malignos e blasfemos; magistrados romanos inflexíveis; um tirano brutal e caprichoso no trono imperial; entre os próprios cristãos, falsos mestres, apóstatas da fé; degeneração e defecção difundidas. Além de tudo isso, vemos uma expectativa geral de um grande momento crítico iminente; a convicção de que afinal chegara o tempo pelo qual todos os cristãos haviam sido ensinados a esperar: a hora da libertação dos fiéis perseguidos; o dia de retribuição e juízo para o inimigo e opressor. A senha transmitia-se de pessoa a pessoa, de igreja a igreja, Maran-atha! O Senhor está próximo. Eis que Ele vem. Ele não tardará.

Sabemos com certeza que esse pensamento ardia nos corações dos primeiros cristãos, pois haviam sido ensinados a cultivá-lo pelos apóstolos e pela promessa do Mestre. A sua esperança não era a dos cristãos de hoje, viver na terra o máximo possível, morrer em idade avançada e depois ir ao céu para aguardar uma glorificação distante. A esperança deles não era morrer, mas viver para receber o Senhor que retornava; para serem revestidos da sua habitação celestial; para serem arrebatados nas nuvens ao encontro do Senhor nos ares; e assim estarem para sempre com Ele.

Tais, inquestionavelmente, eram as circunstâncias, expectativas e postura dos cristãos que receberam essas mensagens do libertador que vinha, por meio do seu servo João. É evidente como o conteúdo dessas epístolas corresponde exatamente às circunstâncias das igrejas. Há uma notável semelhança estrutural entre as epístolas, como se moldadas no mesmo padrão. Elas se dividem naturalmente em sete partes:

1. O cabeçalho.
2. O estilo ou título do escritor.
3. Uma declaração judicial do estado ou caráter da igreja.
4. Uma expressão de louvor ou censura.

5. Uma exortação ao arrependimento ou perseverança.

6. Uma promessa especial ao "vencedor".

7. Uma proclamação a todos para ouvir o que o Espírito diz a cada igreja.

O ponto principal, porém, que nos interessa nessas epístolas às igrejas é que encontramos em cada uma delas uma alusão distinta a um grande e iminente momento crítico, quando recompensa ou punição seriam distribuídas segundo as obras de cada um. Ninguém pode deixar de notar as indicações de que uma catástrofe esperada estava próxima. A Éfeso: "Virei rapidamente a ti". (Apocalipse 2:5) A Esmirna: "Terás tribulação por dez dias". (Apocalipse 2:10) A Pérgamo: "Virei rapidamente a ti". (Apocalipse 2:16) A Tiatira: "Conserva o que tens até que eu venha". (Apocalipse 2:25) A Sardes: "Virei sobre ti como ladrão". (Apocalipse 3:3) A Filadélfia: "Eis que venho rapidamente". (Apocalipse 3:11) A Laodiceia: "Eis que estou à porta, e bato". (Apocalipse 3:20) É impossível imaginar que esses avisos urgentes não tivessem um significado especial para aqueles que os receberam; que não significassem mais para eles do que significam para nós; que se referissem a uma consumação que ainda não ocorreu. Isso seria esvaziar as palavras de todo sentido. Que pode ser mais evidente do que o fato de que, nessas declarações curtas, incisivas e enérgicas, tudo é urgente, premente, veemente, como se não houvesse tempo a perder? Como conciliar tal urgência com um evento remoto, ainda futuro após dezoito séculos? Por que recorrer a uma explicação tão artificial quando sabemos que havia uma consumação prevista e esperada para os dias em que essas igrejas existiam? Concluímos, portanto, que o período de recompensa e retribuição referido em todas essas epístolas era o iminente "dia do Senhor", a Parousia, que o Salvador declarou que ocorreria antes que passasse a geração que testemunhou Seus milagres e rejeitou Sua mensagem.

A SEGUNDA VISÃO.

OS SETE SELOS, APOCALIPSE 4; 5; 6; 7; 8:1.

Introdução à visão, Apocalipse 4; 5.

As verdadeiras dificuldades da exposição apocalíptica começam agora. Parecemos passar para uma região diferente, onde tudo é visionário e simbólico. O profeta é convocado pela voz de trombeta, que anteriormente lhe havia falado, a subir ao céu, para ali lhe serem mostradas "*as coisas que devem acontecer daqui em diante* [*depois destas*]." (Apocalipse 4:1)

Há aqui uma referência manifesta às instruções dadas ao Vidente em Apocalipse 1:19: "Escreve as coisas que viste, e o que elas significam, *e as coisas que estão prestes a acontecer depois destas.*" São estas últimas que o

profeta agora terá reveladas; a frase "as coisas que devem acontecer depois destas" [ἅ δεῖ γενέσθαι] sendo evidentemente sinônima de "as coisas que estão prestes a acontecer" [ἅ μέλλει γενέσθαι], sendo que esta última expressão indica claramente que o tempo de seu cumprimento está muito próximo.

Devemos passar pela magnífica descrição da majestade celestial, na qual nos lembramos das sublimes visões de Isaías e Ezequiel, e avançar à cena em que o profeta contempla, "na destra daquele que estava sentado no trono, um livro, ou rolo, escrito por dentro e por fora, selado com sete selos". Um anjo forte proclama com grande voz: "Quem é digno de abrir o livro e desatar os seus selos?" Quando ninguém é encontrado capaz da tarefa, e o Vidente é tomado de profunda angústia porque o rolo místico teria de permanecer fechado, ele é consolado pelo anúncio feito por um dos anciãos de que "o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos". Assim, em meio à adoração do cortejo celestial e de todo o universo criado, o Leão-Cordeiro avança até o trono, toma o livro da destra daquele que nele está assentado, e procede a quebrar, sucessivamente, os selos que o prendem.

Nada pode ser mais vívido e dramático do que as cenas que são sucessivamente apresentadas enquanto o Cordeiro abre os selos. Os quatro querubins que guardam o trono anunciam, um após o outro, a abertura dos quatro primeiros selos, com alto brado: "Vem!" E à medida que cada um é aberto, o Vidente contempla uma figura visionária que atravessa o campo de visão, emblemática do conteúdo da porção do rolo que é desenrolada. Pode ser observado que há uma manifesta gradação no caráter dessas representações simbólicas, que aumentam em intensidade e terror do primeiro ao último.

Que representam, então, esses símbolos? Basta um olhar para ver seu caráter geral. Em toda parte é GUERRA, e os concomitantes da guerra, sangue, fome e morte, todos conducente e culminando numa única e terrível catástrofe final, na qual os elementos da natureza parecem dissolver-se em ruína universal, "*o grande dia da ira*". (Apocalipse 6)

De que eventos fala o profeta? Alguns querem nos fazer crer que isto é um compêndio da história universal; que aqui temos as conquistas de

Roma Imperial pelos três primeiros séculos, até o estabelecimento do Cristianismo como religião do Império por Constantino. Somos remetidos aos volumes de Gibbon para vaguearmos pelas eras em busca de eventos que correspondam a esses símbolos. Mas isso é precisamente o que as sete igrejas da Ásia não tinham capacidade de fazer. Não teria sido uma zombaria convidá-las a estudar e compreender tais visões, que nem mesmo para nós, com o auxílio de Gibbon, são plenamente claras? Certamente, os intérpretes que propõem tais soluções devem ter fechado os olhos às declarações explícitas do próprio livro. Estamos excluídos, pelos próprios termos da profecia, de tais vagas excursões pela história geral; somos confinados ao *próximo*, ao *iminente*, ao *imediato*; às coisas que devem acontecer *em breve*; a eventos que dizem respeito de modo intenso aos leitores originais do Apocalipse: "porque *o tempo está próximo*". Com essa luz na mão tudo se esclarece. Necessitamos apenas nos colocar no tempo e nas circunstâncias daquelas igrejas primitivas, e esses símbolos visionários se moldam diante de nós em fatos históricos. O Vidente encontra-se à beira da crise longamente predita e longamente esperada, para cuja vinda em seus próprios dias o Salvador havia preparado Seus discípulos antes de partir. Assim como a profecia que Ele pronunciou no Monte das Oliveiras começa com guerras e rumores de guerras, e prossegue falando de "Jerusalém cercada de exércitos" e da "abominação da desolação no lugar santo", até culminar no aparente colapso da ordem universal e na "vinda do Filho do homem nas nuvens do céu", assim também a profecia do Apocalipse avança no mesmo método.

Aqui, portanto, a visão representa a destruição iminente de Jerusalém e o juízo da terra culpada. É "o último tempo"; e o discípulo amado, que ouviu a profecia no Monte, agora vê seu cumprimento em visão. Seu coração está repleto de um só pensamento, seus olhos de uma só cena. A tempestade de vingança se acumula sobre sua própria terra, sua própria nação, a cidade e o templo de Deus. Os exércitos estão sendo reunidos para o conflito; e, à medida que selo após selo é quebrado, ele contempla as sucessivas ondas daquele tremendo dilúvio de ira que estava prestes a submergir a terra consagrada de Israel. Esta é, cremos, a significação da visão simbólica dos sete selos. É apenas outra forma da mesma catástrofe anunciada por nosso Senhor aos Seus discípulos; mas

agora a hora chegou; o encerramento do æon está próximo, e os ministros da ira divina são liberados sobre a nação culpada.

ABERTURA DO PRIMEIRO SELO.

Apocalipse. 6:1, 2: "E vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos, e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como [com] voz de trovão: Vem.[1] E vi: eis um cavalo branco; e o que estava sentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer".

É claro que entendemos esta visão como emblemática da guerra judaica, que foi introdutória ao grande e último evento da Parousia. Com a abertura do primeiro selo, contemplamos o primeiro ato do drama trágico. Ele é anunciado por um dos quatro seres místicos, representados como guardiões do trono de Deus, exclamando com voz de trovão: "Vem!", e eis que um guerreiro armado, montado sobre um cavalo branco e segurando em sua mão um arco, atravessa o campo da visão. Uma coroa é dada ao guerreiro, que sai vencendo e para vencer.

Esta é uma representação extremamente vívida da primeira cena do drama trágico da guerra judaica, que começou no reinado de Nero, no ano 66 d.C., sob o comando de Vespasiano. Nesta primeira cena vemos o invasor romano avançando para o combate. A guerra ainda não começou de fato; o guerreiro cavalga um cavalo branco; ele empunha um arco, uma arma usada à distância. Será fantasioso ver na coroa dada ao cavaleiro um presságio de que o diadema seria colocado sobre a cabeça de Vespasiano, ou é apenas o símbolo de vitória? Seja como for, toda a imagem, como observa Alford, fala de triunfo, "Ele saiu vencendo e para vencer".

ABERTURA DO SEGUNDO SELO.

Apocalipse 6:3, 4: "E quando ele abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizer: Vem. E saiu outro cavalo, vermelho; e foi dado poder ao que estava assentado

---

[1] As palavras "e vê", acrescentadas em nossa Versão Autorizada após "vem", são agora geralmente rejeitadas como espúrias. *Vem* está no singular, "Vem tu", e pode ser entendido como dirigido à figura visionária, a qual então aparece na cena; ou, mais provavelmente, como a invocação do "Vindouro" [ὁ ἐρχόμενος]. É a mesma expressão com a qual o Apocalipse conclui: Ἔρχου, Κύριε.

sobre ele para tirar a paz da Terra [terra], e para que eles matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada".

Este símbolo também fala por si mesmo. As hostilidades agora começaram; o cavalo branco é sucedido pelo vermelho, a cor do sangue. O arco dá lugar à espada. É uma grande espada, pois a carnificina será terrível. A paz foge da terra: tudo é conflito e derramamento de sangue. Trata-se de uma guerra civil tanto quanto uma guerra estrangeira, "eles matam uns aos outros".

Tudo isso representa de modo adequado o fato histórico. A guerra judaica, sob Vespasiano, começou o mais distante possível de Jerusalém, na Galileia, e gradualmente foi se aproximando cada vez mais da cidade condenada. Os romanos não foram os únicos agentes na obra de destruição que despovoou a terra; facções hostis entre os próprios judeus voltaram as armas uns contra os outros, de modo que se poderia dizer que "a mão de cada homem se levantou contra seu irmão". A troca do arco pela espada indica que os combatentes agora haviam se fechado em confronto direto, lutando corpo a corpo: é outro ato do mesmo drama.

É digno de nota que a linguagem do quarto versículo indica, não de forma obscura, o cenário da guerra. A paz é retirada da terra [ἐκ τῆς γῆς]. Stuart interpretou corretamente esse detalhe: "Aqui, não a Terra inteira, mas especialmente *a terra da Palestina é denotada*".[1]

ABERTURA DO TERCEIRO SELO.

Apocalipse 6:5, 6: "E quando ele abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizer: Vem. E olhei, e eis um cavalo preto; e o que estava assentado sobre ele tinha uma balança na mão. E ouvi como que uma voz no meio dos quatro seres viventes, dizendo: Uma medida de trigo por um denário, e três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho".

Este símbolo também não é difícil de interpretar. Ele significa o aprofundamento dos horrores da guerra. A fome segue de perto a guerra e o massacre. O alimento agora é escasso na Judeia, especialmente nas cidades sitiadas, e, acima de tudo, em Jerusalém, após seu cerco por Tito. O trigo e a cevada estão a preços de fome, pois o salário diário de um trabalhador (um denário) basta apenas para comprar uma única

[1] Commentary on Apocalypse, *in loc.*

medida de trigo (um chœnix, ou menos de um quarto de litro) e três vezes essa quantidade de grão inferior.[1] Isto indica terrível privação entre as multidões amontoadas na cidade sitiada.

Passando da profecia para a história, as páginas de Josefo nos fornecem um terrível comentário sobre essa passagem. Ele está falando da escassez de comida em Jerusalém durante o período do cerco:

"Muitos trocavam em segredo tudo o que possuíam por uma única medida de trigo, se eram ricos; ou de cevada, se eram pobres. Depois, encerrando-se nos recessos mais retirados de suas casas, alguns, pela extrema fome, comiam o grão cru; outros o cozinhavam conforme a necessidade e o medo ditavam. Mesa alguma era posta em lugar algum, mas, arrancando a massa semiassada do fogo, eles a rasgavam em pedaços".[2]

Mas o que significa a ordem: "Não danifiques o azeite e o vinho"? Isso tem deixado os comentaristas perplexos, pois tal comando parece não se harmonizar com a prevalência da fome. Se não nos enganamos, Josefo nos permitirá reconciliar esta aparente incongruência.

Depois de declarar que João de Giscala, um dos líderes partidários que tiranizavam o povo miserável nos últimos dias de Jerusalém, havia apreendido e confiscado os vasos sagrados do templo, Josefo prossegue relatando outro ato de sacrilégio cometido pelo mesmo chefe, um ato que parece ter despertado a mais profunda indignação e horror no historiador:

"Assim, extraindo o vinho e o azeite sagrados, que os sacerdotes guardavam para derramar sobre os holocaustos e que estavam depositados no templo interior, ele os distribuiu entre seus partidários, os quais consumiram, sem horror algum, mais de um hin *(3,5 a 6 litros)*, ungindo-se e bebendo. E aqui não posso deixar de expressar o que meus sentimentos sugerem. Tenho por opinião que, se os romanos tivessem adiado o castigo desses infelizes, ou a terra teria aberto a boca e tragado a cidade, ou teria sido varrida por um dilúvio, ou teria compartilhado do raio que fulminou a terra de Sodoma. Pois ela produziu uma geração muito mais ímpia do que as que assim foram visitadas;

---

[1] Bloomfield diz: "O chœnix era o nosso quartilho *(quarta parte)*, e era considerado uma porção suficiente para o sustento diário de um homem. O preço mencionado (que se comprovou ser enorme, ou seja, vinte vezes o usual) pretende indicar a extrema escassez e carestia do produto'. - Greek Testament, *in loc.* Veja também Wordsworth's Lectures on the Apocalypse, pp. 109-110.

[2] Traill's Josephus, Jewish War, bk. v. chap. x., § 2.

pois, pela loucura desesperada desses homens, toda a nação foi envolvida em sua ruína".[1]

Isto nos ajuda a explicar o uso da palavra ἀδικήσῃς [praticar injustiça contra] nesta injunção: "Vê que não *cometa injustiça* contra o azeite e o vinho". O Sr. Elliott, em oposição a Dean Alford, sustenta o sentido: "não cometas injustiça a respeito do azeite', etc. Rinck, citado por Alford, traduz como "não desperdices". O incidente relatado por Josefo mostra como a palavra ἀδικήσῃς se adapta a todas essas nuances. O ato de João foi ἀδικία no sentido de sacrilégio; foi também ἀδικία no sentido de desperdício perverso.[2]

ABERTURA DO QUARTO SELO.

Apocalipse 6:7, 8: "E, quando ele abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizer: Vem. E olhei, e eis um cavalo esverdeado; e o nome do que estava sentado sobre ele era Morte, e o Hades o seguia. E foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da Terra [da terra], para matar com a espada, com a fome, com a morte e com as feras da terra".

A cena aqui é evidentemente a mesma, apenas com todos os horrores e misérias da guerra intensificados. Os espectros lúgubres da Morte e do Hades agora seguem no cortejo da fome e da guerra. Os "quatro juízos terríveis de Deus", que Ezequiel viu serem enviados para destruir a terra de Israel, "a espada, a fome, os animais nocivos e a pestilência", são novamente soltos sobre a terra, e por meio deles a quarta parte de sua população está destinada a perecer. Jamais houve tamanho transbordamento de mortalidade como na guerra que culminou no cerco e na captura de Jerusalém. O melhor comentário

---

[1] Traill's Josephus, Jewish War, bk. v. chap. xiii. § 6.

[2] "Quanto ao sentido destas palavras, 'Não danifiques', etc., os comentaristas não estão em acordo se aqui se contém um mandato para não *ferir* o azeite e o vinho, ou uma advertência para *não cometer injustiça* em relação a eles. Se a *primeira* opção for adotada, ἀδικ será equivalente a βλαπτ (como muitas vezes neste livro; veja também Josefo e os escritores clássicos). Se a *última*, podemos supor μή ἀδικήσῃς significar: 'Vê que não adulteres' (literalmente, 'não ajas como um patife com isso'). Assim são mencionados os quatro artigos que, segundo a simplicidade de vida no Oriente, formavam o principal sustento humano". - Bloomfield's Greek Testament, *in loc.*

sobre esta passagem encontra-se nos registros de Josefo, como mostrará a seguinte descrição:

"Toda saída tendo sido agora interceptada, toda esperança de segurança para os judeus ficou completamente cortada; e a fome, com as mandíbulas distendidas, devorava o povo por casas e famílias. Os terraços estavam cheios de mulheres e crianças no último estágio; as ruas, de velhos já mortos. Crianças e jovens, inchados, amontoavam-se como espectros nas praças, e caíam onde quer que as dores da morte os acometessem. Para enterrar seus parentes, os que também estavam afetados não tinham forças; e os ainda sãos e vigorosos eram dissuadidos pela multidão dos mortos e pela incerteza que pairava sobre si mesmos. Pois muitos expiravam enquanto sepultavam outros, e muitos recorriam aos cemitérios antes que a hora fatal chegasse.

Em meio a essas calamidades não havia lamentação nem pranto: a fome dominava os afetos. Com olhos secos e bocas abertas, os que morriam lentamente fitavam aqueles que os haviam precedido no descanso. Profundo silêncio reinava pela cidade, e uma noite prenhe de morte, e os bandoleiros, ainda mais terríveis do que ela. Pois, arrombando as casas como se fossem sepulcros, saqueavam os mortos e, arrancando os invólucros dos corpos, partiam em meio a risos. Chegavam até a provar o gume de suas espadas nos cadáveres, e, para testar o fio de suas lâminas, atravessavam alguns dos que ainda jaziam respirando no chão; outros, que lhes imploravam que lhes dessem a mão e a espada, abandonavam com desdém à fome. Todos expiravam com os olhos fixos no templo, desviando-os dos insurgentes que ainda viviam. Estes, a princípio, achando o fedor dos corpos insuportável, ordenaram que fossem enterrados às custas do erário; mas depois, incapazes da tarefa, os lançavam dos muros para os desfiladeiros abaixo.

Mas por que entrar em detalhes parciais dessas calamidades, quando Manneus, filho de Lázaro, que neste período se refugiou junto a Tito, declarou que, desde o dia catorze do mês de Xântico, o dia em que os romanos acamparam diante das muralhas, até a lua nova de Panemo, foram carregados por aquele único portão que lhe havia sido confiado cento e quinze mil oitocentos e oitenta corpos? Essa multidão era toda da classe pobre; nem ele assumira voluntariamente o encargo, mas, tendo-lhe sido confiada a distribuição dos fundos públicos, era obrigado a manter a contagem. O restante era enterrado por seus parentes. A 'sepultura', entretanto, consistia apenas em levá-los para fora e lançá-los para fora da cidade.

Depois dele, muitos dos mais altos escalões escaparam; e trouxeram notícias de que mais de seiscentos mil dentre as classes humildes haviam sido lançados pelos portões. Quanto aos demais, era impossível determinar o número. Declararam, além disso, que, quando já não tinham forças para carregar os pobres, empilhavam os cadáveres nas casas maiores e as fechavam; e que uma medida de trigo era vendida por um talento; e que mais tarde, quando já não era possível colher ervas, a cidade estando murada em todo o redor, alguns foram reduzidos a tal extremo que vasculhavam os esgotos e o esterco envelhecido dos animais, e comiam o refugo; e aquilo que antes

teriam rejeitado com repulsa então se tornou alimento". - Traill's Josephus, Jewish War, livro v, cap. xii, § 3; cap. xiii, § 7.

ABERTURA DO QUINTO SELO.

Apocalipse 6:9-11: "E quando abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que haviam sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que mantinham; e clamaram com grande voz, dizendo: Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue daqueles que habitam na terra [na terra]? E foi dada a cada um deles uma veste branca; e foi-lhes dito que repousassem ainda por um pouco de tempo, até que se completasse o número dos seus conservos e dos seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram".

Esta passagem pode ser considerada como uma prova decisiva para qualquer interpretação do Apocalipse. Pode-se dizer, com verdade, que nada pode ser mais insatisfatório, incerto e conjectural do que a explicação apresentada pelos intérpretes que veem no Apocalipse um sumário da história eclesiástica. Mas, se o nosso princípio orientador for correto, ele nos conduzirá a uma interpretação que, por sua própria evidência, demonstrará ser a única verdadeira.

A cena agora muda do campo de batalha e dos cenários de carnificina e sangue na cidade sitiada e faminta para o templo de Deus. Mas ainda estamos em Jerusalém. Os mártires cristãos, que Jerusalém havia matado, são representados clamando debaixo do altar e apelando à justiça de Deus para que não adiasse mais a vindicação da sua causa e a vingança do seu sangue "daqueles que habitam na terra'. Esta é uma nova e importante cena no drama trágico, mas está em perfeita harmonia com o ensino do Novo Testamento. Nosso Senhor advertira os judeus de que sobre eles viria todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o templo e o altar. Em verdade vos digo: todas estas coisas virão sobre *esta geração*. (Mateus 23:35-36) Do mesmo modo, Ele advertira os Seus discípulos de que alguns deles cairiam vítimas da inimizade judaica: "Então vos entregarão à tribulação e vos matarão." (Mateus 24:9) Tudo isso deveria preceder "o fim." (Mateus 24:13) Nosso Senhor também declarou que Jerusalém era a mais profunda na culpa de derramar sangue inocente: ela era a assassina dos profetas; e sobre ela cairia o castigo mais severo. (Mateus 23:31-39)

Aqui, então, temos os elementos principais da cena diante de nós. Mas isso não é tudo. É impossível não ser impressionado pela notável semelhança entre a visão do quinto selo e a parábola do juiz iníquo (Lucas 18:1-8): "E Deus não fará justiça aos Seus escolhidos, que clamam a Ele dia e noite, embora pareça demorado em socorrê-los? Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Contudo, quando o Filho do Homem vier, encontrará fé na terra?" Isso é mais que semelhança: é identidade. Em ambos encontramos os mesmos reclamantes, os eleitos de Deus; eles apelam a Ele por reparação; em ambos encontramos a mesma resposta ao apelo: "Ele os vingará depressa"; em ambos encontramos o cenário dos sofrimentos situado no mesmo lugar, "*na terra*", isto é, a terra da Judeia. A visão e a parábola também se complementam mutuamente. A visão nos diz a causa do clamor por vingança e quem são os apelantes, os discípulos martirizados de Jesus, que selaram seu testemunho com o próprio sangue. A parábola sugere o momento em que a retribuição chegaria, "quando o Filho do Homem vier"; e igualmente o fato triste de que, quando a Parousia ocorresse, ela encontraria Israel ainda impenitente e incrédulo.

A visão do quinto selo também esclarece uma passagem obscura, que até agora frustrou todas as tentativas de se determinar seu sentido. Em 1 Pedro 4:6, encontramos a seguinte declaração: "Pois, para este fim, foi o evangelho pregado até mesmo aos mortos, para que, julgados segundo os homens na carne, vivam segundo Deus no espírito." Remetendo o leitor às observações feitas sobre essa passagem, basta aqui recapitular as conclusões ali alcançadas. A afirmação realmente é: "Por esta causa, uma mensagem consoladora foi levada até aos mortos, para que eles, embora condenados na carne pelo julgamento humano, vivam no espírito pelo julgamento de Deus." Isto evidentemente aponta para a vindicação daqueles que, pelo julgamento injusto dos homens, sofreram a morte por causa da verdade de Deus; declara que eles foram consolados após a morte pela notícia de que deveriam, pelo julgamento divino, desfrutar da vida eterna. Não há referência em lugar algum das Escrituras a qualquer episódio semelhante, exceto na passagem diante de nós, a visão do quinto selo. Esta, no entanto, corresponde exatamente a todos os requisitos do caso. Aqui encontramos "os mortos", os mártires cristãos que morreram pela fé; eles haviam sido condenados na carne pelo

julgamento injusto dos homens. Está manifestamente implícito que apelaram ao julgamento justo de Deus. Em resposta ao seu apelo, "uma mensagem consoladora" [εὐαγγέλιον] fora comunicada a eles; é dito que descansem *por um pouco de tempo*, até que seus irmãos e conservos, que seriam mortos como eles, se reúnam a eles; enquanto "vestes brancas", sinais de inocência e emblemas de vitória, lhes são dadas. Parece-nos óbvio que esta cena sob o quinto selo corresponde exatamente à alusão de Pedro e à parábola do Senhor. É importante também observar o lugar que esta cena ocupa no drama trágico. Ela ocorre após o início, mas antes da conclusão, da guerra judaica; antecede por pouco a catástrofe final do sexto selo. É o clamor impaciente dos santos martirizados: "Até quando, ó Senhor, até quando?" Clama por justa retribuição sobre aqueles que derramaram seu sangue; e especifica claramente quem eles são, descrevendo-os como "aqueles que habitam *na terra*". E tudo isso é imediatamente anterior à catástrofe final sob o selo seguinte, que apresenta a ira de Deus vindo sobre a terra culpada "até ao máximo". Aqui, então, temos um conjunto de evidências tão variado, tão minucioso e tão cumulativo, que podemos ousar chamá-lo de demonstração.[1]

ABERTURA DO SEXTO SELO.

Apocalipse 6:12-17: "E vi, quando Ele abriu o sexto selo, e eis que houve um grande terremoto; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue; e as estrelas do céu caíram à terra, assim como a figueira lança seus figos verdes quando é abalada por um vento poderoso. E o céu retirou-se como um pergaminho quando se enrola; e todo monte e ilha foram removidos dos seus lugares. E os reis da Terra [terra], e os grandes, e os ricos, e os chefes militares, e os poderosos, e todo escravo e todo livre esconderam-se nas cavernas e entre as rochas dos montes; e diziam aos montes e às rochas: 'Cai sobre nós e escondei-nos da face daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro; porque chegou o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?'"

Agora chegamos ao último ato desta terrível tragédia: a catástrofe que encerra a segunda visão. Pode causar surpresa que a catástrofe aconteça no sexto selo, e não no sétimo, como poderíamos esperar. Mas o sétimo selo é utilizado como um elo de ligação entre a segunda e a

[1] Para corroboração adicional desta exposição, veja as observações em Apocalipse 10:7.

terceira visões, sendo empregado de maneira muito artística para introduzir a próxima série de sete, isto é, a visão das sete trombetas. Aqui convém observar que cada visão culmina em uma catástrofe, ou em um ato decisivo de juízo divino, trazendo destruição aos ímpios e salvação aos justos.

Ninguém pode deixar de notar que quase todos os elementos dessa cena terrível aparecem na profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, com referência aos juízos vindouros sobre a cidade e a nação de Israel. Não há, portanto, espaço para um momento sequer de incerteza quanto ao significado da visão do sexto selo; ao contrário, quanto mais de perto cada símbolo é estudado, mais claramente se verá sua relação com aquela grande catástrofe. Este é o "dies iræ", a ἡμέρα κυριακὴ, "o grande e terrível dia do Senhor" predito por Malaquias,[1] por João Batista, por São Paulo, por São Pedro e, acima de todos, por nosso Senhor em Seu discurso apocalíptico no Monte das Oliveiras. É a consumação esperada pela qual a igreja apostólica vigiava e aguardava, o dia de juízo para a nação culpada e, como veremos adiante, o dia de redenção e recompensa para o povo de Deus.

Será apropriado, antes de tudo, notar a correspondência entre os símbolos na visão e aqueles no discurso profético de nosso Senhor:

O SEXTO SELO	A PROFECIA NO MONTE DAS OLIVEIRAS
"E eis que houve um grande terremoto."	"E haverá grandes terremotos, e em diferentes lugares." (Lucas 21:11; Mateus 24:7)
"E o sol tornou-se negro como pano de saco feito de pêlo."	"Imediatamente após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá."
"E a lua ficou toda como sangue."	"E a lua não dará sua luz."
"E as estrelas do céu caíram na terra."	"E as estrelas vão cair do céu."
"E o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola."	"E os poderes do céu serão abalados." (Mateus 24:29)
"E os reis, etc., esconderam-se... e diziam aos montes e às rochas: Cai sobre nós, e esconde-nos", etc.	"Então eles começarão a dizer aos montes: Caia sobre nós; e às colinas: cubra-nos." (Lucas 23:30)

[1] É impossível não perceber a conexão entre o décimo sétimo versículo e a linguagem de Malaquias 3:2: "Mas quem suportará o dia da sua vinda?"

A comparação dessas passagens paralelas deve satisfazer toda mente razoável de que ambas se referem a um único e mesmo evento. Qual é esse evento, as palavras de nosso Senhor determinam de modo decisivo: "Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam". (Mateus 24:34) A única passagem que não faz parte do discurso no Monte das Oliveiras é a declaração dirigida às mulheres que seguiram nosso Senhor no caminho para o Calvário; contudo, até mesmo ali, a delimitação temporal é claramente indicada: "Filhas de Jerusalém, não chorais por mim; chorai, antes, por *vós mesmas* e por *vossos filhos*" implicando que as calamidades que Ele predissera viriam ainda na vida delas e de seus filhos. A mesma proximidade temporal é marcada pela expressão: "Porque eis que dias virão." (Lucas 23:29).

Sem dúvida parecerá uma objeção a essa explicação o fato de que a destruição de Jerusalém, por mais terrível que tenha sido, parece inadequada como antítipo da imagem do sexto selo. A objeção se aplica igualmente à profecia de nosso Senhor, onde Sua própria autoridade determina a aplicação dos sinais. De fato, aplica-se a toda profecia; pois profecia é poesia, e poesia oriental, na qual uma imagem simbólica grandiosa é o revestimento do pensamento.[1] Além disso, a objeção baseia-se em uma estimativa insuficiente da real significância e importância da destruição de Jerusalém. Esse evento não é simplesmente um trágico incidente histórico; não deve ser colocado na mesma categoria que o cerco de Troia ou a destruição de Tiro ou de Cartago. Foi um grande marco providencial; o encerramento de um æon; a conclusão de um grande período no governo divino do mundo. A catástrofe material foi apenas o sinal externo e visível de uma poderosa crise no reino do invisível e do espiritual.

Ao mesmo tempo, é importante observar que os fatos históricos subjacentes a esses símbolos são suficientemente reais e tangíveis. A consternação e o terror aqui descritos como tomando conta “dos reis da terra, dos grandes”, etc., estão em perfeita concordância com as cenas dos últimos dias de Jerusalém tal como descritas por Josefo. Partindo do princípio de que, por "os reis da terra" [βασιλεῖς τῆς γῆς], entendem-se os *governantes da Judeia*, como seremos capazes de demonstrar,

[1] Ver Nota C, Parte II - Sobre o Simbolismo da Profecia.

encontramos a descrição profética maravilhosamente correspondente aos fatos históricos. Primeiro, a cena da visão é evidentemente situada em um país abundante em cavernas rochosas e esconderijos, que, como se sabe, são característicos da Judeia. As colinas calcárias daquela região são literalmente cheias de cavernas, que desde tempos imemoriais têm sido covis de salteadores e abrigos de fugitivos. Ewald reconhece "que há aqui uma referência especial às peculiaridades da Palestina, quanto às suas rochas e cavernas, que oferecem locais de abrigo para fugitivos". (Citado por Stuart, Apocalypse, *in loc.*) Estas duas notas, a terra e sua formação geológica, fixam o local da cena. Em segundo lugar, é um fato atestado por Josefo que os últimos esconderijos dos cidadãos insensatos de Jerusalém foram justamente as cavernas rochosas e passagens subterrâneas para onde fugiram em busca de refúgio após a captura da cidade:

"A última esperança", diz Josefo, "que sustentava os tiranos e seus bandos de brigantes *(grupos armados)* residia nas escavações subterrâneas, nas quais, caso se refugiassem, esperavam que nenhuma busca fosse feita por eles, e planejavam, após a destruição final da cidade, quando os romanos tivessem se retirado, sair e buscar segurança pela fuga. Mas isso era, afinal, um mero sonho, pois não puderam ocultar-se da observação nem de Deus, nem dos romanos".[1]

Ainda mais impressionante, se possível, é o fato mencionado por Josefo de que Simão, um dos chefes da rebelião, escondeu-se, após a captura da cidade, em um desses esconderijos subterrâneos. O incidente é assim relatado pelo historiador judeu:

"Simão, durante o cerco de Jerusalém, havia ocupado a cidade alta; mas, quando o exército romano entrou pelas muralhas e devastava toda a cidade, acompanhado dos mais fiéis de seus amigos, e de alguns pedreiros com as ferramentas necessárias ao seu ofício, e com provisões suficientes para muitos dias, deixou-se descer com todo o seu grupo a uma das cavernas secretas, avançando por ela até onde permitiam as antigas escavações. Ali, encontrando terreno firme, começaram a minerá-lo, esperando poder avançar mais longe e, emergindo em lugar seguro, efetuar assim sua fuga. Mas o resultado das operações frustrou a esperança. Os mineiros avançavam devagar e com dificuldade, e as provisões, embora racionadas, estavam prestes a acabar.

Então Simão, pensando iludir os romanos pelo efeito do terror, vestiu-se com túnicas brancas, e, abotoando sobre elas um manto púrpura, ergueu-se da terra no

[1] Traill's Josephus, bk. vi. 7.

exato local onde antes se erguia o templo. A princípio, os que o viram ficaram tomados de assombro, imóveis; mas depois, aproximando-se, perguntaram quem ele era. Simão recusou dizer, mas ordenou que chamassem o general; e eles correram rapidamente até Terêncio Rufo, que fora deixado no comando do exército. Ele veio, e, ouvindo de Simão toda a verdade, manteve-o acorrentado e informou a César sobre sua captura... Sua ascensão do subsolo, contudo, levou naquele momento à descoberta, em outras cavernas, de uma grande multidão de outros insurgentes. Quando César retornou à Cesareia marítima, Simão foi levado a ele em cadeias, e César ordenou que fosse mantido para o triunfo que preparava em Roma".[1]

Assim, com toda a simbologia e imagem, temos ao mesmo tempo um fundamento de realidade histórica e literal suficiente para verificar plenamente o cumprimento da visão profética.

EPISÓDIO DO SELAMENTO DOS SERVOS DE DEUS.

Apocalipse 7:1-17: "Depois disso, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, segurando os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. E vi outro anjo subindo do oriente, tendo o selo do Deus vivo; e ele clamou com grande voz aos quatro anjos, aos quais fora dado o poder de danificar a terra e o mar, dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que tenhamos selado na testa os servos do nosso Deus. E ouvi o número dos que foram selados; e foram selados cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel", etc.

No próprio momento crítico da catástrofe, a ação é subitamente suspensa até que a segurança dos servos de Deus esteja assegurada. Os quatro anjos destruidores, encarregados de soltar os elementos da ira sobre a terra culpada, recebem a ordem de reter a execução da sentença até que "os servos do nosso Deus" tenham sido selados em suas testas. Em seguida, um anjo, tendo "o selo do Deus vivo", marca os fiéis, cuja nacionalidade e número são claramente declarados, "cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel". Além destes, uma multidão inumerável, "de todas as nações, tribos, povos e línguas", é vista diante do trono, vestida de vestes brancas e com palmas de vitória nas mãos, atribuindo louvor e glória a Deus em meio à felicidade e ao esplendor celestiais.

---

[1] Traill's Josephus, Jewish War, bk. vii. chap. ii. § 2.

Esta representação é geralmente considerada como um episódio, ou digressão, em relação à ação principal da composição. Sem dúvida o é; mas, ao mesmo tempo, ela é essencial para a completude da catástrofe e constitui, de fato, parte integrante dela.

Será visto que, em toda catástrofe neste livro de visões, e cada visão culmina em uma catástrofe, há duas partes, a saber: o juízo infligido aos inimigos de Cristo e a bem-aventurança concedida aos Seus servos. Ora, sob o sexto selo, onde a catástrofe da visão se encontra, já vimos descrita a primeira parte, isto é, o juízo contra os inimigos de Deus; mas a outra parte, a libertação do povo de Deus, é representada no capítulo diante de nós. O progresso do juízo é até mesmo interrompido até que a segurança dos servos de Cristo esteja garantida.

Qual é, então, o significado deste episódio?

Nas predições referentes ao "fim da era", invariavelmente encontramos uma promessa de segurança e bem-aventurança aos discípulos de Cristo, juntamente com declarações de ira iminente sobre Seus inimigos. Para dar dois ou três exemplos dentre muitos: em Sua profecia no Monte das Oliveiras, da qual o Apocalipse é o eco e a ampliação, Ele adverte Seus discípulos a fugirem da Judeia quando vissem "Jerusalém cercada de exércitos". (Lucas 21:20) e "a abominação da desolação no lugar santo". (Mateus 24:15) Ele lhes assegura que "nem um só cabelo de suas cabeças pereceria"; que quando os sinais de Sua vinda começassem a aparecer, deveriam levantar a cabeça, porque sua redenção se aproximava. (Lucas 21:18-28) Que o Filho do Homem enviaria Seus anjos com grande clangor de trombeta, e eles "ajuntariam os Seus eleitos desde os quatro ventos, de uma extremidade dos céus à outra". (Mateus 24:31) Que no grande dia do juízo, que seguiria a destruição de Jerusalém, os ímpios "iriam para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna". (Mateus 25:46)

Em harmonia com essas declarações, encontramos os apóstolos ensinando às igrejas que, quando chegasse "o dia do Senhor", "repentina destruição" viria sobre os inimigos de Deus, enquanto os cristãos obteriam salvação (1 Tessalonicenses 5:2, 3, 9); que quando o Senhor Jesus fosse "revelado do céu com os anjos do Seu poder, em chama de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus", Seu povo fiel

entraria em "repouso" e seria "julgado digno do reino de Deus". (2 Tessalonicenses 1:5-9)

É essa libertação e salvação prometidas aos discípulos de Cristo que são simbolicamente delineadas no episódio do sexto selo. A imagem usada é evidentemente tomada da cena contemplada em visão pelo profeta Ezequiel (Ezequiel 9), onde "os homens que suspiram e gemem por todas as abominações de Jerusalém" recebem "um sinal na testa", que lhes garantiria segurança quando os executores da justiça divina saíssem para abater os habitantes da cidade.

É digno de nota que Jerusalém é o cenário de juízo tanto na profecia de Ezequiel quanto no Apocalipse; e a alusão feita por São Pedro a essa mesma transação na visão de Ezequiel, como prestes a se repetir na Jerusalém de seu próprio tempo, é muito significativa. (1 Pedro 4:17)

Mas a luz mais plena é lançada sobre este episódio pelas palavras de nosso Senhor: "O Filho do Homem enviará os seus anjos com grande som de trombeta, e eles ajuntarão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade dos céus à outra". (Mateus 24:31) Este episódio é a representação da realização dessa promessa. Enquanto a ira até ao máximo está sendo derramada sobre a terra; enquanto as tribos da terra lamentam; enquanto os inimigos de Deus fogem para esconder-se em cavernas e rochedos; naquela hora terrível a trombeta do anjo convoca o remanescente fiel do povo de Deus, "para que sejam escondidos no dia da ira do Senhor". O tempo estava plenamente chegado; pois tudo isso, lembremos, deveria ser testemunhado pelos próprios apóstolos, ou ao menos por alguns deles; pois a geração do próprio Senhor não passaria até que todas essas coisas se cumprissem.

Assim, era a acariciada esperança dos cristãos da era apostólica que escapariam da condenação geral e entrariam na posse da imortalidade pela mudança instantânea que sobreviria quando o Senhor aparecesse. São Paulo tranquiliza os cristãos de Tessalônica dizendo-lhes que os que estivessem vivos no tempo da vinda do Senhor não precederiam os que já haviam morrido na fé. Ele lhes declara, pela palavra do Senhor, que "o próprio Senhor descerá do céu com alarido, com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e, primeiro, os mortos em Cristo ressuscitarão; depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente

com eles nas nuvens, para encontrar o Senhor nos ares. E assim estaremos sempre com o Senhor". (1 Tessalonicenses 4:15-17) Ele alude novamente a essa mesma expectativa em 2 Tessalonicenses 2:1, onde diz: "Rogamos-vos, irmãos, *pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo* e *pela nossa reunião* com Ele", etc. Essa expressão peculiar, "nossa reunião" [ἐπισυναγωγή], seria quase ininteligível sem a luz lançada sobre ela por Mateus 24:31 e Apocalipse 7. O mesmo período, o mesmo acontecimento, são referidos na profecia de nosso Senhor, na epístola de São Paulo e no episódio diante de nós. Eis aqui a grande consumação e a garantia da segurança do povo de Deus quando a destruição alcança os impenitentes e incrédulos. Tudo isso pertence à grande crise no fim do æon, isto é, no encerramento da antiga dispensação judaica. O dedo do Senhor fixou os limites além dos quais não podemos ir ao determinar o período desse acontecimento: "Em verdade vos digo: Esta geração não passará até que todas essas coisas se cumpram". Qualquer que seja nossa opinião sobre a extensão ou a maneira do cumprimento da predição, pronunciada igualmente por nosso Senhor, por São Paulo e por São João, uma coisa é certa, as Escrituras estão irrevogavelmente comprometidas com a afirmação do fato.

Deve ser observado que há duas classes, ou divisões, do "povo de Deus" especificadas neste episódio. A primeira classe pertence a uma nação particular, "os cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel". Estes, por necessidade, representam a *igreja cristã judaica* do período apostólico. Mas além deles há uma multidão que ninguém podia contar, pertencente a todas as nacionalidades; isto é, não israelitas, mas gentios. Essa classe, portanto, deve necessariamente representar a *igreja gentílica* do período apostólico: "a incircuncisão", que foi admitida aos privilégios do povo do pacto, sendo chamada para ser "co-herdeira, corpo conjunto e coparticipante da promessa de Deus em Cristo pelo evangelho", juntamente com os crentes judeus. Essa representação implica que o perigo e a libertação simbolizados pelo selamento dos servos de Deus não estavam restringidos à Judeia e a Jerusalém. A religião de Jesus de Nazaré era uma fé proscrita e perseguida em todo o Império Romano antes da eclosão da guerra judaica e da revogação da economia judaica. Assim, os redimidos na visão, a "multidão vestida de branco", são descritos como vindo da

grande tribulação: expressão que nos fornece uma pista para determinar o tempo e as pessoas aqui mencionadas. Nosso Senhor, ao predizer o tempo de aflição sem precedentes que precederia a catástrofe de Jerusalém e da Judeia, diz: "Então haverá *grande tribulação* [θλίψις μεγάλη], como nunca houve desde o princípio do mundo". (Mateus 24:21) Ora, na declaração do episódio, "Estes são os que vieram da grande tribulação", há uma alusão inquestionável às palavras de nosso Senhor. A tradução correta, como aponta Alford, é: "Estes são os que vieram de *a grande tribulação*" [ἐκ τῆς θλίψεως τῆς μεγάλης], o artigo definido sendo muito enfático, e *a tribulação* claramente aludindo à predição em Mateus 24:21.

Somos assim conduzidos, pela própria orientação da Palavra de Deus, a uma e mesma conclusão; e é impossível não se impressionar com a convergência de tantas linhas de argumento diferentes conduzindo a um único resultado. Somos, portanto, justificados em concluir que o episódio do selamento dos servos de Deus representa a segurança e libertação dos fiéis naquela época terrível de juízo que, na Parousia, sobreveio à cidade e à terra culpadas de Israel.

A TERCEIRA VISÃO.

AS SETE TROMBETAS, APOCALIPSE 8; 9; 10; 11.

Chegamos agora ao final da segunda visão, e poderia parecer que a catástrofe com que ela terminou é tão completa e exaustiva que não haveria espaço para qualquer desenvolvimento adicional. Mas não é assim. E aqui precisamos novamente chamar atenção para uma das características principais da estrutura do Apocalipse. Ele não é uma sequência contínua e progressiva de eventos, mas uma representação continuamente recorrente de substancialmente a mesma história trágica, apresentada sob formas renovadas e em novas fases. O Dr. Wordsworth, quase sozinho entre os intérpretes deste livro, compreendeu essa característica de sua estrutura. Ao mesmo tempo, cada nova visão amplia o campo de nossa observação e intensifica o interesse pela introdução de novos incidentes e personagens.

ABERTURA DO SÉTIMO SELO.

Apocalipse 8:1: "E, quando Ele abriu o sétimo selo, fez-se silêncio no céu por cerca de meia hora".

O sétimo selo, propriamente falando, pertence à visão anterior; mas observa-se que a catástrofe daquela visão ocorre sob o sexto selo, e que o sétimo torna-se simplesmente o elo de ligação entre a segunda visão e a terceira, entre os selos e as trombetas. Isso, sem dúvida, indica a estreita relação existente entre elas. Não podemos conceber os eventos denotados pelas sete trombetas como posteriores, em termos de tempo, aos eventos representados como ocorrendo na abertura do sexto selo, pois isso envolveria uma confusão e incongruência inextricáveis. A suposição mais razoável parece ser que temos aqui, na visão das sete trombetas, um novo desdobramento dos juízos devastadores que estavam prestes a sobrevir à terra condenada da Judeia. O Dr. Wordsworth observa: "As sete trombetas não diferem, no *tempo*, dos sete selos, mas antes sincronizam com eles".[1] Duvidamos se esta é a maneira correta de afirmar o sincronismo. Pensamos que toda a visão das trombetas faz parte da catástrofe sob o sexto selo.

AS QUATRO PRIMEIRAS TROMBETAS.

Apocalipse 8:7-12: "O primeiro anjo soou, e seguiu-se saraiva e fogo misturados com sangue; e foram lançados sobre a Terra" [terra], etc.

A visão se abre com um pröem, ou introdução, conforme a estrutura usual das visões apocalípticas. O ponto de observação do Vidente ainda é o céu, embora a cena onde a ação principal ocorre seja a terra. Deve ser fortemente enfatizado que é Israel, Judá, Jerusalém, que está diante dos olhos do profeta. Expandir isso para abranger todo o globo, todos os povos e todos os tempos não só confunde o leitor num labirinto de perplexidades, mas faz perder completamente o ponto e o propósito do livro. "A Ruína de Israel; ou, os Últimos Dias de Jerusalém" não seria um título inadequado para o Apocalipse. A ação da narrativa, além disso, está contida dentro de um espaço de tempo muito breve, pois essas coisas "devem acontecer em breve".

---

[1] Lecture on the Apocalypse, p. 129.

Retornando à visão: após uma pausa solene e terrível na abertura do sétimo selo, significativa do caráter grave e lamentoso dos eventos prestes a ocorrer, sete anjos, ou melhor, *os* sete anjos que estão diante de Deus, recebem sete trombetas, que devem soar sucessivamente. Antes que comecem, porém, um anjo apresenta diante de Deus as orações dos santos, juntamente com a fumaça de muito incenso, de um incensário de ouro, no altar de ouro que estava diante do trono. Isto costuma ser considerado como simbólico da aceitabilidade do culto cristão mediante a intercessão e mediação do Mediador. Mas observe o efeito das orações: o anjo toma o incensário de onde subia o incenso juntamente com as orações dos santos, enche-o com fogo do altar e o lança sobre *a terra*; e imediatamente vozes, trovões, relâmpagos e um terremoto ocorrem. Estranhas respostas à oração. Mas se entendermos essas orações dos santos como os clamores do povo de Deus aflito e perseguido, que vimos na visão anterior clamando: "Até quando, ó Senhor, até quando?", tudo se torna claro. O Senhor vingará o sangue de Seus servos; Sua ira se acende; a rápida retribuição está próxima. O incensário que perfumou as orações torna-se o veículo do juízo e é lançado sobre a terra, cheio do furor do Senhor, o fogo do altar diante do trono.

Agora, os sete anjos se preparam para tocar, e cada toque é o sinal de um ato de juízo. Observa-se que as quatro primeiras trombetas, assim como os quatro primeiros selos, diferem das três restantes. Elas possuem certa indefinição, e os símbolos, embora sublimes e terríveis, não parecem suscetíveis de uma verificação histórica particular. Provavelmente correspondem àquelas perturbações fenomenais da natureza às quais nosso Senhor alude em Sua profecia no Monte das Oliveiras, como precedendo a Parousia: "Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e sobre a terra angústia das nações, em perplexidade, o bramido do mar e das ondas". (Lucas 21:25) Esses são exatamente os objetos afetados pelas quatro primeiras trombetas: a terra, o mar, o sol, a lua, as estrelas. Sem tentar, portanto, encontrar uma explicação específica para esses portentos, basta considerá-los como sinais exteriores e visíveis do desprazer divino manifestado contra os impenitentes e incrédulos; indícios de que o mundo natural estava agitado e convulsionado por causa da maldade do tempo; emblemas da

desorganização e desarticulação gerais da sociedade que precederam e pressagiaram a catástrofe final do povo judeu.

As três últimas trombetas, porém, são de caráter muito diferente das quatro primeiras. Elas são, de fato, simbólicas, como as demais, mas os símbolos são menos indefinidos e parecem mais capazes de uma interpretação histórica. Os juízos sob as quatro primeiras trombetas são marcados por aquilo que podemos chamar de um caráter *artificial*; afetam a *terceira parte* de todas as coisas, a terceira parte das árvores, a terceira parte da erva, a terceira parte do mar, a terceira parte dos peixes, a terceira parte dos navios, a terceira parte dos rios, a terceira parte do sol, a terceira parte da lua, a terceira parte das estrelas, a terceira parte do dia, a terceira parte da noite. Seria absurdo exigir uma verificação histórica de símbolos como esses. Mas as trombetas restantes parecem entrar mais no domínio da realidade e da história; e, nesse sentido, veremos que grande luz é lançada sobre elas pelas Escrituras e pela história contemporânea. Que uma importância especial é atribuída a essas últimas trombetas é evidente pelo fato de serem introduzidas por uma nota de advertência:

> Apocalipse 8:13: "E olhei, e ouvi uma águia voando pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai, ai, ai dos habitantes da terra, por causa das outras vozes da trombeta dos três anjos que ainda hão de tocar".

Esta nota introdutória às três trombetas exige algumas observações.

Primeiro, o leitor perceberá que a verdadeira leitura do texto é águia, não anjo. "Ouvi uma águia voando no meio do céu". Este é o símbolo da guerra e da rapina. Há um paralelo impressionante a essa representação em Oséias 8:1: "Coloque a trombeta na boca. Ele virá como uma águia contra a casa do Senhor, porque eles transgrediram a minha aliança". No Apocalipse, a águia vem na mesma missão, anunciando sofrimento, guerra e julgamento.

Em segundo lugar, o leitor observará as pessoas sobre as quais os ais preditos hão de cair, os habitantes da terra. Como em Apocalipse 6:10, aqui também, γῆ deve ser tomado em um sentido restrito, como se referindo à terra de Israel. A tradução de γῆ por *Terra (earth)*, em vez de *terra (land)*, e de αἰών por *mundo (world)*, em vez de *era (age)*, tem sido fonte abundante de erro e confusão na interpretação do Novo

Testamento. Com inconsistência singular, nossos tradutores traduziram γῆ às vezes *Terra (earth)*, às vezes *terra (land)*, em versículos quase consecutivos, obscurecendo muito o sentido. Assim, em Lucas 21:23, eles traduzem γῆ por *terra (land)*: "porque haverá grande aperto na terra *(land)*" [ἐπὶ τῆς γῆς], sendo compelidos a restringir o significado pela próxima cláusula: "E ira sobre este povo". Mas no versículo seguinte, onde a mesma expressão reaparece, aflição ἐπὶ τῆς γῆς, eles a traduzem "sobre a *Terra (earth)*". Na passagem agora diante de nós, os ais devem ser entendidos como denunciados, não sobre os habitantes do globo, mas sobre os habitantes da terra, isto é, da Judeia.

A QUINTA TROMBETA.

Apocalipse 9:1-12: "E o quinto anjo tocou, e vi uma estrela caída do céu sobre a terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E ele abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha; e o sol e o ar foram escurecidos por causa da fumaça do poço... E foi dado a eles poder, como os escorpiões da terra têm poder... E têm sobre eles um rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego tem o nome Apoliom. Um ai passou; eis que, depois disso, vêm ainda dois ais".

Sobre essa representação simbólica, Alford observa com acerto: "Há uma Babel interminável de interpretações alegóricas e históricas desses gafanhotos que saem do abismo"; mas, enquanto limpa o terreno do amontoado de especulações românticas que o têm sobrecarregado, ele se abstém de colocar algo melhor em seu lugar.

Sem supor ter mais discernimento do que outros expositores, não podemos deixar de sentir que o princípio da interpretação sobre o qual procedemos, e que é tão claramente estabelecido pelo próprio Apocalipse, oferece uma grande vantagem na busca e descoberta do verdadeiro significado. Com nossa atenção fixa em um único ponto da Terra, e absolutamente confinados a um período de tempo muito breve, torna-se relativamente fácil ler os símbolos, e ainda mais satisfatório notar sua perfeita correspondência com os fatos.

Qualquer que seja a obscuridade que possa haver nessa representação extraordinária, parece bastante claro que ela não pode se referir a nenhum exército *humano*. Pelo contrário, tudo aponta para o que é infernal e demoníaco. Considerando a origem, a natureza e o líder

desse misterioso exército, é impossível considerá-lo sob qualquer outra luz que não seja um símbolo da irrupção de um poder demoníaco maléfico. É exatamente como está representado, o exército do inferno que sobrevoa a terra de Israel, atingida pela maldição. Temos diante de nós uma imagem hedionda de uma realidade histórica, a condição totalmente desmoralizada e, por assim dizer, demoníaca da nação judaica, em direção ao trágico desfecho de sua história cheia de eventos. Temos algum fundamento para crer que a última geração do povo judeu foi realmente pior que qualquer uma das anteriores? É razoável supor que essa degeneração teve alguma conexão com influência satânica? A ambas as perguntas respondemos: sim. Temos uma declaração muito notável de nosso Senhor sobre esses dois pontos, a qual, ousamos afirmar, fornece a chave para a verdadeira interpretação dos símbolos diante de nós. No capítulo 12 de São Mateus, Ele compara a nação, ou antes, a geração então existente, a um endemoninhado do qual um espírito imundo havia sido expulso. Houve uma reforma moral temporária na nação pelo ministério do segundo Elias e pelos próprios labores de nosso Senhor. Mas a velha incredulidade e impenitência inveteradas logo retornaram, e retornaram com força setenária:

"Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então diz: Voltarei para minha casa, de onde saí; e, voltando, encontra-a vazia, varrida e adornada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado desse homem torna-se pior do que o primeiro. *Assim acontecerá também a esta geração perversa*". (Mateus 12:43-45)

A sentença final é cheia de significado. A nação culpada e rebelde, que havia rejeitado e crucificado seu Rei, deveria, em seu último estágio de impenitência e dureza, ser entregue ao domínio irrestrito do mal. O demônio expulso, ao final, retornaria reforçado por uma legião.[1]

Temos abundantes evidências, nas páginas de Josefo, da veracidade dessa representação. Repetidas vezes ele declara que a nação havia se

[1] Stier observa: "No período entre a ascensão de Cristo e a destruição de Jerusalém, esta nação mostra-se, pode-se dizer, como se possuída por sete mil demônios". - Reden Jesu, vol. II, p. 187.

tornado totalmente corrupta e depravada. “Nenhuma geração,” diz ele, "jamais existiu mais prolífica em crimes".[1]

"Sou de opinião", diz ele novamente, "que, se os romanos tivessem adiado o castigo desses miseráveis, a terra teria se aberto e engolido a cidade, ou teria sido varrida por um dilúvio, ou teria partilhado dos raios que atingiram a terra de Sodoma. Pois ela produziu uma raça muito mais ímpia do que aquelas que foram assim visitadas". - Josephus, bk. v. chap. xiii.

Consideremos agora os símbolos da quinta trombeta à luz dessas observações. Não pode haver dúvida quanto à identidade da "estrela caída do céu, à qual foi dada a chave do abismo". Só pode referir-se a Satanás, aquele que nosso Senhor viu "cair do céu como relâmpago". (Lucas 10:18); "Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da alva!" (Isaías 14:12) A nuvem de gafanhotos que sai do poço do abismo, gafanhotos comissionados não para destruir a vegetação, mas para atormentar os homens, aponta claramente para espíritos malignos, emissários de Satanás. O lugar de onde procedem, o abismo, é mencionado distintamente nos evangelhos como a morada dos demônios. A legião expulsa do endemoninhado de Gadara suplicou ao Senhor "que não os enviasse para o abismo". (Lucas 8:31) Os gafanhotos da visão são representados como infligindo tormentos dolorosos nos corpos dos homens; e isso está de acordo com as declarações do Novo Testamento sobre os efeitos físicos da possessão demoníaca, "horrivelmente atormentada por um demônio". (Mateus 15:22) Não deve causar dificuldade que espíritos imundos sejam simbolizados por gafanhotos, visto que também são comparados a rãs, em Apocalipse 16:13. Quanto à aparência extraordinária dos gafanhotos, e ao fato de seu poder ser limitado ao período de cinco meses, os melhores críticos parecem concordar que essas características foram tomadas dos hábitos e da aparência do gafanhoto natural, cujas devastações, diz-se, se limitam a cinco meses do ano, e cuja aparência, em certo grau, lembra cavalos. (Veja Alford, Stuart, De Wette, Ewald, etc.) Contudo, basta considerar tais minúcias mais como imagética poética do que como traços simbólicos. Finalmente, seu rei, "o anjo do abismo", cujo nome é Abadom, e em grego Apoliom, o Destruidor, não pode ser outro senão

[1] Josephus, Jewish Wars, bk. v. ch. x.

"o dominador das trevas deste mundo"; "o príncipe do poder do ar"; "o espírito que agora opera nos filhos da desobediência". O domínio maligno e infernal de Satanás sobre a nação condenada estava agora estabelecido. Contudo, seu tempo era curto, pois "o príncipe deste mundo" estava prestes a ser "expulso". Entretanto, seus emissários não tinham poder para ferir os verdadeiros servos de Deus, "mas somente aqueles homens que não tinham o selo de Deus em suas testas".

Tal é a invasão desse exército infernal; todo o inferno, por assim dizer, solto sobre a terra destinada ao juízo, transformando Jerusalém em um pandemonium, uma habitação de demônios, o reduto de todo espírito imundo e uma jaula de toda ave impura e detestável. (Apocalipse 18:2)[1]

A SEXTA TROMBETA.

Apocalipse. 9:13-21: "E o sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz procedente dos quatro chifres do altar de ouro que está diante de Deus, dizendo ao sexto anjo que tinha a trombeta: 'Solta os quatro anjos que estão atados junto ao grande rio Eufrates'. E foram soltos os quatro anjos, que haviam sido preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens. E o número do exército dos cavaleiros era de duas dezenas de milhares de milhares; e eu ouvi o número deles", etc.

A sexta trombeta é introduzida pelo anúncio: "O primeiro ai passou; eis que, depois destas coisas, vêm ainda dois ais", indicando que sua chegada está próxima: eles já estão a caminho, "eles vêm" [ἔρχεται].

Há certa semelhança entre a visão aqui descrita e a precedente. Ambas se referem a um grande e numeroso exército solto para punir os homens; em ambas, o exército é diferente de qualquer ser real *in rerum naturâ*, e ainda assim ambas parecem, em alguns pontos, aproximar-se da esfera da realidade e ser suscetíveis, ao menos em parte, de uma verificação histórica. O primeiro incidente que segue ao tocar da sexta trombeta é a ordem de "soltar os quatro anjos que estão presos junto ao

[1] Alguns críticos eminentes, Eichhorn, Herder, Heinrichs e outros, consideram esse símbolo dos gafanhotos como emblemático dos zelotes e sicários, os malfeitores que infestaram a Judeia e Jerusalém nos últimos dias da Comunidade Judaica. É uma conjectura sagaz, com aparência bastante plausível de verossimilhança; mas, considerada mais a fundo, mostra-se insustentável. Os símbolos exigem um análogo sobrenatural.

grande rio Eufrates". Sobre esta passagem, Alford diz: "Toda essa imagem tem sido um crux interpretum quanto a quem são esses anjos e o que é indicado pela localidade aqui descrita". É nesses casos cruciais, que desafiam a destreza da mão mais habilidosa em abrir o cadeado, que provamos o poder de nossa chave-mestra. Fixemos primeiro aquilo que parece mais literal na visão, "o grande rio Eufrates". Isso, ao menos, dificilmente pode ser simbólico. Diz-se que há quatro anjos presos, não *no* rio, mas *junto* ao rio, ou *sobre* o rio [ἐπὶ τῷ ποταμῷ]. A soltura desses quatro anjos libera uma vasta horda de cavaleiros armados, com as características estranhas e antinaturais descritas na visão. Qual é o elemento *real* e *concreto* que podemos extrair dessa imagem tão elaborada? Como é que esses cavaleiros vêm da região do Eufrates? Como é que quatro anjos estão presos naquele rio? Ora, lembrar-se-á que a invasão dos gafanhotos veio *do abismo* do inferno; este exército invasor vem do *Eufrates*. Esse fato serve para decifrar o enigma. O exército invasor que acompanhou Tito no cerco e captura de Jerusalém foi realmente recrutado, em grande medida, da região do Eufrates.[1] Aquele rio formava a fronteira oriental do Império Romano, e sabemos, como fato histórico, que era guardado por quatro legiões, que eram regularmente estacionadas ali.[2] Acreditamos que essas *quatro legiões* são simbolizadas pelos *quatro anjos* presos junto ao rio. O "soltar os anjos" equivale à *mobilização das legiões*, e não podemos deixar de considerar o símbolo tão poético quanto historicamente verdadeiro. Mas, pode ser dito que as legiões romanas não eram formadas por cavalaria. Verdade; mas sabemos que, juntamente com os legionários vindos do Eufrates, vieram para a guerra judaica forças auxiliares recrutadas da mesma região. Antíoco de Comagena, que, como nos diz Tácito, era o mais rico de todos os reis submetidos à autoridade de Roma,[3] enviou um contingente para a guerra. Seus domínios ficavam no Eufrates. Soêmio, igualmente, outro poderoso rei cujos territórios estavam na mesma região, enviou uma força para cooperar com o exército romano sob Tito. Ora, as tropas desses reis orientais eram, como as de seus vizinhos partos, em grande parte cavalaria; e é perfeitamente coerente com a natureza da

[1] Josephus, Wars, bk. v. chap. i.

[2] Conybeare and Howson, chap. xxii.

[3] Tacitus, History, bk. ii. §1.

representação alegórica ou simbólica que, num livro como o Apocalipse, essas ferozes hordas estrangeiras de cavaleiros bárbaros assumam a aparência apresentada na visão. São numerosos, monstruosos, cuspidores de fogo, mortíferos; e assim, sem dúvida, pareceram aos miseráveis "habitantes da terra", que eles haviam sido comissionados a destruir. A invasão pode ser adequadamente descrita na linguagem análoga do profeta Isaías: "O Senhor dos Exércitos convoca o exército da batalha. Eles vêm de uma terra distante, desde a extremidade dos céus, o Senhor e as armas da sua indignação, para destruir toda a terra". (Isaías13:4-5)

Favorece essa interpretação o fato de haver uma evidente congruência na invasão da terra consagrada, primeiro por um exército demoníaco maligno, e depois por um poderoso exército terreno. Cada fato é confirmado por evidência histórica decisiva. Despoje-se a visão de suas vestes, e há um sólido núcleo de fato substancial. As unidades dramáticas de tempo, lugar e ação também são preservadas, e somos gradualmente conduzidos cada vez mais perto da catástrofe sob a sétima trombeta. Mas isso é antecipar os acontecimentos.

Pode-se levantar uma objeção a essa explicação da visão da sexta trombeta, por causa das hordas eufrateanas serem comissionadas a destruir *idólatras*. Sem dúvida, a grosseira idolatria descrita no versículo vinte não era o pecado nacional de Israel naquele período, embora o tivesse sido em eras anteriores. Mas há razão de sobra para acreditar que muitos judeus de fato se conformaram a práticas pagãs tanto nos dias de Herodes, o Grande, quanto de seus descendentes. Entretanto, cremos que, adiante, será satisfatoriamente demonstrado que, no Apocalipse, o pecado da idolatria é imputado àqueles que, embora não culpados da adoração literal de ídolos, eram os obstinados e impenitentes inimigos de Cristo. (Veja a exposição de Apocalipse 17.)[1]

Finalmente, a verdadeira tradução do v. 15 remove uma obscuridade que tem sido causa de muita perplexidade e concepção equivocada. Os

---

[1] "Que os judeus do período imediatamente anterior à destruição de Jerusalém eram ímpios e perversos quase sem paralelo, e que tais impiedade e perversidade são caracterizadas pelo versículo 20, parece ser solução suficiente para a linguagem empregada". - Stuart on the Apocalypse, *in loc.*

quatro anjos presos no Eufrates, e soltos pelo anjo da sexta trombeta, são declarados como tendo sido preparados, não "para *uma* hora, e *um* dia, e *um* mês, e *um* ano", mas para *a* hora, e dia, e mês, e ano: isto é, destinados pela vontade de Deus para uma obra específica, num momento particular; e, no tempo designado, foram soltos para cumprir sua missão providencial. "A terça parte dos homens" não significa a terça parte da raça humana, mas a terça parte dos "habitantes da terra", (Apocalipse 8:13) sobre os quais os ais estavam prestes a cair.

Episódio do Anjo e do Livro Aberto.

I. Poderíamos esperar que agora a sétima trombeta tivesse soado; mas, como na visão dos sete selos, assim também aqui, a ação é interrompida para a introdução de episódios que abrem espaço para novo material que não se encaixa estritamente no fluxo principal da narrativa.

1. Apocalipse 10:1-11: "E vi outro anjo poderoso descer do céu, vestido de uma nuvem; e um arco-íris sobre a sua cabeça; e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo; e tinha na mão um livrinho aberto; e pôs o pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra; e clamou com grande voz, como quando ruge um leão; e, havendo clamado, sete trovões fizeram soar as suas vozes", etc.É natural que, à primeira vista, sejamos inclinados a considerar este anjo poderoso, que aparece como o interlocutor neste e no episódio seguinte, como um dos "espíritos ministradores" que executam as ordens do Altíssimo. Mas uma consideração mais cuidadosa exclui essa suposição. Os atributos com que esse anjo é investido se assemelham tão estreitamente aos que são atribuídos ao nosso Senhor no primeiro capítulo, que a maioria dos intérpretes concorda que não se trata de outro senão o próprio Salvador. A *nuvem gloriosa* com a qual Ele está vestido é um símbolo costumeiro da presença divina; o "*arco-íris* sobre a sua cabeça", correspondendo ao arco-íris ao redor do trono (Apocalipse 4:3); "o seu *rosto como o sol*"; "os seus *pés como colunas de fogo*"; sua "voz como o rugido de um leão"; tudo isso corresponde tão exatamente à descrição de Apocalipse 1:10-16 que é quase impossível chegar a outra conclusão senão que se trata de uma manifestação do próprio Senhor.

2. Mas há ainda uma correspondência notável entre a aparência e a ação deste "anjo poderoso" e a descrição que São Paulo faz do arcanjo em 1 Tessalonicenses 4:16: "Porque o Senhor mesmo descerá do céu com um brado, com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus". Há aqui, certamente, uma coincidência muito singular. 1. O anjo glorioso do Apocalipse parece, sem dúvida, ser "o próprio Senhor". 2. Ambos são descritos como "descendo do céu". 3. Em ambos os casos, Ele é representado como descendo com um "*brado*". 4. Em ambos, trata-se da voz de "*o arcanjo*". 5. Em ambos, a aparição do anjo, ou do Salvador, está associada a uma *trombeta*. 6. O tempo da aparição também parece ser o mesmo: no Apocalipse, é às vésperas de soar a última trombeta, quando "o mistério de Deus se consumará"; na epístola, é às vésperas da "grande consumação", ou "o dia do Senhor". (1 Tessalonicenses 5:2)

3. Pode-se objetar que o título "*anjo*", ou mesmo "*arcanjo*", é incompatível com a dignidade suprema do Filho de Deus. Mas não há dúvida de que o nome *anjo* é dado ao Messias no Antigo Testamento. (Isaías 63:9; Malaquias 3:1) O nome *arcanjo* equivale a "príncipe dos anjos", exatamente a expressão pela qual a versão siríaca traduz a palavra em 1 Tessalonicenses 4:16; na verdade, seria mais razoável objetar que o título arcanjo fosse dado a qualquer outro que não uma pessoa divina. Ele está em harmonia com outros nomes reconhecidamente pertencentes a Cristo: Ἀρχὴ, Ἄρχων, Ἀρχηγός, Ἀρχιερεύς, Ἀρχιποιμήν; de modo que há forte presunção de que o título Ἀρχάγγελος também pertença a Cristo.

4. Hengstenberg sustenta, e com grande probabilidade, que existe apenas *um* arcanjo, e que ele possui natureza divina. Esse arcanjo é chamado "*Miguel*" em Judas, 5:9; mas, no livro de Daniel, *Miguel* é expressamente identificado com o Messias. (Daniel 12:1) Portanto, arcanjo é um título próprio de Cristo.[1]

5. Merece atenção que São Paulo fala, não da voz de *um* arcanjo, mas *do* arcanjo, como se estivesse se referindo a algo bem conhecido e familiar às pessoas a quem escrevia. Mas onde nas Escrituras encontramos qualquer alusão à "voz do arcanjo e à trombeta de Deus"? Em nenhum lugar, exceto nesta passagem do próprio Apocalipse.

[1] Hengstenberg, Christology, vol. iv. pp. 300-305.

Inferimos, portanto, que o Apocalipse era conhecido pelos tessalonicenses, e que São Paulo aludia exatamente a essa descrição.

6. Além disso, nas epístolas aos Tessalonicenses, a voz do arcanjo é apresentada como despertando os santos que dormem. Mas de quem é a voz que chama os mortos para fora de suas sepulturas? A voz do Filho de Deus. "Vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros *ouvirão a sua voz* e sairão". (João 5:25-29) A voz do arcanjo, portanto, é a voz do Filho de Deus. Observe-se também que o toque da sétima trombeta é dito ser "o tempo dos mortos, para que sejam julgados". (Apocalipse 11:18)

7. Por fim, que o poderoso anjo de Apocalipse 10:1 é uma pessoa divina, e ninguém menos que o próprio Senhor Jesus Cristo, parece provado de modo decisivo por Apocalipse 11:3: "*Eu* darei poder às *minhas* duas testemunhas", etc., onde o orador é evidentemente uma pessoa divina, e ainda assim é o mesmo "poderoso anjo" que o profeta viu descer do céu.

Concluímos, portanto, que o "poderoso anjo" do Apocalipse é idêntico ao "arcanjo" de 1 Tessalonicenses, e não é outro senão "o próprio Senhor".

II. Passamos agora a considerar a declaração do poderoso anjo.

A princípio poderíamos supor que o que o anjo proferiu foi mantido em segredo. Somos informados de que, ao seu brado, sete trovões emitiram suas vozes; mas quando o Vidente estava prestes a escrever o que disseram, foi-lhe proibido fazê-lo: "Sela as coisas que os sete trovões falaram, e não as escrevas" (v. 5).

O profeta, no entanto, prossegue registrando o que o anjo fez e disse.

Colocando seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra, levanta sua mão ao céu e jura por Aquele que vive para todo o sempre que não haverá mais tempo (ou "respiro"). Ou seja: "O fim chegou; a longanimidade de Deus não pode mais esperar; o dia da graça está prestes a encerrar; e nenhum adiamento adicional será concedido".

Que esse é o significado da declaração é evidente pelo que segue no versículo 7:

"Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver prestes a tocar a trombeta, então o mistério de Deus será consumado, conforme a boa nova anunciada aos seus servos, os profetas".

Em outras palavras, a sétima e última trombeta, que está prestes a soar, trará o grande desfecho predito. Essa íntima conexão entre o aparecimento do arcanjo e o toque da sétima trombeta (que introduz a consumação) é extremamente sugestiva e confirma fortemente tudo o que foi exposto sobre a correspondência da cena diante de nós com a descrição de 1 Tessalonicenses 4:16.

Mas este verso 7 também fornece uma confirmação singular e muito satisfatória das opiniões já apresentadas sobre o que é erroneamente chamado de "pregação do evangelho aos mortos". (1 Pedro 4:6) O leitor lembrará que, na passagem referida, a expressão empregada é νεκροῖς εὐηγγελίσθη (literalmente, "*foi evangelizado* aos mortos", isto é, foi feita aos mortos uma proclamação consoladora).

Na passagem agora diante de nós (Apocalipse 10:7) descobrimos a fonte original dessa expressão peculiar "evangelizou" [εὐηγγέλισεν], e, examinando mais de perto, percebemos uma alusão clara e distinta à mesma comunicação feita aos mortos à qual São Pedro se refere. O anjo da visão jura:

"que não haverá mais demora... mas que, nos dias da voz do sétimo anjo, quando estiver prestes a tocar, o mistério de Deus será completado, como ele *evangelizou* aos seus servos, os profetas".

Ou seja: "*como ele declarou por meio de um anúncio consolador* aos seus servos, os profetas".

Aqui surge a pergunta: Quando foi feito esse anúncio consolador? Alford responde corretamente essa questão. Em sua nota sobre este versículo ele diz:

"*que não haverá mais tempo de espera*, isto é, que nenhum intervalo adicional intervirá; em alusão à resposta dada ao clamor das almas dos mártires, em Apocalipse 6:11: 'e foi-lhes dito que repousassem ainda por um pouco de tempo'. Toda essa série de juízos das trombetas tem sido uma resposta às orações dos santos, e agora a vingança está prestes a alcançar seu pleno cumprimento; χρόνος οὐκέτι ἔσται: o atraso

determinado chegou ao fim. Que este é o sentido é mostrado pelo ἀλλ' ἐν ταῖς ἡμέραις, etc., que se segue".[1]

Em seguida: a quem foi feito esse anúncio consolador? A resposta é: "aos seus servos, os profetas". Isto refere-se claramente àqueles que, em Apocalipse 6:9, são representados como "as almas dos que foram mortos por causa da palavra de Deus e do testemunho que mantinham". Pois qual é a função de um profeta? Não é declarar a palavra do Senhor e testemunhar a verdade? No capítulo 6 eles são descritos como "tendo sido mortos", o destino que Jesus predisse para seus servos: "Eis que eu vos envio *profetas*... e alguns deles matareis e crucificareis." (Mateus 23:34) Jerusalém era notoriamente a assassina dos profetas: "Ó Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas." (Mateus 23:37) "Não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém." (Lucas 13:32) Era o sangue desses mártires que seria requerido daquela geração, e agora o tempo havia chegado.

Por fim, observe o período indicado nesse anúncio consolador [εὐαγγέλιον]. É "nos dias da voz do sétimo anjo que o mistério de Deus será finalizado". Volte a Apocalipse 11:18, que descreve o resultado do toque da sétima trombeta, e o que encontramos? Ali se declara: "Veio a tua ira, *e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e para que dês recompensa aos teus servos, os profetas*". Quão perfeitamente isso coincide com as declarações de 1 Pedro 4:6, bem como de Apocalipse 6:9-11, e quão claramente se referem ao mesmo período e ao mesmo evento, dificilmente necessita ser demonstrado. Isso eleva a probabilidade à certeza e demonstra a verdade da explicação já dada, por meio de uma correspondência sutil e profunda que suporta o exame mais minucioso e crítico.

III. O livrinho aberto na mão do anjo. (Apocalipse 10:8-11) O poderoso anjo é representado como tendo na mão um pequeno livro aberto. De seu conteúdo não somos informados, mas somos grandemente auxiliados na interpretação do símbolo pela evidente correspondência entre a cena no Apocalipse e aquela descrita em Ezequiel 2-3. De fato, parecem contrapartes uma da outra. O rolo em Ezequiel corresponde ao "livrinho". Na profecia, é "*o Senhor*" quem

[1] Greek Testament, *in loc.*

segura o rolo em Sua mão e o entrega ao profeta; uma confirmação adicional do argumento de que é *o Senhor* quem, no Apocalipse, segura o livrinho em Sua mão. Em ambas, na profecia e no Apocalipse, o rolo ou livro está *aberto*. Em ambas, o rolo ou livro é *comido* pelos profetas; em ambas, ele é na boca "doce como mel". Somente o Apocalipse declara que depois se tornou amargo ao gosto; mas podemos inferir que a mesma característica se aplica igualmente ao rolo de Ezequiel. Todas essas notáveis correspondências provam suficientemente que a cena na profecia de Ezequiel é o protótipo da visão no Apocalipse. Mas o ponto principal a ser notado é o *caráter do conteúdo* do livrinho, e isso somos capazes de determinar pelo seu paralelo na profecia. O rolo que Ezequiel viu "estava escrito por dentro e por fora; e nele estavam escritos lamentos, e gemidos, e ais". (Ezequiel 2:10) Inferimos, portanto, que em ambos os casos o conteúdo era *amargo*, pois São João, como Ezequiel, era o mensageiro de iminente juízo sobre Israel, e esta própria visão pertence às trombetas de ai, que soaram o sinal de julgamento.

A Medição do Templo.

Apocalipse 11:1-2: "E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e o anjo permaneceu em pé, dizendo: Levanta-te e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. Mas o átrio que está fora do templo deixa de fora, e não o meças; porque foi dado aos gentios; e a cidade santa eles pisarão por quarenta e dois meses".

Se algo ainda faltasse para provar que, nessas visões apocalípticas, estamos lidando com história contemporânea, com fatos e realidades existentes nos dias de São João, isso seria suprido pela passagem diante de nós. Aqui temos evidência distinta e decisiva quanto ao *tempo* e ao *lugar*. A visão fala *da cidade* e *do templo* de Jerusalém: a cidade literal e o templo literal. Portanto, eles estavam em existência quando o Apocalipse foi escrito, pois a visão diante de nós prediz sua destruição.

O que pode ser mais forçado e antinatural, o que pode ser mais acrítico e infundado do que interpretar uma declaração como esta como sendo simbólica da Reforma Protestante e da Igreja de Roma? Tais interpretações são, de fato, uma prova humilhante da extravagância e credulidade de alguns homens bons; mas fazem um mal incalculável ao darem exemplo de tratamento temerário da Palavra de Deus, e ao passarem as especulações fantasiosas dos homens como se fossem os

verdadeiros oráculos de Deus. Não temos absolutamente nenhum direito de supor que aqui se pretende algo além da cidade literal de Jerusalém e do templo literal de Deus.

O interlocutor nesta visão é ainda o mesmo "poderoso anjo", cuja identidade com "o arcanjo", "o próprio Senhor", procuramos demonstrar. O vidente recebe uma vara ou cana de medir e é ordenado a medir o templo de Deus, o altar e os adoradores. Naturalmente voltamos à cena de Ezequiel 40, onde o profeta vê um anjo com um cordel de linho e uma cana de medir tomando as dimensões do templo que estava prestes a ser construído. Mas é evidente que, nesta visão apocalíptica, o símbolo não se refere à construção, mas à demolição e destruição.

É importante ter sempre em mente que toda a ação do Apocalipse está avançando rapidamente rumo a uma grande catástrofe, agora não distante. Israel e Jerusalém nunca saem de cena nem por um instante. Duas trombetas de juízo já soaram a condenação da nação apóstata, e a consumação final apenas aguarda o toque da terceira. O arcanjo já declarou que "não haverá mais demora", e o Vidente provou a amargura do "*libel*", o livrinho que contém a acusação e o castigo daquela geração perversa.

Nessas circunstâncias, nada além da destruição iminente pode ser o tema. Que a cana ou linha de medir é empregada nas Escrituras como emblema de destruição é incontestável, mais frequentemente, de fato, do que como símbolo de construção. Bastarão alguns exemplos. Em Lamentações 2:7-8 encontramos uma passagem que poderia muito bem ser a interpretação desta visão apocalíptica: "O Senhor rejeitou o seu altar; ele aborreceu o seu santuário; entregou nas mãos do inimigo os muros dos seus palácios. O Senhor intentou destruir o muro da filha de Sião; *estendeu sobre ele a linha*, não retirou a mão de o destruir." Novamente, na profecia de Isaías sobre a destruição da Babilônia (Isaías 34:11) lemos: "O corvo e o ouriço a possuirão; *e ele estenderá sobre ela a linha de confusão* e as pedras de vacuidade". O profeta Amós também usa o mesmo emblema (Amós 7:6-9): "Assim Ele me mostrou: eis que o Senhor estava junto a um muro construído a prumo, tendo um prumo na mão. E o Senhor me disse: 'Amós, que vês?' E eu disse: 'Um prumo.' Então o Senhor disse: '*Eis que porei um prumo no meio do meu povo Israel;*

nunca mais passarei por eles. E os altos de Isaque serão assolados, e os santuários de Israel serão destruídos'", etc. Outra passagem muito sugestiva ocorre em 2 Reis 21:12-13: "Eis que trarei sobre Jerusalém e Judá um mal tão grande, que a todo aquele que o ouvir lhe retinirão ambos os ouvidos. *Estenderei sobre Jerusalém a linha de Samaria e o prumo da casa de Acabe*". (Ver também Salmo 60:6; Isaías 28:17.)

Mas não somente a linha ou vara de medir é usada como símbolo da destruição de *lugares*, como, o que é ainda mais singular, de *pessoas* também. Há uma passagem curiosa em 2 Samuel 8:2 ilustrando esse fato: E Davi "feriu a Moabe e *mediu-os com linha, fazendo-os deitar por terra; com duas linhas mediu para matar, e com uma linha inteira para deixar com vida*". Há alguma obscuridade no texto, mas o significado parece ser que, tendo os cativos sido ordenados a deitar-se, uma certa porção foi medida, dois terços do total, que foram destinados à morte, enquanto o terço restante foi poupado.[1] Isto explica, o que de outra forma seria quase ininteligível, por que na visão os adoradores são medidos juntamente com o templo e o altar. Assim, pensamos ser claro que o comando para medir "o templo, o altar e os que nele adoram" é significativo da destruição iminente que estava prestes a submergir os mais sagrados lugares do judaísmo e o próprio povo infeliz.

Será observado que uma parte do recinto do templo, "o átrio exterior do templo", é excetuada da medição; e uma razão é dada para isso, "porque foi dado aos gentios". O texto lê assim: "O átrio que está fora do templo *lança fora*, e não o meças", etc. Há alguma obscuridade nesta declaração. Sabemos que havia uma parte do recinto do templo chamada "o átrio dos gentios"; mas dificilmente pode ser esse o lugar aqui aludido, pois seria estranho falar do átrio dos gentios sendo dado aos gentios. É evidente também que esse abandono do átrio exterior aos gentios é apresentado como algo sacrílego, sendo ligado à declaração: "E a cidade santa será pisada pelos gentios por quarenta e dois meses". A razão, portanto, da exclusão do átrio exterior da medição pode ser que o lugar *já estava profanado*; por isso foi "*lançado fora*", rejeitado, por não ser mais um lugar santo; era profano e impuro, estando nas mãos, e mesmo sob os pés, dos gentios.

---

[1] Ver Nota na Pictorial Bible, *in loc.*

Há algo que corresponda a esses fatos na história dos últimos dias de Jerusalém? Pois esse é o verdadeiro problema que devemos resolver. Aqui o historiador judeu lança uma luz vívida sobre toda a cena descrita na visão. Josefo nos conta como, ao estourar a guerra judaica, o templo se tornou a cidadela e fortaleza dos insurgentes; como as diferentes facções lutavam pela posse desse ponto estratégico; e como João, um dos chefes rebeldes, mantinha o templo com sua quadrilha de salteadores chamados zelotes, enquanto Simão, outro líder rival, ocupava a cidade. Ele nos conta também como a força idumeia, que pode propriamente ser considerada como pertencente aos gentios, entrou na cidade sob o manto da noite, durante a distração causada por uma tempestade terrível, e foi admitida pelos zelotes, seus aliados, dentro dos recintos sagrados do templo. Parece que, durante todo o período do cerco, a cidade e os pátios do templo estavam na posse desses homens selvagens e sem lei de Edom, que levavam rapina e sangue por onde passavam. Foram eles, e nessa ocasião, que assassinaram de modo vil Ananus e Josué, dois dos mais eminentes e veneráveis entre os sumos sacerdotes, crime ao qual Josefo atribui a subsequente captura de Jerusalém e a queda da comunidade judaica. (Ver Traill's Josephus, bk. iv. chap. v. § 2.)[1]

Não temos aqui todas as condições do problema plenamente satisfeitas? A violenta e sacrílega invasão do templo pelos zelotes e idumeus, e a ocupação dominante da cidade por esses bandoleiros, que a pisaram sob os pés durante o período do cerco, parecem-nos corresponder exatamente às exigências da descrição. Certamente não se dirá que os idumeus não eram gentios? É importante observar que esta expressão "*os gentios*", ou "*as nações*" [τὰ ἔθνη],[2] tão frequente no Novo

---

[1] É notável que as palavras do sumo sacerdote Josué, em seu discurso aos idumeus, conforme relatado por Josefo, correspondam quase exatamente à linguagem de nosso Senhor em Lucas 21:24: "Aquele lugar, venerado pelo mundo e honrado até os confins da terra pelos estrangeiros, que o conhecem apenas de ouvir falar, é agora *pisado por animais selvagens*, gerados no próprio local". - Traill's Josephus, Jewish War, bk. iv. chap. iv. § 3.

[2] Stuart sustenta que a expressão "*gentios*", ou ἔθνη, é usada em sentido moral, para descrever homens de Israel abandonados e perversos. "Não é infrequente", diz ele, "chamar os israelitas de גוי e גוֹיִם, às vezes em *bom*, mas geralmente em *mau* sentido; pois são chamados de *pagãos* (como entre nós) quando agem como pagãos. Veja e

Testamento, geralmente se refere aos vizinhos imediatos dos judeus, muitos deles habitando com eles, ou ao lado deles, na terra da Palestina. Samaria era um ἔθνος; assim também Idumeia, assim Batanéia, assim a Galileia, assim os tírios e sidônios; e a expressão "todas as nações", ou "todos os gentios", é muitas vezes empregada neste sentido restrito, referindo-se às nacionalidades palestinas. Quando nosso Senhor enviou os doze em sua primeira missão e lhes ordenou que não fossem pelo caminho dos gentios nem entrassem em cidade de samaritanos, mas fossem antes às ovelhas perdidas da casa de Israel, Ele não se referia aos gregos e romanos, aos egípcios ou persas, mas aos "gentios domésticos", por assim dizer, que os discípulos podiam encontrar sem sair dos limites da Palestina. Corremos o risco, às vezes, de ser induzidos ao erro pela aplicação de nossas categorias geográficas e etnológicas modernas ao pensamento e à linguagem do tempo de nosso Senhor. As ideias dos judeus eram antes provinciais do que ecumênicas: seu mundo era a Palestina, e para eles "*as nações*", ou "*os gentios*", frequentemente significavam não mais do que seus vizinhos mais próximos, habitando nos limites, ou mesmo dentro dos limites, de sua própria terra.

A passagem que estamos considerando lança ainda luz sobre a predição de nosso Senhor em Lucas 21:24: "E Jerusalém será pisada pelos gentios até que os tempos dos gentios se completem". Nosso Senhor, deve-se observar, está aqui falando do cerco e da tomada de Jerusalém, o próprio tema da visão apocalíptica. Não pode haver dúvida de que a referência de nosso Senhor a Jerusalém sendo pisada pelos gentios é idêntica em significado à linguagem da visão: "A cidade santa será pisada por eles [os gentios]". Ambas as passagens devem referir-se ao mesmo ato e ao mesmo tempo: o que quer que signifique uma, significa a outra. Sendo assim, e já que a alusão no Apocalipse é à violenta e sacrílega ocupação de Jerusalém e do templo pelas hordas de zelotes e edomitas, concluímos que nosso Senhor, em Sua predição, faz referência ao mesmo fato histórico.

Mas, nesse caso, o que devemos entender por "*os tempos dos gentios*" na predição do Salvador? Tem-se suposto, em geral, que essa expressão

---

compare, em ambos os aspectos, Gênesis 35:11, 12; Salmo 33:12; Isaías 1:4; 9:2; 26:2; 49:7". - Commentary on the Apocalypse, chap xi. 16-18.

se refere a algum período místico de duração desconhecida, estendendo-se talvez por séculos e æons, e ainda em curso incompleto. Mas se essa interpretação não natural das palavras fosse aplicada à Escritura, seria difícil ver qual utilidade haveria em especificar qualquer período de tempo. Certamente é muito mais respeitoso para com a Palavra de Deus entender sua linguagem como tendo algum significado definido. E se "quarenta e dois meses" realmente significarem *quarenta e dois meses*, e nada mais? Os tempos dos gentios só podem significar o tempo durante o qual Jerusalém está em sua posse. Esse tempo é claramente especificado no Apocalipse como quarenta e dois meses. Ora, este é um período repetidamente mencionado neste livro sob diferentes designações. É os "mil duzentos e sessenta dias" do versículo seguinte, e o "tempo, tempos e metade de um tempo" de Apocalipse 12:14, isto é, *três anos e meio*. É evidente que tal período de tempo, na história das nações, seria um ponto insignificante; mas, para um populacho tumultuado e sem lei dominar uma grande cidade por tal período, seria algo portentoso e terrível. A ocupação de uma cidade assim por uma turba armada não é algo que provavelmente duraria séculos: é um estado de coisas anormal que necessariamente deve ter um rápido desfecho. E isso é exatamente o que aconteceu nos últimos dias de Jerusalém. Durante os três anos e meio que representam com suficiente precisão a duração da guerra judaica, Jerusalém esteve realmente nas mãos e sob os pés de uma horda de facínoras, que seu próprio compatriota descreve como "escravos e a escória da sociedade, o rebento espúrio e poluído da nação".[1] A última luta fatal pode ser considerada como tendo começado quando Vespasiano foi enviado por Nero, à frente de sessenta mil homens, para sufocar a rebelião. Isso se deu no início do ano 67 d.C., e em agosto de 70 d.C. a cidade e o templo eram um amontoado de cinzas fumegantes.

É quase impossível conceber uma correspondência mais completa e impressionante entre profecia e história do que esta, que não exige manipulação habilidosa, nem interpretação não natural, mas apenas a simples observação dos fatos registrados nos anais da época.[2]

---

[1] Josephus, Jewish Wars, bk. v. chap. x. 5.

[2] É gratificante encontrar um crítico tão eminente quanto Meyer, em seus comentários sobre Lucas 21:24, adotando substancialmente a interpretação acima. Não vimos o

As seguintes observações do Professor Moses Stuart sobre esta passagem são de grande importância:

"*Quarenta e dois meses*. Depois de toda a investigação que pude fazer, sinto-me compelido a crer que o escritor se refere a um período literal e definido, embora não tão exato que um único dia, ou mesmo alguns dias de variação, interfiram com o propósito que ele tem em vista. É certo que a invasão dos romanos durou aproximadamente o período mencionado, até que Jerusalém foi tomada. E embora a cidade não tenha sido sitiada por tanto tempo, a metrópole, neste caso, como em inúmeros outros nos dois Testamentos, parece representar o país da Judeia. Durante a invasão da Judeia pelos romanos, o testemunho fiel das testemunhas perseguidas pelo cristianismo continuou, até que, por fim, foram mortas. A paciência de Deus, ao adiar por tanto tempo a destruição dos perseguidores, é demonstrada por isso, e especialmente Sua misericórdia ao continuar a adverti-los e repreendê-los. Este é um método natural, simples e fácil de interpretação, para dizer o mínimo, e um que, embora não seja difícil levantar objeções contra ele, sinto-me constrangido a adotar".[1]

Episódio das Duas Testemunhas.

Apocalipse: 11:3-13: "E darei [poder] às minhas duas testemunhas, e elas profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. Estas são as duas oliveiras e os dois candeeiros que estão diante do Senhor da terra. E, se alguém quiser causar-lhes dano, fogo procede da sua boca e devora os seus inimigos; e, se alguém quiser causar-lhes dano, deve ser morto dessa maneira. Elas têm poder para fechar o céu, para que não chova nos dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas, para convertê-las em sangue, e para ferir a Terra [terra] com toda sorte de pragas, quantas vezes quiserem. E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo fará guerra contra elas, vencerá e as matará. E o seu cadáver jazerá na rua [larga] da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado. E povos, tribos, línguas e nações verão os seus cadáveres por três dias e meio, e não permitirão que sejam postos em sepultura. E os que habitam sobre a terra se alegrarão por causa delas, farão festa e enviarão presentes uns aos outros, porque esses dois profetas atormentaram os que habitam sobre a terra. Mas

---

original, mas apenas a referência no Greek Testament de Alford, *in loc*. Este último fica escandalizado com a interpretação de Meyer: "Meyer sustenta que todo esse trecho (vv. 24-28) deveria ser consumado na vida dos ouvintes, por causa do ἀνακύψατε, v. 28. Que concepção dos discursos de nosso Senhor deve ter tal expositor!" Nós diríamos: a mais razoável, erudita e bíblica. Ele toma nosso Senhor ao pé da letra e interpreta Sua linguagem de acordo com boa gramática e bom senso. O próprio Alford, em suas observações sobre καιροὶ ἐθνῶν [os tempos dos gentios], não interpreta, profetiza.

[1] Stuart's Commentary on the Apocalypse, in loc.

depois dos três dias e meio, o Espírito de vida, vindo de Deus, entrou nelas, e elas puseram-se sobre os pés; e grande temor caiu sobre os que as viram. E ouviram uma grande voz do céu, dizendo-lhes: 'Subi aqui.' E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as viram. E, na mesma hora, houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade; e no terremoto foram mortos sete mil homens, e os restantes ficaram atemorizados e deram glória ao Deus do céu".

Entramos agora na investigação de um dos problemas mais difíceis contidos nas Escrituras, e um que tem exercido, podemos até dizer, desafiado, a pesquisa e a engenhosidade de críticos e comentaristas até o presente momento. Quem são as duas testemunhas? São personagens míticos ou históricos? São símbolos ou realidades concretas? Representam princípios ou indivíduos? As conjecturas, pois não passam disso, que têm sido propostas sobre este assunto formam um dos capítulos mais curiosos da história da interpretação bíblica. Tão completo é o embaraço, e tão insatisfatórias as explicações, que muitos consideram o problema insolúvel ou concluem que as testemunhas ainda não apareceram, mas pertencem ao futuro desconhecido.

Entramos agora na investigação de um dos problemas mais difíceis contidos nas Escrituras, e um que tem exercido, podemos até dizer, desafiado, a pesquisa e a engenhosidade de críticos e comentaristas até o presente momento. Quem são as duas testemunhas? São personagens míticos ou históricos? São símbolos ou realidades concretas? Representam princípios ou indivíduos? As conjecturas, pois não passam disso, que têm sido propostas sobre este assunto formam um dos capítulos mais curiosos da história da interpretação bíblica. Tão completo é o embaraço, e tão insatisfatórias as explicações, que muitos consideram o problema insolúvel ou concluem que as testemunhas ainda não apareceram, mas pertencem ao futuro desconhecido. Um dos testes de uma verdadeira teoria de interpretação é que ela deve funcionar como uma boa hipótese de trabalho. Quando a chave correta do Apocalipse for encontrada, ela abrirá todas as fechaduras. Se esta visão profética for, como cremos que é, a reprodução e ampliação da profecia do Monte das Oliveiras; e se devemos procurar os *dramatis personæ* que aparecem em suas cenas dentro dos limites do período ao qual essa profecia se estende, então a área de investigação torna-se muito restrita, e as probabilidades de descoberta aumentam proporcionalmente. Na investigação sobre a

identidade das duas testemunhas, somos conduzidos quase a um ponto específico no tempo. Alguns dos dados são suficientemente precisos. Deve ser observado que o *período* de sua profecia é anterior ao toque da sétima trombeta, isto é, imediatamente antes da catástrofe de Jerusalém. A *cena* de sua profecia também não é obscurecida: é 'a grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado.' Apesar das objeções de Alford, que, na realidade, não têm peso algum, não pode haver dúvida razoável de que *Jerusalém* é o local pretendido, conforme o consenso geral de quase todos os comentaristas e as exigências óbvias da passagem. A pergunta, então, é: Que duas pessoas, vivendo nos últimos dias da comunidade judaica e na cidade de Jerusalém, podem ser encontradas que correspondam à descrição das duas testemunhas, conforme apresentada na visão? Essa descrição é tão marcada e minuciosa que sua identificação não deveria ser difícil. Há sete características principais:

1. Eles são testemunhas de Cristo.

2. Eles são dois em número.

3. Eles são dotados de poderes miraculosos.

4. Eles são simbolicamente representados pelas duas oliveiras e os dois candeeiros vistos na visão de Zacarias. (Zacarias 4)

5. Eles profetizam vestidos de pano de saco, isto é, sua mensagem é de juízo.

6. Eles morrem de morte violenta na cidade, e seus cadáveres são tratados com ignomínia.

7. Depois de três dias e meio, eles ressuscitam dentre os mortos e são levados ao céu.

Antes de prosseguir na investigação, convém observar as seguintes observações do Dr. Alford sobre o assunto, com as quais concordamos cordialmente:

"*As duas testemunhas, etc.* Nenhuma solução jamais foi dada para esta parte da profecia. Ou as duas testemunhas são literais, dois homens individuais, ou são simbólicas, dois indivíduos tomados como a concentração de princípios e características, seja neles mesmos, seja como representantes de homens que encarnaram esses princípios e características... O artigo τοῖς sugere que as duas testemunhas eram bem conhecidas e distintas em sua individualidade. O δυσίν é

essencial para a profecia e não deve ser explicado de modo evasivo. Nenhuma interpretação pode ser correta se não conservar e evidenciar esse dualismo, seja em indivíduos, seja em linhas características de testemunho".

Sobre a declaração "vestidas de pano de saco" (como sinal de necessidade de arrependimento e de julgamento iminente), Alford diz:

"Certamente, esta parte da descrição profética favorece fortemente a interpretação individual. Pois, primeiro, é difícil conceber como corpos inteiros de homens e igrejas poderiam ser assim descritos; e, segundo, os principais intérpretes simbólicos deixaram de lado, ou passaram muito superficialmente, por esse ponto importante. Não se vê como corpos de homens que viviam como outros homens (serem vítimas de perseguição é outra questão) podem ser descritos como tendo profetizado *vestidos de pano de saco*".

Novamente, sobre o quinto versículo:

"Toda esta descrição é extremamente difícil de aplicar segundo a interpretação alegórica; assim como o que segue; e, como seria de esperar, os alegoristas hesitam e se mostram sobremodo perplexos. O duplo anúncio aqui parece marcar o sentido literal, e os εἴ τις e θέλει αὐτὸν ἀποκτανθῆναι são decisivos contra qualquer aplicação meramente nacional das palavras. A *individualidade* não poderia ser indicada de forma mais forte".

Outra vez, sobre os poderes miraculosos atribuídos às testemunhas:

"Tudo isto aponta para o espírito e o poder de Moisés, combinados com os de Elias. E, sem dúvida, é nestas duas direções que devemos procurar as duas testemunhas, ou linhas de testemunhas. Uma personifica a Lei, a outra os Profetas. Uma nos lembra o Profeta que Deus levantaria semelhante a Moisés; a outra, Elias, o Profeta, que viria antes do grande e terrível dia do Senhor".[1]

Concordando inteiramente com essas observações, que expõem o problema de maneira justa e excluem conclusivamente qualquer interpretação alegórica como incompatível com as exigências claras do caso, prosseguimos agora na busca pelas duas testemunhas de Cristo que testificaram de seu Senhor e selaram seu testemunho com o sangue, em Jerusalém, nos últimos dias da política judaica; *e não hesitamos em indicar São Tiago e São Pedro* como as pessoas referidas.

[1] Veja Greek Testament, *in loc.*

1. São Tiago.

Sabemos, como questão de fato e de história, que nos últimos dias de Jerusalém vivia naquela cidade um mestre cristão eminente por sua santidade, uma testemunha fiel de Cristo, dotado dos dons de profecia e de milagres, que profetizou vestido de pano de saco e que selou seu testemunho com seu sangue, sendo assassinado nas ruas de Jerusalém nos dias finais da comunidade judaica. Este era "Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo".[1]

---

[1] Sabemos que existem dois relatos sobre a morte de São Tiago, um dado por Josefo e outro por Hegésipo, um escritor cristão do século II. A nota de Josefo é a seguinte:

"Ananus [o sumo sacerdote], julgando ter encontrado uma oportunidade conveniente, em consequência da morte de Festo e de Albino (seu sucessor) ainda estar a caminho, convocou uma assembleia de juízes; e, tendo trazido diante deles o irmão de Jesus, chamado Cristo, de nome Tiago, e certos outros, apresentou uma acusação contra eles como transgressores da Lei, e os entregou para serem apedrejados até a morte". - Antiguidades, xx. 9, 1.

Apresentamos a narrativa de Hegésipo conforme se encontra no Prolegomena de Alford à Epístola de Tiago (Greek Testament, vol. iv, pp. 97–98):

"Outros detalhes sobre sua morte nos são dados por Hegésipo, segundo Eusébio (H. E. ii. 23), mas eles não parecem concordar com o relato acima de Josefo. Segundo Hegésipo, cuja narrativa é repleta de expressões estranhas e tem forte sabor lendário, algumas das sete seitas do povo perguntaram a Tiago: 'Qual é a porta de Jesus?' E, pelo fato de sua pregação anunciar Jesus como o Cristo, tantos deles creram nele que, *como muitos dos líderes também criam, houve um tumulto entre os judeus e entre os escribas e fariseus, dizendo que todo o povo corria o risco de esperar* [a vinda de] *Jesus, o Cristo*. Então, eles convidaram Tiago para desencorajar o povo de ser assim enganado, colocando-o sobre o pináculo do templo na Páscoa, para que fosse visto e ouvido por todos. Mas, prossegue a história, quando foi colocado ali e instado por eles a desenganar o povo, ele *respondeu em alta voz: 'Por que me perguntam sobre Jesus, o Filho do Homem? Pois Ele está sentado no céu à direita da Potestade Onipotente, e em breve virá sobre as nuvens do céu'*. Diante disso, muitos foram confirmados na fé e glorificaram a Deus por seu testemunho, clamando: 'Hosana ao Filho de Davi'. Vendo isso, os escribas e fariseus disseram uns aos outros: '*Fizemos mal em dar tal testemunho a Jesus; mas subamos e atiremo-lo daqui, para que, pelo medo, o povo seja dissuadido de acreditar nele'. Assim, clamaram dizendo: 'Oh! Oh! O Justo enlouqueceu!*' Subiram então e o lançaram para baixo, dizendo uns aos outros: '*Apedrejemos Tiago, o Justo'. E começaram a apedrejá-lo, pois ele não morrera com a queda; mas, levantando-se de joelhos, dizia: 'Rogo-te, ó Senhor Deus Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem*'. E enquanto o apedrejavam, um sacerdote, um

Vejamos como esse nome satisfaz as exigências do problema. É impossível conceber um representante mais adequado dos antigos profetas e da lei de Moisés do que o apóstolo Tiago. Que ele foi uma testemunha fiel de Cristo em Jerusalém é indiscutível. Sua residência habitual, senão fixa, foi ali; sua relação com a igreja de Jerusalém torna isso quase certo. Nenhum homem daquele tempo tinha melhor direito de ser chamado de um Elias. Não um cortesão efeminado, nem um profeta de coisas suaves, mas ascético em seus hábitos, severo e ousado em sua denúncia do pecado, um homem cujos joelhos eram calejados, como os de um camelo, por muita oração; cuja integridade inflexível e santidade primitiva lhe conquistaram, mesmo naquela cidade ímpia, o apelido de *o Justo*. Não era este o tipo de homem para "atormentar os que

---

dos filhos de Recabe, exclamou: '*Que fazeis? O Justo está orando por vós! Então um deles, tomando um malho de pisar roupas, desferiu-o sobre a cabeça do Justo; e assim sofreu o martírio. E sepultaram-no no próprio local; e seu monumento ainda se encontra de pé próximo ao templo.*

Esta última frase parece totalmente inexplicável, considerando que muito antes de ter sido escrita tanto a cidade quanto o templo já haviam sido destruídos. E tanto mais, visto que Hegésipo prossegue afirmando que imediatamente após o martírio de São Tiago, Vespasiano iniciou o cerco da cidade. Ele acrescenta: '*Tão extraordinário era Tiago, e tão exaltado por sua justiça acima de todos, que homens sensatos, inclusive entre os próprios judeus, consideraram que esta foi a causa do cerco de Jerusalém, o qual ocorreu imediatamente após seu martírio e que foi trazido sobre eles por nada mais do que pelo crime perpetrado contra ele.* E ele cita Josefo: '*Essas coisas aconteceram aos judeus para vingar Tiago, o Justo, que era irmão de Jesus, chamado Cristo, visto que os judeus mataram esse homem justíssimo*'. Mas nenhum trecho assim é encontrado atualmente em Josefo".

No conjunto, inclinamo-nos a considerar a história de Hegésipo nem fabulosa nem incrível. Podem existir pequenas imprecisões, como a afirmação acerca da coluna ou monumento do mártir; mas ela possui um ar de veracidade e riqueza de detalhes que a recomendam ao respeito. A expressão sobre "a porta de Jesus", que tanto tem causado perplexidade, é, ousamos pensar, suscetível de fácil explicação. Em sua epístola, São Tiago havia escrito: "Eis que o Juiz está à porta". Os judeus, talvez em zombaria, perguntaram: "Qual é a porta de Jesus?", isto é, por qual via Ele entrará? Isso deu ao apóstolo ocasião de prestar seu testemunho, o que ele fez com os resultados descritos. Não podemos deixar de pensar que Hegésipo é mais exato que Josefo neste caso, pois a época em que este último coloca o assassinato de Tiago, isto é, na morte de Festo, dificilmente pode ser correta. A Epístola de Tiago é evidentemente escrita às vésperas do cerco de Jerusalém; e podemos facilmente supor que a esperada aparição do Filho do Homem seria o tema predominante em Jerusalém naquele tempo.

habitavam na terra" e corresponder à descrição de uma testemunha de Cristo? Ainda podemos ouvir o eco daquelas severas repreensões que feriam os homens orgulhosos e cobiçosos que "oprimiam o trabalhador em seu salário" e que prediziam a ira que rapidamente se aproximava e agora estava tão próxima, "Eia, pois, vós ricos, chorai e uivai pelas misérias que hão de vir sobre vós. Tendes entesourado para os últimos dias". Quem poderia, com maior probabilidade, ser nomeado como uma das duas testemunhas proféticas dos últimos dias do que Tiago de Jerusalém, "o irmão do Senhor"?

Quanto ao tempo exato e ao modo do martírio dessa testemunha, pode haver alguma dúvida; mas quanto ao fato em si, e de ter ocorrido na cidade de Jerusalém, não pode haver nenhuma. Até aqui, em todo caso, São Tiago, tanto no modo de sua vida quanto no de sua morte, corresponde com notável adequação à descrição das testemunhas dada no Apocalipse.

As seguintes observações do Dr. Schaff colocam em forte relevo a vida e a obra de São Tiago de Jerusalém, e são extremamente apropriadas ao tema em discussão:

"Era necessária a missão de Tiago. Se alguém podia conquistar o povo da antiga aliança, era ele. Aprouve a Deus estabelecer entre os judeus um exemplo tão elevado da piedade do Antigo Testamento em sua forma mais pura, para tornar a conversão ao Evangelho, mesmo na undécima hora, o mais fácil possível para eles. Mas, quando não quiseram ouvir a voz desse último mensageiro de paz, então se esgotou a medida da paciência divina, e o terrível juízo, há tanto tempo ameaçado, irrompeu. E assim se cumpriu a missão de Tiago. Não lhe era dado sobreviver à destruição da Cidade Santa e do templo. Segundo Hegésipo, ele foi martirizado no ano anterior a esse acontecimento, isto é, no ano 69 d.C.".[1]

2. São Pedro.

Mas quem é a outra testemunha? Aqui, parece que somos deixados totalmente às escuras. Stuart, de fato, sugere que podemos considerar o número dois como meramente simbólico; mas isso parece uma suposição injustificável. Além disso, como os protótipos veterotestamentários das testemunhas, "as duas oliveiras ungidas" da

[1] Schaff's History of the Apostolic Church, vol. i. p. 314.

visão de Zacarias, eram duas pessoas, Zorobabel e Josué, é igualmente apropriado que as testemunhas do Apocalipse sejam duas pessoas. Sem dúvida, a segunda testemunha, assim como a primeira, deve ser buscada entre os apóstolos. Eles eram, de modo eminente, as testemunhas de Cristo, e possuíam, no mais alto grau, os dons miraculosos atribuídos às testemunhas no Apocalipse.[1]

Ora, que outro apóstolo além de São Tiago tinha uma conexão reconhecida com a igreja de Jerusalém; residia de modo regular naquela cidade; viveu até a véspera da dissolução da ordem política judaica; morreu morte de mártir; e sofreu em Jerusalém? Pode parecer a alguns uma conjectura ousada sugerir o nome de São Pedro, como ousamos fazê-lo; mas está longe de ser um palpite aleatório, e solicitamos uma consideração imparcial dos argumentos em favor dessa sugestão.

Se ficar demonstrado que a residência habitual ou fixa de São Pedro era em Jerusalém; que havia uma conexão íntima, senão oficial, entre ele e a igreja daquela cidade; e que São Pedro estava em Jerusalém na véspera da revolta judaica, todas essas circunstâncias confeririam grande probabilidade à suposição de que São Pedro era a outra testemunha associada a São Tiago.

Quais são, então, os fatos do caso, conforme apresentados no Novo Testamento?

1. Encontramos São Pedro como a pessoa mais proeminente na fundação original da igreja de Jerusalém no dia de Pentecostes.

2. Encontramos São Pedro sendo convocado diante do Sinédrio como representante dos cristãos em Jerusalém. (Atos 4:8; 5:29)

3. Quando a igreja de Jerusalém foi dispersa após a morte de Estêvão, São Pedro, juntamente com os outros apóstolos, permaneceu em Jerusalém. (Atos 8:1)

---

[1] Há uma coincidência notável entre a descrição das testemunhas em Apocalipse 11:3 e as palavras de nosso Senhor a respeito dos apóstolos em Atos 1:8:

Atos 1:8: "Mas *recebereis poder*, ao descer sobre vós o Espírito Santo; e *sereis minhas testemunhas*, tanto em Jerusalém", etc.

Apocalipse 11:3: "E *darei [poder] às minhas duas testemunhas*, e elas profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco".

4. São Pedro foi delegado, juntamente com São João, para visitar os samaritanos convertidos pela pregação de Filipe. Depois de cumprirem sua missão, retornaram a Jerusalém. (Atos 8:25)

5. Quando São Pedro foi chamado por uma revelação divina a Cesareia para pregar o Evangelho a Cornélio, vemos que ele voltou de Cesareia a Jerusalém. (Atos 11:2)

6. Foi em Jerusalém que São Pedro foi preso e encarcerado por Herodes Agripa I, após o martírio de São Tiago "irmão de João". (Atos 12:3)

7. Sobre a conversão de São Paulo, somos informados de que "ele não subiu a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes dele". (Gálatas 1:17); o que implica que havia apóstolos residindo naquela cidade.

8. Três anos após sua conversão, São Paulo sobe a Jerusalém. Com que propósito? "Para visitar Pedro'; e acrescenta, "e permaneci com ele quinze dias", o que implica que a residência habitual de São Pedro era em Jerusalém. Nessa ocasião, São Paulo viu apenas mais um apóstolo, "Tiago, o irmão do Senhor". (Gálatas 1:18-19)

9. Catorze anos depois, São Paulo novamente visita Jerusalém. Quem ele encontra ali? "*Tiago, Cefas* e João, que pareciam ser colunas". (Gálatas 2:1, 9)

10. Quando Paulo e Barnabé foram enviados pela igreja de Antioquia a Jerusalém para consultar os apóstolos e presbíteros a respeito da imposição do ritual judaico aos convertidos gentios, que apóstolos encontraram em Jerusalém naquela ocasião? São Pedro e São Tiago. (Atos 15:2, 7, 13)

11. Encontramos São Pedro e São Tiago desempenhando um papel principal na discussão da questão submetida a eles pela igreja de Antioquia; nenhum outro apóstolo é mencionado como presente. (Atos 15:6-22)

12. Que São Pedro e São Tiago tinham uma conexão oficial e reconhecida com a igreja de Jerusalém é algo presumível pelos termos da carta dirigida às igrejas gentílicas em Antioquia, etc. O documento é chamado "os decretos dos apóstolos e presbíteros que estão em

Jerusalém" [τῶν ἐν Ἰεροσολύμοις], implicando sua residência fixa ali. (Ver Steiger sobre 1 Pedro 5:31.)

13. Judas e Silas, tendo entregue a epístola à igreja de Antioquia, retornam a Jerusalém, "*aos apóstolos*". (Atos 15:33)

14. Inferimos que São Pedro estava associado a São Tiago na igreja de Jerusalém pelo fato de que São Pedro, quando libertado milagrosamente da prisão, enviou uma mensagem especial a São Tiago e aos irmãos, "Ide e anunciai estas coisas a Tiago e aos irmãos". (Atos 12:17)

15. São Pedro (em 1 Pedro 5:13) envia uma saudação de "seu filho Marcos". Se isto se refere a João, chamado Marcos, como é mais provável, sabemos que seu lar era em Jerusalém, onde sua mãe possuía uma casa. (Atos 12:12)

16. Se ficar demonstrado (como esperamos mostrar) que a Babilônia de 1 Pedro 5:13 é realmente Jerusalém, isso será uma prova decisiva de que o lugar habitual de residência de São Pedro era naquela cidade. Contudo, a evidência completa da identidade de Babilônia com Jerusalém deve ser reservada até chegarmos à consideração de Apocalipse 16 e 17.

17. Uma comparação entre as epístolas de São Tiago e São Pedro mostra que ambas são dirigidas à mesma classe de pessoas, isto é, crentes judeus da dispersão. (Tiago 1:1; 1 Pedro 1:1) É muito sugestivo, em conexão com esta investigação, encontrar esses dois apóstolos vivendo na mesma cidade, ligados oficialmente à mesma igreja, associados na mesma obra, dirigindo-se aos judeus crentes em terras estrangeiras e testemunhando as mesmas grandes verdades em idade avançada, quase ao fim de suas vidas e na véspera daquela grande catástrofe que sepultou a cidade, o templo e a nação em uma mesma ruína.

18. Finalmente, pode-se afirmar que, quer essas probabilidades equivalham ou não a uma demonstração, nenhum homem poderia ser nomeado como mais adequado ao caráter de testemunha de Cristo nos últimos dias de Jerusalém do que São Pedro. Naturalmente, rejeitamos como não-históricas e inacreditáveis as mentirosas lendas da tradição que lhe atribuem um episcopado e um martírio em Roma. A impostura tem recebido um tratamento excessivamente respeitoso das mãos de críticos e comentaristas. Já é mais que tempo de que seja relegada ao

limbo das fábulas, juntamente com outros "fraudes piedosas" do mesmo tipo. Que a residência habitual de São Pedro era Jerusalém está, a nosso ver, provado. Que ele viveu até o limiar da revolta e da guerra judaica é evidente a partir de suas epístolas. Que ele morreu morte de mártir, sabemos pela predição de nosso Senhor; e, em seu caso, bem podemos dizer que o provérbio se aplica: "Não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém". Ao lermos suas epístolas e as considerarmos como o testemunho de uma das duas testemunhas apostólicas de Cristo na cidade condenada, um novo peso é conferido às suas advertências proféticas. Que nova luz irrompe sobre aquela misteriosa declaração que antecipa seu próprio destino e o de sua pátria: "O tempo é chegado para que o juízo comece pela casa de Deus; e, se começa por nós...!" Quão terrível é a descrição dos tempos maus e dos homens perversos, como ele os viu, nos últimos dias, com seus próprios olhos, em Jerusalém! E o último capítulo poderia muito bem ser o testemunho final da testemunha-profeta à terra e à cidade culpadas; o último brado de advertência antes que a tormenta de fogo da vingança irrompesse: "O dia do Senhor *virá* como ladrão de noite", etc. (2 Pedro 3:10)

Vejamos agora em que medida os requisitos da descrição apocalíptica são satisfeitos por esta identificação das duas testemunhas como São Tiago e São Pedro.

Eles são dois em número: "homens individuais, bem conhecidos e distintos em sua individualidade", como diz corretamente Alford que devem ser. E são mais do que isto, são companheiros e irmãos em Cristo, associados na mesma obra, na mesma igreja, na mesma cidade. O *dualismo,* que Alford afirma ser essencial para a interpretação correta, é perfeito. Mais ainda, "um personifica a Lei, o outro os Profetas". Quem poderia ser melhor representante da Lei do que São Tiago? embora ele não deixe, por isso, de personificar também os Profetas. São Tiago de fato nos lembra fortemente Elias, que poderia ter sido seu modelo; o austero asceta cujas poderosas realizações na oração ele celebra em sua epístola. São Pedro também, que pode ser chamado o fundador da igreja cristã judaica, nos lembra Moisés, o fundador da antiga igreja judaica. Aquilo que os antigos profetas foram para Israel, São Tiago e São Pedro foram para sua própria geração, e especialmente para Jerusalém, o principal cenário de sua vida e de seus labores. O período de sua profecia

também é notável: é pelo espaço de mil duzentos e sessenta dias, ou três anos e meio, representando a duração da guerra judaica. Eles profetizam revestidos de pano de saco: isto é, sua mensagem é de juízo iminente; a denúncia da ira de Deus. Eles são comparados às duas oliveiras e aos dois candeeiros vistos na visão de Zacarias: isto é, são "os dois ungidos" sobre os quais foi derramado o óleo do Espírito, os alimentadores e luminares da igreja cristã, assim como Zorobabel e Josué foram o alimento e a luz de Israel em seus dias. Eles são dotados de poderes miraculosos, característica que não deve ser explicada de modo alegórico, e que só pode aplicar-se a testemunhas apostólicas. Devem selar o seu testemunho com o seu sangue, e até aqui vemos São Tiago e São Pedro cumprindo perfeitamente as condições do problema. Temos certeza de que ambos foram mártires de Cristo, e isso nos últimos dias da comunidade judaica. No que diz respeito ao lugar onde o sangue de São Tiago foi derramado, temos evidência histórica credível de que isso ocorreu em Jerusalém. Mas aqui a luz desaparece, e daí em diante somos obrigados a tatear e procurar nosso caminho. Da morte de São Pedro não possuímos registro; mas o próprio silêncio é sugestivo. Que as duas figuras principais da igreja de Jerusalém tenham caído vítimas de um governo suspeito, ou da fúria popular, no momento em que a revolução estava prestes a explodir, ou já havia explodido, é mais do que provável; que seus corpos mortos tenham ficado insepultos está de acordo com o que de fato ocorreu em muitos casos durante aquele terrível período de barbárie sem lei que precedeu a queda de Jerusalém. Porém, embora possamos avançar até aqui, não podemos ir além. As testemunhas martirizadas são ressuscitadas depois de três dias e meio; levantam-se sobre seus pés, para consternação de seus inimigos e assassinos; ascendem ao céu em uma nuvem, à vista daqueles que se alegravam sobre seus cadáveres. Se formos perguntados: Esse milagre ocorreu com respeito às testemunhas martirizadas de Cristo, São Tiago e São Pedro? Só podemos responder: Não sabemos. Não há evidência nem a favor nem contra. Apenas sabemos que era uma promessa distinta de Cristo que, em Sua vinda, os santos vivos seriam arrebatados para encontrar o Senhor nos ares. Se tal evento poderia ocorrer em grande escala, de dezenas ou centenas de milhares, não há dificuldade em supor que pudesse ocorrer no caso de dois indivíduos. Se a ascensão do próprio

Cristo é um fato crível, não é fácil ver por que a ascensão de Suas duas testemunhas não possa também ser fato literal. Contudo, não dogmatizamos sobre o assunto: os fatos estão diante de nós e devem ser deixados para produzir sua própria impressão na mente do leitor. Não parece possível resolver tudo isso em mera alegoria. Onde já encontramos tanto de fato substancial e história credível, parece inconsistente e irracional sublimar a conclusão em mero símbolo ou metáfora. Portanto, deixamos o assunto com esta observação: pelo menos quatro quintos da descrição no Apocalipse correspondem à história conhecida de São Tiago e São Pedro, e ninguém pode alegar que o restante não possa ser igualmente apropriado.

Resta, porém, uma circunstância à qual ainda não fizemos referência, o inimigo pelo qual as testemunhas são mortas. Lemos no versículo 7: "E quando tiverem completado o seu testemunho, a besta que sobe do abismo fará guerra contra elas, e as vencerá, e as matará". Esta é a primeira menção de um ser que ocupa grande espaço na parte subsequente do Livro do Apocalipse, "a besta selvagem do abismo". Aqui ela é introduzida prolepticamente, isto é, por antecipação. Teremos muito a dizer sobre esse portentoso ser no decorrer do estudo; mencionamos o assunto agora apenas para registrar o fato de que, qualquer que seja o significado do símbolo, ele aponta para um antagonista poderoso e mortal contra Cristo e Seu povo; e que à ação desse monstro se atribui a morte das duas testemunhas.

A ascensão das testemunhas martirizadas ao céu é imediatamente seguida por um ato de juízo infligido sobre a cidade culpada na qual seu sangue foi derramado:

> Apocalipse 11:13: "E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e foram mortos no terremoto sete mil homens, e os restantes ficaram aterrorizados e deram glória ao Deus do céu".

É difícil ver como isso pode ser considerado meramente simbólico. É um fato notável que encontramos em Josefo o relato de um incidente que ocorreu durante a guerra judaica, o qual, em muitos aspectos, apresenta uma impressionante semelhança com os eventos descritos nesta passagem. Naquela ocasião fatal, quando a força idumeia foi traiçoeiramente admitida na cidade pelos Zelotes, ocorreu um terrível terremoto, e na mesma noite uma grande carnificina dos habitantes da

cidade foi perpetrada por esses bandidos. A declaração de Josefo é a seguinte:

"Durante a noite surgiu uma tempestade terrível; o vento soprava com violência tempestuosa, e a chuva caía em torrentes; relâmpagos fulguravam sem cessar, acompanhados por pavorosos estrondos de trovão, e a terra trêmula ressoava com fortes bramidos. O universo, convulsionado até sua própria base, parecia cheio de presságios da destruição da humanidade, e era fácil conjecturar que esses eram portentos de uma calamidade nada trivial".[1]

Aproveitando-se do pânico causado pelo terremoto, os idumeus, que estavam em aliança com os zelotes que ocupavam o templo, conseguiram entrar na cidade, quando então ocorreu uma terrível carnificina. "O átrio exterior do templo", diz Josefo, "ficou inundado de sangue, e o dia amanheceu sobre oito mil e quinhentos mortos".[2]

Não citamos isso como o cumprimento da cena da visão, embora possa sê-lo; mas para mostrar o quanto os símbolos se assemelham a fatos históricos reais.

Assim termina a visão do sexto selo com estas palavras impressionantes: "O segundo ai passou; eis que o terceiro ai vem em breve".

A SÉTIMA TROMBETA.

Catástrofe da Visão das Trombetas.

Apocalipse 11:15-19: "E o sétimo anjo tocou a trombeta; e houve grandes vozes no céu, dizendo: O reino do mundo tornou-se de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará pelos séculos dos séculos. E os vinte e quatro anciãos, que estavam sentados diante de Deus nos seus tronos, prostraram-se sobre os seus rostos e adoraram a Deus, dizendo: Damos-te graças, ó Senhor Deus Todo-Poderoso, que és e que eras [e que hás de vir], porque tomaste o teu grande poder e reinaste. E as nações se iraram, e veio a tua ira, e o tempo de serem julgados os mortos, e de dares recompensa aos teus servos, os profetas, e aos santos, e aos que temem o teu nome, tanto pequenos como grandes; e de destruíres os destruidores da Terra [terra]. E o templo de Deus foi aberto no céu, e a arca da sua

[1] Traill's Josephus, bk. iv. chap. iv. § 5.
[2] Jewish War, bk. iv. chap. v.

aliança foi vista no seu templo; e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e um terremoto, e grande saraiva".

Agora chegamos à última das visões das trombetas e, como em todos os outros casos, encontramos que a visão culmina em uma catástrofe, um ato de julgamento infligido sobre os inimigos de Deus; e, por outro lado, o triunfo e a bem-aventurança do Seu povo. Temos grande prazer em citar aqui as observações do Deão Alford, que compreende corretamente o plano e a estrutura das visões sucessivas:

"Tudo isso", ele diz, "constitui forte fundamento para a inferência de que as três séries de visões, os selos, as trombetas e as taças, não são contínuas, mas resumptivas *(retomadas)*; não repassando de fato o mesmo terreno uma da outra, seja em tempo ou ocorrência, mas cada uma desenvolvendo algo que não estava na anterior e colocando o curso da Providência de Deus sob uma luz diferente. É verdade que os selos envolvem as trombetas, e as trombetas envolvem as taças; mas não é em mera sucessão temporal: a involução e inclusão são muito mais profundas", etc.[1]

Esta é uma admissão importante; e, se o erudito crítico tivesse aplicado o mesmo princípio de *resumpção (retomada)* a todas as visões, isso teria conferido valor dez vezes maior à sua exposição apocalíptica. O próprio princípio está tão claramente estampado no livro que o espanto é como alguém pode deixá-lo passar despercebido.

Quanto aos símbolos na visão da sétima trombeta, eles são extremamente claros e quase autoevidentes. Observe: é "a última trombeta" que agora soa, e os eventos que se seguem são exatamente os que poderíamos esperar em tão grande consumação.

O primeiro resultado é *a proclamação do reino de Deus*. Este é o grandioso finale para o qual, de uma forma ou de outra, toda a ação de cada visão converge. É o tema de toda profecia; o *terminus ad quem* dos evangelhos, das epístolas e do Apocalipse. O período da vinda do reino é marcadamente distinto em todo o Novo Testamento; ele é sempre associado ao "fim da era", ou encerramento da dispensação judaica [συντέλεια τοῦ αἰῶνος], à ressurreição e ao juízo. A sétima trombeta é o sinal de que "o fim" chegou e de que "o mistério de Deus" se completou; é, portanto, o momento apropriado para a proclamação de que o reino

[1] Greek Testament, *in loc.*

de Deus chegou. O Messias reina; "Ele pôs todos os inimigos debaixo de Seus pés".

Podemos aqui observar a singular consistência e harmonia entre representações que, à primeira vista, podem parecer tão desconexas e amplamente distintas como os ensinos de São Paulo e as visões do Apocalipse. No capítulo quinze da Primeira Epístola aos Coríntios, São Paulo, falando exatamente deste período, "*o fim*", e do toque da "*última trombeta*", indica que este é o tempo em que *o reino de Deus* há de vir, e quando Cristo "entregará o reino a Deus, ao Pai". Esta parece ser precisamente a transação representada na cena diante de nós. O Messias venceu; Ele aboliu todo governo, toda autoridade e todo poder, isto é, a hostilidade maligna e oposicionista do judaísmo incrédulo, que tem sido o amargo inimigo de sua causa. Mas Ele conquistou o reino para que Seu Pai seja supremo. Em conformidade com isso, o coro dos anciãos diante do trono celebra a retomada do reino pelo Pai, dizendo: "Damos-te graças, ó Senhor Deus Todo-Poderoso, que és e que eras, porque *tomaste o teu grande poder e reinaste*". Esta coincidência é tão sutil e, se podemos assim dizer, tão não premeditada, que confere força demonstrativa às interpretações que foram apresentadas.

O próximo resultado da última trombeta é a declaração de que chegou o tempo do *julgamento dos mortos*, trazendo recompensa ao povo de Deus e retribuição aos Seus inimigos (v. 18).

Temos aqui condensada, em poucas frases, a essência da escatologia do Novo Testamento. A ira que tantas vezes foi declarada *estar por vir* agora *veio*. É o tempo do juízo dos mortos, o que supõe sua ressurreição; é o tempo da vindicação dos mártires de Cristo, cuja súplica foi ouvida em Apocalipse 6:9; é o tempo da recompensa para todos os fiéis, tanto pequenos quanto grandes; e é o tempo de retribuição para os inimigos de Cristo, os destruidores da terra. De fato, toda a catástrofe representa um tempo e um ato de juízo, e o cenário desse juízo é a terra culpada de Israel, e o tempo é "o fim da era", o encerramento da economia judaica.

O versículo que acabamos de considerar apresenta uma notável correspondência com o segundo Salmo. "As nações se iraram" alude a: "Por que se enfurecem as nações [ἔθνη]?" Elas são representadas como estando em rebelião contra o Rei de Sião, e são exortadas a submeter-se,

para que Ele não Se ire e não pereçam em Sua ira. Na visão, Sua ira chegou, e os destruidores da terra perecem nessa ira. Com quanta precisão tudo isso representa o juízo sobre os culpados líderes e povo de Israel seria supérfluo demonstrar. A cena é claramente localizada pela expressão τὴν γῆν, isto é, "a terra de Israel".

A representação simbólica no último versículo (v. 19) parece suscetível de uma explicação satisfatória. No exato momento da condenação de Jerusalém, quando cidade e templo perecem juntos, quando todo o cerimonial e ritual do terreno e transitório são varridos, o templo de Deus no céu se abre, e a arca da Sua aliança é vista em Seu templo. Isso equivale a dizer que o local e temporário passam, mas são sucedidos pelo celestial e eterno; o terreno e figurativo é substituído pelo espiritual e verdadeiro. Temos, nesta representação, um belo comentário sobre as palavras da Epístola aos Hebreus: "O caminho do santo dos santos ainda não tinha sido manifestado enquanto o primeiro tabernáculo ainda permanecia". Mas, tão logo o "primeiro tabernáculo" é removido, o templo no céu é aberto, e até mesmo a sagrada arca da aliança, o santuário da Presença e Glória divinas, é revelada aos olhos dos homens. O acesso ao santo dos santos já não é proibido, e "temos ousadia para entrar no santo dos santos pelo sangue de Jesus".

Assim, em meio a portentosas manifestações de ira e juízo sobre os ímpios, "relâmpagos, trovões, terremoto e saraiva", os reconhecidos acompanhantes, no Antigo Testamento, da presença e do poder divinos, a visão das sete trombetas se encerra.

A QUARTA VISÃO.

VISÃO DAS SETE FIGURAS MÍSTICAS.

APOCALIPSE 12; 13; 14.

A catástrofe da visão das trombetas nos coloca exatamente na mesma crise que a catástrofe dos sete selos. Ambas são representações diferentes do mesmo grande evento. Mas ainda há espaço para novas representações; e a próxima visão introduz um conjunto completamente diferente de símbolos, embora pertencentes ao mesmo período e referentes aos mesmos acontecimentos. Sua posição, entre as sete

trombetas e as sete taças, permite-nos definir com muita clareza seus limites; e ela se encerra, como as outras visões, com uma catástrofe muito marcada. Difere delas, porém, por não ser tão expressamente caracterizada pelo número sete, embora não seja difícil ver que ela realmente consiste desse número de figuras ou personagens principais, todos eles representações simbólicas. São eles:1. A mulher vestida do sol; 2. O grande dragão vermelho; 3. O filho homem; 4. A besta que sobe do mar; 5. A besta que sobe da terra; 6. O Cordeiro no Monte Sião; 7. O Filho do Homem sobre a nuvem. Chamamos essa visão, portanto, de *a visão das sete figuras místicas*. Ela ocupa os três capítulos seguintes, Apocalipse 12, 13, 14. É de suma importância, para a interpretação correta dessas visões apocalípticas, que mantenhamos firmemente em mente os limites da área à qual somos restringidos pelos termos do Livro. Trata-se apenas de um ponto no tempo histórico e no espaço geográfico, a consumação da era judaica. O teatro da ação, e a maior parte das *dramatis personæ*, devem sempre ser buscados no ponto central, onde está o foco do interesse, Jerusalém e Judeia. Raramente precisamos viajar além dessa região, embora ocasionalmente elementos mais remotos sejam introduzidos, quando possuem uma relação especial com o tema principal.

1. A Mulher Vestida de Sol.

Apocalipse 12:1, 2: "E apareceu no céu um grande prodígio [sinal]: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e sobre a sua cabeça uma coroa de doze estrelas; e ela, estando grávida, gritava com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz".

Apocalipse 12:5: "E ela deu à luz um filho homem, que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o Seu trono".

Não é surpreendente que essa representação da mulher que dá à luz um filho homem destinado a governar todas as nações, que é arrebatado para Deus e para o Seu trono, etc., à primeira vista sugira a Mãe Virgem e seu Filho, que, mal havia nascido, foi perseguido pelo ciúme homicida de Herodes, "que procurava destruir o menino"; e que ascendeu ao trono de Deus. Entretanto, tal interpretação desmorona imediatamente, sendo totalmente incompatível com as representações subsequentes na visão. Não há nada na história de Maria que corresponda à perseguição da

mulher pelo dragão; à sua fuga para o deserto após a ascensão de seu Filho; ao rio de água lançado pela serpente para destruí-la; e à guerra movida contra "o restante de sua descendência".

Há outra objeção que é fatal a essa interpretação. Ela está fora dos limites que o próprio Apocalipse traça explicitamente em relação ao seu cenário e ao seu tempo de ação. Não está entre as coisas "que devem acontecer em breve". Se fôssemos levados de volta para contemplar representações simbólicas do nascimento de Cristo, já não estaríamos em terreno apocalíptico. Abandonar esse terreno é sair do registro, é deixar a *terra firma* do fato histórico e lançar-se em um mar sem margens de conjecturas, sem bússola ou estrela-guia.

Não temos dificuldade, portanto, em aceitar a opinião comum de que a mulher vestida do sol representa a igreja cristã. Mas somente isso é vago demais. Trata-se da igreja *perseguida*, a igreja apostólica, *a igreja da Judeia*, que aqui é simbolizada. Ou seja, trata-se da igreja hebraica-cristã nos dias finais da era judaica.

Os emblemas com os quais a mulher está adornada não parecerão incongruentes ou extravagantes quando lembramos a linguagem sublime com que o profeta Isaías se dirige a Israel: "Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti", etc. (Isaías 60) Que a igreja apostólica fosse resplandecente como o sol, que a lua estivesse sob seus pés, está perfeitamente em harmonia com tudo quanto se diz no Novo Testamento acerca da dignidade e glória da noiva de Cristo.

Mas aquilo que identifica a mulher da visão como a igreja hebreo-cristã é a coroa de doze estrelas sobre sua cabeça. Que isto é emblemático das doze tribos dos filhos de Israel parece fora de questão; e, portanto, fixa a referência da visão à igreja da Judeia.

2. O Grande Dragão Vermelho.

Apocalipse 12:3, 4: "E apareceu outro prodígio no céu: e eis um grande dragão vermelho, tendo sete cabeças e dez chifres, e sobre as cabeças dele sete diademas. E sua cauda arrastou a terça parte das estrelas do céu e lançou-as sobre a terra; e o dragão colocou-se diante da mulher que estava prestes a dar à luz, para devorar o seu filho assim que nascesse".

Não há possibilidade de dúvida quanto à identidade deste símbolo. O dragão é "a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás", o antigo e inveterado inimigo de Deus e de Seu povo. Ele é representado como possuindo vasta autoridade e poder: "tendo sete cabeças e dez chifres, e sete diademas sobre suas cabeças"; pois ele é "o deus deste mundo", "o príncipe da potestade do ar", "o acusador dos irmãos", "o enganador do mundo inteiro". Esse inimigo maligno da causa de Cristo permanece pronto para devorar o filho que a mulher está prestes a dar à luz.

3. O Filho Homem.

Apocalipse 12:5: "E ela deu à luz um filho homem, que há de em breve reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o Seu trono".

Alford afirma que "o filho homem é o Senhor Jesus Cristo, *e nenhum outro*". Ele acrescenta que "as exigências desta passagem requerem que o nascimento seja entendido literal e historicamente daquele nascimento que todos os cristãos conhecem".[1] E, no entanto, ele sustenta que a mãe é "a igreja"; que "a Bem-aventurada Virgem não pode de modo algum ser pretendida aqui". Essas duas suposições são incompatíveis e mutuamente destrutivas. De fato, parece natural, à primeira vista, supor que Cristo seja o referido; mas uma consideração mais profunda mostrará que isso não pode ser. A igreja nunca é dita ser a mãe de Cristo, nem Cristo é dito ser o Filho da igreja. A igreja é a noiva, a esposa, o corpo, a casa de Cristo, mas nunca a mãe. Cristo é o Rei, a Cabeça, o Esposo da igreja, mas nunca o Filho ou a Criança. Ele é o Filho de Deus e o Filho do homem; mas nunca o Filho da igreja. Haveria uma incongruência e uma impropriedade em tal figura, da qual o senso de adequação se revolta.

Cremos que a chave desse símbolo deve ser buscada no capítulo sessenta e seis de Isaías, que é a fonte original de onde essas figuras são derivadas. Jerusalém é ali representada como uma mulher em trabalho de parto, que dá à luz um filho homem (versos 7, 8): "Antes que estivesse de parto, deu à luz; antes que lhe viessem as dores, deu à luz um filho. Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisas semelhantes? Pode a terra ser feita para dar à luz num só dia? Pode uma nação nascer de uma só vez? Pois, assim que Sião esteve de parto, deu à luz seus filhos". É impossível

[1] Greek Testament, *in loc.*

acreditar que a semelhança entre essas passagens seja meramente casual; e, portanto, somos grandemente auxiliados na interpretação da visão pelas representações análogas na profecia. Assim como o filho homem, ou os filhos de Sião, na profecia, significam os fiéis na terra, ou em Jerusalém, assim também o filho homem nascido da mulher perseguida no Apocalipse denota *os discípulos fiéis de Cristo na Judeia, ou mesmo na própria Jerusalém*. Essa explicação harmoniza as aparentes incongruências da passagem e dá um sentido compreensível e razoável a toda a representação. A igreja hebreo-cristã é personificada como a mãe perseguida de uma descendência perseguida; ela dá à luz um filho homem, mas um filho homem que também é uma nação, de acordo com as palavras do profeta. Esse filho homem está destinado a "reger as nações com vara de ferro", e é "arrebatado para Deus e para o Seu trono". Essas declarações parecem, para muitos, aplicáveis apenas ao próprio Filho de Deus; mas, na verdade, são afirmadas no Apocalipse como privilégio e recompensa de todo discípulo fiel: "Ao que vencer, *darei autoridade sobre as nações,* e *ele as regerá com vara de ferro.*" (Apocalipse 2:26, 27); "Ao que vencer, concederei que *se assente comigo no meu trono*". (Apocalipse 3:21) Portanto, não é ilegítimo aplicar tais expressões, por mais elevadas que sejam, aos discípulos fiéis de Cristo.

A segurança de sua prole estando assim garantida, Deus providencia sustento para a mãe perseguida.

Apocalipse 12:6: "E a mulher fugiu para o deserto, onde ela tem um lugar preparado por Deus, para que ali a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias".

Isto é antecipação da declaração mais completa nos versículos 13-16, onde nos é dito que "foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, longe da face da serpente".

Essa alusão ao período de tempo durante o qual a mulher é preservada fornece uma pista para a interpretação desta parte da visão. Pode ser observado que é o mesmo espaço de tempo durante o qual Jerusalém é pisada pelos gentios e durante o qual as duas testemunhas proferem sua profecia. Ou seja, essas diferentes designações de tempo, quarenta e dois meses, mil duzentos e sessenta dias, e um tempo, tempos e metade de um tempo, são todas equivalentes a três anos e meio, que se

sabe ter sido a duração da guerra judaica. É razoável concluir, portanto, que esses diferentes eventos coincidem com o período da guerra judaica e abrangem a mesma duração, sendo eventos contemporâneos.

Pode se perguntar então: existe algum fato histórico que corresponda aos símbolos da visão, a mulher perseguida, mãe do filho homem, fugindo para o deserto da face do dragão e ali preservada em segurança durante um período equivalente a três anos e meio? Cremos que sim; e procuraremos apresentar os fatos autênticos que, como julgamos, correspondem à representação simbólica.

Nosso Senhor advertiu distintamente seus discípulos de que, quando vissem certos sinais específicos da catástrofe vindoura, especialmente quando vissem "Jerusalém cercada de exércitos" e "a abominação da desolação no lugar santo", deveriam, sem perda de tempo, escapar da cidade condenada e "fugir para os montes". Tão apressada deveria ser a fuga que eles deveriam até mesmo desconsiderar seus bens, cuidando apenas da preservação pessoal. (Mateus 24:15-18) Temos também o testemunho de Josefo de que muitos judeus, no início das hostilidades com Roma, abandonaram Jerusalém como abandonariam um navio a afundar. Presume-se que a população cristã, que havia sido tão claramente avisada do que estava para acontecer, deixaria a cidade; e não parece haver razão para questionar o fato de que, como um corpo, realmente se retiraram e buscaram refúgio em Pereia, além do Jordão, região que, conforme somos informados por Josefo, é em geral desértica, e portanto poderia ser apropriadamente chamada de "o deserto". (2)

Assim, então, é que os símbolos se moldam na história. A igreja de Jerusalém, a *igreja-mãe*, como bem pode ser chamada, e a mãe frutífera de uma multidão de filhos espirituais, é submetida a severa e dolorosa perseguição, instigada por Satanás, o maligno adversário de Cristo e de Seu povo. Se o filho homem arrebatado para Deus e para o Seu trono simboliza os filhos martirizados da igreja mencionados no versículo 11, que, "ainda que condenados pelos homens na carne, foram justificados e coroados por Deus com a vida eterna em seu espírito", (1 Pedro 4:6) não decidiremos, embora pensemos ser provável. A igreja-mãe, porém, embora privada de seus primogênitos, continua a ser perseguida pelo dragão. Nenhum período foi tão abrasador em perseguição quanto

aquele em que a revolta judaica explodiu e as legiões romanas se postaram diante das portas de Jerusalém. Avisada por Deus, a igreja de Jerusalém abandonou a cidade e fugiu, como sobre asas de águia, para o deserto além do Jordão, onde encontrou um refúgio seguro durante o período da guerra e do cerco. Frustrado em sua tentativa de esmagar a causa de Cristo em Jerusalém, o dragão despeja sua fúria, lançando uma torrente de ira maligna contra os cristãos fugitivos, o que, porém, não lhes causa dano algum, e então volta-se para molestar e perseguir "o remanescente da semente da mulher", ou seja, discípulos em outras partes da Terra *(na diáspora)* ou da terra *(de Israel)*.

Se for dito que há uma incongruência em representar os cristãos perseguidos da igreja de Jerusalém pela dupla figura da mulher e do filho homem, um sendo arrebatado ao céu, enquanto a outra foge para o deserto em busca de refúgio, respondemos que tal incongruência é inseparável do uso desses símbolos. Sião e seus filhos, na profecia de Isaías, são virtualmente idênticos; e o mesmo é verdadeiro da mulher e do filho homem. Falamos da Inglaterra e de seu povo quando, na realidade, queremos dizer a mesma coisa com ambas as expressões; e seria uma crítica excessivamente exigente a que objetasse tal linguagem, que, se não é logicamente rigorosa, contribui muito para o efeito dramático e poético da descrição.

Alford, embora se sinta bastante perplexo quanto à interpretação da visão como um todo, expressa sua opinião favorável à nossa explicação de uma parte muito importante dos símbolos. Suas palavras são:

"Confesso que, considerando as analogias e a linguagem usada, estou muito mais inclinado a interpretar a perseguição da mulher pelo dragão como as várias perseguições pelos judeus que seguiram a ascensão, e sua fuga para o deserto como a gradual retirada da igreja e de sua atuação de Jerusalém e da Judeia, finalmente consumada pela fuga para os montes por ocasião do cerco iminente, ordenada pelo próprio nosso Senhor".[1]

É estranho que, tendo encontrado um fato histórico que tão bem correspondia ao símbolo, o crítico não tenha procurado no mesmo campo por outros, o que sem dúvida teria resultado numa exposição luminosa do todo; mas ele se deixa levar pelo *ignis fatuus* de um

[1] Greek Testament, Notas em Apocalipse 12:14.

compêndio da história universal da igreja dentro do Apocalipse, ignorando inexplicavelmente as afirmações explícitas do próprio livro quanto ao período extremamente restrito dentro do qual suas visões devem ser cumpridas.

Passamos, em seguida, ao conflito entre o dragão e o campeão que aparece em defesa da mulher perseguida:

> Apocalipse 12:7-9: "E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalharam contra o dragão; e batalhou o dragão e os seus anjos, e não prevaleceram, nem mais se achou o seu lugar no céu. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele".

Não parece que essa ocorrência, o conflito entre Miguel e o dragão, tenha sido apresentada ao Vidente em *visão*. Ela não é introduzida pela fórmula usual nesses casos, "E eu vi, e eis" [εἶδον καὶ ἰδοὺ], mas narrada mais ao modo de um historiador. Tampouco somos informados do momento ou da ocasião específicos em que se travou o conflito. Na verdade, todo o acontecimento é misterioso e está fora do âmbito das coisas terrenas; o cenário é "no céu"; os combatentes são seres espirituais, "os principados e potestades nos lugares celestiais"; embora seja razoável supor que o evento tenha íntima relação com a história do período apocalíptico, que constitui o assunto da visão. É evidente que ele é introduzido para explicar a intensa hostilidade do dragão contra a igreja de Cristo; e essa circunstância parece implicar que a derrubada de Satanás aqui mencionada ocorreu pouco antes do eclodir da perseguição contra os cristãos. É importante lembrar que "Miguel" deve, com grande probabilidade, ser identificado com o Filho de Deus. O leitor é remetido à prova satisfatória dessa identidade apresentada por Hengstenberg.[1]

Não devemos conceber esse conflito como um embate de força física, à semelhança das batalhas de Milton em Paraíso Perdido, mas antes como uma vitória moral e espiritual alcançada pela verdade sobre o erro, pela luz sobre as trevas, pelo Evangelho sobre o pecado e a incredulidade. Provavelmente há uma conexão íntima entre a expulsão de Satanás aqui mencionada e as palavras de nosso Senhor aos Seus discípulos, quando

---

[1] Veja Christology of the Old Testament, vol. iv, pp. 301–306. Veja também Commentary on the Apocalypse, *in loc.*

estes retornaram trazendo o relato de sua missão evangelística bem-sucedida, "Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago". (Lucas 10:18); e, novamente: "Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo". (João 12:31); e, ainda: "Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo". (1 João 3:8) Traduzindo os símbolos para linguagem comum, eles parecem significar que o progresso do Cristianismo na terra despertou a hostilidade de Satanás e de seus emissários, levando a uma perseguição mais ativa dos discípulos de Cristo.

A vitória de Miguel e dos seus anjos é celebrada por uma proclamação triunfante no céu, a qual, essa sim, entra no campo da visão.

Apocalipse 12:10, 11: "E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora vem a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque foi lançado fora o acusador de nossos irmãos, o que os acusava diante de nosso Deus dia e noite. E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte".

Em tudo isso temos a expressão da verdade geral de que, no longo e mortal conflito com a inimizade judaica, intensificada pela malícia satânica, Cristo combateu por Seus discípulos perseguidos e frustrou os ataques de seus adversários. Quão claramente São Paulo reconhecia a presença e a atividade de um poder infernal na hostilidade maligna que se opunha ao Evangelho pode ser visto em suas notáveis palavras: "Não temos de lutar contra carne e sangue, mas contra principados, contra potestades, contra os dominadores das trevas deste mundo, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais". (Efésios 6:12) Despojada de sua linguagem simbólica, a visão mostra que os esforços de Satanás para esmagar a verdade de Deus foram frustrados e derrotados, e apenas contribuíram para o triunfo mais notável e decisivo do reino de Cristo.

Satanás, impedido de devorar a sua presa e sabendo que "tem pouco tempo", pois a consumação está agora muito próxima, parte, como vimos, para fazer guerra ao remanescente da semente da mulher, "os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus". (versículo 17)

4. A Primeira Besta Selvagem.

Apocalipse. 13:1-10: "ele se pôs sobre a areia do mar. E vi subir do mar uma besta selvagem, que tinha dez chifres e sete cabeças; e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças nomes de blasfêmia. E a besta que vi era semelhante a um leopardo, e os seus pés como os de um urso, e a sua boca como a boca de um leão; e o dragão lhe deu o seu poder, o seu trono e grande autoridade. E vi uma das suas cabeças como ferida de morte; e a sua ferida mortal foi curada; e todo mundo [terra] se maravilhou após a besta. E adoraram o dragão, porque deu autoridade à besta; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode guerrear contra ela? E foi-lhe dada uma boca que proferia grandes coisas e blasfêmias; e foi-lhe dada autoridade para continuar por quarenta e dois meses. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, do seu tabernáculo e dos que habitam no céu. E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos e vencê-los; e foi-lhe dada autoridade sobre toda tribo, língua e nação. E todos os que habitam sobre a terra a adorarão, aqueles cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro, que foi morto desde a fundação do mundo. Se alguém tem ouvido, ouça. Aquele que leva em cativeiro, em cativeiro irá; aquele que mata à espada, pela espada deve ser morto. Aqui está a perseverança e a fé dos santos".

Entramos agora numa investigação cheia de interesse, mas também cheia de dificuldade; embora essa dificuldade seja grandemente mitigada pelos limites conhecidos da área dentro da qual estamos restritos, e onde devemos procurar a personagem agora introduzida em cena, e que desempenha papel tão importante na sequência.

A leitura correta do primeiro versículo é hoje admitida como sendo ἐστάθη [ele se pôs], isto é, o dragão. Isso não é sem importância. O dragão, frustrado em sua tentativa de destruir a mulher e a sua descendência, coloca-se sobre as areias do mar, à procura de um poderoso auxiliar alistado a seu serviço.

E logo ele faz a sua aparição. Um monstro portentoso é visto subindo do mar, ele é designado θηρίον [uma besta selvagem], já nomeado por antecipação em Apocalipse 11:7. A descrição desse monstro é extremamente minuciosa, de modo que a sua identificação deveria ser fácil. Observemos os pormenores da descrição:

1. A besta vem do mar.

2. Ela tem sete cabeças e dez chifres, com dez diademas sobre os seus chifres.

3. Traz nomes de blasfêmia sobre as suas cabeças.

4. Reúne em si as características de todas as bestas vistas por Daniel. (Daniel 7)

5. É investida pelo dragão com o seu poder delegado.

6. Uma de suas cabeças é ferida de morte; porém a ferida mortal é curada.

7. Recebe a homenagem do mundo inteiro.

8. Honras divinas lhe são prestadas.

9. Blasfema contra Deus e faz guerra contra os santos.

10. A duração do seu poder é limitada a quarenta e dois meses.

11. O seu número é "o número de um homem", e é declarado ser "seiscentos e sessenta e seis". (Em Apocalipse 17 são acrescentados outros pormenores, que completam a descrição da besta, embora se deva confessar que eles não tendem a tornar mais fácil a descoberta da sua identidade.)

12. Ela era, e não é, e há de tornar a vir. (Apocalipse 17:8)

13. Ela sobe do abismo e caminha para a perdição. (Apocalipse 17:8)

14. Ela é um rei: um dentre sete, e todavia o oitavo. (Apocalipse 17:11)

Seria estranho que um número tão grande de características marcantes e peculiares pudesse aplicar-se a mais de um indivíduo, ou que tal indivíduo fosse tão obscuro a ponto de não ser imediatamente reconhecido. Ele deve ser procurado entre os maiores da terra; deve ser o principal do seu tempo, o observado de todos os observadores; deve ocupar o trono mais elevado e governar o império mais poderoso. Também o seu período está fixado: é nos últimos dias da organização política judaica, às vésperas da catástrofe final. O mistério se revela até mesmo pela sua própria solução interna. Essa portentosa besta selvagem, esse potentado do mundo, esse plenipotenciário de Satanás, não pode ser outro senão o senhor do mundo, o Imperador de Roma, "o homem do pecado" - NERO.

Vejamos agora de que modo os pormenores da descrição concordam com o caráter de Nero.

1. Ninguém contestará o seu direito ao título de "besta selvagem". Se algum homem alguma vez mereceu esse nome, foi o monstro brutal que desonrou a humanidade por meio de suas infames crueldades e crimes. São Paulo lhe atribui uma designação semelhante: "fui livrado da boca do *leão*". (2 Timóteo 4.17)[1]

2. Pelo fato de surgir do mar, provavelmente se entende que a besta é um poder *estrangeiro*. Devemos considerá-la do ponto de vista judaico; e, na Judeia, Nero seria, naturalmente, um soberano transmarino.

3. As sete cabeças e os dez chifres coroados da besta são símbolos do seu poder pleno e do seu domínio universal.

4. Os nomes de blasfêmia inscritos sobre as suas cabeças significam a usurpação das prerrogativas da divindade.

5. A união das características das quatro bestas na visão de Daniel indica que o domínio da besta abrange os reinos representados naquela visão.

6. A posse do poder delegado do dragão implica a sujeição da besta aos interesses de Satanás. Ela é o legado do dragão.

7. O fato de uma de suas cabeças ser ferida de morte implica o fim violento do indivíduo simbolizado pela besta.

8. Naturalmente, seria verdade no caso do imperador romano que ele recebesse a homenagem do mundo inteiro, e que lhe fosse prestado culto idólatra.

9. A história nos informa que Nero foi o primeiro dos imperadores a perseguir os cristãos.

10. A duração dessa primeira e amarga perseguição corresponde ao período de quarenta e dois meses, ou três anos e meio, mencionado na visão. (Se adotarmos a leitura do Códice Sinaítico, "foi-lhe dado fazer o que quisesse por quarenta e dois meses", isso implicaria evidentemente que a sua cruel política de perseguição estaria limitada a esse período. Ora, de fato, a perseguição promovida por Nero começou em novembro

[1] Veja Josephus, Antiquities, bk. xviii. chap. vi. 10, e Whiston's Note.

do ano 64 d.C. e terminou com a sua morte, em junho do ano 68 d.C., isto é, o mais próximo possível de três anos e meio.)[1]

Adiando por um momento a consideração da questão seguinte e crucial, "o número da besta", podemos aqui fazer uma pausa para observar quão precisamente tudo isso se harmoniza com o caráter de Nero. À primeira vista, poderíamos estar inclinados a pensar, com Bossuet, que a besta visionária significa "o Império Romano, ou mais propriamente a própria Roma, a senhora do mundo, Roma pagã e perseguidora dos santos". Contudo, à medida que avançamos, ficamos convencidos de que não se trata aqui de uma abstração, mas de uma pessoa real, ou, ao menos, do poder imperial corporificado no mais feroz e brutal de seus representantes, o imperador Nero. Cada ponto da descrição identifica o criminoso. Foi esse tirano execrável quem primeiro soltou os cães infernais da perseguição contra os inofensivos cristãos de Roma. Mais semelhante a uma besta selvagem do que a um homem, ele saciou suas propensões sanguinárias com o assassinato de seu irmão, de sua mãe e de sua esposa. Incendiário de sua própria capital, imputou falsamente o crime aos inocentes cristãos, a quem condenou à morte em grande número e com barbaridades até então inauditas. Empunhando o poder mais formidável da terra, utilizou-o para a satisfação dos vícios mais vis e fez-se escravo das paixões mais brutais. Arrogou para si as prerrogativas da divindade, e reclamou e recebeu a adoração devida a Deus. Sua vaidade desmedida tornou-o ávido de admiração; levou-o a atuar como ator no palco, a conduzir carros como cocheiro no circo, a competir nos jogos olímpicos. "E o mundo se maravilhou após a besta". Diz-se que recebeu nada menos que mil e oitocentas coroas por suas vitórias. Dio Cássio relata que ele entrou em Roma em triunfo e foi saudado com aclamações pelo senado e pelo povo, que lhe ofereceram a mais abjeta adulação. Foi recebido com brados de: "Vitórias olímpicas! Vitórias píthicas! Tu, Augusto! tu, Augusto! Nero, o Hércules! Nero, o Apolo! Voz sagrada! O Eterno!" [Εἷς ἀπ' αἰῶνος.].[2]

Muito mais obscura é a declaração aparentemente paradoxal a respeito da ferida mortal da besta, que, não obstante, foi curada. É claro

---

[1] Veja Stuart's Commentary on the Apocalypse, chap. xiii. 5.

[2] Dio Cassius, citado por Stuart, Commentary on the Apocalypse, *in loc.*

que, se foi curada, não era mortal; e, se era mortal, não poderia realmente ser curada. Exigir um cumprimento literal de uma impossibilidade seria manifestamente irrazoável; contudo, a explicação deve reconciliar a contradição aparente. Ora, é um fato curioso que tenha sido apresentada uma explicação plausível para o paradoxo. Nero morreu de morte violenta, morreu por um ferimento de espada, infligido ou por sua própria mão ou pela de um assassino. É desnecessário dizer que o ferimento foi mortal; mas havia, sem dúvida, na época, uma crença muito difundida de que ele não havia morrido, mas se encontrava em algum lugar oculto, e que em breve reapareceria e recuperaria o seu antigo poder. Tácito alude a essa crença popular (History, liv. ii, chap. 8), assim como também Suetônio (Nero, chap. lvii). Não há nada de improvável na suposição de que tal nota de identidade, incorporando uma crença geral, pudesse ser empregada como o é na visão; em todo caso, nenhuma outra explicação oferece uma solução tão razoável e satisfatória para o problema.[1]

O Numero da Besta.

Chegamos agora a uma questão que tem exercitado a engenhosidade de críticos e comentaristas quase desde o dia em que foi primeiramente proposta, e que ainda hoje mal se pode dizer resolvida, a saber, o nome ou número da besta. Sem perder tempo com as várias respostas que têm sido oferecidas, bastará fazer uma ou duas observações preliminares sobre as condições do problema.

1. É evidente que o escritor considerava estar fornecendo dados suficientes para a identificação da pessoa pretendida. É também

[1] É digno de nota que essa crença na recuperação e no retorno de Nero se manteve na Igreja cristã por séculos. Sulpício Severo, em sua Historia Sacra, escreve: "Nero, o mais vil de todos os homens, e mesmo dos monstros, foi bem digno de ser o primeiro perseguidor. Não sei se poderá ser o último, visto que é opinião corrente de muitos que ele ainda há de vir como Anticristo". - Historia Sacra, ii. 28.

E ainda: "É incerto se ele [Nero] se destruiu a si mesmo, ... donde se crê que, embora possa ter-se traspassado com uma espada, todavia foi salvo pela cura do seu ferimento, em conformidade com aquilo que está escrito [em Apocalipse 13.3]: 'E a sua ferida mortal foi curada'". Esse testemunho é importante, pois demonstra que, nos três primeiros séculos, a besta apocalíptica era entendida como significando Nero.

presumível que ele não tivesse a intenção de confundir, mas de esclarecer os seus leitores.

2. É igualmente evidente que a explicação não se encontra à superfície. Requer sabedoria para compreender as suas palavras: somente o homem "que tem entendimento" é competente para resolver o problema.

3. É claro que o que ele pretende comunicar aos seus leitores é o nome da pessoa simbolizada pela besta. O seu *nome* expressa um determinado *número*; ou seja, as letras que compõem o seu nome, quando somadas, totalizam um certo valor numérico.

4. O nome ou número é o de um homem, isto é, não se trata de uma besta, nem de um espírito maligno, nem de uma abstração, mas de uma pessoa, um homem vivo.

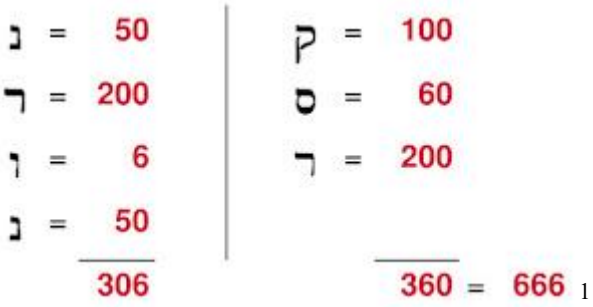
5. O número que expressa o nome é, em caracteres gregos, χ ξ ς, ou, em valor numérico, seiscentos e sessenta e seis.

Já chegamos, por fundamentos inteiramente independentes, à conclusão de que pela besta apocalíptica se entende o imperador reinante, Nero. É, portanto, o seu nome que deve satisfazer, não de modo óbvio, nem sem alguma investigação, mas de forma satisfatória e conclusiva, todas as condições do problema. O nome desse imperador poderia ser escrito de três maneiras, conforme fosse expresso em uma ou outra das três línguas, o latim, o grego ou o hebraico: em latim, *Nero Cæsar*; em grego, Νέρων Καῖσαρ; em hebraico, קסר נרון.

São João não estava escrevendo a romanos, nem na língua latina, de modo que a primeira forma pode ser desde logo descartada. Ele escrevia, contudo, em grego, e para leitores bem familiarizados com o grego, embora a maioria deles fosse provavelmente de origem judaica. É provável que muitos deles, imediata e instintivamente, pronunciassem o nome temido. Se assim fosse, encontrariam dificuldade, pois as letras gregas Νέρων Καῖσαρ não totalizam o número exigido.

Mas, se isso fosse tudo o que fosse necessário, o nome estaria à superfície, patente e evidente até para a compreensão mais obtusa. Não exigiria nem sabedoria nem entendimento para decifrar o enigma. O leitor, portanto, deve tentar outro método. São João era hebreu, e, embora escrevesse em caracteres gregos, o seu pensamento era hebraico;

e a forma hebraica do nome e do título imperiais era familiar a ele e a seus amigos hebreus-cristãos tanto na Ásia Menor quanto na Judeia. Poderia, não sem razão, ocorrer ao leitor reflexivo calcular o valor das letras que expressavam o nome do imperador em hebraico. E o segredo ficaria então revelado:



Aqui, portanto, temos um número que expressa um *nome*, o nome de um *homem*, *o* homem que, entre todos os então vivos, mais merecia ser chamado de besta selvagem: o chefe do Império, o senhor do mundo; que reivindicava ser um deus, recebia honras divinas e perseguia os santos do Altíssimo; em suma, correspondendo em todos os pormenores à descrição da visão apocalíptica. Se alguém perguntar: por que o profeta envolveu o seu sentido em enigmas? Por que não nomeou expressamente o indivíduo a quem se refere? Em primeiro lugar, o Apocalipse é um livro de símbolos: tudo nele é expresso em linguagem figurada, que requer tradução para a linguagem comum. Mas, em segundo lugar, não teria sido seguro falar de modo mais explícito. Declarar abertamente o nome do tirano, após descrevê-lo e designá-lo da maneira empregada no Apocalipse, teria sido extremamente temerário e imprudente. Assim como São Paulo, ao descrever "o homem do pecado", São João vela o seu significado sob um disfarce que o grego

[1] O nome de Nero, conforme apresentado acima, ocorre no Talmude e em outros escritos rabínicos. Convém acrescentar, para informação do leitor em geral, que tanto na língua hebraica quanto na grega as letras do alfabeto são usadas como algarismos ou numerais, e que as letras da forma hebraica das palavras "Nero César" têm o valor de 666. Para uma investigação mais completa deste assunto, veja Stuart on the Apocalypse, Excursus iv, "Sobre o Número da Besta".

ou romano pagão provavelmente não conseguiria penetrar, mas que o cristão instruído da Judeia ou da Ásia Menor prontamente discerniria.

É uma forte confirmação da exatidão dessa interpretação o fato de termos outra descrição enigmática da mesma personagem, vinda da pena do próprio São Paulo. Já vimos a prova de que "o homem do pecado", delineado em 2 Tessalonicenses 2, não é outro senão Nero; e a comparação dos dois retratos mostra quão notável é a sua semelhança entre si e com o original. Essa correspondência não pode ser uma mera coincidência curiosa; só pode ser explicada pela suposição de que ambos os apóstolos tinham o mesmo indivíduo em vista.[1]

5. A Segunda Besta Selvagem.

Apocalipse13:11-17: "E vi subir da Terra [terra] outra besta selvagem, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, e falava como dragão. E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja ferida mortal foi curada. E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra por meio dos sinais que lhe foi dado fazer na presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que façam uma imagem à besta que foi ferida à espada e reviveu. E foi-lhe concedido dar vida [fôlego] à imagem da besta, para que a imagem da besta até falasse, e fizesse que fossem mortos todos quantos não adorassem a imagem da besta. E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, seja posto um sinal na sua mão direita ou na sua testa; e que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome".

Se as nossas conclusões quanto à identidade da primeira besta estiverem corretas, não deverá ser difícil descobrir quem é o personagem indicado pela segunda besta. Observa-se que, em muitos aspectos, há entre elas uma forte semelhança: são da mesma natureza, embora uma seja suprema e a outra subordinada; mas há também pontos de diferença. Será conveniente, contudo, também neste caso, reunir numa só visão as diversas características particulares que ajudam a identificar o indivíduo em questão:

1. A segunda besta sobe da terra.

2. Ela tem apenas dois chifres, e são semelhantes aos de um cordeiro.

3. Ela fala como dragão.

---

[1] Ver Nota A, Parte III. Reuss, Sobre o Número da Besta.

4. Está revestida da autoridade delegada da primeira besta.

5. Obriga os homens a prestar homenagem, ou adoração, à besta.

6. Pretende exercer poderes miraculosos.

7. Governa com força e crueldade tirânicas.

8. Exclui dos direitos civis todos os que se recusam à submissão abjeta à besta.

Considerando essas características, torna-se imediatamente claro que devemos procurar o antítipo dessa figura simbólica num homem de caráter afim ao do próprio monstro Nero. Ele é evidentemente o *alter ego* do imperador, embora suas proporções sejam traçadas em escala menor.

1. O fato de ela subir da terra, enquanto a primeira besta sobe do mar, indica que a segunda besta é uma autoridade doméstica ou interna, governando na Judeia; ao passo que a outra é um poder estrangeiro.

2. O fato de ter dois chifres semelhantes aos de um cordeiro, enquanto a primeira besta tem dez, indica que a sua esfera de governo é restrita e o seu poder limitado, em comparação com a outra.

3. O fato de falar como dragão, ou serpente, indica o seu caráter astuto e enganador.

4. O fato de estar revestida da autoridade da primeira besta indica que ela é o representante oficial e delegado de Nero na Judeia.

Neste ponto, o indivíduo se revela a nós. Ele não pode ser outro senão o procurador ou governador romano da Judeia sob Nero; e o governador específico deve ser procurado no tempo do início da guerra judaica, ou próximo dele; e aqui a história da época lança abundante luz sobre a investigação.

Há dois nomes que podem disputar entre si a triste preeminência de serem o original desse retrato da segunda besta, Albino e Gessius Floro. Ambos foram monstros de tirania e crueldade, mas este último superou o primeiro. Antes de Gessius Floro assumir o cargo, os judeus consideravam Albino o pior governador que jamais os tivesse esmagado com sua opressão. Depois que Gessius Floro chegou, passaram a considerar Albino quase um homem virtuoso em comparação. Floro era um miserável digno de estar ao lado de Nero: um servo adequado a tal senhor.

O leitor encontrará nas páginas de Josefo o relato da enorme e incrível devassidão, fraude, traição e tirania desse último e pior de todos os governadores que representaram a autoridade imperial na Judeia, e verá como o historiador atribui ao desgoverno desse homem infame a ruína que sobreveio à nação. Foi a sua opressão intolerável e draconiana que incitou os infelizes judeus à rebelião e foi a causa imediata da guerra que terminou na completa destruição de Jerusalém e de seu povo. Josefo, de fato, não preservou todos os fatos que, se os possuíssemos, sem dúvida ilustrariam vividamente todos os pormenores do retrato apocalíptico da segunda besta. Mas mal precisamos deles. Força, fraude, crueldade, impostura, tirania são atributos que com demasiada certeza poderiam ser predicados de um procurador como Floro. Talvez os traços mais difíceis de verificar sejam aqueles que dizem respeito à imposição compulsória de homenagem à estátua do imperador e à pretensão de exercer poderes miraculosos. Contudo, mesmo aqui, tudo o que sabemos favorece a ideia de que a descrição corresponde fielmente à realidade. O Dean Milman observa:

"A imagem da besta é claramente a estátua do imperador'; e acrescenta: "A prova à qual os mártires eram submetidos consistia em adorar o imperador, oferecer incenso diante de sua estátua e invocar os deuses". (Ver Review of Newman's Development of Christian Doctrine.)

As observações do deão Alford também merecem atenção:

"O Vidente está agora descrevendo fatos cuja realização literal a história nos confirma. A imagem de César era, por toda parte, aquilo que os homens eram obrigados a adorar; era diante dela que os mártires cristãos eram postos à prova e mortos, caso se recusassem ao ato de adoração …

Se se objetar que não se trata de uma imagem do imperador, mas da própria besta, a resposta é muito simples: assim como o próprio Vidente, em Apocalipse 17:11, não hesita em identificar um dos 'sete reis' com a própria besta, podemos legitimamente supor que a imagem da besta, naquele momento, seria a imagem do imperador reinante".[1]

No mesmo sentido são as seguintes observações de Dean Howson, tanto mais notáveis por terem sido escritas sem qualquer referência à passagem que ora examinamos:

---

[1] Greek Testament, *in loc.*

"A imagem do imperador era, naquele tempo [sob o Império], o objeto de veneração religiosa: ele era uma divindade sobre a terra ("Dis æqua potestas" - Juv, iv. 71), e o culto que lhe era prestado era um culto real. É um pensamento impressionante que, naqueles tempos (pondo de lado as formas decadentes de religião), os únicos dois cultos genuínos no mundo civilizado eram, de um lado, o culto a um Tibério ou a um Nero, e, do outro, o culto a Cristo".[1]

Estamos agora em posição de solicitar o veredicto de toda mente imparcial e judiciosa quanto à questão de identidade que foi argumentada, bem como quanto à completa congruência e correspondência, em todos os pontos, entre os símbolos da visão e as personagens históricas que, em nossa opinião, eles representam. O tempo, o lugar, o cenário, as circunstâncias e as *dramatis personæ* estão todos em plena conformidade com as exigências do Apocalipse. É a véspera da grande catástrofe, a ruína final da ordem política judaica. A perseguição predita ao povo de Deus, que deveria introduzir o fim, já irrompeu. Um terrível triunvirato do mal está aliado contra Cristo e a sua causa. O dragão, a besta que sobe do mar e a besta que sobe da terra, Satanás, o Imperador e o procurador romano, estão em ativa hostilidade contra "a mulher e o restante da sua descendência". O tempo deles, porém, é curto; a hora da retribuição está próxima; e a cena seguinte já revela o Campeão e Vingador dos fiéis, e mostra a segurança e a bem-aventurança do seu povo.

6. O Cordeiro no Monte Sião.

Apocalipse 14:1-13: "E olhei, e eis que o Cordeiro estava em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que tinham o seu nome e o nome de seu Pai escritos nas suas testas", etc.

Esta parte da visão mal necessita de intérprete; ela fala por si mesma. Há um contraste impressionante entre a besta feroz que governa como vice-regente do dragão e o Cordeiro que governa em nome de seu Pai. Não pode haver dúvida de que os cento e quarenta e quatro mil, que têm o nome de Cristo e do Pai inscritos em suas testas, são idênticos aos cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel, que têm o selo de Deus em suas testas, mencionados em Apocalipse 7. Eles são a igreja hebreo-cristã eleita da Judeia, possivelmente de Jerusalém, e

[1] Life and Epistles of St. Paul, chap. i. Note.

são representados como estando com o Cordeiro sobre o monte Sião, redimidos, triunfantes, glorificados; já não expostos ao perigo e à morte, mas reunidos no aprisco do Grande Pastor. Naturalmente, a representação é proléptica, uma antecipação do que era então iminente; na verdade, uma repetição da cena gloriosa descrita em Apocalipse 7:9-17. É possível crer que o autor da Epístola aos Hebreus não tivesse esta visão em mente quando escreveu aquela nobre passagem: "Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial", etc.? Os pontos de semelhança são tão marcantes e tão numerosos que não podem ser acidentais. A cena é a mesma, o monte Sião; as *dramatis personæ* são as mesmas, "a universal assembleia e igreja dos primogênitos, inscritos nos céus", correspondendo aos cento e quarenta e quatro mil que trazem o selo de Deus. Na epístola eles são chamados "a igreja dos *primogênitos*"; a visão explica o título, eles são "as *primícias* para Deus e para o Cordeiro"; os primeiros convertidos à fé de Cristo na terra da Judeia. Na epístola são designados "os espíritos dos justos aperfeiçoados"; na visão são "virgens não contaminados, em cuja boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus". Tanto na visão quanto na epístola encontramos "a inumerável companhia de anjos" e "o Cordeiro", por meio de quem a redenção foi efetuada. Em suma, fica fora de toda dúvida razoável que, visto que não se pode supor que o autor do Apocalipse tenha extraído sua descrição da epístola, o escritor da epístola deve ter derivado suas ideias e imagens do Apocalipse.

Os acontecimentos agora avançam rapidamente rumo à consumação. O Vidente contempla três anjos que voam em sucessão através do campo da visão, cada um trazendo um anúncio profético da catástrofe que se aproxima. O primeiro, incumbido da proclamação do evangelho eterno, primeiramente aos que habitam na terra, e depois a toda nação, tribo, língua e povo, clama em alta voz: "Temei a Deus e dai-lhe glória, porque é chegada a hora do seu juízo". (Apocalipse 14:7) Há aqui uma alusão manifesta ao fato predito por nosso Senhor de que, antes da vinda "do fim", o evangelho do reino seria primeiro pregado em todo o mundo [οἰκουμένη], "em testemunho a todas as nações". (Mateus 24:14) Este símbolo, portanto, indica a aproximação imediata da catástrofe de Jerusalém, a chegada da hora do juízo de Israel.

Um segundo anjo segue rapidamente e proclama a queda da Babilônia, como se já tivesse ocorrido, dizendo: "Caiu, caiu Babilônia, a grande, que fez beber todas as nações do vinho da ira da sua prostituição". (Apocalipse 14:8) Trata-se claramente de outra declaração da mesma catástrofe iminente, apenas indicando de modo mais distinto o destino da cidade culpada, a grande criminosa prestes a ser levada a juízo. Em breve teremos ocasião de discutir a identidade da grande cidade aqui, e em outros lugares, designada Babilônia.

Um terceiro mensageiro sucede aos anteriores e denuncia, em linguagem terrível, a ira de Deus contra todos os adoradores de ídolos:

Apocalipse14:9-11: "Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber o seu sinal na sua testa ou na sua mão, também esse beberá do vinho da ira de Deus, que se deita, sem mistura, no cálice da sua indignação; e será atormentado com fogo e enxofre, na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro", etc.

Em marcante contraste com isso está a mensagem que uma voz celestial traz aos fiéis discípulos de Cristo, "os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus".

Apocalipse 14:13: "E ouvi uma voz do céu que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos; pois as suas obras os acompanham".

Tudo isso é claramente indicativo da aproximação iminente da catástrofe final. Há, contudo, uma expressão na última citação que requer explicação, a saber, o anúncio a respeito da bem-aventurança dos mortos que, *desde agora*, morrem no Senhor. Esse "desde agora" [ἀπ' ἄρτι] é a palavra enfática da sentença e deve possuir um significado importante. Não se trata simplesmente de afirmar que os mortos em Cristo estão seguros ou felizes, mas que, a partir de um período determinado, uma bem-aventurança peculiar pertence a todos os que, desde então, morrem no Senhor.

Não é irrazoável em si mesma, e além disso parece ser o ensino claro das Santas Escrituras, que a grande consumação que encerrou a era judaica exerceu uma influência decisiva sobre a condição de todos os que, depois desse período, "morrem no Senhor". Vimos (Observações sobre Hebreus 11:40) que, antes da obra redentora de Cristo, o estado dos piedosos mortos não era perfeito. Eles tinham de aguardar o cumprimento daquele grande acontecimento que constituía o

fundamento da sua felicidade eterna. Os santos da antiga dispensação "não alcançaram a promessa". Morreram na *fé*, mas não possuíram a herança. "Deus providenciou algo melhor para *nós*, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados". (Hebreus 11:39–40) Assim escreveu o autor da Epístola aos Hebreus à beira da grande consumação.

O sentido claro disso é que a *Parousia* marcou a introdução de uma nova época na condição dos santos falecidos e nas perspectivas de todos os que, depois do início dessa época, viessem a morrer no Senhor. "Bem-aventurados são tais", *desde agora*. Isto é, não precisariam aguardar, como seus predecessores aguardaram, a chegada do período em que a promessa seria cumprida. Entrariam *imediatamente* "no descanso que resta para o povo de Deus". (Hebreus 4:9) O caminho para o Santo Lugar foi agora manifestado; há descanso e recompensa imediatos para os fiéis que partem; "descansam dos seus trabalhos, pois as suas obras os acompanham".

Esta importante passagem seria totalmente inexplicável não fosse a luz lançada sobre ela por Hebreus 4:1-11; 11:9, 10, 13, 39-40.

7. O Filho do Homem na Nuvem.

Apocalipse: 14:14-20: "E olhei, e eis uma nuvem branca, e sobre a nuvem alguém assentado, semelhante ao Filho do Homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro, e na mão uma foice afiada. E outro anjo saiu do templo, clamando em grande voz àquele que estava assentado sobre a nuvem: Mete a tua foice e ceifa, porque é chegada a hora de ceifar, pois a seara da terra está madura. E aquele que estava assentado sobre a nuvem lançou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada.

E outro anjo saiu do templo que está no céu, tendo também uma foice afiada. E ainda outro anjo saiu do altar, tendo poder sobre o fogo, e clamou com grande clamor ao que tinha a foice afiada, dizendo: Mete a tua foice afiada e ajunta os cachos da videira da terra, porque as suas uvas estão plenamente maduras. E o anjo lançou a sua foice sobre a terra, e ajuntou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da ira de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e do lagar saiu sangue até aos freios dos cavalos, por mil e seiscentos estádios".

Chegamos agora à sétima e última das figuras místicas de que consiste esta quarta visão, e ao *dénoûment*, no qual podemos esperar encontrar a catástrofe do conjunto. E não nos decepcionamos; pois nada pode ser mais nitidamente assinalado do que a catástrofe sob este

símbolo, sendo a interpretação tão evidente por si mesma que dificilmente pode ser mal compreendida.

A cena se abre com a aparição de "um semelhante ao Filho do Homem, assentado sobre uma nuvem branca", trazendo na cabeça uma coroa de ouro e tendo na mão uma foice afiada. O instrumento que ele segura é o emblema da transação que está prestes a ocorrer. É o tempo da colheita, pois "a seara da terra está madura; e aquele que estava assentado sobre a nuvem lançou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada".

Não pode haver equívoco quanto a este ato. Temos o esboço original do quadro na parábola de nosso Senhor acerca do trigo e do joio: "No tempo da colheita [o fim da era, συντέλεια τοῦ αἰῶνος], direi aos ceifeiros: Ajuntai primeiro o joio, e atai-o em molhos para o queimar; mas recolhei o trigo no meu celeiro". (Mateus 13:30)

A parábola do joio e do trigo é igualmente seguida na visão, na divisão desta transação judicial final em duas partes, a colheita do trigo e a vindima, exceto apenas pela transposição da ordem dos acontecimentos. A colheita corresponde ao ceifar do trigo e à sua segura recolha no celeiro; em outras palavras, é o cumprimento da predição: "O Filho do Homem enviará os seus anjos, e eles ajuntarão os seus eleitos desde os quatro ventos", (Mateus 24:31–34) evento que haveria de ocorrer antes de passar aquela geração. A destruição do joio corresponde à "vindima da terra". Observa-se que a vindima é inteiramente de caráter destrutivo. Assim como a "colheita da terra" denota a salvação do povo fiel de Deus, assim a "vindima da terra" denota a destruição de seus inimigos. É digno de nota que, enquanto o Filho do Homem é representado como o ceifeiro, o anjo, na visão, é o agente no corte da videira. Mal é necessário apontar a singular adequação da imagem empregada nesta cena impressionante. "A videira da terra" é Israel, segundo o conhecido emblema do Salmo 80:8: "Trouxeste uma videira do Egito", etc. A vindima chegou, pois "as suas uvas estão plenamente maduras"; isto é, a nação está madura para o juízo. O anjo comissionado para destruir não ajunta os cachos, mas corta a própria videira e lança-a inteiramente no "grande lagar da ira de Deus". O lagar é pisado; e isto é representado como ocorrendo fora da cidade, assim como a oferta pelo pecado era queimada fora do arraial, e como o criminoso era executado

fora da porta, por ser maldito. (Hebreus 13:11-13) Do lagar sai sangue, e em tais torrentes que se assemelha a um rio em cheia, subindo até os freios dos cavalos e alcançando a distância de "mil e seiscentos estádios".

Isto é terrível como símbolo, e, contudo, quase literal em sua verdade histórica. Foi um povo que assim foi "pisado" no furor da ira divina. Onde houve jamais um mar de sangue como o que foi derramado naquela guerra exterminadora de Vespasiano e de Tito? A carnificina, conforme relatada por Josefo, excede tudo o que está registrado nos anais sanguinários da guerra. Jerusalém, e seus filhos dentro dela, foram pisados no grande lagar da ira de Deus. Então se cumpriram as palavras do profeta Jeremias: "O Senhor pisou a virgem, a filha de Judá, como num lagar". (Lamentações 1:15) Há fato bem como figura na cena horrenda que representa a cavalaria invasora como nadando em sangue até os freios dos cavalos; e há provavelmente uma alusão à extensão geográfica da Palestina nos "mil e seiscentos estádios", de modo que podemos considerar a descrição simbólica como equivalente à afirmação de que, de uma extremidade à outra, a terra foi inundada de sangue.

Em tudo isso, a profecia e a história se ajustam uma à outra como fechadura e chave; e, se não tivéssemos o testemunho de uma testemunha ocular, que certamente não teria interesse algum em exagerar a ruína de seu povo ou difamar o seu caráter, dificilmente seria possível crer que esses símbolos não fossem excessivos. Mas ninguém pode ler essa história trágica sem reconhecer nela as próprias transações aqui escritas em símbolo, e que atestam amplamente a realidade e a verdade da profecia.

Tal é a catástrofe nitidamente assinalada da visão das sete figuras místicas. Como as outras catástrofes, trata-se de um ato de juízo, apresentando a grande consumação sob um aspecto diferente. Se ainda restar alguma dúvida quanto ao princípio que fundamenta todo o nosso sistema de interpretação, a saber, que o Apocalipse é uma representação sétupla do mesmo grande drama providencial, ela deverá ser dissipada pela próxima série de visões, que demonstra de forma conclusiva essa característica do livro.

A QUINTA VISÃO.

AS SETE TAÇAS, APOCALIPSE 15; 16.

Apocalipse 15:1: "E vi outro sinal no céu, grande e maravilhoso: sete anjos que tinham as sete últimas pragas; porque nelas se consuma a ira de Deus", etc.

Esta visão se abre, como a primeira, a segunda e a terceira, com um prólogo ou preâmbulo. A cena é situada no céu, onde o Vidente contempla sete anjos, incumbidos da execução de sete pragas, chamadas de últimas, por constituírem a consumação da ira divina sobre a nação culpada. A imagética desta cena introdutória é concebida num estilo da mais elevada sublimidade. Os sete ministros da vingança recebem de um dos seres viventes, ou querubins, sete taças de ouro cheias da ira de Deus, e são comissionados a iniciar imediatamente a execução da sua missão, que consiste em derramar as suas taças sobre a terra [τὴν γῆν].

Pode ser observado de imediato que há uma correspondência notável entre a visão das sete taças e a das sete trombetas. As taças, de fato, são simplesmente uma repetição e um resumo das trombetas, seguindo a mesma ordem e assumindo substancialmente a mesma forma. É verdade que circunstâncias adicionais são introduzidas na visão das sete taças; ainda assim, a semelhança entre as duas visões é tão impressionante que força a convicção de que ambas se referem aos mesmos acontecimentos históricos.

O paralelo a seguir mostrará de modo mais distinto a correspondência entre as duas visões:

AS TROMBETAS	AS TAÇAS
1. Pragas derramadas sobre a terra.	1. Pragas derramadas sobre a terra.
2. Afeta o mar, que se torna como sangue.	2. Afeta o mar, que se torna como sangue.
3. Afeta os rios e as fontes das águas.	3. Afeta os rios e as fontes das águas.
4. Afeta o sol, a lua e as estrelas.	4. Afeta o sol.
5. O abismo (a sede da besta) é aberto. Os homens são atormentados.	5. Derramada sobre o trono da besta (o abismo). Os homens são atormentados.
6. Os anjos junto ao grande rio Eufrates são soltos. Ajuntamento de hordas de cavalaria.	6. Derramada sobre o grande rio Eufrates. Exércitos se ajuntam para a batalha do grande dia.
7. Catástrofe; juízo; o reino proclamado.	7. Catástrofe; proclamação do fim.

Fenômenos naturais terríveis, vozes, trovões e um terremoto.	Fenômenos naturais terríveis, vozes,trovões e um terremoto.

Isto não pode ser mera coincidência casual: trata-se de *identidade*, e isso suscita a indagação: por que razão a visão é assim repetida? Não pode ser simplesmente por motivo de simetria, para completar o plano sétuplo da composição; pois a maravilhosa abundância do livro torna inteiramente absurda a suposição de pobreza de invenção, ou de repetição apenas para preencher espaço. Mais provável é a explicação de que a visão das taças é introduzida não apenas para reafirmar os juízos prestes a cair sobre a terra, mas especialmente para preparar o caminho para a introdução da grande criminosa, cuja hora do julgamento é chegada. A última das sete taças representa *Babilônia, a grande*, vindo à lembrança diante de Deus; contudo, na catástrofe da visão, o seu juízo é suspenso, porque deve constituir a matéria de uma visão separada, a saber, a sexta.

Convém agora passar em breve revista às taças sucessivas dos sete anjos.

As quatro primeiras taças (Apocalipse 16:2–9), assim como as quatro primeiras trombetas, afetam o mundo natural, a Terra ou terra *(de Israel)*, o mar, os rios e o sol. Todos estes são feridos com enfermidade e praga, a estrutura da natureza fica fora de ordem, e a criação inanimada adoece e geme por causa da impiedade dos homens. Pode-se dizer que isto é uma figura de linguagem, embora bastante comum nas Escrituras; até que ponto exprime fatos históricos é impossível determinar; mas é notável que a linguagem de nosso Senhor, ao falar precisamente desse período, se aproxime muito dos símbolos do Apocalipse: "Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e sobre a Terra [terra], angústia das nações, em perplexidade; o mar e as ondas bramando; os homens desfalecendo de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão à terra; porque as forças dos céus serão abaladas" (Lucas 21:25–26). Se o testemunho de Josefo merece crédito, a destruição de Jerusalém foi precedida por presságios do mais alarmante gênero.[1] Deve-se observar que a área atingida por essas pragas é "a terra", isto é, a Judeia, o cenário da tragédia. O caráter local e nacional dos acontecimentos representados na visão é

[1] Jewish Wars, bk. vi. chap. v. § 3, 4.

claramente destacado no verso 6. Quando o terceiro anjo transforma os rios em sangue, ouve-se o anjo das águas reconhecendo a justiça retributiva dessa praga: "Pois eles derramaram o sangue de santos e de profetas, e tu lhes deste sangue para beber; eles são dignos". (Apocalipse 16:6) Esse "assassinato dos profetas" foi o pecado característico de Israel e de Jerusalém, e não há outra cidade ou nação contra a qual tal crime possa ser imputado como marca distintiva. Essa acusação fixa decisivamente a alusão da visão ao povo judeu e àquele terrível período de sua história em que se podia verdadeiramente dizer que os seus rios corriam com sangue.

A quinta taça (Apocalipse 16:10–11) corresponde à quinta trombeta. Ela é derramada sobre o trono, ou sede, da besta, o que parece ser idêntico ao "abismo" da visão das trombetas. O abismo é a região da qual se diz que a besta sobe (Apocalipse 11:7); e que este era o nome dado à morada dos espíritos malignos se evidencia pelo fato de que os demônios expulsos do endemoninhado gadareno rogaram a Jesus "que não os mandasse para o *abismo*". (Lucas 8:31) O trono da besta, portanto, é o mesmo que o abismo, o reino do poder das trevas. Que fatos históricos são significados pelos símbolos de terror e miséria aqui empregados é impossível dizer, embora apontem de modo não obscuro para as agonias de angústia e sofrimento que precederam e prenunciaram a consumação final.

A sexta taça, assim como a sexta trombeta, incide sobre o grande rio Eufrates (Apocalipse 16:12), cujas águas são secas, "para que se preparasse o caminho dos reis do oriente". Estamos agora nos aproximando da catástrofe. Na visão da sexta trombeta vemos uma multidão inumerável reunida para a grande batalha; na visão da sexta taça vemos "três espíritos imundos, semelhantes a rãs, saírem da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta". Os emissários dos poderes das trevas saem a convocar os exércitos dos "reis de todo o mundo", para ajuntá-los para a grande guerra do "grande dia do Deus Todo-Poderoso". Traduzido em termos históricos, este símbolo representa a mobilização das forças do Império e dos reis das nações vizinhas para a guerra judaica. O secamento do Eufrates parece significar claramente que ele seria atravessado com facilidade e rapidez; e isto, tomado em conexão com o símbolo correspondente da sexta trombeta, a saber, o soltar dos quatro

anjos presos junto ao Eufrates, aponta para a movimentação de tropas daquela região para a invasão da Judeia. Sabemos que isto foi um fato histórico. Não apenas legiões romanas vindas da fronteira do Eufrates, mas também reis aliados cujos domínios se situavam naquela região, como Antíoco de Comagena e Soemo de Sofene, com toda propriedade designados "reis do oriente", seguiram as águias de Roma até o cerco de Jerusalém.[1] O nome dado ao conflito que se aproxima determina de modo decisivo o acontecimento a que se faz referência: é "a batalha", ou "a guerra daquele grande dia do Deus Todo-Poderoso", uma expressão equivalente a "o grande e terrível dia do Senhor". Que esse dia estava então às portas é claramente indicado pela advertência do verso 15: "Eis que venho como ladrão". (Apocalipse 16:15) Também o local do conflito, "Armagedom", nome associado a um dos dias mais sombrios e desastrosos da história de Israel, o campo de Megido, emblema de derrota e mortandade, situa-se em território judeu. Esse nome de mau presságio era apropriado para servir de tipo daquele campo final de sangue, no qual Israel, como nação, estava destinado a perecer.

A sétima taça, assim como a sétima trombeta, traz a catástrofe da visão, acompanhada pelos mesmos presságios de "vozes, trovões, relâmpagos, um terremoto e grande saraiva". Uma voz que procede do templo, uma voz do próprio trono, proclama a consumação: "Está feito! Γέγονεν! Actum est! Tudo está consumado!" Isto é, a catástrofe da visão, e aquilo que ela simboliza, chegou; pois se observará que toda catástrofe nos conduz, virtualmente, à mesma conclusão. Um terremoto de violência sem precedentes despedaça "as cidades das nações" e divide "*a grande cidade*", a cidade que é, por excelência, o tema destas visões, em três partes. "Babilônia, a grande" (que claramente se refere ao nome da cidade mencionada anteriormente) "foi lembrada diante de Deus, para lhe dar o cálice do vinho do furor da sua ira"; os seus pecados clamam por vingança, e agora chegou o seu juízo, e o cálice do ardor da ira de Deus está cheio para que ela o beba.

Que tudo isso se refere indubitável e exclusivamente a Jerusalém é seguramente evidente por si mesmo, e será capaz da mais clara demonstração, como o desenvolvimento posterior mostrará.

---

[1] Veja Josephus, Jewish Wars, bk. iii. chap. iv. § 2; bk. v. chap. i. § 6.

Um incidente nesta grande e terrível catástrofe merece atenção especial. Em ambas as visões, a da sétima trombeta e a da sétima taça, faz-se menção particular da *grande saraiva* que cai sobre os homens. Na sétima taça, a saraiva é descrita com mais detalhes, e cada pedra é dita ter aproximadamente o peso de um talento. Há algo tão extraordinário e, ao mesmo tempo, tão específico nesta declaração que ela prende a atenção e sugere a indagação: trata-se apenas de símbolo, ou há nela algum grau de realidade factual? Certamente não podemos conceber saraiva literal em que cada pedra tivesse o peso de um talento; contudo, a linguagem é tão precisa e definida que somos quase compelidos a supor que não se trata de mera hipérbole.

Ora, é um fato notável que, em Josefo, parecemos encontrar a explicação desse símbolo aparentemente ininteligível. Ele nos informa que, no cerco de Jerusalém, a décima legião construiu balistas de enorme magnitude e potência, as quais arremessavam imensas pedras para dentro da cidade. Toda a descrição que Josefo fornece dessas máquinas é de interesse tão extraordinário que bem merece ser citada:

"Admiráveis como eram as máquinas construídas por todas as legiões, as da décima eram de excelência peculiar. Os seus escorpiões eram de maior potência, e os seus arremessadores de pedras, maiores; e com estes não apenas mantinham sob controle as investidas dos que saíam em surtidas, mas também os que estavam sobre as muralhas. *As pedras lançadas tinham o peso de um talento* e alcançavam uma distância de dois estádios e mais. O impacto era irresistível, não somente para aqueles que o recebiam primeiro, mas até mesmo para os que se encontravam além deles, a considerável distância.

Os judeus, contudo, no início, conseguiam se proteger da pedra, pois a sua aproximação era indicada não apenas ao ouvido, pelo seu zumbido, mas também à vista, pelo seu brilho, por ser branca. Assim, mantinham vigias postados nas torres, que davam o aviso quando a máquina era disparada e a pedra projetada, gritando em sua língua nativa: 'O Filho está vindo'; ao que aqueles para os quais ela se dirigia se afastavam e se lançavam por terra antes que ela os alcançasse. Desse modo, em razão dessas precauções, a pedra caía inofensivamente. Então ocorreu aos romanos enegrecê-la; e, passando a apontar com mais êxito, por já não ser igualmente discernível em sua aproximação, varriam muitos de uma só descarga". - Josephus, Jewish Wars, bk. v. chap. vi. 3.

Trata-se apenas de uma coincidência fantasiosa, ou é um exemplo notável do cumprimento exato da profecia? Confessamos que nos

inclinamos para a segunda alternativa, pois é perfeitamente congruente representar tal modo de ataque como uma tempestade ou saraiva de projéteis, enquanto a alusão específica ao enorme peso de cada pedra parece trazer a declaração para o domínio do fato e da história.[1]

---

[1] Há outra circunstância curiosa relacionada a esta passagem em Josefo. Whiston tem a seguinte nota:

"Qual seja o significado deste sinal ou palavra de aviso, quando o vigia via uma pedra saindo da máquina, "*O Filho está vindo*" ou que erro possa haver na leitura, não sei dizer. Os MSS (manuscritos), tanto gregos quanto latinos, concordam todos nessa leitura; e não posso aprovar qualquer alteração conjectural e infundada do texto, de υἱὸς para ἰὸς, isto é, não "o filho" ou "uma pedra", mas "a *flecha*" ou "o *dardo*" está vindo, como fez o Dr. Hudson, sem correção por Havercamp. Se Josefo tivesse escrito mesmo a primeira edição destes livros da guerra em hebraico puro, ou se os judeus então usassem o hebraico puro em Jerusalém, a palavra hebraica para "filho" seria tão semelhante à de "pedra", ben e ʾeben, que tal correção poderia ser mais facilmente admitida. Mas Josefo escreveu a sua edição anterior para uso dos judeus além do Eufrates, e, portanto, na língua caldaica, assim como escreveu esta segunda edição em grego; e bar era a palavra caldaica para "filho", em vez do hebraico ben, e era usada não apenas na Caldeia, mas também na Judeia, como o Novo Testamento nos informa. Dio também nos diz que os próprios romanos em Roma pronunciavam o nome de Simão, filho de Gioras, como Bar-Poras, em vez de Bar-Gioras, como aprendemos em Hiphilino, p. 217. Reland observa que "muitos aqui procurarão um mistério, como se o significado fosse que o Filho de Deus estava vindo agora para vingar os pecados da nação judaica", o que é de fato a verdade do acontecimento, mas dificilmente o que os judeus poderiam então querer dizer, a não ser, possivelmente, por zombaria das ameaças de Cristo, de que Ele viria tantas vezes à frente do exército romano para a destruição deles. Mas mesmo essa interpretação tem apenas um grau muito pequeno de probabilidade. Se eu fosse fazer uma emenda por mera conjectura, eu leria πέτρος em vez de υἱὸς, embora a semelhança não seja tão grande quanto em ἰὸς, porque πέτρος é a palavra usada por Josefo imediatamente antes, como já foi observado nesta mesma ocasião; ao passo que ἰὸς, "flecha" ou "dardo", é apenas uma palavra poética e nunca usada por Josefo em outro lugar, além de não ser de modo algum adequada à ocasião, pois essa máquina não lançava flechas ou dardos, mas grandes pedras naquele momento." - Whiston's Josephus, bk. v. chap. vi. § 3, Note.

O Dr. Traill faz as seguintes observações sobre esta passagem:

"'O Filho está vindo'. Ὁ υἱὸς é a leitura de todos os MSS (manuscritos) e de Rufino; e não é fácil conceber como uma leitura tão singular se encontraria em todos, se não fosse a verdadeira. Nem as alterações propostas são de modo algum satisfatórias. Ὁ ἰὸς daria "a flecha", não "a pedra". Ὁ λίθος carece de autoridade. Cardwell propõe οὗτος,

A SEXTA VISÃO.

A CIDADE PROSTITUTA, APOCALIPSE 17; 18; 19; 20.

Chegamos agora a uma parte de nossa investigação na qual estaremos prestes a fazer grandes exigências à franqueza e à imparcialidade do leitor, e devemos pedir-lhe uma consideração paciente e isenta dos preconceitos das provas que lhe serão apresentadas. É possível que entremos em conflito com muitas predisposições; mas, se o tribunal do juízo estiver ocupado por um amor imparcial à verdade, não tememos uma decisão desfavorável.

Talvez seja conveniente, logo no início, tomar uma visão geral desta visão como um todo, visto que ela ocupa um espaço maior do que qualquer outra no livro, indicando assim a importância preeminente de seu conteúdo. Ela é introduzida por um breve prefácio ou prólogo. (Apocalipse 17:1-2) Um dos anjos das taças convida o vidente a vir e contemplar o juízo da "grande meretriz que está assentada sobre muitas águas". A visão é vista "no deserto". O profeta vê uma mulher assentada sobre uma besta escarlate, cheia de nomes de blasfêmia, tendo sete cabeças e dez chifres. A mulher está ricamente vestida de púrpura e escarlate, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, e tem na mão um

---

"aqui vem". A explicação de Reland provavelmente não está longe da verdade, a saber, que o grito fosse בא אבו = "a pedra está vindo", mas que alguns, enganados pela semelhança do som, o tenham tomado por בא הבו = "o filho está vindo". De um engano desse tipo, ou de alguma outra causa, o termo "o filho" poderia passar a ser aplicado como um apelido." - Traill, Josephus, Critical Notes, p. clx.

Somos levados a pensar que nenhuma dessas sugestões oferece uma explicação plenamente satisfatória, embora algumas se aproximem da verdade. Não podia deixar de ser bem conhecido entre os judeus que a grande esperança e fé dos cristãos era a vinda iminente do Filho. Foi aproximadamente nesse mesmo período que, segundo Hegésipo, Tiago, o irmão de nosso Senhor, testemunhou publicamente no templo que "o Filho do homem estava prestes a vir nas nuvens do céu" e, em seguida, selou o seu testemunho com o próprio sangue. Parece altamente provável que os judeus, em sua blasfêmia desafiadora e desesperada, ao verem a massa branca precipitando-se pelo ar, levantassem o grito insolente: "O Filho está vindo", em zombaria da esperança cristã da Parousia, à qual poderiam perceber uma semelhança grotesca na aparência estranha do projétil.

cálice de ouro "cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição". Na testa dessa figura visionária há uma inscrição: "MISTÉRIO, BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA". Ela é ainda descrita como "embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus". O anjo-intérprete passa então a revelar ao profeta maravilhado o significado da aparição. Ele identifica a besta desta visão com a primeira besta descrita em Apocalipse 13, cujo número é seiscentos e sessenta e seis, acrescentando novos detalhes à descrição, alguns deles de caráter muito obscuro. A mulher, ou meretriz, ele declara ser "a grande cidade que reina sobre os reis da terra". No capítulo seguinte (Apocalipse 18), a queda da Babilônia, a grande, ou da cidade meretriz, é descrita em linguagem de grande força e beleza. Isso é seguido, em Apocalipse 19, pela celebração nos céus do triunfo sobre Babilônia, o que dá ocasião para introduzir, por antecipação, as bodas do Cordeiro, que se aproximam; depois disso, há uma descrição da vitória do Campeão divino, cujo nome é a Palavra de Deus, sobre "a besta, o falso profeta e os reis da terra". Em Apocalipse 20, o dragão, cabeça da grande confederação contra a causa da verdade e de Deus, é preso e lançado no abismo por um período de mil anos. A visão então se encerra com uma grande catástrofe, um solene ato de juízo, no qual os mortos, grandes e pequenos, estão em pé diante de Deus e são julgados segundo as suas obras. Esse é um rápido esboço dos contornos desta magnífica visão.

A questão de maior importância e dificuldade com a qual temos aqui de lidar é: que cidade é significada pela mulher sentada sobre a besta escarlate, e designada "Babilônia, a grande"?

Pela grande maioria dos intérpretes, tem sido, e ainda é, recebida como uma proposição indubitável e quase autoevidente que a Babilônia do Apocalipse é, e não pode ser outra senão *Roma*, a imperatriz do mundo nos dias de São João e, desde o seu tempo, a sede e o centro da forma mais corrupta de cristianismo e do mais opressivo despotismo espiritual que o mundo jamais viu. Que há muito a favorecer essa opinião pode ser inferido do fato de sua aceitação geral. Pode até parecer que ela esteja além de qualquer questionamento, pela aparente identificação da meretriz da visão como a "cidade das sete colinas" e como "a grande cidade que reina sobre os reis da terra".

Parecerá presunçoso, bem como arriscado, contestar uma decisão que foi pronunciada por autoridade tão elevada, e que por tanto tempo predominou entre teólogos e comentaristas protestantes; e aquele que ousa fazê-lo entra na arena em grande desvantagem. Contudo, em favor da verdade, e com toda a reverência e lealdade ao ensino da Palavra divina, pode não apenas ser permitido, mas até mesmo imperativo, apresentar razões pelas quais a interpretação popular deste símbolo deva ser rejeitada como insustentável e falsa.

1. Há uma presunção *a priori* da mais forte espécie contra Roma ser a Babilônia do Apocalipse. A improbabilidade é grande mesmo no que diz respeito à Roma pagã, mas é muito maior no que diz respeito à Roma papal. O próprio desígnio do livro exclui a possibilidade de Roma ser representada como uma de suas *dramatis personæ*. A ideia fundamental do Apocalipse, como temos procurado demonstrar, é a Parousia iminente e o juízo concomitante da nação culpada. Roma, seja pagã ou cristã, situa-se inteiramente fora do campo de visão apocalíptico, o qual está restrito a "coisas que devem acontecer em breve". Divagar por todas as eras e países na interpretação dessas visões é absolutamente proibido pelas limitações expressas e fundamentais estabelecidas no próprio livro.

2. Por outro lado, é de se esperar *a priori* que grande destaque seja dado a *Jerusalém* no Apocalipse. Isso, de fato, se a nossa visão do propósito e do tema do livro estiver correta, deveria fazer dela a figura central do quadro. Se o Apocalipse é apenas a reprodução e a ampliação da profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, a qual se ocupa principalmente do juízo iminente de Israel e de Jerusalém, podemos esperar encontrar o mesmo no Apocalipse; e é tão irrazoável procurar por Roma no Apocalipse quanto seria procurá-la na profecia de nosso Senhor no Monte.

3. Merece atenção especial o fato de que, no Apocalipse, há duas cidades, e apenas duas, que são trazidas de modo proeminente e nominal ao campo de visão por meio de representação simbólica. Cada uma é a antítese da outra. Uma é a personificação de tudo o que é bom e santo; a outra, a personificação de tudo o que é mau e amaldiçoado. Conhecer uma é conhecer a outra. Essas duas cidades contrastantes são a nova Jerusalém e a grande Babilônia.

Não pode haver dúvida quanto ao que é significado pela nova Jerusalém: ela é a cidade de Deus, a habitação celestial, a herança dos santos na luz. Mas qual, então, é a antítese adequada da nova Jerusalém? Certamente não pode ser outra senão a antiga Jerusalém. De fato, essa antítese entre a antiga Jerusalém e a nova é traçada para nós de modo tão distinto por São Paulo na Epístola aos Gálatas, que ele coloca em nossas mãos a chave para a interpretação desse símbolo no Apocalipse. O apóstolo contrasta a Jerusalém "que agora é" com a Jerusalém que havia de ser; a Jerusalém que está em escravidão com a Jerusalém que é livre; a Jerusalém que é de baixo com a Jerusalém que é de cima. (Gálatas 4:25, 26) Temos uma antítese semelhante na Epístola aos Hebreus, onde "a cidade que tem os fundamentos" é contrastada com a "cidade que não permanece"; a cidade "cujo construtor é Deus" com a cidade de criação humana; "a cidade do Deus vivo", ou a "Jerusalém celestial", com a Jerusalém terrestre. (Hebreus 11:10, 16; 12:22) Do mesmo modo, temos a antítese entre essas duas cidades apresentada de maneira clara e ampla no Apocalipse, sendo uma a meretriz e a outra a noiva, a esposa do Cordeiro.

Esses paralelos ou contrastes precisam apenas ser colocados diante dos olhos para falarem por si mesmos:

A nova Jerusalém.	A antiga Jerusalém.
A Jerusalém celestial.	A Jerusalém terrena.
A cidade que tem os fundamentos.	A cidade que não permanece.
A cidade cujo construtor é Deus.	A cidade cujo construtor é o homem.
A Jerusalém que há de vir.	A Jerusalém que agora é.
A Jerusalém que é de cima.	A Jerusalém que é de baixo.
A Jerusalém que é livre.	A Jerusalém que está em escravidão.
A cidade santa.	A cidade ímpia.
A noiva.	A meretriz.

A antítese real e apropriada, portanto, da nova Jerusalém é a antiga Jerusalém; e, visto que a cidade contrastada com a nova Jerusalém é também designada Babilônia, concluímos que Babilônia é o nome simbólico da cidade ímpia e condenada, a antiga Jerusalém, cujo juízo aqui é predito.

4. Se for objetado que outros nomes simbólicos já foram apropriados para a antiga Jerusalém, que ela é designada "Sodoma e Egito", isso não é razão para que ela não possa também ser chamada Babilônia. Se ela passa sob um pseudônimo, por que não sob outro, desde que este seja descritivo de seu caráter? Todos esses nomes, Sodoma, Egito, Babilônia, são igualmente sugestivos de maldade e impiedade, e designações apropriadas da cidade ímpia cujo destino haveria de ser semelhante ao deles.

5. Merece atenção o fato de que há um título que, no Apocalipse, é aplicado a uma cidade em particular *par excellence*. Trata-se do título "aquela grande cidade" [ἡ πόλις ἡ μεγάλη]. É claro que é sempre a mesma cidade que assim é designada, a menos que outra seja expressamente especificada. Ora, a cidade em que as testemunhas são mortas é expressamente chamada por esse título, "aquela grande cidade"; e os nomes Sodoma e Egito lhe são aplicados; e, além disso, ela é particularmente identificada como a cidade "onde também o nosso Senhor foi crucificado". (Apocalipse 11:8) Não pode haver dúvida razoável de que isso se refere à antiga Jerusalém. Se, então, "a grande cidade" de Apocalipse 11:8 significa a antiga Jerusalém, segue-se que "a grande cidade" de Apocalipse 14:8, também chamada Babilônia, e "a grande cidade" de Apocalipse 16:19, devem igualmente significar Jerusalém. Pela mesma linha de raciocínio, "aquela grande cidade" [ἡ πόλις ἡ μεγάλη] em Apocalipse 17:18, e em outros lugares, deve referir-se também a Jerusalém. É mera suposição dizer, como faz o Dean Alford, que Jerusalém nunca é chamada por esse nome. Não há impropriedade, antes o contrário, em que tal título distintivo seja aplicado a Jerusalém. Para um israelita, ela era a cidade real, de longe a maior da terra, a única cidade que poderia propriamente ser assim designada; e jamais se deve esquecer que as visões do Apocalipse devem ser consideradas a partir de um ponto de vista judaico.

6. Na catástrofe da quarta visão (a das sete figuras místicas), o juízo de Israel é simbolizado pelo pisar do lagar. Somos informados também de que "o lagar foi pisado *fora da cidade*". (Apocalipse 14:20) Visto que a vinha da terra representa Israel, como indubitavelmente representa, segue-se que "a cidade" fora da qual as uvas são pisadas deve ser Jerusalém. A única cidade mencionada no mesmo capítulo é Babilônia, a

grande, (Apocalipse 14:8) a qual, portanto, deve representar Jerusalém. É inconcebível que a vinha da Judeia fosse pisada fora da cidade de Roma.

7. Em Apocalipse 16:19 afirma-se que "a grande cidade" foi dividida em *três partes* pelo terremoto sem precedentes mencionado em Apocalipse 16:18. Que grande cidade? Evidentemente a grande Babilônia, a qual é dita ter vindo à memória diante de Deus. Possivelmente, a divisão da cidade não tenha significado especial além de ilustrar o efeito desastroso do terremoto; mas, mais provavelmente, trata-se de uma alusão à figura empregada pelo profeta Ezequiel ao descrever o cerco de Jerusalém. (Ezequiel 5:1-5) O profeta é ordenado a tomar os cabelos de sua cabeça e de sua barba e, dividindo-os em três partes, queimar uma parte com fogo, cortar outra com a faca e espalhar a terceira aos quatro ventos, desembainhando uma espada atrás deles; enquanto apenas alguns poucos fios deveriam ser preservados e atados na aba de sua veste. Segue-se então a declaração enfática: "Assim diz o Senhor Deus: *Esta é Jerusalém*". (Ezequiel 5:5) É apropriado que, numa profecia tão repleta de símbolos como a de Ezequiel, busquemos luz para os símbolos do Apocalipse. Quão vividamente essa divisão tripartida da cidade representa o destino de Jerusalém no cerco de Tito é algo desnecessário enfatizar. Dificilmente se poderia imaginar uma descrição mais fiel do fato histórico real do que aquela resumida em Ezequiel 5:12: 'Uma terça parte de ti morrerá de peste e será consumida pela fome no meio de ti; e uma terça parte cairá à espada ao teu redor; e a outra terça parte espalharei a todos os ventos, e desembainharei a espada atrás deles".

Mas, quer essa seja ou não a alusão na visão, a linguagem é completamente ininteligível se aplicada a qualquer outra cidade que não Jerusalém. Em que sentido razoável se poderia dizer que Roma foi dividida em três partes? É Roma que vem à memória diante de Deus? É a Roma que recebe o cálice do vinho do furor da ira de Deus? Esta última figura deveria ter sugerido aos comentaristas a verdadeira interpretação, pois trata-se de um símbolo aplicado de modo característico a Jerusalém: "Desperta, desperta, levanta-te, ó Jerusalém, tu que bebeste da mão do Senhor o cálice do seu furor; bebeste o fundo do cálice do tremor e o esgotaste". (Isaías 51:17)

8. Mas um argumento de peso ainda maior, e que pode ser considerado decisivo contra a identificação de Roma como a Babilônia do Apocalipse, ao mesmo tempo em que prova a identidade entre Jerusalém e Babilônia, é aquele derivado do nome e do caráter da mulher na visão. Vimos que a mulher representa uma cidade; uma cidade chamada "a grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o nosso Senhor foi crucificado". (Apocalipse 11:8) Essa mulher, ou cidade, é também chamada *meretriz*, "a grande meretriz", "a mãe das meretrizes e das abominações da terra". Ora, essa é uma designação familiar e bem conhecida no Antigo Testamento, e totalmente inadequada e inaplicável a Roma. Roma era uma cidade pagã e, consequentemente, incapaz daquele grande e condenatório pecado que era possível, e, infelizmente, real, no caso de Jerusalém. Roma não era capaz de violar a aliança do seu Deus, nem de ser infiel ao seu divino Esposo, pois jamais foi a esposa casada de Jeová. Essa foi a culpa culminante de Jerusalém, exclusiva entre todas as nações da terra, e é *o pecado* pelo qual, ao longo de toda a sua história, ela é acusada e condenada. É impossível ler a vívida descrição da grande meretriz no Apocalipse sem ser imediatamente remetido ao seu protótipo nos profetas do Antigo Testamento. Ao longo de todo o testemunho deles, este é *o pecado*, e este é *o nome*, que lançam contra Jerusalém. Ouvimos Isaías exclamar: "Como se tornou meretriz a cidade fiel!" (Isaías 1:21) "Descobriste-te a outro, e não a mim; e subiste; alargaste a tua cama e fizeste pacto com eles". (Isaías 57:8) De modo ainda mais enfático, o profeta Jeremias estigmatiza Jerusalém com esse epíteto acusatório: "Vai, e clama aos ouvidos de Jerusalém, dizendo: Assim diz o Senhor: Lembro-me de ti, da benignidade da tua mocidade, do amor dos teus desposórios". (Jeremias 2:2) mas, "sobre todo o alto monte e debaixo de toda árvore verde te prostituías". (Jeremias 2:20) "Tu te prostituíste com muitos amantes". (Jeremias 3:1) "poluíste a terra com as tuas prostituições e com a tua maldade". (Jeremias 3:2) "tinhas fronte de meretriz e recusaste envergonhar-te". (Jeremias 3:3) "Ela subiu a todo monte alto e debaixo de toda árvore verde, e ali se prostituiu". (Jeremias 3:6) "Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor, porque eu sou vosso esposo". (Jeremias 3:14) "Certamente, como a mulher se aparta aleivosamente do seu marido, assim procedestes aleivosamente comigo,

ó casa de Israel, diz o Senhor". (Jeremias 3:20) "Quando te vestes de escarlata, quando te adornas com enfeites de ouro, quando pintas os olhos, debalde te fazes formosa; os teus amantes te desprezarão e procurarão tirar-te a vida". (Jeremias 4:30) "Que tem a minha amada que fazer na minha casa, visto que pratica muitas abominações?" (Jeremias 11:15) "Vi os teus adultérios, os teus rinchos, a lascívia da tua prostituição e as tuas abominações sobre os outeiros, no campo. Ai de ti, ó Jerusalém! Não te purificarás? Até quando ainda?" (Jeremias 13:27)

Deixando de lado os outros profetas, é em Ezequiel que encontramos essa figura desenvolvida em sua máxima extensão. No capítulo dezesseis, toda a história de Israel, personificada por Jerusalém, é narrada em estilo alegórico e poético; e bastará aqui citar o sumário desse capítulo nas palavras colocadas como prefácio por nossos tradutores.

EZEQUIEL 16 - CONTEÚDO.

1. Sob a semelhança de uma criança miserável é mostrado o estado natural de Jerusalém. 6. O extraordinário amor de Deus para com ela. 15. A sua monstruosa prostituição. 35. O seu terrível juízo. 44. O seu pecado, igualando-se ao de sua mãe e excedendo o de suas irmãs, Sodoma e Samaria, clama por juízos. 60. Ao fim, a misericórdia lhe é prometida.

Pensamos que dificilmente seja possível a qualquer mente sincera e inteligente comparar as alegorias de Ezequiel em Ezequiel 16, Ezequiel 22 e Ezequiel 23 com a descrição da meretriz no Apocalipse, sem ficar convencida de que encontramos na profecia o original e o protótipo da visão, e de que ambas retratam o mesmo indivíduo, isto é, Jerusalém.

Temos assim evidência decisiva de que a culpa característica de Jerusalém foi aquele pecado que é conhecido nas Escrituras como adultério espiritual; uma transgressão que não poderia ser imputada a Roma, porque ela não mantinha a mesma relação com Deus que Jerusalém mantinha. É a Jerusalém, e somente a Jerusalém, que esse epíteto vergonhoso é aplicado, com melancólica uniformidade, como sendo, de modo peculiar e preeminente, "*a cidade meretriz*".

9. Certamente será levantada, como objeção a essa identificação de Jerusalém como a Babilônia apocalíptica, a alegação de que a descrição topográfica da "grande cidade" é tão exatamente aplicável a Roma que é impossível que qualquer outra cidade seja pretendida. Por exemplo, o

versículo nove declara: "Aqui está a mente que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada". (Apocalipse 17:9) Isso deve ser Roma, e nenhuma outra; pois ela é notoriamente a "urbs septi-collis", a cidade das sete colinas.

Contudo, o objetor poderia ter percebido que, se a identidade da cidade fosse tão autoevidente, dificilmente seria apropriado prefaciar a explicação com as palavras significativas: "Aqui está a mente que tem sabedoria"; isto é, requer-se sabedoria para compreender a interpretação da visão. Essa explicação é superficial demais para ser correta.

Na interpretação de um livro simbólico, um excesso de literalidade pode ser fonte de erro. Especialmente o número simbólico *sete* é o que menos deve ser tomado em sentido estritamente aritmético. Há muitos exemplos no Apocalipse do uso desse número simbólico, nos quais nenhum intérprete de bom senso sonharia em contar as unidades. Temos sete cabeças, sete olhos, sete lâmpadas, sete estrelas, sete trovões, sete espíritos. Seria uma absurda incongruência insistir numa contagem literal desses objetos; por que, então, *sete* deveria ser entendido aritmeticamente quando atribuído aos *montes*? Não é muito mais congruente com a natureza de tal símbolo que ele tenha um sentido *moral* ou *político*, antes que *topográfico*, indicando a preeminência da cidade em poder ou privilégio? Como Cafarnaum, Jerusalém foi "exaltada até o céu" e, como ela, havia de ser "abatida até o inferno". (Mateus 11:23)

Mas, ainda que se conceda que a expressão "assentada sobre sete montes" tenha um significado topográfico, essa característica é plenamente representada na situação de Jerusalém. Ela era, na realidade, muito mais uma cidade-montanha do que a própria Roma. "O seu fundamento está nos montes santos". (Salmos 87:1) "Grande é o Senhor e muito digno de louvor na cidade do nosso Deus, no monte da sua santidade". (Salmos 48:1-2) Jerusalém era "uma cidade edificada sobre um monte". (Mateus 5:14) Até hoje o viajante se impressiona com essa peculiaridade de sua localização.

"A própria cidade está soberbamente situada, *como uma rainha sobre os montes*, com profundos vales e montanhas ao redor para guardá-la".[1]

Todavia, se o literalista ainda exigir que a Babilônia mística possua a contagem completa de colinas, Jerusalém tem tão bom direito quanto Roma de assentar-se sobre sete montes. Além das bem conhecidas colinas de Sião, Moriá, Acra, Bezeta e Ofel, a fortaleza de Antônia erguia-se sobre outra elevação, e havia ainda outra eminência ou cume rochoso sobre o qual Herodes, o Grande, construiu as torres de Hipico, Fasael e Mariamne.[2] (Ver Züllig, The Revelation, Studien und Kritiken, 1842.) É possível, portanto, encontrar sete colinas em Jerusalém; embora se deva admitir que Josefo mencione apenas quatro, ou no máximo cinco.[3] Consideramos, porém, que o símbolo se refere à posição elevada da cidade, ou à sua preeminência política.

10. Outra objeção, ainda mais formidável, será alegada com base na declaração de Apocalipse 17:18: "A mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra". É afirmado que isto não pode aplicar-se a Jerusalém, mas apenas a Roma. Jerusalém jamais foi uma cidade

---

[1] Home in the Holy Land, p. 124.

[2] Hipico, Fasael e Mariamne foram edificadas sobre uma eminência que Josefo descreve como tendo cerca de 45 pés de altura. Essas três torres erguiam-se sobre uma elevação isolada que se destacava acima da elevação geral dessa parte da colina (Lewin, Siege of Jerusalem, pp. 348, 350).

Antônia foi construída sobre uma rocha de 75 pés de altura, a qual era escarpada em todos os lados (ibid., p. 437).

[3] "A cidade foi construída sobre quatro colinas. Destas, a ocidental, ou antiga Sião, era a mais alta, elevando-se cerca de 200 pés acima de Moriá. Ao norte e ao leste, em frente a Sião, e separadas dela pelo vale do Tiropeon, ficavam a Acra, em forma de crescente, e Moriá, esta última com Ofel, o subúrbio dos sacerdotes, como seu prolongamento meridional. Por fim, a quarta colina, Bezeta, a cidade nova, erguia-se ao norte do monte do templo e da Acra, e era separada delas por um vale artificial... Fortificações destacadas guardavam as diversas colinas sobre as quais a cidade se erguia, como Milo, Ofel e outras. Dentre elas, a mais alta e a mais forte era a torre de Antônia, que se elevava a uma altura de 105 pés, sendo ela própria edificada sobre uma rocha de 75 pés de altura". - Edersheim, The Temple, pp. 11, 13.

Aqui temos sete colinas enumeradas, embora apenas quatro sejam normalmente reivindicadas como tais, a saber: Sião, Moriá, Acra, Ofel, Bezeta, Milo e a rocha da torre de Antônia

imperial, com nações vassalas e reis tributários sujeitos à sua autoridade; ao passo que Roma foi a senhora e soberana do mundo.

No que diz respeito ao título "a grande cidade" [ἡ πόλις ἡ μεγάλη], já demonstramos que ele é de fato aplicado a Jerusalém em várias passagens do Apocalipse. (Apocalipse 11:8, 13; 14:8, 20; 16:19) Para o judeu, ela era uma grande cidade, e com boa razão. Há uma passagem notável em Josefo, na qual ele registra o discurso de Eleazar, o valente defensor da fortaleza de Massada, incitando seus homens a destruírem a si mesmos, com suas esposas e filhos, antes de se renderem aos romanos:

"Onde está agora", disse ele, "aquela *grande cidade*, a metrópole de toda a nação dos judeus, protegida por tantas muralhas circundantes, assegurada por tantas fortalezas, e pela imponência de suas torres, que com dificuldade podiam conter seus armamentos de guerra, e que era guarnecida por tantas miríades de defensores? O que aconteceu àquela nossa cidade, na qual se acreditava que o próprio Deus habitava? Arrancada desde os seus fundamentos, foi varrida, restando apenas um memorial dela, o acampamento de seus destruidores ainda plantado sobre as suas ruínas".[1]

Tal passagem elimina de imediato a objeção de que o título "aquela grande cidade" não seja aplicável a Jerusalém.

Quanto à expressão "que reina sobre os reis da Terra", a falácia que tem enganado a muitos está na tradução incorreta *[na KJV]* de "reis da *Terra [earth]*" [βασιλεῖς τῆς γῆς]. Uma fonte extremamente fecunda de confusão e erro na interpretação do Novo Testamento é o modo caprichoso e incerto pelo qual γῆ é traduzido na nossa Versão Autorizada. Às vezes, embora raramente, ela recebe o seu sentido próprio, a terra [land] (no sentido de território ou país); porém, com muito mais frequência, é traduzida por a Terra [earth], e os tradutores jamais parecem ter-se dado ao trabalho de investigar se a palavra deveria ser tomada em seu sentido mais amplo ou em um sentido mais restrito. Com incrível descuido, eles traduzem πᾶσαι αἱ φυλαὶ τῆς γῆς por "todas as tribos da Terra [earth]", em vez de "todas as tribos da terra [land]"; e ἡ ἄμπελος τῆς γῆς por "a vinha da Terra [earth]", em vez de "a vinha da terra [land]". Do mesmo modo, na passagem diante de nós (Apocalipse 17:18), "os reis da Terra [earth]" deveriam ser entendidos como "reis da terra [land]", isto é, da Judeia ou da Palestina. Essa mesma expressão é

[1] Traill's Josephus, bk. vii. chap. viii. § 7.

usada no Novo Testamento em sentido restrito, significando "os governantes da terra", por São Pedro em Atos 4:26-27: "Porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, a quem ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com os gentios e o povo de Israel", etc. E ele reconhece esse fato como o cumprimento da predição do Salmo segundo: "Por que se amotinam as nações, e os povos imaginam coisas vãs? *Os reis da terra* [οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς] se levantaram, e os príncipes se ajuntaram à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido". Os "reis da terra", portanto, são identificados pelo apóstolo Pedro como os governantes confederados que levaram à morte o Filho de Deus na cidade de Jerusalém. O mesmo ocorre em Apocalipse 6:15, onde "os reis da terra" [οἱ βασιλεῖς τῆς γῆς] são representados como escondendo-se da face daquele que está assentado no trono, no grande dia da sua ira. A expressão, portanto, equivale a "as autoridades governantes na terra da Judeia", ou da Palestina.

Já indicamos anteriormente a correspondência entre a passagem agora mencionada (Apocalipse 6:15-16) e o esboço original da cena tal como descrita na profecia de Isaías. (Isaías 2:10-22; 3:1-3) Por isso, é desnecessário aqui fazer mais do que chamar a atenção para a correspondência evidente entre "os reis da terra" na visão e "os valentes e os homens de guerra", etc., na profecia. Somos, portanto, não apenas autorizados, mas obrigados, a considerar a expressão "reis da Terra [earth]" como equivalente a "governantes da terra [land]".

11. Assim interpretada, a descrição da Babilônia, a grande, como "reinando sobre os governantes da terra", torna-se perfeitamente apropriada a Jerusalém. Isso se evidencia pela linguagem com que tanto as Escrituras quanto outros escritos hebraicos falam da autoridade e da preeminência desfrutadas por essa cidade. Por exemplo, o profeta Jeremias descreve Jerusalém como "a que era grande entre as nações, e princesa entre as províncias", (Lamentações 1:1) linguagem plenamente equivalente a "aquela grande cidade que domina sobre os governantes da terra". Ainda, se uma cidade tão pequena como Belém pôde ser chamada "de modo nenhum a menor entre os príncipes de Judá", (Mateus 2:6) certamente a cidade metropolitana poderia, sem impropriedade, ser dita "reinar sobre os príncipes, ou governantes, da terra". Mas a linguagem

empregada por Josefo sobre esse assunto constitui uma plena justificação da descrição apocalíptica de Jerusalém:

"A Judeia", diz ele, "estende-se em largura desde o rio Jordão até Jope. No seu próprio centro encontra-se a cidade de Jerusalém; razão pela qual alguns, não impropriamente, chamaram essa cidade de 'o umbigo' do país. Ela [a Judeia] está dividida em onze repartições (toparquias), das quais *Jerusalém, como sede da realeza, é suprema, exaltada sobre toda a região circunvizinha, como a cabeça sobre o corpo*".[1]

Esta é uma linguagem que equivale à expressão: "aquela grande cidade que reina sobre os reis, ou governantes, da terra".

12. Pode talvez parecer uma dificuldade afirmar que a Jerusalém da era apostólica pudesse, com propriedade, ser chamada de "a cidade prostituta", visto que esse nome implica *idolatria*, isto é, adultério espiritual; ao passo que os judeus daquele período eram intensamente monoteístas e chegaram, de fato, a ameaçar revoltar-se antes que permitir que o templo fosse profanado pela introdução da estátua do imperador. Isso é, sem dúvida, verdadeiro no sentido literal; contudo, como insinua o apóstolo Paulo (Romanos 2:22), os judeus de seu tempo, embora abominassem os ídolos, eram culpados de sacrilégio. Bem disse o Dr. Hodge:

"A essência da idolatria era a profanação de Deus; disso os judeus eram culpados em alto grau. Eles haviam feito da Sua casa um covil de ladrões".[2]

Eles haviam apostatado de Deus tão verdadeiramente quanto se tivessem instituído o culto a Baal ou a Júpiter. Ao rejeitarem o Messias, romperam definitivamente a aliança do seu Deus. Nosso Senhor declarou expressamente que aquela geração concentrava em si os crimes e a culpa de todos os seus predecessores. Era o filho e herdeiro de todas as gerações más que a haviam precedido, e encheu a medida de seus pais: "Para que sobre vós venha todo o sangue justo derramado sobre a terra", etc. "Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração". (Mateus 23:35-36)

---

[1] Traill's Josephus, Jewish Wars, bk. iii. c. 3, § 5.

[2] Hodge, Commentary on Romans ii. 22.

13. ais um argumento em favor da identificação de Jerusalém com a Babilônia apocalíptica, e um que consideramos conclusivo, encontra-se no caráter atribuído à cidade como perseguidora e assassina dos profetas e dos santos: "Vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus". (Apocalipse 17:6) "E nela se achou o sangue de profetas, e de santos, e de todos os que foram mortos na terra". (Apocalipse 18:24) "Exulta sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas, porque Deus julgou a vossa causa contra ela". (Apocalipse 18:20) Quem pode deixar de reconhecer nessa descrição as características distintivas da Jerusalém daquela geração? Quem é que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados? Jerusalém. Qual é a cidade da qual não convém que um profeta pereça, que detém um infame monopólio de assassinar os mensageiros de Deus? Jerusalém. O sangue dos santos e dos profetas é a mancha imemorial sobre Jerusalém; o estigma do homicida impresso em sua fronte; e a geração que crucificou Cristo é descrita por Ele como "os filhos dos que mataram os profetas", e assim "encheram a medida de seus pais". (Mateus 23:30-32)

É impossível confundir o portador dessa acusação tão notável e distintiva, inscrita na testa de Jerusalém, há muito tempo estigmatizada pelo profeta Ezequiel como "a cidade sanguinária". (Ezequiel 22:2; 24:6-9)

Não é sem razão, portanto, que os apóstolos e profetas são convidados a exultar pela queda de sua perseguidora e assassina implacável. As almas debaixo do altar haviam clamado por muito tempo: "Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e não vingas o nosso sangue dos que habitam na terra?" *(Apocalipse 6:10)* Elas haviam sido consoladas com a mensagem de "que repousassem ainda por um *pouco de tempo*, até que se completasse o número de seus conservos e irmãos, que haviam de ser mortos como também eles foram". *(Apocalipse 6:11)* então "Deus julgaria prontamente os seus eleitos". *(cf. Lucas 18:7-8)* E agora chegou o dia da vingança, o ano dos seus remidos.

Pode haver prova mais conclusiva de que é Jerusalém, a assassina dos profetas, que aqui é descrita, de que Jerusalém é a Babilônia do Apocalipse?[1] Quão exata é a correspondência entre a predição de nosso

[1] É notável que Dean Alford, que está longe de reconhecer Jerusalém na meretriz apocalíptica, ao falar da antiga igreja judaica a descreve precisamente na linguagem de

Senhor em Lucas 11:49–51 e o seu cumprimento em Apocalipse 18:24:

"Portanto, disse também a sabedoria de Deus: Enviarei a eles profetas e apóstolos, e a alguns deles matarão e perseguirão; para que seja requerido *desta geração* o sangue de todos os profetas, derramado desde a fundação do mundo".

"E nela se achou o sangue de profetas e de santos, e de todos os que foram mortos na terra".

Tendo assim procurado identificar a mulher da visão, passamos agora a investigar o mistério da besta sobre a qual ela está assentada.

O MISTÉRIO DA BESTA ESCARLATE.

Apocalipse 17:3, 7-11: "E vi uma mulher sentada sobre uma besta escarlate, cheia de nomes de blasfêmia, tendo sete cabeças e dez chifres... Eu te direi o mistério da mulher e da besta que a sustenta, a qual tem as sete cabeças e os dez chifres. A besta que viste era, e não é, e está para subir do abismo e ir à perdição; e os que habitam na terra se maravilharão, aqueles cujos nomes não estão escritos no livro da vida desde a fundação do mundo, quando virem a besta que era, e não é, e há de vir. Aqui está a mente que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está sentada. E ali [eles] são sete reis: cinco caíram, um existe, o outro ainda não chegou; e, quando chegar, deve permanecer por pouco tempo. E a besta que era e não é, ela mesma é o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição".

Não pode haver dúvida razoável de que a besta [θηρίον] aqui descrita é idêntica à de Apocalipse 13. O nome, a descrição e os atributos do monstro apontam claramente para o mesmo indivíduo. Há, contudo, nesta segunda descrição, pormenores adicionais que, à primeira vista, parecem mais obscurecer do que esclarecer o sentido. A cor *escarlate*, de fato, pode ser facilmente reconhecida como símbolo de dignidade imperial; mas o que dizer dos aparentes paradoxos: "era, e não é, e há de vir novamente"? e "é o oitavo [rei], e é dos sete, e vai à perdição"?

Já fomos conduzidos à conclusão de que a besta selvagem (Apocalipse 13) significa Nero. O paradoxo ou enigma que o representa como “a besta que era, e não é, e há de aparecer” é um enigma que, à

Apocalipse 17:2, 6: "Foi aquela mesma igreja que depois, *quando estabelecida em Jerusalém*, abandonou o seu Senhor e Esposo, e *cometeu adultério com os reis da terra, e se embriagou com o sangue dos santos*". - Greek Testament, Notes on Revelation xii. 16.

Este é provavelmente um testemunho involuntário, mas tanto mais impressionante, da veracidade da descrição apocalíptica.

primeira vista, parece inexplicável. É evidentemente uma contradição em termos e só pode ser verdadeiro em algum sentido peculiar. Que isso de fato seja verdadeiro, em algum sentido, a respeito de Nero, é um dos fatos mais extraordinários da história, e aplica a ele essa descrição simbólica com toda a força de uma demonstração. Parece estar estabelecido pelas mais claras evidências que, na morte de Nero, houve uma crença popular e amplamente difundida de que o tirano ainda estava vivo e que em breve reapareceria. Temos o testemunho expresso de Tácito, Suetônio e de outros historiadores quanto à existência de tal persuasão. Tem-se objetado que essa explicação do paradoxo virtualmente imputa equivocação às Escrituras. Que pode haver de mais frívolo do que tal argumento? Qualquer explicação do que é uma contradição em termos deve ser, em algum grau, não literal e equívoca; mas é absurdo, ao lidar com um livro de símbolos, exigir verdade literal. Deve-se provar, porventura, que Nero tinha dez chifres?

Era certamente legítimo ao profeta-vidente indicar uma pessoa, a quem ele não ousava nomear, por meio de qualquer representação simbólica que conduzisse ao seu reconhecimento. Que poderia ser mais distintivo da pessoa particular visada do que esse próprio fato de sua esperada reaparição após a morte? De quão poucas pessoas no mundo poderia ser entretida tal opinião? Que seja historicamente verdadeiro que tal ilusão popular tenha prevalecido a respeito de Nero, consideramos ser uma prova singular e conclusiva de que ele é o indivíduo indicado pelo símbolo.

OS SETE REIS.

É mais difícil decifrar o enigma dos sete reis, dos quais a besta é um, e, ainda assim, o oitavo. As sete cabeças do monstro parecem ser emblemáticas não apenas dos sete montes sobre os quais a mulher se assenta, mas também de sete reis que mantêm uma dupla relação, a saber, com a mulher e com a besta. O antítipo do símbolo deve, portanto, sustentar essa dupla relação, embora se espere, por serem conaturais ao monstro, que a sua relação com ele seja a mais íntima. Desses sete reis, declara-se que "cinco caíram, um existe, e o outro ainda não veio; e, quando vier, deve permanecer por pouco tempo; e a besta que era, e não é agora, ela mesma é o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição".

Já vimos que, em geral, o número sete, sendo um número simbólico, não deve ser tomado como representando tantas unidades, mas como indicando perfeição ou totalidade. Há ocasiões, contudo, em que parece necessário tomá-lo em sentido aritmético, como, por exemplo, quando está em estreita conexão com outros números. No caso diante de nós, em que lemos acerca de sete reis, cinco dos quais caíram, um existe, e o sétimo ainda não veio, enquanto se insinua um misterioso oitavo, é difícil compreender o número sete em qualquer outro sentido que não o literal e numérico.

Onde, então, devemos procurar esses sete reis ou cabeças? É presumível que eles também estejam onde estão os montes, isto é, no lugar onde a cena é situada. Se a meretriz significa Jerusalém, deveríamos esperar encontrar ali também os reis. Onde, então, se encontram sete reis, e um misterioso oitavo, em Jerusalém? Foram sugeridos os reis da linhagem herodiana, a saber: 1. Herodes, o Grande; 2. Arquelau; 3. Filipe; 4. Herodes Antipas; 5. Agripa I; 6. Herodes de Cálcis; 7. Agripa II. Essa é a sugestão do Dr. Züllig, e merece elogio pela engenhosidade; mas há duas objeções fatais contra ela: primeiro, nem todos podem ser ditos reis ou governantes em Jerusalém, ou mesmo na Judeia; e, segundo, nem todos pertencem ao período apocalíptico, o fim da era judaica, ou os últimos dias de Jerusalém, o que é uma condição indispensável.

Arriscamo-nos a propor outra solução, que julgamos satisfazer, em todos os aspectos, às exigências do problema. Tendo em mente o que já foi demonstrado, que o título "reis" é frequentemente usado como sinônimo de governantes ou magistrados, sustentamos que os βασιλεῖς aqui mencionados não são outros senão os procuradores romanos da Judeia, sob Cláudio e Nero. Foi no reinado de Cláudio que a Judeia se tornou, pela segunda vez, uma província romana. Esse fato é expressamente declarado por Josefo, assim como a razão pela qual a mudança foi efetuada. Com a morte de Herodes Agripa I, a quem Calígula havia conferido a soberania de todo o reino, seu filho Agripa II foi considerado por Cláudio jovem demais para ocupar o trono de seu

pai. A Judeia foi, portanto, reduzida à condição de província.[1] Cúspio Fado foi enviado à Judeia como o primeiro desta segunda série de procuradores.

Esses procuradores eram, de fato, vice-reis, e correspondem bem ao título βασιλεῖς na visão.[2] O seu número também coincide exatamente com o apresentado no Apocalipse. Desde a nomeação de Cúspio Fado até o início da guerra judaica, houve sete governadores que exerceram autoridade suprema em Jerusalém e na Judeia. Foram eles: 1. Cúspio Fado; 2. Tibério Alexandre; 3. Vêntidio Cumano; 4. Antônio Félix; 5. Pórcio Festo; 6. Albino; 7. Gésio Floro.

Temos aqui, portanto, um período bem definido, que se enquadra nos limites apocalípticos quanto ao tempo, ocupa o terreno apocalíptico quanto ao lugar, e corresponde ao símbolo apocalíptico quanto ao número, caráter e título. Esses vice-reis sustentam a dupla relação exigida pelo símbolo: relacionam-se com a besta como romanos e como delegados, e relacionam-se com a mulher como poderes governantes.

Torna-se agora fácil compreender como o próprio Nero, a besta que sobe do mar, o tirano estrangeiro, pode ser chamado de oitavo e, ainda assim, dos sete. Ele era a cabeça suprema, e esses procuradores eram seus delegados, os representantes do imperador na Judeia e em Jerusalém. Assim, ele poderia ser dito proceder deles, e, contudo, ser distinto deles, o oitavo, e ainda dos sete. Isso confere uma propriedade natural e adequada à linguagem aparentemente enigmática e paradoxal da representação simbólica, e resolve o enigma sem recurso a interpretações forçadas ou a manipulações engenhosas.

---

[1] Veja Josephus, Antiquities, bk. xix. chap. ix. § 2; Wars, bk. ii. chap. xi. § 4; Tacitus, Hist. bk. v. chap. 9.

[2] Tácito diz, referindo-se a Félix, um desses procuradores: "Jus regium servilio ingenio exercuit" (Exerceu a autoridade de um rei com o espírito de um escravo).

OS DEZ CHIFRES DA BESTA.

Há também muita obscuridade no símbolo seguinte em Apocalipse 17:12:

"E os dez chifres que viste são dez reis, que ainda não receberam reino; mas recebem autoridade como reis por uma hora [ou: *num mesmo tempo, contemporaneamente*] juntamente com a besta".

Observa-se que esses "dez reis" possuem as seguintes características:

1. São satélites ou tributários da besta, isto é, sujeitos a Roma.

2. Estão confederados com a besta contra Jerusalém.

3. São hostis ao cristianismo.

4. São hostis à meretriz e agentes ativos em sua destruição.

5. Quando o apóstolo escreveu, esses reis ainda não haviam sido investidos de poder.

6. Seu poder seria contemporâneo ao da besta.

No conjunto, concluímos que esse símbolo significa os príncipes e chefes auxiliares que eram aliados de Roma e receberam comandos no exército romano durante a guerra judaica. Sabemos, por Tácito e Josefo, que vários reis de nações vizinhas acompanharam Vespasiano e Tito à guerra. Já foi feita alusão a alguns desses auxiliares: Antíoco, Soêmo, Agripa e Malco. Sem dúvida havia outros, mas não é necessário produzir o número exato de dez, que, como o sete, parece ser um número místico ou simbólico. Eles são representados como animados por uma amarga hostilidade contra Jerusalém, a cidade meretriz: "Estes odiarão a meretriz, e a deixarão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão com fogo. Porque Deus pôs em seus corações que cumpram a sua vontade, e que concordem, e deem o seu reino à besta, até que se cumpram as palavras de Deus". (Apocalipse 17:16-17) Tácito fala da amarga animosidade de que estavam cheios os auxiliares árabes de Tito contra os judeus,[1] e temos uma prova terrível do ódio intenso sentido contra os judeus pelas nações vizinhas nos massacres em massa desse povo infeliz, perpetrados em muitas grandes cidades pouco antes do início da guerra. Toda a população judaica de Cesareia foi massacrada

[1] History, bk. v. § 1.

em um único dia. Na Síria, cada cidade foi dividida em dois campos, judeus e sírios. Em Citópolis, mais de treze mil judeus foram trucidados; em Ascalom, Ptolemaida e Tiro, atrocidades semelhantes ocorreram. Mas em Alexandria, o massacre dos habitantes judeus superou todos os outros. Todo o bairro judeu foi inundado de sangue, e cinquenta mil cadáveres jaziam em montes horrendos nas ruas.[1] Este é um comentário terrível às palavras do anjo-intérprete: "Os dez chifres que viste sobre a besta, estes odiarão a meretriz", etc.

Resta apenas notar mais um aspecto da visão. A mulher é representada como "assentada sobre muitas águas", e, no versículo quinze, diz-se que essas águas significam "povos, e multidões, e nações, e línguas". A Babilônia mística, assim como o seu protótipo, a Babilônia literal, é dita "assentar-se sobre muitas águas". O profeta Jeremias dirige-se assim à antiga Babilônia: "Ó tu que habitas sobre muitas águas", (Jeremias 51:12) e essa descrição parece ser igualmente apropriada a Jerusalém.

A influência exercida pela raça judaica em todas as partes do Império Romano, antes da destruição de Jerusalém, era imensa; suas sinagogas encontravam-se em todas as cidades, e suas colônias criavam raízes em todas as terras. Vemos em Atos 2 as admiráveis ramificações da raça hebraica em países estrangeiros, a partir da enumeração das diferentes nações que estavam representadas em Jerusalém no dia de Pentecostes: "Estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, de todas as nações debaixo do céu... partos, medos, elamitas, e os que habitam na Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, no Ponto e na Ásia, Frígia e Panfília, no Egito e nas partes da Líbia junto a Cirene, e forasteiros de Roma, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes". Jerusalém podia verdadeiramente ser dita "assentar-se sobre muitas águas", isto é, exercer uma poderosa influência sobre "povos, e multidões, e nações, e línguas".

Tal é a visão da "cidade meretriz", cujo destino é o grande tema tanto da profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras quanto do Apocalipse. Que é Jerusalém, e somente Jerusalém, o objeto aqui retratado deve, pensamos, ser abundantemente claro para toda mente

---

[1] Josephus, Jewish Wars, bk. ii. chap. xviii.

imparcial e sincera; e qualquer outro sujeito seria totalmente estranho a todo o propósito e objetivo do Apocalipse.

NOTA SOBRE APOCALIPSE 17.

A IDENTIDADE DA BESTA DO APOCALIPSE COM O HOMEM DO PECADO EM 2 TESSALONICENSES 2.

Antes de deixar este capítulo, convém observar a notável correspondência entre o "homem do pecado" delineado por São Paulo em 2 Tessalonicenses 2 e a besta descrita por São João em Apocalipse 13 e 17. Observar-se-á que nenhum dos apóstolos *nomeia* o formidável personagem a quem se refere; e, sem dúvida, pelo mesmo motivo. Só esse fato já poderia bastar para sugerir quem é o personagem pretendido. Haveria pouquíssimas pessoas cujo nome não fosse seguro pronunciar, provavelmente não mais que uma, e essa, a mais poderosa da terra. Não podemos supor que o nome tenha sido suprimido meramente por gosto de mistificação: devia haver um motivo adequado; esse motivo tinha de ser prudencial; e, sendo prudencial, era, sem dúvida, político, isto é, evitar incorrer na suspeita de desafeição ao governo.

Além disso, há uma correspondência tão minuciosa e tão múltipla entre o "homem do pecado" de São Paulo e a "besta" de São João que torna quase certo que ambos se referem ao mesmo indivíduo. Já havíamos, por fundamentos independentes e tratando cada assunto separadamente, chegado à conclusão de que o imperador Nero é o personagem visado por ambos os apóstolos; e, quando colocamos os dois retratos lado a lado, essa conclusão se estabelece de modo decisivo. Basta lançar um olhar às descrições paralelas para nos convencer de que elas retratam o mesmo indivíduo, e esse indivíduo é o monstro Nero:

O HOMEM DO PECADO, 2 TS. 2	A BESTA, AP. 13; 17
"O homem do pecado" (v. 3).	"Sobre as suas cabeças nomes de blasfêmia" (13:1). "Cheia de nomes de blasfêmia" (17:3).
"O filho da perdição" (v. 3).	"Ele vai para a perdição" (17:8). "Vai para a perdição" (17:11).
"O iníquo" (v. 8).	"Foi-lhe dado poder para fazer o que quisesse" (13:5).
"O qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou é objeto de culto" (v. 4).	"Foi-lhe dada uma boca que proferia grandes coisas... e abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus" (13:5–6).
"De sorte que se assenta como Deus no templo de Deus, ostentando-se como se fosse Deus" (v. 4).	"E adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta?... E todos os que habitam sobre a terra a adorarão" (13:4, 8).

"A quem o Senhor destruirá com o sopro da sua boca e aniquilará pelo resplendor da sua vinda" (v. 8).	"Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá" (17:14). "E a besta foi presa, e com ela o falso profeta… Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre" (19:20).
"Cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás" (v. 9).	"E o dragão deu-lhe o seu poder" (13:2).
"Com todo o poder, sinais e prodígios da mentira" (v. 9).	"E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, diante dos homens" (13:13).
"E com todo engano da injustiça nos que perecem" (v. 10). "E por isso Deus lhes envia a operação do erro, para que creiam na mentira" (v. 11).	"E engana os que habitam sobre a terra por meio dos sinais que lhe foi permitido fazer na presença da besta" (13:14).
"Para que sejam julgados todos os que não creram na verdade" (v. 12).	"Se alguém adorar a besta e a sua imagem… esse beberá do vinho da ira de Deus" etc. (14:9–10).

A QUEDA DA BABILÔNIA.

A cena seguinte da visão representa o destino da cidade meretriz, que ocupa todo o capítulo 18. Primeiro, um anjo poderoso, cuja glória ilumina a terra, proclama em alta voz, quase com as mesmas palavras de Apocalipse 16:8: "Caiu, caiu a grande Babilônia". Seu juízo é a consequência de seu pecado, e, neste momento supremo, sua degradação e corrupção moral são declaradas da forma mais enfática: "Tornou-se morada de demônios, covil de todo espírito imundo, e covil de toda ave imunda e detestável", etc. Quão verdadeira é essa descrição de Jerusalém em sua decadência é atestado pelas páginas de Josefo:

"Aquele período", diz ele, "tornara-se, de algum modo, tão fértil em iniquidade de toda espécie entre os judeus, que nenhuma obra de maldade deixou de ser praticada,… tão universal era a corrupção, tanto no âmbito público quanto no privado, e tal a emulação em superar uns aos outros em atos de impiedade para com Deus e de injustiça para com o próximo".[1]

"Nenhuma geração jamais existiu tão fecunda em crimes".[2]

---

[1] Traill's Josephus, Wars, bk. vii. ch. viii. § 1.

[2] Traill's Josephus, Wars, bk. v. chap. x. § 5.

"Sou da opinião de que, se os romanos tivessem adiado o castigo desses miseráveis, ou a terra teria se aberto e engolido a cidade, ou ela teria sido varrida por um dilúvio, ou teria compartilhado dos relâmpagos lançados sobre a terra de Sodoma".[1]

Em seguida, ouve-se uma voz do céu conclamando o povo de Deus a sair da cidade condenada, "Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não recebais das suas pragas". Observa-se aqui como a catástrofe final é mantida em suspense, repetidas vezes parece que o fim já chegou de fato, e então surgem novas circunstâncias interpostas, e o golpe parece detido no exato momento em que está para cair. Esse recurso do Apocalipse intensifica grandemente o efeito dramático e estimula poderosamente o interesse pela ação. Pode-se supor que todos os fiéis já tivessem abandonado havia muito tempo a cidade condenada; contudo, não se deve exigir a mesma estrita consistência e sequência em uma descrição poética e figurada como em uma narrativa histórica. Além disso, a imagem é em parte derivada da descrição profética da queda da antiga Babilônia apresentada por Jeremias, (Jeremias 51:45) onde encontramos exatamente esse mesmo chamado para "sair dela".

Depois disso, segue-se um lamento solene e comovente, se assim se pode chamar, pela cidade caída, cuja última hora agora chegou. Os reis, ou governantes, da terra, os mercadores e os marinheiros que a conheceram na plenitude do seu poder e da sua glória agora lamentam a sua queda. A cidade real, o grande centro de comércio e riqueza, está envolta em chamas; e os marinheiros e comerciantes que se enriqueceram com o seu tráfico permanecem à distância, contemplando a fumaça do seu incêndio e clamando: "Que cidade é semelhante a esta grande cidade?" A descrição da riqueza e do luxo da Babilônia mística apresentada neste capítulo poderia parecer pouco apropriada a Jerusalém, não fosse o fato de possuirmos em Josefo ampla evidência de que não há exagero algum, mesmo nessa representação tão elaborada. Mais de uma vez o historiador judeu fala da magnificência e da imensa riqueza de Jerusalém. É bastante notável que o inventário dos despojos retirados do tesouro do templo contenha quase todos os artigos enumerados nesse

[1] Traill's Josephus, Wars, bk. v. chap. xiii. § 1.

lamento pela cidade caída, "ouro, prata, pedras preciosas, púrpura, escarlate, canela, aromas, ungüentos e incenso".[1]

Não menos impressionante é a descrição que Josefo faz dos despojos da cidade conquistada, os quais foram levados em procissão pelas ruas de Roma no triunfo de Vespasiano e Tito, e que justificam plenamente o quadro de abundância e magnificência traçado no Apocalipse.[2]

A cena final na tragédia da cidade meretriz se segue. Um anjo poderoso toma uma pedra, como uma grande pedra de moinho, e a lança no mar, dizendo: "Assim, com violência, será lançada abaixo aquela grande cidade, Babilônia, e nunca mais será achada". (Apocalipse 18:21) Sua desolação está agora completa: sua glória se foi; ela é deixada ao silêncio e à solidão, pois "em uma só hora veio o seu juízo", "em uma só hora ficou desolada".

Pode-se dizer que isto é poesia, e sem dúvida o é; mas é também história. Tão total foi a destruição de Jerusalém que Josefo afirma que "já não havia coisa alguma que levasse os que visitavam o lugar a crer que ele alguma vez tivesse sido habitado".[3]

Já comentamos as palavras finais do capítulo, as quais fornecem evidência decisiva da identidade da cidade meretriz: "Nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra". (Apocalipse 18:24) A nenhuma outra cidade senão Jerusalém essas palavras se aplicam, e elas demonstram de modo conclusivo que ela é o assunto de toda a representação visionária. Ela foi, por excelência, a "assassina dos profetas", e dela seria requerido o sangue deles, conforme a predição de nosso Senhor, "para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado na terra". (Mateus 23:35)

Poderíamos supor que agora tivéssemos chegado à catástrofe da visão, visto que o juízo da grande meretriz está completo e ela desaparece da cena; mas o tema ainda é continuado nos dois capítulos seguintes, que se ocupam principalmente de atos de juízo sobre os outros inimigos de Cristo e de Sua igreja.

---

[1] Josephus, Wars, bk. vi. chap. viii. § 3.

[2] Josephus, Wars, bk. vii. chap. v. § 5.

[3] Jewish Wars, bk. vii. chap. i. § 1.

Primeiro, porém, temos um cântico de triunfo no céu sobre a criminosa caída e condenada, cujo terrível juízo foi consumado. (Apocalipse 19:1-5) É um coro de Aleluia de uma grande multidão, cuja voz é como o som de muitas águas e como a voz de fortes trovões, atribuindo glória a Deus pela justiça executada sobre a cidade meretriz e pela vingança do sangue de Seus servos por meio dela. Cumpre-se agora a promessa de Deus de que Ele prontamente vingaria os Seus eleitos, que a Ele clamavam dia e noite. Agora, também, o reino de Deus é vindo: a consumação, há muito predita e há muito esperada, pela qual as orações dos santos incessantemente subiram ao céu, "Venha o teu reino". A grande vitória do Messias está alcançada; o Seu reino chegou ao seu pleno desenvolvimento; Ele entrega a autoridade delegada a Seu Pai; e um rompante de aclamação ecoa por todo o céu: "Aleluia! pois reina o Senhor Deus, o Todo-Poderoso".

Mas a vinda do reino está associada a outros acontecimentos, um dos principais dos quais é "o casamento do Cordeiro", para o qual agora é dada a nota de preparação, embora os detalhes do evento fiquem reservados para a sétima e última visão. As núpcias do Cordeiro são evidentemente anunciadas de modo proléptico, em conformidade com o uso frequente do Apocalipse. Essa união pública e solene de Cristo e de Sua igreja é o que é figurado nas parábolas da festa de casamento (Mateus 22) e das dez virgens (Mateus 25). É a ceia das bodas do grande Rei, para a qual os primeiros convidados se recusaram a vir, e trataram de modo vergonhoso e mataram os mensageiros do rei. Agora o juízo os alcançou: "O rei enviou os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas e incendiou a sua cidade". (Mateus 22:7)

Mas, antes que essa feliz consumação tenha lugar, atos de juízo ainda precisam ser executados. A Babilônia mística foi julgada, mas os outros inimigos do Rei. a besta, o seu legado, o falso profeta, e o dragão, ainda têm de receber punição condigna.

JUÍZO DA BESTA E DE SEUS PODERES CONFEDERADOS.

Apocalipse 19:11-21: ""E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava montado nele chama-se Fiel e Verdadeiro, e julga e peleja com justiça. Os seus olhos eram como chama de fogo, e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; tinha um nome escrito que ninguém conhece senão ele mesmo. Estava vestido com um manto tingido

de sangue, e o seu nome se chama O Verbo de Deus. E os exércitos que estão no céu o seguiam em cavalos brancos, vestidos de linho fino, branco e puro. Da sua boca sai uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele as regerá com vara de ferro; e pisa o lagar do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. E no seu manto e na sua coxa tem escrito um nome: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES. E vi um anjo em pé no sol, e clamou em alta voz, dizendo a todas as aves que voam pelo meio do céu: Vinde, ajuntai-vos para a grande ceia de Deus, para que comais a carne de reis, a carne de comandantes, a carne de poderosos, a carne de cavalos e dos que montam neles, e a carne de todos os homens, tanto livres como escravos, tanto pequenos como grandes. E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos para fazer guerra contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército. E a besta foi presa, e com ela o falso profeta que diante dela operava sinais, com os quais enganou os que receberam a marca da besta e os que adoraram a sua imagem. Ambos foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre. E os restantes foram mortos com a espada daquele que estava montado no cavalo, espada que saía da sua boca; e todas as aves se fartaram da carne deles".

Essa magnífica passagem descreve o grande evento que ocupa lugar tão proeminente na profecia do Novo Testamento: a Parousia, ou a vinda em glória do Senhor Jesus Cristo. Ele vem do céu; Ele vem em Seu reino; "sobre a sua cabeça há muitos diademas"; Ele vem com os Seus santos anjos; "os exércitos do céu o seguem"; Ele vem para executar juízo sobre os Seus inimigos; Ele vem em glória. Pode-se perguntar: por que a Parousia é colocada depois do juízo da cidade meretriz, e não antes? Deve-se lembrar que o que agora lemos é mais um poema do que uma história; um drama, mais do que um registro cronológico de acontecimentos; e não há livro em que o efeito poético e dramático seja mais cuidadosamente trabalhado do que no Apocalipse. Essas visões episódicas são frequentemente retiradas de sua ordem cronológica estrita, para que sejam apresentadas com maior riqueza de detalhes e produzam uma impressão adequada na mente do leitor. Ao mesmo tempo, não admitimos que haja um anacronismo no lugar que a Parousia ocupa. Se examinarmos o discurso profético no Monte das Oliveiras, encontraremos a mesma ordem de eventos. É imediatamente *após* a grande tribulação que o sinal do Filho do Homem aparece no céu, e eles "veem o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória". (Mateus 24:29-30) A cena representada nesta visão é precisamente esse evento. O Senhor Jesus é "revelado desde o céu, com os seus poderosos anjos, em chama de fogo, tomando vingança dos

que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo". (2 Tessalonicenses 1:7-8)

A sequência do capítulo relata a vitória do Cordeiro sobre os inimigos de Sua causa. Um anjo, em pé no sol, convoca todas as aves do céu para se alimentarem dos cadáveres dos mortos no conflito vindouro. Os exércitos da besta e de seus poderes confederados são reunidos para fazer guerra ao Messias. As duas hostes entram em combate, e os inimigos de Cristo são derrotados. A besta é feita prisioneira, e com ela o seu vice-rei ou legado, a besta que subiu da terra, o falso profeta que governava em seu nome. "Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre", enquanto os seus seguidores perecem, "mortos pela espada daquele que está montado no cavalo, cuja espada sai da sua boca".

Se se perguntar: o que representam esses símbolos? a resposta é: certamente não um conflito literal com armas carnais. Não é em nenhum campo de batalha em solo terreno que o Redentor glorificado e Suas legiões celestiais enfrentam as hostes coligadas da terra e do inferno. Não podemos recorrer às páginas de Josefo ou de Tácito, nem de qualquer outro historiador, para encontrar os acontecimentos que correspondam diretamente a esses símbolos. Neles lemos duas grandes verdades: Cristo deve vencer; Seus inimigos perecerão. Todavia, há um núcleo de fato histórico nesse simbolismo. Assim como na representação simbólica da grande meretriz encontramos o fato histórico da destruição de Jerusalém, também nessa captura e execução da besta selvagem e de seu congênere encontramos o fato histórico da destruição de Nero e de seu tenente, ou delegado, na Judeia. Este é o cerne do fato histórico no centro da visão. Jerusalém, a cidade meretriz, pereceu em fogo e sangue. Nero, o rei-besta, o perseguidor sanguinário dos cristãos, e Gésio Floro, o tirano que incitou os infelizes judeus à revolta, ambos pereceram por morte violenta.[1] Esses acontecimentos foram, de fato, juízos divinos, previstos e preditos muito antes de ocorrerem, e escritos em caracteres lúgubres na página da história, visíveis e legíveis para sempre. Esses são os fatos históricos apresentados com toda a pompa e esplendor da imagética simbólica no Apocalipse. Os símbolos são dignos dos fatos, e

[1] Ver Huidekoper, Judaism at Rome, p. 244.

os fatos são dignos dos símbolos. Sem dúvida, há aqui algo de anacronismo. A morte de Nero é colocada na visão depois do juízo de Jerusalém, ao passo que, de fato, precedeu esse evento por dois anos ou mais. Como já observamos, algo deve ser concedido à licença poética. Em um épico, um drama ou uma visão, é irrazoável exigir uma sequência cronológica rigorosa. Ora, o Apocalipse é composto com arte consumada. Como Henry More observou há muito tempo: "Nunca houve livro algum escrito com tamanha arte como este do Apocalipse, como se cada palavra tivesse sido pesada numa balança antes de ser posta no papel". O efeito dramático é certamente grandemente intensificado pelo fato de a captura e o castigo da besta serem colocados onde estão. O primeiro e mais proeminente lugar é naturalmente dado à cidade meretriz, e o Vidente, tendo começado com o seu juízo, leva-o até a sua consumação final. Em seguida, retorna à besta e descreve o seu destino; e, por fim, no capítulo vinte, passa a descrever o castigo infligido ao terceiro poder hostil, o dragão.

Há, contudo, outra resposta à acusação de anacronismo. Merece consideração se toda essa cena da grande batalha e da vitória de Cristo, o Rei, e do castigo da besta e de seus exércitos, não pode ser corretamente concebida como ocorrendo no espírito, e não na carne. Isto é, se não pode ser a representação de acontecimentos no estado invisível; o juízo dos mortos, e não dos vivos. Certamente não se trata de um acontecimento terreno; e, se a considerarmos como a representação simbólica do juízo e da condenação dos inimigos do Cordeiro no mundo espiritual, um vislumbre daquela grande cena judicial que é descrita em Mateus 25, "quando o Filho do Homem vier na sua glória, e diante dele forem reunidas todas as nações", isso livraria a visão de qualquer anacronismo e satisfaria plenamente a todas as exigências do caso. A probabilidade dessa interpretação é fortemente confirmada pelo fato de que esse castigo da besta e de seus exércitos segue-se à alusão à ceia das bodas do Cordeiro, evento que certamente se supõe ocorrer no estado espiritual e eterno.

O JULGAMENTO DO DRAGÃO.

Apocalipse: 20:1-3: "E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo e uma grande corrente na mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e

Satanás, e o amarrou por mil anos; e lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações, até que se completassem os mil anos; e depois disso é necessário que seja solto por um pouco de tempo".

Agora nos aproximamos de uma parte do Apocalipse envolta em grande obscuridade e que, pela própria natureza do caso, ultrapassa os limites que, segundo as declarações expressas do autor, repetidas vezes, delimitam o restante da profecia deste livro.

O fato de um período tão prolongado quanto mil anos estar incluído nas visões do Apocalipse é considerado por muitos uma prova incontestável de que o cumprimento das predições nele contidas não deve ser restrito a um breve período. Dean Alford, por exemplo, afirma:

"A expressão ἐν τάχει [em breve] inclui reconhecidamente, entre outros períodos, um período de mil anos. Com base em que princípio se pode afirmar que ela não abranja um período muito maior do que esse em todo o seu conteúdo?".[1]

Aquilo que parece uma objeção tão insuperável aos olhos de Dean Alford é considerado como nada por Moses Stuart, que afirma:

"A parte do livro que contém isso [a referência a um período distante] é tão pequena, e a parte do livro que foi rapidamente cumprida é tão grande, que não se pode levantar nenhuma dificuldade razoável quanto à declaração que temos diante de nós. Ἐν τάχει, isto é, *'rapidamente'*, de fato ocorreram as coisas por causa das quais o livro foi principalmente escrito".[2]

Alguns intérpretes, de fato, tentam superar a dificuldade supondo que os mil anos, por serem um número simbólico, possam representar um período de duração muito curta, trazendo assim tudo para dentro dos limites apocalípticos estabelecidos; mas esse método de interpretação nos parece tão forçado e artificial que não hesitamos em rejeitá-lo. O ato de prender e encerrar o dragão realmente se enquadra no "em breve" da declaração apocalíptica, pois é coincidente, ou quase, com o juízo da meretriz e da besta; contudo, o período da prisão do dragão é claramente declarado como sendo de mil anos e, assim, deve necessariamente ultrapassar completamente o campo de visão tão estrita e constantemente delimitado pelo próprio livro.

---

[1] Greek Testament, Prolegomena to the Apocalypse, chap. viii. § iv. 10.

[2] Stuart's Commentary on the Apocalypse, chap. i. verse 1.

Cremos, porém, que este seja o único exemplo em todo o livro dessa extrapolação além dos limites do "em breve"; e concordamos com Stuart que nenhuma dificuldade razoável pode ser levantada por causa dessa única exceção à regra. Veremos também, à medida que avançarmos, que os acontecimentos referidos como ocorrendo após o término dos mil anos são anunciados em forma de profecia, e não apresentados como uma visão. De fato, a passagem de Apocalipse 20:5-10 parece claramente introduzida de modo parentético, interrompendo a continuidade da narrativa, que é retomada novamente, como veremos, no verso 11.

A derrota e o castigo dos inimigos de Cristo seriam evidentemente incompletos sem um ato semelhante de juízo sobre o principal instigador e cabeça da confederação, o dragão, ou Satanás. Assim, o seu tempo agora chegou: ele é preso, acorrentado e lançado no abismo, que é selado sobre ele, e ele é condenado a permanecer ali preso por um período chamado "mil anos".

Esse ato de prender, acorrentar e lançar no abismo é apresentado como ocorrendo diante dos olhos do Vidente, sendo introduzido pela fórmula habitual: "E vi". Trata-se de um ato contemporâneo, ou quase, aos juízos executados sobre os outros criminosos, a meretriz e a besta. Essa parte da visão, portanto, cai dentro dos limites próprios da visão apocalíptica e é parte integrante da série de grandes acontecimentos ligados à Parousia.

Devemos, então, supor que algo correspondente a esse símbolo, a prisão e o encarceramento de Satanás, de fato ocorreu, e ocorreu no tempo indicado, isto é, no fim da dispensação judaica? Não hesitamos em responder afirmativamente, e entendemos que há a mais clara base, tanto nas Escrituras quanto na história, para essa conclusão.

1. Ninguém sustentará que os símbolos da visão exijam um acorrentamento literal ou físico do dragão. O simples bom senso ensina que tudo o que se quer dizer é *a repressão e a restrição do poder satânico* durante o período indicado. Ora, não parece haver razão para duvidar de que, antes e durante a encarnação de nosso Salvador, existia na terra uma energia e uma atividade do mal moral muito superiores a tudo o que hoje se conhece entre os homens. Não é irrazoável supor que o período da vida terrena de nosso Senhor tenha sido uma época de

atividade intensa e sem precedentes entre os poderes das trevas. Se eles sabiam que o campeão de Deus, o Redentor da humanidade, havia vindo para "destruir as obras do diabo", havia motivo para o seu temor; e as tentações de nosso Senhor no deserto, bem como a oposição maligna a Cristo e à Sua causa, atribuída em toda parte no Novo Testamento a Satanás, revelam tanto o conhecimento do adversário a respeito da missão do Salvador quanto seus esforços incessantes para frustrá-la. Além disso, a notável difusão do fenômeno misterioso da possessão demoníaca no tempo de Cristo é uma prova decisiva da presença e da atividade de uma influência espiritual maléfica, em forma e grau que para nós são desconhecidos e, para muitos, até inacreditáveis. A menos, portanto, que estejamos dispostos a negar a realidade dessa influência misteriosa e reduzi-la a mera ignorância popular ou ilusão, devemos admitir que houve, desde o tempo de Cristo, uma contenção clara e decisiva do poder de Satanás sobre os homens. O mesmo se pode dizer quanto à prevalência do mal moral naquela época do mundo. Que alguém considere o que Roma era nos dias de Nero e o que Jerusalém era no período final do Estado judaico, e reconhecerá de imediato o fato inegável de um desenvolvimento anormal e portentoso de perversidade, tal que hoje nos parece inacreditável. Juvenal e Tácito dão testemunho acerca de Roma, e Josefo acerca de Jerusalém; e não é contrário à razão, sendo antes plenamente concorde com a Revelação, concluir que vícios tão enormes e colossais revelam a atuação de uma influência satânica.

2. Além disso, merece consideração o fato de que o pecado da idolatria, com toda a sua imitação de poder sobrenatural e divino, um sistema que as Escrituras reconhecem como sendo, por excelência, obra do diabo, estava, no tempo de nosso Salvador, em plena e incontestada posse de quase todo o mundo. Quando lembramos o que a Grécia era e o que Roma era, quanto à sua religião nacional, na era apostólica, a autoridade, a antiguidade e a popularidade de seus deuses, e a maneira como o seu culto se entrelaçava com todos os atos da vida pública e privada, causa admiração que um sistema tão antigo e arraigado tenha definhado a ponto de desaparecer completamente da face da terra. Ninguém fica sem explicação para essa mudança tão notável: ela se deve inteiramente à influência do cristianismo; e, não fosse esse novo elemento introduzido na civilização, não há razão para pensar que as

antigas superstições do paganismo teriam desaparecido ou dado lugar a algo melhor.

3. É igualmente certo que essa revolução extraordinária deve ser datada do tempo em que o evangelho começou a ser pregado na era apostólica. Temos as provas mais convincentes de que essa mudança não pode ser explicada pelo avanço do conhecimento, da ciência ou da filosofia, nem pelo progresso natural da sociedade humana, mas que foi predita e esperada desde o próprio nascimento do cristianismo como efeito da obra redentora de Cristo. Nada pode ser mais claro do que as declarações de nosso Senhor a esse respeito. Quando os setenta discípulos voltaram cheios de alegria, relatando que até os demônios lhes estavam sujeitos pelo nome do seu Mestre, Jesus lhes disse: "Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago". (Lucas 10:18) É absurdo explicar isso como uma alusão à expulsão original de Satanás do céu, antes da criação do mundo; trata-se evidentemente de uma declaração figurada, na qual, no êxito de Seus mensageiros, nosso Senhor reconhecia e antecipava a futura queda do poder de Satanás:

"Diante do olhar intuitivo do seu espírito estavam abertos os resultados que fluiriam de Sua obra redentora após a Sua ascensão ao céu. Ele via, em espírito, o reino de Deus avançando em triunfo sobre o reino de Satanás".[1]

No mesmo sentido está a declaração de nosso Senhor: "*Agora* é o juízo deste mundo; *agora* será expulso o príncipe deste mundo". (João 12:31) Que sentido se pode atribuir a essas palavras tão significativas, se não implicam que estava para ser imposto um poderoso freio à influência de Satanás sobre a mente dos homens, um freio que decorreria inteiramente da morte de Cristo na cruz?

Mas é nesta visão apocalíptica que vemos a representação efetiva dessa contenção do poder de Satanás. Aqui ela é claramente definida quanto ao tempo de seu início e associada à queda de Jerusalém e à consequente revogação da dispensação judaica. Tampouco há qualquer absurdo em aceitar essa data. A abolição do judaísmo foi a remoção do obstáculo mais formidável ao progresso do cristianismo; além disso, temos no Novo Testamento as afirmações mais explícitas de que esse foi o período da consumação do reino messiânico e do momento em que

[1] Neander, Life of Christ, bk. v. chap. xii. § 205.

Cristo subjugou todo domínio, autoridade e poder hostis. (1 Coríntios 15:24)

Concluímos, portanto, que "no fim da era" foi imposto um freio claro e decisivo ao poder de Satanás; freio esse que é simbolicamente representado no Apocalipse pelo acorrentamento e encarceramento do dragão no abismo. Isso não significa que o erro e o mal tenham sido banidos da terra. Basta reconhecer que esse foi, como disse Schlegel:

"o momento decisivo entre os tempos antigos e os modernos".[1]

Houve um momento em que a maré da perversidade humana começou a mudar: foi justamente no período em que essa maré estava no auge; desde então, ela vem recuando, e não temos dificuldade em reconhecer que a primeira contenção do poder do mal corresponde, em termos de tempo, ao evento aqui designado como a prisão de Satanás e o seu encarceramento no abismo.

Quanto à duração dessa restrição do poder satânico, não é fácil determiná-la; mas, no conjunto, parece mais coerente com o caráter simbólico do Apocalipse entender os mil anos como representando um período longo, porém indefinido. Quando números elevados são apresentados no Apocalipse, geralmente, se não sempre, devem ser entendidos de modo indefinido. Por exemplo, não se deve supor que os cento e quarenta e quatro mil selados indiquem exatamente esse número, nem mais nem menos. Seria absurdo afirmar que houve exatamente doze mil, um por um, salvos de cada uma das doze tribos dos filhos de Israel. Tal concepção é adequada a uma visão, mas inverossímil em um relato histórico. Da mesma forma, o exército dos cavaleiros em Apocalipse 9:16 é indicado como sendo de duzentos milhões; contudo, nenhum comentarista sensato jamais ousou atribuir a isso um significado preciso e literal. Seguindo essas analogias, somos levados a considerar os mil anos como um número definido usado para indicar um período indefinido, que certamente abrange mais do que esse espaço de tempo, embora quanto mais ninguém possa dizer.[2]

---

[1] Philosophy of History, p. 276.

[2] Veja Stuart's Commentary on the Apocalpyse, *in loc.*

O REINADO DOS SANTOS E MÁRTIRES.

Apocalipse 20:4-6: "E vi tronos, e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado julgar; e vi as almas daqueles que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e por causa da palavra de Deus, e dos que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam a sua marca na testa nem na mão; e viveram e reinaram com Cristo por mil anos. [Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes a segunda morte não tem poder, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele por mil anos.]"

Chegamos agora a este trecho misterioso com a maior cautela, evitando cuidadosamente suposições e explicações conjecturais, bem como qualquer tentativa de forçar, de algum modo, o sentido natural das palavras.

A primeira coisa que observamos é que a visão agora descrita se insere dentro do período apocalíptico. Ela é introduzida pela fórmula "E vi", que indica aquilo que está sob a observação direta do Vidente.

Em seguida, deve-se notar que há uma antítese evidente entre esta cena e o ato de juízo executado sobre a besta e os seus seguidores. É o método habitual do Apocalipse colocar, assim, em contraste marcante, a recompensa dos justos e a retribuição dos ímpios.

Observamos ainda que há, nesta passagem, uma alusão evidente à promessa de nosso Senhor aos Seus discípulos: "Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, na regeneração, quando o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel". (Mateus 19:28) Esse período agora chegou. A παλιγγενεσία, ou *regeneração*, quando o reino do Messias haveria de vir, é agora considerada como presente, e os discípulos são glorificados com o seu Mestre glorificado: "o juízo lhes é dado"; eles "se assentam sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel".

Devemos conceber a multidão dos redimidos da terra, os cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel, como formando o reino, ou os súditos, colocados sob o governo espiritual da fraternidade apostólica.

Além destes, o Vidente contempla "as almas daqueles que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e por causa da palavra de

Deus", e também (pois a palavra οἵτινες parece indicar que se trata de outra classe aqui especificada) "os que não adoraram a besta nem a sua imagem"; estes também "vivem e reinam com Cristo", expressão que implica que igualmente receberam "tronos" e "juízo". É impossível não reconhecer, nas "almas daqueles que foram decapitados", os mesmos santos mártires que o Vidente viu, na visão do sexto selo, debaixo do altar, clamando por vingança contra os seus assassinos. Eles foram consolados com a mensagem de que, dentro de pouco tempo, quando seus conservos que estavam para sofrer como eles haviam sofrido se juntassem a eles, sua oração seria atendida. Agora esse tempo chegou; seus inimigos pereceram, e eles vivem e reinam com Cristo.

Essa visão também remete à notável passagem de 1 Pedro 4:6. Esses mártires são os mortos aos quais a mensagem consoladora foi anunciada [εὐηγγελίσθη]. Eles haviam sido condenados pelo juízo dos homens enquanto estavam na carne, mas agora vivem no espírito pelo juízo de Deus, que os vindicou e os coroou. Que nova luz é lançada sobre as palavras de São Pedro, ζῶσιν δὲ κατὰ θεὸν πνεύματι, pela linguagem do Apocalipse, ἔζησαν καὶ ἐβασίλευσαν. Esta é uma daquelas coincidências sutis que frequentemente são as provas mais seguras de uma interpretação correta.

Essas almas que deram testemunho e sofreram são apresentadas como desfrutando de um privilégio e de uma distinção não concedidos a outros: "vivem e reinam com Cristo por mil anos; enquanto o restante dos mortos não torna a viver até que os mil anos se completem". Este é o ponto mais difícil da passagem e apresenta uma dificuldade muito séria. O único caminho em que podemos perceber algum vislumbre de luz é ao investigar quem são "o restante dos mortos". Trata-se do restante dos mortos piedosos, dos mortos ímpios, ou de ambos, justos e ímpios indistintamente? O juízo se revolta contra a ideia de que sejam os mortos piedosos. Pois, se eles fossem excluídos da participação na bem-aventurança do céu por um período tão longo, como poderia ser dito: "Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor, *desde agora*"? (Apocalipse 14:13) Somos levados, portanto, a considerar a possibilidade da outra alternativa, isto é, de que a passagem fale dos mortos ímpios, embora tal suposição não esteja isenta de dificuldades. Nesse caso, "*a primeira ressurreição*" incluiria apenas *os mortos em Cristo*; e essa pode ser a

interpretação correta, pois o versículo seguinte certamente indica que *todos* os que têm parte na "*primeira ressurreição*" são bem-aventurados e santos, e desfrutam do alto privilégio e honra de "reinar com Cristo".

Mais uma coisa observamos: o reinado dos santos que sofreram e deram testemunho, e de todos os que têm parte na *primeira ressurreição*, não é dito como sendo *na Terra*. Eles vivem e reinam "*com Cristo*"; estão "com ele onde ele está, contemplando a sua glória".

Até aqui procuramos avançar com cautela por uma região "escura por excesso de brilho", mas não pretendemos afirmar qualquer segurança quanto à parte final da nossa exegese.

A SOLTURA DE SATANÁS APÓS OS MIL ANOS.

Apocalipse 20:7-10: ["E, quando se completarem os mil anos, Satanás será solto de sua prisão, e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da Terra [terra], Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a batalha; o número delas é como a areia do mar. E subiram sobre a largura da Terra [terra] e cercaram o acampamento dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu e os devorou. E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde também estão a besta e o falso profeta; e serão atormentados dia e noite, pelos séculos dos séculos."]

O mistério e a obscuridade que pairam sobre parte do contexto precedente tornam-se aqui, se possível, ainda mais profundos. Há, contudo, certos pontos que parecem passíveis de determinação.

1. É evidente que esta passagem constitui uma *profecia direta*, e não uma representação visionária ocorrendo diante dos olhos do vidente. Ela não é introduzida pela fórmula usual nesses casos, "E vi", mas segue o estilo próprio da predição profética.

2. É evidente que a predição do que deve ocorrer ao final de mil anos não se enquadra naquilo que ousamos chamar de "limites apocalípticos". Esses limites, como o próprio livro repetidamente nos adverte, estão rigidamente confinados a um espaço muito restrito; as coisas reveladas são aquelas que "*em breve* devem acontecer". Seria um abuso da linguagem dizer que eventos situados a uma distância de mil anos estariam para acontecer "*em breve*"; somos, portanto, obrigados a considerar essa predição como estando totalmente fora dos limites apocalípticos.

3. Devemos, consequentemente, considerar essa predição acerca da soltura de Satanás, e dos eventos que a seguem, como ainda futura e, portanto, não cumprida. Nada conhecemos, no registro da história, que possa ser apresentado como um cumprimento provável dessa profecia. Wetstein aventou a hipótese de que ela talvez simbolize a revolta judaica sob Barcoquebas, no reinado de Adriano; mas tal sugestão é demasiadamente extravagante para ser levada a sério, ainda que por um momento.

4. Há uma conexão evidente entre essa profecia e a visão de Ezequiel acerca de Gogue e Magogue (capítulos 38 e 39), igualmente misteriosa e obscura. Em ambas, o cenário do conflito é o mesmo, a terra de Israel, e, em ambas, os inimigos de Deus sofrem uma derrota marcante e desastrosa.

5. O resultado de tudo isso é que devemos considerar a passagem que trata dos mil anos, do verso 5 ao verso 10, como uma intercalação ou parêntese. O vidente, tendo iniciado o relato do juízo do dragão, no verso 7 ultrapassa os limites apocalípticos para concluir o que tinha a dizer a respeito da punição final da "antiga serpente" e do destino que a aguardava ao final de um longo período chamado de "mil anos". Cremos que este seja o único caso, em todo o livro, de uma incursão em um futuro distante; e estamos inclinados a considerar todo esse parêntese como referente a assuntos ainda futuros e não cumpridos. A continuidade interrompida da narrativa é retomada no verso 11, onde o vidente volta a relatar o que contemplou em visão, introduzindo-o pela fórmula familiar: "E vi".

A CATÁSTROFE DA SEXTA VISÃO.

Apocalipse 20:11-15: "E vi um grande trono branco e aquele que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. E vi os mortos, grandes e pequenos, em pé diante de Deus; e abriram-se livros; e ainda outro livro foi aberto, o livro da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. O mar entregou os mortos que nele havia; e a morte e o Hades entregaram os mortos que neles havia; e foram julgados, cada um segundo as suas obras. Então a morte e o Hades foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado no lago de fogo".

Esses versículos nos conduzem à catástrofe da sexta visão. Assim como as catástrofes que a precederam, trata-se de um solene ato de juízo, ou melhor, da mesma grande ação judicial apresentada sob um novo aspecto. O vidente agora retoma a narrativa que havia sido interrompida pela digressão a respeito dos mil anos, retomando o fio que foi deixado no final do verso 4. Somos, portanto, reconduzidos ao mesmo ponto de vista dos versos 1 e 4. Essa catástrofe pertence, de modo natural e necessário, à mesma série de eventos representados na visão da cidade prostituta e se situa dentro dos limites apocalípticos estabelecidos, fazendo parte das coisas "que em breve devem acontecer".

Quanto à própria catástrofe, não há dúvida de que ela representa uma solene investigação judicial em escala máxima. Trata-se da grande consumação, ou de um de seus aspectos, para a qual converge toda a ação do Apocalipse, e à qual se chega, de uma forma ou de outra, ao final de cada visão sucessiva. Contudo, cada catástrofe possui características próprias que a distinguem das demais, embora todas se refiram ao mesmo grande evento. Uma comparação com as catástrofes anteriores mostrará tanto os elementos que esta compartilha com elas quanto os que a distinguem. Na catástrofe da visão dos sete selos, por exemplo, encontramos a mesma imagem do céu se retirando, e dos montes e ilhas sendo removidos de seus lugares. (Apocalipse 6:14) Na catástrofe da visão das sete taças, a mesma figura reaparece. (Apocalipse 16:20) Na catástrofe da sétima trombeta, declara-se que "chegou o tempo dos mortos, para que sejam julgados" etc. (Apocalipse 11:18) e, na catástrofe das sete figuras místicas, vemos "uma nuvem branca, e sobre a nuvem um assentado, semelhante ao Filho do homem", (Apocalipse 14:14) correspondendo ao "grande trono branco e aquele que estava assentado sobre ele", na passagem agora diante de nós. Há, porém, alguns traços peculiares a esta catástrofe: os livros do juízo; o mar, a morte e o Hades entregando os seus mortos; e o lançamento da morte e do Hades no lago de fogo.

Não há razão para duvidar de que a cena de julgamento aqui descrita seja idêntica àquela apresentada por nosso Senhor em Mateus 25:31-46. Temos o mesmo "trono de glória", a mesma reunião de todas as nações, a mesma distinção entre os julgados segundo as suas obras, e o mesmo "fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos".

Mas, se a cena de julgamento descrita nesta passagem é idêntica à de Mateus 25, segue-se que ela não representa "o fim do mundo", no sentido de dissolução da estrutura material do globo e encerramento da história humana, mas aquilo que é tão frequentemente anunciado como acompanhando a συντέλεια τοῦ αἰῶνος, o fim da era, ou o encerramento da dispensação judaica. Essa grande consumação é sempre apresentada como um tempo de juízo. É o tempo da Parousia, a vinda de Cristo em glória para vindicar e recompensar os seus servos fiéis, e para julgar e destruir os seus inimigos. Há uma notável unidade e coerência no ensino das Escrituras sobre esse tema; e, quer nos evangelhos, quer nas epístolas, quer nas visões do Apocalipse, encontramos um único e harmonioso sistema doutrinário, cujas partes se confirmam e se sustentam mutuamente, prova de sua origem comum na mesma fonte divina de inspiração e verdade.

A SÉTIMA VISÃO.

A SANTA CIDADE, OU A NOIVA.

APOCALIPSE 21; 22:1-5.

Esta visão é a última da série e completa o número místico de *sete*. Ela constitui o grande *finale* de todo o drama, a consumação triunfante e o ponto culminante das visões apocalípticas. Coloca-se em marcante contraste com a visão da cidade prostituta: é a nova Jerusalém em oposição à antiga; a noiva, a esposa do Cordeiro, em contraste com a repugnante e inchada adúltera cujo juízo passou diante de nossos olhos.

A estrutura da visão merece nossa atenção por um momento. Ela é introduzida por um prefácio ou prólogo, que se estende do primeiro versículo do capítulo 21 até o versículo 8. No versículo 9, a visão da noiva se inicia da mesma forma que a visão da prostituta, quando "um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas" convida o vidente a vir e contemplar "a noiva, a esposa do Cordeiro". A visão atinge seu clímax, ou catástrofe, no versículo 5 do capítulo 22. O restante constitui a conclusão, ou epílogo, não apenas desta visão, mas do próprio Apocalipse.

PRÓLOGO À VISÃO.

Apocalipse 21:1-8: "E vi um novo céu e uma nova terra; pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e já não há mar. E vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Eis o tabernáculo de Deus com os homens; ele habitará com eles, e eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus enxugará dos seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem tristeza, nem clamor, nem dor; porque as primeiras coisas passaram. E aquele que estava assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. Disse-me ainda: Está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Ao que tem sede, darei gratuitamente da fonte da água da vida. O que vencer herdará todas as coisas; e eu serei o seu Deus, e ele será meu filho. Mas os covardes, os incrédulos, os abomináveis, os assassinos, os imorais, os feiticeiros, os idólatras e todos os mentirosos terão a sua parte no lago que arde com fogo e enxofre, que é a segunda morte".

Embora esta seção possa ser considerada introdutória à visão propriamente dita, descrita a partir do versículo 9, ela é, na verdade, parte integrante da representação e percorre exatamente o mesmo terreno que a descrição posterior. É como se o vidente, tomado pelo esplendor do objeto glorioso revelado aos seus olhos, começasse a narrar suas maravilhas e glória antes mesmo de deter-se para explicar as circunstâncias que o haviam levado a ser agraciado com tal revelação. A passagem que temos diante de nós é, de fato, um resumo ou esboço do que será desenvolvido com mais detalhes na parte seguinte deste capítulo e nos cinco primeiros versículos do capítulo seguinte.

Agora nos vemos cercados por um cenário tão novo e tão extraordinário que não é de admirar que fiquemos em dúvida quanto ao lugar em que estamos. Trata-se da terra ou do céu? Todos os marcos familiares desapareceram; o antigo se foi e deu lugar ao novo: há um novo céu sobre nós e uma nova terra sob nossos pés. Devem existir novas condições de vida, pois "já não há mar". É evidente que aqui temos uma representação em que o simbolismo é levado ao seu limite máximo; e aquele que pretende tratar imagens tão grandiosas como se fossem descrições literais e prosaicas mostra-se incapaz de compreendê-las. Contudo, os símbolos, embora transcendentais, não são destituídos de sentido. Eles "servem como exemplo e sombra das coisas celestiais"; e

todo o esplendor e majestade da terra são utilizados para expressar a beleza da excelência moral e espiritual.

É impossível considerar este quadro como a representação de alguma condição social a ser realizada sobre a Terra. Há, de fato, certas expressões que, à primeira vista, parecem indicar que a terra é o cenário onde essas glórias se manifestam: diz-se que a cidade santa "desce do céu"; que o tabernáculo de Deus está "com os homens"; e que "os reis da terra" trazem para ela a sua glória e honra. Contudo, por outro lado, toda a concepção e descrição da visão impedem a suposição de que se trate de uma cena terrena. Em primeiro lugar, ela pertence às "coisas que em breve devem acontecer"; situa-se estritamente dentro dos limites apocalípticos. Portanto, não é uma visão de um futuro distante; ela pertence tanto ao período chamado "o fim da era" quanto a destruição de Jerusalém. Devemos, assim, conceber essa renovação de todas as coisas, esse novo céu e nova terra, como contemporânea ao juízo da grande prostituta, ou ocorrendo imediatamente após ele, sendo-lhe o correspondente ou antítese.

Em segundo lugar, qual é a figura principal desta representação visionária? É a cidade santa, a nova Jerusalém. Ora, a nova Jerusalém é sempre apresentada nas Escrituras como situada no céu, e não na terra. São Paulo fala da Jerusalém que é de *cima*, em contraste com a Jerusalém de *baixo*. Como poderia a Jerusalém que é de *cima* pertencer à Terra? Não pode haver dúvida razoável de que a cidade aqui descrita com cores tão vívidas é a mesma a que se refere Hebreus 12:22-23: "Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e a milhares de anjos em alegre reunião; à assembleia geral e igreja dos primogênitos inscritos nos céus; e a Deus, o Juiz de todos; e aos espíritos dos justos aperfeiçoados". Fica claro, portanto, que a cidade santa é a morada dos glorificados; a herança dos santos na luz; as moradas da casa do Pai, preparadas para o lar dos bem-aventurados.

Uma vez mais, essa conclusão é confirmada pelo fato de a cidade ser apresentada como a morada do próprio Altíssimo: "O Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro são o seu templo"; "o trono de Deus e do Cordeiro estará nela"; "os seus servos o servirão, e verão o seu rosto". De fato, essa visão da cidade santa já é antecipada na catástrofe da visão dos

selos, onde os cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel, e a grande multidão que ninguém podia contar, são retratados desfrutando da mesma glória e bem-aventurança, no mesmo lugar e nas mesmas circunstâncias descritas na visão que agora temos diante de nós. As duas cenas são idênticas, ou, antes, constituem diferentes aspectos de uma mesma e grande consumação.

Concluímos, portanto, que a visão apresenta a bem-aventurança e a glória do estado celestial, para o qual o caminho foi plenamente aberto no "fim da era", ou συντέλεια τοῦ αἰῶνος, conforme o testemunho da Epístola aos Hebreus.

A CIDADE SANTA DESCRITA.

APOCALIPSE 21:9-27; 22:1-5.

Tendo chegado, assim, à conclusão de que aqui se refere ao estado celestial, não incorreremos na presunção e insensatez de tentar uma explicação detalhada dos próprios símbolos. Há uma aparente mistura de figuras na forma como a nova Jerusalém é apresentada, sendo ora personificada como a noiva, a esposa do Cordeiro, ora descrita como uma cidade. A mesma dupla figura é empregada na descrição da prostituta, ou da antiga Jerusalém, que às vezes é representada como mulher e, em outras ocasiões, como cidade. Na sétima visão, a figura da noiva é praticamente abandonada logo após ser introduzida, e toda a descrição restante se concentra nos detalhes da arquitetura, da riqueza, do esplendor e da glória da cidade. Alguns de seus traços são claramente derivados da cidade visionária contemplada por Ezequiel; mas há uma diferença notável: enquanto, na visão do Antigo Testamento, o templo e seus elaborados detalhes ocupam a parte principal, na visão apocalíptica não se vê templo algum, talvez porque, onde tudo é santíssimo, nenhum lugar possua maior santidade do que outro, ou porque, onde a presença de Deus se manifesta plenamente, todo o lugar se torna um grande templo.

Há, contudo, um ponto que merece atenção especial, por servir para identificar a cidade chamada nova Jerusalém. Em Hebreus 11:10, encontramos a notável afirmação de que o patriarca Abraão peregrinou como estrangeiro justamente na terra que lhe havia sido prometida

como herança, e que o fez porque cria em um cumprimento da promessa maior e mais elevado do que qualquer cidade meramente terrena e humana poderia oferecer. "Porque aguardava *a* cidade que tem *os* fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor". O que é isso senão a própria cidade descrita no Apocalipse, a cidade que tem *doze fundamentos*, inscritos com os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro; a cidade que não é edificada por mãos mortais; "a cidade do *Deus vivo*", a *Jerusalém celestial*? Isso constitui uma prova decisiva, em primeiro lugar, de que o autor da epístola havia lido o Apocalipse e, em segundo lugar, de que ele reconhecia a visão da nova Jerusalém como uma representação do mundo celestial.

O EPÍLOGO.

Apocalipse 22:6-21: "E disse-me: Estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor Deus dos espíritos dos profetas enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer. Eis que venho sem demora; bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.

E eu, João, sou o que ouviu e viu estas coisas. E, quando as ouvi e vi, caí aos pés do anjo que me mostrava estas coisas, para adorá-lo. Mas ele me disse: Não faças isso; sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro; adora a Deus. E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. Quem é injusto, seja injusto ainda; quem é imundo, seja imundo ainda; quem é justo, seja justo ainda; e quem é santo, seja santo ainda. Eis que venho sem demora, e comigo está a minha recompensa, para retribuir a cada um segundo as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. Bem-aventurados os que lavam as suas vestes, para que tenham direito à árvore da vida e entrem na cidade pelas portas. Fora ficam os cães, os feiticeiros, os imorais, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira.

Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a raiz e a descendência de Davi, a resplandecente estrela da manhã. O Espírito e a noiva dizem: Vem. E aquele que ouve diga: Vem. E aquele que tem sede venha; e quem quiser receba de graça a água da vida.

Pois eu testifico a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro: se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas que estão escritas neste livro; e, se alguém tirar alguma coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, que estão descritas neste livro.

Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus.

A graça do Senhor Jesus Cristo seja com todos. Amém"

Este epílogo, no encerramento do livro, corresponde ao prólogo do início e exemplifica a simetria estrutural da composição. Ainda mais notáveis são a ênfase e a frequência com que se afirma e se repete a iminência do cumprimento do conteúdo da profecia. Por sete vezes se declara, de uma forma ou de outra, que tudo está prestes a se realizar. A afirmação com que o livro se abre é repetida em seu desfecho: que o anjo do Senhor foi comissionado "para mostrar aos seus servos *as coisas que em breve devem acontecer*". A advertência solene, "*Eis que venho sem demora*", é feita três vezes nesta seção final. O vidente é ordenado a não selar o livro da profecia, porque "*o tempo está próximo*". Tão iminente é o fim que se sugere que já não há tempo para qualquer mudança no estado ou no caráter dos homens: como são, assim devem permanecer, "*quem é injusto, seja injusto ainda*". A invocação dirigida pelos quatro seres viventes ao esperado Filho do homem, "*Vem*!" (Apocalipse 6:1, 3, 5, 7) é repetida pelo Espírito e pela noiva; e todos os que ouvem são convidados a unir-se a esse clamor. Por fim, a expressão derradeira de todo o livro é a fervorosa oração: "Amém! *Vem, Senhor Jesus*". Tudo isso constitui indícios inequívocos de que as predições contidas no Apocalipse não estavam destinadas a se desenvolver lentamente ao longo das eras, mas encontravam-se às vésperas de um cumprimento quase imediato. Toda a profecia, do começo ao fim, refere-se ao futuro imediato, com a única exceção dos seis versículos de Apocalipse 20:5-10. Pode-se dizer que dezenove vigésimos do Apocalipse, quase noventa e nove centésimos, pertencem, segundo o próprio testemunho do livro, aos dias então presentes, os últimos dias da era judaica. A vinda do Senhor é o seu grande tema: com ela o livro se inicia, com ela se encerra, e do princípio ao fim esse evento é contemplado como prestes a acontecer. Seja o que for que permaneça obscuro ou duvidoso, isto ao menos é claro e certo. O intérprete que não apreende nem mantém firmemente esse princípio orientador é incapaz de compreender as palavras desta profecia e inevitavelmente se perderá, e confundirá outros, em um labirinto de conjecturas e especulações vãs.

Assim termina este livro maravilhoso; tão elaborado em sua construção, tão magnífico em sua linguagem, tão misterioso em suas imagens, tão glorioso em suas revelações. Mais do que qualquer outro

livro da Bíblia, ele tem sido selado e fechado à compreensão inteligente de seus leitores, e isso principalmente por causa do estranho descaso para com as suas próprias e inequívocas orientações para o seu correto entendimento. Herder, que trouxe para a elucidação do Apocalipse mais o seu gênio poético do que a sua faculdade crítica, pergunta:

"Foi enviada uma *chave* junto com o livro, e ela se perdeu? Foi lançada no mar de Patmos, ou no Meandro?"

"Não!", responde um crítico capaz e sagaz, Moses Stuart, cujos trabalhos muito contribuíram para preparar o caminho para uma interpretação correta:

"Nenhuma chave foi enviada, e nenhuma se perdeu. Os leitores primitivos, refiro-me, é claro, aos homens de inteligência entre eles, podiam compreender o livro; e, se por um breve momento estivéssemos em seu lugar, poderíamos dispensar todos os comentários sobre ele e os romances teológicos que dele surgiram, que apareceram desde o tempo do exílio de João até a presente hora".[1]

Mas talvez se possa dar uma resposta melhor. A chave foi enviada juntamente com o livro, e foi deixada enferrujar, sem uso, enquanto toda sorte de chaves falsas e gazuas foi experimentada, e em vão, até que os homens passaram a considerar o Apocalipse como um enigma ininteligível, destinado apenas a confundir e desnortear. A verdadeira chave sempre esteve suficientemente visível, e a atenção dos homens foi chamada para ela de modo enfático em quase todas as páginas do livro. Essa chave é a declaração, feita repetidas vezes, de que *tudo está prestes a cumprir-se*. Se os leitores originais eram competentes, como sustenta Stuart, para compreender o Apocalipse sem um intérprete, isso só poderia ser porque *reconheciam a sua conexão com os acontecimentos de seu próprio tempo*. Supor que pudessem compreender ou sentir o menor interesse por um livro que tratasse de concílios papais, reformas protestantes, revoluções francesas e acontecimentos distantes, em terras estrangeiras e em eras remotas, seria uma das mais extravagantes fantasias que já ocuparam a mente humana. Do começo ao fim, o próprio livro dá testemunho decisivo do cumprimento imediato de suas predições. Ele se abre com a declaração expressa de que os eventos a que se refere "em breve devem acontecer", e se encerra com a reiteração da

[1] Stuart on the Apocalypse, § 12.

mesma afirmação: "O Senhor Deus enviou o seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer". "O tempo está próximo".

A única interpretação luminosa das visões do Apocalipse tem sido oferecida por críticos que consentiram em usar essa chave autêntica e divina para os seus mistérios. Ainda assim, é notável que poucos, se é que algum, o tenham feito de maneira coerente e integral. É surpreendente e desalentador constatar que um expositor como Moses Stuart, depois de avançar com coragem e êxito até certo ponto, subitamente vacila, abandona a chave que lhe havia prestado tão bons serviços e passa a cambalear cega e impotentemente, tateando e conjecturando através do nevoeiro egípcio que o envolve. Todavia, nenhum teólogo de nosso tempo contribuiu tanto para a verdadeira interpretação do Apocalipse. Por meio de seu admirável comentário, ele colocou todos os estudantes deste livro extraordinário sob a mais alta dívida de gratidão e conferiu um benefício duradouro a toda a Igreja de Cristo. Infelizmente, ao deixar de levar seus próprios princípios de modo consistente até o fim, perdeu a honra de conduzir seus seguidores à terra prometida de uma exegese verdadeira.

Quanto à maioria dos intérpretes, mal é possível conceber um desprezo mais absoluto e temerário pelas direções expressas e múltiplas contidas no próprio livro do que aquele que eles têm demonstrado em suas especulações arbitrárias. Ninguém os acusará de perversidade deliberada; contudo, parece inexplicável que estudiosos eruditos e reverentes da revelação divina tenham ignorado ou posto de lado as declarações explícitas do próprio livro quanto ao seu cumprimento iminente; que, apesar dessas afirmações claras em sentido contrário, tenham estabelecido como axioma que o Apocalipse é um compêndio da história civil e eclesiástica até o fim dos tempos; e que então, em afronta a todas as leis gramaticais, passem a inventar um método de interpretação não natural, segundo o qual "*perto*" passa a significar "*distante*", "*rapidamente*" quer dizer "*daqui a séculos*", e "*está próximo*" equivale a "*está longe*". Tudo isso parece inacreditável, mas é verdadeiro. A linguagem só serve para enganar, as palavras não têm significado, e a interpretação não tem leis, se as declarações expressas e repetidas do

Apocalipse não ensinam claramente o cumprimento rápido e praticamente imediato de suas predições.

Deveria ter ocorrido aos intérpretes do Apocalipse que havia uma presunção *a priori* esmagadora contra o seu método, pelo fato de ele exigir um imenso *apparatus criticus,* vastos depósitos de informação histórica, o transcurso de muitos séculos e "algo como um ímpeto profético", para produzir uma exposição satisfatória até mesmo para eles próprios. Que valor poderia ter tal "revelação" para os crentes primitivos, que, com o coração trêmulo, obedeceram à exortação que os enviava à tarefa desconcertante de estudar suas páginas, não é fácil de perceber. Tampouco ela tem muito mais valor para a massa dos leitores modernos, que precisam possuir elevada capacidade crítica para discernir a adequação e a veracidade da interpretação oferecida, e para decidir entre interpretações conflitantes. Não é de admirar que, ocupando uma posição tão falsa, os defensores da revelação divina tenham se exposto aos ataques de céticos como Strauss e a chamada "a escola destrutiva da crítica", e que, refugiando-se na interpretação não natural, tenham colocado em risco a própria cidadela da fé. Deve-se reconhecer que uma negligência culposa dos "verdadeiros ditos de Deus", por parte de expositores cristãos, tem frequentemente dado aos inimigos da revelação um terreno vantajoso, do qual eles não tardaram em se aproveitar.

Sem presunção indevida, pode-se reivindicar para o esquema de interpretação defendido nestas páginas que ele se caracteriza por extrema simplicidade, por concordância com os fatos históricos e por exata correspondência com os símbolos. Não há torção das Escrituras, nem perversão ou acomodação da história, nem manipulação de fatos. O único *apparatus criticus* indispensável é Josefo e a gramática grega. O princípio orientador e regulador é uma deferência implícita e inabalável aos ensinos do próprio livro. Os dados apocalípticos têm sido os únicos marcos considerados, e crê-se que eles não tenham sido insuficientes. Supor que nenhum erro tenha sido cometido seria absurdo; mas viajantes subsequentes, seguindo o mesmo caminho, logo corrigirão o que se mostrar equivocado e confirmarão aquilo que se provar correto.

O objetivo do autor tem sido demonstrar que o Apocalipse é, na realidade, a reprodução e ampliação, em imagens simbólicas, apropriadas

à natureza de uma visão, do discurso profético de nosso Senhor proferido no Monte das Oliveiras. Esse discurso, como mostramos, é uma predição única, contínua e homogênea de acontecimentos que deveriam ocorrer em conexão com a Parousia, a vinda do Filho do homem em seu reino, um evento que Ele declarou que se daria antes que passasse a geração então existente, e que alguns dos discípulos viveriam para presenciar. De modo semelhante, o Apocalipse é uma revelação dos acontecimentos que acompanham a Parousia, mas com muito mais detalhes e com uma exposição muito mais ampla da glória e da bem-aventurança do "reino".

Há dezoito séculos, quando o Vidente contemplava a gloriosa visão da cidade cujos muros eram de jaspe, cujas portas eram de pérola e cujas ruas eram de ouro puro, foi-lhe assegurado repetidas vezes que "essas coisas devem acontecer *em breve*" e que "o tempo está *próximo*". Estando às vésperas da tão esperada Parousia, escutando atentamente o passo do Rei que vinha, sabendo que "o fim da era" devia estar iminente e aguardando com ardor "o dia do Senhor", como poderia ser diferente senão que João e seus companheiros de discipulado se julgassem prestes a testemunhar o cumprimento de suas mais queridas esperanças? Como poderia ser diferente, quando o próprio Senhor, dando Seu testemunho pessoal quanto à quase imediata vinda, declarou três vezes, nos termos mais explícitos: "Eis que venho sem demora"; "Eis que venho sem demora"; "Sim, venho sem demora"?

Somos assim conduzidos à conclusão, tanto pelo ensino do Apocalipse quanto pelo restante das Escrituras do Novo Testamento, de que, nos dias de João, a Parousia era universalmente crida por toda a igreja cristã como estando muito próxima. Essa era a promessa de Cristo, a pregação dos apóstolos e a fé da igreja. Somos também instruídos quanto ao significado desse grande evento. Ele marcou uma nova época na administração divina. Até que esse acontecimento tivesse lugar, a plena bem-aventurança do estado celestial não estava aberta às almas dos crentes.

A Epístola aos Hebreus ensina que, até a chegada da grande consumação, algo ainda faltava à plena perfeição daqueles que "morreram na fé". O mesmo ensino é apresentado no Apocalipse. Até

que a "cidade prostituta" fosse julgada e condenada, a "cidade santa" não estava preparada como habitação dos santos. Somos levados a compreender também que o encerramento da dispensação judaica, a revogação da economia legal e a destruição da cidade e do templo de Jerusalém indicaram a dissolução da relação peculiar entre Javé e a nação de Israel. A nação havia rejeitado o seu Rei, e o Rei havia julgado a nação; e a missão messiânica, tanto para misericórdia quanto para juízo, então se cumpriu. O remanescente fiel foi reunido no reino, ou na "nova Jerusalém", e toda a estrutura e o edifício do judaísmo foram despedaçados e destruídos para sempre. O reino de Deus havia agora chegado; e aquele que por tão longo período conduzira sua administração, seu Mediador e Chefe, agora que coroou o edifício, abdica de seu caráter oficial e "entrega o reino ao Pai". Sua obra como Messias está consumada; Ele já não é "ministro da circuncisão"; o que era local e limitado dá lugar ao universal, "para que Deus seja tudo em todos". Isso não significa que cesse a relação entre Cristo e a humanidade, mas que Sua missão como *Rei de Israel* se cumpriu; a *nação da aliança* já não existe; já não há judeus nem gentios, circuncidados nem incircuncisos; o Israel de Deus é mais amplo e maior do que o Israel segundo a carne; a Jerusalém que é de cima não é mãe dos judeus, mas é "*a mãe de todos nós*".

Foi à plena vista desse dia glorioso, que estava prestes a "abrir o reino dos céus a todos os crentes", que o discípulo amado respondeu ao anúncio de seu Senhor sobre Sua vinda iminente: "Amém! Vem, Senhor Jesus!"

RESUMO E CONCLUSÃO.

Chegamos agora a um ponto de nossa investigação em que é possível fazer uma visão completa e articulada de todo o campo que percorremos, e observar a unidade e a coerência do sistema profético desenvolvido no Novo Testamento.

1. Verificamos que a dispensação do Evangelho não surge como um sistema independente e isolado, um novo começo no governo divino do mundo, mas que pressupõe e assume a relação de Deus com Israel nos tempos passados. Toda a filosofia da história judaica se resume numa única expressão: "*o reino de Deus*"; e é esse reino que, primeiro João Batista, como o arauto do Rei que havia de vir, e depois o próprio Rei, o Senhor Jesus Cristo, proclamaram como estando "*próximo*".

2. Constatamos que João Batista retoma as advertências da profecia do Antigo Testamento, especialmente do último dos profetas, Malaquias, e anuncia que a vinda do reino seria a vinda da ira sobre Israel. Ele declara que "o machado já está posto à raiz da árvore"; e seu clamor é: "Fugi da ira vindoura", indicando claramente que um tempo de juízo se aproximava rapidamente.

3. Nosso Senhor afirma o mesmo juízo iminente sobre a terra e o povo de Israel, e ainda associa esse juízo à Sua própria vinda em glória, a Parousia. Esse evento ocupa um lugar de máximo destaque no Novo Testamento; para ele se voltam todos os olhares, para ele apontam todos os mensageiros inspirados. Ele é apresentado como o núcleo e o centro

4. de um conjunto de grandes acontecimentos: o fim da era, ou o encerramento da economia judaica; a destruição da cidade e do templo de Jerusalém; o juízo da nação culpada; a ressurreição dos mortos; a recompensa dos fiéis; e a consumação do reino de Deus. Todos esses acontecimentos são declarados como coincidentes com a Parousia.

5. Pode-se demonstrar, pelo testemunho expresso de nosso Senhor, pelo ensino uniforme e concordante de Seus apóstolos e pela expectativa universal da igreja da era apostólica, que a Parousia e os acontecimentos que a acompanham eram apresentados como estando próximos; e não apenas isso, mas como prestes a ocorrer dentro dos limites de um período determinado, isto é, no tempo dos apóstolos e de seus contemporâneos, de modo que muitos, ou a maioria deles, podiam esperar presenciar a grande consumação. Este é o ponto central de toda a questão e deve ser decidido pela autoridade das próprias Escrituras. Embora a prova deva ser rigorosamente exigida e as evidências cuidadosamente examinadas, elas também devem ser consideradas com imparcialidade, sem recorrer a interpretações não naturais, a evasões acríticas e injustas, ou a distorções forçadas do sentido claro das palavras.

6. Sem refazer o caminho já percorrido, basta aqui apelar para três declarações distintas e decisivas de nosso Senhor a respeito do tempo de Sua vinda, cada uma delas acompanhada de uma solene afirmação:

(1) "Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que venha o Filho do Homem". (Mateus 10:23)

(2) "Em verdade vos digo que alguns dos que aqui estão não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo em seu reino". (Mateus 16:28)

(3) "Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto se cumpra". (Mateus 24:34)

O sentido gramatical claro dessas declarações foi amplamente examinado nestas páginas. Nenhuma violência interpretativa pode extrair delas outro significado que não o óbvio e inequívoco: a saber, que a segunda vinda de nosso Senhor ocorreria dentro dos limites da geração então existente.

7. A doutrina dos apóstolos a respeito da vinda do Senhor está em perfeita harmonia com a d'Ele. Nada é mais evidente do que o fato de que todos eles criam e ensinavam o retorno iminente do Senhor. Desde

o primeiro discurso de Pedro no dia de Pentecostes até a última declaração de João no Apocalipse, essa convicção é clara e constantemente expressa. Dizer que os apóstolos eram eles próprios ignorantes quanto ao tempo da vinda de seu Senhor e que, portanto, não podiam ter nenhuma crença a respeito do assunto, não podendo ensinar aquilo que não sabiam, é contradizer suas próprias afirmações explícitas e reiteradas. É verdade que eles não sabiam, nem ensinaram, "aquele dia e aquela hora"; não afirmaram que Ele viria em um mês específico de um determinado ano; mas certamente deram às igrejas a entender que Ele vinha em breve, que poderiam esperar vê-lo em pouco tempo, e jamais deixaram de exortá-las a manter uma atitude de constante vigilância e preparação.

Não é necessário fazer mais do que mencionar alguns dos principais testemunhos dados pelos apóstolos acerca da vinda iminente do Senhor:

(1) Paulo dá grande destaque, em suas epístolas, a essa esperança querida da igreja cristã.

a. Na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, ele admite a possibilidade de a vinda do Senhor ocorrer durante a vida dele e dos destinatários da carta, "*nós*, os que ficarmos vivos, os que permanecermos até a vinda do Senhor". Ele também ora para que "o espírito, a alma e o corpo deles sejam conservados irrepreensíveis até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".

b. Na Segunda Epístola aos Tessalonicenses (que muitas vezes é erroneamente entendida como ensinando que a vinda de Cristo não estava próxima, quando na verdade ensina precisamente o contrário), ele consola os crentes que sofriam com a promessa de que obteriam descanso de suas aflições presentes "quando o Senhor Jesus for revelado do céu", etc. (2 Tessalonicenses 1:7)

c. Na Primeira Epístola aos Coríntios, o apóstolo fala dos crentes como "aguardando a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo". Ele os adverte de que "o tempo é curto"; de que "o fim da era" ou "os fins das eras" chegaram sobre eles; e de que "o Senhor está perto".

d. Na Segunda Epístola aos Coríntios, Paulo expressa sua confiança de que, embora pudesse morrer antes da vinda do Senhor, Deus ainda

assim o ressuscitaria dentre os mortos e o apresentaria, juntamente com aqueles que sobrevivessem até esse tempo.

e. Na Epístola aos Romanos, Paulo fala da "glória que está para ser revelada"; de toda a criação aguardando a manifestação dos filhos de Deus; da salvação como algo próximo, "mais perto agora do que quando no princípio cremos"; de que "já é hora de despertarmos do sono"; de que "a noite vai avançada, e o dia está próximo"; e de que "Deus esmagará Satanás debaixo dos pés deles em breve".

f. Nas Epístolas aos Efésios, Filipenses e Colossenses, o apóstolo fala do "dia de Cristo" como o tempo de esperança, perfeição e glória para o qual eles olhavam, e declara enfaticamente: "O Senhor está perto".

g. Do mesmo modo, nas Epístolas a Timóteo e Tito, a expectativa da Parousia é evidente. Timóteo é exortado a guardar o mandamento sem mácula "até a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo". Afirma-se que Ele "há de julgar os vivos e os mortos na sua manifestação e no seu reino". Os cristãos são exortados a aguardar "a bendita esperança e a manifestação da glória do grande Deus e Salvador nosso, Jesus Cristo".

(2) São Tiago apresenta a vinda do Senhor como estando prestes a acontecer. "Os últimos dias" já chegaram. Os cristãos que sofrem são exortados a "ter paciência até a vinda do Senhor". Eles são assegurados de que "ela se aproxima", de que "o Juiz está à porta".

(3) São Pedro, assim como São Paulo, dá grande destaque à Parousia e aos eventos a ela relacionados.

a. No dia de Pentecostes, ele declarou que aqueles eram "os últimos dias" preditos pelo profeta Joel, que antecederiam "o grande e terrível dia do Senhor".

b. Em sua Primeira Epístola, ele afirma que era "o último tempo"; que Deus estava "pronto para julgar os vivos e os mortos"; que "o fim de todas as coisas estava próximo"; e que "havia chegado o tempo de o juízo começar pela casa de Deus".

c. Em sua Segunda Epístola, ele exorta os cristãos a estarem "aguardando e apressando a vinda do dia de Deus", e descreve a iminente dissolução de "céu e terra".

(4) A Epístola aos Hebreus fala dos "últimos dias" como já presentes; trata-se do "fim da era"; o dia é visto como "aproximando-se"; "Ainda um pouco, muito pouco tempo, e aquele que há de vir virá, e não tardará".

(5) João confirma e completa o testemunho de seus companheiros apóstolos: é "o último tempo"; "o anticristo já veio"; "ele já está no mundo". Os cristãos são exortados a viver de tal modo que não se envergonhem diante de Cristo em Sua vinda.

Por fim, o Apocalipse está repleto da Parousia: "Eis que vem com as nuvens"; "o tempo está próximo"; "Eis que venho sem demora".

Esse é, portanto, um rápido panorama do testemunho apostólico acerca da vinda iminente do Senhor. Seria estranho se, diante de tais garantias e exortações, as igrejas apostólicas não tivessem vivido em constante e ardente expectativa da Parousia. De que assim foi, temos as mais claras evidências no Novo Testamento, e podemos imaginar a poderosa influência que essa fé e esperança exerceram sobre a vida e o caráter cristãos.

Mas, admitindo, como dificilmente se pode negar, que os apóstolos e os primeiros cristãos realmente alimentavam essas expectativas, e que sua crença se baseava no ensino do próprio Senhor, surge então a pergunta: não estariam eles enganados em sua expectativa? Na prática, isso equivale a perguntar se os apóstolos foram autorizados a cair em erro e a conduzir outros à mesma ilusão quanto a um fato que tinham amplas oportunidades de conhecer; que deve ter sido frequentemente objeto de conversa e discussão entre eles; que jamais deixaram de manter diante da atenção das igrejas; e acerca do qual todos estavam de pleno acordo.

Há críticos que não hesitam em afirmar que os apóstolos estavam enganados e que o tempo demonstrou a falsidade de suas expectativas. Eles nos dizem que ou os apóstolos entenderam mal o ensino de seu Mestre, ou que o próprio Cristo também estava sob uma impressão equivocada. Isso, evidentemente, equivale a pôr de lado a pretensão dos

apóstolos de falar com autoridade como mensageiros inspirados de Cristo e a minar os próprios fundamentos da fé cristã.

Há outros, mais reverentes no trato com as Escrituras, que reconhecem que os apóstolos de fato se enganaram, mas que esse engano foi, por razões sábias, permitido, que, na verdade, o erro foi altamente benéfico em seus resultados: estimulou a esperança, fortaleceu a coragem e inspirou a devoção.[1]

"Se os cristãos dos primeiros séculos", diz Hengstenberg, "tivessem previsto que a segunda vinda de Cristo não ocorreria por dezoito séculos, quão mais fraca teria sido a impressão que essa doutrina lhes causaria do que quando O esperavam a cada hora e eram advertidos a vigiar, porque Ele viria como um ladrão de noite, numa hora em que não O esperavam!"[2]

Mas nem essa explicação pode ser aceita como satisfatória. É inegável que os primeiros cristãos receberam um impulso imenso para sua coragem e zelo a partir de sua firme crença na rápida vinda do Senhor; mas teria sido essa uma esperança que, afinal, os deixou envergonhados? Devemos concluir que a coragem indomável e a devoção de São Paulo repousavam principalmente sobre uma ilusão? Teriam sido os mártires e confessores da era primitiva apenas entusiastas equivocados? Confessamos que tal conclusão é repugnante a todas as nossas concepções do cristianismo como uma revelação da verdade divina por meio de homens inspirados. Se os apóstolos entenderam mal ou representaram de forma equivocada o ensino de Cristo a respeito de um *fato*, acerca do qual tiveram as mais amplas

[1] "Por eras, a esperança do mundo tem sido a segunda vinda. A igreja primitiva a esperava em seus próprios dias, 'nós, os que ficarmos vivos e permanecermos até a vinda do Senhor'. O próprio Salvador havia dito: 'Esta geração não passará até que todas estas coisas se cumpram'. No entanto, o Filho do homem nunca veio... Nos primeiros séculos, os cristãos primitivos criam que a vinda milenar estava próxima; ouviram a advertência do apóstolo, breve e incisiva: 'O tempo é curto'. Ora, suponha que, em vez disso, eles tivessem visto desenrolar-se toda a sombria página da história da igreja; suponha que soubessem que, após dois mil anos, o mundo mal teria conseguido soletrar três letras do significado do cristianismo, onde estariam aqueles esforços gigantescos, aquela vida vivida como à própria beira da eternidade, que caracterizam os dias da igreja primitiva?" - F. W. Robertson, Sermon on the Illusiveness of Life.

[2] Hengstenberg, Christology, vol. iv. p. 443.

oportunidades de informação, que confiança pode ser depositada em seu testemunho quanto às questões de *fé*, nas quais a possibilidade de erro é muito maior? Tais explicações são próprias para abalar os fundamentos da confiança no ensino apostólico; e não é fácil ver como são compatíveis com qualquer crença prática na inspiração.

Há, contudo, outra teoria, pela qual muitos supõem que a credibilidade dos apóstolos é preservada, ao mesmo tempo em que se deixa espaço para evitar a aceitação de seu ensino aparente sobre a vinda de Cristo. Trata-se da hipótese de um cumprimento *primário* e *parcial* de suas predições em seu próprio tempo, a ser seguido e completado por um cumprimento *último* e *pleno* no fim da história humana. Segundo essa visão, as expectativas dos apóstolos não foram totalmente errôneas. Algo realmente ocorreu que poderia ser chamado de "uma vinda do Senhor", "um dia de juízo". Suas predições tiveram um cumprimento *quasi* realizado na destruição de Jerusalém e no juízo da nação culpada Essa consumação no encerramento da era judaica foi um *tipo* de outra catástrofe, infinitamente maior, quando toda a raça humana será levada perante o tribunal de Cristo e a terra consumida por uma conflagração geral. Essa é, provavelmente, a visão mais comumente aceita pela maioria dos expositores e leitores do Novo Testamento na atualidade.

A primeira objeção a essa hipótese é que ela não tem fundamento no ensino das Escrituras. Não há sequer uma centelha de evidência de que os apóstolos e os cristãos primitivos tivessem qualquer suspeita de uma referência dupla nas predições de Jesus acerca do fim. Em parte alguma se insinua que um cumprimento primário e parcial de Suas palavras devesse ocorrer naquela geração, enquanto o cumprimento completo e exaustivo ficaria reservado para um período futuro e longínquo. O fato é exatamente o contrário. Que palavras poderiam ser mais abrangentes e conclusivas do que as de nosso Senhor: "Em verdade vos digo que esta geração não passará até que TODAS estas coisas se cumpram"? Que tortura crítica não foi aplicada a essas palavras para arrancar delas algum sentido diferente do óbvio e natural! Como o termo γενεὰ foi perseguido por toda a sua linhagem e genealogia, na tentativa de provar que não significa as pessoas então vivas na Terra! Mas todos esses esforços são totalmente fúteis. Enquanto as palavras permanecerem no texto, seu sentido claro e evidente prevalecerá sobre todas as glosas e

perversões de uma crítica engenhosa. A hipótese de um duplo cumprimento não recebe qualquer apoio das Escrituras. Basta ler a linguagem com que os apóstolos falam da consumação que se aproximava para nos convencermos de que eles tinham em vista um único, e somente um, grande evento, e que pensavam e falavam dele como algo iminente.

Isso nos conduz a outra objeção à hipótese de um cumprimento duplo, ou mesmo múltiplo, das predições do Novo Testamento, a saber, que ela procede de uma concepção fundamentalmente errônea do verdadeiro significado e da grandeza daquela grande crise no governo divino do mundo que é assinalada pela Parousia. Não são poucos os que parecem pensar que, se a profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, e as predições dos apóstolos acerca da vinda de Cristo em glória, não significassem mais do que a destruição de Jerusalém e se tivessem cumprido nesse evento, então todos os seus anúncios e expectativas teriam terminado em um mero *fiasco*, e a realidade histórica corresponderia de modo muito fraco e inadequado à magnífica profecia. Há razões para crer que o verdadeiro significado e a grandeza desse grande acontecimento são pouco apreciados por muitos. A destruição de Jerusalém não foi um simples episódio emocionante no drama da história, como o cerco de Troia ou a queda de Cartago, encerrando um capítulo nos anais de um Estado ou de um povo. Foi um evento sem paralelo na história. Foi o sinal exterior e visível de uma grande época no governo divino do mundo. Foi o encerramento de uma dispensação e o começo de outra. Marcou a inauguração de uma nova ordem de coisas. A economia mosaica, que fora introduzida pelos milagres do Egito, pelos relâmpagos e trovões do Sinai e pelas gloriosas manifestações de Jeová a Israel, após subsistir por mais de quinze séculos, foi então abolida. A relação peculiar entre o Altíssimo e a nação da aliança foi dissolvida. O reino messiânico, isto é, a administração do governo divino pelo Mediador, ao menos no que dizia respeito a Israel, atingiu o seu ponto culminante. O reino há tanto tempo predito, esperado e orado havia, agora, plenamente chegado. O ato final do Rei foi sentar-se no trono de Sua glória e julgar o Seu povo. Então Ele pôde "entregar o reino a Deus, o Pai". Este é o significado da destruição de Jerusalém segundo o testemunho da Palavra de Deus. Não foi um fato isolado, uma catástrofe

solitária; foi o centro de um conjunto de eventos relacionados e coincidentes, não apenas no mundo material, mas também no espiritual; não apenas na terra, mas no céu e no inferno; alguns deles cognoscíveis pelos sentidos e passíveis de confirmação histórica, e outros não.

Talvez se diga que uma explicação desse tipo para as predições do Novo Testamento, em vez de aliviar a dificuldade, acaba por nos embaraçar e confundir ainda mais. É possível crer no cumprimento de predições que se realizam na ordem visível e exterior das coisas, porque dispomos de evidência histórica desse cumprimento; mas como se pode esperar que creiamos em cumprimentos que se diz terem ocorrido na esfera do espiritual e do invisível, quando não temos testemunhas que depõem aos fatos? Podemos crer implicitamente no cumprimento de tudo o que foi predito a respeito dos horrores do cerco de Jerusalém, do incêndio do templo e da demolição da cidade, porque temos o testemunho de Josefo quanto a esses acontecimentos; mas como crer numa vinda do Filho do Homem, numa ressurreição dos mortos e num ato de juízo, quando não temos senão a palavra da profecia sobre a qual nos apoiar, e nenhum Josefo que garanta a exatidão histórica desses fatos?

A isso só se pode responder que a exigência de testemunho humano para eventos ocorridos na esfera do invisível não é inteiramente razoável. Se os recebemos, deve ser com base na palavra daquele que declarou que *todas* essas coisas certamente aconteceriam antes que passasse aquela geração. Mas, afinal, será tão excessiva assim a exigência feita à nossa fé nesse ponto? Uma grande parte dessas predições sabemos ter sido cumprida de modo literal e pontual; reconhecemos nesse cumprimento uma prova notável da veracidade da Palavra de Deus e da presciência sobre-humana que previu e anunciou o futuro. Poderia haver algo menos provável, no momento em que nosso Senhor proferiu o seu discurso profético, do que a destruição total do templo, o arrasamento da cidade e a ruína da nação ainda dentro da vida da geração então existente? Que poderia ser mais minucioso e específico do que os sinais do fim enumerados por nosso Senhor? E que poderia ser mais preciso e literal do que o cumprimento desses sinais?

Mas a parte que reconhecidamente já se cumpriu, e que é confirmada pela história não inspirada, está inseparavelmente ligada a

outra parte que não conta com tal confirmação. Nada, senão uma ruptura violenta, pode destacar uma parte desta profecia da outra. Ela é uma só do começo ao fim, um todo completo. Nem o instrumento mais preciso consegue traçar uma linha que separe uma parte referente àquela geração de outra parte referente a um período diferente e distante. Cada uma de suas partes repousa sobre o mesmo fundamento, e o conjunto está de tal modo ligado e concatenado que tudo deve permanecer de pé ou cair juntamente. Estamos, portanto, justificados em sustentar que o cumprimento exato daquela parte da profecia que se encontra ao alcance dos sentidos, e que pode ser confirmado por testemunho humano, constitui uma presunção e uma garantia em favor do cumprimento igualmente exato daquela parte que pertence à esfera do invisível e do espiritual, e que, pela própria natureza das coisas, não pode ser atestada por evidência humana. Isso não é credulidade, mas fé racional, do tipo que as pessoas exercem sem receio em todas as suas transações da vida comum.

Concluímos, portanto, que todas as partes da predição de nosso Senhor se referem ao mesmo período e ao mesmo evento; que toda a profecia é una e indivisível, repousando sobre o mesmo fundamento de autoridade divina. Além disso, uma vez que tudo o que era cognoscível pelos sentidos humanos está demonstrado como cumprido, estamos não apenas autorizados, mas obrigados a assumir que o restante também se cumpriu, não apenas como algo plausível, mas como absolutamente certo.

Como resultado da investigação, somos conduzidos a este dilema: ou todo o conjunto de predições, abrangendo a destruição de Jerusalém, a vinda do Senhor, a ressurreição dos mortos e a recompensa dos fiéis, de fato ocorreu antes do desaparecimento daquela geração, conforme predito por Cristo, ensinado pelos apóstolos e esperado por toda a igreja; ou então a esperança da igreja foi uma ilusão, o ensino dos apóstolos um erro, e as predições de Jesus um sonho.

Não há outra alternativa compatível com a interpretação gramatical justa das palavras da Escritura. Não nos é permitido rasgar a profecia de Cristo em partes e decidir arbitrariamente: isto é passado, aquilo é futuro; isto se cumpriu, aquilo permanece por cumprir. Não há qualquer pretexto para tal divisão no registro daquele discurso; assim como a túnica sem costura usada por aquele que o proferiu, ele é inteiriço, "tecido de alto a baixo". Tanto a estrutura gramatical quanto a ocasião histórica implicam a unidade da profecia como um todo. Também não existe qualquer "faculdade de verificação" pela qual seja possível distinguir uma parte da outra como pertencentes a períodos ou épocas diferentes. Toda tentativa de traçar tais linhas de distinção revelou-se um completo fracasso. A profecia se recusa a ser manipulada dessa forma e afirma sua unidade e homogeneidade apesar de todo artifício crítico ou violência interpretativa. Somos, portanto, compelidos por todas essas considerações, e sobretudo pelo respeito à autoridade daquele cuja palavra não pode ser quebrada, a concluir que a Parousia, ou segunda vinda de Cristo, com seus eventos conexos e concomitantes, de fato ocorreu, segundo a própria predição do Salvador, no período em que Jerusalém foi destruída, e antes do desaparecimento "daquela geração".

Aqui podemos fazer uma pausa, pois a profecia das Escrituras não nos guia mais. Mas o fim do aeon não é o fim do mundo, e o destino de Israel não nos ensina nada a respeito do destino da raça humana. Quer desejemos ou não, não podemos deixar de especular sobre o futuro e prever as fortunas definitivas de um mundo que tem sido palco de demonstrações estupendas de julgamento e misericórdia divinas. Alguns provavelmente acharão que é uma conclusão indesejável que o Apocalipse não é o plano de estudos da história civil e eclesiástica que uma teoria equivocada da interpretação supunha que fosse. Parecerá a eles que a extinção dessas luzes falsas, que eles levaram como estrelas guia, os deixa na escuridão total sobre o futuro; e eles perguntarão perplexos, Para onde estamos tendendo? Qual deve ser o fim e a consumação da história humana? Esta Terra, com seu precioso frete de interesses imortais e eternos, está avançando em direção à luz e verdade, ou se apressando para regiões de trevas e distância de Deus?

Onde nada foi revelado, seria o cúmulo da presunção prognosticar o futuro. "Não nos compete conhecer os tempos e as estações que o Pai

reservou para a sua própria autoridade". Já se disse que "o profeta não inspirado é um tolo", e muitos exemplos confirmam o dito. Ainda assim, até este ponto nos é permitido concluir: não há razão para desesperar quanto ao futuro. Há alguns que nos dizem que, assim como o judaísmo foi um fracasso, também o cristianismo será um fracasso. Não estamos persuadidos disso; vemos tal afirmação antes como uma imputação contra a sabedoria e a bondade divinas. O judaísmo jamais foi constituído para ser uma religião universal; era, por sua própria natureza, limitado e nacional em sua atuação; mas o cristianismo foi feito para o *homem* e demonstrou sua adaptação a toda variedade da família humana. É, de fato, demasiadamente verdadeiro que o progresso do cristianismo no mundo tem sido lamentavelmente lento; e que, após dezoito séculos, não conseguiu banir o mal do mundo, nem mesmo das regiões onde sua influência foi sentida de modo mais poderoso. Ainda assim, feitas todas as concessões quanto às suas deficiências, ele continua sendo a mais poderosa força moral jamais posta em operação para purificar e enobrecer o caráter humano. É o cristianismo que distingue o mundo novo do antigo, a civilização moderna da antiga. Este é o novo fator na sociedade e na história humanas que pode reivindicar a maior parcela nas reformas benéficas do passado e ao qual podemos olhar esperando resultados ainda maiores no futuro. O historiador filosófico reconhece no cristianismo um novo poder que, "desde a sua própria origem, e ainda mais em seu progresso, renovou inteiramente a face do mundo".[1]

Nem há qualquer sinal de decrepitude ou esgotamento na religião de Jesus, após todas as eras, conflitos e revoluções de pensamento pelos quais ela passou. Ela enfrentou o impacto das mais malignas perseguições e saiu vitoriosa. Suportou a prova da crítica mais rigorosa e hostil, e saiu do fogo ilesa. Sobreviveu ao ainda mais perigoso patrocínio de falsos amigos, que a corromperam em superstição, a perverteram em política ou a degradaram em comércio. Enquanto os inimigos do Evangelho predizem sua rápida extinção, ela entra em uma nova etapa de luta e vitória. Há no cristianismo uma tendência permanente de renovar a sua juventude, de recuperar o ideal de sua pureza original e de

[1] Schlegel, Philosophy of History, Lect. x.

se purificar das impurezas e acréscimos que lhe são estranhos por natureza. Nunca, desde a era apostólica, houve maior vitalidade e vigor na religião da Cruz do que hoje. Esta é a era das missões cristãs; e, enquanto todas as outras religiões do mundo deixaram de fazer prosélitos e, portanto, de crescer, o cristianismo avança para toda terra e nação, com a Bíblia em suas mãos e a proclamação das boas-novas em seus lábios: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo".

A verdadeira interpretação da profecia do Novo Testamento, longe de nos lançar nas trevas, alimenta a esperança. Ela dissipa a sombra que pairava sobre um mundo que se julgava destinado à destruição. Não há razão para concluir que, porque Jerusalém foi destruída, o mundo deva arder; ou que, porque a nação apóstata foi condenada, a raça humana deva ser lançada à perdição. Todas essas antecipações sombrias repousam sobre uma interpretação equivocada das Escrituras; e, uma vez removidas tais falácias, o horizonte se ilumina com uma esperança gloriosa. Podemos confiar no Deus de amor. Ele não abandonou a Terra, e governa o mundo segundo um plano que não nos foi revelado, mas que podemos estar certos de que, ao final, produzirá o maior bem da criatura e a mais brilhante glória do Criador.

Pode, de fato, parecer estranho e difícil de compreender que hoje estejamos privados daquelas manifestações e revelações divinas que, em outras eras, Deus se dignou conceder aos homens. Em certos aspectos, parecemos mais distantes do céu do que aqueles tempos em que vozes e visões lembravam aos homens a proximidade do Invisível. Podemos dizer, com os judeus do cativeiro: "Não vemos os nossos sinais; já não há profeta, nem há entre nós quem saiba até quando". (Salmos 74:9)

Já se passaram dezoito séculos desde que uma voz foi ouvida na terra dizendo: "Assim diz o Senhor". É como se uma porta tivesse sido fechada no céu, e o intercâmbio direto de Deus com o homem tivesse sido interrompido; e parecemos estar em desvantagem em comparação com aqueles que foram favorecidos com "visões e revelações do Senhor". Contudo, mesmo nisso, talvez não estejamos julgando corretamente. Sem dúvida, é melhor que seja assim. A presença do Espírito Santo com os discípulos foi declarada por nosso Senhor como mais do que uma compensação por Sua própria ausência. Esse Espírito habita conosco e

em nós, e é Sua função "tomar do que é de Cristo e o anunciar". Temos também a Palavra escrita de Deus, e nisso desfrutamos de uma superioridade incalculável em relação aos tempos antigos. Melhor a Palavra escrita do que o profeta vivo. Mas, se fosse necessário para o bem-estar e a direção da humanidade que Deus novamente Se manifestasse, não haveria presunção contra novas revelações. Por que se deveria pensar que Deus já falou Sua última palavra aos homens? Contudo, cabe a Ele escolher, e não a nós determinar. Pode muito bem ser que, mesmo agora, de maneiras que não suspeitamos, Ele esteja falando ao homem. "Deus realiza a Si mesmo de muitas formas", e a história humana está hoje tão cheia de Deus quanto nos tempos de milagres e profecias. Longe de nós esteja a incredulidade que desespera do cristianismo e do homem. Certamente não foi em vão que Jesus disse: "Eu sou a Luz do *Mundo*". "Porque Deus não enviou o Seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele". "E eu, quando for levantado da terra, atrairei *todos* a mim mesmo".

Aquele apóstolo tão favorecido, que mais do que qualquer outro parece ter compreendido "a largura, o comprimento, a profundidade e a altura do amor de Cristo", sugere-nos ideias quanto à extensão e à eficácia da grande redenção que nossa incredulidade latente mal consegue aceitar. Ele não hesita em afirmar que a obra restauradora de Cristo acabará por reparar, mais do que plenamente, a ruína causada pelo pecado. "Assim como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim também, pela obediência de Um, muitos serão feitos justos". Não haveria sentido nessa comparação se "os muitos" de um lado da equação não correspondessem aos "muitos" do outro. Mas isso não é tudo: a obra redentora de Cristo faz mais do que restabelecer o equilíbrio; ela o supera, e de modo incomensurável, em relação ao peso do mal. "Onde abundou o pecado, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, assim também reine a graça pela justiça para a vida eterna, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor". (Romanos 5:19-21)

Não cabe ao escopo desta discussão argumentar, em bases filosóficas, a probabilidade natural de um reinado de verdade e justiça sobre a terra; estamos satisfeitos em ter a certeza dessa consumação por fundamentos mais elevados e seguros, a saber, as promessas daquele que nos ensinou a

orar: "Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". Pois toda oração ensinada por Deus contém uma profecia e transmite uma promessa. Este mundo já não pertence ao diabo, mas a Deus. Cristo o redimiu, e o recuperará, e atrairá todos os homens a Si. De outro modo, seria inconcebível que Deus tivesse ensinado Seu povo, em todas as eras, a proferir com fé e esperança aquela sublime oração profética:

"Deus tenha misericórdia de nós e nos abençoe,
E faça resplandecer o Seu rosto sobre nós;
Para que se conheça na terra o teu caminho,
E entre todas as nações a tua salvação.
Louvem-te os povos, ó Deus;
Louvem-te todos os povos.
Alegrem-se e exultem as nações,
Pois julgas os povos com retidão
E governas as nações sobre a terra.
Louvem-te os povos, ó Deus;
Louvem-te todos os povos.
Então a terra dará o seu fruto,
E Deus, o nosso Deus, nos abençoará.
Deus nos abençoará,
E todos os confins da terra o temerão".
(Salmos 67)

APÊNDICE À PARTE III.

NOTA A.

Reuss sobre "o Número da Besta". (Apocalipse 13:18)

"Formaria uma história muito singular se fôssemos relatar tudo o que tem sido dito pelos teólogos a respeito do número 666 no Apocalipse. Este, porém, não é o lugar para fazê-lo; e, em geral, é mera perda de tempo refutar erros palpáveis e alucinações absurdas. Nossos textos são tão claros para aqueles que têm olhos para ver e compreender, que a simples exposição de seu verdadeiro sentido deveria, de imediato, dissipar as nuvens acumuladas em torno deles por preconceitos dogmáticos, imaginações interessadas e pré-construções políticas.

O número da besta, 666, é o número de um homem, ἀριθμὸς ἀνθρώπου, diz o profeta. É o número de um nome, diz ele ainda, e esse nome está escrito na fronte daqueles que são os súditos leais e adoradores da besta. A própria besta, porém, é um ser pessoal, o Anticristo, e não representa alguma ideia abstrata. Disso se segue que o número 666 não representa um período da história eclesiástica, como sustentam as interpretações dos teólogos protestantes ortodoxos e dos quilias-tas pietistas da escola de Bengel. Tampouco designa um nome comum para caracterizar um poder ou um império, como, por exemplo, o paganismo romano, conforme Irineu tentou demonstrar com seu Λατεῖνος, hipótese adotada por todos os intérpretes posteriores que não conseguiram inventar algo ainda mais inadmissível, e da qual os protestantes se valeram com entusiasmo em seus interesses polêmicos antipapais. As expressões 'Latium', 'Latini' não existiam, no primeiro século, senão na poesia e na geografia local da Campânia romana, e, como nome de uma língua, eram totalmente desconhecidas, sob qualquer forma, no âmbito apostólico. (Lucas 23:38; João 19:20)

O número 666 deve, portanto, conter um nome próprio, o nome da personagem política e histórica que estava destinada a desempenhar o papel de Anticristo em todas as grandes revoluções que aguardavam o mundo judaico-cristão. Após a leitura de Daniel e da Segunda Epístola aos Tessalonicenses, sabemos *qual* é o assunto. Nosso autor finalmente prossegue dizendo de *quem* ele fala.

Aqui, então, está a dificuldade (se é que dificuldade existe) que mais frequentemente tem desviado até mesmo aqueles que se aproximaram do problema com um espírito livre de preconceitos e ilusões. A besta do capítulo treze não é um

indivíduo, mas o Império Romano, considerado como poder. O próprio escritor nos diz (capítulo 17) que as sete cabeças da besta representam as sete colinas sobre as quais está edificada sua capital; e, novamente, sete reis que ali reinaram ou ainda reinam. Isso é perfeitamente verdadeiro; mas ele nos diz, com igual clareza, que essa besta é, ao mesmo tempo, uma das sete cabeças, uma combinação aparentemente inconcebível e mais do que paradoxal, mas, ao mesmo tempo, muito natural e até necessária. A ideia de um poder, especialmente de uma influência hostil, tende sempre a assumir uma forma concreta, a personificar-se no espírito popular. O monstro ideal torna-se um indivíduo; o princípio assume uma forma humana distinta; e, sob essa forma pessoal, as ideias se tornam populares, até que indivíduos passem, por sua vez, a ser os representantes permanentes de ideias e influências que lhes sobrevivem. Para a maioria das pessoas, um nome próprio transmite mais do que uma definição e é mais apto a despertar sentimentos vivos e intensos. O poder pagão, a idolatria, a blasfêmia, a perseguição, tudo aquilo que excita as legítimas antipatias da igreja, tudo o que a inspira horror e lhe arranca o clamor de ai, seriam naturalmente individualizados e concentrados na pessoa daquele que, poucos anos antes da destruição de Jerusalém, havia completado a medida de seus crimes. A besta é, portanto, ao mesmo tempo, o Império e o Imperador; e o nome deste último já está nos lábios do leitor atento antes mesmo de o pronunciarmos. Lancemos, contudo, sobre ele toda a luz da ciência histórica.

Uma leitura atenta do capítulo 11 já nos terá conduzido à convicção de que este livro foi escrito antes da destruição de Jerusalém. O templo e o seu átrio interior, com o grande altar, ali são medidos, isto é, destinados a ser preservados (Zacarias 2), enquanto o restante da cidade é entregue aos pagãos e votado à profanação. Essas passagens não poderiam ter sido redigidas tendo em vista o estado de coisas existente após o ano 70. Mas as indicações fornecidas no capítulo 17 são ainda mais decisivas. Sustentaremos que aqui se fala de Roma, até que se demonstre que, na era dos apóstolos, existia outra cidade edificada sobre sete colinas, *urbem septicollem*, na qual o sangue das testemunhas de Cristo tivesse sido derramado em torrentes (versos 6, 9). Essa cidade, ou esse império, tem sete reis. As revelações de Daniel, de Enoque e de Esdras seguem o mesmo plano cronológico, todas enumerando sucessões de reis para colocar o leitor no rastro das datas. Desses sete reis, cinco já morreram (verso 10); o sexto reina precisamente no momento presente. O sexto imperador de Roma foi Galba, um ancião de setenta e três anos de idade ao ascender ao trono. A catástrofe final, que haveria de destruir a cidade e o império, deveria ocorrer dentro de três anos e meio, como já foi observado. Por essa simples razão, a série de imperadores incluirá apenas um após o soberano então reinante, e ele reinará apenas por pouco tempo. O escritor não o conhece, mas conhece a duração relativa do seu reinado, porque sabe que Roma, dentro de três anos e meio, perecerá definitivamente, para nunca mais se levantar.

E virá um oitavo imperador; ele é um dos sete e, ao mesmo tempo, é a besta que *era* e, no momento, não é. Isso deve referir-se, portanto, a um dos imperadores anteriores, que deve voltar uma segunda vez, mas como Anticristo, isto é, investido de todo o poder do diabo e com o propósito específico de combater contra o Senhor. Como se diz que, no tempo em que a visão foi escrita, ele não é, mas já foi, ele deve ser um dos cinco primeiros imperadores. Ele já havia sido ferido de morte (Apocalipse 13:3), de modo que há algo de miraculoso em seu reaparecimento. Não pode, portanto, tratar-se de Augusto, Tibério ou Cláudio, nenhum dos quais teve um fim violento, e que, além disso, ficam excluídos pelo fato de nenhum deles ter mantido relações hostis com a igreja. Essa razão também exclui Calígula. Resta apenas Nero; mas tudo concorre para apontá-lo como a personagem assim misteriosamente designada. Enquanto Galba reinou, e mesmo muito depois disso, o povo não acreditava que Nero estivesse morto; supunha-se que ele estivesse oculto em algum lugar, pronto para retornar e vingar-se de seus inimigos. As ideias messiânicas dos judeus, que haviam se difundido vagamente pelo Ocidente (como aprendemos em Tácito e Suetônio), mesclando-se com essas concepções populares, sugeriram aos crédulos a ideia de que Nero voltaria do Oriente para reconquistar seu trono com o auxílio dos partas. Muitos falsos Neros apareceram.[1] Essas fantasias populares também se espalharam entre os cristãos. Visões eram de ocorrência comum,[2] e os Pais da Igreja perpetuaram a mesma tradição por vários séculos posteriores.[3]

Por fim, para que nada falte à plena evidência, o nosso livro nomeia Nero, por assim dizer, sob todos os aspectos. O nome de Nero está contido no número 666. O mecanismo do problema baseia-se em um dos artifícios cabalísticos em uso na hermenêutica judaica, que consistia em calcular o valor numérico das letras que compõem uma palavra. Esse método, chamado *ghematria*, ou geométrico, isto é, matemático, e utilizado pelos judeus na exegese do Antigo Testamento, tem causado grande embaraço aos nossos eruditos e os tem conduzido a um labirinto de erros. Todos os alfabetos antigos e modernos foram postos à contribuição, e todas as combinações imagináveis de números e letras foram tentadas sucessivamente. Ele foi feito produzir quase todos os nomes históricos dos últimos dezoito séculos, Tito Vespasiano e Simão Gioras, Juliano, o Apóstata, e Genserico, Maomé e Lutero, Bento IX e Luís XV, Napoleão I e o duque de Reichstadt, e não seria difícil a qualquer um de nós, pelos mesmos princípios, ler nele os nomes uns dos outros. Na verdade, o enigma

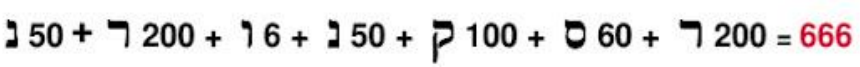
---

[1] Suetonius, Nero, 40, 57; Tacitus, History, bk. i. 2; bk. ii. 8, 9; Dio Cassius, chap. lxiv. 9; Zonaras, Vita Tit. p. 578; Dio Chrysostom, Orationes, xx. p. 371.

[2] Visio Jesaij Æthiopica. Libri Sibyll, iv. p. 116 e seguintes; chap. v. p. 33; chap. viii.

[3] Sulpicius Severus, chap. ii. p. 367. Augustine, Civ. Dei, chap. xx. p. 19; Lactant, Mort. Pers. chap. ii. p. 2; Hieron, Ad Da. xi. 28; Ad Esaj. xvii. 13. Chrysostom, Ad. 2 Thess. ii. 7.

não era tão difícil, embora só tenha sido resolvido pela exegese em nossos próprios dias. Estava longe de ser insolúvel, a ponto de vários estudiosos contemporâneos terem encontrado simultaneamente a chave, sem conhecerem os trabalhos uns dos outros. A *ghematria* é uma arte hebraica. O número deve ser decifrado pelo alfabeto hebraico: נרון קיסר lê-se 'Nero César':



O ponto mais curioso é que existe uma leitura muito antiga que apresenta o número 616. Isso pode ser obra de um leitor latino do Apocalipse que já havia encontrado a solução, mas que pronunciava Nero à maneira romana, enquanto o autor do Apocalipse o pronunciava à maneira dos gregos e orientais. A supressão do נ final subtrai cinquenta do total".[1]

NOTA B.
Dr. J. M. Macdonald's "Vida e Escritos de João".[2]

Este volume estava pronto para a impressão antes que o autor tivesse a oportunidade de consultar a obra elaborada do Dr. Macdonald sobre a Vida e os Escritos de São João. Embora não se possa dizer que o Dr. Macdonald tenha feito por São João o que Conybeare e Howson fizeram por São Paulo, há, ainda assim, muito que é valioso em sua obra. É especialmente gratificante para o autor constatar que, na difícil questão das "*duas testemunhas*", o Dr. Macdonald chegou a uma conclusão quase idêntica à sua própria. Parece, contudo, que, no caso do Dr. Macdonald, isso não passou de um *feliz palpite*. Paley diz: "*Descobre quem prova*"; e o Dr. Macdonald não se aprofundou na investigação do problema.

Quanto à questão da *data do Apocalipse*, o Dr. Macdonald pronuncia-se sem hesitação a favor da data antiga; e suas observações a esse respeito são pesadas e poderosas. Ele percebe, o que, de fato, é bastante óbvio, que a evidência interna resolve a questão para além de qualquer controvérsia.

Mas o Dr. Macdonald falhou, como tantos outros expositores falharam, em encontrar a verdadeira chave do Apocalipse. Ele segue de perto Moisés Stuart na interpretação da parte final da Revelação e vê, na *cidade meretriz*, não Jerusalém, mas Roma. Há uma inconsistência em suas afirmações a respeito de Babilônia (a cidade no Eufrates) que chega a ser uma autocontradição. Na página 138, ele apresenta a Babilônia literal como uma cidade grande e populosa no tempo de São Pedro, citando com aprovação J. D. Michaelis e D. F. Bacon para mostrar que ali havia uma numerosa

---

[1] History of Christian Theology in the Apostolic Age. Por Edward Reuss, Professor of Theology, Strasburg.

[2] Life and Writings of St. John. Por Rev. J. M. Macdonald, D.D.

população judaica e que o local oferecia um campo extremamente favorável para os labores daquele apóstolo. Na página 225, porém, ele afirma: "A Babilônia literal já não existia. As profecias a seu respeito, proferidas por Isaías, haviam sido cumpridas havia muito tempo". Ambas as afirmações não podem ser verdadeiras. Temos a evidência mais clara de que, na era apostólica, Babilônia era uma cidade abandonada. Provavelmente a *província*, Babilônia, foi confundida com a *cidade*, Babilônia.

Os seguintes excertos são interessantes e valiosos:

Data do Apocalipse.

"A evidência externa parece, no conjunto, ter valor relativamente pequeno para decidir a verdadeira data do Apocalipse. É claro que a principal base deve ser o argumento da evidência interna. Quando se demonstra que Irineu nada diz a respeito do tempo em que o livro do Apocalipse foi escrito, e que Eusébio atribui sua autoria a outro João que não o apóstolo, torna-se suficientemente evidente que o restante do testemunho da antiguidade, conflituoso como é, ou quase igualmente equilibrado entre a data mais antiga e a mais tardia, tem pouca importância para decidir a questão. E quando abrimos o próprio livro e encontramos inscritas em suas próprias páginas evidências de que, no tempo em que foi escrito, os inimigos judeus ainda estavam arrogantes e ativos na cidade em que nosso Senhor foi crucificado, e de que o templo e o altar ainda permaneciam de pé, não precisamos de nenhuma data proveniente da antiguidade primitiva, nem sequer da própria mão do autor, para nos informar que ele escreveu antes daquele grande acontecimento histórico e marco profético: a destruição de Jerusalém". - pp. 171-172.

As duas testemunhas. (Apocalipse 11)

"Se tivéssemos uma história cristã conservada, como temos uma pagã em Tácito e uma judaica em Josefo, relatando o que ocorreu naquela cidade votada à destruição durante aquele terrível período de sua história, então poderíamos traçar com maior nitidez a profecia das duas testemunhas. O grande corpo dos cristãos, advertido pelos sinais que lhes foram dados por seu Senhor, segundo antigo testemunho, parece ter deixado a Palestina por ocasião da invasão romana... Mas foi da vontade de Deus que um número suficiente de testemunhas de Cristo permanecesse para pregar o evangelho até o último momento aos seus compatriotas enganados e miseráveis. Pode ter feito parte de sua missão reiterar as profecias a respeito da destruição da cidade, do templo e da comunidade política. Durante o tempo em que os romanos haveriam de pisar a Terra Santa e a cidade, elas deveriam profetizar. O fato de estarem vestidas de pano de saco indica o caráter lutuoso de sua missão. Na designação como as duas oliveiras e os dois candeeiros ou lâmpadas que estão diante de Deus, há uma alusão a Zacarias 4, onde esses dois símbolos são interpretados como os dois ungidos: Josué, o sumo sacerdote, e Zorobabel, o príncipe, fundador do segundo templo. As oliveiras, viçosas e vigorosas, mantêm as lâmpadas continuamente supridas de azeite. Essas testemunhas, em meio às

trevas que se abateram sobre Jerusalém, fornecem uma luz firme e constante. Elas possuíam poder para operar milagres tão maravilhosos quanto quaisquer daqueles realizados por Moisés e Elias. O que aqui é predito deve ter-se cumprido antes do término da era milagrosa ou apostólica. Todos os que veem aqui uma predição do estado da Igreja durante a ascendência do papado, ou em qualquer período posterior à era dos apóstolos, são, evidentemente, obrigados a explicar de modo evasivo toda essa linguagem que atribui poder milagroso às testemunhas. Elas deveriam, por fim, cair vítimas da guerra, ou do mesmo poder que conduziu a guerra, e seus corpos permaneceriam insepultos por três dias e meio nas ruas da cidade onde Cristo foi crucificado. Sua ressurreição e ascensão ao céu devem ser interpretadas literalmente; embora, assim como no caso dos milagres que realizaram, não haja registro histórico dos próprios acontecimentos. Se esses dois profetas fossem os únicos cristãos em Jerusalém, e ambos tenham sido mortos, não havia ninguém para registrar ou relatar o caso; e temos aqui, portanto, um exemplo de profecia que contém, ao mesmo tempo, a única história ou notícia dos eventos por meio dos quais ela se cumpriu. A onda de ruína que varreu Jerusalém e os arrebatou ao céu apagou ou impediu todo memorial humano de sua obra de fé, sua paciência de esperança e seu labor de amor. A profecia que os anunciou é a sua única história, ou a única história da parte que lhes coube nos cenários finais de Jerusalém. Concluímos, portanto, que essas testemunhas foram dois daqueles apóstolos que parecem estar de modo tão estranho perdidos para a história, ou dos quais não se podem descobrir vestígios autênticos após a destruição de Jerusalém. Não poderia Tiago, o Menor, ou o segundo Tiago (em distinção do irmão de João), comumente chamado bispo de Jerusalém, ter sido um deles? Por que não permanecer fiel ao seu posto até o fim? Segundo Hegésipo, historiador judeu-cristão que escreveu por volta da metade do século II, seu monumento ainda era indicado perto das ruínas do templo. Hegésipo afirma que ele foi morto no ano 69 e apresenta o apóstolo como alguém que dava poderoso testemunho da messianidade de Jesus e apontava para a sua segunda vinda nas nuvens do céu até o exato momento de sua morte. Parece haver uma adequação peculiar nessas testemunhas de Cristo, homens dotados dos mais elevados dons sobrenaturais, que permanecem até o fim naquela cidade abandonada, profetizando sua condenação e lamentando aquilo que outrora fora tão precioso para Deus". - pp. 161-162

NOTA C.

Bispo Warburton sobre "Profecia de Nosso Senhor no Monte das Oliveiras" e "Reino dos Céus".

As seguintes observações do erudito autor de "The Divine Legation" estão em notável consonância com as opiniões expressas nesta obra:

"A profecia de Jesus acerca da iminente destruição de Jerusalém por Tito é concebida em termos tão elevados e grandiosos que não apenas os intérpretes

modernos, mas também os antigos, supuseram que nosso Senhor nela entrelaça uma predição direta de sua segunda vinda para julgamento. Daí surgiu, naqueles tempos, a opinião corrente de que a consumação de todas as coisas estava próxima; o que forneceu um pretexto para uma objeção infiel nos tempos posteriores, insinuando que Jesus, para manter seus seguidores ligados ao seu serviço e pacientes sob sofrimentos, os lisonjeava com a proximidade daqueles galardões que completavam todas as suas aspirações e expectativas. A isso os defensores da religião opuseram esta resposta: que a distinção entre curto e longo, na duração do tempo, perde-se na eternidade; e que, para o Todo-Poderoso, 'mil anos são como o dia de ontem', etc.

Mas o princípio em que ambas as posições se apoiam é falso; e, se o que foi dito for devidamente ponderado, ficará claro que esta profecia não diz respeito à segunda vinda de Cristo para julgamento, mas à sua primeira: na abolição do regime político-religioso judaico e no estabelecimento do cristão, aquele reino de Cristo que teve início com a cessação total da Teocracia. Pois, assim como o reinado de Deus sobre os judeus terminou completamente com a abolição do serviço do templo, assim também o reinado de Cristo, 'em espírito e em verdade', teve então o seu primeiro começo. Este foi o verdadeiro estabelecimento do cristianismo, e não aquele realizado pela conversão ou pelas doações de Constantino. Enquanto a lei judaica não fosse abolida, sob a qual o 'Pai' presidia como Rei, o reinado do 'Filho' não poderia ter lugar; porque a soberania de Cristo sobre a humanidade era precisamente aquela soberania de Deus sobre os judeus, transferida e ampliada de modo mais abrangente.

Sendo, portanto, este um dos mais importantes marcos na economia da graça, e a mais solene revolução em todas as dispensações religiosas de Deus, vemos a elegância e a propriedade dos termos em questão para designar tão grande acontecimento, juntamente com a destruição de Jerusalém, por meio da qual ele se realizou; pois, em toda a linguagem profética, a mudança e a queda de principados e potestades, sejam espirituais ou civis, são expressas pelo abalo do céu e da terra, pelo escurecimento do sol e da lua e pela queda das estrelas; assim como o surgimento e o estabelecimento de novos poderes são representados por procissões nas nuvens do céu, pelo som de trombetas e pela reunião de exércitos e congregações".[1]

[1] Warburton's Julian, bk. i. chap. i. p. 21.

NOTÍCIAS SOBRE A PRIMEIRA EDIÇÃO.

Arcediago Farrar, D.D.

"Eu tomo emprestada esta engenhosa sugestão do autor de The Parousia, um livro repleto de ideias sugestivas". - Early Days of Christianity, vol. II, p. 289.

O falecido Rev. P. S. Desprez, B.D.
Autor de The Apocalypse Fulfilled.

"Tomei a liberdade de lhe enviar algumas observações sobre o que considero o grande erro do seu admirável livro. Para mim, é simplesmente impossível aceitar sua teoria a respeito da Babilônia, por mais que eu desejasse que fosse verdadeira. Nada seria para mim mais deleitável do que, ao endossar suas opiniões, poder provar que as predições escatológicas de nosso Senhor tiveram um cumprimento verdadeiro. Estou tão persuadido de que você não tem outra coisa em vista senão a Verdade, que tenho certeza de que dará a devida consideração aos meus argumentos".

British Quarterly Review.

"Uma investigação cuidadosa e reverente acerca do significado da segunda vinda de nosso Senhor, tão amplamente predita e sob formas tão variadas no Novo Testamento. Nada pode ser mais reverente, erudito ou profundo do que o tratamento dado pelo autor às diferentes passagens, ou do que suas críticas aos vários intérpretes. Seu volume merece o estudo mais atento de todos os estudantes de escatologia".

Spectator.

"A obra diante de nós é de capacidade inquestionável, e a lemos com profundo interesse. Com muitos de seus princípios e com não pequeno número de suas críticas nós concordamos; de outros, discordamos enfaticamente. Muitas de suas posições são simplesmente surpreendentes... Pensamos que muitas de suas conclusões são irrefutáveis, e que toda a obra, mesmo onde discordamos de suas conclusões, é argumentada com grande poder lógico".

Nonconformist.

"Crítica, no melhor sentido da palavra. Diferente de muitos tratados sobre o assunto, esta é uma investigação sóbria e reverente, e abunda em uma exegese cuidadosa e instrutiva de cada passagem que lhe diz respeito. Pelo que podemos julgar, não houve pressão sobre nenhuma passagem para forçá-la a se adequar à teoria do autor".

Inquirer.

"Caracterizada do início ao fim por suas opiniões sensatas e equilibradas sobre um assunto a respeito do qual mais disparates perniciosos e absurdos têm sido escritos do que sobre quase qualquer outra doutrina teológica".

Sword and Trowel.

"Embora a teoria do autor seja levada longe demais, ela contém tanta verdade, lança tanta nova luz sobre porções obscuras das Escrituras, e é acompanhada de tanta pesquisa crítica e raciocínio rigoroso, que não pode ser prejudicial a ninguém, e pode ser proveitosa a todos".

Leeds Mercury.

"Uma das mais competentes discussões de um ramo do assunto geral que recentemente saíram da imprensa é o volume intitulado The Parousia. Nós o recebemos bem por dois motivos, primeiro, como uma contribuição para o esclarecimento da difícil questão que trata; e segundo, por causa da minuciosidade científica com que o tema é tratado".

POSFÁCIO À NOVA EDIÇÃO.

Esta obra, publicada inicialmente de forma anônima, é novamente submetida à reflexão atenta de estudantes inteligentes e imparciais da Palavra de Deus. O autor deseja expressar seus agradecimentos pela recepção gratificante que seu trabalho encontrou entre muitos eruditos capazes e competentes. Embora não tenha alcançado um amplo círculo de leitores, ele tem todas as razões para estar satisfeito com a qualidade daqueles que manifestaram sua aprovação. Não era de se esperar que pontos de vista que entram em conflito com a opinião tradicional e popular encontrassem pronta concordância; mas o autor deve confessar sua decepção pelo fato de que não tenha sido feita nenhuma tentativa séria de refutar qualquer de suas posições.

A obra é quase inteiramente exegética; e não há qualquer tentativa de inventar ou estabelecer uma teoria, mas apenas de, por meio de uma interpretação honesta e fiel das Escrituras do Novo Testamento, permitir que elas falem por si mesmas. A única maneira de afastar as conclusões do livro é indicar o texto que foi interpretado de modo incorreto; tal como estão as coisas, o autor não viu razão alguma para suprimir uma única frase do que escreveu. A verdade, porém, pode dar-se ao luxo de esperar; e o inevitável estouro de toda bolha pseudo-profética, que por um momento atrai os crédulos, acabará, espera-se, por inclinar os homens a um tratamento mais sóbrio e reverente da Palavra de Deus.

É com grande satisfação que o autor se refere à crítica competente e, em geral, favorável que apareceu em dois números consecutivos do *The Spectator*; bem como às apreciações elogiosas do *The British Quarterly Review*, do *The Nonconformist* e do *The Leeds Mercury*. Ele também se sente profundamente gratificado pelas referências a "The Parousia" feitas por uma autoridade tão elevada quanto o arquidiácono Farrar, em "The Early Days of Christianity" e nas páginas do *The Expositor*. Todavia, anseia por ver uma crítica muito mais ampla e rigorosa de sua obra, tal como a importância do tema e o estado ainda indefinido da opinião teológica em escatologia parecem veementemente exigir.

O autor aproveita esta oportunidade para fazer algumas observações sobre vários pontos que foram notificados desde a primeira publicação deste volume.

Döllinger sobre "O Homem do Pecado".

É com grande satisfação que ele constata encontrar-se em substancial concordância com o distinto historiador e teólogo eclesiástico, Dr. Döllinger, de Munique, em sua interpretação da predição de São Paulo em 2 Tessalonicenses. (1) O Dr. Döllinger identifica de modo inequívoco o "Homem do Pecado" com Nero, conclusão hoje tão amplamente aceita pelas mais altas autoridades que pode ser considerada um ponto já estabelecido. (2) Ele distingue claramente entre o "Homem do Pecado" e a "Apostasia", tão frequentemente confundidos pela maioria dos intérpretes. Döllinger demonstra que o primeiro é uma *pessoa*, enquanto a segunda é uma *heresia*. (3) Reconhece a "*Besta*" do Apocalipse como o *Imperador* e, portanto, idêntica ao "Homem do Pecado". (4) Os milagres operados pela "Segunda *Besta*" (a Besta da terra) ele considera como uma representação derivada da profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras.

As artes mágicas e teúrgicas são inseparáveis do paganismo.

O conjunto das observações do Dr. Döllinger sobre este assunto é da mais alta importância; porém, como são extensas demais para serem aqui transcritas, o leitor é remetido a The First Age of the Church, vol. II, pp. 79-96. É justo acrescentar, contudo, que Döllinger parece sustentar a ideia de um Anticristo pessoal e de um cumprimento duplo, ou típico, da profecia.

A Babilônia do Apocalipse.

A crença de que Roma é a Babilônia do Apocalipse está tão firmemente estabelecida na mente da maioria, que nada além das provas mais claras em contrário será capaz de desalojá-la. Contudo, alguns dos críticos mais capazes há muito suspeitam que Babilônia seja um pseudônimo da antiga Jerusalém. O ilustre Herder, em seu Comentário sobre o Livro do Apocalipse, afirma:

"Roma não estava no círculo da visão do profeta, nem Roma corresponde aos símbolos e metáforas; ao passo que a semelhança com Jerusalém é tão perfeita quanto se pode supor que o caso permita". (p. 153)

O conhecido comentarista John David Michaelis conjecturou com perspicácia que Babilônia é idêntica a Jerusalém. Falando do lugar de onde foi escrita a Primeira Epístola de Pedro, ele diz:

"Se eu pudesse encontrar ao menos uma única autoridade para chamar Jerusalém pelo nome de Babilônia, preferiria seguir Cappellus e Harduin, que consideram Jerusalém como o lugar; o que também, segundo Cirilo de Alexandria, foi o que Isaías teve em vista quando fala de Babilônia. Pois o conteúdo desta Epístola não se ajusta tão bem a nenhum outro tempo quanto àquele logo após o Concílio de Jerusalém, enquanto Pedro ainda permanecia naquela cidade. Não é impossível que São Pedro chamasse Jerusalém pelo nome de Babilônia depois que ela começou a perseguir a Igreja; e a expressão a *igreja eleita que está em Babilônia* parece implicar um paradoxo que seria removido se o próprio nome Jerusalém fosse mencionado. Não é, portanto, improvável que São Pedro tenha feito uso, em uma epístola, desse nome figurado e injurioso para designar Jerusalém... Acrescente-se a isso que São Pedro envia uma saudação de Marcos, e esse Marcos, que também se chamava João, havia retornado a Jerusalém pouco antes do referido Concílio. (Atos 13:13) Convergindo assim todas as circunstâncias, e sendo nunca mais necessário aos convertidos gentios que 'permanecessem na verdadeira graça de Deus', parece-me, enquanto escrevo, altamente provável que esta Epístola tenha sido escrita em *Jerusalém* logo após o Concílio, isto é, no ano de Cristo 49... Sou tanto menos influenciado pelo testemunho dos antigos em contrário, quanto a questão não depende do problema histórico de saber se São Pedro esteve ou não em Roma, mas da questão crítica de saber se ele chama Roma pelo nome de Babilônia".

Michaelis colocou este título à margem:

"A Primeira Epístola de São Pedro foi escrita em *Jerusalém*, no tempo do primeiro concílio". (ver Introductory Lectures to the Sacred Books of the New Testament, de J. D. Michaelis, § 148).

Jerusalém, uma cidade de sete colinas.

Supôs-se que a descrição da "grande cidade" no Apocalipse, como assentada sobre sete colinas, constitui prova conclusiva de que Roma é a cidade ali pretendida. O leitor pode ver como esse ponto é tratado em seu devido lugar. O autor mostrou como Züllig enumera sete colinas ou montes em Jerusalém. Herder também observa:

"Diz-se que as sete cabeças da Besta são sete montes, pressupondo que a mulher seja uma cidade edificada sobre sete montes. *Tal era a situação de Jerusalém*". (Comm., p. 156)

Como Herder não se detém em provar sua afirmação, convém suplementá-la com evidências de caráter confirmatório. O Dr. Lange, em sua discussão a respeito do local do Gólgota, observa:

"Jeremias prediz (31:36-40) que a cidade, em tempos futuros, se estenderia além do muro do norte (o segundo muro) e incluiria *Gibeate-Gareb*, ou o Monte do Leproso, e *Gibeate-Goate*, ou o Monte da Morte (do bramido, do gemido). A posição de Gareb só pode corresponder à Bezeta Inferior, e a posição de Goate apenas à Bezeta Superior, onde se erguia o Gólgota. Ambas essas elevações foram incluídas por Agripa como partes da nova cidade e ficavam dentro do terceiro muro. Pelo contexto aprendemos que Gareb e Goate eram lugares impuros, mas, ao serem medidos juntamente com a cidade santa, tornaram-se santificados. Que o monte Goate de Jeremias seja idêntico ao Gólgota dos Evangelistas é mais do que provável. O muro de Agripa foi construído ao redor de Bezeta por Herodes Agripa, o neto de Herodes, o Grande". (Lange sobre Mateus 27:33)

Um esboço-planta da Jerusalém antiga, mostrando o Monte Gareb e o Monte Goate, é apresentado em Palestine Explored, do Rev. James Neil, M.A., anteriormente incumbente da Christ Church, Jerusalém. O Sr. Neil enumera os sete montes sobre os quais a cidade foi edificada: Monte Sião, Monte Ofel, Monte Moriá, Monte Bezeta, Monte Acra, Monte Gareb e Monte Goate.

A Questão crucial.

Sem dúvida, a maioria dos leitores recuará diante da exigência feita à sua fé, quando se lhes pede que creiam que as predições de nosso Senhor em Mateus 24, e a profecia correlata de São Paulo em 1 Tessalonicenses 4, tiveram um cumprimento real. Muitos a considerarão um exagero que se refuta a si mesmo. Que considerem, porém, se essa exigência não é feita pelas afirmações mais expressas da Inspiração. Essas predições estão

delimitadas por certos limites de tempo. O tempo é explicitamente declarado como pertencente ao período da geração então existente. Nenhum artifício de lógica, nenhuma violência de interpretação, pode evitar ou contradizer esse fato inegável. Crível ou incrível, razoável ou irrazoável, a autoridade da Escritura está comprometida com essa afirmação. E por que deveria ser considerada incrível? A resposta será: "Porque não há evidência histórica do fato". Isso, contudo, é uma suposição. Convém considerar se não possuímos toda a evidência que a natureza do caso admite. Que evidência, por exemplo, pode ser razoavelmente exigida de que o evento aparentemente mais incrível predito em Mateus 24:31 e em 1 Tessalonicenses 4:17, comumente denominado "o arrebatamento dos santos", de fato ocorreu? A parte principal, se não a única, que parece cair sob a percepção dos sentidos humanos, é a remoção de uma grande multidão dos discípulos de Cristo desta cena terrena. Poderíamos esperar, portanto, que houvesse algum vestígio na história desse súbito desaparecimento de um corpo tão vasto de crentes. Certamente isso deveria ter produzido um vazio na história; ao menos, uma falha na continuidade dos registros do cristianismo. Admitindo que as predições não exijam uma remoção absoluta e universal de *todo* o corpo dos fiéis (pois é manifesto que há uma distinção clara entre os vigilantes e os negligentes, os preparados e os despreparados, e que tantos poderiam ser excluídos do reino quantos os que entraram), ainda assim a linguagem da profecia certamente implica a remoção súbita e simultânea de um número muito grande dos fiéis. Há, então, algum vestígio histórico de tal lacuna? Certamente há, e exatamente do tipo que poderíamos esperar. Um silêncio eloquente. Silêncio onde, um momento antes, tudo era vida e atividade. O historiador eclesiástico lhe dirá que, de repente, a luz lhe falha. A Igreja cristã de Jerusalém, da qual um apóstolo pôde dizer: "Vês, irmão, quantas miríades há entre os judeus que creram", subitamente se reduz a duas miseráveis seitas de ebionitas e nazarenos. Onde estão as muitas miríades de São Tiago? Onde estão os "cento e quarenta e quatro mil" que São João viu, com o selo de Deus na fronte, em pé com o Cordeiro sobre o Monte Sião? Pereceram no cerco de Jerusalém? Certamente não; pois é universalmente admitido que, advertidos por seu Mestre divino, retiraram-se da cidade condenada para um lugar seguro. Contudo,

parecem desaparecer e não deixar vestígio algum. Peça ao historiador eclesiástico que aponte o ponto em que os registros do cristianismo primitivo se tornam mais obscuros, e ele, sem hesitar, indicará o período em que terminam os Atos dos Apóstolos. Sobre esse período, o erudito Neander diz: "Não temos informação alguma, nem pode ser de modo algum surpreendente a *total falta de fontes para esta parte da história da Igreja*". E, novamente, ele fala da "era imediatamente posterior à apostólica", da qual infelizmente possuímos tão poucos memoriais autênticos (Planting and Training, caps. V e X). Hiudekoper, teólogo holandês, em sua obra intitulada "Christ's Descent to the Under-world", observa que:

"Ao deixarmos a era apostólica, quase perdemos de vista os cristãos em um *abismo histórico* de sessenta ou oitenta anos".

O arcediago Farrar insiste de modo ainda mais enfático nesse fato e em sua causa provável desse eclipse inexplicável:

"Embora estejamos tão plenamente familiarizados com os pensamentos e sentimentos dos primeiros cristãos, ainda assim os fatos de sua história corporativa, e até mesmo os detalhes finais das biografias de seus maiores mestres, estão mergulhados em total incerteza. Quando, com a última palavra nos Atos dos Apóstolos, perdemos a orientação vívida e fiel de São Lucas, a tocha da história cristã, por algum tempo, é abruptamente apagada. Ficamos, por assim dizer, a tatear entre os meandros das Catacumbas. Mesmo os trabalhos finais da vida de São Paulo só são conhecidos na medida em que podemos inferi-los vagamente das alusões ocasionais das Epístolas Pastorais. Quanto aos detalhes de muitos anos da vida de São Pedro, nada temos em que nos apoiar, exceto alusões leves e vagas, rumores flutuantes e falsas impressões criadas pelas ficções deliberadas de romances heréticos.

É provável que esse silêncio seja, em si mesmo, o resultado das cenas terríveis em que os apóstolos pereceram. Era indispensável para a segurança de toda a comunidade que os livros dos cristãos, quando entregues pela infeliz fraqueza dos traditores ou descobertos pela maligna perspicácia dos delatores, não contivessem matéria comprometedora. Mas como teria sido possível a São Lucas escrever de modo que não fosse comprometedora, se tivesse detalhado os horrores da perseguição neroniana? É uma conjectura razoável que o término súbito dos Atos dos Apóstolos possa ter sido devido à impossibilidade de falar, sem indignação e horror, do Imperador e do Governo que, entre 64 e 68 d.C., sancionaram a infligência, a homens e mulheres inocentes, de atrocidades que despertaram a compaixão até dos próprios pagãos. O judeu e o cristão que se aventurassem em tais temas só poderiam fazê-lo sob o disfarce de uma criptografia, ocultando seu sentido de todos, exceto dos poucos iniciados, em

símbolos proféticos como os do Apocalipse. Somente nesse livro nos é permitido ouvir o grito de horror que as brutais crueldades de Nero arrancaram dos corações cristãos". (The Early Days of Christianity, vol. II, pp. 82–83).

De modo ainda mais vívido e contundente, se possível, o caso é exposto pelo competente revisor da obra São Paulo, de Renan, nas páginas da *The Edinburgh Review*, abril de 1870:

"Este volume ['The Life of St. Paul'] conduz-nos por todo o período do que podemos chamar o ministério do grande apóstolo, abrangendo aqueles quinze ou dezesseis anos de importância decisiva (45–61 d.C.), durante os quais foram empreendidas suas três viagens missionárias, e a Igreja nascente, com quatro passos ousados, avançou de Jerusalém a Antioquia, de Antioquia a Éfeso, de Éfeso a Corinto e de Corinto a Roma. *Uma vez chegada ali, uma vez firmemente estabelecida nessa posição central e dominante, coisa estranha, a Igreja, com todo o seu dramatis personæ, subitamente desaparece de nossa vista. As mais densas nuvens de obscuridade imediatamente se ajuntam em torno de sua história, que nossa curiosidade ávida em vão tenta penetrar. Ela se vai, envolta numa espiral de fumaça, tão completamente como quando um trem mergulha num túnel. Nas palavras de M. Renan: 'A chegada de São Paulo a Roma, em razão da decisão tomada pelo autor dos "Atos" de encerrar ali a sua narrativa, marca para a história da origem do cristianismo o início de uma noite profunda, iluminada apenas pelo fogo lúgubre das horríveis festividades de Nero e pelo relâmpago do Apocalipse'. As causas desse súbito e desconcertante desaparecimento não foram, até hoje, investigadas de modo exaustivo... A história da vida de São Paulo e a história da era apostólica terminam juntas, abruptamente. Uma escuridão negra cai sobre a cena; e um silêncio sombrio e opressivo, como o silêncio de uma tempestade iminente, mantém, em expectativa contida do 'dia do Senhor', a Igreja atônita e sem fôlego. Nenhum novo livro é escrito, nenhum novo mensageiro é enviado, a própria voz da tradição se cala. Uma única voz, em meio ao silêncio e ao terror, rompe aos ouvidos atentos: é o clamor apocalíptico de vingança desde Patmos: 'Caiu, caiu a grande Babilônia! Regozija-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas! porque Deus vingou em nela a vossa causa; ela será totalmente queimada pelo fogo, porque poderoso é o Senhor Deus que a julga*'". (Apocalipse 18:20)

A verdadeira solução.

Resta ao leitor considerar se as causas sugeridas nas citações precedentes fornecem uma explicação adequada para esse fenômeno singular; ou se a solução do problema não deve ser encontrada no efetivo acontecimento dos eventos preditos por nosso Senhor e por Seus apóstolos. Ali, no registro escrito da Inspiração, permanecem as palavras indeléveis que anunciam o breve retorno do Filho do Homem para julgar a nação culpada e vingar os Seus eleitos. A Sua vinda estava indissoluvelmente ligada àquela mesma geração. As circunstâncias

acompanhantes de Sua vinda são expostas com notável precisão. Tudo aponta para uma catástrofe súbita, rápida e de largo alcance, análoga à que ocorreu "nos dias de Noé, quando veio o dilúvio e os levou a todos", ou nos dias de Ló, quando a tempestade da ira submergiu Sodoma e Gomorra. Essas são precisamente as imagens empregadas por nosso Senhor para descrever a súbita e veloz natureza de Sua manifestação. Não admira, portanto, que haja um "vazio total" na história contemporânea; que haja uma ruptura de continuidade nos registros da Igreja cristã; que a pena de São Marcos seja detida no meio de uma frase inacabada; que São Lucas interrompa abruptamente sua narrativa da vida e dos trabalhos de São Paulo. Conceda-se que não houve falha nas predições de Cristo; que Suas palavras tiveram um cumprimento real; e tudo se esclarece. Há uma causa suficiente para o hiato, de outro modo inexplicável, que ocorre na história cristã daquele período, e para a completa obscuridade que envolve a Igreja e todos os seus maiores luminares. É irrazoável pedir que as declarações mais claras do próprio Senhor, e de Suas testemunhas inspiradas, recebam uma audição sincera e uma fé cordial de todos os que O reconhecem como Senhor e Mestre? Certamente não está totalmente extinta aquela fé robusta que outrora pôde dizer: “Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso".

Este posfácio pode encerrar-se com a solene advertência de um grande crítico e teólogo do século passado, que, embora tenha referência especial ao Apocalipse, é igualmente aplicável a toda a porção profética do Novo Testamento:

"Se se objeta que as profecias do Apocalipse ainda não se cumpriram, que por isso não são plenamente compreendidas, e que daí procede a divergência de opiniões quanto ao seu significado, respondo que, se as profecias ainda não se cumpriram, é absolutamente impossível que o Apocalipse seja uma obra divina; pois o autor declara expressamente (Apocalipse 1:1) que as coisas nele contidas 'devem acontecer *em breve*'. Consequentemente, ou uma grande parte delas, para não dizer todas, já deve ter sido cumprida, ou a declaração do autor, de que seriam rapidamente completadas, não é conforme aos fatos. É verdade que, para o Todo-Poderoso, mil anos são como um dia, e um dia como mil anos; mas, se por isso explicarmos o termo 'em breve' como denotando um período mais longo do que aquele que transcorreu desde que o Apocalipse foi escrito, sacrificamos o amor à verdade para sustentar uma opinião preconcebida. Pois, quando a Divindade se digna a comunicar informação à humanidade, naturalmente empregará uma linguagem inteligível à humanidade; e não

chamará curto a um período que todos os homens consideram longo, ou a comunicação será totalmente inútil. Além disso, em referência à eternidade de Deus, não apenas mil e setecentos, mas dezessete mil anos nada são. Mas o próprio autor do Apocalipse excluiu completamente tal evasiva, ao explicar (Apocalipse 1:3) o que quis dizer com o termo 'em breve', pois ali afirma: 'Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas nela escritas; porque o tempo está próximo'. De acordo, portanto, com a própria declaração do autor, o Apocalipse contém profecias com as quais as próprias pessoas a quem foi enviado estavam imediatamente envolvidas. Mas, se nenhuma dessas profecias estava destinada a cumprir-se senão muito depois de sua morte, tais pessoas não estavam imediatamente envolvidas nelas; e o autor certamente não teria dito que eram bem-aventurados por ler profecias cujo tempo estava próximo, se essas profecias não devessem cumprir-se senão após o decurso de muitos séculos". (J. D. Michaelis, "Introduction to the New Testament", vol. IV, pp. 503-504)

James Stuart Russell - 1887

DEBATES E ESCRITOS POSTERIORES.

DEBATE ENTRE JAMES STUART RUSSELL E CHARLES AUGUSTUS BRIGGS.

Critica de Charles Augustus Briggs. (1889)

O autor deste valioso livro é pastor de uma igreja congregacional em Londres. Ele publicou a primeira edição de sua obra anonimamente, mas agora cedeu ao conselho de seus amigos e acrescentou seu nome à folha de rosto da nova edição. Tive o privilégio de conhecer o autor e de ler sua primeira edição à luz de um relacionamento pessoal. Já então era minha opinião que ele havia realizado o primeiro estudo verdadeiramente profundo da profecia do Novo Testamento com o uso de princípios corretos de exegese. Desde aquele tempo tenho utilizado o livro constantemente e acabo de concluir a leitura da nova edição, tendo minhas primeiras impressões sido confirmadas. Nenhum estudante da profecia do Novo Testamento pode prescindir da riqueza de conhecimento que este livro lhe proporcionará. Ele vale facilmente mais do que todos os outros que foram escritos sobre o assunto. Dou essa opinião apesar do fato de que não posso aceitar a teoria da Parousia que domina a obra. Não ocuparei mais espaço expondo seus méritos, mas dedicarei minha atenção a uma crítica dessa teoria.

A nova teoria da Parousia sustenta que a segunda vinda de nosso Senhor, e todos os eventos a ela relacionados na profecia do Novo Testamento, ocorreram na destruição de Jerusalém. Essa teoria lança nova luz sobre muitas passagens do Novo Testamento: ela leva em consideração as circunstâncias históricas das profecias e sua relação com as cenas finais da grande catástrofe da nação judaica, e torna evidente que uma porção muito maior da profecia se refere a esses eventos do que os intérpretes geralmente supuseram. Mas, mesmo concedendo tudo isso, o autor sustenta sua teoria violentando não poucas passagens e arrancando a estrutura da profecia do Novo Testamento de seus fundamentos no Antigo Testamento.

1. Esta é, portanto, a primeira crítica que fazemos à teoria, ela está em conflito com a profecia messiânica do Antigo Testamento. É significativo que o autor se limite à profecia de Malaquias e procure ali um fundamento, porque essa passagem se ajusta ao seu propósito de representar João Batista como o arauto do advento para juízo; ele refere esse juízo à destruição de Jerusalém e da nação judaica. Se tivesse estudado essa

2. cena de juízo de Malaquias em conexão com todo o amplo panorama da profecia do Antigo Testamento, poderia ter chegado a uma conclusão diferente. Não podemos aceitar essa profecia isolada como a soma da profecia do Antigo Testamento, nem como uma introdução adequada à profecia do Novo Testamento, ainda mais porque ela não contém qualquer referência aos eventos da primeira vinda de Cristo. Malaquias liga o arauto ao advento do juízo; ele não vê o Cristo histórico intervindo. Se essa história tão importante escapou à sua atenção, dificilmente a destruição de Jerusalém a teria detido. Malaquias concorda com todos os profetas em desconsiderar os intervalos de tempo e em contemplar o grande fim de toda a profecia em sua conexão com o arauto que ele prediz.

3. O segundo defeito da teoria é sua negligência para com os Apocalipses judaicos e as ideias messiânicas judaicas do tempo do Novo Testamento. Estes lançam uma imensa quantidade de luz lateral sobre a profecia do Novo Testamento. Eles teriam mostrado que não estava de acordo nem mesmo com as ideias judaicas limitar a profecia de modo tão estrito aos assuntos judaicos. A interpretação de Mr. Russell da profecia do Novo Testamento é mais estreita do que a elaboração profética que encontramos nesses Apocalipses.

4. Há um literalismo extremo na interpretação que Mr. Russell faz da palavra "perto", conforme usada por Jesus, que deixa de reconhecer que o termo havia adquirido um sentido técnico nos profetas do Antigo Testamento, implicando que os eventos preditos eram iminentes, certos de acontecer, e ainda assim incertos quanto ao tempo. A interpretação de Mr. Russell do termo grego ἐγγύς, aplicado ao equivalente hebraico קָרוֹב, faria de um grande número dos profetas do Antigo Testamento falsos profetas. Ela também nos forçaria, numa interpretação correta do Novo Testamento, à opinião de que Jesus e Seus apóstolos estavam enganados. Mr. Russell propõe um dilema muito perigoso quando nos pede que ou aceitemos sua teoria e creiamos que a segunda vinda ocorreu na destruição de Jerusalém, ou então que Jesus e Seus apóstolos estavam enganados.

5. Mr. Russell, em sua interpretação da profecia do Novo Testamento, deixa de fazer distinções que são exigidas por uma exegese cuidadosa. Ele elogia o Dr. Edward Robinson por fundamentar tanto no discurso escatológico de Jesus referente à destruição de Jerusalém, e o censura por não referir tudo a esse evento. Ele também elogia Moses Stuart por seu literalismo e o censura por não levá-lo até o fim. Em outras palavras, Mr. Russell se recusa a reconhecer a distinção entre o juízo de Jerusalém e o juízo das nações, distinção que esses estudiosos, notáveis por sua adesão a uma exegese estritamente gramatical e histórica, foram obrigados a fazer. Ao fechar os olhos para a predição do juízo das nações, Mr. Russell incorre em grave erro. Concordamos com ele que "esta geração" se refere à geração contemporânea de Jesus, e que συντέλεια τοῦ αἰῶνος significa a conclusão da era; mas essas concessões não ajudam sua teoria, pois ele não consegue provar que Jesus prediz o juízo das *nações* em Sua própria geração, e

ainda permanece a questão de saber se a era se completou no juízo dos judeus ou no juízo das nações. Devemos protestar, além disso, contra a aplicação limitada do termo γῆ à terra de Israel, e "as nações" aos habitantes da terra. Admitimos que γῆ é frequentemente usado em sentido restrito, mas afirmamos que o contexto das passagens em consideração se opõe a esse sentido restrito. Admitimos que "*nações*" é usado em passagens poéticas do Antigo Testamento para as tribos de Israel, e que em outros lugares é usado de modo mais flexível para a população mista da terra; contudo, em cada caso o contexto é decisivo, e o termo deve ser tomado em seu sentido mais amplo e usual, a menos que o contexto nos force a um significado mais restrito. Sustentamos que, em todas essas passagens da profecia do Novo Testamento, os contextos nos forçam ao significado mais amplo. Os apóstolos foram comissionados a todas as nações do mundo, e não meramente às tribos de Israel e à população mista da Palestina. Eles pregaram o evangelho às nações para prepará-las para o juízo das nações.

Mr. Russell também deixa de notar a diferença entre o advento para juízo e o estabelecimento do reino. Este último é predito para a vida dos ouvintes de Jesus, mas não o primeiro. São dois eventos distintos. As parábolas do reino nos ensinam que o reino será estabelecido e que crescerá até a maturidade antes do advento para juízo. Estes são exemplos da negligência do autor em fazer essas distinções, suficientemente evidentes à face das passagens para aqueles que as interpretam sem o preconceito de uma teoria e que não esperam abrir todas as portas dos mistérios da profecia com uma única chave.

6. Outro defeito do livro é a negligência em avaliar os diferentes pontos de vista dos autores do Novo Testamento. Os princípios da teologia bíblica foram ignorados. As diferenças entre os autores do Novo Testamento frequentemente contribuem grandemente para a compreensão de suas predições. O autor observou a peculiaridade do Evangelho de João nesse aspecto. Ele nota que nenhuma alusão à Parousia nos Evangelhos Sinópticos aparece no Evangelho de João. Poderia também ter notado que a visão da Parousia nesse Evangelho difere em muitos aspectos importantes. Ele deixa de fazer essa discriminação e procura constranger as predições de juízo nesse Evangelho a corresponder às cenas do advento nos Sinópticos. Ele não apreende a profunda concepção espiritual do advento, que é uma característica tão notável desse Evangelho.

7. Não temos espaço para enumerar todas as nossas objeções à nova teoria. Mencionaremos apenas mais uma. O leitor ficará impressionado com a singularidade de o autor representar grande parte do cumprimento como ocorrendo no outro mundo, invisível aos habitantes da terra. Ele também presume que muitos dos eventos mais impressionantes se cumpriram diante dos olhos dos homens, sem deixar quaisquer vestígios históricos dos fatos.

Se algo é claramente predito a respeito da segunda vinda de Cristo, é a sua *visibilidade*, não para poucos, mas para todos, e que ela será *sobre as nuvens do céu*, da

mesma maneira como Ele ascendeu. O tratamento que Mr. Russell dá a Atos 1:11 em uma única página, e a Apocalipse 1:7 em meia página, dificilmente lhe é creditável. Exige-se muito de nós crer que tudo o que é dito acerca da ressurreição dos mortos ocorreu na destruição de Jerusalém no mundo invisível, que Cristo foi de fato visível nas nuvens naquele tempo, e que Pedro e Tiago foram as duas testemunhas de Apocalipse 11, e que eles ressuscitaram dentre os mortos e ascenderam ao céu à vista dos habitantes de Jerusalém. Este último ponto ultrapassa a fábula da Assunção da Virgem Maria, enquanto o primeiro nos pede que creiamos que os eventos mais estupendos de toda a profecia se cumpriram efetivamente sem deixar o menor vestígio na história humana, e isso meramente com base no fato de terem sido preditos por Jesus e Seus apóstolos; e nosso autor afirma que eles devem ter sido cumpridos juntamente com os demais eventos, ou então Jesus estava enganado. Dificilmente pode ser que a Igreja Cristã tenha crido por tantos séculos na vinda de Cristo para julgar o mundo e na ressurreição dos mortos naquele tempo, quando esses dois maiores de todos os eventos já teriam sido cumpridos.

Apesar desses grandes defeitos do livro, causados pela adesão persistente à nova teoria e pela disposição de montá-la como um cavalo de batalha através de todo o Novo Testamento, a exegese, como um todo, especialmente nos Evangelhos e no Apocalipse, é extremamente louvável. A nova teoria, afinal, não é pior do que muitas outras que têm sido propostas. E, a meu ver, não é mais censurável do que a teoria Premilenista, que fascina tantos homens excelentes e que produz prejuízos em todo o sistema da doutrina cristã, sendo a nova teoria o seu oposto extremo. Entendemos que a Igreja Cristã rejeitará ambas igualmente e permanecerá fiel à sua fé na Segunda Vinda, tal como é apresentada nas Escrituras Sagradas e nos símbolos da Igreja.

Réplica do autor, Rev. James Stuart Russell, M.A.

Aproveito a cortês permissão do Editor da THE CONGREGATIONAL REVIEW para oferecer algumas observações sobre a crítica precedente de meu amigo Dr. Briggs. Agradeço-lhe sinceramente por ter apresentado suas objeções de forma concreta, e prezo demasiado o seu juízo para desconsiderar argumentos sentidamente sustentados e vigorosamente expressos, os quais merecem, como de fato receberam, minha séria consideração.

1. Devo desde logo declarar que não sustento qualquer "*teoria*". Minha única preocupação tem sido descobrir: "O que dizem as Escrituras?" Jamais, conscientemente, forcei uma passagem ou evitei uma dificuldade. Aquilo que se denomina "a nova teoria" é simplesmente o esquema da verdade divina que se desenvolve a partir da Palavra de Deus fiel e honestamente interpretada.

Não posso admitir que a profecia de Malaquias seja uma base inadequada para a consideração da profecia do Novo Testamento. Parece-me, ao contrário, o ponto de partida natural e necessário. De fato, as primeiras palavras da profecia

neotestamentária nos remetem às últimas palavras do Antigo Testamento. A mensagem de João Batista é a retomada da mensagem de Malaquias. O clamor acerca da "ira vindoura" é o eco das advertências de Malaquias. Ao fazer da profecia de Malaquias o ponto inicial de minha investigação, apenas tomo a cadeia profética em seu último elo no Antigo Testamento, como era meu dever fazê-lo; nem posso admitir que a profecia de Malaquias seja "isolada" ou inconsistente com "todo o alcance da profecia veterotestamentária". Compare-se, por exemplo, com a terrível cominação de Moisés em Deuteronômio 28. O excursus sobre "o reino dos céus" (The Parousia, Apêndice à Parte II) é resposta suficiente à acusação de negligenciar o escopo da profecia do Antigo Testamento.

2. O Dr. Briggs encontra defeito em minha negligência das Apocalipses judaicas. Antes, tomo isso como mérito. Não nego que algumas sejam muito curiosas, mas são puras fábulas e ficções, das quais São Paulo dissuade Timóteo a dar atenção. Prefiro não recorrer a tais testemunhas. O Dr. Briggs desaprova o fato de eu entender a palavra ἐγγύς sempre com o sentido de "*próximo*". Este é um ponto de máxima importância, e apelo à consciência gramatical de todos os eruditos para o seu veredito. A palavra ocorre trinta vezes no Novo Testamento e, em todos os casos, como creio, refere-se àquilo que está *próximo*, seja no tempo, seja no espaço. Mas ἐγγύς não é o único termo usado para expressar a *proximidade* da Parousia. Ela é afirmada de múltiplas formas e expressões. Nosso Senhor diz: "Sabei que está *próximo* (ἐγγύς), *às portas*". Há muitos intérpretes que adotaram a perigosa teoria de que os profetas não possuem senso do elemento de *tempo*; que veem todos os objetos no mesmo plano, numa espécie de perspectiva chinesa. É verdade que o profeta frequentemente fala do futuro como se fosse presente; mas quando temos afirmações frequentes, distintas e reiteradas de que um evento está "*próximo*", "às *portas*", destinado a *ocorrer no tempo de vida de pessoas então presentes*, algo a ser *esperado*, *aguardado* e *vigiado*, pergunto como é possível desconsiderar tais notas expressas e constantes de tempo. Se o Novo Testamento não ensina a ocorrência da Parousia como um evento certo a realizar-se dentro dos limites da geração então existente, parece que ficamos absolutamente encerrados no dilema que o Dr. Briggs deplora.

4. Na quarta objeção, o Dr. Briggs parece negar a continuidade e a unidade da profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, pela qual eu contendo. Ele supõe que nosso Senhor começa com a destruição de Jerusalém e termina com a destruição do mundo. Contudo, concede que γενεά refere-se "à geração contemporânea de Jesus"; que συντέλεια τοῦ αἰῶνος significa "a conclusão da era"; que γῆ é frequentemente restrita à terra de Israel; e que "*todas as nações*" às vezes é usado para denotar "*todas as tribos de Israel*". Estas são concessões muito importantes, e são inegavelmente verdadeiras. Se o Dr. Briggs estudar o uso das palavras ἔθνη e γῆ em Lucas 22:20-36, e observar como os termos são delimitados pelos limites expressos de tempo no versículo 32, creio que se sentirá constrangido a admitir que o discurso escatológico de nosso

Senhor é uma profecia contínua e coerente de eventos que deveriam cumprir-se antes do desaparecimento da geração então existente.

5. Em sua quinta objeção, o Dr. Briggs alega que a visão da Parousia no Evangelho de João difere da dos Sinóticos. Ele parece insinuar (se o compreendo corretamente) que o advento de Cristo segundo João é uma vinda espiritual e subjetiva, e que isso é "uma característica notável do Quarto Evangelho". Não posso admitir isso. A Parousia dos Sinóticos é a Parousia de São João. Quando, porém, nosso Senhor diz: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, *nós viremos para ele* e faremos nele morada" (João 14:23), Ele não está falando da Parousia. Mas quando diz: "Vou preparar-vos lugar; e, se eu for e vos preparar lugar, *eu voltarei* e vos receberei para mim mesmo", etc., está falando da Parousia. Seria uma estranha confusão de pensamento representar a habitação divina no coração do crente e o advento de Cristo em glória no fim do æon como sendo uma e a mesma coisa.

6. A última objeção levantada pelo Dr. Briggs é uma cuja força jamais ocultei de mim mesmo. A ausência de "verificação histórica" deve parecer a muitos uma dificuldade séria, senão insuperável. Sei que estou "pedindo muito" quando peço que os homens creiam em cumprimentos proféticos que ocorreram na esfera do invisível. Mas, afinal, não sou eu quem faz essa exigência. Ouso afirmar que ela é feita pela mais alta de todas as autoridades. Procurei mostrar que tudo o que foi predito e que era suscetível de verificação histórica foi ampla e pontualmente verificado; mas sustento que certa parte da mesma profecia, repousando sobre a mesma autoridade, é, pela própria natureza das coisas, incapaz de verificação histórica. Não considero irrazoável argumentar que o cumprimento efetivo de *nove décimos* da profecia seja garantia suficiente para o cumprimento do *décimo* que não cai dentro da esfera da observação humana. Posso conceber isso e posso crer nisso com base no que ao Dr. Briggs parece tão absurdo, a saber, "simplesmente porque essas coisas foram preditas por Jesus e seus apóstolos". O ilustre Herder diz: "É manifestamente razoável que a verdade comprovada de *uma* profecia proferida por nosso Salvador seja fortemente conclusiva quanto à verdade de *outra*". Há casos em que uma confiança generosa é mais razoável e mais cristã do que uma incredulidade desconfiada; casos em que a linguagem de nosso Senhor ao discípulo duvidoso é apropriada: "Bem-aventurados os que *não viram* e creram". Este, a meu ver, é eminentemente um desses casos; e, após toda objeção e questionamento que a incredulidade possa sugerir, ouso humilde, mas confiantemente, repetir a palavra que satisfez os escrúpulos dos discípulos hesitantes de outrora: IPSE DIXIT.

The Congregational Review, Volume 2, Parte 1, p. 143 - 1889

O ARREBATAMENTO DOS SANTOS.

"Então, nós, os que ficarmos vivos, os que restarmos, juntamente com eles (os mortos em Cristo), seremos arrebatados nas nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, etc". (1 Tessalonicenses 4:17)

Esta é a declaração que o apóstolo Paulo faz aos cristãos de Tessalônica (52 d.C.) a respeito do que aconteceria com eles e com ele na vinda do Senhor. É claro, a partir desta e de outras passagens das epístolas de São Paulo, que a vinda do Senhor era considerada por ele, e pela Igreja Cristã em toda parte, como um acontecimento iminente, que todos eles podiam esperar presenciar. Era a esperança da Igreja, o ensino constante dos apóstolos e a declaração expressa do próprio Cristo. Nosso Senhor assegurara aos Seus discípulos que a geração então viva não passaria antes da Sua volta ou Parousia.

A ordem dos acontecimentos, quando essa consumação chegasse, é enunciada com grande precisão por São Paulo nesta passagem.

Primeiro. - O próprio Senhor desceria do céu com alarido, etc.

Segundo. - Os mortos cristãos ressuscitariam.

Terceiro. - Os cristãos vivos que sobrevivessem até esse período seriam arrebatados nas nuvens, juntamente com os mortos ressuscitados.

Quarto. - Juntos encontrariam o Senhor nos ares e assim continuariam para sempre com Ele.

Esta é, sem dúvida, uma declaração extraordinária, e não é de estranhar que tenha sido recebida com não pouca dúvida e incredulidade, até mesmo por professos crentes na revelação e na inspiração. Muitos esforços foram feitos para explicá-la de modo evasivo, e provavelmente poucos podem ser encontrados que estejam preparados para aceitá-la como um fato que realmente tenha ocorrido. Ainda assim, aí está a declaração, e o crédito do apóstolo, como mestre da verdade, como mensageiro autorizado de Cristo e como órgão inspirado da revelação divina, está empenhado na sua exatidão. Por mais espantoso que pareça, não há como equivocar-se quanto ao sentido da linguagem, que é tão clara e simples quanto as palavras podem torná-la, e capaz de apenas uma interpretação. Ela afirma de modo inequívoco que, na vinda do Senhor, os santos vivos, juntamente com os mortos cristãos, seriam todos arrebatados nas nuvens, para encontrar o Senhor nos ares, e que essa vinda do Senhor estava então iminente, isto é, dentro de menos de trinta anos.

Devemos também ter em mente que esses acontecimentos extraordinários não repousam no testemunho isolado do apóstolo Paulo (ainda que isso já devesse ser suficiente). Eles são confirmados pela palavra do próprio Senhor. Ele alude claramente a esse "arrebatamento" em Seu discurso profético no Monte das Oliveiras (Mateus 24:31), quando diz: "Ele enviará os Seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os Seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade dos céus até a outra". Esse ajuntamento estava evidentemente na mente de Paulo quando ele suplicou aos tessalonicenses "pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com Ele" (2 Tessalonicenses 2:1), assim como na passagem clássica que encabeça este ensaio. Nada pode ser mais certo do que isto: nosso Senhor está comprometido com essa declaração a respeito do arrebatamento dos santos e do período de sua ocorrência, que é expressamente afirmado como situado dentro da vida dos apóstolos e antes que a geração então existente tivesse passado.

Aqui somos confrontados com a objeção óbvia de que é inconcebível que um acontecimento como o "arrebatamento dos santos" pudesse ter ocorrido sem deixar uma marca indelével na história, sem ser preservado pela tradição, sem tal testemunho que sua memória jamais pudesse ter sido perdida. E, à primeira vista, essa conclusão parece tão razoável e tão provável, que parece quase irrefutável.

Antes, porém, de imputarmos erro à afirmação expressa do apóstolo, pode ser útil examinar os fundamentos sobre os quais repousa essa conclusão adversa. Devemos considerar as circunstâncias peculiares do tempo, do país e do povo, tal como então existiam. Somos propensos a medir as coisas pelo padrão do nosso próprio tempo e da nossa própria experiência, e a supor que a mesma regra se aplique a todas as épocas e circunstâncias. Naturalmente dizemos: "Se um evento como o desaparecimento súbito e simultâneo de várias pessoas proeminentes de nossa cidade, vila ou bairro ocorresse, que sensação causaria, que alarme e consternação! Seria noticiado em toda a região, seria o assunto de conversa em toda parte". Muito verdadeiro; mas suponhamos que tudo isso ocorresse quando o país estivesse sob ocupação de um exército estrangeiro, quando os invasores estivessem marchando pela terra, deixando devastação e ruína por onde passassem. Suponhamos a metrópole sitiada, capturada e reduzida a cinzas; fogo, fome e matança grassando em toda parte; toda a ordem social convulsionada em meio às agonias de uma nação moribunda. Que sensação provocaria o desaparecimento de alguns membros de uma seita desprezada em tais circunstâncias? Seriam notados? Ou, se notados, isso seria considerado inexplicável? Em meio aos terríveis sinais e presságios daquela crise tremenda, o desaparecimento dos cristãos poderia facilmente passar despercebido.

Além disso, consideremos quão pouco sabemos sobre o modo desse "arrebatamento dos santos". Devemos supor que eles subiram em corpos materiais de carne e sangue para a região dos ares, ou que multidões de espectadores testemunharam a cena? Foi algo visível ao olho humano, e de tal modo que atraísse

atenção? Em todos esses pontos estamos em completa ignorância, exceto pelo fato de sabermos que "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus", e de termos razão para crer que toda a transação foi de caráter súbito e instantâneo, "num momento, num abrir e fechar de olhos". (1 Coríntios 15:50-52)

Ademais, podemos ter ideias muito exageradas quanto ao número dos que foram arrebatados na vinda do Senhor. As Escrituras nos conduzem à conclusão de que, "nos últimos dias", uma ampla apostasia da fé reduziria grandemente as fileiras dos cristãos professos. Isso é claramente predito por nosso Senhor e por Seus apóstolos: "Por se multiplicar a iniquidade, o amor de *muitos* (isto é da maioria) esfriará". Igualmente sombria é a descrição feita por São Paulo em sua Segunda Epístola a Timóteo. A proporção daqueles que estavam moralmente preparados para entrar no Reino na vinda de Cristo não parece exceder a metade dos discípulos nominais. Das dez virgens, cinco foram excluídas da festa de núpcias. Das duas mulheres que moíam no moinho, uma foi tomada e a outra deixada. Dos dois homens no campo, um foi tomado e o outro deixado. Dos dois homens numa cama, um foi tomado e o outro deixado. Essas representações são altamente sugestivas, e a repetida referência à proporção de metade parece ter um significado especial. Isso não implica necessariamente que os excluídos tenham sido finalmente rejeitados, mas que perderam o privilégio de entrar no Reino sem passar pela prova da morte.

Além disso, consideremos quanto da história do passado jamais foi escrito; quanto se perdeu; quanto jaz sepultado. Mas a profecia é a história invertida, e lemos o cumprimento na predição. Temos um exemplo notável disso nos capítulos 24 e 25 de Mateus. E, no entanto, quão poucos escritores deixaram um registro daquela catástrofe trágica que provavelmente não tem paralelo nos anais ensanguentados da raça humana. Lamentamos que a história do cerco de Jerusalém, conforme registrada por Tácito, esteja irremediavelmente perdida; e, não fosse, diremos nós, o feliz acaso, ou melhor, a singular providência de que um historiador judeu, contemporâneo dos apóstolos e testemunha ocular das dores de morte de Jerusalém, tenha deixado um relato completo desse evento sem paralelo, quão escasso e fragmentário seria o nosso conhecimento. Pode-se perguntar: "Por que não temos um capítulo suplementar nos Atos dos Apóstolos, levando adiante a história do cristianismo até a destruição de Jerusalém?" Por uma razão muito suficiente: nenhum dos apóstolos permaneceu na terra para transmitir às gerações futuras o cumprimento da predição do nosso Senhor. Se ao menos um tivesse ficado, seria inconcebível que deixasse de registrar o mais terrível acontecimento da história de sua nação e do mundo. De todas as falácias que a tradição impôs à credulidade humana, a mais incrível é a ficção de que São João sobreviveu por muitos anos à destruição de Jerusalém! O quê? João seria o homem encontrado descuidado e adormecido na vinda do seu Senhor? João ficaria do lado de fora com as virgens néscias quando as sábias e vigilantes entraram? Impossível! A vinda do seu Senhor era o limite predito da sua carreira terrena, até que isso se cumprisse, ele

deveria permanecer. Quão intensamente ansiava pelo cumprimento desse evento aprendemos nas palavras finais do Apocalipse: "Certamente venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!" Quem pode duvidar de que ele esteve entre os primeiros a "sair ao encontro do Noivo"? E, no entanto, quase toda a Igreja Cristã tem sido "grosseiramente enganada" pela lendária fábula da sobrevivência de São João. O fato de ele não ter deixado nenhum registro da destruição de Jerusalém é, por si só, prova suficiente de que não sobreviveu a esse evento, além da promessa implícita do Senhor de que ele viveria até esse tempo. Em suma, somos colocados diante deste dilema: ou as expectativas acalentadas pelos primeiros cristãos, o ensino de São Paulo e dos demais apóstolos, e as declarações expressas e reiteradas do Senhor Jesus Cristo devem ser descartadas como errôneas e equivocadas, ou então Ele de fato voltou, como prometeu, antes que aquela geração passasse. Ele reuniu os Seus eleitos de uma extremidade do céu à outra. Ele executou o juízo ameaçado sobre os Seus inimigos. Ele ressuscitou os mortos cristãos. Ele convocou os santos vivos para encontrá-Lo nos ares, e eles entraram no gozo do seu Senhor e no Reino dos Céus, conforme a Sua palavra fiel e infalível.

PÓS-ESCRITO

Não há advertência mais necessária ao estudante das "Origens Cristãs" do que precaver-se contra a Tradição. Ela é notoriamente uma falsa testemunha e deve sempre ser vista com suspeita. Nunca a sua influência foi mais perniciosa do que sobre o cristianismo; e nada limparia tanto o ambiente quanto a sua completa exclusão do tribunal. A respeito da morte dos apóstolos, a história autêntica absolutamente nada sabe, e muito pouco sobre a sua vida; mas a Tradição sabe tudo. Ela sabe como, quando e onde São Paulo e São Pedro pereceram; como os doze repartiram o globo como suas dioceses; como e onde a maioria deles sofreu martírio. É especialmente minuciosa em seus relatos sobre o apóstolo João e a Virgem Maria: a assunção desta e a extrema velhice daquele, que sobreviveu ao seu banho de óleo fervente e fez estremecer o chão sobre si quando foi posto no túmulo!

Às vezes, somos tentados a pensar que teólogos e críticos bíblicos dão mais atenção ao mais fraco, mais insípido e infantil balbucio da Tradição do que ao testemunho expresso e autêntico da revelação divina.[1]

---

[1] Esse tratado foi publicado pelo Rev. James Stuart Russell em Clergyman's Magazine vol. 6, em Julho de 1893. (veja The Review of Reviews vol. 8, p. 103; Index to the Periodical Literature of the World vol. 4, p. 79 e 180; Irish Ecclesiastical Gazette, 21 July 1893). Parte desse tratado foi citado por Ernest Hampden-Cook no Prefácio ao Segunda edição de seu livro, The Christ Has Come (1895), e foi o que permitiu que o texto fosse encontrado no archive.org.

VIDA E ESCRITOS DO REV. JAMES STUART RUSSELL.

James Stuart Russell M.A., D.D. (1816-1895)

James Stuart Russell, foi um pastor congregacionalista escocês, pregador talentoso, defensor incansável da liberdade religiosa e da temperança, líder da Aliança Evangélica e autor de uma das obras mais influentes e controversas da escatologia cristã do século XIX: The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming. Ele é lembrado como um campeão da liberdade cristã, que lutou contra o controle estatal e eclesiástico sobre a consciência religiosa, promovendo a independência espiritual e a unidade entre cristãos dissidentes.

Nascido em Elgin, Morayshire (atual Escócia), em 28 de novembro de 1816, filho de um escocês piedoso e devoto, Russell demonstrou precocidade intelectual notável. Ingressou no King's College, Aberdeen, aos 12 anos (em 1829), concluiu seu B.A. em 1834 e obteve o M.A. em 1841. Sua conversão religiosa ocorreu por volta dos 16 anos, influenciada principalmente pelo exemplo santo de seu irmão mais velho. Antes de se dedicar ao ministério, trabalhou por um tempo em um escritório de advocacia.

Para se preparar ao pastorado cristão, estudou nos salões teológicos de Edimburgo e Glasgow, culminando seus estudos no Cheshunt College, uma instituição respeitada para formação ministerial não-conformista.

Em junho de 1843, Russell iniciou seu ministério como pastor assistente na Igreja Congregacional de Great Yarmouth, Norfolk, Inglaterra. Em 18 de junho de 1845 casou-se e com Jane Ayrton, filha de William Ayrton, de Colne, Lancashire. Em 1848, sucedeu o Rev. Alexander Creak como pastor titular. Em 18 de março de 1849, nasceu sua filha, Mary Ann Russell. Seu trabalho foi marcado por grande êxito e crescimento: a congregação expandiu-se tanto que foi necessário ampliar a capela. Russell ajudou a implementar um arranjo inovador para a época, duas congregações unidas em uma

única igreja, servidas por dois ministros distintos. Great Yarmouth era conhecida como a "Mãe do Não-Conformismo", com raízes históricas que remontam ao século XVII, e foi de lá que partiram os Pais Peregrinos em busca de liberdade religiosa, influenciando diretamente a fundação da liberdade civil e espiritual nos Estados Unidos.

Em 1857, transferiu-se para a Igreja Congregacional em Tottenham e Edmonton (norte de Londres), anteriormente servida pelos Revs. Joshua Harrison e J. de Kewer Williams. Durante esse período, visitou Belfast para observar o poderoso Avivamento Irlandês de 1859, que o impactou profundamente. Ao retornar, um avivamento semelhante irrompeu em sua própria igreja: muitos se converteram, especialmente jovens, e a vizinhança experimentou "chuvas de bênçãos" espirituais.

Em 1862, Russell foi chamado para uma nova igreja no subúrbio em rápido crescimento de Bayswater, Londres. A capela em Lancaster Road (Lancaster Road Congregational Church, Notting Hill) teve sua construção concluída em 1866. Aqui ele continuou a servir por anos até que problemas de saúde o levaram, no final de 1888, à aposentadoria do ministério. Ele foi sucedido no pastorado pelo Rev. John Stevens em 1889, anteriormente ministro em Bungay. Stevens permaneceu no cargo até 1892, quando foi chamado para servir como pastor em Shanghai, China.

Russell não era apenas um pregador capaz, mas também um homem de gentileza de comportamento. Ele foi dotado de características pessoais vencedoras, que lhe asseguraram seguidores dedicados. Suas maneiras agradáveis e espírito genial, seu humor nativo e sagacidade genuína, sua leitura extensiva e amplo conhecimento e memória mais retentiva, tornavam as conversas com ele agradáveis e proveitosas.

Seu compromisso ia além do púlpito local. Esteve presente na formação da Evangelical Alliance (Aliança Evangélica) em 1843 (fundação formal em 1846), organização interdenominacional que lutava pela unidade cristã e contra opressões religiosas estatais, incluindo prisões e assassinatos de dissidentes. Manteve-se engajado nela por mais de 40 anos, até a aposentadoria, com simpatia calorosa e ativa. Foi pioneiro no movimento de temperança: primeiro chairman (presidente) da Congregational Total Abstinence Association (Associação Congregacional de Abstinência Total) e membro ativo da National Temperance League e da United Kingdom Alliance. Sua voz era frequentemente requisitada em reuniões sobre temperança em Londres e arredores.

Russell viajou amplamente para promover a causa da liberdade cristã, incluindo esforços de alívio durante a fome irlandesa, fundação de igrejas na Suíça e Alemanha, e extensão da visão da Aliança Evangélica aos Estados Unidos. Ele considerava a liberdade religiosa absoluta como essencial, livre do controle corruptor da Igreja da Inglaterra e de qualquer união igreja-estado que limitasse a expressão da doutrina cristã.

Publicação de The Parousia

Mas é como autor de um livro notável que Russell é mais conhecido e será lembrado por mais tempo. Ele manteve a doutrina do segundo advento passado por muitos anos antes de escrever ou mesmo falar sobre o assunto. Ele costumava descrever como o assunto chegou a ele como uma espécie de revelação. Ao descobrir a chave do mistério, todo o tema foi se desdobrando gradualmente. Era para ele uma fonte de deleite constante ver um ponto após o outro entrar em harmonia com o que ele acreditava ser a verdade central. Assim, em 1878, ele publicou anonimamente sua agora célebre, The Parousia, contendo uma elaborada exegese sobre essas linhas do ensino do Novo Testamento sobre a segunda vinda de Jesus Cristo. O livro foi publicado originalmente em 1878 com o título The Parousia: A Critical Inquiry in the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming. Outra edição se seguiu com o nome do autor em anexo em 1887. A obra, uma exegese rigorosa e lógica, causou impacto nos dois lados do Atlântico (Inglaterra e América). A Universidade de Aberdeen concedeu-lhe o título honorário de D.D. em 1888, honraria que ele valorizava especialmente por vir de sua alma mater. O argumento desta peça consumada de crítica bíblica teve o efeito de levar muitos a acreditar que o segundo advento de Cristo realmente ocorreu no primeiro século da era cristã. Frequentemente, Russell se alegrava com a adesão aberta de uma pessoa após outra aos pontos de vista apresentados em seu trabalho. Sua dissertação magistral deve se afirmar como uma autoridade em seu departamento específico, que todos os que se propõem a explorar o mesmo campo devem consultar. A sua pena independente, porém reverente, a Igreja em geral deve uma valiosa contribuição ao alcance do estudo das Escrituras e do pensamento sagrado. Russell acreditava que libertar o estudo da profecia bíblica das interpretações tradicionais era uma extensão da luta pela liberdade religiosa, permitindo que as Escrituras falassem por si mesmas, sem restrições eclesiásticas ou políticas.

Vida tardia e legado

Os últimos anos foram marcados por enfermidades e dores crônicas. Russell suportou tudo com paciência viril e até alegria, sustentado pela fé e pela frase recorrente: "Em Cristo, a rocha sólida, estou em pé!". Sua esposa, Jane Ayrton Russell, e sua única filha, Mary Ann Russell, cuidaram dele com devoção incansável. Faleceu pacificamente em 5 de outubro de 1895, aos 78 anos, após 52 anos de ministério, em sua residência no nº 115 Ladbroke Grove, Kensington/Notting Hill, Londres.

O sepultamento ocorreu em 10 de outubro de 1895 no Kensal Green Cemetery (Royal Borough of Kensington and Chelsea, Greater London). Muitos amigos do ministério, sociedades e congregações acompanharam o cortejo até a capela onde pregara por tantos anos e depois ao túmulo. Seu memorial, bem como o da sua esposa que morreu em 19 de julho de 1894, podem ser vistos no Find a Grave.

Igreja Congregational em Lancaster Road

A capela de Lancaster Road deixou de funcionar como igreja no início do século XX. Foi desconsagrada e usada como oficina de modelos de cera (Gems Waxworks, preparando figuras para Madame Tussaud's, inclusive de John Christie nos anos 1950). Em 1970 tornou-se Basing Street Studios (fundado por Chris Blackwell, da Island Records), onde gravaram Led Zeppelin (Led Zeppelin IV), Bob Marley (Catch a Fire e Exodus), Rolling Stones, Queen (We Are the Champions), Band Aid e outros. Hoje o local está sendo convertido em apartamentos e escritórios, preservando a fachada.

RELAÇÕES ENTRE IGREJA E ESTADO E O LIVRO DO APOCALIPSE:

UMA INTRODUÇÃO À OBRA DE JAMES STUART RUSSELL.

"As Escrituras devem ser autorizadas a falar por si mesmas- uma liberdade que muitos não estão dispostos a conceder".[1]

Por trás de todos os símbolos encontrados no livro do Apocalipse da Bíblia há uma luta pelo controle entre a Igreja Cristã e o governo civil. O grande inimigo do livro do Apocalipse, BABILÔNIA, O MISTÉRIO, representa, de modo particular, aquele tipo de opressão espiritual que surge quando instituições civis e religiosas se unem para exigir autoridade sobre a expressão religiosa.[2] As visões registradas pelo apóstolo João em seu livro apocalíptico finalmente exibem Jesus Cristo e o Seu povo triunfando sobre esses poderes combinados de igreja e estado.[3]

Há muitas opiniões diferentes a respeito de qual período da história é precisamente contemplado pelas visões de João, mas poucos negam que o Apocalipse tenha como foco o conflito civil e religioso enfrentado por Jesus Cristo e por Suas igrejas.

---

[1] James Stuart Russell, The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of our Lord's Second Coming (Londres: Daldy, Isbister & co., 1878), 172.

[2] "E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo: Vem cá; eu te mostrarei o juízo da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas; com a qual os reis da terra se prostituíram, e os habitantes da terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição. E na sua testa estava escrito um nome: Mistério, a Grande Babilônia, a mãe das prostitutas e das abominações da terra. E vi a mulher embriagada com o sangue dos santos, e com o sangue dos mártires de Jesus; e, vendo-a, maravilhei-me com grande admiração". (Apocalipse 17:1-6).

[3] "E lançaram pó sobre as suas cabeças, e clamaram, chorando e lamentando, dizendo: Ai, ai daquela grande cidade, na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência! porque numa hora foi assolada. Regozijai-vos sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas; porque Deus julgou a vossa causa quanto a ela". (Apocalipse 18:19-20).

A visão estabelecida do cristianismo nos dias atuais é que as visões apocalípticas de João descrevem esta própria geração, ou outra não muito distante no futuro.[1] De fato, essa perspectiva de cumprimento contemporâneo das "últimas coisas" da profecia bíblica é endossada por praticamente todas as grandes igrejas e organizações paraeclesiásticas hoje, assim como o foi pelas dez gerações anteriores. Ainda assim, sempre houve dissidentes dessa visão estabelecida.[2] Ao longo dos séculos, muitos pregadores e autores cristãos capazes ultrapassaram os limites das crenças aceitas sobre a profecia bíblica. Um desses dissidentes foi James Stuart Russell, da Aliança Evangélica.[3]

I. RELAÇÕES ENTRE IGREJA E ESTADO NO PRIMEIRO SÉCULO.

Enquanto pastoreava uma congregação da Igreja Dissidente durante a Era Vitoriana da Inglaterra, o Rev. J. S. Russell escreveu um livro altamente controverso, que confrontava diretamente a posição estabelecida sobre o tema da profecia bíblica. Em sua obra The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming,[4] o Rev. Russell envolveu seu amplo público leitor com novas

---

[1] "Em 1970, Hal Lindsey publicou The Late, Great Planet Earth, que foi adquirido pela Bantam Books em 1973 e vendeu 7 milhões de cópias até o final da década. Em 1979, Orson Welles emprestou sua voz grave para narrar a versão cinematográfica do livro. De repente, um grande público foi levado a acreditar que a integração europeia, o estabelecimento do Estado de Israel e os conflitos no Oriente Médio estavam se desenrolando como cumprimento das profecias do fim dos tempos embutidas na Bíblia. O interesse por temas apocalípticos acelerou nos anos 1990 e início dos 2000 quando, ao longo de 12 anos (1995-2007), surgiram os 16 volumes da série Left Behind, que pretendia contar a história dos últimos dias, da ascensão do Anticristo, passando pela Batalha do Armagedom, até o retorno triunfal de Jesus Cristo. Bons contadores de histórias, Tim LaHaye e Jerry Jenkins, autores da série, teriam vendido supostamente 65 milhões de cópias. Filmes e até jogos de vídeo foram derivados dessa franquia de sucesso". (Charles J. Reid, "Against Apocalypticism", in The Huffington Post, 10 de janeiro de 2013).

[2] Ver David Brady, The Contribution of British Writers Between 1560 and 1830 to the Interpretation of Revelation 13.16-18: (the Number of the Beast) : a Study in the History of Exegesis (Tübingen: Mohr, 1983).

[3] James Stuart Russell Study Archive, http://www.preteristarchive.com/StudyArchive/r/russell_james-stuart.html.

[4] The Parousia foi originalmente publicado em 1878. Uma segunda edição foi publicada em 1887. Desde que Walt Hibbard lançou a republicação pela Baker Books em 1983, o livro tem sido reapresentado diversas vezes. Cada nova edição foi oferecida para alcançar um novo público com a ideia de Russell.

ideias a respeito de antigas dificuldades. Nesse processo, ele libertou o livro do Apocalipse de séculos de tirania eclesiástica e política.[1]

Russell explicou que a linguagem simbólica do livro do Apocalipse não apontava para sua própria época, mas para batalhas travadas muito tempo antes, na Palestina do primeiro século, em particular, a guerra civil e religiosa entre a primeira geração de cristãos e os poderes combinados de Israel e Roma. Por causa de sua abordagem bem-sucedida, chegou uma grande reforma ao estudo da profecia bíblica. Apenas o início de duas guerras mundiais interrompeu o impulso gerado por seu livro.[2]

Situar os elementos centrais do livro do Apocalipse em um contexto do primeiro século conduziu a diversas conclusões surpreendentes. Talvez nenhuma tenha sido tão controversa quanto a afirmação de que a "segunda vinda" de Jesus Cristo ocorreu nos eventos que cercaram a queda de Jerusalém, em 70 d.C.[3] Com a derrubada dos regimes opressivos e sanguinários de Jerusalém e de Roma, ensinava Russell, Jesus obteve plena vindicação diante de Seus inimigos. O fato de que os cristãos haviam sido livrados do holocausto em Jerusalém e conduzidos à segurança de Pela (localizada na atual Jordânia) serviu como prova adicional dessa conclusão.[4]

Resumindo sua convicção, Russell escreveu:

"Nosso Senhor afirma a mesma vinda iminente de juízo sobre a terra e o povo de Israel; e Ele ainda conecta esse juízo com a Sua própria vinda em glória, a Parousia.

---

[1] "Quantas vezes você já lutou com a interpretação de certos textos bíblicos relacionados ao tempo do retorno de Jesus porque eles não se encaixavam em um sistema escatológico preconcebido? The Parousia de Russell leva a Bíblia a sério quando ela nos fala da proximidade do retorno de Cristo. Aqueles que afirmam interpretar a Bíblia literalmente tropeçam no significado óbvio desses textos temporais ao fazerem a Escritura significar o oposto do que ela declara inequivocamente. Ler Russell é um sopro de ar fresco em uma sala cheia de fumaça e espelhos hermenêuticos". (Gary DeMar, The Parousia, Baker Publishing Group, 1999), citado na capa.

[2] "Por uma geração imediatamente antes e depois da Segunda Guerra Mundial, era comum ouvir falar de um Consenso Neo-Ortodoxo na teologia, substituindo o Consenso Liberal que havia reinado na véspera da Primeira Guerra Mundial". (Robert M. Price, "Major Theological Issues Before the Great War", Mount Olive Review, 1988).

[3] Russell, The Parousia, 165-190.

[4] "O tempo do solene processo judiciário de Cristo contra os judeus foi o tempo em que Ele se acquitou com honra perante Seus adversários, e o escândalo e o opróbrio de Sua morte foram removidos. A aproximação de Seu juízo geral encerrou a perseguição; e quando os piedosos foram providos em Pela, os incrédulos pereceram pela espada romana". (Russell, The Parousia, citando T. Manton), 294.

Esse evento se destaca de modo mais proeminente no Novo Testamento; para ele todo olho se volta, para ele todo mensageiro inspirado aponta. Ele é apresentado como o núcleo e o centro de um conjunto de grandes acontecimentos: o fim do æon, ou o encerramento da economia judaica; a destruição da cidade e do templo de Jerusalém; o juízo da nação culpada; a ressurreição dos mortos; a recompensa dos fiéis; a consumação do reino de Deus. Todas essas transações são declaradas como coincidentes com a Parousia".[1]

Ao apresentar as Escrituras sem restrições, acreditava Russell, a simbologia do livro do Apocalipse predizia uma catástrofe imensa tanto para Jerusalém do primeiro século quanto para o seu templo, isto é, tanto para o seu estado quanto para a sua igreja.

II. RELAÇÕES ENTRE IGREJA E ESTADO NO SÉCULO DEZENOVE.

É instrutivo acompanhar o crescimento e o desenvolvimento progressivo da ideia teocrática na história do povo judeu, e observar como, à medida que ela perde sua significação política, torna-se cada vez mais moral e espiritual em seu caráter.[2]

O autor James Stuart Russell estava qualificado para comentar sobre questões de igreja e estado. Durante o século XIX, ele foi o líder espiritual da etapa final da luta para libertar os cristãos das restrições religiosas opressivas impostas pelo governo britânico. Sua doutrina de liberdade espiritual insistia na completa independência em relação à influência corruptora da Igreja da Inglaterra. Para alcançar esse objetivo, ele proclamou sua mensagem a partir de um dos púlpitos mais visíveis do Império Britânico, o da Igreja Congregacional de Great Yarmouth.[3]

Essa igreja em Yarmouth era um símbolo de liberdade na Inglaterra. Conhecida há muito tempo no reino como a "Mãe da Não Conformidade", os registros de Yarmouth mostram lutas que remontam ao século XVII. De fato, foi desse ponto de reunião que os Pais Peregrinos partiram de seu continente natal em busca de liberdade de expressão do outro lado do mundo. A liberdade que encontraram resultou, em última instância, na redação da Constituição dos Estados Unidos (sob a autoridade de

---

[1] Russell, The Parousia, 538-539. Há um grande apoio histórico para tal pensamento. Considere Andrew de Cesareia sobre Apocalipse 6:14b-17: "Nosso Senhor predisse aos apóstolos os eventos futuros ao perguntarem sobre a destruição do Templo em Jerusalém e sobre o fim dos tempos, na medida em que podiam receber. Essas coisas já aconteceram, no cerco de Vespasiano e Tito, aos judeus que mataram Cristo, exatamente como narra Josefo, o hebreu". Ver também DeMar e Gumerlock em The Early Church and the End of the World, American Vision, 2006.

[2] Russell, The Parousia, 340.

[3] J. E. Clowes, Chronicles of the old Congregational Church at Great Yarmouth, 1642 to 1858 (Great Yarmouth, [Inglaterra: J. Buckle, printer], 1912.).

"Nós, o Povo") e da Declaração de Direitos, esta última protegendo a independência espiritual e civil em uma escala jamais vista no mundo até então.[1]

O Rev. Russell viajou amplamente para difundir a causa da liberdade. Após séculos de tirania, ele sentia que havia chegado o momento da liberdade absoluta em relação ao controle igreja-estado sobre a doutrina cristã. Nesse drama histórico, ele foi amplamente bem-sucedido. O arco do triunfo dessa causa é a Aliança Evangélica.

Em 1846, cristãos do Império Britânico reuniram-se, independentemente de qualquer controle eclesiástico ou denominacional, para fortalecer laços contra o opressivo estabelecimento religioso, que rotineiramente prendia e assassinava cristãos dissidentes, ao mesmo tempo em que negava cidadania àqueles que se afastavam da autoridade dominante. Em pouco tempo, o Conselho da organização britânica da Aliança Evangélica exerceu grande influência na Inglaterra, pressionando com sucesso o Parlamento e a Família Real por apoio.

Em retrospecto, a história vê a fundação da Aliança Evangélica como a culminação de uma guerra de mil anos na Inglaterra em torno da questão da independência espiritual.[2] Presente na fundação dessa organização, Russell serviu-a de todo o coração até sua aposentadoria, mais de quarenta anos depois. [3] Durante esse período, os cristãos desfrutaram de uma liberdade de consciência e de expressão jamais antes concedida aos ingleses.

Com a batalha vencida em casa, Russell utilizou a Aliança Evangélica para levar reformas a outras nações. Ele prestou auxílio durante a fome irlandesa, estabeleceu igrejas em países como Suíça e Alemanha, e foi um dos fundadores do movimento das escolas livres. Ele chegou até mesmo a refazer os passos de seus predecessores em Yarmouth, levando pessoalmente a visão de independência da Aliança Evangélica às costas americanas.[4]

Somente quarenta anos após vencer a batalha pela liberdade religiosa foi que Russell se voltou para libertar o estudo da profecia bíblica. No ano em que seu livro The Parousia foi publicado, James era um dos membros mais ativos da sociedade cristã, servindo como secretário e capelão da Aliança Evangélica, além de ocupar púlpitos por toda a Inglaterra, pregando até cinco vezes por semana.[5]

---

[1] "The Constitution", http://www.whitehouse.gov/our-government/the-constitution.

[2] James Sieveright, The Evangelical Alliance the Embodiment of the Spirit of Christendom (pp. iv. 130, Edimburgo: M. Macphael, 1847.).

[3] J. S. Russell, "Comments on the 40th anniversary of the Evangelical Alliance". (Evangelical Christendom, Vol. 41, 1887), 314.

[4] "The Evangelical Alliance; Its history and work, the convention in this city". The New York Times, (2 de outubro de 1873).

[5] "Evangelical Christendom" (1878), 59, 157, 186, 216, 348, 374.

Um ano após a publicação de The Parousia, o foco de Russell permanecia na causa da liberdade:

"O Rev. J. S. Russell falou sobre a formação e a história passada da Aliança Evangélica, e enfatizou a importância do grande princípio da Aliança, a manifestação da unidade da Igreja de Cristo. Ele acreditava ser impossível calcular a quantidade de bem que já havia sido realizado nos grandes objetivos da Aliança. Os esforços da sociedade em favor dos perseguidos por causa da consciência, em diversas terras, demonstraram o poder da união cristã conforme representada na Aliança Evangélica".[1]

A questão da liberdade religiosa e do domínio do establishment era tão forte no momento de sua escrita que ele inicialmente publicou o livro de forma anônima, para que sua reputação dissidente não dificultasse a aceitação do cumprimento no primeiro século por parte de membros da Igreja da Inglaterra. The Parousia deve ser lido à luz desse contexto.

CRESCENTE ONDA DE APOIO A THE PAROUSIA APÓS O LANÇAMENTO.

Por mais controversa que fosse a doutrina apresentada em The Parousia, houve, de tempos em tempos, escritores ligados ao establishment que sugeriram a mesma ideia igualmente controversa de cumprimento profético. Afinal, o primeiro comentário preterista ("cumprimento passado") moderno conhecido sobre o livro do Apocalipse foi escrito por um padre jesuíta em 1614.[2] A aplicação do Apocalipse de João ao primeiro século também se encontra nos escritos de outros teólogos renomados, incluindo alguns compatriotas britânicos de Russell: John Lightfoot, Henry Hammond, Samuel Lee, George Stanhope, Herbert Thorndike, George Wilkins, Frederic William Farrar, Zachary Pearce, Beilby Porteus, Gregory Sharpe e o bispo William Newcome, este último autor de The Destruction of Jerusalem by Titus is Emphatically Called the Coming of Christ.[3] Contudo, nenhum desses autores conseguiu escrever sobre o tema

---

[1] "Evangelical Christendom" (1879), 95.

[2] Rev. Patris Ludovici ab Alcasar Hispalensis, Vestigatio Arcani Sensus in Apocalypsi (Antuérpia: Joannem Keerbergium, 1614). Tentando combater a teologia protestante que identificava o Papa como o Anticristo, a Sociedade Teológica Jesuíta Espanhola lançou comentários sobre o Apocalipse tanto de uma perspectiva preterista ("Alcasar") quanto futurista (Ribera). A visão de Ribera de um Anticristo futuro obteve supremacia sobre o historicismo protestante.

[3] "A distinção da primeira vinda de Cristo na carne, de sua segunda vinda para derrubar o estado judaico, e de sua terceira vinda para o juízo geral, é uma linguagem conveniente para teólogos: mas ela não ocorre expressamente nas Escrituras. A destruição de Jerusalém por Tito é enfaticamente chamada a vinda de Cristo: o espírito de profecia fala particularmente disso, porque a cidade e o templo foram então destruídos, e o estado civil e eclesiástico dos judeus subvertido. Os judeus também

com a simplicidade e a força demonstradas por Russell.

Inúmeros outros sugeriram que João escreveu deliberadamente seu livro apocalíptico como o ápice da revelação do Novo Testamento. Para a maioria, a motivação de João ao escrever e transmitir o livro foi levantar o ânimo e a esperança das igrejas perseguidas de sua própria época.[1] Para estudiosos de documentos antigos, esse método não é nada incomum. A maioria das cartas é escrita para destinatários contemporâneos. Além disso, esse método é a regra da "literatura apocalíptica", concentrando-se em lutas contemporâneas à luz de uma vitória iminente.[2] Para o apóstolo João, as maiores dificuldades eram suportadas pelos mensageiros de suas igrejas, que sofriam sob a jurisdição anticristã dos poderes romano e judaico.

Esse ponto demonstra por que a reação inicial dos estudiosos cristãos à obra de Russell é tão importante. Os maiores especialistas bíblicos do Império Britânico aceitaram a ortodoxia da fé cristã de James Stuart Russell sem qualquer comentário em contrário. De fato, as reações literárias a The Parousia foram tão positivas que o livro recebeu altos elogios mesmo quando críticos rejeitaram vigorosamente suas conclusões doutrinárias. Tristemente, os críticos atuais do livro não estão à altura do nível de erudição demonstrado por aqueles do século XIX.

Diversas publicações denominacionais alinharam-se para recomendar The Parousia, incluindo The Sword and the Trowel,[3] United Presbyterian Magazine,[4] The

---

sofreram grandes calamidades sob Adriano; mas não tão grandes quanto aquelas sob Vespasiano: e a desolação sob Adriano não foi particularmente predita. Mas penso que qualquer intervenção sinalizada em favor de sua igreja ou na destruição de seus inimigos pode ser metaforicamente chamada uma vinda, e uma parousia de Cristo". (William Newcome, Observations on our Lord's Conduct as Divine Instructor, [Oxford: At The University Press, 1853 ed.]), p. 231.

[1] Muitas obras relacionadas estão disponíveis em "Free Online Books", http://www.preteristarchive.com/Books.

[2] "Nenhum outro gênero da Bíblia foi lido com tanto fervor e resultados tão deprimentes quanto o apocalíptico, especialmente os livros de Daniel e Apocalipse. Esse gênero sofreu de uma história desastrosa de má interpretação devido a um mal-entendido fundamental de suas formas literárias, estrutura e propósito. Por causa de sua própria alegação de revelar o que acontecerá em breve, o apocalíptico tem sido visto como um mapa rodoviário para o futuro e um projeto do porvir. O defeito trágico nessa visão é a suposição de que o quadro de referência do livro é a era contemporânea do leitor, e não a do autor". (The Encyclopedia of Christian Literature, 2010), 4.

[3] The Sword and the Trowel, (outubro de 1878), 553.

[4] The United Presbyterian Magazine, (1878), 424.

British and Foreign Evangelical Review[1] e até mesmo o bastião do jornalismo sobre igreja e estado na Inglaterra, The Spectator:

"É com grande prazer que apresentamos esta obra à consideração de nossos leitores... Com muitos de seus princípios, e com não pequeno número de suas críticas, concordamos; de outros, dissentimos enfaticamente. Muitas de suas posições são simplesmente surpreendentes... Antecipamos que nossos leitores se perguntarão como podemos falar com tamanha recomendação de uma obra que contém posições tão incríveis. Ainda assim, nossa recomendação é feita com toda sinceridade".[2]

O autor dessa resenha expressou-se em grau ainda maior, declarando que o argumento de Russell a favor da tradução da palavra grega aion como "era", em vez de "mundo" (como em "fim do mundo"), era tão forte que a então prestes a ser concluída Revised Version (ou English Revised Version) da Bíblia deveria refletir a percepção do autor anônimo, e assim o fez![3]

De muitas outras maneiras, o labor espiritual de Russell ajudou surpreendentemente a desfazer o controle ditatorial do establishment civil-religioso. O renascimento do interesse por seus escritos no século XXI demonstra seu impacto contínuo nos dias atuais, o que é algo positivo, considerando que a liberdade está perpetuamente sob ataque.

III. RELAÇÕES ENTRE IGREJA E ESTADO NO SÉCULO VINTE E UM.

De que lado, então, deveria ser temido o perigo de liberdade excessiva de expressão?[4]

De muitas formas, The Parousia rompe as correntes de dezoito séculos de interpretação bíblica, refletidas em mil anos de literatura inglesa. Comentando essa falta de exegese de qualidade (isto é, de interpretação bíblica), o autor Milton S. Terry escreveu:

"Durante o período que se estende de Gregório, o Grande, até o tempo de Lutero (600–1500 d.C.), dificilmente se poderia esperar que o verdadeiro espírito exegético se mantivesse ou produzisse obras de grande mérito. Os mosteiros tornaram-se os principais centros de aprendizado, e os tesouros da literatura teológica gradualmente

---

[1] The British and Foreign Evangelical Review, (Volume 28, 1879), 804.

[2] The Spectator (editores Joseph Addison; Richard Steele, Sir; Alexander Chalmers, Volume 52, 14 de junho de 1879), 760.

[3] "Mateus 24:3 – Versões da Bíblia", http://bible.cc/matthew/24-3.htm.

[4] Russell, The Parousia, 181.

encontraram neles refúgio, como em tantos asilos. A superstição e a ignorância impediram eficazmente o progresso da investigação crítica".[1]

Russell sentia que, após séculos de opressão escriturística no campo da profecia bíblica, havia chegado o momento da absoluta liberdade de expressão. Tão bem-sucedido quanto foi no campo da liberdade religiosa no ministério público, o Rev. Russell foi igualmente bem-sucedido no campo da liberdade religiosa na escrita. Seu arco de triunfo, nesse caso, é The Parousia.[2]

A apresentação livre e clara das Escrituras em suas páginas dá ao Novo Testamento uma vida inteiramente nova. Libertado das algemas da Igreja da Inglaterra, Russell aproveitou plenamente a oportunidade, nada retendo em um assunto que o establishment religioso havia deliberadamente obscurecido por um milênio.

Como a profecia bíblica foi tão persistentemente afastada da cultura do primeiro século da qual se originou, muitos leitores se veem em estado de choque teológico após assimilarem sucessivas partes da perspectiva de Russell.

Tão natural quanto a revelação de eventos contemporâneos pode ter sido para os destinatários originais do Apocalipse de João, tal clareza encontrou forte resistência no século XXI. Líderes do establishment eclesiástico atual buscam métodos para se opor e suprimir aqueles que ensinam a relevância do primeiro século. Russell apresentou seu caso de modo tão sólido que aqueles que procuram proteger posições de poder passaram a desprezar tanto The Parousia quanto a liberdade do Rev. Russell ao escrever o livro.

Porque The Parousia permite que as páginas da Bíblia falem de modo livre e radical, teólogos licenciados pelo governo se irritam com seu poder e tentam macular o caráter do autor. Isso não deveria causar surpresa. Talvez sintam que têm algo a perder ao permitir que a discussão prossiga com plena liberdade de expressão.[3] O editor

---

[1] Milton S. Terry, Biblical Hermeneutics: a Treatise on the Interpretation of the Old and New Testaments (Nova Iorque: Phillips & Hunt; Cincinnati: Walden & Stowe, 1885.), 661.

[2] Eis uma citação representativa: "Acredito que o trabalho de Russell é um dos tratamentos mais importantes sobre escatologia bíblica disponíveis para a igreja hoje. As questões levantadas neste volume em relação às referências temporais do Novo Testamento à Parousia são vitais não apenas para a escatologia, mas para o debate futuro sobre a credibilidade das Sagradas Escrituras". (Dr. R. C. Sproul, *The Parousia*, Baker Publishing Group, 1999), citado na capa.

[3] "[Os] ensinamentos de Ken Gentry, Gary DeMar e outros preteristas 'parciais' estão abrindo a porta para o preterismo 'hiper'. A maioria das pessoas que outrora foram cativadas pelos escritos de Hal Lindsey e Tim LaHaye passaram por uma 'mudança de paradigma' ao aceitar o quadro preterista e rejeitar o dispensacionalismo futurista.

moderno das Obras de C. H. Spurgeon eliminou os comentários extremamente positivos daquele pregador a respeito de The Parousia e de seu autor, censurando-os de todas as reproduções.[1]

Alguns optam por se opor à doutrina de The Parousia questionando a ortodoxia cristã de seu autor.[2] Essa é uma inovação e está totalmente deslocada. É importante notar que nenhum dos pares de Russell lançou sequer uma única acusação de "heresia" contra o homem ou seu livro. Essa difamação só foi empregada recentemente. Embora alguns tentem agora retratar Russell como um panteísta escatológico ("tudo cumprido"), tal acusação é absurda e deliberadamente suprime sua apresentação. Diz um autor, a respeito da ameaça institucional representada por The Parousia:

"Ele publicou inicialmente seu livro de forma anônima. Isso indica que reconhecia ao menos alguns dos riscos pessoais envolvidos em propor uma tese que negava credos. A maioria de seus seguidores não foi igualmente atenta a esses riscos. Eles se comprometeram emocional e intelectualmente com uma bomba-relógio. Russell transformou a maioria de seus discípulos em subversivos. À medida que a conscientização se espalha entre os oficiais da igreja acerca da natureza perigosamente herética de sua teologia, apenas alguns de seus seguidores evitarão a acusação de subversão: os kamikazes de ataque frontal, dispostos a se expor publicamente em defesa

---

Gentry e DeMar precisam explicar por que os dispensacionalistas estão errados ao afirmar que Mateus 24:30 e outros textos semelhantes falam de uma Segunda Vinda futura, mas os credos e confissões estão certos ao falar de uma Segunda Vinda futura usando esses mesmos textos. O livro de Mathison realmente não faz nada para contrariar essa inércia exegética profética. Pessoas como Ken Gentry, ao endossar o preterismo e recomendar o livro de Russell, iniciaram uma grande bola de neve rolando morro abaixo, e depois dizem: 'Ops! Essa bola de neve não deveria rolar mais longe'. A inércia preterista é muito poderosa. É por isso que Mathison e seus colaboradores estão encontrando suas igrejas invadidas por preteristas. O livro de Mathison tenta contrariar esse movimento dizendo pouco mais do que 'Eu devo apontar que nenhuma bola de neve chegou até o final da montanha até agora'". (Kevin Craig [co-pastor com David Chilton], "A Review of Keith A. Mathison, ed. When Shall These Things Be? A Reformed Response to Hyper-Preterism", 2004).

[1] Pilgrim Publications, diretor Bob L. Ross. A versão completa e não editada da resenha de Charles Haddon Spurgeon pode ser encontrada aqui: http://www.preteristarchive.com/Books/russell_parousia_spurgeon.html. Lightfoot também é censurado: A Commentary of the New Testament from the Talmud and Hebraica. Daniel Lamont também foi.

[2] A acusação de heresia é encontrada nas obras de C. Jonathan Seraiah, Keith Mathison, Gary North e Jim West, que escreveu que o livro de Russell "deveria ser queimado".

de sua posição. Como leigos, sem qualquer base institucional, eles podem ser facilmente neutralizados. Os subversivos dentro das igrejas são a principal ameaça".[1]

Apesar dessa retórica alarmista, James Stuart Russell não era um panteísta escatológico. Em primeiro lugar, seus escritos fazem referência a blocos imensamente significativos de profecia bíblica-chave não cumpridos até 70 d.C., bem como a uma quantidade ilimitada de profecias que podem ser cumpridas fora do quadro do "limite apocalíptico", que era o foco primário de The Parousia.[2] Entre os eventos proféticos que aguardavam cumprimento após a destruição de Jerusalém estão a totalidade do milênio, a soltura de Satanás e a consumação final de todas as coisas na "destruição da antiga serpente"! Também incluída nesse espectro de profecias não cumpridas está a ressurreição final. Demonstrando plena franqueza quanto ao que permanecia não cumprido no primeiro século, Russell escreveu:

"É evidente que a predição do que ocorrerá ao final de mil anos não se enquadra no que ousamos chamar de 'limites apocalípticos'. Esses limites, como somos repetidamente advertidos no próprio livro, estão rigidamente confinados dentro de um espaço muito estreito; as coisas mostradas são 'brevemente devem acontecer'. Teria sido um abuso de linguagem dizer que eventos à distância de mil anos ocorreriam brevemente; somos, portanto, compelidos a considerar essa predição como estando inteiramente fora dos limites apocalípticos. Devemos, consequentemente, considerar essa predição da soltura de Satanás e dos eventos que se seguem como ainda futuros e, portanto, não cumpridos".[3]

---

[1] Gary North, "Dualism's Doctrine of the Eternality of Evil: A Critique of Heretical Preterism", (2001). Também: "Eu entendo bem por que ele se recusou a colocar seu nome na primeira edição de seu livro em 1878. Ele queria 'testar as águas' antes de se identificar publicamente. Por que mais ele insistiria que seu livro fosse publicado anonimamente, da mesma forma que Karl Marx e Friedrich Engels publicaram O Manifesto do Partido Comunista em 1848". E: "J. Stuart Russell introduziu seu livro com esta declaração: 'O trabalho é quase inteiramente exegético; e não há tentativa de inventar ou estabelecer uma teoria, mas apenas, por interpretação honesta e fiel das Escrituras do Novo Testamento, permitir que elas falem por si mesmas'. (p. 1) Concluo com este aviso: sempre que alguém lhe disser que está apenas deixando os fatos falarem por si mesmos, e que não tem agenda oculta ou teoria subjacente, eu fortemente aconselho você a manter a mão na carteira e as costas contra a parede".

[2] Ver Duncan McKenzie, "J.S. Russell's Position on the Millennium, the Neglected Third Way of Preterism", http://www.preteristarchive.com/Modern/2006_mckenzie_russell-neglected.html.

[3] Russell, The Parousia, 523.

Russell também acreditava que o evangelho estava no meio de um grande movimento evangelístico que conduziria, em última instância, à completa renovação da humanidade sobre a terra:

"Aquele apóstolo favorecido que, mais do que qualquer outro, parece ter compreendido 'a largura, o comprimento, a profundidade e a altura do amor de Cristo', sugere-nos ideias sobre a extensão e a eficácia da grande redenção que nossa incredulidade latente mal consegue receber. Ele não hesita em afirmar que a obra restauradora de Cristo acabará por reparar mais do que o estrago causado pelo pecado. 'Porque, assim como, pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos serão feitos justos'. Não haveria sentido nessa comparação se 'os muitos' de um lado da equação não guardassem proporção com 'os muitos' do outro. 'Onde abundou o pecado, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou pela morte, assim também a graça reine pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, nosso Senhor'. (Romanos 5:19–21).

Não cabe no escopo desta discussão argumentar, em bases filosóficas, a probabilidade natural de um reinado de verdade e justiça sobre a terra; contentamo-nos em estar assegurados da consumação por fundamentos mais elevados e seguros, a saber, as promessas daquele que nos ensinou a orar: 'Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu'. Pois toda oração ensinada por Deus contém uma profecia e transmite uma promessa. Este mundo não pertence mais ao diabo, mas a Deus. Cristo o redimiu, e o recuperará, e atrairá todos os homens a Si".[1]

Quer sua visão seguisse ou não os credos de outros, Russell jamais foi tratado com desprezo ou disciplinado segundo os credos vigentes da Aliança Evangélica[2] e da Igreja Congregacional.[3] Seus pares não colocaram sobre ele nenhuma acusação desse tipo. De fato, o presidente da Aliança Evangélica em seus dias, Philip Schaff, apoiou-o, e foi ele quem literalmente escreveu o livro sobre os credos.[4] Schaff não sentiu necessidade de sugerir censura ou disciplina contra Russell após a publicação de nenhuma das edições de sua obra. Pelo contrário, incorporou o livro em seu Dictionary of the Bible, sob o verbete "parousia".

---

[1] Russell, The Parousia, "Summary and Conclusion", http://www.preteristarchive.com/Books/images/1878_russell_parousia/russell_parousia_snc.html.

[2] "The Doctrinal Basis of the Evangelical Alliance", http://www.ccel.org/ccel/schaff/creeds3.v.viii.html (1846).

[3] "The Savoy Declaration", http://www.reformed.org/documents/Savoy_Declaration (ed. John Owen, 1658).

[4] Philip Schaff, The Creeds of Christendom, with a History and Critical Notes (Nova Iorque: Harper, 1877).

The Parousia não foi um livro herético quando lançado; não é um livro herético agora e jamais deve ser considerado como tal. Se teólogos contemporâneos colocarem correntes sobre o conteúdo desta obra, então o legado de liberdade religiosa deixado em suas páginas terá sofrido perda.

Felizmente, em não pequena medida graças à liberdade de expressão proporcionada pela Internet do final do século XX, cristãos dissidentes voltaram a se erguer em defesa das exigências da liberdade espiritual. Se os leitores de The Parousia continuarem a aceitar seu arriscado desafio de permanecer firmes pela Verdade, então talvez a apresentação que James Stuart Russell faz de Jesus Cristo como o Salvador do mundo inteiro, em um sentido de igreja militante, seja verdadeira.

JAMES STUART RUSSELL – CAMPEÃO DA LIBERDADE CRISTÃ.

O Rev. J. S. Russell e o apóstolo João compartilham algo em comum do ponto de vista histórico: ambos foram envolvidos nas águas revoltas da guerra entre Igreja e Estado. Do mesmo modo, ao redor do mundo hoje, existem numerosos governos determinados a limitar a propagação do Evangelho de Jesus Cristo apenas a fontes licenciadas pelo Estado. Muitas vezes, parece que a liberdade de comunicação religiosa está no centro da batalha no século XXI:

"[Q]uase não há um único país, de Marrocos ao Paquistão, em que os cristãos sejam plenamente livres para adorar sem restrições. Muçulmanos que se convertem ao cristianismo ou a outras fés, na maioria dessas sociedades, enfrentam severas penalidades. Há agora um alto risco de que as igrejas praticamente desapareçam de seus berços bíblicos no Oriente Médio. O sofrimento não é menos agudo em outras regiões".[1]

Instrutivo a esse respeito é o caso das lutas do Rev. Russell pela liberdade religiosa em Berlim, na Alemanha. Tendo trabalhado com cristãos alemães durante a ascensão do Império Austríaco, ele finalmente conseguiu levar à Alemanha, em 1857, a mensagem da Aliança Evangélica sobre a unidade cristã.[2] Por oitenta anos, as alianças forjadas nesses primeiros dias prosperaram, proporcionando o maior grau de liberdade cristã encontrado na Europa continental. Em seguida, desde o período pós-Primeira Guerra Mundial até a plena ascensão do Terceiro Reich na Grande Alemanha, essas liberdades foram gradualmente corroídas e, por fim, completamente suprimidas. As forças ímpias cercaram totalmente o acampamento dos santos naquela nação, e a igreja

[1] Rupert Shortt, "Christians persecuted throughout the world" (The Telegraph, 29 de outubro de 2012).

[2] Edward Steane, The Religious Condition of Christendom, Third Part: Exhibited in a Series of Papers Prepared at the Instance of the German Branch of the Evangelical Alliance and Read at the Conference held in Berlin, 1857 (Londres: Office of the Evangelical Alliance, 1859.).

estatal alemã tornou-se inteiramente comprometida com a Teologia Ariana do governo pagão.

Por fim, em 1º de julho de 1937, o ditador daquele império esmagou toda dissidência cristã audível, simbolizada pela prisão de Martin Niemöller e pela dissolução da Aliança Evangélica Alemã.[1] O domínio do Estado nazista sobre as igrejas continentais da Europa produziu uma MISTÉRIO BABILÔNIA que rivalizava com aquela forma romana do primeiro século. Qualquer atividade cristã genuína, desde essa data de 1937 até maio de 1945, foi realizada de modo clandestino, sob condições de espionagem.

Então, como se a história estivesse seguindo as pistas do Apocalipse de João, a vinda de um livramento divino esmagou a meretriz nazista sob os pés, espalhando cada fragmento da abominável igreja estatal do Terceiro Reich aos quatro ventos.

Aqueles que permitem a invasão da liberdade religiosa por meio da institucionalização jurídica das igrejas deveriam considerar o exemplo do deslizamento gradual da mistura igreja-Estado na Alemanha. A incorporação eclesiástica foi o Stalingrado do cristianismo alemão.[2] Uma vez comprometida a questão da autoridade, as igrejas cristãs da Alemanha travaram uma batalha perdida contra o avanço do inimigo. Ainda que não tenha sido inicialmente vitoriosa contra a maré crescente da tirania, devemos lembrar os frutos desse labor, como na Alemanha do pós-guerra:

"A Igreja Confessante... havia lutado contra o Estado a fim de manter a própria existência da igreja. Sua oposição causou angústia, sofrimento e dor. Mas também trouxe um avivamento do espírito e uma reavaliação de valores. Os anos de oposição lançaram um fundamento e estabeleceram diretrizes para a reconstrução da igreja na nova Alemanha".[3]

A mão do Rei dos reis, Jesus Cristo, está contra qualquer igreja estatal que busque dominar ilegalmente Seus legítimos súditos.

---

[1] "O anúncio oficial de sua prisão afirmou: 'que por muito tempo Niemöller vinha fazendo declarações provocativas do púlpito e em discursos públicos; que ele difamou personalidades líderes do estado e medidas estatais; que ele causou inquietação entre a população. Da mesma forma, ele incitou rebelião contra leis e ordenanças estatais. Suas declarações são o alimento constante das potências estrangeiras hostis'". (Ernst Christian Helmreich, The German churches under Hitler: background, struggle, and epilogue, Detroit: Wayne State University Press, 1979.), 346. Cf. 1 Coríntios 6:1-7.

[2] "Stalingrado foi o ponto de virada militar" (Capitão Dennis W. Dingle, "Stalingrad and the Turning Point of the Soviet-German Front", 1977), http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a212034.pdf.

[3] Helmreich, The German Churches under Hitler, 346.

Aqueles que tentam tomar controle sobre o Seu povo, controlando a expressão do Seu Evangelho, estão em rebelião contra o Poder Superior.[1]

Todas as nações que subvertem o Evangelho ao impor doutrinas e práticas no âmbito da política pública estão notificadas quanto ao cumprimento declarado. As consequências de ignorar o aviso de Deus foram plenamente exibidas à "geração eleita" dos contemporâneos de João, e, por seus escritos, a todas as gerações subsequentes. E, assim como foi revelado ao apóstolo João no primeiro século, a James Stuart Russell no século XIX e a Dietrich Bonhoeffer no século XX, todas essas tentativas estão fadadas ao fracasso e asseguram a derrota ignominiosa de seus perpetradores.

ELOGIO FÚNEBRE A JAMES STUART RUSSELL.

Para encerrar, o resumo de 1912 do autor J. E. Clowes oferece um elogio fúnebre apropriado a um dos mais dedicados amantes históricos da liberdade cristã, James Stuart Russell:

"Em poucos homens, provavelmente, o ideal do ministério cristão foi tão plenamente realizado quanto no Dr. Russell. Ele era um pregador profundamente impressionante, com um estilo notavelmente simples, claro e direto, e uma feliz escolha de palavras. Nenhuma classe de ouvintes era por ele negligenciada, e seus discursos ocasionais aos jovens eram aguardados com o mais vivo interesse. Como pastor, era um visitante sistemático e calorosamente recebido nos lares de seu povo. Embora não cultivasse intimidades excessivas com alguns poucos, buscava conhecer cada membro de seu rebanho e interessar-se por, e compartilhar, as alegrias e tristezas individuais de cada um. Com um dom feliz de dizer a coisa certa no lugar certo, aconselhava, repreendia ou encorajava de modo oportuno e conciso, conforme a ocasião exigisse. Era um homem de raro tato e sólido discernimento, intensamente simpático. Absolutamente livre de vaidade ou de qualquer pretensão de superioridade, conduzia-se com simples dignidade, sendo o último com quem alguém tomaria liberdade. Em todos os relacionamentos e sob todas as circunstâncias, seu porte era o de um verdadeiro cavalheiro cristão; e não apenas desfrutava do amor e da confiança inabalável de seu próprio povo, mas também do respeito, da estima e da amizade de

---

[1] Romanos 13:1. Considere o seguinte de Kevin Craig: "Não mais podemos dizer 'Eu acredito porque a Santa Mãe Igreja ensina'. Não mais podemos dizer 'Eu ajo porque o Grande Irmão Estado ordena'. Devemos receber nossas ordens de marcha de Cristo". (A Review of Keith A. Mathison, ed. When Shall These Things Be? A Reformed Response to Hyper-Preterism). Também, as últimas palavras da luterana Sophie Scholl: "Como podemos esperar que a justiça prevaleça quando quase não há ninguém disposto a se entregar individualmente a uma causa justa. Um dia tão belo e ensolarado, e eu tenho que ir, mas o que importa minha morte, se por meio de nós milhares de pessoas forem despertadas e motivadas à ação?" (citado pela companheira de cela Else Gebel).

concidadãos que sustentavam opiniões amplamente divergentes das suas. Não era incomum ver membros da Igreja da Inglaterra e de outras comunhões, homens de destaque e posição, ouvindo sua pregação com profundo interesse e participando reverentemente do culto simples, porém belo. A capela frequentemente ficava tão cheia que era impossível encontrar assentos para todos, e, por vezes, a congregação transbordava para a sacristia".[1]

Rev. Todd D. Dennis[2]

American Coalition of Unregistered Churches. Point Loma Nazarene University

5 de fevereiro de 2013

Escritos conhecidos de James Stuart Russell:

1850: A Leaf from the Early History of the Ancient Congregational Church in Great Yarmouth. 1642-1670. (impressão privada)

---

[1] J. E. Clowes, Chronicles of the old Congregational Church at Great Yarmouth, 1642 to 1858 (Great Yarmouth, [Inglaterra: J. Buckle, printer], 1912.), 82-83.

[2] O método Idealista de interpretação tem tido uma longa associação com o Preterismo. Exemplos podem ser traçados até Santo Agostinho, Orígenes Adamantius, Justino Mártir e o autor de Hebreus, sem mencionar o próprio Apocalipse de João. A erudição recente tem sido igualmente esclarecedora. Charles Homer Giblin expressa bem essa ideia:

"A sorte de Jerusalém é trazida por dois fatos principais. Primeiro, o povo é insensível aos termos de paz... Segundo, os governantes do povo (os romanos não excetuados, mas não considerados como primariamente responsáveis) cometeram injustiça e assim trouxeram a ruína do povo. A sorte de Jerusalém, porém, não é pesada em última análise como um evento em si, é um sinal para outros, e está expressamente relacionada ao tempo de juízo das nações. Tudo isso se revela relevante, parabolicamente, para os leitores de Lucas, um homem de abundância e influência, educado, que se espera perceba em 'uma história' o que deve ser feito e o que deve ser evitado, discernir modelos de bem e de mal, com suas consequências para a sociedade como ele a conhece. Em efeito, a lição de Lucas a propósito de sua narrativa da destruição de Jerusalém deve ser construída como uma questão provocada na mente do leitor típico: Se isso aconteceu com Jerusalém por causa da maneira como Jesus e aqueles que o representam, seus discípulos, foram tratados, o que acontecerá com minha cidade/nação/sociedade se ele (e seus seguidores, que representam a ele) forem tratados de forma semelhante? O que eu, como homem respeitado com alguma influência, sou esperado fazer?" (The Destruction of Jerusalem According to Luke's Gospel: A Historical-Typological Moral, Biblical Institute Press, 1985, 123 páginas), viii.

1853: Is it Possible to Restore Unity Between Evangelical Conformists and Nonconformists? A Bicentenary Lecture. (pub. John Snow, 16 páginas) – Palestra bicentenária sobre unidade entre conformistas evangélicos e não-conformistas.

1854: Nonconformity in the Seventeenth Century: An Historical Discourse, Delivered at the Celebration of the Bicentenary of the Congregational Church, Wattisfield, Suffolk. (pub. Fletcher e Alexander, 36 páginas) – Discurso histórico sobre o não-conformismo no século XVII.

1870: "The Evangelical Alliance: its Objects, and its Influence in promoting Christian Union and Religious Liberty" (não publicado) – Texto sobre os objetivos da Aliança Evangélica e sua influência na união cristã e liberdade religiosa.

1878: The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming. (Pub. Daldy, Isbister & co., 561 páginas) – Edição anônima original.

1887: The Parousia: A Critical Inquiry into the New Testament Doctrine of Our Lord's Second Coming. (Pub. T. Fisher Unwin, 2ª edição com novo prefácio) – Edição com nome do autor.

1887: Comments on the 40th anniversary of the Evangelical Alliance. (Evangelical Christendom, Vol. 41, p. 314) – Comentários sobre o 40º aniversário da Aliança Evangélica.

1888: A Rejoinder by the Author, Rev. J. S. Russell, M.A. (The Congregational Review, Volume 2, Parte 1, fevereiro de 1888, p. 148-151) – Resposta do autor a críticas.

1893: The Rapture of the Saints. (Clergyman's Magazine vol. 6) – Artigo sobre o arrebatamento dos santos.

Fontes e registros históricos:

https://arquivopreterista.blogspot.com/2026/02/vida-e-escritos-de-james-stuart-russell.html